O INSTITUTO,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

SEGUNDO VOLUME.

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.
1854.

INDICE ALPHABETICO

DO

SEGUNDO VOLUME DO INSTITUTO.

ERROS PRINCIPAES DESTE VOLUME.

Pag.	*Col.*	*Linh.*	*Erro*	*Emenda*
14	1.ª	not. 2.ª	Nolentes ut etc.	Volentes ut. etc.
16	2.ª	15	e da reacção	e pela reacção
19	2.ª	36	São futas	São feitos
21	2.ª	43	por fórma do cemiterio	por fóra da cidade
21	2.ª	not. 1.ª	mestre chimico	illustre chimico
21	2.ª	not. 2.ª	*Betrachtueg ist endlnss* Gaethe.	*Betrachtung ist endlos* Goethe.
29	2.ª	2	1379	1377 —
30	2.ª	31	vaticano	Vaticano.
31	1.ª	31 e 32	que o economico nenhum concilio sanccionou	que nenhum concilio ecumenico o sanccionou. —
32	2.ª	35	Ah!	Ah
41	2.ª	44	Sopremos	Supremos
»	»	56	proclamarem	proclamar —
42	1.ª	20	do desanimar	de desanimar.
78	2.ª	41	No extracto do Alvará do snr. D. Affonso 5.º etc.	No extracto do Alvará do snr. D. Affonso 5.º, que já relatamos, vimos que alguns annos antes de 1464 se tinha construido uma *estacada entulhada*, que de nada aproveitou. Esta declaração nos induz a acreditar que a governança de Coimbra pertendeu segurar o rio por meio de marachões, depois que elle começou nas enchentes, a sahir fora do primitivo leito, e talvez aquella estacada fosse o primeiro marachão, que o Mondego viu nas suas margens, junto a Coimbra. Foi um fraco recurso de que por necessidade se lançou mão, e que se tem por ventura conservado até hoje sem reconhecida utilidade. Reservamos para outro logar tratar d'esta especie. »
79	1.ª	36	ceria	certas.
43	2.ª	8 da not. 2.ª	ammonites, tortilis, margaritatas, e Serpentinas.	ammonites tortilis, margaritatus, serpentinus.
118	1.ª	60	caremos	carecemos.
»	2.ª	42	revela	devera
»	»	50	o mundo	o ao mundo
119	»	60	desaparecido, ha bem...	desapparecido, reaparece, ha bem...
120	1.ª	2	escoltar	escallar
»	»	15	portos	factos
»	»	54	com ella a	com ella o
»	»	62	existes	existes? —
134	1.ª	23	deluminára	determinára
135	»	34	obsevatorios	observatorios.
136	»	22	direiro	direito
»	»	24	procurará desviar-se	procurára-se desviar o governo etc.
»	»	45	esaholas	escholas..
»	»	52	moraes	ruraes
»	2.ª	46	obrigpdos	obrigados
»	»	50	perguntds	perguntas
138	»	42	minitor	monitor
139	1.ª	19	seu despatimo electivo seus, costumes etc.	seu despotismo electivo, seus costumes etc.
139	»	42	espressão	expressão
134	1.ª	60	*Cadeira de mecanica applicada á geodosia*	*Cadeira de mecanica applicada, e geodesia*
135	2.ª	3	o moveram e encarregar-se	o moveram a encarregar-se
142	2.ª	58	*O poeta Calimaes demnindo vete d'Appolle ollario*	*O poeta Calimaco denominado vate d'Appollo clario*
143	1.ª	63	Saudamdia	Saudamia
156	1.ª	25	irritabiladade	irritabilidade.
»	»	31	endosperema	endosperma
»	»	48	expiração, vegetal	expiração vegetal
»	2.ª	10	*Phytogenecia*	Phytogenesia.
»	»	28	de Decandolle	de Decandolle, de Raspaill.
165	2.ª	46	Na sua corôa gloriosa d'escriptores não contam tanto a custosa perola os illustres A. A. originalidades etc.	Na sua corôa gloriosa d'escriptores não contam tanto os illustres A. A. a custosa perola da originalidade, etc.
167	1.ª	51	preposição	proposição.
186	1.ª	41	lado impuro	lodo impuro. —
»	2.ª	3	O ceu nunca ascenderam	O ceu nunca offenderam
223	2.ª	6	que vale a vida	de que val a vida.
229	no alto da estat.		De 14 annos	Até 14 annos.
245	2.ª	40	da Matta	de Molle
»	»	58	José Abillio d'Oliveira, conego da Sé d'Evora e bacharel em direito, etc.	João d'Aguiar, thesoureiro mór da Sé d'Evora e doutor em theologia, etc.
261	1.ª	nota.	$\pi = 1290s$	$\pi = 1299s$
262	»	43.	$G = \frac{R\ r}{R}$	$G = \frac{R - r}{R}$

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

INTRODUCÇÃO.

VAe longe a epocha em que o sabio media com o compasso os confins da sciencia, e lhe regulava os progressos por periodos certos, e de ante-mão calculados; em que uma sciencia cabia n'um livro, a sua comprehensão n'uma intelligencia, e o seu estudo na vida de um só homem.

As sciencias, assim como a litteratura e as artes, emanciparam-se desta tutella. Respiraram o ar livre, mediram com o olhar o espaço, levantaram o vôo, e partiram á descuberta de novos mundos.

Nos nossos dias raras são as que contam um seculo de existencia, que para serem profundadas em seus elementos, consideradas nas suas diversas relações, determinadas pelas suas variadissimas applicações possiveis, não demandem o triplo, ou o quadruplo da vida do individuo, consumida n'um estudo continuo, sem um momento de repouso votado a uma dessas distracções que encantam a existencia; e que, longe de serem uma deshonra para o sabio, não poucas vezes são proficuo auxilio na laboriosa tarefa, que neste mundo lhe coube em patrimonio.

Por outro lado a multiplicidade de relações, em que o homem se acha diariamente envolvido, exige nelle uma somma de conhecimentos variadissimos; que, se não o obriga a ser omnisciente, pelo menos o colloca na necessidade de ser encyclopedico.

Não é raro ouvir-se dizer, que as sciencias vão perdendo em profundidade o que ganham em extensão.

Não é assim.

Quando eram poucas as intelligencias, que, separadas do tumulto do mundo politico por um juramento que as prendia á solidão, sepultadas no fundo de uma cella nesses sombrios tumulos de vivos, que se chamavam mosteiros, se votavam sem descanço ao estudo assiduo dos diversos ramos do saber humano, não era facil observar a superficialidade de conhecimentos.

A sociedade civil dividia-se em duas grandes classes, entre as quaes medeava um abysmo, que só muito depois o elemento burguez fez desapparecer.

Do mesmo modo, no mundo das lettras quasi não havia transição entre o verdadeiro sabio e o mais completo ignorante. Ou não existia a sciencia; ou, quando existia, era prescrutada em toda a sua extensão, examinada em toda a sua profundidade, analysada em todas as suas relações.

Hoje o maior numero não se contenta com o *ipse dixit* do sabio, e quer ajuizar por si mesmo, embora com perigo de erro. É um facto. Se é para applaudir-se, ou lastimar-se, não é questão que aqui se tracte.

Mas as investigações profundas, essencialmente analyticas, talvez mais do que o eram as de outr'ora, são ainda a missão de não poucas intelligencias energicas e perseverantes, a cujos trabalhos se devem os progressos das sciencias.

O espaço, que medeava outr'ora entre o sabio e o ignorante, está hoje occupado por uma classe, que não tem o estudo por sacerdocio; que não penetra com o facho da intelligencia nos mais escuros labyrintos das sciencias; mas, que, conhecendo que na sociedade moderna o illetrado faz a mesma figura, que fazia o covarde na sociedade cavalleirosa, mas analphabeta da edade-media, procura conhecimentos pouco profundos, sim; mas variados e amenos em suas fórmas, para poderem vasar-se nos moldes de todas as intelligencias, e não cansarem o espirito com uma attenção aturada, que não póde alliar-se bem com as condições da sua vida.

Satisfazer a esta tendencia, por assim dizer, encyclopedica, do nosso seculo, eis o fim de varios generos de publicações, entre as quaes os jornaes scientificos e litterarios occupam um logar importante.

Terá o Instituto no primeiro anno da sua existencia preenchido esta missão?

Não somos nós, quem o ha de decidir.

Apenas podemos prometter, que para o futuro ha de procurar satisfazer a estas condições do seu fim, esforçando-se por se accommodar a todas as intelligencias, e levar a instrucção a todas as classes da sociedade.

N'uma epocha, em que os esforços de todos os homens, que comprehendem o seu dever, na parte que a providencia lhes confiou na grande elaboração do progresso e da civilisação, procuram chamar todas as classes, todos os individuos, á meza do banquete social, o alimento do espirito, a instrucção, não ficará sendo o patrimonio de algumas classes privilegiadas.

Aquelles que, fortes com a consciencia do seu dever, animados pela grandeza da sua missão, antepuzerem o futuro da humanidade aos mesquinhos interesses de alguma

parcialidade do dia, se tal póde existir, não serão acordados no seu dormir de somno eterno pelas maldicções das gerações futuras, ás quaes tenham legado como patrimonio a desmoralização e a ignorancia.

BOLETIM DO INSTITUTO.

CLASSE DE SCIENCIAS PHYSICO-MATHEMATICAS.

Na sessão de 9 de março do corrente anno, foi apresentado á classe de sciencias physico-mathematicas o parecer da respectiva commissão, que julgava habilitação litteraria sufficiente para a admissão a socio do Instituto, a memoria para isso offerecida pelo candidato o sñr. Abel Maria Dias Jordão; e sendo votado segundo o regulamento, e approvado, passou-se em seguida á votação para a admissão definitiva do socio proposto, o qual ficou egualmente approvado e admittido a socio do Instituto.

Tendo o sñr. Jacintho A. de Sousa sido eleito secretario do Instituto, a classe elegeu para o substituir na qualidade de seu secretario, ao vice-secretario o sñr. José T. de Queiroz.

O sñr. Director convidou depois com instancia os socios da classe a que escrevessem sobre algum dos pontos adoptados para cursos, memorias e discussões, fazendo sentir á classe a necessidade de chamar a sua attenção sobre este objecto, a fim de que não parecesse indifferente no meio das lides litterarias que occupam as outras secções do Instituto. Ponderou finalmente que convinha escolher d'entre esses pontos, aquelles sobre que deviam versar as discussões publicas da classe, objecto, que ficou designado para ordem do dia da sessão seguinte.

O Secretario da classe,
J. T. de Queiroz.

SYSTEMA PENITENCIARIO.

Uma das questões sociaes que tem merecido, e merece ainda a mais seria attenção dos governos, dos philosophos, e dos publicistas é a adopção do systema penitenciario para a repressão e prevenção do crime por meio da correcção, e educação dos delinquentes.

Ninguem hoje em bôa fé duvida da utilidade de um systema, que representa o progresso moral em um dos pontos mais importantes do organismo social. Fôra anachronismo qualquer reforma que hoje apparecesse de codigos penaes firmada nas velhas theorias criminaes, sem consideração pelas exigencias de um systema penal, filho da antiga disciplina da egreja, fundado na auctoridade da razão, e no principio da justiça, sanccionado pela experiencia de povos illustrados, que o tem adoptado, e variamente modificado.

Pende porem da escrupulosa averiguação dos factos o decidir qual dos dois systemas o de Philadelphia, e o de Auburn; quaes das modificações a um e outro tenham porduzido mais vantajosos resultados.

Neste intuito se reunio um congresso penitenciario em Franckfort *sobre Mein* em setembro de 1846, composto de jurisconsultos, publicistas, e homens especiaes de muitos paizes; e não temos por superfluo dar conhecimento ao publico das opiniões mais respeitaveis emittidas naquella assemblea de sabios.

Foi chamado á presidencia dessa reunião Mr. Mittermayer, um dos jurisconsultos mais eminentes da Allemanha, e professor da universidade de Heidelberg. Expoz no seu discurso de abertura o estado das sciencias moraes e politicas, occupando-se da questão da pena de morte, que ha vinte annos tem sido o objecto de tantas controversias.

O Dr. N. H. Julius (de Berlin) deu interessantes noticias sobre o estado dos carceres na Prussia. Existem já feitos, e estão-se construindo penitenciarías segundo o systema Pensylvanico em Colonia, Aquisgran, Berlin, Ratibor, Munster, e outros pontos. Ha na Prussia 26 estabelecimentos penaes, que contem 13:600 condemnados; correspondendo em uma população de 15 ½ milhões de habitantes, 1 condemnado a 1:168 habitantes.

Mr. Jageman, commissionado pelo governo do grão ducado de Baden para assistir ao congresso, expoz o estado dos estabelecimentos correccionaes do seu paiz; e mostrou que a reforma do systema penitenciario devia marchar a par da reforma da legislação penal. Disse que um systema de reclusão exclusivamente fundado nas inspirações ardentes, e sempre irreflexivas da philantropia seria um erro; e poderia dar margem a gravissimos abusos. Assim o intendeu o governo de Baden; e ao mesmo tempo que reforma o seu codigo penal, manda construir em Bruchsal sob o systema do isolamento completo uma penitenciaría, que constará de 416 cellulas. Todavia a reclusão solitaria não poderá passar de seis annos; e não será applicada alem de 70 annos de idade.

Lindpainter, director das prisões do ducado de Nassau, disse que a reclusão solitaria está tambem em practica no seu paiz; mas que a pena não póde exceder a um anno.

O Conde S. Karbeke fez conhecer o estado dos carceres na Polonia. Começa-se ali a reformar a reclusão durante o processo, e depois a reclusão penal. Reconheceu-se vicioso o systema de Auburn; mas no que toca á saude produzio effeitos maravilhosos; porque baixou a 3 por 100 a mortandade que na prisão commum era de 10 por 100; e fez desapparecer o tyfo carcerario. No espaço de dez annos apenas se notaram dois casos de alienação mental.

Mr. David (de Copenhague) deu explicações sobre a reforma penitenciaria no reino da Dinamarça. Tratou-se naquelle paiz primeiro da reforma de carceres, do que na dos presidios. Em tres ou quatro annos serão todos os carceres cellulares. O systema de isolamento absoluto tem dado muito bons resultados. Estão-se construindo dois carceres para conter 400 presos cada um, e outro em Holstein para 320.

Mr. Mœnchen (de Christiania) disse que na Noruega o systema carcerario tem sido até agora viciosissimo. Actualmente estão-se construindo, segundo o systema pensilvanico, sete carceres de 114 cellulas cada um; uma grande penitenciaría que poderá conter 300 mulheres; e outra para homens de 230 a 240 individuos. Em 1849 ficaram concluidas estas construcções. Ficam abolidas as penas infamantes pelo novo codigo penal.

Tambem na Suécia, disse o conde Sparre, a organização penitenciaria está muito atrazada; e o numero de crimes tem crescido. Mas estão destinadas quantiosas sommas para a construcção de novos carceres pelo systema Pensilvanico.

Mr. Ducptiaux revindicou a prioridade do systema de Auburn para a Belgica. Auctorizado pela experiencia de 16 annos, diz que não tem produzido bons effeitos. Todos os directores de carceres da Belgica concordam nisso, e no pasmoso numero de reincidencias: e assim julgam indispensavel a reclusão absoluta. O governo está tão penetrado desta verdade, que preparou uma penitenciaría para 500 condemnados.

Mr. Dem Text (da Hollanda) disse que se tem reconhecido inefficaz o systema de Auburn; se tem reduzido os presos ao isolamento cellular; mas sem os privar de communicação com pessoas, que não sejam presas: e nem uma só voz se alevantou nos estados geraes contra este methodo.

Mr. W. Russel, inspector dos carceres de Inglaterra, expoz o resultado das suas observações; e preferiu a reclusão solitaria ao systema de Auburn.

Mr. M. Lurasco e Mittermayer fallaram dos carceres de Toscana, e Lombardía. Nenhum melhoramento hão experimentado por ora; mas aguarda-se em breve; porque o grão duque e o pontifice são partidarios do systema penitenciario.

Depois da luminosa exposição que fez cada um do estado das prisões do seu paiz, seguiram-se as deliberações; e accordou-se nas seguintes proposições; destinando nova reunião em Bruxellas em 1847.

1.ª A reclusão individual deve applicar-se tanto aos accusados, como aos réos, por fórma que não haja communicação entre elles, afóra os casos, em que a requerimento dos presos o magistrado do processo a consinta nos termos definidos por lei.

2.ª A reclusão individual será applicada aos que forem condemnados por pouco tempo com os allivios que permittam a natureza do crime, a individualidade, e comportamento dos presos. Será cada preso occupado em trabalho util; gozará todos os dias de algum ar livre; e receberá a instrucção moral e litteraria; tomando parte nos exercicios do culto. Receberá as visitas que o regulamento auctorizar.

3.ª Nas detenções largas a reclusão individual será acompanhada de allivios progressivos compativeis com o principio da separação.

4.ª Ainda quando o estado morboso, physico ou moral, dos presos exija uma companhia constante, nunca será confiada a outro preso.

5.ª As prisões cellulares serão construidas por forma que todos os presos possão assistir aos officios do culto, vendo e ouvindo o ministro delle, e sendo vistos por este; mas sem quebra do principio da separação.

6.ª A substituição da reclusão individual á commum deve ser acompanhada da minoração da pena nos codigos penaes.

7.ª A revisão da legislação penal; a instituição de commissões de inspecção de prisões; e de sociedades protectoras dos que concluiram suas penas, devem considerar-se como complemento indispensavel da reforma penitenciaria.

Estas resoluções de uma assemblea tão auctorizada, resumem o fructo de porfiadas meditações, e consummada experiencia. O systema de Auburn foi condemnado pelos seus resultados, e o Pensilvanico sanccionado pela practica. O trabalho em commum durante o dia entre homens votados ao crime e para esse fim organizados em associações; entre malfeitores, que se conheciam e tratavam antes de serem presos, não podia dar bom resultado. A linguagem dos gestos não só suppre, senão que ás vezes é mais expressiva, e perigosa do que a oral. As combinações por meio dos gestos zombaram do silencio; e prepararam as communicações telegraphicas até de cella para cella; de que foram victimas alguns empregados em uma penitenciaría.

A reclusão absoluta acha-se admittida, e auctorizada pelos factos em todos os povos civilizados. Cherry-Hill e Auburn, symbolos de dois systemas, foram discutidos, e acareados com as estadisticas. Póde hoje asseverar-se que triunfou Cherry-Hill.

É certo que a reclusão absoluta, e desacompanhada de meios hygienicos, mormente intellectuaes, produziu no principio muitos suicidios, muitas alienações mentaes, e muita desesperação, que piorou o estado moral dos presos, e comprometteu perigosamente a sociedade. Mas as prudentes modificações no systema; o trabalho individual; a instrucção, a educação religiosa; e a tolerancia do trato com os externos regulada pela natureza do crime, tempo de prisão, caracter,

e habitos individuaes, teem feito desapparecer a mortandade, e numerosas reincidencias, que punham em duvida a vantajem do systema Pensilvanico.

É para lamentar que nesses congressos penitenciarios não tenha apparecido um portuguez! que não vamos seguindo nesse genero de progresso humanitario os povos que nos precederam! que não fosse traduzido em facto o projecto que appareceu em 1842 da construcção de uma penitenciaría em Lisboa. Temos porem fé que o Instituto de Coimbra fecunde com seus valiosos esforços uma idêa fertil, e de incontestavel utilidade.

M.

O MOSAISMO E AS DOUTRINAS RELIGIOSAS DO EGYPTO.

And still engage
Within the same arena where they see
Their fellows fall before....

Byron

I.

Se ha na historia nações, onde a acção da Providencia se manifeste de um modo bem claro e evidente, são os Hebreus: a sua parte na civilisação e no desenvolvimento humanitario é immensa. *Povo theologico por excellencia*, [1] forão elles os depositarios da crença da unidade de Deus, e da unidade e fraternidade dos homens. Em quanto Roma se elevava apenas até á concepção da unidade de territorio, em quanto o polytheismo reinava por toda a parte, elles conservavam a idea de Deos unico, omnipotente, e immenso; e esta preciosa idea, de novo revelada no Sinai, foi, escripta no bronze, deposta no sanctuario, como a promessa, como a redempção dos seculos futuros, sobre a montanha de Sião fóra do alcance e dos insultos da conquista.

Mas a missão do povo hebreu não era senão preparatoria, devia cessar como vinda do Promettido das nações; era então que esse germen devia desenvolver-se e communicar-se a toda a humanidade; era então que se devia operar a verdadeira regeneração do homem e da sociedade. O povo escolhido não quiz comprehender esta verdade; mas o christianismo elevava-se radiante sobre as bases da theologia mosaica, ao passo que as aguias e os arietes romanos ameaçavam a soberba Judea, ao passo que não ficava pedra sobre pedra dessa cidade, que se chamára Jerusalem, e em quanto os descendentes dessa raça então amaldiçoada vagueavam no mundo com o stygma de deicidas impresso na fronte, e confirmavam de um modo o mais authentico as palavras solemnes e ameaçadoras dos prophetas.

Mas esse povo escolhido, destinado a ser o berço da doutrina, que devia mais tarde

[1] Mendelssohn.

regenerar o universo, não era um povo isolado, não constituia uma entidade desligada do vasto complexo da vida humanitaria. A tradição mosaica revela antigas relações que o ligavam aos grandes imperios do Oriente, e a taboa ethnographica do Genesis mostra bem claramente que eram muito mais extensas do que n'outras epochas se julgava: [1] essas relações se manifestam desde a mais remota antiguidade com uma feição mais particular a respeito dos Egypcios; a civilisação d'esse povo, collocado entre a Asia e a Europa, e que formava como a transição do Oriente á Grecia, participando simultaneamente do genio daquelles dous mundos, devia sobre maneira influir nos Hebreus.

Moisés que tomára sobre si a regeneração desta nação aviltada pela escravidão, que fizera da idea de Deus o instrumento da educação do seu povo, e que dissera aos judeus, *sois uma nação inteiramente distincta das outras*, [2] havia bebido a sciencia na côrte de um Pharaó, achava-se iniciado nos mysterios do sacerdocio egypcio. [3]

Participaria por ventura a theologia mosaica dessa influencia do Egypto? seria ella uma simples emanação dos sanctuarios de Memphis ou de Heliopolis? ou seria bebida nas proprias crenças e tradições judaicas e na revelação divina? [4]

Nós que crêmos intimamente na missão providencial do povo hebreu não hesitamos em seguir que as doutrinas religiosas de Moises tinham por base já as crenças nacionaes, já a revelação e a inspiração. Não tem faltado todavia, mesmo d'entre os theologos, quem veja nessas doutrinas a influencia dos Egypcios. A origem da questão remonta aos padres da egreja. S. Agostinho bem o dá a entender quando na sua *Cidade de Deos* (XVIII, 39) protestava solemnemente que os patriarchas e prophetas tinham sido iniciados pelo proprio Deus na sciencia da vida, e que a pretendida antiguidade dos Egypcios não passava de mentira e de vaidade. [5]

A opinião do bispo d'Hippona dominou na christandade até ao seculo 17.°; mas então foi a questão de novo agitada; procurou-se mostrar a mais intima analogia entre as duas theologias, entre as cerimonias do culto, entre

[1] Erwald, *Gesch. des Volkes Israel* t. 1 p. 270 seg.

[2] *Deuteron.* XVIII, 14.

[3] *Act. Apost.* VII, 22 — Josephus *(antig. jud.)* e Philon (*de vita Mos.*) dizem que o sacerdocio lhe communicou todos os conhecimentos, não exceptuando a sua philosophia exoterica.

[4] Alfredo Maury, com quanto na *Encyclopédie moderne* negue uma tal influencia das doutrinas egypcias, pretende todavia fazer entroncar as crenças e religião dos Hebreus nas crenças e religião da Asia, principalmente da India. São as mesmas ideas de Reynaud e de Clavel, cuja discussão é alheia do nosso proposito, mas a respeito das quaes diremos com Ampère — os dous povos mais oppostos do Oriente são os Indos e os Judeos; não ha na historia contraste mais perfeito do que entre as castas de Brahma e as tribus de Jehovah —

[5] Vide S. Clem. d'Alex. *Strom.* I, 21.

as crenças e disciplina sagrada das duas religiões; e Kircher tanta impressão lhe causou esta pretendida affinidade (em cuja demonstração insistiram dous theologos inglezes, Marsham e Spencer) que chegou a dizer que ou o Egypto procedia da Judea, ou a Judea do Egypto; [1] e a philosophia do seculo 18.° lançou mão destas ideas para combater directamente a revelação de Moisés e indirectamente o Christianismo. [2]

A questão tem continuado até hoje, mas os egyptologos tem encontrado uma opposição constante nos sabios, que ajudados da sciencia e das novas descobertas vão tornando indisputavel a divindade da religião [3] O exame della constitue o objecto dos artigos seguintes, e a sua importancia mais saliente se mostra por ser o Egypto a nação da antiguidade que mais vivo interesse excita, e cujos vestigios, cheios de grandeza, de recordações, e de mysterios, e destinados a servir de admiração ás gerações que lhes tem succedido na terra, são, na phrase talvez exagerada, de Altmeyer, como um sphinx sagrado, como um grande problema, que exige ainda uma solução definitiva.

L. M. JORDÃO.

[1] *Oedip. Aegypt.* Prolyp. Agonist. C. 2 — Os trabalhos dos antigos egyptologos foram compendiados por Witzius theologo hollandez na sua obra, *Aegypliaca*, *sive de aegypliacorum sacrorum cum Hebraicis collatione.*

[2] Voltaire, *Examen important* de Milord Bolingbrooke C. 5.

[3] Devem ser contados entre os egyptologos, Schiller *Die Sendung Moses*, de Wette, *Bibl. Dogmat.*, Michäelis *Mos. Recht*, Reinhold, *Die hebraisch. Myster*, Leroux *de l' humanité*, Reynaud, *Encyclop. noux* art. *Zoroastre* — defendem a nacionalidade e divindade da religião judaica Vatke, *die Relig. des alt. Testam.*, Hengstenberg, *die Authent. des Pentateuch.*, Salvador, *Institutions de Moïse*, etc.

O RAMO DE AMENDOEIRA.

(Traducção da 40.ª Meditação Poetica de Lamartine)

Branca flor da amendoeira,
Symbolo da formosura,
Como tu, a flor da vida
Florece e cáe prematura.

Quer das mãos d'amor colhida,
Quer n'uma trança enleada,
Como os prazeres que fogem
Eis-te em breve desfolhada.

Antes que voem delicias,
Ao sefiro as disputemos;
Antes que fujam aromas,
Nos calices os libemos.

A belleza fugitiva
Póde á flor ser comparada,
Que antes das horas do baile
Cáe das tranças já murchada.

Váe-se um dia, outro surge,
E a primavera a passar,
Cada flor que o vento leva,
Diz-nos: — cuidae em gozar.

Já que tem de perecer,
De perecer sem tornar,
Ao menos do amor nos labios
Possam as rosas murchar.

F.

O CHRISTIANISMO, A EGREJA E O PROGRESSO.

Continuado de pag. 383.

IV.

Ao mesmo tempo que o clero decahia, o impulso, que a egreja havia dado á sociedade, actuava sobre ella, e accelerava o movimento do progresso.

Os costumes melhoravam; a familia acabava de constituir-se á sombra das nascentes instituições municipaes; o assassinato, e o roubo, cessavam de ser factos quotidianos, e começavam a ser punidos como crimes; a propriedade, a honra, e a vida do cidadão deixavam de estar á mercê do mais forte.

Foi um grande, e memoravel periodo, este do desenvolvimento municipal. O progresso actuava sob todas as suas fórmas nestas sociedades imperfeitas; o desenvolvimento intellectual e moral, acompanhava o melhoramento nas condições materiaes da existencia phisica.

Do verbo do Golgotha nascêra a arvore da liberdade, que, regada com o sangue dos martyres logo ao desabrochar das primeiras folhas, vecejava agora, abrigada á sombra do municipio, cultivada carinhosamente pelas mãos rudes, mas honradas, dos populares. Companheira fiel da sciencia, abriu-lhe as portas do sanctuario, onde esta vivêra até alli encerrada. A sciencia deixou a alampada, que até então a alumiára nas suas investigações do passado, feitas em companhia do monge pallido e taciturno, que, sem descendencia que o ligasse ao futuro, deixára morrer a esperança, e apenas conservára a memoria; sorriu-se aos raios limpidos do sol dos campos; sentou-se ao lar domestico, e procurou na vida social o segredo da sua existencia.

Descendo da altura, a que a antiguidade a havia elevado, collocou-se ao nivel da estatura humana; e, alliando-se com a arte, contrahiu um hymineu fecundo de progresso e civilização.

Todo entregue aos mesquinhos interesses do dia, o clero havia perdido aquelle olhar de aguia, que de uma só vez prescrutava seculos inteiros. A idea do progresso morreu em sua intelligencia; e elle não conheceu qual era o logar, que lhe pertencia neste grande movimento da civilização europea; não viu que, se o povo se instruia e moralizava, era necessario que a sua instrucção e moralização fosse sempre adeante da dos povos, a fim de conservar a supremacia, que n'outras eras lhe havia dado a sua incontestavel superioridade intellectual e moral.

A egreja involveu a fronte no manto da sua tristeza; chorou na solidão os erros dos seus ministros; e, confiada nas palavras do seu Creador, que lhe promettera a immortalidade, supplicou ao Eterno que lhe abre-

viasse estes amargos dias de tribulação e de prova. Mais de um *racionalista* da epocha se riu no fundo do seu coração, e meditou uma injuria para cuspir na face daquella, que esperava ver dentro em pouco baixar ao tumulo, envôlta no longo sudario de torpezas tecido pelos seus sacerdotes.

Estes, vendo que os povos progrediam, e que esse progresso, do qual desconheciam a causa, lhes roubava a antiga influencia, tentaram obstar-lhe. Não sabendo, ou não querendo, collocar-se á frente da civilização, que em sua marcha os deixava áquem, pertenderam sustel-a.

Era uma lucta louca e inutil, esta do homem contra Deus, que creára a lei do progresso na ordem moral da humanidade.

No entanto luctou.

A epocha dos municipios foi uma cruzada immensa contra a tyrannia do feudalismo, que via com dor ir desabando aos golpes do alvião dos populares o massiço edificio, que com tão grande trabalho construíra; e á sombra do qual contava viver largos seculos, á custa do suor desses homens, que agora se levantavam ameaçadores a reclamar a sua liberdade; ou que, fracos, mas astuciosos, espreitavam a occasião opportuna de negociar um foral.

Nas circumstancias em que o clero se achava, a causa era commum para elle, e para o feudalismo. Auxiliado por este converteu a repressão moral em repressão material; e os carceres, e as fogueiras, não tardaram a substituir os interdictos, e as excommunhões.

A hora extrema do feudalismo havia soado; cahira o ultimo grão de arêa na ampulheta, que lhe contava os dias. Mas a monarchia, que, fingindo-se alliada do municipio, se servira delle, como de uma alavanca poderosa, para abalar o edificio feudal, voltou as armas contra o povo; e, por meio de uma centralização administrativa; progressivamente graduada, despojou pouco e pouco os populares da liberdade, que depois de tão grande lucta a victoria depositára em suas mãos.

A monarchia substituiu o feudalismo; mas o sino da camara, que do burgo respondia n'outro tempo ás trombetas guerreiras do castello, cessou de bradar — liberdade! Aquelles sons fatidicos, que vibrando em vigorosas ondulações pela planicie, ou repercutindo-se nos echos occultos pelas quebradas dos montes, de cada sulco da charrua faziam surgir armado um popular, só acordavam agora as corujas do campanario para festejar com o riso contrafeito de um repique servil o nascimento de um infante; ou com soluços impostores chorar nos dobres compassados, mas dubiamente doridos, o fallecimento de um rei.

A monarchia substituiu o feudalismo; e o clero, esquecendo a missão da egreja, que o collocava sempre ao lado do fraco contra o forte, do opprimido contra o oppressor, desconhecendo a sua propria historia, foi procurar a alliança da monarchia, que, pouco segura no seu throno, se appressou a prestar o seu juramento neste pacto liberticida.

Forte com esta alliança, e enfraquecido o povo pelo ardil calculado e traiçoeiro, que a monarchia empregára contra elle, facil foi o triumpho.

O clero achou-se de novo na vanguarda do povo; não empunhando a cruz, apontando-lhe para um horizonte de illustração e liberdade, e dizendo-lhe: — segue-me! caminha! mas brandindo uma espada ensanguentada, e bradando-lhe pela terrivel voz da inquisição: — pára ou morres!

E o povo parou. Mas, concentrando em si as forças que lhe restavam, preparou-se para o futuro. O progresso afrouxou; em grande parte tornou-se latente; mas não morreu.

A semente do odio germinou, nasceu, e foi crescendo por toda a parte, enlaçando com seus braços robustos os troncos corruptos da monarchia e do clero. Foi por isso que, quando nos fins do seculo passado rebentou o vulcão revolucionario, a explosão, que levou pelos ares o throno, submergiu tambem o altar em sua lava incandescente.

Como sobreviveu a egreja? É um problema, que envolve serias difficuldades para aquelle, que, no estudo desta instituição, confundir o facto com o direito. Para o que souber distinguil-os, a difficuldade desapparece.

O principio em que a egreja se funda como instituição, de modo nenhum se achou compromettido na lucta. O facto reagíra contra o progresso; e a religião do Crucificado é progressista e liberal. O facto buscára a alliança do rico contra o pobre, do forte contra fraco, do nobre contra o plebeu; e a religião de Christo é a mãe do pobre, é a protectora do fraco; e, superior aos pequenos orgulhos destes vermes, que se arrastam na superficie da terra, e se chamam homens, não lhes conhece desigualdades perante a grandeza do Omnipotente.

O progresso luctou contra o obstaculo: e o obstaculo foi o abuso, não o principio; foi o facto, não o direito.

A revolução anti-religiosa do seculo XVIII foi já a segunda phase dessa grande lucta, que rebentou com Luther, continuou com Voltaire, e morreu com Chateaubriand.

Como é possivel ver associados estes tres nomes, o monge enthusiasta, o philosopho atheu, e o litterato christão?

É porque cada um delles resume o espirito da sua epocha, da phase da mesma revolução, em que tomou parte.

Luther representa a primeira, enthusiastica e fogosa, tendo por fim reivindicar a liberdade, que pela primeira vez se lhe negava; moderada em seu principio, exagerada somente pelo erro, e pelas paixões.

Voltaire representa a segunda epocha da revolução; representa a reacção systematica, calculada, e ao mesmo tempo violenta; exagerada no seu fim, e não poucas vezes immoral e criminosa, nos meios que empregou para o attingir.

Chateaubriand é o sol depois da tempestade. Representa a reacção religiosa do seculo actual, tendente a corrigir a epocha precedente da revolução, a reduzil-a aos seus verdadeiros limites, a assental-a em bazes mais solidas, pondo-a em harmonia com a natureza do homem, os seus sentimentos, e as suas necessidades.

O progresso triumphou do clero, e veiu depositar no pedestal da cruz os louros da sua victoria. Os *Martyres* foram a elegia do vencedor magnanimo, que veiu ao campo da batalha cantar as antigas glorias dos vencidos á beira do seu tumulo. O *Genio do Christianismo* foi o seu hymno de victoria, entoado ao arvorar de novo o estandarte da cruz, que no revolver do combate havia sido lançado por terra.

Continúa. J. J. DE OLIVEIRA PINTO.

AUGUSTO LIMA.

> Si la poesie est l'histoire universelle du coeur de l'homme, la poesie lyrique en est la chronique et le jornal.
>
> *La Balance.* Chants du Crépuscule — VICT. HUGO.

É noite. Mas uma d'estas noites em que a lua, coando-se atravez dos salgueiros do rio, povôa as suas margens d'estes seres phantasticos e vaporosos, sonhados por Ossian nos lagos da Escocia; em que o brilho das estrellas amortecido, mas voluptuoso, é como o languido olhar da donzela, jurando fallazes protestos d'um amor eterno.

Aqui, junto a nós, como a natureza desenhou um quadro, tão magnifico, quanto melancolico!

Não ouvis, como um suspiro de saudade, o brando sussurrar da brisa por entre as arvores do bosque?

Não ouvis o timido escoar da fontinha, como um segredo d'amor murmurado ao ouvido do amante?

Não vêdes aquella rosa, proxima á fonte, rodeada d'abrolhos? E como ella vive no seio de tantos espinhos sosinha e solitaria, como a luz vaga da esperança no meio das tormentas da vida?

É que a agua da fonte a vivifica; é que o melancolico murmurio da agua lhe mitiga a saudade, lhe alivia a dor.

A rosa é o amor.

Os abrolhos são as decepções.

A fontinha é a poesia no soffrimento, a resignação na dor, a esperança .... no futuro. . . . .

Eis a imagem das poesias do sñr. Lima.

Amou, mas amou uma mulher, que não soube comprehender a grandeza da sua alma, que pisou aos pés as suas mais fatidicas esperanças, que desfolhou uma a uma as suas illusões mais queridas. Essa mulher com o coração regelado pela indifferença disse-lhe um dia — esquece-me! E o sñr. Lima sentiu todo o peso d'esta blasphemia á religião do coração: a sua alma a este golpe inesperado vacillou, mas graças aos ceus, não descreu.

Podia, ardendo em ciumes, como o Othelo de Shakspeare, cravar um punhal no peito d'essa perfida mulher; podia, como o Werther de Goethe, acabar a vida com o fim tragico do suicidio; podia até, como o Jacopo Ortis de Fosculo, renegar o seu ser, amaldiçoar o Eterno e as obras da creação; mas não, não o fez. Tomou a lyra suspirosa de Lamartine; cantou a sua magoa, a injuria que a mulher lhe cuspiu nas faces; mergulhou-se em pranto e escreveu uma quadra sublime em que transluz toda a amargura da sua alma, baptisada pelo soffrimento. É um grito plangente, agudo, arrancado do intimo do peito, é o grito do mancebo, que viu dissiparem-se-lhe as illusões, como o fumo, ao sopro da realidade. É o findar d'uma quadra dourada, em que tudo é prazer, felicidade e crença; é o principiar d'uma outra bem negra, em que tudo é dor, decepção e scepticismo.

> Vejo agora que nunca dest' alma
> Nem sonhas-te sequer a extensão...
> Tão de pressa alto mar não se acalma
> Não se abafa tão cedo o volcão!

Mas apesar d'este desengano atroz, o fogo desolador do scepticismo não murchou a flor viçosa da esperança. Ainda crê e julga impossivel esquecel-a, como é impossivel a lyra do bardo esquecer-se de gemer, ao peito da virgem esquecer-se d'arfar!

> Esquecer-te! que dizes, que pensas?
> Como posso teus votos cumprir
> S'inda lucto co'as fraguas immensas
> D'um amor que s'enrosca ao porvir?

É Stenio amando a Lelia com o amor de poeta e de mancebo, a quem a duvida não tem ainda embotado o sentimento e a razão. É Stenio apertando-a nos braços, collando os seus labios nacarados e ardentes nos labios pallidos e frios de Lelia, que o repelle, dizendo com uma voz sêcca e dura — *laissez-moi, je ne vous aime plus.* E Stenio quer vingar-se d'essa mulher, matando-a, mas recorda-se de que lhe é indifferente a vida. E Stenio d'amante apaixonado e louco, quer tornar-se philosopho e frio, e ao fim de tres palavras não póde suster a dôr dentro do peito e o pranto rebenta-lhe dos olhos!

O sñr. Lima cantou a natureza e o amor, estes dous themas de poesia, primitivos, mas sempre inexgotaveis e viçosos.

Segundo o auctor do *Cromwell* a poesia tem tres idades, das quaes cada uma corresponde ás tres phases successivas da civilização — os tempos primitivos, antigos e modernos; a ode, a epopea e o drama; a Biblia, Homero, e Shakspeare.

Se ha epochas, em que o presente respeita as instituições legadas pelo passado, ha outras tambem, em que estas desabam em ruinas, sobre as quaes se construe o edificio do futuro. Este reluctar de crenças a que hoje assistimos no mundo politico, é o precursor d'uma nova era de renovação social. Affonso de Lamartine com a inspiração de propheta o vaticina nos *Destinos da poesia*. O mundo politico reflecte-se no mundo litterario. E a poesia accompanha passo a passo a sociedade nas suas transformações progressivas. A nossa epocha é, para assim dizer, o arrebol d'essa transformação, e assim como na aurora da humanidade, n'esses tempos primitivos ou fabulosos, a poesia hoje tambem é lyrica.

Que a poesia, nos tempos modernos, renasce pela ode, é impossivel negar-se, e tanto Victor Hugo conheceu esta verdade, que disse no prefacio d'um dos seus dramas, que a nossa epocha, *por isso que dramatica*, é eminentemente lyrica. É o que ha de mais semilhante, diz elle, entre o principio e o fim; o por do sol tem seus visos do nascer; o velho torna-se infante.

Parece-nos, que o celebre dramaturgo francez se exagerou um pouco. Talvez a isso o levasse a sua paixão pelo drama, e a lembrança de que o logar vago pela morte do auctor do *Macbeth* poderia ser occupado pelo auctor do *Hernani*.

Olhemos para a França. A reacção litteraria, que desde 1830 se tem operado, não começou pelo drama, mas pela poesia lyrica. Depois das canções de Beranger, das elegias de Lamartine, das phantasias de Alfredo de Musset, das satyras de Barthelemy, dos dytirambos de Augusto Barbier e das odes de Victor Hugo é que se poseram em practica no theatro os preceitos do drama moderno, e a *theoria do grotesco* formulada no prefacio do *Cromwell* por este ultimo poeta.[1] Passemos alem do Rheno, entremos em Allemanha, e observaremos o mesmo. Ao passo que um escasso clarão allumia o proscenio, que poucos nomes figuram na poesia dramatica, a poesia lyrica pelo contrario absorve a attenção dos principaes escriptores da epocha actual. Novalis, Chamisso, Triderico Riickert, Henri Heine, e Luis Hhland são alguns dos nomes gloriozos dos poetas lyricos contemporaneos, com que a Allemanha tanto se ufana.

O snr. Lima, como poeta lyrico escreve a chronica do coração do homem. Conta uma por uma as palpitações do coração, e o arfar do seio da virgem assaltada por um pensamento menos casto d'amor. Canta as esperanças nutridas ao alvorecer da manhã, quando a aurora projecta seus pallidos raios nas cumiadas dos montes; canta as illusões do crepusculo, quando o astro fulgurante do dia se atufa nas aguas do oceano; canta os vôos de phantasia e d'amor sonhados ao clarão da lua em noite saudosa d'estio, quando as auras fazem seu concerto aereo de harmonia perante a rainha do firmamento.

Conduz-nos a um valle tão formoso, que parece, que a natureza surri d'alegria, e tece um hymno ao Creador. D'ahi leva-nos á praia e mostra o vasto mar reflectindo o azulado dos ceus, e mostra a onda espriguiçando-se voluptuosamente na areia.

Sopra o vento rijo do norte; a athmosphera tolda-se; o raio estala; o trovão ribomba; o oceano entumece; as ondas encapellam-se; montanhas d'espuma s'elevam aos ares; o mar como que ulula de raiva, estrebucha, sae fóra do seu leito, e arroja ás nuvens o fragil lenho, que a ousadia humana collocou sobre seu dorso gigante. Aonde nos levou a imaginação! Byron já morreu. O que inspira o snr. Lima é o brando ciciar da aragem, é o perfume recendente das flores, é o regato lambendo a relva, é a bonina do prado namorando-se no crystal da limpha, é tudo, tudo, o que a natureza offerece de bello, e deleita o sentimento, mas quadros d'aquelles, não: esta corda não tem a sua lyra.

O genio porem do sñr. Lima é eminentemente progressivo. O desenvolvimento porque tem passado é admiravel. O sñr. Lima é um dos caracteres mais salientes do *Trovador*, e todavia o auctor dos *Murmurios* está bem longe do auctor de diversas poesias publicadas n'aquelle excellente jornal. Aqui, no *Trovador*, é a infancia do poeta, além, nos *Murmurios*, é a sua adolescencia.

Collocarmos, por em quanto, o auctor dos *Murmurios* a par das nossas realêsas litterarias, inscrever o seu nome entre o dos sñrs. Castilho, Garret, e Herculano, os primeiros caracteres da nossa litteratura, era por certo uma lisonja. Porem não tributar respeito ao merecimento elevado do sñr. Lima, negar-lhe um distincto logar ao lado d'um João de Lemos, d'um Palmeirim, d'um Antonio de Serpa, e d'outros, que abrilhantam as paginas da historia litteraria contemporanea, seria faltar a um dever, offender o talento, e renegar a posição imparcial de critico.

Não escreveremos um longo e fastidioso capitulo de censuras contra o poeta; não estamparemos no poste da critica algumas leves imperfeições, que elle seguramente conhece: um ou outro gongorismo, inexactidão em alguma imagem, desigualdade por

[1] Dizemos *formulada*, porque a *theoria do grotesco* não é invenção de Victor Hugo. O auctor do *Cromwell* nada mais fez, que colligir, um pouco exageradamente, as ideas, que, sobre isto, jaziam dispersas nas obras de Madame de Stael, de Schlegel, Sismondi, e outros.

vezes nos pensamentos. Não o deixamos de fazer, porque o sñr. Lima careça da nossa benevolencia. Ridicula seria da nossa parte tal idea.

Segundo um critico contemporaneo ha tres modos de julgar a poesia. Temos a critica *retrospectiva*, *admirativa* e *prospectiva*. A primeira é a que, sacudindo o pó das bibliothecas, procura no passado um typo por onde possa avaliar a obra, que se offerece em holocausto ao seu odio pelo presente. A segunda é a *critica das bellesas*, cujo unico fim é apresentar-se entre o publico e o poeta, explical-o, e revelar todas as bellesas, que elle encerra debaixo d'um involucro modesto. A terceira é a que não só explica o presente pelo passado, mas ainda interroga o futuro, discutindo o fim a que essa obra se propõe.

Nós votamos pelo segundo d'estes methodos. Eis a razão porque não censuramos o sñr. Lima.

Quando havemos de deixar, dizia Chateaubriand, a critica mesquinha dos defeitos pela critica fecunda das bellezas? E por ventura não é grandiosa a missão d'esta critica? Illustrar o povo; inicial-o nos mysterios da poesia; conduzil-o pelo sentimento á reflexão, ao estudo, á analyse, á creação em fim d'uma litteratura puramente sua, é objecto de pequena transcendencia? E a idea da litteratura popular, idea que só por si nobilita o seculo 19.°, não involve uma questão das mais palpitantes, não importa a solução dos problemas mais vitaes?

Nas poesias do sñr. Lima não ha, o que é raro encontrar-se, só harmonia, ha tambem fluidez e melodia; não ha só o apropriado da phraze, ha tambem a muzica do metro, que sôa cadente ao ouvido.

Sobretudo nas quadras, é que brilha o seu talento lyrico. *Sé feliz*, *O Crepusculo*, *A felicidade*, *O beijo restituido*, *Que pedes*, e outras poesias são uma prova do que dizemos. Umas das quadras, que mais nos agradam, pela cadencia do verso e pela singeleza da idea são aquellas, que o poeta escreveu no album da sr.ª condessa das Antas.

Permitta-se-nos o transcrever aqui as quatro primeiras.

Na fronte do nobre, valente soldado,
Coberta dos loiros, que ceifa o valor,
Faltava uma rosa colhida no prado,
No prado formoso das rosas d'amor.

Faltava, não falta; — na c'roa virente
Lá vejo entre-aberto virgineo botão
Que no viço das palmas da espada valente
Dá novo realce na doce união.

Feliz o guerreiro, que soube colhel-a!
Ditosa a florinha que a espada lhe ornou!
Ditosa mil vezes que a rosa tão bella,
Corada entre os loiros, mais bella ficou!

E foste, senhora, vós fostes a rosa
Que altivo o soldado valente colheu...
Felizes, contentes, na terra espinhosa
Não tendes um ermo, sorri-vos um céu!

Infancia e mizeria é tambem uma das mais bellas poesias do sñr. Lima, tanto pelo pensamento, que a inspirou, como pela fórma, que o traduz. O quadro que o poeta apresenta é um d'estes quadros de mizeria e de soffrimento que infelizmente vêmos reproduzidos ao vivo a todos os instantes, e cuja realidade é tão medonha, que os *nossos olhos de vêl-os e descrêl-os se não canção.* Porem a nossa sociedade embotada pela agiotagem, occupada por interesses d'outra ordem, passa e não repara: e quando mesmo tropeça no cadaver d'algum pobre, aperta-se-lhe momentaneamente o coração, mas á noite, o tripudiar da orgia adormece o sentimento, que por ventura começava a accordar em seu peito!

O sñr. Lima sente vivamente não ter o pincel de Raphael, Rubens ou Apelles, não manejar o escopro de Canova, para desenhar na tela, ou cinselar na pedra esse grupo eloquente, que elle, um dia, viu.

Eram tres creancinhas, dormindo sobre os degráus d'um templo, abraçadas todas tres, o somno da infancia e do desalento. O frio e a fome haviam-lhe cerrado a tenras palpebras.

Como eram já sombrios, macilentos,
Aquelles infantís, serenos rostos
Onde a vida em botão abria a custo
Como a flor que desponta em plaga estranha!

Nas pallidas feições como se liam
De um precoz soffrimento os negros traços!
Como a livida fome lhes roubava
O placido sorriso da innocencia!

Dormiam todas tres, que meigo somno
O veneno da vida lh'adoçava!
Como em cada feição se via impresso
O benefico olvido da existencia!

Irmãs no sangue, e na desgraça gemeas
Embaladas talvez no mesmo berço,
Dormiam todas tres na mesma pedra
Igual somno de infancia e desconforto.

Eu vi aquelle grupo! assim não visse
N'aquelle estreito quadro a negra historia
De muitas gerações... assim não lesse
Teu pungente epigramma, ó sociedade!

O sñr. Lima porem no meio das decepções do seu amor não se esqueceu da sociedade, que gemia no leito da morte.

Ouviu os pelouros das bombardas do povo estalarem debaixo do bello ceu de Italia, e o seu coração estremeceu de alegria.

Viu o estandarte da democracia italiana desfraldado ao vento da revolução, e os seus labios sorriram de prazer.

Mas aquelle estandarte arvorado em Milão por entre nuvens de metralha sumiu-se nas vagas do predominio austriaco; mas aquelle horisonte tão seductor anuviou-se com uma tempestade medonha, e o seu coração cobriu-se de tristeza, anuviou-se tambem. Ouviu depois repercutir-se de echo em echo, de valle em valle, de monte em monte os gemidos lugubres dos martyres, que expiravam sôbre o campo da batalha, e as lagrimas, comprimidas no coração, rebentaram-lhe nos olhos, e correram-lhe a fio pelas faces abrazadas pela dor, crestadas pelo soffrimento.

Mas a fé no futuro estancou-lhe as lagrimas, e o poeta, como inspirado, brada:

Eia avante, Italia, avante
Desde o Adige até ao Pó
Haja um pendão tremolante,
Um brado s'escute só;

Cada cabana da serra
Seja um castello de guerra,
Em cada palmo de terra,
Haja uma luta sem dó!

Ha uma outra poesia do sñr. Lima, cujo merecimento excede tudo o que se possa dizer. *Torres Vedras* não é uma simples poesia, é uma pagina da nossa historia, escripta com a imparcialidade do verdadeiro historiador. O sñr. Lima nem tece corôas de louros para a fronte dos vencedores, nem cospe injurias e affrontas na face dos vencidos. Fulmina um anathema sobre ambos, porque d'ambos os lados tremula o pendão luzitano, porque d'ambos os lados pulsam corações portuguezes, porque em todas as veias gira sangue de irmãos, sangue precioso, que a hydra sedenta e asquerosa da guerra civil bebe a longos tragos.

Nós não queremos avivar feridas, que ainda gotejam. Respeitamos todas as crenças, mas recordando-nos d'essa pagina luctuosa e negra, escripta com caracteres de sangue e de fogo, não podemos deixar de bradar com o poeta:

Quaes são criminosos? quaes são que peccaram?
Quem é que merece perdão ou rigor?
São todos culpados, que todos rasgaram
Entranhas da patria sem pejo nem dor!

O enthusiasmo que o sñr. Lima inspirou, encetando este genero de poesia, deve ser um estimulo para que dê quanto antes á imprensa os *Cantos Civicos*, cuja publicação todos esperam anciosos. O poeta, quando a patria lhe pede um hymno, quebra a lyra do amor.

J. J. DE S. TORRES E ALMEIDA.

TRADUCÇÕES E IMITAÇÕES,

MEIOS D'ENRIQUECER E APERFEIÇOAR UMA LINGUA.

Quando uma nação começa de polir seus costumes, lucta por sahir da barbaria, e forceja por dar os primeiros passos na carreira da litteratura, falta ainda de modelos seus, procura seguir, e observar os daquelle povo, que a precedeu em illustração, e que por suas producções litterarias lhe offerece exemplares dignos de imitação, que toma por norte de seus ensaios na estrada das lettras. Depois de habilitada para os ler e estudar, com reflectida consideração, procura em suas tentativas rastreal-os: e isto executa ella de duas maneiras, já vertendo para a sua lingua as obras acabadas do povo, que tem tomado como guia da sua illustração nascente, já imitando nas suas composições, e ensaios, aquelles auctores, cujos escriptos gozam de um conceito bem estabelecido, dignos de serem imitados. Isto se vê realisado não só na adopção de palavras, de phrazes, e modos de dizer mais extremados e primorosos, porem muito principalmente na imitação do estylo, e fórmas em todos os generos de escriptura, quer em prosa, quer em verso.

Por este meio é que a lingua da nação, que procura polir-se e aperfeiçoar-se vae saindo do seu estado de rudeza, depondo os modos de expressão irregulares e informes.

Dest'arte Roma, cuja lingua em seus principios informe, sem regularidade, sem euphonia, e formada em grande parte de vozes, e de phrazes da lingua Osca, que fallavam os Etruscos, e os antigos Sabinos, se vae com o rodar dos seculos aperfeiçoando, tendo largado suas fórmas rudes e grosseiras, á medida que lhe foram conhecidos, versando-os, os modelos gregos que os Romanos começavam de estudar, e em seguida de imitar com a porfiosa emulação, que foi capaz de produzir tantos escriptos em prosa e verso, merecedores de immortalidade, como nos appresenta a litteratura do Lacio.

Esta marcha do espirito humano, que se observa em a nação dos dominadores do mundo, é commum a todos os povos, que encetam a carreira da civilisação, e aspiram a ganhar nome na republica das lettras. Os primeiros oradores de Roma ensaiam-se para brilhar na tribuna, imitando, e emulando os exemplares gregos, e para melhor se imbuir na doutrina de seus mestres, sáe de Roma a mocidade estudiosa, e vae na Grecia ouvir de viva voz os eximios professores, que com seus brados, nos lyceus de Athenas assombravam o mundo, maravilhado de seus progressos litterarios. Estes nobres esforços, e digna emulação dos engenhos do Lacio os habilitou para produzirem obras em que não só rastrearam, mas hombrearam, e se puzeram a par dos seus modelos. Assim é que Cicero chegou em Roma a dar exemplares acabados de eloquencia, colocando-se a par dos primeiros oradores gregos que tomara por mestres na arte de orar. Na historia nos deixam apurados escriptos Tito Livio, Sallustio, Cornelio Nepote, e outros, que em nada ficam inferiores aos de Tucydides,

e Xenophonte, que aquelles tomaram por exemplares, e mestres, na arte de escrever a historia. Assim Virgilio emúla a Homero, Horacio a Pindaro; e Plauto na poesia comica leva á palma á Aristophanes, e nas comedias de Terencio tem o theatro romano producções não menos saborosas, que as de Menandro.

Imitar e traduzir, foram os dous meios mais poderosos, e os mais azados instrumentos do polimento, e apurado primor da lingua e litteratura do Lacio; se bem que os ingenhos romanos mais se empenharam em imitar, e representar as gentilezas dos modelos gregos emulando a louçania de suas expressões, e as graças de seu estylo, do que em traduzir suas obras; persuadindo-se de que traduzindo-as, ficariam suas traducções, em merecimento, muito á quem dos originaes.

Daquelle empenho tão porfiado de imitação provieram os frequentes elementos, que se notam nos escriptores do Lacio; da mesma sorte que, a exemplo destes, os nossos auctores classicos empregaram em seus escriptos portuguezes muitos latinismos, que nem todos merecem adoptar-se. São nisto notaveis João de Barros, D. Antonio Pinheiro, e fr. Amador Arraes.

Fazendo agora applicação destas considerações á nossa litteratura; quem observa os varios periodos da nossa historia litteraria, vê bem realizada a marcha quasi uniforme, que segue o espirito humano, e tem seguido no desenvolvimento, progresso, e aperfeiçoamento da sua lingua e litteratura. A lingua portugueza, começava apenas a deixar as formas rudes da infancia, e a dar os primeiros passos para polir-se e aperfeiçoar-se, e então vemos os seus primeiros cultores dar-se á lição dos escriptos latinos, e pouco depois á dos gregos, estudar suas phrazes, imital-as.

Bem como a mocidade romana, cubiçosa de instruir-se, corria a ouvir os grandes mestres nos lyceus, e escholas de Athenas, assim muitos portuguezes levados do mesmo espirito, iam nas escholas de Bolonha, e Paris ouvir as lições dos extremados professores, que nellas ensinavam. Não foi porem este só o meio de instrucção, a que recorria a mocidade estudiosa de Portugal: liam, e reliam os exemplares gregos, e latinos, trasladavam para a nossa lingua phrazes daquelles modelos, com que a enriqueceram, e aperfeiçoaram. Foram principalmente as traducções de auctores latinos os primeiros, e mais proveitosos ensaios, em que os estudiosos se empenhavam, que mais contribuiram para o augmento, e perfeição da lingua portugueza. Estas nobres tentativas começaram logo no primeiro periodo e na infancia da lingua, quando entrava a raiar a aurora e as primeiras luzes da nossa litteratura; pois sabemos, que o nosso sabio rei D. Diniz, singular protector e primeiro fundador das lettras em Portugal, mandou verter em linguagem a historia do Mouro Rasis, chronista de Almansor rei de Cordova; e a obra de Gastão de Fox *de concordia sibilinorum carminum cum Profetarum oraculis*, que de ordem daquelle soberano traduziu D. Pedro Galvão, Arcebispo de Braga; obra, que existiu em Roma na livraria do cardeal D. Miguel da Silva.

Nos seguintes reinados continua o mesmo espirito, e nobre empenho de trasladar para a nossa lingua obras escriptas em a latina; dando-se a este trabalho tambem alguns principes portuguezes. D. João 1.º traduz em romance as Horas de rezar de Nossa Senhora, e a Historia dos Evangelhos, e manda traduzir os Actos dos Apostolos, as Epistolas de S. Paulo, e o Codigo de Justiniano. Seu filho o sabio Infante D. Pedro trasladou em linguagem Tullio *de officiis*, e Vegecio *de re militari*.

Ao passo que a lingua adquiria mas copioso cabedal, e se ia aperfeiçoando, emprehendiam-se novos trabalhos de maior tomo neste genero. Veem-se traduzidos nos reinados de D. João II., e de D. Manoel, o Vita Christi de fr. Ludolfo de Saxonia por fr. Bernardo de Alcobaça, que a rainha D. Leonor lhe encarrega de traduzir, impresso em Lisboa em 1495. 4 volumes de grande folha: a chronica geral de Marco Antonio Sabellico, vertida por D. Leonor de Noronha, impressa em Coimbra por João de Barreira em 1550, e 1552. 2 vol. de folha: O livro da Regra, e perfeição da conversão dos Monges, de S. Lourenço Justiniano, vertido em linguagem pela infanta D. Catherina, e impresso em Coimbra no Mosteiro de Santa Cruz em 1501, em folha. Estas tres obras classicas, e de summa raridade, são recommendaveis pela riqueza da linguagem, e as inclue a nossa academia no catalogo das que devem ler-se para a continuação do Diccionario da lingua portugueza.

Outras mais traduções se emprehenderam, e desempenharam neste, e nos seguintes periodos da lingua, que se não imprimiram, muitas das quaes pereceram no incendio, que se seguiu ao fatal terremoto de 1755, que consumiu a maior parte das livrarias da cidade de Lisboa.

AGOSTINHO DE MENDONÇA FALCÃO.

CLASSE DE LITTERATURA.

Sessão de 5 de Março de 1853.

Presidencia do snr. José Maria de Abreu.

Continuou a discussão do ponto — *influencia do romance na familia e na sociedade.*

O snr. *Ferrão*, que tinha ficado com a palavra desde a sessão antecedente, referindo-se a um argumento do snr. Levy, disse, que entendia, que o mal não predominava essencialmente no romance, que julgava o mal um resultado e nunca um principio; porque o mal existia unicamente, ou porque as cousas boas em si mesmas eram collocadas debaixo de falsas relações; ou porque se dava ausencia d'uma cousa, aonde ella alias deveria estar. Que, admittida mesmo a theoria de Reid de principios *mechanicos*, e *animaes* correspondentes á faculdade *motora*

de Garnier, como este philosopho confessa, della nada se poderia concluir contra o principio romantico, porque o elemento romantico elevando taes principios a toda a altura do seu aperfeiçoamento esthetico e ao bello, e sendo por isso tal elevação harmonica com o desenvolvimento do homem, necessariamente havia de concorrer para o *aperfeiçoamento* humano. Que o elemento romantico concorria para o desenvolvimento do homem e da sociedade, e não para o seu mal, menos quando era desvirtuado. Combateu tambem o argumento do sñr. Coutinho relativamente á revolução de 89 e 48. Demonstrou, que as revoluções são sempre filhas das ideas novas, que por toda a parte se popularisam, e que por isso ellas exigem chefes, que as dirijam, porque uma revolução, por mais popular que seja, não póde progredir pelo impulso unico das massas. Que, ainda mesmo que se quizesse admittir, que a revolução de 48, em relação ao povo, foi o resultado do romance, outro tanto se não poderia dizer em relação aos chefes, que por certo foram quem lhe deu a direcção. Que, alem d'isto, não era exclusivamente no romance, que se deviam procurar as causas da revolução; porque a imprensa periodica, os escriptos socialistas e os outros meios de popularizar as ideas, tinham influido poderosamente. Disse mais, referindo-se a outra parte do discurso do sñr. Coutinho, que não concordava em se attribuirem os vicios dos grandes focos de população privativamente ao romance. Que o proletariado, o augmento da população; não eram sem influencia, que nas classes elevadas, algumas theorias sociaes tinham exercido grande influencia nos costumes, mas que nem por isso se deviam banir as sciencias, porque o abuso não auctorisa a revolução contra o justo uso.

Seguiu-se o sñr. *Levy*, que notou alguns defeitos á Esthetica d'Hegel, e fallou sobre o estado da sciencia do bello em Allemanha. Sustentou de novo a opinião, que havia emittido nas sessões passadas; mostrou, em resposta ao sñr. Ferrão, que os principios *mechanicos* e *animaes* de Reid não correspondiam á faculdade *motriz* admittida por Garnier; e por ultimo ainda adduziu alguns argumentos contra a influencia benefica dos romances, deduzidos da physiologia, citando em seu abono alguns trechos de Muller e Burdach.

O sñr. *Torres e Almeida*, inscripto tambem para fallar da sessão ultima, respondeu a algumas observações, que lhe tinham sido feitas pelos sñrs. Levy, e Coutinho. Reportando-se ao que tinha dito o sñr. Levy a respeito de *Paulo de Kock*, disse, que este romancista não deveria ser enumerado, porque se acha em identicas circumstancias ás de *Prevost*, no seculo passado, que apesar de ter escripto um grande numero de romances, é hoje apenas conhecido pelo de *Manon Lescaut*. Disse mais, em referencia ao mesmo orador, que entendia, que a questão não devia ser descutida no campo philosophico. Que todos conccordam em que o romance *typo* exerce uma influencia benefica na sociedade; porem sobre que divergem é sobre a bôa ou má influencia do romance, tal como hoje se escreve, do romance *facto*. Demonstrou, em resposta a uma observação que lhe fôra dirigida pelo sñr. Coutinho, a razão porque o povo não lia os choronistas, mas lia os romances historicos. Que não se podia argumentar do Werther para o Jocopo Ortis, porque o romance de Goethe se distingue do de Fosculo pelo pensamento essencialmente moral, que dictou este ultimo. Que a revolução de 48 não tinha sido exclusivamente produzida pelos romances, porque os pamphletos de Cormenin, Lamennais, Emilio Girardin e Luiz Blanc não são romances e foram elles, que, se não prepararam a revolução, deram-lhe pelo menos um grande impulso.

Que supondo mesmo que os romances só por si operaram a revolução, nem por isso d'ahi se póde concluir, que foram elles que resolveram a republica de 48 no imperio de 52, que levaram a França ao estado, em que se acha.

O sñr. *Coutinho* corroborou alguns dos argumentos, que já tinha apresentado para provar a má influencia dos romances, o desenvolveu largamente outros, que tinha apenas tocado na sessão antecedente.

O sñr. *Ricardo Guimarães* negou a mono-mania suicida produsida pelo romance. Condemnou o suicidio sobre o qual fez algumas considerações. Disse, que se admirava de que os leitores dos romances, em Portugal, se não suicidassem, e não fosse um trivial espetaculo o ver diariamente attentar contra a propria vida, e matarem-se centenares de pessoas illetradas; e concluiu fazendo varias considerações contra a oppinião, que o sñr. Coutinho sustentára no seu discurso.

O sñr. *Luiz de Vasconcellos* disse que o romance influia beneficamente na familia e na sociedade, porque admittida a distincção das faculdades do homem em animaes, e espirituaes, sendo as primeiras as communs ao homem e aos outros animaes, e as segundas as privativas ao homem, admittido que o desenvolvimento do homem consistia no desenvolvimento harmonico principalmente das suas faculdades espirituaes; e por isso da faculdade de moralidade, era claro quanta influencia o romance, ou como alguem lhe chamou *a moral em acção* podia e devia dar para aquelle fim. Disse que só considerava o romance moralmente; por que julgava esse era o unico objecto da these em questão: e que só para determinar a sua influencia moral é que tinha tractado da analyse antropologica: mas que diria mais: que todo o romance que não desenvolvesse no homem a sua faculdade de moralidade devia ser considerado como uma aberração do genero, por mais bem escripto que alias elle fosse: e que por isso não duvidára apresentar como typo d'esta aberração o *Manfredo*; por isso mesmo que considerado pelo lado do sublime não conhecia nenhum que o excedesse; mas que com toda a sua sublimidade, e talvez por ella mesmo, como não excitava a faculdade de moralidade do homem, prevertia-o: pelo contrario os *Martyres* de Chateaubriand, arrebatando o gosto dilatavam ao mesmo tempo o coração: era a faculdade de moralidade, a que era especialmente por elles excitada; e tanto que talvez ainda ninguem os lesse sem que se sentisse no fim da sua leitura melhor comsigo, amando mais a Deos, e aos homens.

E quem duvidaria da influencia benefica de taes sentimentos?

Que pouco importava que a sciencia não tivesse ainda colligido em um corpo de doutrina as regras do romance; se seria, ou não, conveniente colligil-as, talvez mesmo poderia ser questionavel; seria a questão da codificação applicada ás artes: mas que o fim do romance, como o da litteratura em geral, não podia ser outro senão o melhoramento do homem: ou como dizia Mr. Laurentie *que as bellas lettras deixaram de o ser, se não fossem boas.*

Que o romance não só era um meio muito proficuo para se conseguir este melhoramento, mas ainda talvez o mais comezinho: que quem se não podia dar a serios estudos moraes, podia pelo exemplo vivo, que lhe apresentavam os romances *perfeitos* excitar-se á virtude: e que se era verdade o que dizia Confucio «*que havia muitos homens incapazes de sciencia, mas nenhum incapaz de virtude*,» não seria muito util pôr a estes diante dos olhos um quadro, em que as figuras quasi animadas, e destacando-se como em relevo lhes apresentassem scenas, que, mesmo sem serem bem comprehendidas, não poderiam deixar de produzir effeito?

Disse mais: que quando fallára de *logica das paixões* só tinha querido referir-se á logica das causas e effeitos.

Quanto ao argumento physiologico do precoz desenvolvimento physico do homem, produsido pelo romance, que lhe parecia que quando muito, só se poderia concluir d'ali, que os romances *eroticos* eram os unicos não condemnados de todo, mas indicados para só serem lidos em epocha opportuna; porem que, no caso de se asseverar que todos produziam o mesmo resultado, então que lhe parecia que toda a leitura deveria ser comprehendida no anathema physiologico.

Fallou depois o sñr. Ferrer sobre a ordem.

O sñr. *Meirelles* ainda insistiu sobre a bondade da eschola de Walter Scott.

Tendo acabado a inscripção, deu-se por terminada a discussão do ponto: —*influencia do romance na familia e na sociedade.*

O Secretario,

J. J. da S. Torres e Almeida.

ERRATA.

Pag.	Linh.	*Erro*	*Emenda*
301	ult.	6''(180°+☉)	6'' sen (180°+☉)

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

CARTA DO SÑR. A. HERCULANO Á FACULDADE DE DIREITO.

O sñr. A. Herculano acaba de dirigir á faculdade de direito por via do seu presidente, o ex.^mo prelado da universidade, a carta, que se segue:

Ill.^mo Ex.^mo Sñr. Não ignora V. Ex.ª que, no estado actual das sciencias historicas, não é licito aos historiadores limitarem-se á narrativa dos successos politicos no meio dos quaes os povos se constituiram, desinvolveram, e progrediram no caminho indefinito da civilisação. Cumpre-lhes collocar ao lado dos phenomenos da vida externa das nações os que formam a sua vida interna, a sua autonomia. São duas ordens de factos que mutuamente se explicam, e sem cuja approximação a philosophia historica seria impossivel. Tendo commettido, por um amor das cousas patrias muito superior ás poucas forças que em mim sentia para tamanho assumpto, escrever a historia do nosso paiz, vim a achar-me pelo decurso do meu trabalho n'uma situação difficultosa. Estavam de um lado as doutrinas da sciencia que me constrangiam a desenhar o quadro das instituições de Portugal no periodo em que esta sociedade se constituia: estava de outro lado a minha incompetencia para o fazer. Não sendo jurisconsulto; não havendo recebido no seio da Faculdade de Direito dessa Universidade os elementos que podiam habilitar-me para deduzir de monumentos ás vezes quasi inintelligiveis, sempre obscuros, e pela maior parte nunca estudados, o direito publico e civil daquellas eras semibarbaras, fallecer-me-hia o exforço para proseguir na empreza, se não viesse animar-me a esperança da indulgencia daquelles a quem especialmente pertence aclarar nessa parte as trevas do passado. Consolava-me tambem a idea de que se as minhas apreciações dos factos sociaes que nos subministram os monumentos dos seculos XII e XIII podiam ser mais de uma vez inexactas, a exposição desses factos feita com a sinceridade e escrupulo de que me parece ter dado algumas provas, devia sem duvida ser util aos homens professos em taes materias, para dos mesmos factos tirarem inducções mais luminosas sobre a indole e caracteres das instituições primordiaes do paiz. Foi por isso que no VII livro da Historia de Portugal, e ainda mais no VIII publicado agora, procurei estribar nos textos fielmente interpretados e transcriptos as minhas affirmativas. Assim, ao lado de muitos erros que ahi haverá, ficarão os meios para outros mais habeis acertarem. Este systema, que adoptei com desvantagem para o effeito puramente litterario da obra, tenciono siguil-o no immediato volume, dedicado ainda á organisação social do reino nos seculos XII e XIII.

Mas para que o resultado de um preceito da sciencia se não reputasse um impulso de vaidade, importava que eu proprio fizesse, perante quem a devia fazer, a confissão solemne, digamos assim, da illegitimidade dos meus titulos para tractar materias de profissão alheia. É por esta razão que tomo a liberdade de dirigir esta carta a v. ex.ª como prelado da Universidade, e de pôr nas suas mãos dous exemplares do IV volume da Historia de Portugal, um dos quaes eu desejaria submetter á censura da Faculdade de Direito, unicamente como testemunho de que reconheço, que a ella em particular compete fixar as doutrinas historicas em relação ao antigo direito publico e privado de Portugal.

Sou com a maior consideração, — de v. ex.ª — venerador e criado.

Lisboa 28 de março 1853.

A. Herculano.

Esta carta, que mostra claramente a consideração que o auctor tem pela faculdade de direito da nossa universidade, foi com o exemplar do IV volume da Historia de Portugal apresentada pelo ex.^mo prelado ao conselho da faculdade de direito em sessão do dia 13 do corrente abril, e o conselho decidiu por unanimidade de votos « *que por consideração para com a pessoa do Escriptor se lançasse a carta na acta da sessão, e que se nomeasse uma commissão para dar o seu parecer sobre a obra offerecida e o modo de responder á carta.* »

A commissão nomeada é composta dos Senhores:

Joaquim dos Reis, lente de historia de direito romano, canonico, e patrio:

Vicente Ferrer Neto Paiva lente de philosophia de direito:

Bernardino Joaquim da Silva Carneiro, lente substituto da cadeira de historia.

Folgamos de ver a urbanidade e consideração, com que a faculdade de direito principiou a tractar um tão grande Escriptor.

Não queremos prevenir o juizo da commissão e do conselho; mas iremos dando conta ao publico da marcha e decisão d'este importante negocio.

MEMORIAS HISTORICAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA. [1]

II.

Primeira trasladação da universidade para Coimbra.

Havia perto de dois annos que a universidade fôra trasladada para Coimbra, quando D. Dinis cuidou de ordenar os estatutos, por onde ella se regesse (Provisão de 15 de fevereiro de 1309).

Narrámos já os privilegios, que este principe concedêra ao novo Estudo geral. Era esta a parte principal d'aquelle diploma. Quanto á organisação litteraria, apenas se achava alli decretada a creação das faculdades de direito canonico, direito civil, medicina, e artes; as mesmas, que Nicoláu IV ordenára para o Estudo geral de Lisboa.

A estes estudos acrescentou-se o da theologia, que se mandára ler nos conventos de S. Domingos, e S. Francisco da Ponte [2], unicos, que então havia em Coimbra, alem do mosteiro de S. Cruz, todos situados *extra muros* da cidade.

A preponderancia, que, já nos dois precedentes reinados, haviam obtido os dominicos, e menoritas; e o credito e reputação litteraria, que elles então gozavam na Europa, foram provavelmente os motivos d' aquella escolha.

Destinando-se estes dois conventos para o ensino da theologia, acaso, se tivera tambem em vista evitar o ciume e rivalidade destas duas ordens, que, egualmente ambiciosas de augmentar a sua influencia e auctoridade, difficilmente consentiriam em que se desse preferencia a uma das duas escholas, quando *thomistas* e *escotistas* mais acaloradamente disputavam a excellencia das suas doutrinas em materias theologicas.

Não é hoje facil atinar com o systema que então tivera maior voga em Coimbra; porque neste, como em varios outros pontos da nossa historia academica, nenhumas memorias, dignas de fé, nos transmittiu a antiguidade. Nem nesta epocha as escholas theologicas, encerradas na clausura dos conventos, adquiriram tanta celebridade entre nós, como nas universidades de Paris, Oxford, e Allemanha, onde aquella sciencia se professava publicamente, com grande ostentação.

É porem certo, que desde o seculo XII até os fins do seculo XV, a lição da Escriptura, dos concilios, dos padres da egreja, e a historia ecclesiastica fôram desprezadas pela maior parte dos escolasticos; e o *mestre das sentenças* não era interpretado senão pela doutrina dos seus commentadores. *Thomistas*, e *escotistas* — *reaes*, e *nominaes* constituiam duas parcialidades, que phreneticamente disputavam sobre os principios das suas escholas com todas as subtilezas, e argucias da philosophia aristotelica; e não raro acontecia, que o espirito de partido, e o odio de seita se entranhava nos animos, a ponto de dar logar ás mais graves dissensões, que tantas vezes agitaram a universidade de Paris, então a principal sede do ensino theologico.

Assim é mui provavel, que entre nós se lêsse na eschola dos prégadores a *summa* de S. Thomaz; e que os menoritas tomassem para texto a *summa* de Scoto sobre o mestre das sentenças.

As controversias, porem, que por ventura houvera entre os discipulos das duas escholas, ou foram de pouco vulto, ou não passaram do estreito recinto dos dois conventos, pois d' ellas se não encontra vestigio algum. E é tambem muito provavel, que a estas aulas só concurressem os proprios frades.

Para o ensino do direito canonico instituíra D. Dinis duas cadeiras [1]. O direito civil, e a medicina tinham cada uma sua cadeira privativa. Havia uma cadeira de logica, e outra de grammatica.

Ainda que por estes estatutos se crearam duas cadeiras de direito canonico, apenas se faz depois menção de uma só na escriptura celebrada em 1323 entre D. Dinis e o mestre da ordem de Christo, D. João Lourenço, na qual este se obrigou a pagar os salarios dos mestres, e mais encarregos do Estudo geral, em troca dos fructos e rendas das egrejas de Soure, e Pombal [2], que anteriormente fôram annexadas á universidade para sua sustentação, depois de trasladada para Coimbra, como já referimos.

Tambem neste diploma se estabelece o ordenado do mestre de muzica, cuja cadeira não vem mencionada n'aquelles estatutos; o que faz crer, que fôra creada no intervallo decorrido entre os annos de 1309 e 1323.

Quanto á segunda cadeira de direito canonico, parece mais provavel, que não chegasse a ser provida, pelo menos até aquella epocha.

[1] V. vol. I, numeros — 18, 19, 23 e 24.

[2] « Nolentes ut ibidem apud religiosos conventus « fratrum Praedicatorum, et Minorum in *sacra Pagina* « doceat, ut sit fides catholica circumdata muro inex- « pugnabili bellatorum. etc. « — Provisão de 9 de fev. 1309 — nas Prov. da Hist. Gen.

[1] « Ibidem et doctorem esse volumus in Decretis, et « magistrum in Decretalibus, per quorum doctrinam, « etc. » *Idem.*

[2] Escript. de 18 de janeiro do anno de 1323, datada de Santarem. — L. Ferreira — Notic. da univ. §. 282.

Era alem disso frequente n'aquelles tempos, não se explicar cada anno senão um certo numero de textos, e por consequencia um unico professor podia satisfazer a todo o ensino de uma faculdade.

Não consta quaes fossem os auctores, nem qual o systema adoptado nos cursos das duas faculdades juridicas neste primeiro periodo da sua existencia em Coimbra; e ignora-se tambem quaes foram os mestres, que neste seculo, e ainda no seguinte, professaram estas sciencias em a universidade. É porem muito provavel terem sido escolhidos d'entre os jurisconsultos, que haviam cursado nas universidades de Italia, e particularmente na de Bolonha, a mais afamada, então, entre todas pela sua eschola de direito. Deviam elles por isso transplantar para a nova universidade os systemas, que alli tivessem aprendido, e seguir os auctores por onde se liam as sciencias n'aquellas universidades; o que torna mui provavel a supposição de que o Digesto se explicava pelas *glosas* de Acursio, cujas opiniões eram então citadas no fôro, como lei expressa. A eschola de Bartholo devia pouco depois invadir a nossa jurisprudencia, como a de todas as nações, que tomaram o direito romano por base da sua legislação. Assim, poucos progressos podiam fazer entre nós até ao fim do seculo XV os estudos juridicos sob o influxo d'aquellas duas escholas, que tão prejudiciaes foram ao verdadeiro estudo do direito romano, depois de restaurado no Occidente.

O direito canonico não escapára á fatal influencia dos glosadores, e interpretes. Nesta epocha, porem, o *Decreto* de Graciano, approvado por Eugenio III, começára a ler-se, por sua auctoridade, nas escholas de Bolonha, nomeando-se para as lições d'elle dois professores, dos quaes um fôra o mesmo Graciano; e eis ahi talvez a razão porque se mencionam duas cadeiras de direito canonico nos estatutos da universidade, onde aquelle *Decreto* se devia ter introdusido como texto das lições da jurisprudencia canonica.

Não vem ao nosso intento referir aqui os muitos e graves defeitos desta compilação dos canones; cumpre porem notar, que o *Decreto* de Graciano, ordenado segundo o methodo escholastico, até então estranho á sciencia canonica, e composto de maior numero de leis romanas, do que todas as precedentes compilações, devia ser adoptado com preferencia em todas as escholas, onde começava a florecer o estudo do direito romano, e por isso nenhuma duvida póde restar de que por elle se lêra em Coimbra o direito canonico antigo, em quanto o pontificio seria explicado successivamente pelas *Decretaes* de Gregorio IX, pelo *Sexto*, e pelas *Clementinas*.

Até a tomada de Constantinopola, no meio do seculo XV, a medicina arabe prevalecia em toda a Europa, auctorisada pelos escriptos e lições dos mais insignes medicos, que nas famosas escholas dos arabes de Hespanha, e nas que, á imitação destas, se fundaram em França e noutros paizes, durante os seculos XI e XII, tinham ido beber aquellas douctrinas.

Assim, os interpretes e commentadores arabio-galenicos dominaram exclusivamente em a nossa eschola medica até os fins do seculo XV. As obras de Avicena, e de Razis tinham a primazia; e a medicina hypocratica era quasi desconhecida entre nós, ou pelo menos não se fazia d'ella estimação.

Neste ponto não podia, por tanto, ter grande importancia o ensino da medicina, que então se lia na universidade em uma unica cadeira.

Nem dos professores que primeiro leram esta sciencia na universidade, nem dos seus escriptos, se porventura alguns destes existiram, resta memoria.

A mesma obscuridade reina em tudo que respeita ao ensino da faculdade das artes: devia elle ser perfeitamente escholastico, e exclusivamente votado á philosophia arabico-peripatetica, então dominante.

Tal era a organisação litteraria da universidade, depois que D. Diniz a trasladára para Coimbra em 1307, e com a qual subsistiu com mui pequenas differenças nos reinados seguintes até D. João I.

Eram então os salarios dos mestres mui diminutos, se os comparamos com os de tempos posteriores, mas talvez avultados em relação ao valor do numerario, e ao preço dos generos n'aquella epocha.

O mestre de leis tinha 600 libras de prata, cada uma das quaes equivalia a 36 reis[1]: o de canones, e de medicina, 500: o de grammatica, 200: o de logica, 100: o de muzica, 65; e 40 libras eram dadas aos dois conservadores.[2]

Continúa. J. M. DE ABREU.

OS TRIBUNAES DE AMOR NA MEIA IDADE.

Se n'uma epocha em que o amor andava associado na opinião e na poesia a tudo que ha de mais bello e generoso, se n'uma epocha em que elle era o ser ideal que dominava os torneios, as batalhas, a côrte, e a poesia, a importancia das mulheres era immensa, uma instituição, de que já achamos vestigios na França antes de seculo XI[3], veiu tornar ainda mais brilhante essa importancia. Fallamos dos celebres tribunaes a que nesses tempos todos de galanteio e de canções, e em que

1 Escript. cit. na nota 4.ª

2 Elucidario de viterbo — verb. *livras.* = L. Ferreira §. 303.

3 Mormente na Provença, Romarin, Pierre Feu ect.

amor e poesia eram quasi synonimos, [1] se dava o nome de *Cours d'amour*.

O fim deste curioso *poder judiciario* era decidir as disputas dos poetas e poetisas, e pronunciar em ultima instancia sobre questoẽs amorosas e caprichos de amantes. N'um desses tribunaes presidido pela condessa de Champagne, foi mui questionado se tendo uma dama imposto ao seu amante a condição de não exaltar em publico o seu merecimento, e tendo elle violado a condição por ver atacada a honra dessa dama, deveria ou não perder o seu amor.

Verdadeira parodia dos tribunaes judiciarios, estes tribunaes de *Courtoisie et de gentillesse*, como lhes chama Fauchet [2] compunham-se de cavalleiros e damas do *grande mundo;* impunham penas, prescreviam a fórma dos *rompimentos*, ou os artigos de reconciliação entre os amantes; e eram já permanentes, como os de Hermengarda viscondesa de Narbonna (a quem o trovador *Pierre* deu o nome mysterioso de *Tort n'aves*), e o da celebre Leonor de Poitou; já temporarios, funccinando só por occasião de festas e das denominadas *cours plenières*, ou quando assim o exigia algum facto notavel da galanteria.

Dissemos que estes tribunaes decidiam em ultima instancia, por isso que havia juizes inferiores, dos quaes para elles se recorria; taes eram o *Bailli de joie*, o *Vicaire d'amour dans le District de joie*, ect.

Estas disputas amorosas tinham o nome de *tensons*, e eram decididas já pelos casos julgados, já por uma especie de lei de 31 ou 32 artigos, a qual, se dermos credito a André Capella, historiador desta instituição, se julgava ter sido descoberta no tumulo do famoso rei Arthur por um cavalleiro bretão.

A esta lei toda poetica tambem não faltou um commentador; houve um jurisconsulto tão pouco poetico, que se lembrou de lhe escrever um commentario, o qual Marchangy compara com muito espirito aos sellos de chumbo que as alfandegas põem nos finos gazes d'Italia.[3]

Essencialmente nascida do espirito de galanteio esta instituição, com quanto talvez opportuna em sua origem para fazer penetrar nos costumes a cortezia e lealdade, punindo os infractores com a pena da opinião, veiu com o tempo a degenerar n'uma verdadeira libertinagem até desapparecer de todo no seculo XIII.

L. M. J.

[1] Neste sentido podia Petrarcha dizer do trovador Arnald Daniel:

> « *Gran maestro d'amor, ch'alla sua terra.*
> « *Ancor fa onor col dir polito e bello.* «

[2] *Orig. de la lang. et poes. franc.* L. 2 p. 578.
[3] *Gaule poetiq.* t. 3 p. 222 not. 2

CEMITERIO DE COIMBRA.

Continuado de pag. 383.

O alto da Conchada, na extremidade O. da quinta do sñr. Pio, é o local escolhido para o cemiterio de Coimbra. O seu portico, em relação á torre da Universidade, fica a N. 22° O. O parallelogrammo, que o limita, tem os lados maiores na direcção O. 12° S. a E. 12° N.: e, em todo o seu comprimento, o terreno desce com exposição ao N.

A orientação do cemiterio é a melhor que se poderia escolher. É verdade que nestes sitios predomina o vento N. em grande parte do anno; mas é geralmente sabido, que o abaixamento de temperatura, proprio deste vento, diminue o poder nocivo dos miasmas deleterios, talvez pela constricção dos orificios absorventes, em consequencia da impressão do frio, e da reacção que apparece depois. A coincidencia da humidade atmospherica com o vento O., e da elevação da temperatura com os ventos E. e S., relaxando os tecidos animaes, diminue nos individuos a força de resistencia á acção deleteria das emanações putridas, e assim augmenta a insalubridade destes miasmas, quando trazidos por aquelles ventos.

Um cemiterio situado a E. S. ou O. só poderia admittir-se quando, entre o ponto escolhido e a cidade, uma floresta, uma collina, ou outra circumstancia especial fizessem elevar os miasmas, ou os desviassem de modo que estes ventos os levassem por cima ou aos lados da povoação; e tambem quando o terreno ao N. fosse baixo, e humido, ou tivesse outras condições improprias d'um cemiterio.

A exposição ao N. é tambem conforme com os preceitos da hygiena. Como a parte mais elevada do cemiterio é a que fica para o lado da Cidade, o vento N., depois de ter levantado os effluvios cadavericos, eleva-se no alto da Conchada, ganhando uma altura, que o faz correr por cima da Cidade. Com esta exposição, o terreno é lavado pelos ventos E. e O., que levam os miasmas, por fóra do cemiterio, para Montes Claros e campo de Bolão.

Não ha fontes, poços, ou ribeiras que devam inquinar-se dos productos cadavericos. A cisterna da casa do sñr. Pio, com agua distinada para usos domesticos, dista do cemiterio 222^{m} e ha de permeio um pequeno valle.

O terreno da Conchada ha de favorecer a decomposição cadaverica. A formação do calcareo de Coimbra é que dá assento ao cemiterio. Este calcareo pertence á parte inferior dos terrenos *jurassicos*, pela sua posição abaixo do *oolithe*, e pelos seus caracteres paleontheologicos. [1]

[1] Neste e n' outros trabalhos que emprehendi, o sñr.

As suas camadas começam inferiormente por conglomerados e *breccias* calcareas, passando logo a um calcareo argiloso, amarellado, muito duro, d'aspecto e fractura terrosa. É atravessado por veios de calcareo *spatico*, em partes cavernoso, contendo accidentalmente pequenas porções de magnesia. Entre as camadas deste calcareo apparecem pequenos leitos d'argila e calcareo terroso, terminados superiormente por um calcareo mui rijo e cavernoso, com pequenas camadas de silex branco.

Em geral, a estractificação de todas as camadas é bem pronunciada; mas apresenta a cada passo intersecções de pequenas falhas, que atravessam a formação até grande profundidade, dividindo as camadas em grandes massas prismaticas. Ha porem outras falhas d'uma ordem superior, verdadeiros valles de *retracção*, que lançados do poente ao nascente deram logar aos valles de Montarroio, Cozelhas etc., separando em muitas collinas este grande massiço calcareo. Uma destas collinas é o *alto da Conchada*, escolhido para o cimiterio.

O sub-solo da Conchada, entre o seu calcareo e a pequena camada de humus, ou terra vegetal, é terreno de aluvião, de data incerta, d'uma espessura variavel de 0,5 a 3.^{m}, composto de argila ferruginosa e calcarea, com areia siliciosa, e pequenos seixos da mesma natureza.

Os enterramentos hão de fazer-se no terreno deste sub-solo; ou antes na mistura d'elle com o humus e calcareo da collina, que reune as condições geralmente exigidas no terreno dos cemiterios, para cujo fim tem preferencia os compostos de cal, argila, e areia; não podemos porem scientificamente designar o seu grau de bondade, por que não achamos determinadas com precisão as proporções em que devem estar os tres elementos geologicos, nem a influencia directa, que elles possam ter na decomposição cadaverica. Apenas vemos apontada a sua influencia indirecta, pela propriedade que tem o terreno assim composto, de se repassar da humidade, na proporção mais conveniente á putrefação cadaverica.

A cal soponifíca as gorduras do cadaver, e por isso longe de apressar a decomposição dos tecidos, como se crê vulgarmente, pelo contrario a retarda. Da argila e da areia, não conhecemos alguma acção chimica sobre os tecidos organicos.

Cada um dos tres mineraes, considerados de per si, póde ter uma certa acção physica. A cal e argila, absorvendo os humores cadavericos, e a areia, deixando-se repassar dos mesmos humores, promovem a secura dos tecidos.

Carlos Ribeiro no campo, calcando os terrenos, e no gabinete com os fosseis na mão, coadjuvou-me sempre com os seus notorios conhecimentos geologicos e geodesicos. Folgo de poder aqui testimunhar o meu profundo reconhecimento por tão valiosos serviços.

Parecendo assim desfavoravel á decomposição cadaverica a acção isolada d'aquellas tres substancias mineraes, e sendo practicamente sabido que a putrefacção é mais prompta nos terrenos que tem aquella composição, parece que deveremos attribuir o phenomeno á sua influencia indirecta; isto é, á sua permeabilidade em certo gráu, em quanto a chimica não adiantar os nossos conhecimentos a este respeito.

A distancia do cemiterio da Conchada é excessiva [1] — 800.^{m} em linha recta, e 1511.^{m} pela estrada que se ha de abrir por Mont'arroio, cêrca da Graça etc.; mas este inconveniente deverá desapparecer com o systema de carreteiras ou carros mortuarios, que a Camara tenciona adoptar. Em geral podemos dizer que a salubridade das povoações ganha com a maior distancia dos cemiterios; mas o serviço evidentemente se difficulta na proporção da distancia. Conciliando com a hygiena a commodidade do serviço, ficaria razoavel a metade da distancia da cidade á Conchada, se o terreno o permittisse.

A. A. DA COSTA SIMÕES.

[1] Segundo Foy esta distancia deverá ser d'alguns centenares de metros. Maret marca 25 a 30 pés (76^{m},1975 a 91^{m},437) para o espaço atmospherico infeccionado por um cadaver, devendo diminuir 2 a 3 pés (6^{m},0958 a 9^{m},1437) por cada pé de profundidade nos cadaveres sepultados. Tambem faz entrar no calculo a refracção dos raios miasmaticos na razão da profundidade da sepultura.

A MINHA VIDA.

Pobre poeta a tua vida
Que triste vida não é!
D'illusões que te cercaram
Nenhuma resta de pé,
No peito frio-gelado
Morreram crenças e fé.

Eu tive crenças no mundo
Senti as crenças finar,
Tive fé n'uma donzela
De lindos olhos sem par;
Mas vi a dama formosa
Mentidas fallas fallar.

Era bella, era formosa,
Tão formosa como o lyrio,
Amei-a com desespero
Com frenesi, com delirio;
Dei-lhe a c'roa de poeta
Deu-me a c'roa de martyrio!

D'um sorriso na amargura
Soletrei-lhe a decepção
Implorei-lhe um — sim — nos labios
Espriguiçou-se-lhe um-não
Era o gêlo quando cahe
Sobre as lavas dum volcão.

*

E depois eu tantos prantos
E tão sentidos chorei,
Que as minhas faces coitadas
Com esses prantos crestei.
A magoa pungente e triste
Comigo mesmo calei.

Essa fé n'alma embalada
Eu vi-a n'alma extinguir,
Seccou-se-me o sentimento
Por tão acerbo sentir:
Veiu a mão da indiff'rença
Meu coração comprimir.

Vi a morte de bem perto
Cruzei os braços, sorri.
Novo amor me prometteram
Mas da promessa descri,
Amisade me offertaram
Mas desdenhei, mas fingi.

E a flor da minha vida
Murchou-se ainda em botão,
Pelas lagrimas fanada
Que brotaram d'afflicção,
Por essas dores que devo
Da desgraça á ferrea mão.

E rojadas no pó essas crenças
Tenho fé, tenho crença em Jesus,
Tenho fé no amor do Eterno
Tenho crença no astro da cruz!

E. MARECOS.

O MOSAISMO E AS DOUTRINAS RELIGIOSAS DO EGYPTO.

Continuado de pag. 4.

II.

Toda a philosophia tem antecedentes, diz Vacherot[1]: o neo-platonismo interroga successivamente Orpheu, Homero, Hesiodo, Pythagoras, Platão, Aristoteles e Zenão, e descobre nelles o germen, o fundo do seu proprio pensamento: do mesmo modo a India pésa sobre a Grecia, esta brilha sobre a cidade de Romulo, e ambas vem a modificar a civilisação dos tempos posteriores.

Nesta communicação universal do genio, neste magnetismo sem fim, como lhe chama Aimé Martin, é difficil assignar a parte de cada nação.

Que a theologia e ao mesmo tempo profunda philosophia de Moises tem antecedentes, não o negamos; mas para os conhecermos não é o Egypto, não é a India, não é a Persia, que devemos interrogar; são as crenças do povo hebreu, são as tradições conservadas pelos patriarchas, são as doutrinas a elles reveladas pelo Deos de Abrahão, e de Isaac.

Na materia que nestes artigos nos propomos tractar, devemos distinguir as cerimonias do culto da essencia e da substancia do dogma.

Que naquellas haja *em parte*, alguma analogia entre os hebreus e os egypcios não o negamos, e Calmet nas suas *Dissertações sobre a Escriptura Santa* o confessa[1]; mas é por outro lado bem conhecida a tenacidade com que os prophetas procuraram affastar os judeus de muitas practicas supersticiosas que haviam trazido do Egypto.[2]

Nós consideramos a questão tão sómente em relação ao dogma, pondo de parte o que diz respeito ao culto, por ter nella pouca ou nenhuma influencia. A Religião Catholica não se póde negar que participa algum tanto da antiguidade em algumas das cerimonias de seu culto, mas diremos por isso que ella não é mais do que uma derivação das falsas religiões que a precederam? por certo que não, e é neste sentido que se devem entender estas palavras que Chateaubriand deixou escriptas no seu *Genio do Christianismo* — « *no instante em que fixamos os olhos sobre o sacerdote christão julgamo-nos transportados á patria de Numa, de Licurgo ou de Zoroastro.* »

Expôr rapidamente as doutrinas religiosas dos Egypcios, comparal-as depois com as de Moisés, é o systema que vamos seguir, para tornar mais saliente a verdade da proposição que apresentámos no primeiro artigo.

Os auctores que tem escripto sobre esta parte da historia desse povo ou exageram sobre maneira a sua sabedoria, como fizeram os neo-platonicos[3] e os sabios francezes que acompanharam Bonaparte a esse paiz, ou cahem no excesso contrario deprimindo-a em demasia, como Brouwer, Letronne, e Ampére.

Que o Egypto era um povo dos mais illustrados da antiguidade não ha negal-o. O poeta hebreu querendo exaltar a Salomão, representado na Escriptura como o mais sabio dos homens, diz que o seu saber excedia todo o dos Egypcios[4]; o mesmo attesta S. Clemente de Alexandria; e o testemunho deste Padre da Igreja, que alguem julgou suspeito, foi modernamente confirmado do modo mais authentico; Diodoro (1, 49) falla de uma bibliotheca egypcia a qual faz remontar quatorze seculos antes da era christã; Champollion descobriu as suas ruinas e hoje possuimos papyros datados deste antigo deposito dos conhecimentos humanos.

As inscripções dos templos, as pyramides da antiga Mizraim não são mudas como as mumias que encerram; esses livros de granito

[1] *Hist. de l'école d'Alexand.* t. 1. p. 1.

[1] Tom. 2. Part. 1. p. 35. seg.

[2] Jos. XXIV., 14; Ezech. XX., 7, 8, etc. — O bezerro de ouro era talvez uma recordação do boi sagrado dos egypcios.

[3] É a elles que Egger e outros attribuem a composição dos livros *hermeticos*, verdadeiro mixto de doutrinas gregas, de crenças orientaes, e de sentimentos christãos — Baehr, *Real Encycloped. des Alterthumswiss.* v.° Hermes; *Dicc. des scienc. philos.* de Franck, v.° Egyptiens.

[4] Liv. 3. dos Reis, VI., 30.

e de marmore não são, como escreveu Martin, monumentos ininteligiveis de um pensamento que já passou. Hoje depois dos trabalhos de Champollion, de Rosellini e outros sabios podemos dizer que o veu que a nossos olhos encobria a historia dessa nação está, senão de todo, ao menos em parte levantado [1]: seus hieroglyphos já não são mysterios indecifraveis.

A parte religiosa achava-se como dividida em dous campos. O sacerdocio era em suas ramificações infinitas o depositario da religião, a qual, envolta em mysterios, só era communicada aos reis: a massa do povo não conhecia essa religião em essencia, se a possuia era verdadeiramente degenerada e cheia de fabulas as mais grosseiras. É o que nos levam a crer Origenes, S. Clemente d'Alexandria, e a maior parte dos escriptores gregos.

A doutrina dos sacerdotes apresenta-se, como a dos brahmanes da India e a dos magos da Persia, debaixo da duplicada fórma de theogonia e de cosmogonia, e baseada n'um pantheismo ora mais physico ora mais intellectual, e na personificação da natureza, mais ou menos identificada com as potencias do espirito, e concebida debaixo de uma unidade mysteriosa, onde Deos e o universo se confundem.

Revela um deos sem nome, incorporeo e infinito, origem de todas as cousas, e que devia ser adorado em silencio; é o pai, bom por excellencia, e eterno; é o todo no todo e pelo todo; é anterior ao primogenito dos deoses, que foi o primeiro dos reis.

O mundo foi feito pela palavra de Deos, a qual é a sua vontade, e ao mesmo tempo seu corpo.

O creador supremo gerou de si proprio o creador subordinado, filho semelhante ao pae. É *Kneph*, é *Amoun*, é o espirito que tudo penetra, o principio de toda a organisação, a alma do mundo em fim. [2]

Com o espirito nasceu tambem a materia do principio unico, que a ambos encerra de toda a eternidade. A materia penetrada e animada pelo espirito é o receptaculo e a circulação de todas as cousas, e encerra em si todos os elementos e fórmas elementares Era grosseira e sem fórma quando o espirito lhe imprimiu o movimento, a concentrou n'uma só massa, e lhe deu a fórma de uma esphera com todas as suas qualidades. Essa esphera é o *ovo* do mundo, que *Kneph* deixa escapar da bôcca, o verbo manifestado, a palavra visivel que o Demiurgo proferiu quando quiz formar todas as cousas.

[1] Vide a tal respeito os estimaveis discursos do cardeal Wisemann *sobre as relações das sciencias naturaes com a religião revelada.*

[2] Era entre outros modos representado como um homem de côr azul para exprimir a incompatibilidade e invisibilidade do creador, tendo na mão um cinto e um sceptro, que o designam como rei, como espirito vivificador, e na cabeça uma penna, emblema do movimento e da intelligencia.

O mundo, *bello* mas não *bom*, é o segundo dos seres existentes: não deixa pela sua parte de crear, porque é movel; e o movimento não é possivel senão pela geração; é igual a uma esphera e a uma cabeça, acima da qual não ha cousa alguma material, do mesmo modo que abaixo de si nada tem de intelligivel. O universo representa um grande animal, composto de materia e de espirito, é uma grande divindade, imagem de outra maior, unida a ella, habitando como na fonte fecunda de toda a vida.

Em fim um ser supremo manifestando-se debaixo de tres fórmas principaes; um verbo creador, intelligencia soberana; a queda das almas, um paraiso, um inferno, um purgatorio pela metempsychose; allegorias, personificações do sol, da lua, do ceo, da terra, dos annos, das estações etc., ou para melhor dizer a divindade tranformando-se, manifestando-se e reproduzindo-se em tudo isto; n'uma palavra grandes verdades servindo de base a immensos erros, eis a que se reduz na phrase de um historiador moderno, o Abbade Rohrbacher, a philosophia religiosa do Egypto, onde a unidade de Deos serve como de base ao polytheismo o mais extravagante, e este como de vestibulo á unidade de Deos. [1]

Continúa. L. M. JORDÃO.

[1] Rohrbacher *histoire univ. de l'Eglise Cathol.* tom. 1 e 3.; Creuser, *Religions de l'antiquité* traduit par Guigniault; etc.

ANALYSE CHIMICA

Das tintas empregadas pelos arabes na Alhambra em Granada.

Os ornamentos interiores das principaes sallas do palacio da Alhambra, antiga residencia dos reis mouros em Granada, são feitas de gêsso; as molduras e desenhos em relevo representam fórmas de phantasia: o contorno do desenho nunca reproduz objectos naturaes, como flores ou animaes, porque esta reproducção é prohibida pela religião de Mahomet: são as fórmas geometricas que se repetem constantemente, mas que nem por isso são menos elegantes e delicadas.

Desde a epocha da construcção da Alhambra, esses ornamentos não soffreram detrimento consideravel; acham-se quasi como no tempo dos Abencerrages; alem de que, protege-os o bello clima da Andaluzia, e o governo hespanhol todos os annos applica uma somma para a conservação daquelle precioso monumento.

Em algumas das sallas e galerias que circumdam o celebre pateo dos Leões, é de notar que as côres applicadas out'rora pelos arabes nas anfractuosidades das molduras,

subsistem em toda a sua integridade. São simples essas côres; compoem-se unicamente de vermelho, azul, amarello e verde; mas acham-se distribuidas com muito gosto: o vermelho e o azul, porem, são as mais notaveis.

A data da construcção do edificio não é conhecida com exactidão. Os mouros foram dalli rechaçados em 1492, segundo diz a seguinte inscripção, que existe gravada n'uma lamina de marmore collocada em a principal torre de Casbah na Alhambra:

El dia 2 de enero, del año de 1492 de la era cristiana, a los 777 de la dominacion arabe, declarada la victoria y hecha entrega de esta ciudad, a los S. S. reyes catolicos, se colocaron en esta torre, etc., etc.

As pinturas de que fallamos são por tanto anteriores ao seculo XV.

Eis ahi a analyse que dessas tintas fizeram MM. J. Persoz e Ed. Collomb, quando estiveram na exploração geologica da Andaluzia.

A materia azul tirada em grande parte do gêsso, e tratada primeiro pelo acido acetico cristallisavel e pelo alcool, para a separar da substancia gorda ou cerosa que parece acompanhal-a, adquiriu com este tratamento grande vivacidade; sujeita depois á acção da potassa caustica concentrada, não soffreu alteração alguma. Posta em contacto com o acido chlorhydrico concentrado, descorou-se immediatamente, tornou-se branca, manifestando-se um deposito floconoso e gelatinoso, e não obstante fazer-se a experiencia em pequena quantidade de substancia, desenvolveu-se sensivelmente gaz sulfuroso. Em presença destas reacções, póde-se concluir que esta tinta é formada d' azul verde mar.

A côr verde, tratada pelos mesmos reactivos acha-se composta de dois elementos; azul e amarello; o azul manifesta todas as propriedades do azul verde mar, e por tanto é o que serviu de base á côr verde.

O elemento amarello, levemente aquecido sobre uma lamina de platina, destruiu-se immediatamente, tornando-se primeiro negro e manifestando reacções proprias d'um corpo organico.

A côr vermelha, previamente dessecada, e levemente calcinada para lhe tirar alguma materia organica que podesse conter, passou do vermelho vivo ao vermelho escuro; depois coberta de limalha de ferro puro, e calcinada mais fortemente á chama d'espirito de vinho, appareceu no meio do tubo uma aureola, em que foram reconhecidos muitos globulos de mercurio; injectando-lhe uma gota d'acido nitrico, desenvolveram-se vapores rutilantes; evaporada até seccar, a aureola corou-se de amarello alaranjado, depois sujeita á acção dos vapores de hydrogenio sulfurado, passou primeiro a amarello escuro, depois a pardo anegrado. Estas reacções indicam claramente que a côr vermelha é formada de vermelhão ou sulfureto de mercurio.

Resulta pois que o azul e o vermelho que os arabes do seculo XV empregaram em suas pinturas, eram compostas de azul verde mar e de vermelhão.

A PHYSIOLOGIA E AS PALAVRAS NO SEU SENTIDO IDEOLOGICO.

« As palavras, diz Cournot no seu *Ensaio sobre os fundamentos dos nossos conhecimentos*, são como as moedas; com o uso desapparece o cunho, e depreciam-se; esquece-se o sentido proprio, e deixa de existir entre a expressão sensivel e seu valor representativo, esse accordo que a razão reclama.

Esta observação judiciosa do philosopho-mathematico, com quanto muitas vezes verdadeira, é inexacta em muitos casos; e um delles se verifica em nosso pensar, a respeito da palavra *physiologia*. Haverá identidade entre o sentido etymologico e scientifico desta palavra? Será propria a sua applicação no sentido scientifico? Serão preferiveis outras que a elle se tem pretendido substituir para designar a sciencia *physiologica?* Eis o objecto deste trabalho, que com quanto possa parecer futil ou de nenhuma importancia, todavia é em seus resultados que principalmente se manifesta o interesse de sua materia.

É bem sabido que a palavra physiologia se deriva das gregas φυσις e λογος; φυσις (*natura*, de φυω *nascor*) apresenta varios sentidos pois designa já a essencia ou constituição primordial de *uma* cousa (isto é, suas qualidades, origem ou causa) já a realidade, tanto phenomenalisada (o universo, a *natura naturata*), como a causa do universo (a *natura naturans*, o *Absoluto* de Schelling, a *Idea* d' Hegel, o *Zero*, ou indifferentismo de Oken).

Hyppocrates, o fundador da medicina, genio ainda hoje venerado, e que tanto avançou além dos conhecimentos de sua epocha, definiu a natureza — *um agente interior, que trabalha para o todo e para as partes*; deduzia tal significação do sentido lato d' essencia ou causa, por ser ella a causa da vida [1]

A *physiologia* será pois etymologicamente a sciencia da vida na accepção de Hyppocrates, ou em sentido lato a sciencia da natureza nas suas diversas accepções. Quasi todos os physiologistas consideram a physiologia como a sciencia da vida, ou da natureza, propriedades, funcções, e leis dos corpos vivos. Não se limita porem a uma *anatome animata*, como dizia Haller; suas aspirações, já o sentia Burdach, são mais elevadas.

Parece-nos que a palavra physiologia no

[1] Principio este similhante á *alma* de Stahl, ao *archéo* de Van Helmont, e ao principio vital de Barthez.

sentido etymologico (de Hyppocrates) é perfeitamente identica á sua accepção scientifica. Tomada porem a palavra natureza no sentido lato essa identidade á primeira vista parece desapparecer.

Burdach porem definindo physiologia a sciencia da essencia do homem, salva essa desharmonia: entre as idêas de *essencia* e de *realidade* ha uma relação intima, até certo ponto teleologica; suppõem-se mutuamente, são inseparaveis. E por isso alguem disse que a physiologia se devia elevar ao conhecimento da realidade, não só como *natura naturata*, mas como *natura naturans*, ligando-se em certo modo á theologia natural, pela elevação ao conhecimento do ser absoluto. [1]

Essa desharmonia muito mais facilmente desapparecerá se saírmos da esphera da particularidade, e nos elevarmos á da generalidade.

O universo é um *organismo vivo* — Schelling, estabelecendo este principio, seguiu os antigos, e foi de accordo com Kant, que definira corpo organico aquelle em que tudo é fim e meio — Se Hegel não admittiu este principio é porque negou a ordem e harmonia no universo, e não via realisado neste o *processus* thrichotomico da *Idea*, these, antithese, e synthese. Negar porem esta harmonia organica é não comprehender os phenomenos sensiveis, cuja infinidade constitue a difficuldade de sua contemplação, como disse um dos poetas mais populares da Allemanha. [2]

Se pois o universo é um *organismo*, cuja vida reside no absoluto, o homem é pela sua parte um *microcosmo*, ou universo pequeno, como diziam com razão os cabalistas no seculo XV por isso mesmo que os dous principios *material* e *virtual*, que se contem no universo, se manifestam e acham todos realizados no ser humano.

Os principios materiaes que entram na composição humana são muitos dos que entram na do universo. São oxygeneo, hydrogeneo, carbone, azote, ferro etc.; uns no seu estado normal, outros no de oxido e sal; uns em dissolução, outros solidificados, differindo porem no numero e no modo de sua combinação, por que sendo 62, ou antes 63, os corpos simples [3], sem contarmos o osone, (que alguns julgam ser o elemento do oxygeneo e do azote, mas que é um estado allotropico do oxygeneo, e não como quer Schoenbein, um peroxido de hydrogeneo), destes só 15 entram na composição do ser humano [4]; e seu modo de combinação não é só binario, é ternario, é quaternario etc.; não se admittindo a theoria dos radicaes compostos, já abandonada [1], ou a de Davy, achando a *ternaria* nos inorganicos.

Todos estes modos de sêr existem realmente no homem. A materia organica indestructivel e especial de Treviranus e Tiedmann, as moleculas organicas de Buffon e Niedham, reputadas constituintes dos sêres, pertencem hoje só ao dominio da historia. A analyse das decomposições animaes e vegetaes mostram a materia passando ao estado inorganico; destruição, que é compensada pelo reino vegetal (laboratorio de vida organica, como lhe chama Dumas), criando materia organica que os animaes a seu modo elaboram: dizemos, a seu modo elaboram porque alguns chimicos entre elles, Payen, Dumas, e Boussingault, tal não admittiam; estes ultimos porem convenceram-se depois das experiencias de Milne Edwards e Huber. [2]

As forças de cohesão, affinidade, e todas as mais forças geraes da materia, inherentes ou adherentes, tambem se realisam no homem, v. g., o magnetismo, o calorico, electricidade, e em summa todos os coefficientes do processo dynamico, segundo a diversidade de condições; e tal é a influencia de alguns delles, por exemplo, a electricidade, que muitos a tem considerado como causa da vida, entre elles, Fourcault, e em geral a eschola electrophysiologica.

Não se limita a istó a semelhança indicada; funcções analogas ás dos vegetaes se acham no ser humano; o seu modo de desenvolvimento, desde o estado de germen, percorre no tempo e no espaço, condições subjectivas de representabilidade das cousas, todos os gráos da idea da animalidade. É assim que Serres diz — a organogenia humana é uma anatomia comparada transitoria — idea que Kielmaier já desenvolvêra, mas que nós, na sua extensão não admittimos. A lei da unidade de composição organica que Saint Hilaire, com a synthese por fim e a abstracção por meio, descobriu, confirma esta idea; ainda que alguns eroneamente a regeitem por entenderem que involve uma limitação de sêr infinito. Ainda mesmo porem que não fosse verdadeira era incontestavelmente bella; *omnis pulchritudinis forma unitas*, disse Santo Agostinho, n'uma phrase citada a cada passo, e que seria com effeito a melhor definição do bello., se fosse possivel conter o que se apresenta debaixo de aspectos tão variados.

Continúa. A. M. DIAS JORDÃO.

[1] Se admittissemos as ideas d' Oken, nas quaes se revela um manifesto pantheismo, diriamos que isto era tanto mais necessario, quanto o homem é Deus posto no tempo e no espaço, Deos finito, Deos representado por Deos; sendo por isto necessario o conhecimento deste para a verdadeira comprehensão d'aquelle.

[2] « *Natur Betrachtueg ist endlnes* » — Gæthe.

[3] Depois da descoberta feita por Bergmann, de Bonn, de um novo metal — *Donarium* — são 63 os corpos simples hoje conhecidos.

[4] Valentin, *Grundriss dez Physcolos* 4259 etc.

[1] Liebig terminando sua chimica organica viu-se forçado a abandonar sua idea como bem nota o nosso, mestre chimico o sñr. *Pimentel*.

[2] Ann des Scienc. Nab. t. XX p. 174 — A consideração de que o assucar, amidon, e gordura tem carbone e hydrogeneo na mesma proporção, differindo só no oxygeneo, favorece a idea.

CLASSE DE SCIENCIAS MORAES.

Sessão de 12 de Março de 1853.

Presidencia do sñr. Vicente Ferrer.

Entrou em discussão o ponto sobre — *as vantagens e conveniencia do systema penitenciario entre nós.*

O sñr. *José Julio* depois de apresentar um rapido esboço do estado das prisões em Portugal, concluiu pela urgente necessidade da sua reforma por meio do systema penitenciario. Disse que este systema se reduz a dous typos, Philadelphia e Auburn; que com quanto acreditasse que entre nós conviria começar pelo de Philadelphia, por ser o mais facil de executar, achava que depois de aclimatado o systema penitenciario se devia preferir o typo de Auburn, mas com algumas modificações. Concluiu que abrindo a discussão reservava para depois desenvolver estes principios, mostrando mais largamente as razões porque rejeitava Philadelphia.

O sñr. *Luiz de Vasconcellos* começou por lamentar o estado das prisões entre nós, elogiando os esforços do Procurador regio o sñr. J. M. Forjaz para o seu melhoramento: declarou inclinar-se ao systema de Philadelphia; pois achava que não podendo a pena de prisão melhor satisfazer ao fim da correcção ou melhoramento do culpado senão pelo *isolamento completo e cellular*, o systema de Auburn não podia preencher esse fim. Remontando ao principio penal, cuja transformação completa attribuiu á influencia do Christianismo, mostrou como o isolamento completo, empregado em Philadelphia, delle se derivava necessariamente; e tornou sensivel que o systema de Auburn com o trabalho em commum e o isolamento nocturno, não podia por modo algum dar o resultado que se esperava. Disse mais que no systema de Auburn se dizia que o silencio forçado na occasião em que os presos trabalhavam em commum, era um *muro de bronze* que entre elles se levantava, porem que elle orador não achava que esse isolamento moral extinguisse a vida de relação entre os presos; para isto mostrou que o silencio forçado não impedia a communicação, e recorrendo a principios philosophicos que largamente expoz, demonstrou que não era só pela palavra que o homem se communicava com seus semelhantes, mas tambem por gestos, signaes, etc. Dahi deduziu que isso podia ter uma pessima influencia na rehabilitação do criminoso; accrescentando mais contra o systema de Auburn a pouca vantajem do trabalho violentado, e dos avillantes castigos corporaes.

O sñr. *Ricardo Guimarães* declarou seguir as ideas do sñr. José Julio: que todas as razões o levavam a preferir o systema de Auburn; que as penas deviam ser fundadas no principio do direito, e que este não podia ir de encontro a uma das tendencias mais essenciaes do homem, qual é a sociabilidade, como succedia no systema de Philadelphia. Mostrou mais que este systema não podia pelo isolamento cellular trazer comsigo o arrependimento e moralisação do culpado, como o typo de Auburn, e citou para exemplo um dito do general Lafayette. Em fim concluiu que devendo a pena ser economica, como dizia Rossi e era tambem o sentir de Bentham e outros criminalistas, achava ser o systema de Auburn mais proprio para satifazer a esse fim, assim como para a melhor execução do trabalho, á vista das ideas economicas hoje em voga na républica das lettras.

O sñr. *Levy* começou por dizer que se lhe não estranhasse nesta questão o elle remontar ao principio fundamental do direito, pois achava que sem isso não era possivel dar um só passo. Sustentou o principio de Rœder (*o restabelecimento do estado-de-Direito pelo melhoramento do criminoso*), o qual ia de accordo com a theoria juridica de Krause; declarou que rejeitava o systema de Rossi porque no campo do direito não admittia senão um principio absoluto do justo; e mostrou depois como do principio de Rœder se deduzia como consequencia a adopção do principio de Philadelphia, por ser o mais proprio para operar a regeneração do criminoso com mais segurança para elle e para a sociedade. Declarou não entrar no exame das causas que tem concorrido para o augmento da criminalidade para evitar divagações alheias da questão principal, mas que seguia nesta parte as ideas apresentadas pelo celebre jurisconsulto hollandez Den Tex no seu opusculo *de causis criminum*. Concluiu dizendo, que com quanto não fosse apaixonado dos argumentos de auctoridade, lhe fazia pezo todavia o ver modernamente a opinião dos sabios inclinar-se para o systema de Philadelphia como succedeu no congresso penitenciario de Francfort sobre o Meno em 1846; e que na sessão seguinte apresentaria suas ideas sobre os meios mais faceis de levar á execução em Portugal esse systema.

O sñr. *Ferrão* disse que quatro instituições eram nenecessarias para uma boa organisação social na especialidade sobre que se discutia: 1.° um bom systema d'instrucção publica. 2.° casas de refugio e educação. 3.° estabelecimento de casas penitenciarias. 4.° um meio de emprego prompto para os que sahissem das penitenciarias. Sustentou que taes instituições incumbiam como dever á sociedade.

Estabeleceu como base d'um bom systema penitenciario a classificação de presos; isolamento durante a noite; trabalho, e educação civil e religiosa em commum; silencio absoluto entre os presos; emprego de esperança de alcançar minoração de rigor etc., todas as vezes que se dessem provas de melhoramento; e substituição dos castigos corporaes, praticados nas penitenciarias d'Auburn, pelo isolamento temporario.

Sustentou que este systema mixto estava em perfeita harmonia com os principios fundamentaes de direito penal, pelo qual não podia admittir penas perpetuas e irreparaveis, e defendeu-o ainda com argumentos psycologicos, e economicos.

Apresentou como causas principaes dos crimes a falta de instrucção moral e civil; e o augmento do proletariato, cuja origem historica indagou; apresentando alguns meios de melhorar esta classe. Sustentou finalmente o direito que tinha a sociedade de exigir o trabalho aos presos, devendo todavia estabelecer nas penitenciarias caixas economicas, etc.

O Secretario,
Levy Maria Jordão.

NOTICIARIO SCIENTIFICO.

Physica. A'cêrca do poder dispersivo das duas electricidades, tem-se dito e repetido em differentes Memorias, que a electricidade negativa ou resinosa se perde mais promptamente do que a electricidade positiva ou vitrea. As experiencias tinham sido feitas com a electricidade d'uma garrafa de Leyde, que se descarregava por um excitador, *ou espintherometro*, terminado em cada uma de suas duas bifurcações por uma bóla e uma ponta. Taes eram, por exemplo, as experiencias de Belli. M. Zantedeschi achou que esta proposição não se verificava, pelo menos na descarga dos electrophoros. Dous electrophoros carregados positivamente, não tinham conservado a carga mais d'um mez, e carregados negativamente ainda davam, passados oito mezes, signaes mui manifestos d'electricidade. Estas observações, feitas por Zantedeschi em 1850, 1851 e 1852 com dous electrophoros, que elle tinha mandado construir para o gabinete de physica da universidade de Padua, o conduziram a uma applicação util, que consiste em carregar negativamente os discos resinosos *(mastics)* dos electrophoros bem como os pratos

collectores (*collectori*) dos condensadores, para que conservem a carga por muito tempo.

Magnetismo terrestre. Do estudo comparativo que M. Rod. Wolf, director do observatorio de Berna, tem ultimamente feito dos numeros annuaes que Schwabe, de Dessau, obteve para as manchas do Sol, bem como das medias variações annuaes em declinação, que Lamont, de Munich, achou para as variações das agulhas magneticas; resulta que *os numeros das manchas e as variações medias em declinação são submettidas ao mesmo periodo de* $10\frac{1}{3}$ *annos, e que estes periodos se correspondem de tal sorte, que os numeros das manchas tocam o seu maximo na mesma epocha, que as variações.* Parece pois evidente que a causa final d'estas duas mudanças no Sol e na Terra deve ser a mesma, e assim haverá uma base para o estudo de muitos problemas importantes, até'gora sem solução.

Mais recentemente M. Rod. Wolf communicou á academia das sciencias de França, que tinha continuado a estudar estes phenomenos, e lido perto de quatrocentos volumes para ter conhecimento de todas as observações das manchas solares desde a sua descoberta, contando ter brevemente concluida uma Memoria sobre o *retorno periodico do minimo das manchas solares, e a concordancia entre estes periodos e as variações da declinação magnetica.*

Esta Memoria é dividida em seis partes, de cada uma das quaes não deixará de merecer desde já interesse o conhecimento do seu conteudo.

« No primeiro capitulo, se demonstra, por meio de dezesseis epochas differentes, estabelecidas pelo minimo e maximo das manchas solares, que a duração media das manchas solares deve ser fixada em

$$(11,111 \pm 0,038) \text{ annos},$$

de sorte que nove periodos equivalem a um seculo.

« No segundo capitulo, se mostra que em cada seculo os annos

$$\left.\begin{matrix} 0,00 & 11,11 & 22,22 & 33,33 & 44,44 \\ & 55,56 & 66,67 & 77,78 & 88,89 \end{matrix}\right\}$$

correspondem a minimos das manchas solares: o intervallo entre o minimo e maximo seguinte é variavel: e o medio é de cinco annos.

« No terceiro capitulo, se contem a enumeração de todas as observações das manchas solares desde Fabricius e Scheiner até Schwabe, posta continuamente em parallelo com o periodo de Wolf de 11,111 annos.

« No quarto capitulo, se estabelecem analogias notaveis entre as manchas solares e as estrellas variaveis, por onde se póde concluir uma ligação intima entre estes phenomenos singulares.

« No quinto capitulo, se demonstra, que o periodo de 11,111 annos coincide mais exactamente ainda com as variações em declinação magnetica, do que o periodo de $10\frac{1}{3}$ annos de Lamont. As variações magneticas seguem as manchas solares, não só em suas mudanças regulares, mas até em todas as pequenas irregularidades, o que parece sufficiente para se ter definitivamente provado esta relação importante.

« No sexto capitulo, se trata d'uma comparação entre o periodo solar e as indicações meteorologicas contidas n'uma chronica de Zurich sobre os annos 1000 a 1800. Resulta, segundo as idêas de William Herschel, que os annos em que são mais numerosas as manchas, tambem são em geral mais seccos e mais ferteis do que os outros, os quaes pelo contrario são mais humidos e mais tempestuosos. As auroras boreaes e os tremores de terra, indicados n'esta chronica, accumulam-se d'um modo pasmoso nos annos de manchas.

Astronomia. Acreditou-se geralmente atéqui que uma das componentes da 61 do Cisne percorria em quinhentos ou seiscentos annos, em torno da outra componente, uma orbita cujo semieixo maior pouco devia exceder a 15″ou 16″. Estas conclusões eram na opinião de M. Faye prematuras, por que as observações da 61 do Cisne não podiam para isso auctorizar. E foi sobre estes dados vagos que se calculou a massa da 61, e o comprimento absoluto do eixo maior da sua orbita. Porem M. Struve adverte no grande catalogo de Dorpat novamente publicado, que ha cem annos o movimento relativo das duas estrellas não differe sensivelmente do movimento rectilineo e uniforme. Este aviso bem extraordinario, e por ventura inesperado, veiu inutilizar tudo o que se tinha dito á cerca da orbita e da massa d'esta estrella dupla; e fazer consignar uma correcção, que a ultima e importante publicação de M. Struve torna indispensavel.

Economia rural. Ovos de Truta e Salmão tem sido conservados dentro d'uma caixa de madeira, sendo postos em camadas alternadas com area humida. Passados dois mezes Mr. Coste, depois de collocar em agua a caixa, que continha os ovos, a fim de os tornar humidos, conseguiu fazel-os desenvolver em um apparelho especial.

Este facto é de grande importancia, attentas as vantagens que podem resultar de por tal arte povoar de especies animaes, logares onde ellas não existem, e emprehender a sua aclimatação onde nunca existiram.

PROGRAMMA

D'UM CURSO DE PHILOSOPHIA DA LITTERATURA.

Lição 1.ª

Philosophia da litteratura. — Theoria do bello, e sua analyse anthropologica.

Lição 2.ª

Do bello considerado em relação á fórma: — 1.ª classificação da litteratura; logica, e chronologica. — Do simbolo, do classico, e do romantico.

Lição 3.ª

Segunda classificação da litteratura; em relação ás formas especiaes d'ella. — Das bellas lettras. e das bellas artes.

Lição 4.ª

Classificação das bellas lettras. — Da historia, da eloquencia, da poesia, e do romance propriamente dito.

Lição 5.ª

Classificação das bellas artes. — Da architectura, da scultura, da pintura, da musica, e da poesia.

Lição 6.ª

Importancia da litteratura; sua benefica influencia, e especialmente do romance na familia; e por isso na sociedade.

Coimbra 4 de Fevereiro de 1853.

O Socio do Instituto de Coimbra.

Luiz José de Vasconcellos Azevedo Silva e Carvajal.

RELAÇÃO NOMINAL

DOS

ACTUAES SOCIOS EFFECTIVOS DO INSTITUTO DE COIMBRA. [1]

Abel Maria Dias Jordão.
Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.
Alexandre Meyrelles do Canto e Castro.
Antonio Augusto da Costa Simões.
Antonio Bernardino de Menezes.
Antonio Florencio Sarmento.
Antonio Joaquim Barjona.
Antonio Nunes de Carvalho.
Antonio Xavier de Sousa Monteiro.
Bazilio Alberto de Sousa Pinto.
Bernardino Joaquim da Silva Carneiro.
Bernardo de Serpa Pimentel,
Diogo Pereira Forjaz de Sampaio.
Florencio Mago Barreto Feio.
Francisco Antonio Diniz.
Francisco Antonio Rodrigues d'Azevedo.
Francisco de Castro Freire.
Francisco José Duarte Nazareth.
Francisco Moniz Barreto,
Frederico d'Azevedo Faro e Noronha.
Henrique O'Neill.
Jacintho Antonio de Sousa.
Jeronymo José de Mello.
João Alberto Pereira d'Azevedo.
João Antonio de Sousa Doria.
João Baptista da Silva Ferrão.
Joaquim Augusto Simões de Carvalho.
Joaquim Januario de Sousa Torres e Almeida.
José Ferreira de Macedo Pinto.
José Julio d'Oliveira Pinto.
José Maria d'Abreu.
José de Menezes Parreira.
José Teixeira de Queiroz.
Justino Antonio de Freitas.
Levy Maria Jordão.
Luiz Albano d'Andrade Moraes.
Luiz de Vasconcellos Carvajal.
Manoel de Serpa Machado.
Raymundo Venancio Rodrigues.
Ricardo Guimarães.
Rodrigo Ribeiro de Sousa Pinto.
Roque Joaquim Fernandes Thomaz.
Vicente Ferrer Neto Paiva.
Vicente José d'Almeida Seiça.

[1] Qualquer reclamação que possa haver, tem de ser feita perante a Direcção do Instituto.

BIBLIOGRAPHIA.

Descripção da visita, que o exm.º e rm.º sñr. Arcebispo, Bispo Conde, fez ao real collegio Ursulino das Chagas, em S. José de Coimbra, no dia 14 de fevereiro do corrente anno.

Com este titulo acaba de sair á luz uma curiosa, e mui interessante Memoria, em que se dá noticia do estado d'aquelle Collegio, não só no que toca ao edificio, e ás obras, alli feitas, para apropria-l-o ao fim, para que fôra destinado; mas tambem quanto ao adiantamento dos estudos, lavores, e bellas artes.

É a primeira vez, que entre nós se apresenta assim ao publico o quadro dos estudos de uma casa de educação do sexo feminino; e este quadro, singelo, como é, offerece o verdadeiro modelo da mais fina e aprimorada educação, e da mais solida e proveitosa instrucção.

Mas não é este o unico titulo, porque se recomenda esta excellente Memoria, tão apreciavel pela copia de factos e noticias d'aquelle estabelecimento; como pela elegancia, e amenidade do estilo, e pureza de linguagem, repassada da mais religiosa uncção, com que o A. soube ornar o assumpto, captivando a attenção, e enlevando o espirito com tão engenhosa traça, que faz recordar as mais bellas paginas do nosso fr. Luiz de Sousa.

E, para não parecermos encarecidos, aqui estampamos, por amostra, a breve descripção da varanda do collegio, d'onde se desfruta uma das mais formosas vistas das encantadoras margens do Mondego.

« Na frente d'esta espaçosa varanda, ou mirante, « em todo o correr do edificio, estende-se um taboleiro « de terra plana, cercado de muro alto, e dividido por « muitos alegretes, em ruas de murta, que offerecem « ás meninas o passeio mais aprasivel, e a distracção mais « agradavel, sem serem devassadas de parte alguma; e po- « dendo ser observadas das janellas do Collegio, que quasi « todas para alli cáem. Todas tem n'este recinto o seu jar- « dinsinho de flores, em que empregam cuidados, de que « um dia se hão de lembrar com saudade, quando outros, » que tem tanto de tristes e enganosos, como aquelles de « alegres e innocentes, lhe vierem roubar o somno e o so- « cego; e perturbar essas felicidades do mundo, com que, « por ventura, tantas vezes teem sonhado.

« Sobranceira ao Mondego, como todo o edificio o é, e « senhoreando suas bellas margens, desde a quinta de S. « Jorge, aonde elle parece nascer, até quasi á ponte da « Cidreira, no campo do Bolão, d'ella, e da cêrca, que « lhe fica ao supé, recostada, ladeira acima, deleita-se a « vista na frescura dos laranjaes e quintas, que correm « de uma e outra beira do rio; algumas com edificios no- « bres, e todas ricas d'hortas, pomares, vinhas, e bos- « ques, que na maior parte do anno manteem uma verdura « perpetua.

« Mil casaes e logarejos, se descobrem alvejando, se- « meados aqui e alli, por entre os bosques e extensos oli- « vedos, até á altura dos montes, que rodeam a cidade.

« A Boa vista, a poetica Lapa dos esteios, a quinta « das Cannas, a da Varzea, e a das Lagrimas, com seus « melancolicos cedros, não sei se guardando a *fonte dos* « *amores*, se chorando o triste caso, que ella recorda; o « velho mosteiro de S. Clara, quasi soterrado, e o novo, « assentado sobre o monte da Esperança; e á raiz d'este, « o convento de S. Francisco; as estradas, que se cruzam « em tão variadas direcções; o rio, ora correndo de monte « a monte, ora espriguiçando-se descuidado pela arêa; e « a ponte, com o seu continuado perpassar de gente sem « conto, que d'alli se avistam, recream, enlevam o espirito « e o coração; e dão margem a mui saudaveis considera- « ções, com que a boa mestra póde e deve ensinar suas « discipulas a estudarem, pela natureza, as excellencias « d'Aquelle Senhor, que para nós creou tantas bellezas! »

Sentimos somente, que a modestia do illustre A. desta Memoria nos obrigue a calar, o nome que, para credito seu, quizeramos publicar com a noticia do seu excellente e primoroso trabalho.

J. M. DE ABREU.

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERÁRIO.

A QUESTÃO DA INSTRUCÇÃO PUBLICA EM 1853.

Desde 1834 se agita neste paiz a questão da instrucção publica. Differentes phases tem apresentado devidas á differença na comprehensão do objecto, no desenvolvimento que ministros diversos tiveram por conveniente dar-lhe; e mais que tudo á tendencia, e gosto de imitação que geralmente se nota em todas as nossas reformas.

Pouco temos adiantado com tantos, e tão porfiosos trabalhos no decurso de 19 annos! A instrucção primaria, a instrucção do povo, a indispensavel a todo e qualquer individuo para acudir ás primeiras necessidade da vida; e ao estado para satisfazer ás exigencias do serviço publico, póde dizer-se que não tem melhorado, nem em numero de escholas, nem em qualidade de professores; se exceptuarmos as escholas de ensino mutuo, que quasi abandonadas em outros paizes á voz da experiencia, são todavia entre nós as melhores que possuimos; quiçá pela attracção que o melhor ordenado tem feito de homens de algum merito para o magisterio.

A secundaria, a que fórma o homem da sociedade, habilitando-o para as profissões diversas, e para o tracto civil com os outros homens, mais tem adiantado com a organização, e exercicio dos lyceus, hoje existentes em todas as capitaes de districto do continente e ilhas adjacentes. Mas ainda está mui distante do ponto, a que deve chegar. Os estudos classicos, o ensino de humanidades certo que convem á classe mais elevada, e a toda a classe media; porque, desenvolvendo gradualmente as faculdades intellectuaes e moraes, são a baze indispensavel para o estudo das profissões. Mas não basta ter conhecimento das linguas antigas, e modernas; saber os costumes e habitos dos differentes povos; ler a historia de grandes feitos, dignos de serem imitados; aprender as regras da eloquencia; os preceitos da arte de raciocinar.

A sociedade hoje exige mais. O homem social não vive só do passado, tem de viver do presente e preparar o futuro. As exigencias da sociedade não são hoje o que eram no seculo passado. As artes pedem á sciencia o auxilio de seus raios animadores. O vapor, a electricidade, o ar vão fazendo uma revolução semelhante á que em seculos anteriores fizeram a imprensa, a polvora, a bussola. O homem que busca a instrucção dos estudos secundarios, deve ficar habilitado para qualquer carreira que tente abrir na vida social. As sciencias industriaes devem ser hoje cultivadas nos lyceus, e collegios de instrucção secundaria.

Assim acontece nos paizes civilisados. Mas nem todos teem sabido tirar as devidas e desejadas vantagens daquella idea luminosa, e fecunda. Uns, dando caracter demasiado especulativo áquelles estudos scientificos, não preparam os alumnos senão para estudos superiores dedicados ás profissões liberaes, inutilisando dessa arte o fructo que dellas podiam colher as artes mecanicas, a que se dedica a maior parte do povo: outros obrigando indistinctamente todos os alumnos aos mesmos cursos de lettras e de sciencias, não respeitando as vocações e destinos, teem tornado inutilmente difficil os estudos dos lyceus afugentando a concorrencia, e produzido o saber superficial, que é mais perigoso do que a ignorancia pelas posições falsas que alenta, e aspirações indiscretas que promove.

Conhecendo e corrigindo o seu erro reformou ha pouco a França o systema do ensino nos seus lyceus. Separou a carreira litteraria da scientifica; instituiu o gráu em lettras, e gráu em sciencias; classificou os estudos secundarios em communs a ambos os gráus, e privativos de cada um delles. Por esta traça começa logo na instrucção secundaria a abrir-se a carreira, a que os alumnos se destinam na vida social.

Entre nós é de urgencia ajuntar aos estudos dos lyceus o ensino scientifico. A lei de 20 de setembro de 1844 creára já alguns ramos deste ensino em lyceus, que mais os exigiam para satisfazer a necessidades locaes: e auctorisou o governo a crear outros regulando-se pelas conveniencias do ensino. Mas o ensino scientifico na instrucção secundaria não póde ter o caracter, que tem na superior. As subtilezas, as methaphisicas, os principios abstractos, a parte transcendente das sciencas não póde ter logar nesse genero de instrucção. O caracter do ensino não deve ser senão practico e experimental, precedido das noções geraes indispensaveis á intelligencia

da practica. Esse caracter especial de ensino exige professores especiaes habilitados com o conhecimento dos methodos adoptados em outros paizes, onde tem prosperado. Não temos preparado por em quanto esses professores: e parece que prudente tem andado o governo em não realisar uma idea que podia arriscar todos os resultados, dando ao ensino caracter pura e simplesmente especulativo, que apenas servíra de introducção aos estudos das faculdades.

Na sessão legislativa de 1849 houve um deputado, que propoz um projecto de lei auctorisando o governo a fazer despesas com homens habilitados em sciencias phisico-mathematicas para visitarem, e se instruirem nos methodos de ensino dos ramos industriaes em França, e Allemanha; e no fim de dois annos serem providos no ensino desses ramos em os nossos lyceus. Parece que o estado pouco lisongeiro das nossas *finanças* embargou o passo á aquelle projecto na commissão de fazenda, a que fôra remettido.

Não seria todavia grande a despesa, a que o projecto obrigava o thesouro: e, se o fosse, despesas reproductivas, e de tão grande momento, são dignas de algum sacrificio.

É certo que ao pequeno número de escholas de instrucção primaria não concorre o numero de alumnos, que fôra de esperar: nem aos lyceus acode numero que corresponda á despesa que com elles se faz. Mas o que está acontecendo entre nós, tem succedido n'outros paizes; porque o gosto das lettras e das sciencias não se decreta, nem se inocula nos povos senão lenta e gradualmente. A instrucção é arvore que não dá fructo no primeiro anno.

Temos actualmente 1:168 cadeiras de instrucção primaria de ambos os sexos, frequentadas por 43:200 alumnos. Custa ao estado cada alumno 1$900 reis annualmente. De instrucção secundaria temos 243 cadeiras frequentadas por 3:515 alumnos. Custa cada um annualmente 15$930.

Continúa M.

O MOSAISMO E AS DOUTRINAS RELIGIOSAS DO EGYPTO.

Continuado de pag. 19.

III.

A differença que separa o mosaismo das doutrinas religiosas do Egypto e de todos os outros cultos da antiguidade manifesta-se do modo mais claro e evidente. A doutrina mosaica de Deos e da creação distingue-se completamente das theorias religiosas da India, da Persia, e do Egypto; ao passo que proclama a unidade de Jehovah destroe o culto material dos idolos, aniquila o symbolismo egypcio, e fulmina o absurdo systema da transmigração das almas. Tacito apesar de pagão e prevenido contra os judeos, confirma isto mesmo quando diz da sua *historia* (V, 5), — «os Egypcios adoram a maior parte dos animaes e figuras compostas de differentes especies, os judeos concebem um só Deos pelo pensamento, Deos soberano, immudavel etc.»

Examinando psychologicamente os hebreos vemos o producto puro do pensamento, a unidade pura de Deos, elevando-se e desenvolvendo-se na *consciencia* desse povo em opposição extrema com a natureza, em contradição essencial com todas as noções antigas. Foi no Sinai que se manifestou essa profunda e radical scisão, entre o mundo polytheista e o mundo monotheista; foi então que o espirito humano penetrou em si mesmo, e esclarecido pela revelação, se curvou respeitoso perante o principio sublime e espiritualista da unidade de um Deos immaterial e immenso, abandonando o sensualismo da India, de Babilonia e do Egypto com suas insolentes prerogativas, para nos servimos das expressões de Altmeyer.

Hegel nas suas *Licções sobre a philosophia da religião* confirma e desenvolve este parallelismo que estabelecemos entre os principios religiosos dos hebreos e dos egypcios. [1] O *conceito da religião*, diz elle, não se determina, não se desenvolve, e *pôe* na consciencia senão depois de passar por duas phases bem distinctas, a religião da natureza, e a religião do espirito. Na religião da natureza a apercepção immediata, o mundo sensivel é considerado como a expressão directa de Deos; a substancia deste é confundida com o phenomeno, e nelle adorada; o infinito não se distingue do finito; o espirito e a materia constituem uma unidade immediata. Assim se manifesta essa religião nos seus periodos de fetichismo e de magia na China, no Thibet, e na India; e até quando chega a formular a distincção e o dualismo, não passa alem dos limites da natureza, não toca ainda o momento da subjectividade. Na religião do espirito Deos é concebido como subjectividade, como espirito puro, como separado da natureza: por isso na *sublime* religião judaica, a substancia apparece concentrada em sua espiritualidade, *unica* e perfeitamente distincta do mundo; é a reflexão absoluta *em si*, o Deos um, eternamente identico a si, e para o qual o mundo não passa de um phenomeno que não subsiste *por si*, de uma apparencia, que é uma apparencia de Deos.

O sabio historiador do povo judaico, o distincto allemão Ewald concorda perfeita-

[1] Ed. de Marheinecke, 1832. Vide tambem Ott, *Hegel et la philos. allemande*, o qual nesta parte não apresenta quasi senão extractos traduzidos das licções do celebre philosopho d'alem do Rheno.

mente com estas idêas. Para elle o mosaismo é um verdadeiro espiritualismo que se desenvolve em opposição com o culto material do Egypto, e não duvida por isso de considerar a lucta donde os israelistas, guiados por Moisés, sairam victoriosos, como uma lucta verdadeiramente religiosa. [1]

Discordando pois tão essencialmente o principio fundamental da theologia mosaica da religião do Egypto, como considerar esta como fonte daquella? As ideas da natureza de Deos, da creação, da alma, da origem e destino do homem, conservadas por Moisés, e as quaes os progressos da sciencia e da civilisação nada tem accrescentado, são, diz judiciosamente Beauvais, [2] uma prova manifesta da sua revelação. Na verdade não é de certo por esta fórma que o espirito humano apparece no principio de seu desenvolvimento, e não poderia nesta parte o povo hebreu sobresair aos outros povos, a não ser por intervenção especial da divindade, por meio da revelação.

Nem isto foi em algum tempo objecto de duvida entre os judeos. Os dous Talmuds e todos os rabinos mostram que a crença na inspiração dos livros sanctos foi sempre entre elles um dogma de fé; de sorte que, diz o abbade Glaire, [3] não só os judeos da Palestina mas ainda os hellenistas, os schismaticos de Heliopolis, os Samaritanos, e as tres seitas que existiam no tempo de Christo, isto é, os phariseos, os saduceos e os essenios acreditavam na inspiração divina de seus livros.

O que levamos dito á cerca do principio mosaico da unidade de Deos, se applica do mesmo modo á doutrina da immortalidade da alma que apparece em toda a sua puresa, desligada da metempsychose da India e do Egypto, lei fatal que se resolve na confusão da alma em Deos, ou em o nada. [4] É bem claro pois, que não é ao Egypto que Moisés foi beber suas doutrinas, porque uma differença radical separa os principios fundamentaes das duas theologias.

O principio unitario proclamado por Moisés foi como a estrella que guiou a humanidade a novos e mais brilhantes destinos Foi delle que saiu o principio da unidade da especie humana, assim como da igualdade religiosa nasceu tambem a igualdade civil, pois é certo que a religião e o estado como que se consubstanciavam então em um só elemento; tal é, no sentir de Lauzente, o fundamento das celebres instituições mosaicas do *anno sabbatico* e do *jubileo*, as quaes o historiador allemão Leo (*Vorlesungen uber die Geschichte des judischen Staates*) considera, sem muito fundamento, como uma especie de lei agraria nascida da coalisão do sacerdocio e do povo contra os grandes proprietarios. [1]

Se a formula unitaria, mas puramente methaphysica, do Jehovah hebreo não se houvéra personificado, teria diz E. Pelletan, ficado eternamente sellada no sanctuario de Jerusalem; e na verdade a missão dos hebreos não era senão preparatoria; estava reservado ao christianismo preencher e realisar o que apenas havia sido annunciado pela religião mosaica, e applicar á humanidade inteira o principio da solidariedade, que não ultrapassára até então os limites da nacionalidade judaica.

Concluindo estes artigos sobre uma materia de tanta importancia e transcendencia, reconhecemos haver, quando muito, esboçado uma questão, que merecia ter sido tractada por quem, dotado de conhecimentos especiaes neste ramo do saber humano, podesse, senão resolvel-a, ao menos esclarecel-a e simplifical-a.

L. M. JORDÃO.

MEMORIAS HISTORICAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA. [2]

III.

Primeira trasladação da universidade de Coimbra para Lisboa.

Até o anno de 1338 permaneceu a universidade em Coimbra; destinára entretanto Affonso IV transferir para esta cidade a côrte, logo que se effeituasse o casamento do principe D. Pedro com a infanta de Castella D. Constança, e era por isso natural, que por tal motivo quizesse tirar d'alli os estudos, por evitar, que os escholares se distraissem das suas occupações com os folguedos e diversões da côrte. Acaso concurreria tambem para aquella resolução a falta, que então havia, de casas no bairro d'Almedina, como notamos já no decurso desta narrativa, para se acomodarem os cavalleiros com os seus pagens, e mais comitiva, que seguia a côrte, quando já para os estudantes, cujo numero ia crescendo, não chegavam as pousadas.

[1] Ewald Geschichte des Volkes Israel tom. 1.° p. 475 seg, tom. 2.° p. 34 seg, 93 seg — Compare-se Winer, *Biblisches Realwörterbuch*, V.° Gesetz.

[2] *Man. de philos*, *introd. p.* 4.

[3] *Introd. histor. et critiq.* tom. 1.° p. 24.

[4] Alguns porem querem que a concepção da alma fosse no Egypto superior á India, por conservar a sua individualidade para o creador, como sustenta Rosellini, *Monumenti civili*, tom. 3,° p. 285—333. Sobre o principio da immortalidade da alma entre os Hebreos vide Glaire *loc. cit.* tom. 2.° p. 484 seg.

[1] Sobre a verdadeira natureza destas instituições, que devendo a sua origem á epocha de Moisés, vieram com o volver do tempo a cair em desuso, são dignas de especial menção as duas dissertações *de anno Hebraeorum jubilaeo* de Kranold e Woldius, coroadas pela faculdade de theologia de Gottingue em 1837, e a analyse que dellas fez Bahr. nos annaes de Heidelberg em 1840.

[2] Continuado da pag. 15.

Não faltaria tambem receio de que entre os cavalleiros e jograes da côrte, e os escholares se levantassem novos disturbios, como acontecêra na primeira vez que a universidade estivéra em Lisboa.

Fossem porem estes, ou outros motivos que influiram no animo do rei para a indicada mudança, é certo, que pelo menos em maio do anno seguinte (1339) a universidade se achava em Lisboa[1] provavelmente nas mesmas casas onde já estivera, no sitio da *Pedreira*, e ahi se conservou perto de dezaseis annos, até o de 1354, em que Affonso IV novamente a transferiu para Coimbra.

Por todo este tempo que a universidade esteve em Lisboa, não consta que se tomasse providencia alguma litteraria; e o maior silencio reina nas memorias d'aquelle tempo á cerca dos estudos academicos.

Neste periodo a existencia da universidade é apenas conhecida por duas bullas de Clemente VI de 1345, e 1350. Já antes desta mudança da universidade fôra necessario demandar os commendadores de Soure e Pombal, para pagarem pelo rendimento destas duas egrejas, da ordem de Christo, a contribuição, a que estavam obrigados para os salarios dos mestres do Estudo de Coimbra. Transferida porem a universidade para Lisboa, parece, que abertamente se recusaram ao pagamento desta contribuição, allegando, talvez, que cessára este encargo com a referida mudança, servindo-se assim do mesmo pretexto com que anteriormente os prelados de diversos mosteiros se excusaram ao pagamento das collectas, que haviam offerecido para a sustentação da universidade, quando se fundára primeiro em Lisboa

O certo é, que o papa concedeu, a instancias do rei, a annexação dos fructos de algumas egrejas do padroado real, até a quantia de tres mil libras, que a tanto montava a contribuição das commendas de Soure e Pombal, para os salarios dos lentes da universidade de Lisboa.[2]

Esta bulla só teve, porem, execução passados quatro annos. Fôra causa de tamanha dilação, a difficuldade ou resistencia de alguns priores das egrejas annexadas á universidade, que allegavam que lhe não ficava congrua sufficiente, deduzida a contribuição para o estudo do Lisboa.[3]

A outra bulla do papa concedia, que os lentes e Estudantes d'aquelle estudo, percebessem os fructos dos seus beneficios por cinco annos, ainda sendo dignidades, ou curas d'almas; ficando por todo este tempo dispensados da residencia nos ditos beneficios.[1] Era este privilegio commum aos lentes e estudantes theologos, juristas, medicos, e de qualquer outra licita faculdade.[2] por onde se vê, que no Estudo de Lisboa continuaram a lêr-se as mesmas sciencias, que em Coimbra, sem exceptuar a theologia, que provavelmente se ensinava tambem nos conventos dos dominicos, e menoritas, segundo os estatutos de D. Dinis.

Assim data d'aqui o privilegio, que no andar dos tempos os papas foram ampliando, a instancias da corôa, de gosarem, os que professavam as sciencias na universidade, beneficios ecclesiasticos nas cathedraes e collegiadas, e curatos, sem a obrigação de residirem nelles, o que foi causa de muitos se dedicarem á carreira das lettras, attrahidos não só por vocação, mas tambem pelos interesses que ella lhe offerecia.

IV.

Segunda trasladação da universidade de Lisboa para Coimbra.

Em dezembro de 1354 a universidade achava-se novamente restituida a Coimbra[3]: e é muito provavel, que mezes antes se houvera verificado esta mudança. Os motivos, que a determinaram, são inteiramente desconhecidos; e nem se quer póde aventurar-se alguma conjectura a este respeito, quando de todo faltam nas memorias do tempo os mais ligeiros vestigios, por onde possa remontar-se á origem d'aquelle, e d'outros factos importantes da nossa historia litteraria.

O pequeno numero de cadeiras e professores, de que então se compunha a universidade, permittia facilmente estas repetidas mudanças, sem que isso cauzasse grave transtorno aos estudos, ou grandes despesas, e por isso um mero capricho, ou qualquer outra circumstancia de pouco momento bastaria, ás vezes, para decidir da permanencia das escholas n'uma das duas cidades.

[1] Provis. de D. Affonso IV de 5 de maio 1339 annos. Livr. *verde* da universidade.

[2] Bulla — *Dum solicita considerationis indagie etc.* (10 janeiro 1345).

[3] A execução desta bulla fôra commettida ao bispo de Evora D. Affonso, e ao de Lisboa, D. Theobaldo, então ausente do reino, e por isso ficou sendo unico executor d'ella D. Affonso de Evora. As egrejas annexadas á universidade, em virtude da mesma bulla, foram as de Sacavem, Azambuja, Torres-Vedras, e as de santa Maria, e sant'Iago de Obidos, todas na diocese de Lisboa. A respeito da de Sacavem correu por muito tempo demanda entre a universidade e o respectivo prior, sobre o pagamento da pensão imposta nos rendimentos desta egreja para os salarios dos lentes; vencendo a final a universidade por sentença de 20 de junho de 1386. (Livr. *verde* cit. fl. XL.)

[1] Bulla — *Attendentes provide etc.* (13 de setembro 1350) Liv. *verde* cit. fl. CXIV. vers.

[2] « .... *indulgemus, ut vos, et singuli vestrorum in dito studio ulixbonensi in sacra Pagina, et in jure canonico, et civili, in medicina, et qualibet alia licita facultate in civitate ulixbonensi* legentes, aut studentes, *fructus, reditus et proventus beneficiorum vestrorum ecclesiasticorum*......... libere usque *ad quinquenium percipere valeatis* .... » ibid.

[3] Carta de D. Affonso IV de 6 de dezembro de 1354, dirigida á universidade de Coimbra, em que lhe confirma os privilegios e mercês, que fizera ao dito estudo, quando estava em Lisboa. — L. *verde* cit.

Affonso IV vivera apenas quatro annos depois de trasladada para Coimbra a universidade, vindo a fallecer no de 1357. Tanto neste reinado, como no de seu successor, a historia da universidade resume-se toda nos privilegios e liberalidades que ella para si obtivera da munificencia real.

Pedro I não só lhe confirmára todos os privilegios concedidos pelos reis seus antecessores, mas acrescentára outros de novo, ampliando a jurisdicção dos conservadores, e regulando o que dizia respeito ás pousadas dos escholares dentro do bairro de Almedina, como deixamos mencionado no capitulo II destas Memorias.

N'uma epocha de cultura ainda pouco adiantada, as universidades, pela maior parte, punham nestas regalias e privilegios todas as suas miras. E o corpo escholar, que elegia os reitores, e os seus officiaes, á excepção dos conservadores, e que tinha toda a administracção do estudo geral, era demasiado cioso da sua auctoridade para não procurar firmal-a por todos os modos ao seu alcance.

Neste reinado devia ser já mui crescido o numero dos escholares, que acudiam ao Estudo de Coimbra, pelo menos, é isto o que se collige de uma carta de D. Pedro, prohibindo, que fóra das escholas publicas se lessem particularmente os *livros maiores*, por evitar o abuso, que se ia introdusindo de fazer estas leituras nas pousadas dos escholares [1]; o que certo não aconteceria, se fôra pequeno o numero dos que então acudiam a frequentar este Estudo geral.

Nesta epocha havia nas universidades lições ordinarias, e extraordinarias. Eram estas quasi sempre, professadas pelos bachareis, que aspiravam ao gráu de doutor; e versavam sobre certo numero de textos. Os escholares pagavam a estes leitores. Os *privata docentes* das universidades de Allemanha são um simile desta antiga instituição, que foi decaindo, depois que se augmentára o numero dos professores ordinarios em cada faculdade, com rendas proprias para pagamento dos seus salarios.

A universidade de Coimbra começára então a adquirir maior importancia, e a frequencia dos cursos publicos tornára-se por aquelle modo indispensavel a todos, que pretendiam habilitar-se com os estudos academicos para os cargos publicos.

Nenhuma providencia litteraria assignalou os primeiros annos do reinado de D. Fernando, até que este principe determinou trasladar novamente a universidade para Lisboa em Junho de 1379, posto que esta mudança só se effectuára no principio do seguinte anno.

Não se descuidaram entretanto os escholares de solicitar novos privilegios e isenções, que o rei liberalmente lhe concedera, como vimos já no decurso desta narrativa.

Esta tendencia que as universidades mostravam de emancipar-se do jugo da auctoridade estranha, e o empenho com que lidavam por augmentar as suas regalias, é, talvez, uma das phases mais notaveis da historia social d'aquelles tempos.

A classe media nobilitada com os titulos litterarios, que alcançava nas universidades, disputava já então os fóros e preeminencias ás outras classes mais elevadas da sociedade; e os principes favoreciam-na neste empenho pela gloria das lettras, e pelo proprio interesse de fortalecer a sua auctoridade enfraquecida nas lutas, que por vezes se viram obrigados a sustentar contra as pretenções das outras ordens do estado, que, máu grado seu, viam erguer-se aquelle novo poder, que a final devia mudar os destinos da sociedade moderna.

Continúa. J. M. DE ABREU.

CHRISTIANISMO, A EGREJA E O PROGRESSO.

Continuado de pag. 7.

V.

Embora não se considere a *reforma* de Luther como o ponto de scisão entre a segunda e a terceira edade da humanidade, como o faz Altmeyer, é com tudo inquestionavel que foi um dos maiores successos, que a historia moderna registrou em suas paginas.

Mas é por isso mesmo, que não podemos consideral-o como filho de uma questão de duas ordens monachaes; de um descontentamento popular por causa da venda das indulgencias na Allemanha; da depravação de um frade; nem mesmo, embora esta causa muito concorresse, como veremos, da necessidade de reformar os gravissimos abusos, que desde o seculo VIII se haviam introduzido na sociedade ecclesiastica. Aquelles que n'uma causa insignificante vêem a explicação de algum grande facto historico, não são myopes; são impios, porque negam as leis moraes do universo, a harmonia e a providencia.

As causas agglomeram-se, succedem-se, reproduzem-se, até soar a hora em que, segundo as leis que prezidem á ordem moral do universo, o effeito deve nascer. Um pequeno successo quebra o dique que as continha; e a torrente róla espumando, e despedaça quanto encontra na sua passagem. D'ahi a pouco todos procuram a causa do cataclysmo.

*

[1] « ...... mando que não consentades aos ditos bacharés, e scolares, nem a outro nenhum, que fóra das scholas lea em essa cidade a nenhum scholar, nem lhe dée licença nenhuma salvo de *partes* ou de *regras*, ou de *caton* ou de *cartula* ou destes livros meores, e non doutros livros, e se de cada um dos outros livros mayores quizeram ler, constrangedeos, que venham leer ás ditas scholas etc. » — C. de D. Pedro I datada de Coimbra de 22 de outubro do anno de 1357 — Liv. *verd.* cit.

Mas não vendo mais que o pequeno successo que lhe serviu de pretexto, admiram como uma causa tão pequena produziu um effeito tão grande; outros não reconhecem causas, e vêem apenas a occasião, o acaso; outros finalmente inquirem os seculos, e os testemunhos que restam do passado da humanidade; comparam, e julgam; e, caminhando de causa para causa, encontram no fim uma palavra — lei, que resume uma idea — providencia, que revela uma causa infinita — Deus!

Quaes delles acertam?

Por minha parte, impedido pelos limites naturaes deste genero de publicação, de demonstrar, como conviria, a existencia da lei eterna do progresso, apenas posso affirmar que creio nella: e quando encontro na historia da humanidade um destes factos, uma destas revoluções, marcos milliarios na via que ella percorre desde que o primeiro homem saíu das mãos do omnipotente, procuro nelle os vestigios occultos da acção do progresso, que, sob uma ou outra fórma, estou certo que hei de descobrir.

Procurei fazer ver como pela natureza das suas circumstancias, e da sua indole, a egreja se achava ligada a todas as relações do homem, desde o baptisterio até ao tumulo, ás mais sanctas affeições da existencia, ao trabalho e ao repouzo, ao prazer e á dôr, á riqueza e á miseria, á gloria e á abjecção, á vida e á morte. Instituição permanente de moralização, personificação da moral evangelica, não ha um só momento da vida do homem, um só facto, por mais insignificante que seja, ao qual não reunisse um signal, que continuamente lhe recordasse que acima delle existe Deus, acima das paixões e dos interesses egoistas a egualdade e fraternidade humanas; e que ella estava alli como guarda vigilante deste deposito sagrado, que recebêra das mãos do Christo, no dia da redempção.

Depois tentei mostrar como, em virtude destas mesmas circumstancias, o clero, o instrumento vivo da egreja, se tornou pela maior parte corrupto e ignorante; ao passo que o povo, impellido pela lei do progresso favorecida em sua acção pelos esforços anteriormente empregados, pela egreja, se instruia, e se moralizava.

A egreja existia como principio; mas esta fórma da sua existencia, com quanto essencial, escapa ainda hoje a escriptores de boa nota, para que devamos admirar que o vulgo do seculo X e seguintes, não soubesse distinguil-a da sua fórma visivel: o clero.

Os povos foram aprendendo a caminhar na via da civilisação sem outro guia mais que a sua razão, sem outro protector mais que Deus. Pela ignorancia do clero perderam a confiança que haviam depositado nas luzes da egreja: pela sua desmoralisação o respeito que até alli lhe haviam consagrado; vindo a confundir assim duas cousas essencialmente distinctas: o principio e o facto, a lei e o abuso. Eis o motivo porque, encontrando por toda a parte a acção da egreja, viu-a a par da degradação intellectual e moral dos seus membros; e, longe de acatar o poder da egreja como protecção, procurou sacudil-o, como jugo insupportavel.

Esta reacção [1] principiou com este caracter no seculo X. Esforços pouco vigorosos, precoces, e pouco proprios pela sua indole para se popularizarem, não occuparam um logar notavel na historia, em quanto uma intelligencia energica, reunindo a philosophia e a dialectica para a defeza desta idea, não se constituiu seu orgão. Em quanto bramia ao longe a tormenta; em quanto o clero não comprehendeu a gravidade da questão que se agitava, respondeu pela philosophia á philosophia, pela dialectica á dialectica. Quando de um lado se ouvia a linguagem poetica, mas energica, de Abeilard, do outro trovejava a voz terrivel, mas leal e franca, de Bernardo de Claraval. Um dia mais, e ao amante de Heloisa responderá um concilio; ainda outro dia, e, quando no meio das ruinas da Italia soar a voz de Arnaldo de Brescia, chamando á liberdade um povo que adormecêra ao sussurrar da aragem do mediterraneo nas fibras dos seus pinheiros, um longo eccho de vingança percorrerá os escuros corredores do vaticano, e Adriano IV affogará a heresia no sangue do heresiarcha.

Neste dia o clero trocou a palavra que persuade pela espada que submette; substituiu ao conselho o preceito; á intelligencia a auctoridade; á razão a força.

Do seculo XII ao seculo XV a revolução lavra por toda a parte. Albigenses, wiclefitas, stædinger, vandeses, hussitas, puritanos, etc. são nomes de outras tantas seitas, que surgiram em varios pontos da Europa; e que, diversas em sua fórma eram com tudo movidas pelo mesmo principio. E o que os caracterisa é, que raras vezes proclamavam a reforma ecclesiastica, sem que ao mesmo tempo não pedissem uma reforma politica. É porque a questão não era uma questão de disciplina, ou mesmo de religião; era uma questão de progresso em todas as suas fórmas; de civilização em todas as relações sociaes. A egreja, dirigindo este movimento que por toda a parte se manifestava; collocando-se á frente desta revolução, que era impossivel reprimir, teria satisfeito á natureza dos seus principios, e talvez poupado á humanidade muitas experiencias infructiferas, muitos erros e muitos crimes, muitas lagrimas e muito sangue.

Porem não o fez. Os seus ministros estavam sem forças, privados da auctoridade que

[1] Para evitar *equivocos* advirto, que nos factos de que vou fallar, não me refiro ao seu valor religioso. Aprecio o seu caracter social. Mas, como *heresias* e *scismas*, não tracto aqui de os absolver, ou condemnar.

dá a elevação da intelligencia, e a puresa do coração. Os povos, em sua ignorancia, confundiram o principio e o instrumento, a instituição e o abuso; e por esta confusão a egreja pareceu ficar em guerra com os povos, quando fôra ella quem lhe havia dado esse impulso, que o clero trabalhava agora para reprimir.

Este, alliado com o poder temporal, cujas pretensões exorbitantes se achavam igualmente compromettidas por este espirito de progresso, teve ainda a força material sufficiente para momentaneamente o dominar; mas convencendo-se de que o movimento era permanente, como a causa que o produzia, organizou um systema de repressão sobre uma baze da mesma fórma permanente no terrivel tribunal da Inquisição.

Não me cançarei em mostrar com Cantu, Balmes, etc., quaes foram as razões politicas que na Hespanha e Portugal deram logar á sua creação. Não creio na absoluta verdade dessas razões que apresentam; nem, dadas ellas, creio que o fim possa justificar os meios. Mas áquelles que, ao fazer a enumeração dos negros crimes, com que esse tribunal manchou as paginas da historia moderna, e grangeou um nome odioso, que fére como uma maldicção, fazem recahir sobre a egreja a responsabilidade desses crimes, direi somente, que o ecumenico nenhum concilio sanccionou: que Xisto IV, Innocencio VIII, e Leão X, não poucas vezes modificaram as barbaras sentenças da Inquisição hespanhola: que Gregorio VII e Paulo III se declararam contra estes assassinatos legaes, chamando-os contrarios ao evangelho, e ás doutrinas dos sanctos-padres; que só á custa de reiteradas supplicas do *pio* D. João III foi ella permittida em Portugal; e finalmente que Paulo III animou os napolitanos, a resistir a Carlos V, quando este pretendeu estabelecer este tribunal execravel naquelle formoso paiz.

Predispostos os espiritos para a lucta; propagada a convicção da necessidade do movimento liberal, o povo preparou-se para elle. Crendo encontrar em seu caminho a egreja, dispoz-se, a examinar os titulos com que ella pretendia constituir-se arbitra dos destinos do povo, permittindo-lhe o movimento, ou ordenando-lhe a inacção.

Na sua causa a *reforma* de Luther foi, diga o que quizer Guizot, um esforço da intelligencia humana no sentido da civilisação e do progresso. Tal foi o seu caracter; e, se parece ser outro, é porque a consideram só no momento do seu choque contra o poder da egreja; e porque, empenhando-a nessa lucta desastrosa as circumstancias em que se achou collocada, a sua causa verdadeira desapparece no redemoinhar da peleja, e em seu logar apparece aquillo que não foi mais que a occasião.

Se revestiu uma fórma de revolução contra o poder da egreja, foi porque os povos creram encontrar em seu caminho esse poder como uma barreira, que era necessario transpor, ou derribar. Se se incarnou no principio do livre exame; se, como quer Guizot, foi um arrojo do espirito humano no sentido da liberdade, uma necessidade nova de pensar, de julgar livremente, por sua conta, e só com as suas forças, dos factos e das ideas, que a Europa recebia até ahi da mão da auctoridade; se n'uma palavra, foi uma insurreição do espirito humano contra o poder absoluto na ordem espiritual, foi porque crendo encontrar a supremacia desse poder a pedir-lhe contas, considerou necessario examinar e discutir os seus titulos de legitimidade; crendo encontrar um obstaculo, julgou necessario vencel-o.

Se os revolucionarios progressistas dessas eras soubessem que a egreja, e o clero ignorante e immoral, tinham cada um sua bandeira distincta; se soubessem quantos germens de liberdade, de progresso e civilização, contém o christianismo, dos quaes a egreja é depositaria, quantas desordens e crimes poderiam ter-se evitado!

Não succedeu porem assim.

A revolução rebentou, e Martinho Luther foi o seu principal heroe. Este homem, do qual Merle d' Aubigné quiz fazer um semideus, está mui longe de ser o que ao primeiro aspecto parece. Hipocrita, superficial e depravado, este filho da *reforma* deveu ás circumstancias tudo o que foi. Animado e impetuoso, foi eloquente, se o movimento continuo do espirito constitue a eloquencia. Mas esta impetuosidade não era força. Cantu compara Luther a um pequeno regato, que, precipitando-se de uma grande altura, adquire rapidez em sua corrente, e produz na queda um grande ruido Em outras circumstancias não passaria de um homem obscuro. Mas o acaso, ou a providencia, o havia collocado no foco da revolução; a vaga que passou o levantou em seu dorso gigantesco, e o mostrou ao mundo.

O tenue raio do sol, que fulge de repente ao descerrar das nuvens, deslumbra os olhos que toca. Assim foi Luther. A natureza creou-o um charlatão; as circumstancias fizeram-no um heroe. O vulgo viu-o no perpassar da vaga, no descerrar da nuvem: e adorou-o. A vaga sumiu-se; o raio apagou-se; e que ficou do heroe? O nome de um homem, do fragil instrumento de uma revolução.

Depois que as ultimas notas do hymno sussuraram melodiosas, mas frouxas, nas cordas da harpa, e adormeceram, embaladas pela aragem do crespusculo, e a mão do bardo se mirrou, que é o que resta? Um instrumento mudo; algumas cordas inertes, que o vento que passa percorre em vão.

Tal foi Luther.

Continúa. J. J. DE OLIVEIRA PINTO.

ELEGIA.

(Traducção da 42.ª Meditação Poetica de Lamartine)

Colham-se as rozas na manhan da vida;
Ao menos, no fugir da primavera,
Das flores os perfumes se respirem.
O peito se franquêe aos castos gôzos,
Amemos sem medida, ó chara amante!

Quando o nauta no meio da tormenta
Vê o fragil baixel quasi a affundir-se,
Ás praias que deixou dirige as vistas,
E tarde, chora a paz que ali gosava.
Ah! quanto dera por volver o triste
Aos amigos d'aldêa, ao lar paterno,
E de novo passar, juncto ao que adora,
Dias talvez sem gloria, mas tranquillos!

Assim um velho, curvo ao pêso d'annos,
Da mocidade em vão os tempos chora.
Diz: — volvei-me essas horas profanadas,
De que eu, ó ceos, não soube aproveitar-me.
Só lhe responde a morte; os ceos são surdos;
Inflexiveis o arrojam ao sepulchro,
Não consentindo, que se abaixe ao menos
A apanhar essas flores desprezadas.

Amemos, vida minha!
E riamos do afan, que os homens levam
Atraz de um fumo vão, que lhes consomme
Metade da existencia, esperdiçada
Em sonhos e chimeras.

Não invejemos seu orgulho esteril,
Deixemos á ambição os seus castellos.
Mas nós, da hora incertos,
Tratemos d'esgotar da vida a taça,
Em quanto as mãos a impunham.

Quer os louros nos cinjam,
E nos fastos sanguentos de Bellona
Nosso nome s'inscreva em bronze e marmore;
Quer da singella flor que as bellas colhem
S'intrance a humilde c'roa;
Vamos todos saltar na mesma praia.
¿De que val no momento do naufragio
Em pomposo galeão ter navegado,
Ou n'um batel ligeiro,
Solitário viageiro,
Ter só juncto das margens bordejado?

F.

MORREU!

Não póde mais o coração co'a vida
GARRET (*Camões*).

Lindas flores tem os prados,
Os verdes bosques copados,
Os jardins mais encantados,
Mas nenhuma como eu vi;
Nenhuma flor é tão bella,
Tão formosa como aquella,
Como aquella, que eu colhi.

Tinha nas folhas viçosas
A vermelha côr das rosas.
Das violetas vergonhosas
A rôxa mimosa côr,
E quanta côr ha na terra,
No prado, no val, na serra,
Que diga aos olhos — amor.

Entre viçosas folhas embalada
Pelo sôpro da tarde, era tão linda,
Que na terra não ha, não ha nas ondas,
Não ha no puro ceu entre as estrellas,
Estrella, per'la ou flor que não vencêra.
Curvava-se, mimosa, entre os carinhos
De mil auras subtis, e as leves auras
Perfumadas co'a flor, loucas corriam
Doudejando no espaço, e o grato arôma
Trazido em torno a mim tolheu-me o siso.
Corri louco d'amor, lancei-lhe a dextra,
A dextra me rasgou com mil espinhos,
Que, traidora, occultava, mas que importa!
Colhi-te linda flor! e agora déra
Quanto sangue nas veias me circula
Por de novo colher-te, embora a morte
Me colhesse tambem. Ah! volve á vida!
Volve, mimoza flor, que eu possa ainda
Ver-te, louco d'amor, formosa e pura,
Gosar inda uma vez teu grato arôma,
E com beijos d'amor volver-te á morte.

Morreu! nas mãos desfolhada
Tenho a flor que tanto amei!
Ai flor! que tão malfadada
Foste, e eu que te matei,
Quem ha-de agora, quem ha-de
Matar no peito a saudade!
Ai triste que me ceguei!

Matei-a com beijos....
Mas, ai, meus desejos
Não pude matar.
Matei-a! coitada!
Ei-la desfolhada
E eu a chorar.

Ahi! corre meu pranto
E possas tu tanto
E tanto correr,
Que em breve me mates
Qne em breve desates
Meu triste soffrer.

J. MOREIRA DE PINHO.

A PHYSIOLOGIA E AS PALAVRAS NO SEU SENTIDO IDEOLOGICO.

Continuado de pag. 21.

O homem é como levamos dito, a expressão synthetica e harmonica do reino animal, do qual, segundo Carus e Ahrens, não faz parte, mas sim do reino que chamam *hominal.*

Oken, um dos sectarios mais celebres da philosophia da natureza, acha no homem realisado o mesmo principio, partindo da comparação dos *processos* de manifestação.

O sêr vivo, é para elle um *galvanismo organico*[1]; o universo um *galvanismo inorganico.* No universo dão-se tres *processos* d'acção, correspondentes á these, antithese, e synthese; o *chimismo* principio de dissolução; *o indifferentismo*, principio de indif-

[1] Oken deduz sua expressão metaphorica da electricidade dynamica; o universo representa uma pilha, cujo circuito é fechado; idea reproduzida por Liebig, nouvelles lettres etc.

ferença, — o *magnetismo*, principio de connexão. Todos estes *processos* se achão repetidos no homem, constituindo seu estudo para alguns como Gorup Besanez, Lehmann e outros, a Zoochimia [1]: ao primeiro corresponde a *digestão*, funcção em que os principios externos, introdusidos no organismo, são para assim dizer decompostos; ao segundo corresponde a *respiração*, processo electrificante, pelo qual o sangue, centro de vida organica, o organismo em dissolução, se vivifica; ao terceiro corresponde a *nutrição*, operação, que sustenta o ser sobre dous abysmos insondaveis, o tempo e o espaço. É assim tambem que a *trindade* de Oken, peso, calor, e luz, obrando sobre o mundo, se acha repetida no animal; osso, musculo, e nervo.

Pelo que respeita ao principio *virtual*, é certo que igualmente se verifica no homem. Tanto este principio, como o *material* são realisações do *absoluto*, que se verificam por meio de *ideas*, que delle saem, não por uma potencia activa e intelligente, mas por necessidade logica, manifestando-se por uma evolução necessaria, por *ideas-typos*, differentes do pensamento, das quaes já fallava Platão no seu *Timeo.*

Oken mostra no homem a identidade do principio virtual por esta fórma. A manifestação ou expressão do Absoluto é o ether (o Absoluto em tensão e polaridade), o qual polarisando-se produz a luz [2]; esta reagindo sobre o ether não polarisado, produz o calor, actividade destruida *(o tempo materialisado* de Hegel); elevando-se successivamente até á producção da vida. É por este modo que Oken, e tambem Schelling, partem do Absoluto, principio de *identidade pura*, que reune em si o principio da identidade, e da não-identidade, donde tudo sae por polarisação (elemento negativo e positivo), e que por successivas potencias dá em resultado os differentes objectos — $(A)^1$ materia, $(A)^2$ luz, $(A)^3$ organismo, que em si mesmo se polarisa, dando o elemento positivo a *irritabilidade*, o negativo a *sensibilidade.* Segundo esta theoria de Oken a expressão do Absoluto vem a ser $+ A - A = 0$.

Por estes principios se conclue facilmente, que o homem é um resumo do universo, um *microcosmo*, cujo perfeito conhecimento quasi que vem a depender do *macrocosmo.*

É certo que os *philosophos da natureza* desde Schelling [3] tem concorrido para chegarmos a este resultado com o seu systema de construcção *a priori*; mas nem por isso somos sectarios dessa philosophia, que, não se póde negar, teria levado as sciencias naturaes a um abysmo a não serem os trabalhos de Muller, Valentin e outros. Não queremos porem dizer com isto que despresamos a *especulação*; reconhecemos suas vantagens; mas não queremos que se torne necessario um novo Bacon, que com quanto tão fertil fosse em bons resultados, como reconhece Herschel [1], levou todavia as sciencias ao excesso contrario.

A palavra *physiologia* pois é propria, mais do que se julga; o seu sentido scientifico corresponde ao etymologico, ou se tome a *natureza* na accepção de Hyppocrates, ou no sentido lato, e este mesmo parece-nos ainda mais proprio, do que o de Hyppocrates; pois elle cathegoricamente decide uma questão sobre a qual tanto discordam os physiologistas, que reccorrem para a explicação dos phenomenos vitaes, uns a uma força, sobre cuja natureza Schelling e Hegel divergem de Burdach e de Muller, outros, com Reil á organisação, outros em fim com Carpenter a uma propriedade innata da materia; concordando todos mais ou menos, que o organismo não é *passividade* absoluta.

Com quanto a palavra physiologia possa offerecer alguns inconvenientes pela significação varia que póde apresentar a palavra natureza, não são elles tão fortes que nos levem a abandonal-a e substituil-a por outra. Acha-se sanccionada por uma applicação de seculos, e *precisando* a significação da natureza desapparecem todos esses inconvenientes.

Por isso a expressão *Biologia*, pela primeira vez empregada por Treviranus, e depois por Littré e Herbart, parece-nos desnecessaria, assim como as de *Zoonomia*, *Organomia*, e *Dynamologia* propostas por outros, e que a sciencia tem despresado, conservando a sua primitiva denominação.

A. M. DIAS JORDÃO.

ASTRONOMIA.

Determinação das differenças das estrellas fundamentaes em ascensão recta, por meio das observações de Bradley. [2]

« Restringindo assim o presente extracto ao ponto principal da Memoria, entra M. Le Verrier na apreciação das circumstancias, que foram objecto d'este seu importante trabalho.

[1] Liebig exagerando a influencia da chimica, apresenta algumas opiniões que parecem verdadeiras, mas que não são demonstradas positivamente como bem nota O. Kohlrausch, Physiologie und. Chemie in ihrer gegenseitigen Stellung; beleuchtet durch eine Kritik von Liebig. Thierchemie.

[2] A transparencia abstracta lhe chama Hegel.

[3] Schelling é geralmente reputado o fundador deste systema; não fez porem mais do que desenvolver a proposição de Herder e as ideas de Spinosa e Kant, como diz H. Heine.

[1] Na obscuridade da natureza e do espirito diz, elle, resplandeceu o illustre Bacon, qual estrella matinal annunciando a aurora.

[2] Continuado de pag. 341 do primeiro vol.

« As constantes da nutação e da aberração, de que Bessel usou nos *Fundamenta*, são differentes das que com razão actualmente se admittem. As ascensões rectas, determinadas nos *Fundamenta*, deviam de ser por estes motivos affectadas d'um erro systematico, que M. Le Verrier tratou de corrigir. Bessel não deu as datas das observações que empregou para cada estrella directamente comparada com o Sol, mas sim o numero d'estas observações, o que basta para se poder de novo achar as suas datas. Porque rejeitando entre as observações de Bradley as que são muito incompletas para serem discutidas, apenas resta incerteza em pequeno numero d'ellas, o que na presente indagação nenhum inconveniente offerece.

« As ascensões rectas medias, dadas nas *Tabulae Regiomontanae* (Tabula X, sect. I), corrigiram-se pois para 1755. Para obter as correcções das mesmas nos annos proximos, recorreu-se alem d'isso por uma parte ao catalogo de Greenwich para 1845; e por outra, a uma nova determinação das constantes da precessão.

« Estas correcções serviram para rectificar os numeros dados na terceira e setima columna das paginas do lado esquerdo da Taboa X das *Tabulae Regiomontanae*. Mas os numeros d' estas columnas careceram d' outra rectificação por causa do erro da nutação lunar transmittido por Bessel a Lindenau. Por fim os numeros da segunda columna das paginas do lado direito da mesma Taboa experimentaram uma mudança correspondente á da constante da aberração.

« Por meio das *Tabulae Regiomontanae* assim correctas, se poderam formar ephemerides das posições provisorias das trinta e seis estrellas fundamentaes, e comprehendendo todas as observações feitas por Bradley á cerca das mesmas estrellas. É necessario agora comparar estas posições theoricas com as proprias observações.

« Os intervallos dos fios da luneta meridiana de Bradley foram novamente determinados ou verificados. Estes intervallos serviram para reduzir não só as observações incompletas, mas tambem as observações completas, nas quaes todos os fios foram individualmente reduzidos ao meridiano. Assim poderam constatar-se os erros d'escritura ou d'impressão que existem na edição d'Oxford.

« Depois de varias outras considerações que á cerca d'este objecto contem a Memoria de M. Le Verrier, segue-se o fallar da situação do instrumento das passagens, cujo estudo particular mostrou a M. Le Verrier, que a Taboa de correcção dada por Bessel, pagina 9 dos *Fundamenta*, é completamente insufficiente.

« O estudo da luneta meridiana é dividido em duas secções.

« Na *primeira secção* se consideram as epochas em que as observações da polar, ou antes as observações do livel, da collimação, e da mira permittiram julgar da situação do instrumento.

« Na *segunda secção* se trata das epochas em que para fixar a posição do instrumento se deve recorrer á consideração das estrellas norte e sul. Encontram-se n'este caso difficuldades particulares, provindo não só de que se carece de grande numero d' observações para chegar a alguma exactidão, mas principalmente de que as correcções do instrumento, e as posições relativas das estrellas, dependem umas das outras. Podiam, sem duvida, formar-se equações rigorosas, em que entrassem estas diversas incognitas, e depois resolver estas equações. Mas este caminho seria muito longo, e levaria a calculos quasi interminaveis. É melhor recorrer ao methodo das approximações successivas.

« Assim M. Le Verrier começou por deduzir o mais exactamente que era possivel, as differenças das ascensões rectas das estrellas norte e sul, da consideração das observações feitas nas epochas em que o instrumento das passagens tinha podido ser rectificado por meio da polar. Com estas estrellas determinou as correcções do instrumento nas epochas em que não havia observações da polar; depois applicou o complexo de todas as observações de Bradley a uma nova determinação das differenças das ascensões rectas das estrellas. Com esta segunda approximação das ascensões rectas das estrellas, calculou outra vez as correcções do instrumento, que experimentaram ligeiras modificações. Por fim verificou que estas modificações não eram susceptiveis de causar mudança nas posições relativas precedentemente determinadas para as estrellas.

« Um dos mais graves inconvenientes que poderia offerecer um catalogo d'estrellas, seria que um grupo d'entre ellas fosse affectado, em relação ás outras, d'um erro systematico. Convem tanto mais fazer por evitar este erro, quanto é de recear que se encontre na situação das estrellas separadas entre si doze horas, em ascensão recta, se para a determinação d'este ponto delicado do problema não tiverem sido aproveitados todos os recursos das observações de que se dispõe. Para este effeito, M. Le Verrier adoptou o seguinte plano.

« Na 1.ª *Secção*, foram determinadas as situações relativas das estrellas d'um primeiro grupo formado das principaes estrellas das doze ultimas horas.

« As estrellas foram escolhidas do modo mais eminentemente apropriado, para pelo seu estudo se confirmar a precisão a que se pode chegar por um numero dado d'observações de Bradley, quando as determinações individuaes das ascensões rectas d'aquellas estrellas relativamente a uma d'ellas, não podem ser influenciadas, nem por irregularidade no andamento da pendula, nem por um erro na determinação do estado da luneta; mas

só pelas inexactidões commettidas na estimação dos tempos das passagens atraz dos fios da luneta.

« As correcções mais consideraveis são em segundos de tempo + 0ˢ, 18 e + 0ˢ, 16 de γ e β da Aguia; e — 0ˢ, 10 de α do Cisne: assim na differença d'ascensão recta entre γ da Aguia e α do Cisne existe um erro de 0ˢ, 28, que estimado em segundos d'arco é de 4″, 2.

« Na 2.ª *Secção*, procedeu-se similhantemente para um segundo grupo das principaes estrellas das doze primeiras horas.

« N'estas cita-se o desvio, por exemplo, entre Pollux e Rigel que é 0ˢ, 14, ou 2″, 1.

« Em quanto que para as differentes estrellas, as correcções são as mesmas, sendo determinadas, ou para a primeira metade, ou para a segunda metade das observações de Bradley, somente Sirio apresenta uma anomalia consideravel. A correcção da sua assensão recta sendo + 0ˢ, 22 em 1751, apenas é + 0ˢ, 02 em 1761. De sorte que as observações de Bradley bastam para pôr em evidencia, d'um modo incontestavel, a variabilidade do movimento proprio de Sirio. Ainda mais: o sentido e a grandeza da variação n'esta epocha se ajusta tanto quanto se podia esperar, com o resultado deduzido da theoria que M. Peters estabeleceu suppondo que Sirio fosse uma estrella dupla, e que seu companheiro fosse um corpo escuro. E assim se confirma cada vez mais este facto tão importante, descoberto por Bessel, e que constitue uma das mais curiosas revelações da astronomia do seculo XIX.

« Na 3.ª *Secção*, obtidas nas doze primeiras horas as situações das estrellas principaes relativamente a Procyon, cuja ascensão recta se suppoz exacta; e similhantemente nas doze ultimas horas as situações das estrellas principaes relativamente a α da Aguia, tambem supposta sem erro; procurou-se a situação relativa dos dous grupos d'estrellas, de que se tinha tratado nas duas precedentes secções, isto é a situação relativa de Procyon e α da Aguia.

« Exposto o modo por que se tornaram as comparações ao mesmo tempo mais numerosas e mais certas, a media de todas as observações deu para correcção commum ás estrellas do primeiro grupo — 0ˢ, 038. Todo o erro, que tenha por periodo o anno, a que se não tenha attendido, e que influa de differente maneira nas estrellas separadas entre si doze horas, em ascensão recta, deveria manifestar-se principalmente nas comparações actuaes. Para adquirir algumas noções a este respeito, fez-se uma combinação particular dos resultados individuaes, agrupando-os por mezes.

« O resultado medio assim obtido é — 0ˢ,036, sem attender ao numero das observações sobre as quaes cada um d'elles é fundado; pelo que se deve ter assim eliminado toda a influencia d'erro em periodo annual ou semi-annual. Reconhece-se todavia que as observações de Bradley não dão rigorosamente a mesma distancia entre Procyon e α da Aguia em todas as epochas do anno, e que esta distancia parece maior 0ˢ, 12 em março do que em junho.

« A que causa attribuir um tal resultado? A aberração parece bem determinada. Com tudo se se procura que mudança cumpre applicar-lhe, para que se attenuem o mais possivel os erros precedentes, acha-se que a constante adoptada 20″,445 deveria ser diminuida de 0″,145. Mas esta reducção alem de ser muito pequena para que se possa por ella responder, não faria desapparecer os erros reconhecidos, que só podem ser representados por meio de dous termos, um de periodo d'um anno, e o outro de periodo de seis mezes, sendo os coefficientes d'estes dous termos sensivelmente iguaes entre si.

« Se entre as outras causas, que contribuem para produzir a desigualdade que resulta das observações, se considera a que provém da variação da temperatura do dia á noite, reconhecer-se-ha que no caso d'inexactidão na compensação da pendula, esta causa introduziria na distancia de Procyon a α da Aguia uma desigualdade composta effectivamente de dous termos. Talvez seja esta a origem d'uma parte ao menos da desigualdade aqui assignalada.

« Na 4.ª *Secção*, foram determinadas em fim as situações das outras estrellas fundamentaes.

« Muitas d'entre estas correcções são assaz consideraveis: citam-se por exemplo α^2 da Balança que é de + 0ˢ,24; α da Serpente e β do Touro que é de + 0ˢ,18; e Regulo que é de — 0ˢ,085.

« Por meio das novas determinações, as differenças das ascensões rectas das estrellas são representadas com toda a exactidão que permitte o complexo das observações de Bradley. De sorte que se as ascensões rectas absolutas carecem de correcção, esta será commum a todas as estrellas, assim como ás ascensões rectas do Sol e dos planetas.

« A Memoria de M. Le Verrier termina (pag. 299 e seguintes) por um estudo completo do estado da pendula de Bradley; estudo especialmente destinado á reducção das observações do Sol e dos planetas. Estas ultimas reducções ainda não foram dadas, por que demandam, principalmente as do Sol, precauções particulares. Assim por exemplo, a duração da passagem do diametro do Sol pelo meridiano, não é apreciada no mesmo valor pelos differentes observadores, e deve-se empregar na reducção das observações de Bradley, a duração deduzida d'estas mesmas observações, e que é notavelmente maior do que a que resulta das observações de Bessel.

(Comptes rendus, 1852, Tomo XXXIV, N.º 14.)

B. FEIO.

COLLEGIO URSULINO DE COIMBRA.

O programma, que abaixo publicamos para os exames de instrucção primaria, no collegio ursulino desta cidade, é um novo testemunho do adiantamento deste estabelecimento.

No dia 11 do mez passado, fizeram-se os primeiros exames naquelle collegio, segundo este programma, com assistencia do snr. conselheiro vice-reitor da universidade.

Foram dez as meninas educandas, que se examinaram, e consta-nos que satisfizeram com muito louvor ás diversas partes do respectivo programma; distinguindo-se algumas das educandas por sua superior applicação, e distincto aproveitamento.

Outros programmas sobre diversos ramos da instrucção primaria e superior, comprehendendo nesta o desenho de figura, e paizagem, os elementos da historia e geographia, e as noções das sciencias naturaes, devem completar o quadro da educação litteraria e scientifica do bello sexo neste estabelecimento, que póde já servir de modelo aos mais acreditados, que neste genero possuimos.

Programmas para os exames das educandas do real collegio ursulino de Coimbra. 1853.

N.° 1.° INSTRUCÇÃO PRIMARIA.

1.° LEITURA de prosa — de verso — de lettra de mão.

2.° GRAMMATICA GERAL E PORTUGUEZA. Principios geraes: — regencia e analyse grammatical.

3.° CALLIGRAPHIA. Preceito da calligraphia: — conhecimento pratico das differentes fórmas de lettra, — com um exemplar das fórmas do uso mais commum, feito antecipadamente, e depois rubricado pela professora respectiva.

4.° ORTHOGRAPHIA. *Theorica*—regras principaes, tanto na orthographia dos vocabulos; como na orthographia do discurso (*pontuação*).

Pratica — correcção de alguns trechos escriptos erradamente (*cacographia*): — escripta de algumas breves orações, e de alguns vocabulos dictados no exame.

5.° ARITHMETICA. Pratica das quatro operações: — regra de tres, de companhia, de juros e descontos, — com resolução de dois problemas arithmeticos tirados á sorte.

Systema legal de pesos e medidas, d'extensão, e de capacidade para sólidos e liquidos.

Noções geraes do systema metrico-decimal.

Moédas portuguezas, e estrangeiras de curso legal, com relação d'estas ao valor em — reis.

Pratica de assentar dinheiros.

VARIOS PREMIOS PROPOSTOS PELA ACADEMIA DE FRANÇA.

Premio grande de mathematica para o anno 1854. Exame comparativo das theorias relativas aos phenomenos capillares; discussão dos principios mathematicos e physicos, em que tem sido fundadas; determinação das modificações que esses principios podem exigir a fim de se poderem adaptar ás circumstancias reaes em que se dão estes phenomenos; e comparação dos resultados do calculo com experiencias precisas, feitas, entre todos os limites do espaço susceptivel de medir-se, em condições taes, que os effeitos obtidos por cada experiencia sejam constantes. O premio é de 3000 fr. O concurso termina no 1.° d'abril de 1854.

Outro premio grande de mathematica para 1854 Estabelecer as equações dos movimentos geraes da atmosphera terreste, attendendo á rotação da terra, á acção calorifica do sol, e ás forças attractivas do sol e da lua. Valor do premio — 3000 fr. O concurso termina no 1.° de janeiro de 1854.

Premio quinquenal, fundado por M. de Morogues, concedido, de cinco em cinco annos, á obra que mais tiver contribuido para o progresso da agricultura em França, ou á melhor obra sobre o estudo do pauperismo em França e meios de o remediar. M. de Morogues deixou em testamento 10000 fr., cujos juros, durante cinco annos, constituem o valor do premio.

Premio de astronomia. Uma medalha fundada por de Lalande, para ser concedida annualmente á pessoa que fizer a observação mais interessante, a memoria ou trabalho mais util ao progresso da astronomia.

Premio de mecanica. Um premio de 450 fr. fundado por Montyon para ser concedido cada anno áquelle que inventar ou aperfeiçoar instrumentos uteis á agricultura, ás artes mecanicas, ou ás sciencias.

Premio Cuvier para 1854, dado todos os tiez annos, ao autor da obra mais notavel, sobre o reino animal, ou sobre geologia. Limite do concurso — 1.° de janeiro de 1854. Valor do premio 1500 fr.

ERRATAS DO N.° 2.

Pag.	*Col.*	*Linh.*	*Erro*	*Emenda*
14	*not.*	2.ª	*Nolentes ut* etc.	*Volentes ut* etc.
16	2.ª	15	e da reacção	e pela reacção
19	2.ª	36	são feitas	são feitos
21	2.ª	43	por fóra do cemiterio	por fóra da cidade
21	2.ª	*not.* 1.ª	mestre chimico	illustre chimico
21	1.ª	*not.* 2.ª	*Betrachtueg ist-endlnes* Gaethe.	*Betrachtung ist endlos* Goethe.

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

INSTRUCÇÃO PUBLICA.

N'um dos relatorios, lidos na ultima sessão de conferencia geral do Conselho superior d'instrucção publica, citou-se o seguinte trecho do relatorio do Commissario d'estudos do districto do Funchal, que, pela importancia elevada do assumpto, julgâmos digno de publicar-se nas columnas do Instituto, para chamar sobre elle as meditações de todas as pessoas illustradas, que se empenham no progresso da instrucção e moralidade publica.

« Ha, diz o Commissario no seu relatorio, ha tal instrucção religiosa, cuja falta não póde deixar de ser uma grande vergonha para quem quer que a soffra; por que não ha ser racional, que, transpondo a edade, em que a fé supre a sciencia, não tenha obrigação de, pelo menos a si proprio, dar razão das suas crenças, visto serem estas inevitavelmente os principios determinantes da sua actividade. Condição essencial para *querer e crer*.

Mas fôrça é confessar, que entre nós desgraçadamente, afóra as noções elementares de doutrina christãa, que se adquirem na eschola, pelo que toca á religião nada mais se ensina á mocidade; por que fallece na organisação dos lyceus uma cadeira, que tenha a seu cargo aquelle ensino; que dê indispensavel desenvolução aos principios rudimentaes da eschola; que cultive e fortaleça este admiravel instincto do infinito, este sentimento religioso, que é o maior dos titulos de fidalguia da nossa especie.

D'aqui vem a crassa ignorancia, que em taes materias revela a geração, de que fazemos parte. Quizesse alguem dar-se ao incommodo de interrogar os primeiros cem homens, que acaso encontrasse por essas ruas; quizesse ter o trabalho de perguntar-lhes — que religião é a vossa? quem foi o fundador desta religião? onde e quando nasceu e morreu? que dogmas ensinou, que sacramentos instituiu? qual a authenticidade dos livros que dão testimunho da sua divina missão? quaes as principaes provas da verdade da religião que professaes? estou certo, que de cem não acharia seis assaz habilitados para responderem racionalmente a estas perguntas. Todos, ou quasi todos, ignoram, e — o que mais é — muitos fazem garbo desta sua ignorancia a tal respeito.

O povo que não sabe lêr, contenta-se com a sua fé, se a tem. Mas os individuos, que por qualquer gráu d'illustração tem chegado a emergir da classe popular, como o ensino racional lhes não tenha robustecido os principios que beberam na eschola, em chegando á edade em que a razão succede ao instincto, aos primeiros botes do scepticismo dão por vencida a sua fé. Dulcificam-lhe a derrota as paixões. Entra-lhes a irreligião, para o dizer assim, por todos os poros do corpo; e com ella vem a descompostura de vida e a relaxação dos costumes; vem este egoismo alvar que não tem entranhas para ninguem; vem esta desconfiança de tudo e de todos, que, quebrando todos os laços de sociedade e de familia, obriga cada homem a ver no seu similhante um obstaculo á sua felicidade.

D'aqui vem este espirito de desorganisação que de ha tempos a esta parte esvoaça por cima da sociedade aterrada, e ameaça sepultal-a nas ruinas das suas mais venerandas instituições.

D'aqui vem essa multiplicidade de monstruosas utopias, que põe em problema a responsabilidade humana, e intervenção da Providencia no governo deste mundo, o sagrado do lar domestico, a inviolabilidade do thalamo, a transmissão dos bens da familia, a propriedade, o governo e a paz do estado.

D'aqui vem esta fatalidade invencivel que tem ferido, e ha de ferir sempre, de esterilidade a quantos exforços fizermos para reformar a sociedade, em quanto não curarmos seriamente de nos reformarmos a nós mesmos, e darmos á geração que ha de substituir-nos costumes mais severos, habitos mais puros, opiniões mais cordatas, principios mais verdadeiros e crenças religiosas mais fortes.

Verdade é que, felizmente, entre nós ainda o mal se não tem apresentado com aspecto tão temeroso. Mas releva premunir a mocidade com a triaga contra o contagio; por que o veneno por ahi anda condensado em livros que correm pela mão de todos; e o perigo é tanto maior, quanto mais bellas e seductoras são as fórmas em que elle se disfarça.

Não se entenda que eu desejo nos lyceus um curso analogo ao que se professa nas cadeiras de theologia dos seminarios: não desejo tal.

Nos seminarios os estudos são *especiaes* para uma classe de cidadãos com certas e designadas funcções na ordem civil. Nos lyceus, tanto os estudos que existem, como est'outro cuja falta deploro, são estudos *geraes* para todas as classes de cidadãos, quer venham a ter, quer não, funcções publicas na sociedade.

A base dos estudos theologicos nos seminarios é exclusivamente a *auctoridade*. O fundamento do ensino religioso nos lyceus deve ser principalmente a *razão*, mas a razão applicada ao estudo e exame dos factos de que lhe dá testimunho a auctoridade.

S. Paulo fallando da fé, define-a nestes termos: — *obsequium rationabile vestrum.* Creio firmemente com S. Paulo, que assim como se desce da fé natural á sciencia, tambem póde subir-se da sciencia á fé sobrenatural.

Tão pouco inimigo é da razão humana o christianismo, que elle é a verdade mesma, é apenas um supplemento a esta razão. O ponto está em que a razão entre com sinceridade e boa fé no exame das provas em que assenta a verdade do christianismo. Só com esta condição póde a razão ter fé no christianismo, por que só com esta condição se lhe manifesta a verdade.

A theodicea, que fórma a terceira parte da ontologia especial, póde ir até o ponto de fazer sentir á razão a necessidade de uma revelação sobrenatural; e para a razão sentir esta necessidade basta que tenha consciencia da immobilidade dos limites, que lhe circumscrevem o poder, e da incapacidade em que labora para resolver definitivamente, per si só, certos problemas, que sem cessar atormentam a alma humana, mas cujas soluções estão n'uma ordem de cousas differente da actual, fóra da condição do tempo e do espaço.

Até aqui póde ir a theodicea. Mas d'aqui em diante acaba a tarefa desta, e começa a sentir-se a necessidade d'outra disciplina, que tomando por ponto de partida as conclusões da theodicea, vá, mediante os auxilios do raciocinio e da critica historica, sondando todos os fundamentos da certeza da revelação positiva, a magestosa verdade dos dogmas e da moral della, e a historia do seu estabelecimento e diffusão entre os homens.

Tal é, conclue o Commissario, a idêa summaria do curso que eu muito folgava de ver instituido nos lyceus para complemento do quadro dos estudos delles; e que em verdade tem muito mais cabimento neste quadro que algumas cadeiras de linguas, cujo conhecimento, por mais util que seja para certas profissões é sempre uma *especialidade*, que não póde fazer parte de um ensino, que só deve ter em mira o desenvolvimento e cultura racional dos instinctos intellectuaes e moraes da humanidade. »

INFLUENCIA DAS CRUZADAS NA CIVILISAÇÃO.

Continuado de pag. 365 do primeiro vol.

Cruzadas.

A philosophia da historia faz hoje ver nas cruzadas um grande facto politico, e um grande facto religioso. A analyse quando se limita á simples apreciação dos factos sem cuidar das circumstancias especiaes do logar e do tempo, em que se agitaram, desvirtua sua missão; criticam-se depois de passadas epochas, as emprezas cuja causa se ignora; porque seriam hoje intempestivas, accredita-se facilmente que o foram na epocha, em que se executaram. Eis o que succedeu com o grande facto que apreciamos.

Se recorremos aos escriptores do seculo passado, mesmo os mais imparciaes e criticos, nós os vemos formando uma opinião sobre este grande movimento europeu, bem differente da que se mostra hoje plausivelmente sustentada por Michaud, Rohrbacher, Cantu, e Guizot.

« Muitos seculos se acreditou de boa fé que a religião podia e devia mesmo ser propagada pelas armas. Não é pois de admirar que uma guerra emprehendida para recuperar os santos logares parecesse justa, piedosa e meritoria. O uso que parece auctorisar os abusos, até nos seculos illustrados, deve tornar-nos indulgentes para com nossos pais, que viviam em tempos de trevas. Se elles tiveram prejuizos, não os temos nós tambem? Ha por ventura muito tempo que reconhecemos os abusos das cruzadas? Não se tem até nossos dias acreditado que a religião interessa em defender este genero de guerras? Tal é a sorte dos prejuizos; estabelecem-se nos tempos d'ignorancia, e duram ainda mesmo quando a luz tem dissipado as trevas; são necessarios seculos para os destruir. »

Estas reflexões d'um homem imparcial e verdadeiramente philosopho, Condillac, mostram bem quaes eram as ideas do seculo passado em relação ás cruzadas. Nada mais sensato nesta especialidade, se ainda hoje se podesse dizer que as cruzadas foram uma guerra unicamente de religião, que não houve nellas um fim altamente politico a preencher, uma necessidade urgente a remediar. Effectivamente porem succede o contrario

Vamos tentar demonstral-o.

Jerusalem que vira sobre suas collinas David, Salomão, Joas, Nabuchodonosor, Alexandre, Ptolomeu, Anthiocho, Pompêo, Crasso, Tito, Adriano, Constantino, Chosroes, Heraclio, e Omar, devia ainda ahi ver hasteado o signal da redempção pelo braço mais forte que empunhou a espada nos seculos ferreos da idade media. Devia ver sentar-se em seu throno um heroe, que em nada

cedendo aos ~~que o precederam~~, soube humilhar-se, como David, recusando cingir o diadema real onde o redemptor cingira uma coroa de despreso: falamos de Godefroy de Bouillon.

Se no meio do feudalismo propagado por quasi toda a Europa se apresentam circumstancias especiaes e imponentes, que exigem um movimento geral; se essas circumstancias são o estado belligerante da Europa, e este movimento as cruzadas, para bem se poderem precisar seus motivos é mister lançar as vistas sobre esse estado da Europa nesta epocha.

Nésses seculos em que a ignorancia e anarchia eram o estado normal, o maior flagello de que a Europa se via ameaçada era a invasão mahometana. O oriente, o imperio grego, que por sua grande heresia, o antichristianismo doutrinal d'Ario, de que as outras heresias não são senão a consequencia, preparou o caminho ao antichristianismo politico, o imperio de Mahomet; — o imperio grego, dizemos, soffreu os resultados funestos de suas aberrações civis e religiosas.

O occidente tambem tinha visto as hordas antichristãs de Mahomet, tinha-as visto ás portas de Roma, e no coração da França: mas o occidente não obstante suas diversidades nacionaes, tinha uma mesma crença; tinha vencido e expulsado as armas do falso profeta; tinha-as expulsado das Gaulas, da Italia, expulsava-os da Sicilia, da Corsega e da Sardenha, fazia-lhes uma guerra aberta e continua na Hespanha.

Havia quatro seculos que a espada de Carlos Martel, e de Carlos Magno, a espada do occidente não tinha entrado na bainha; e ainda hoje mesmo, depois de doze seculos, a espada da França continua no solo africano o que começou nos campos de Poitiers.

O oriente pelo contrario, o imperio grego, separado da christandade romana, e em si mesmo dividido: no espiritual pelo schisma e heresia; no temporal pelo espirito d'anarchia e de rebellião, que não cessava de lhe polluir o throno com o sangue de seus imperadores; via-se atacado, mutilado, e dividido, diminuido successivamente pelo imperio antichristão do falso propheta.

O imperio grego tinha perdido a Africa, tinha perdido o Egypto, tinha perdido a Syria, acabava de perder a Asia menor; um sultão reinava em Icone; um sultão reinava em Nicéa; Antiochia acabava de cahir em suas mãos.

Estes por uma parte, e os Petchenegues, ou Cosacos por outra, ameaçavam todos os dias Constantinopla; o imperador, segundo suas proprias expressões, não fazia mais que fugir diante d'elles de cidade em cidade.

Assim que Constantinopla cahisse em seu poder nada inpedia os turcos de se lançarem sobre a Allemanha então desolada por continuas guerras, occupando-se seu chefe havia quarenta annos em fazer a guerra, não aos inimigos que ameaçavam a Europa, mas a seus proprios vassalos, e á egreja.

Que poderiam então fazer a França, adormecido seu rei nos braços da voluptuosidade? A Inglaterra cujo rei cuidava mais em resgatar seus vassalos e as egrejas, que em defendel-as contra o inimigo? A Hespanha a braços com seus dominadores, que com continuas invasões procuravam cada vez mais subjugal-a.

Os Turcos da Asia, chegados pela Allemanha, os Sarracenos da Africa vindos pela Hespanha incontrar-se-hiam no solo da França, para d'ahi marcharem sobre a Italia, e em pouco a Europa curvaria sua cabeça na presença das meias luas.

Tal era a posição da Europa nesta epocha. O Evangelho e o Koran inconciliaveis por natureza disputavam o predominio do mundo: ambos abrigando vastos planos, ambos poderosos, contavam ambos com povos decididos, enthusiasmados, promptos a precipitar-se uns sobre os outros. Não faltavam d'uma parte e d'outra probabilidades em que fundar justas esperanças de triumfo; o principio mahometano porem havia tomado a offensiva.

De que parte ficaria a victoria não seria dado conjecturar com probabilidade. Que conducta pois deveria seguir a Europa christã para se preservar do perigo que a ameaçava? Seria mais conveniente que tranquilla esperasse o ataque dos musulmanos ou que levantando-se em massa se arrojasse sobre o inimigo, buscando-o no seu proprio paiz, onde elle se considerava invencivel?

As ameaças instavam, já do oriente, já do occidente; mas o oriente era na actualidade o ponto mais em perigo, no occidente não estando tão corruptos os defensores, eram mais esforçados.

A philosophia reconquistando seus fóros tem proscripto de suas apreciações historicas o principio do arbitrario. Independentemente do conhecimento especial das causas, quem ha que hoje se atreva a negar o principio da causalidade, quando mesmo não possa comprehender sua realisação individual? Assim a sciencia vê com prazer estender-se seu dominio; e a sciencia da historia não é de certo a que tem avançado menos nesta via do progresso.

É por isso que a opinião que não viu nas cruzadas mais que o resultado d'um cego enthusiasmo, ou d'uma irreflectida avidez de conquistas, sem pensamento, sem destino, cae hoje perante a philosophia que lhe diz, — não ha phenomeno sem lei; a historia toda é um systema. — As excepções por mais repetidas e exageradas, não destroem este principio, não chegam nunca a universalizarem-se, assim o confirma o facto que analysamos.

Por mais d'uma vez tinha havido o pensamento de armar toda a Europa para a op-

por em massa aos musulmanos. No tempo de suas primeiras incursões não se imaginára que uma horda de Beduínos podesse expor a tão grande perigo o mundo christão; e a christandade mesmo não se achava aglomerada ainda na unidade do imperio. Alem disso havia sempre um obstaculo nos gregos, que separados do resto da Europa, já pelo orgulho, já pela heresia impediam tentar-se um esforço commum.

Mas as circumstancias, que notamos, exigiam agora um prompto remedio; e foi o proprio imperio grego, já quasi reduzido a cadaver, quem veiu implorar o poder, cujos progressos pouco antes neutralizára, quando talvez mais efficazes.

Já o imperador Miguel Ducas havia implorado o soccorro dos occidentaes, dirigindo-se a Gregorio VII, com promessa de fazer cessar a separação das egrejas latina e grega; e este homem d'epocha tinha alistado um poderoso exercito para correr em soccorro do oriente. Mas nesta epocha um mal não menos funesto ameaçava o occidente, eram as guerras civis, que devastavam a Allemanha.

Este pensamento seguido por Victor III deu o primeiro ensaio da guerra que em poucos annos devia fazer transportar a Europa a pelejar n'um solo estranho. Os Genovezes, e os Pisonos, levantando se para combater os Sarracenos d'Africa, contentaram-se com pequenos resultados; voltando ufanos por tornarem tributario um rei mouro.

Cantu não se esquecendo de procurar para a sua patria a gloria de dar começo a esta empreza, diz; os Italianos foram os primeiros a emprehender estas expedições, que durante dois seculos agitaram a Europa e a Asia; mas estava reservado a um homem obscuro fazer saltar a centelha, que devia incendiar os materiaes já preparados.

Foi no pontificado de Urbano II que um estado interno mais pacifico deu logar a realizar a obra, de que Gregorio VII lançára os fundamentos. Fallamos da primeira e mais notavel das crusadas, typo pelo qual poderemos avaliar as outras.

Aleixo Comneno apertado, por uma parte pelos Turcos, por outra pelos Cosacos, recorreu com mais efficacia ao meio, que já Miguel Ducas havia empregado, implorando o soccorro de todos os guerreiros do occidente, pela carta dirigida ao conde Roberto de Flandres, e a todos os principes christãos, clerigos e leigos.

Não sendo nosso intento historiar factos, só sim aprecial-os philosophicamente, não nos deteremos por isso em longas narrações.

Do que temos dito podemos concluir, que um grande perigo ameaçava a Europa; embaraçal-o era de certo um passo summamente politico.

Seria porem esse um dos fins principaes, que se propozeram os cruzados?

Continúa. J. B. FERRÃO.

A QUESTÃO DA INSTRUCÇÃO PUBLICA EM 1853.

Continuado de pag. 26.

O numero de 1:168 cadeiras publicas em instrucão primaria nem responde á população do paiz, que póde avaliar-se em 3,600:000 habitantes; nem ao numero de 3:900 parochias, que ha no continente e ilhas adjacentes.

Se quizeramos fazer comparação com o numero de escholas de outros povos mais chegados ao nosso em força de população, p. ex., Holanda, e Belgica, grande fôra a nossa desvantagem. Mas ainda consultando o estado de um povo, menos favorecido da fortuna, que costuma trazer-se para exemplo da mizeria; e aonde a instrucção popular se diz pouco vulgarisada, a Irlanda, o numero de escholas primarias em 1850 era 4:900 frequentadas por 548:000 alumnos, sendo a população de 9,820:000 habitantes. E vemos nesta estadistica não só a superioridade de numero de escholas, mas a maior frequencia dellas.

Se attendermos ao atrazo da instrucção primaria dos nossos visinhos antes da sua reforma de 1838, ao verdadeiro incremento della só depois de 1845, e ao numero de escholas que possue actualmente, orçando por 7:000 as pagas pelo estado, e quasi igual numero de escholas livres, acabaremos por nos convencer que nesse ramo de instrucção vão muito adiante de nós todos os outros povos do mundo civilisado; e que é de absoluta necessidade todo e qualquer sacrificio que as necessidades publicas exigem para alargar a sua esphera, e melhorar o seu estado.

O desleixo habitual dos povos muito concorre para o estado de abatimento, que deploramos. Ainda quando se trata dos interesses mais caros tudo se aguarda do governo. Não sabem imitar-se as prácticas, e bons exemplos de outros povos. O espirito de associação, o sentimento de beneficencia não tem auxiliado entre nós o desenvolvimento da instrucção popular, se exceptuarmos as ilhas adjacentes, onde a maior parte das cadeiras existentes são sustentadas pelos sobejos dos rendimentos das confrarias, e rendimentos de municipalidades, ou exclusivamente, ou de combinação com subsidios do thesouro publico.

Ainda o desmazelo póde ser notado na pouca frequencia das 1:168 cadeiras que hoje existem, e que deveriam instruir numero de alumnos muito superior a 43:200 de que fizemos menção. Mas é de crer que as distancias, pelo menos nas terras mais despovoadas, como o são Alem-Téjo, e Estremadura, obstem, á frequencia maior. Não póde por isso deduzir-se argumento da pouca frequencia contra a necessidade de augmento das

escholas. A disposição da ultima lei que manda estabelecel-as a distancia nunca superior a um quarto de legua ainda não foi realisada.

Uma eschola para cada parochia em povoações ruraes, e nas cidades e villas populosas o numero sufficiente com relação á população, e ao perimetro das terras é uma necessidade urgente hoje geralmente reconhecida. São mui escassos os meios do thesouro, é verdade; mas não haverá meio de derramar a instrucção sem gravame da fazenda publica? Temos noticia de uma proposta apresentada ao governo pela auctoridade superior do ensino publico, em que se propunha applicar, a um fim tão justo e sancto, os sobejos dos rendimentos de irmandades, e confrarias, depois de satisfeitos os encargos pios. A idêa não é nova. O decreto de 21 de outubro de 1836 já lhe dera esse destino, que nunca se realisou: o de 20 de setembro de 1844 nos art. 9. e 45. sustentou a mesma idêa, fazendo-a extensiva igualmente ás camaras; mas consignando-a com o caracter *facultativo*. O que é novo, o que póde converter a idêa em realidade é o caracter *obrigatorio*, que a proposta referida lhe dava, acompanhado das garantias de disposições administrativas, e fiscaes. Parece que em um paiz constituido pelo principio religioso se devêra ter aproveitado melhor uma idêa tão fecunda, e economica.

Mas não basta realisar uma só idêa para fazer intrar no progresso a instrucção primaria. A questão é complexa; demanda resolução mais larga. De que serviria multiplicar escholas se não houvesse professores dignos para as regerem? Os que ha deste genero são poucos Os homens de merito acham com facilidade empregos mais lucrativos. Sem que se formem á custa do estado os mestres da instrucção primaria, não teremos quem dignamente possa reger o ensino. Escholas normaes são de primeira necessidade, ainda antes de decretar a criação das novas escholas E não diremos que se criem as normaes á imitação da de Lisboa Nem se carece de tão dispendiosos estabelecimentos; nem é nos grandes centros de população e de riqueza onde elles provam melhor. A grande eschola normal de Berlin foi dalli transferida para Potsdam. A excellente eschola normal de Bruhl está collocada em pequena e aprazivel aldêa. Com pouca despesa podiam instituir-se escholas normaes pequenas junto a algumas escholas das que existem regidas por bons professores.

Será este o meio de haver bons mestres sem que seja necessario elevar muito os ordenados. Em França até 1848 podiam os ordenados dos professores de instrucção primaria reputar-se inferiores aos nossos. Em Hespanha ainda não são superiores. Podem, e devem melhorar-se os nossos sem augmento de despesa publica, mediante alguma modica subvenção dos alumnos para despesas da eschola; e fará esse novo elemento que os alumnos aproveitem mais; e os pais delles fiscalizem melhor os deveres dos professores. A instrucção totalmente gratuita costuma produzir máu effeito.

Mas é de saber que a alma da instrucção é a inspecção. Sem ella será tudo baldado. Presentemente não ha inspecção. Os commissarios de estudos, que a lei chama a reitores dos lyceus, não podem cuidar do governo destes, e de visitar escholas primarias. É de primeira, e absoluta necessidade organisar a inspecção das escholas primarias. A inspecção porem sendo gratuita nenhum effeito produzirá. Provam mal funcções gratuitas. A nomeação de um inspector ao menos para cada distrito, pago pelo Estado, será indispensavel, se quizerem aproveitar a idêa de commissões locaes gratuitas.

Continúa. M.

COSTUMES JUDICIARIOS EM INGLATERRA.

Ainda agora se apresenta n'este paiz o singular espectaculo d'um povo que não tem leis escriptas, ou, para o dizer melhor, onde a tradicção de uma jurisprudencia fluctuante substitue, na mor parte das transacções civís, os codigos systematicamente redigidos, os corpos de leis immutaveis e d'uma interpretação facil. Dahi resulta que a chamada pelos inglezes *lei commum*, não póde ser conhecida senão por quem dedicar ao seu estudo a vida toda. O antigo commentador Fostescue, e depois Blackstone, confessam que vinte annos apenas bastam para poder consultar os reportorios, os diccionarios, os tratados innumeraveis donde podem ser extraídas as noções preciosas que um estudante applicado adquire em tres annos d'estudo, em uma nação onde existem codigos para todos os ramos de direito.

A lei, desconhecida até dos que a applicam, acha-se virtualmente annulada, e os juizes que deviam ser interpretes doceis, tornam-se arbitros sopremos. Suppõem elles, é verdade (mas não fazem mais que suppol-o), a existencia d'um costume ignorado de todos, e com que ninguem, rasoavelmente, póde ser obrigado a conformar-se. E todavia esta jurisprudencia arbitraria, auctorisada somente pela intelligencia e probidade individual, é respeitada por todos; unicamente alguns espiritos, por isso mesmo reputados demaziado temerarios, chegaram a duvidar de suas vantagens e certeza. Eminentes jurisconsultos, como lord Mansfield, por exemplo, chegaram até a proclamarem a *lei commum* como superior á *lei-estatuto*; considerando a *lei commum* mais adaptada a todas as circumstancias, mais flexivel, menos limitada em suas prescripções, e a *lei-estatuto* incom-

*

pleta em suas previsões, e quasi nunca ministrando elementos para uma decisão conforme á estricta equidade.

Este estado de cousas facilmente tolerado por um povo de todo absorvido pela industria, dá aos advogados e principalmente aos procuradores uma liberdade d'acção, uma audacia, um poder de que abusam frequentes vezes. Em virtude d'um acordo tacito, em que interesses identicos não soffrem a menor discordancia, augmentam com todas as rubricas da rabulice, a obscuridade que involve o mecanismo das operações judiciaes. O acto mais insignificante é por elles prolongado, sobrecarregado de palavras barbaras, definições redundantes, clausulas enigmaticas: acervo indigesto donde se podia eliminar cinco sextas partes sem nada tirar ao essencial do documento, se não houvessem o intuito do desanimar previamente o homem cuja prudencia induza a ler o que assigna, e a procurar comprehender formulas mysteriosas. É bom, é indispensavel que toda essa escuridão aterre desde o principio o cliente que quizer lançar em um processo a incommoda luz do senso commum. É mister que contricto e perplexo, se abandone cegamente á boa fé de seus conselheiros, á equidade de seus juizes.

Mediante estas precauções, todo o inglez a quem, por infelicidade, tocou a obrigação d'*ester* em justiça fica tanto á mercê dos homens de lei, como o naufragado inerme á mercê dos selvagens, a quem pede hospitalidade. Os bens, a honra, tudo depende absolutamente delles. Passivo e resignado como o mais humilde, o mais silencioso comparsa, entra no drama, cuja catastrophe a elle só ameaça. A defeza da causa faz-se em uma lingua em que elle nem sequer comprehende seus mais caros interesses. Sua individualidade, seu nome, aniquilam-se no meio da algazarra. Recebe notificações que dissera dirigidas a algum visinho, porque o nomeam com uma alcunha de convenção, reliquia extravagante da symbolica judiciaria da edade media. Se se trata d'um terreno cuja posse reclama, ou cujos limites defende, esta propriedade transfigurada pela giria dos escrivães, toma um novo aspecto, dimensões desconhecidas. Supponhamos que se trata d'uma geira de charneca esteril no alto d'um monte, a escriptura de venda, cuja leitura ouve pela primeira vez, enumera, edificios, casas, aposentos, jardins, pastos, brejos, tapadas, moinhos, pedreiras, etc., etc. (nomenclatura que occuparia duas paginas), que dependem ou poderiam depender deste pifio campo, onde apenas vejeta ao sol e á chuva alguma triste giesta.

Os discursos dos advogados tem seus enigmas, sua tautologia barbara, suas designações ambiguas, consagradas pelo uso de seis ou sete seculos. São as mesmas inepcias, as mesmas exigencias meticulosas que Cicero censurava nos tribunaes de Roma. E deve notar-se que os advogados modernos prolongaram singularmente a extensão dos arrasoados. Teem por si a auctoridade do parlamento, que encaixilha os *bills* em uma moldura gothica de massiças proporções; os discursos dos oradores politicos, palavrorio interminavel que afoga em duas horas de fluida eloquencia uma doze homeopathica de boa e concludente argumentação; o estilo dos arestos, não menos verboso e pesado; o do pulpito e das controversias religiosas mais diffuso que em nenhuma outra egreja do mundo, sem fallar dos brindes, das lições economicas, das harengas sobre a livre permutação e a taxa dos pobres, de tudo o que em fim caracterisa a infirmidade oratoria tão inveterada nos inglezes.

Continúa.

O POETA MORIBUNDO.

(Traducção da 43.ª Meditação Poetica de Lamartine)

Do meu curto viver quebrou-se a taça!
Foge-me a vida no arquejar do peito;
Nem ais nem pranto podem já sustal-a;
Co'a ponta d' aza a mórte sôbre o bronze
Bateu descompassada a hora extrema!
Gemer ou cantar devo?
Cantemos, pois que ainda impunho a lyra,
Cantemos, pois que a morte, como ao cisne,
Da vida ao despedir-me sopra o estro.
É presagio feliz que eu devo ao genio:
Noss'alma toda amor, toda harmonia,
Em hymnos se desate!
Quebra-se a lyra em hymnos melodiosos;
Quando vae a apagar-se a luz rebrilha,
Lança antes de espirar clarão fulgente;
O cisne fita o ceo na hora extrema;
Homem, só tu contemplas o passado,
Choras, contas teus dias!
Nossos dias que são para chorar-se?
Um sol, depois um sol; uma hora e outra;
A que vem sempre irmã da que ha fugido;
Se uma deitas nos traz, logo outra as rouba;
Afan, repouso e dor; — d'envolta, um sonho,
O dia, e logo a noite!
Quem vê fugir-lhe a esp'rança a cada instante,
E ás ruinas dos annos, como as heras,
Fincando as mãos s'enlêa, — esse que chore.
Sem ter lançado uma raiz na terra,
Eu vou sem custo, qual ligeira folha,
Nas azas de uma brisa!
Os poetas são aves de passagem,
Que não amassam sobre a praia os ninhos,
Que não pousam nos ramos do arvoredo;
Preguiçosos boiando á flor das aguas,
Cantam longe da praia, e só lhe escuta
O mundo a voz sonora.
Minhas mãos inexpertas sôbre a lyra
Tentearam sem mestre os sons divinos;
Inspirações celestes não se aprendem,
Não aprende o regato a deslizar-se,
As aguias a pairar, a doce abelha
A fabricar seus favos.
Sôa na erguida torre o som do bronze,
Ora triste, ora alegre, celebrando
Nascimento, hymeneo e a morte ao cabo;
Eu era como o bronze bem temp'rado,
Tambem cada paixão vibrando 'n' alma.
Soltava uma harmonia.

Assim, durante a noite, uma harpa eolia
Casa ao ruido d' agua os seus queixumes,
De um zefiro estremece ao sôpro brando;
Atonito o viandante pára e escuta,
Não sabe extasiado d'onde partem
Suspiros tão sentidos.
Minha harpa muita vez molhei de lagrimas;
Mas é o pranto qual celeste orvalho;
Tambem o coração tem dias tristes;
Nas taças do festim corre expremido
Do cacho o sumo; o balsamo perfuma
Depois de aos pés calcado.
Deus minh'alma formou d'um sôpro ardente;
Tudo o que ella tocava ardia em braza:
Por isso muito amei, por isso morro!
E tudo ao sôpro meu desfez-se em cinzas,
Como o fogo do ceo consomme inteira
A sarça onde ha cahido
Mas o tempo? — sumiu-se. Mas a gloria?
Ah! o qu'importa esse echo vão dos sec'los,
Scarneo talvez das gerações futuras?
Ó vós que lhe fadaes porvir eterno,
Ouvi-me um som da lyra, e vede os ventos
Como em breve o dissipam!
Oh! dae á morte mais segura esp'rança.
Debil recordação de um som perdido
Dos tumulos persiste acaso em torno?
N'um ai do moribundo existe a gloria!
Mortaes, que prometteis eterna fama,
Dizei — tendes dois dias?
Os ceos attésto, — desde que eu respiro,
Meus labios sem surrir nunca soltaram
Nome que engrandeceu delirio humano:
Cada vez mais vazio, como a casca
Sêca, que em vão sugâmos, sempre o tenho
Dos labios expellido.
Os homens á corrente que os arrasta,
N'um delirio de gloria embevecidos,
Fiam um nome, que de dia em dia,
O tempo em suas ondas enfraquece.
Um secl'o o vê brilhar, um sec'lo o lança
Ao mar do esquecimento.
Se a esse mar sem praia um nome arrojo,
Que boie, ou que se afunde, o que m'importa!
Póde esse nome acaso engrandecer-me?
Cisne que para o ceo remonta o vôo,
Se das azas a sombra inda fluctua
Na terra, acaso indaga?
Mas teus cantos? — Pergunta á filomella
Por que á noite os seus quebros se misturam
D'entre as ramadas ao murmurio d'agua:
Cantava, como canta a avezinha,
Como o homem respira, as auras gemem,
Como a fonte murmura.
Amar, rezar, cantar, — eis minha vida.
De tudo o que os mortaes na terra anceiam,
Nada nesta hora extrema a custo deixo;
Nada, além dos suspiros para o ceo,
Dos extasis da lyra, e do silencio
Expressivo do amor.
Sentir aos pés da amante as cordas d'oiro
Na lyra estremecer, e os sons harmonicos
Levar-lhe ao coração doce delirio,
Ver-lhe o pranto correr das faces lindas,
Qual do calix da flor transborda em perolas
D'aurora o brando orvalho:
Ver d'uma virgem meiga o olhar modesto
Triste fitar-se na celeste abobada,
Como quem quer seguir os sons que fogem;
Depois fitar-se em ti em casta chamma
E baixar-se, e brilhar, como da noite
Um facho que tremúla:
Ver-lhe adejar no rosto o pensamento;
A palavra faltar-lhe aos labios tremulos;
E apoz silencio longo em fim ouvir-lhe
Essa palavra que nos ceos retine,
Que o anjo e serafim repete — eu te amo! —
Eis só por que eu suspiro.
Um suspiro! um pezar! palavras futeis.
Eu nas azas da morte aos ceos me elevo;
Eu vou onde os instinctos me chamavam;
Onde se vê brilhar a vóz da esp'rança;
Eu vou atraz dos sons da minha lyra,
Atraz dos meus suspiros!
Como essa ave que vê por entre o escuro,
Com os olhos da fé rasguei as sombras,
E vi o meu destino revelar-se.
Quantas vezes minh'alma, remontada
Sobre as azas de fogo, entrou nos ceos
Antecipando a morte?
Oh! não graveis meu nome sôbre a campa;
Nem com ella opprimaes a minha sombra;
Um punhado d'arêa é quanto basta;
Deixae-me apenas um recinto estreito,
Onde algum peregrino desgraçado
Possa orar de joelhos.
Nas sombras, no silencio, ao pé das loisas
Erguem-se ás vezes preces fervorosas;
Da morte na mansão surri-se a esp'rança;
Um pé na campa solta-nos da terra;
O horizonte é mais vasto, e mais ligeira
Noss'alma vôa aos ceos.
Quebre-se, dê-se ao vento, ao mar, ás chammas,
Lyra que um som não teve, que afinasse
Accorde co'a minha alma; que os meus dedos
Irão vibrar bem cedo na harpa d'anjos
Hossanas immortaes, a cujo accento
Talvez os ceos suspenda...
Talvez... porém da morte a mão pesada
Sobre a lyra passou; a corda estala,
E soltou um gemido extremo aos ares,
Calou-se a minha lyra... Agora as vossas
Amigos, empunhae; passe a minh'alma
Envolta em harmonias.

F.

GRUTAS DE CONDEIXA [1]

A villa de Condeixa assenta n'um calcareo concrecionado, d'um amarello sujo[2]; n'umas partes brando e terroso; e n'outras tão duro, que se emprega em mós de moinho, bem conhecidas em todo o reino. Este calcareo offerece geralmente uma structura cellulosa e muito irregular. Nos massiços mais compactos, e ate nas proprias mós, a rocha é toda crivada de pequenas cellulas, que lhes dão um aspecto cavernoso; mas n'outras partes vêem-se anfractuosidades numerosas,

[1] Damos uma noticia breve destas grutas, que há pouco visitámos com os sñrs. doutores Secco, e Simões de Carvalho.

[2] O sñr. Carlos Ribeiro, a quem communicámos esta noticia, mandou-nos de Bragança interessantes esclarecimentos, sobre os terrenos em que assenta o calcareo de Condeixa, que apresentamos em nota por se achar já composto o nosso artigo.

Diz que os calcareos da Venda do Cego pertencem ao jurassico inferior ou liassico superior, carecterisado por ammonites, tortilis, margaritatas, e serpentinas: que as arêas, gres, e calcareos, que apparecem de Condeixa para Soure, de Condeixa para a Redinha, e n'alguns pontos de Condeixa para Alcabideque são terrenos subcretaceos: e que, sobre estes cretaceos e calcareo da Venda do Cego, é que assenta o calcareo concrécionado de Condeixa, calcareo d'agua doce, travertin dos Italianos. Não assigna epocha precisa a esta formação, inclinando-se com tudo a que seja anterior ao cataclismo que determinou a abertura do val do Mondego em Coimbra, e todo o relevo actual da Beira.

Admitte que as aguas de Sarnache e Condeixa vão addicionando successivamente novas camadas ao calcareo concrecionado; e attribue a este trabalho, ainda hoje continuado, o estado em que se acham, na gruta da Eira Pedrinha, os ossos humanos, que julga possivel pertencerem aos tempos historicos.

que n'alguns pontos dão logar a verdadeiras grutas.

Por causa desta structura cavernosa, pela natureza calcarea da rocha, e abundancia d'aguas que circulam neste terreno, infiltram-se com facilidade as dissoluções calcareas, que penetrando até as anfractuosidades ou cavernas, se incrustam n'aquellas superficies, tornando-as polidas, ou cobrindo-as de stalactites e stalagmites com fórmas mui variadas.

Se esta formação sedimentosa por analogia com o calcareo concrecionado do N. de Inglaterra, foi devida á agregação e concrecção de mineraes dissolvidos, e em repouzo, no fundo das agoas, á semelhança das concrecções que teem logar na cal hydraulica, não admira que o todo desta formação calcarea se aprezente com o aspecto d'um montão de stalactites; e que, a par de muitos vegetaes fosseis, appareçam verdadeiras cristalisações que, pelo seu rendado e dilicadeza de suas agulhas, simulam plantas delicadas, que se tivessem petrificado.

Um estudo minucioso dos caracteres paleontologicos desta formação poderá decidir estes pontos duvidosos, e mostrar a sua ligação com os calcareos jurassicos das collinas de Coimbra.

O apparecimento pois destas grutas nas visinhanças de Condeixa é um phenomeno mui frequente em semelhantes terrenos; mas nem por isso menos digno de ser observado.

A Gruta nova, a *Lapinha*, e uma outra gruta, á Eira Pedrinha, em que appareceram ossos humanos, teem muito valor scientifico, particularmente a ultima, pelo estado em que se acham aquelles ossos.

A Gruta nova descobriu-se ha poucos mezes n'uma pedreira que se estava lavrando para construcções de alvenaria. Metro e meio a dois metros de profundidade, appareceu na abobada uma abertura arredondada, por onde se desce a custo. Entrando-se na gruta, veem-se magnificas stalactites que dão áquelle todo um aspecto maravilhoso. A gruta, com a fórma hemispherica, tem quatro metros de diametro. A abobada e as paredes são muito irregulares, apresentando escaninhos ou pequenas grutas em direcções differentes, e tudo forrado de stalactites e stalagmites.

A *Lapinha*, já conhecida de tempos immemoriaes, tem a fórma d'um palco scenico, aberto n'uma rocha, que se eleva a muitos metros. Tem de notavel uma copiosa fonte que, ao longo da parede posterior da gruta, se despenha em lençol d'um resalto em fórma de cornija. Por cima desta gruta vê-se outra á maneira de canal sinuoso, com muitos metros de extenção, em cujas paredes se nota o polido caracteristico do calcareo de Condeixa.

A Gruta da Eira Pedrinha, onde appareceram os ossos humanos, tambem se descobriu ha pouco n'uma pedreira em lavra ao N. da villa. A rocha está cortada verticalmente. Na parte inferior deste corte, vê-se um buraco, primeiro horisontal, e depois um pouco obliquo e curvo até chegar ao sitio dos ossos. Terá a extensão de quatro metros; e tão estreito que apenas póde entrar de rastos um homem magro.

Os operarios da pedreira, que primeiro alli foram, encontraram alguns ossos soltos; e quebraram a martello outros que viram engastados na rocha. Quando entrámos nesta gruta apenas podémos ver, cravada no calcareo duro, uma tibia humana, com o canal medullar descoberto em consequencia de martelladas que o tinham fracturado, com a rocha, e parte do osso que o cobria.

A extremidade superior da tibia estava escondida no interior da pedra, que a muito custo podémos quebrar. Um bocado deste osso saiu collado á rocha fracturada.

Neste exemplar distingue-se a linha de separação entre a rocha e o osso, cuja substancia compacta e cellulosa se acham n'um estado de perfeita conservação.

Alguns bocados de craneo, que os operarios tinham achado soltos na gruta, estão cobertos d'uma incrustação cristalina da mesma rocha; mas nos pontos descobertos vê-se o osso a desfazer-se, e como confundidas as substancias compacta e diploica.

Ainda que faltem nestes ossos alguns caracteres de verdadeiros fosseis, uma tal descoberta é com tudo de grande importancia, para esclarecer as questões historicas e geologicas, suscitadas pelo apparecimento de ossos humanos nas cavernas de ossos, e nas brechas osseas da Europa e do Brazil.

A fórma de sepulturas abertas na rocha: a mistura d'ossos humanos com objectos de arte: a posição destes ossos: a sua mistura com ossos d'antigos mamaes fosseis, ou d'animaes da epocha actual: os despojos de animaes de differentes epochas, e costumes oppostos: a fossilisação de excrementos; e muitas outras particularidades desta gruta, podem ser um fertil assumpto para as indagações dos historiadores e dos geologos.

Poderão estas particularidades indicar se aquella gruta foi escolhida na antiguidade para sepulturas humanas; se foi habitação, defeza, ou guarida daquelles individuos em epochas tumultuosas; se alguns assassinos ali esconderam os vestigios do seu crime; se os cadaveres para lá foram levados por animaes de que fossem preza; se em fim as aguas arrastaram aquelles ossos na sua torrente etc. Poderão esclarecer-nos tambem, sobre a epocha daquella formação calcarea; e, subindo a questões geologicas de maior transcendencia, apontar por ventura alguns indicios mais interessantes sobre a extincção rapida das especies perdidas no ultimo cataclysmo geologico, ou o seu desapparecimento successivo e gradual, devido a causas tambem graduaes; sobre a reunião fortuita dos ossos humanos,

na mesma gruta, com fosseis de animaes antehistoricos, alli depositados em epochas muito mais remotas, e outros importantes pontos scientificos.

Uma commissão da faculdade de philosophia já examinou aquelles ossos a pedido do sñr. governador civil, que, por voto da mesma commissão, mandou cortar na pedreira a grande massa de rocha que lhe fica por cima, para facilitar a sua exploração. Aguardamos o resultado deste interessante e curioso trabalho.

A. A. DA COSTA SIMÕES.

ELOGIO FUNEBRE.

. ... Præcipe lugubres
Cantus Melpomene......

SENHORES! — Venho hoje cumprir um dever difficil e penoso, imposto pela Direcção do Instituto de Coimbra, associação a que muito me honro de pertencer.

Em sessão de 9 de janeiro ultimo me encarregára a Direcção do elogio funebre d'um dos socios mais distinctos desta instituição litteraria. Difficil é o dever para quem conhece a grandeza do assumpto, digno de penna mais sabia, e de voz mais eloquente; para quem é, como eu sou, absolutamente inexperiente n'esse genero de discursos destinados a render um justo culto de homenagem ás lettras, e a perpetuar d'est'arte memorias illustres. Penoso para mim especialmente, que sinto avivar-se-me a pungente saudade d'um sabio illustre, d'um mestre respeitavel e benevolente, d'um coração sempre generoso e patriotico, d'um amigo constante, e companheiro estimavel em trabalhos litterarios e parlamentares. Mas cedo á justiça da deliberação; comquanto sinta o desacerto na escolha. A voz da universidade não podia ficar silenciosa; sendo a primeira que devêra alevantar antiphona neste solemne concerto de homenagens tributadas ao genio, á sabedoria, ao patriotismo illustrado.

Ha nomes, senhores, que basta proferil-os para fazer o seu elogio. Tal é o respeito e a admiração, que souberam grangear do publico. Ainda mais; as grandes memorias sobre a admiração, que inspiram, dão lições mysteriosas a quem sabe consultal-as. O ouvido applicado á campa dos homens d'engenho ainda recebe attento sons propheticos, que excitam os brios da posteridade.

Tenho diante de mim uma grande vida intellectual, ligada aos grandes acontecimentos da nossa historia contemporanea.

O sñr. dr. Agostinho Albano da Silveira Pinto, ministro de estado honorario, vice-presidente do tribunal de contas, antigo oppositor da faculdade de philosophia n'esta universidade, e socio deste Instituto, já não existe! o dia 18 de outubro de 1852 foi o ultimo da sua preciosa vida!

Nasceu na cidade do Porto em 17 de julho de 1785. Foram seus paes, o bacharel em medicina e philosophia José Xavier da Silveira, e D. Maria Perpetua Pereira da Silveira. Desde a primeira infancia mostrou o conselheiro Albano a mais decidida vocação para a carreira litteraria. Educado por um tio materno alguns annos em Lisboa, aprendeu as linguas franceza e ingleza, em poucos mezes: mas perdendo seu tio por effeito de subita e inesperada morte, regressou á casa paterna em Orem, e dalli foi para Thomar frequentar os estudos classicos, como meio de habilitação para a universidade. Em pouco mais d'um anno conseguio o mancebo esperançoso aprender todos os preparatorios necessarios á matricula do primeiro anno mathematico e philosophico, que teve logar em outubro de 1801.

Assignalada a frequencia dos cursos de mathematica e philosophia pelas mais decisivas provas d'um talento não vulgar, e superior aproveitamento, propoz-se ao gráu de doutor na faculdade de philosophia, e com elle foi condecorado em 26 de Maio de 1806, contando apenas vinte annos de idade.

Tão reconhecido era o merito relevante do novo doutor, que logo nos annos de 1807 a 1808, e de 1808 a 1809 foi nomeado demonstrador extraordinario da cadeira de historia natural. Foi no anno de 1808 para 1809 que eu tive a fortuna de ouvir as sabias prelecções do joven professor, na qualidade de seu discipulo, e d'admirar os vastos conhecimentos, clareza e precisão, que sempre caracterisavam as suas explicações.

Despachado oppositor da faculdade de philosophia em 19 de dezembro de 1811, continuou no serviço de demonstrador de historia natural, e regeu tambem n'esse anno a cadeira de metallurgia. Continuando nos annos seguintes o serviço de demonstrador de historia natural foi frequentando a faculdade de medicina, em que foi bacharel formado, tendo sido por vezes premiado, como estudante distincto: sendo que ainda antes de formado em medicina fôra nomeado medico d'um dos hospitaes inglezes, então estabelecido em Coimbra, e neste serviço grangeára o nome de um habilissimo practico.

Interrompidos os trabalhos litterarios da universidade pela invasão dos francezes, o sñr. conselheiro Albano quiz servir tambem a sua patria na carreira das armas. Alistado na companhia d'artilheiros academicos, serviu por algum tempo nesta arma, e foi depois despachado tenente ajudante do mesmo corpo academico.

Dissolvido este corpo com a expulsão do exercito francez do territorio portuguez, foi o sñr. conselheiro Albano nomeado official do corpo de guias ás ordens do general Wellington. Fez serviços nas batalhas de Talavera, Badajoz, Fuentes de honor e Buçaco, pelos quaes obteve a medalha n.º 2. da cam-

panha da guerra peninsular, a cruz de s. m. catholica, e a medalha de s. m. britannica.

Em 1811 terminou a sua carreira militar, e voltou ao serviço universitario. Mas não vendo esperanças d'obter tão breve o despacho de lente na sua faculdade; e offerecendo-se-lhe o logar de professor de linguas franceza e ingleza na academia de marinha e commercio da cidade do Porto, resolveu aceital-o. Serviu este emprego desde 28 de janeiro de 1815 até 3 d'outubro de 1818, que foi despachado lente da cadeira d'agricultura da mesma academia. Em 1819 regeu esta cadeira e a de philosophia racional e moral, na ausencia do professor respectivo.

Em 1826 foi nomeado director da real eschola de cirurgia do Porto. Em 1827 medico da real camara. Em 1828 socio correspondente da academia real das sciencias de Lisboa. Em 1834 director da academia de marinha e commercio, logar que já por vezes servira interinamente. E neste mesmo anno foi socio fundador e presidente da sociedade litteraria Portuense: e um dos promotores da do asylo de primeira infancia no Porto, cujos estatutos e regulamento se encarregou d'organisar. Em 1836 foi nomeado socio correspondente da sociedade pharmaceutica lusitana; membro correspondente da associação dos amigos das lettras; socio da sociedade de sciencias physicas, chymicas, artes agricolas e industriaes de França; socio correspondente da sociedade de chymica medica de Paris; e neste mesmo anno foi eleito deputado ás côrtes pelo collegio eleitoral de Braga.

Os inesperados acontecimentos politicos de setembro de 1836 inutilisando aquella eleição, privaram igualmente o snr. conselheiro Albano do emprego publico, em que servia, e do qual pediu a sua exoneração.

Em 1837 foi convidado pela associação commercial do Porto para reger uma cadeira d'economia politica, creada por subscripção patriotica. Em 30 de maio d'esse anno foi inaugurado o ensino da economia politica n'aquella cadeira em sessão solemne com um discurso do professor, que corre impresso: e continuou no exercicio d'aquelle ensino até junho de 1838. Eleito então deputado foi tomar parte nos trabalhos parlamentares, em que continuou seguidamente honrado com os suffragios e confiança de seus constituintes, e dando sempre irrecusaveis provas de subida intelligencia e aprimorados conhecimentos, especialmente em sciencias economicas, e *finanças*.

Em testemunho do apreço de seus vastos conhecimentos e esclarecido patriotismo, foi nomeado vogal e vice-presidente do tribunal de contas em 1842; e honrado com a confiança da soberana, chamando-o aos seus conselhos na qualidade de ministro e secretario d'estado dos negocios da marinha e ultramar em 1848. E a esse tempo já a munificencia real o havia distinguido e condecorado em occasiões differentes com habito da ordem de Christo, commendador da mesma ordem e da Conceição de Villa-Viçosa, cavalleiro da ordem Torre e Espada, e carta de conselho.

Nos empregos litterarios, scientificos e administrativos, em que o snr. conselheiro Albano servira, ficou a sua illustre memoria perpetuada por excellentes escriptos, que legára impressos e manuscriptos.

Trabalhador indefesso quiz assignalar cada uma das phases da sua vida publica com alguma producção de utilidade practica. Publicou em 1816 os seus Elementos de Grammatica Franceza, de que hoje temos a 5.ª edição. Em 1822 o projecto de regulamento para as cadeias do Porto e commarca. Em 1823 relatorio sobre a administração dos expostos e casa da roda do Porto. Em 1827 primeiras linhas de chymica e botanica. Em 1832 noções sobre a cholera-morbus indiana. Em 1833 conclusões practicas ou aphorismos, deduzidos da observação sobre a cholera-morbus. Em 1834 e 1835 muitos e muito interessantes artigos litterarios e scientificos no repositorio litterario portuense: e nos annaes da sociedade litteraria do Porto publicou uma excellente memoria sobre a grippe, doença que então grassára epidemica: e o elogio funebre d'Agostinho José Freire. Tambem em 1835 publicou o codigo pharmaceutico lusitano, que foi logo admittido como pharmacopêa legal; e em 1836 a pharmacographia do codigo pharmaceutico. Em 1838 appareceram as suas preleções de economia politica. Em 1839 divida publica portugueza, sua historia, progresso, e estado. Em 1841 — a crise *financeira*. Em 1843 exame critico das causas proximas da actual situação *financeira*. Em 1847 exposição synoptica do systema geral de fazenda publica em Portugal. Em 1849 relatorio e documentos da commissão d'inquerito sobre as operações do banco de Portugal.

E consta que deixara o snr. Conselheiro Albano manuscriptos importantes; entre elles a historia *financeira* de Portugal desde a fundação da monarchia até 1843.

Tal é, Senhores, em resumido quadro a biographia do sabio contemporaneo, cujo nome honra este Instituto desde 3 de Março de 1849; e cuja perda hoje deploramos.

Ahi tendes uma vida litteraria, politica, e militar toda trabalhada e gasta no serviço da sua patria. Poucos exemplos achareis na historia de tanta dedicação, e tão proveitosa a prol da humanidade.

E é de ver, senhores, que tantos, tão serios, e variados trabalhos, que tenho mencionado, não comprehendendo varias commissões de que o illustre finado fôra por vezes encarregado, nunca o estorvaram do exercicio da practica da medicina, que sempre exercera com rara felicidade e generosidade inimitavel.

Mas quem vive seculos em dias não póde durar muitos annos. Uma vida intellectual tam trabalhada, tão cheia de pensamentos e de emoções, forçosamente anticipava a senectude. De ha muito que o sabio illustre sentia a saude arruinada. Via debilitar-se de dia para dia o vigor physico, a que todavia resistira por alguns annos a robustez do espirito; até que a ordem natural veiu estabelecer o equilibrio entre o physico e o moral ao pôr do sol da vida!

Em 1851, já entibiadas as forças do espirito, a muito custo sustentava os debates parlamentares, em que sempre se empenhava com fervoroso zelo e assiduidade incessante. Tinha sobre tudo a peito as questões economicas em que a sua voz era com recolhimento e respeitoso silencio escutada como auctoridade mui competente.

Em 1852 poucas vezes se ouviu já aquella voz no parlamento! E foi então que o coração presago, sentindo aproximar-se a hora fatal, como que lhe inspirou um desejo impaciente de visitar a terra onde nascera para em fim lhe entregar os ultimos restos mortaes!

Perdemos, senhores, um dos maiores ornamentos do nosso Instituto! a patria um cidadão honrado e virtuoso! as sciencias e as lettras uma das maiores illustrações do seculo!

Mas não seja tudo funebre! *Absint funere Neniæ!* congratulemo-nos, senhores, pela gloria que o nosso consocio ganhou para o seu paiz. Confiemos que vivo será sempre o seu nome entre nós; e para todos os verdadeiros portuguezes que se empenham em sustentar o triplice *palladium* da liberdade, independencia e gloria nacional.

J. J. DE MELLO.

COLLECÇÃO DE DOCUMENTOS INEDITOS PARA A HISTORIA DE PORTUGAL E SEUS DOMINIOS.

Correspondencia de D. João de Castro, governador e vice-rei da India.[1]

Carta do vise-rei a elrei de Patane.[2]

Muito alto e poderoso Salim mixaa, rei potentissimo dos Patanes.

A fama, que corre pelo mundo da grandeza, justiça, e muita virtude de vossa alteza, me deu occasião pera, já que o não posso ver, desejar sobre todas as cousas de o servir. E para lhe manifestar esta vontade, que tenho ha muitos tempos, fiz muitas vezes prestes meus embaixadores, aos quaes os Guzarates impediram sempre a passagem pera essas partes, sem nunca lhes quererem abrir caminho, para que seguramente podessem chegar, onde v. a. estivesse. Pollo que me foi necessario mandar lá este portador em trajos desconhecidos, e não convenientes pera aparecerem diante de sua real presença, só a fim de por este modo virem a execução os meus dezejos, e de lhe ser apresentada esta minha carta, na qual lhe faço algumas lembranças mui importantes e necessarias a seu serviço, e a acrescentamento de seu real estado pera o que me offereço com dez mil homens, e cem velas apparelhadas, querendo v. a. aceitar de mim este serviço.

Antes de outra cousa alguma, lembro a v. a. que o reino de Cambaia está o dia d'hoje tão enfraquecido, e gastado, que será cousa muito facil, não somente a um rei tão poderoso, como v. a. é, tomal-o; mas tambem o menor capitão dos que v. a. tem, o poderá fazer muito bem, todas as vezes, que quizer; por que o seu rei é moço, e tão exercitado em todos os vicios, e máus costumes, como tambem esquecido do que tóca á sua honra, e a bem de sua republica: e com isto está tão malquistado de todo o povo, polla grande crueza e tirania, que com elle usa, que é cousa de maravilha. Os Guzarates são taes homens, que todas as mulheres de outras nações lhes fazem muita ventagem, d'onde procede, todas as vezes que ouvem dizer ter v. a. vontade de lhes fazer guerra, não terem outro esforço, nem confiança em outras armas, e defensões, salvo em se encomendarem á clemencia e piedade dos vencedores, sem fazerem fundamento de porem suas cousas nas mãos, e voltas de fortuna; e averiguarem a justiça de suas cousas, honras, vidas, fazendas, e liberdades pollas armas, como é costume; antes tem por preceito, e remedio nobre e soberano, não somente todas as nações, que vivem polla redondeza da terra; mas os feros brutos, os quaes não quiz a natureza deixar sem este dom, ordenando a cada um delles, armas pera offender e animo pera se não deixar sugigar e vencer de seus contrarios. Pois notorio é, que elrei de Cambaia não vive em outra esperança, quando lhe dão novas da vinda de v. a. sobre seu reino, nem espera de se salvar n'outro braço, que se encantoar e metter nos logares mais remotos e escondidos de sua terra, que estão situados á borda do mar, e accolher-se debaixo da sombra, emparo, e favor dos portuguezes, o qual desde agora para todo sempre lhe faltará pelas muitas ingratidões, que tem mostrado, de poucos dias a esta parte, das grandes amisades e boas obras, que tem recebido do muito alto e muito poderoso rei de Portugal, meu senhor, e geralmente de toda

---

[1] Continuado do vol. 1.° pag. 354

[2] Elrei de Patane é o mais poderoso rei, que agora ha em toda a Asia: tem o seu reino dentro no sertão. Da India lá são quatro mezes de caminho: deve de ser pollos impedimentos d'elle. Do primeiro porto até á cidade, onde reside são trezentas leguas. Agora é tambem rei de Bengala, outro grandissimo reino, com o que ficou de tão grande poder, que conhecidamente elrei de Cambaia, e todos os outros reis mouros e gentios, lhe tem notavel medo. (Nota do compilador destes documentos.)

a nação portugueza, que nestas partes anda. Pelas quaes cousas v. a. tem apparelhada a melhor cunjuncção, que podia, não digo negociar, mas saber pedir e desejar pera acabar de ajuntar estes reinos de Cambaia com os seus, e alargar seus senhorios tanto, com sua fama, e merecimento de suas grandezas e singulares virtudes; e para que v. a. podesse mais singularmente cobrar estas terras sem perda de sua gente nem gastos de seus thezouros, me tenho ora concertado secretamente com alguns senhores Guzarates, e pessoas mui principaes do reino, para que tanto que ouvirem, que v. a. entra pollas terras dentro, se alevantarem todos com seus logares e fortalezas. De maneira, sñr., que os reinos de Cambaia o estão esperando com as portas abertas, sem nenhuma contradicção nem impedimento: por tanto não perca v. a. tamanha occasião como lhe ora o tempo mostra, e a fortuna lhe tem apparelhado. E porque v. a. não tenha em nenhuma duvida ao eu servir nesta jornada e empreza, como acima lhe tenho offerecido, me fico fazendo prestes pera logo este verão se fazer a guerra a Cambaia de fogo e sangue, assim por mar, como por terra, e a saquear e destruir toda a costa do mar, e no inverno me ir assentar no logar de Baçaim com seiscentos cavaleiros de esporas douradas, e guiões de seda e cavallos arabios, com os quaes, com ajuda de nosso Senhor, primeiramente, darei tanto que fazer a elrei, que mui seguramente lhe possa v. a. vir tomando toda sua terra, da qual não quero outra cousa para elrei, meu senhor, salvo alguns logares maritimos, que eu tomar. E estes não pera mais, que pera a mais gente dos Rumes se não virem metter n'elles; e assim assentar antre v. a. e elrei de Portugal, meu sñr, pazes e amizades perpetuas pera todo sempre, e fazer de maneira, que entre ambos haja uma liança e contractos de irmandade mui verdadeira, contra todolos reis e senhores, que com cada um delles quizesse ter differença, e mover guerra. E por esta maneira ficará v. a. logrando a melhor e maior parte de toda a terra, e elrei meu sñr. possuindo o mar, sem haver cousa no mundo, que lhe possa fazer nojo, e dê estôrvo a gozar seus imperios, salvo o poder e vontade do alto e verdadeiro Deos, contra o qual não podem os mortaes fazer resistencia alguma.

Escrita em Góa a 4 de julho de 1546.

Esta carta levou um *patamar* christão, de confiança, á cidade d'Agrá, no reino de Patane, onde elrei estava com toda a sua côrte e cavallaria. Vista por elrei a carta do vice-rei, mostrou folgar muito com ella, e lhe respondeu logo, a qual resposta foi dada ao vice-rei, estando em Diu, depois de ter desbaratado, e destruido o exercito de elrei de Cambaia, e vinha escrita em *parcio*, com letras de ouro: o seu traslado é o seguinte:

Resposta de elrei de Patane ao vice-rei.

Em nome do poderoso. Capitão geral D. João de Castro, governador de muita piedade e formosura, em quem ha muitas qualidades pera ser muito chegado ao rei, e de muita experiencia, e de saber de Salomão, sem nenhuma má suspeita.

O mensageiro de sua carta chegou a nós, a qual vinha muito cortez, e cheia de muito amor e amisade, a qual veiu a muito bom tempo, e muito boa hora á côrte deste rei poderoso, e sobesse o que nella vinha, em que dizeis e daveis conta das cousas, que passam lá nas terras dos *guzarates*, que estão debaixo do poder desse máu homem de Mamude guzarate, de que elle foi causa, no que desfez muito em sua honra, pois que revolveu as cousas que estavam quietas, e que o rei dos reis, e senhor dos senhores vos tenha dadas, havendo-o elle assim por seu serviço, como o elle é de nos dar o senhorio destes reinos; e a propria espada, de que se Deos serve, nos deu na nossa mão, escolhendo-nos antre todo o povo por senhor d'elle, e nós somos sombra, em que todos se acolhem, e pastor de todo o povo. Exemplo velho é, que as cartas são meia conversação, antre as pessoas: os mensageiros, que me mandastes, e a sustancia do seu recado, chegou a nós, dando conta de como estaes prestes com vosso exercito, Deos vos prospere e dê victoria. A amisade antre nós é muito antiga, e agora de novo é confirmada com elrei de Portngal. Nossos costumes são, quando taes recados mandam, que com elles se mande tambem um cavallo, ou peça nomeada em signal d'amizade, porque com isto nos ganha a vontade, e nos ficamos obrigados; depois de bem cuidado e considerada a resposta, que lhe haviamos de dar de sermos todos uns, e muito amigos, e isto fica de maneira, que ficamos prezos por uma cadea deitada ao pescoço, pera nunca se esta amizade perder, a qual temos em conta de pedras preciosas, e se algum embaixador houveres de mandar de vosso rei, venha desta meneira que dizemos, e será recebido conforme a nossos costumes, por que nisso receberemos muita honra. = Feita na cidade de Agrá, no mez de *xiva* (que responde ao mez de outubro).

N.

ERRATAS DO N.° 3.

Pag.	*Col.*	*Linh.*	*Erro*	*Emenda*
29	2.ª	2	1379	1377
30	2.ª	31	vaticano	Vaticano
31	1.ª	31 e 32	que o ecomenico nenhum concilio sanccionou	que nenhum concilio ecumenico o sanccionou
32	2.ª	35	Ahi	Ah

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

CRITICA LITTERARIA.

Elementos de Hygiene privada — por D. Pedro Felipe Manlau — Barcelona 1846.

Elementos de Hygiene publica — por D. Pedro Felipe Manlau — Barcelona 1847.

A estreita relação que ha entre aquelles dois ramos de sciencias medicas, dá-nos azo a reunir no mesmo juizo critico aquellas duas producções scientificas de um habil medico Hespanhol.

Desejosos sempre de investigar e encontrar bellezas, antes do que topar com defeitos nas publicações litterarias, e scientificas, não temos por bom o systema que alguns seguem, de andar caçando pelas obras imperfeições, incoherencias e erros, que é facil achar ainda nas menos imperfeitas, encobrindo os valores reaes, que ellas encerram, os legitimos titulos de gloria de seus auctores.

E não ignoramos que por esse theor fica mais facil o officio de critico; que pois custa menos a ver defeitos que a descobrir bellezas. Mas temos que a vara de censor, a não descarregar humana, e imparcial, será uma arma nociva, e immoral: fará indignar uns, desalentar outros; e assim afugentar escriptores acreditados que recusam expôr sua nomeada ao juizo suspeitoso de homens, cuja competencia regeitam; e outros que encetando essa nobre carreira carecem de alento e animação para levarem ao ponto de perfeição o que não costuma sair perfeito dos primeiros traços da penna.

Não são as obras citadas de Manlau as que mais precisavam deste prologo para assentar o seu juizo critico; porque nem na parte litteraria, nem na scientifica hão mister favor. Não diremos que contenham ideas novas; nem o assumpto se presta muito á invenção. Os modificadores do organismo vivo tem sido tão estudados desde Hippocrates até os nossos dias; legisladores religiosos e politicos tem em todos os tempos ligado tão grande importancia á conservação da saude dos povos, e melhoramento das condições physicas e moraes da especie humana, que a hygiene convertida já em instrumento da religião, ou da politica póde dizer-se a sciencia mais cultivada, e conhecida: e a não ser algum novo modificador devido a circumstancias accidentaes e imprevistas; ou filho das phases diversas porque vai passando a civilisação, poucas novidades póde offerecer qualquer livro novo neste ramo de conhecimentos humanos.

Mas saber colligir o que ha bom espalhado pelos muitos escriptos que a sciencia possue; coordenar, e saber distribuir as doutrinas; dar-lhes a clareza, e precisão que facilitam a sua intelligencia, não é facil, inglorio, nem desvalioso empenho. Dispôr bem os principios, e verdades doutrinaes de qualquer sciencia; e desta arte facilitar o seu estudo e conhecimento, tambem é invenção, não concedida a qualquer engenho vulgar. Se com raras excepções devidas á especialidade do clima, habitos, e modo de viver dos habitantes de Hespanha, podemos achar em Londe, Rostam, Levy e outros as condições, e preceitos hygienicos publicados por Manlau, não será facil achar a concisão, precisão, e clareza que são o melhor titulo de gloria deste auctor.

Tomando, a exemplo dos antigos, por ponto de partida a consideração das seis coisas, ditas não naturaes; — *circumfusa*, *applicata*, *ingesta*, *gesta*, *percepta*, *excreta* — e repartindo assim por cinco secções todas as doutrinas dos diversos modificadores, por comprehender na segunda os que respeitam á ultima secção; denominando-as atmosferologia, cosmetologia, bromatologia, gymnastica, perceptologia, e seguindo o mesmo plano na hygiene publica, e na particular comprehende todas as noções geraes de hygiene, sem que se veja obrigado a repetições, infalliveis quando o plano da exposição segue a ordem das funcções; havendo modificadores communs a muitas dellas.

Na hygiene privada destina uma parte da obra ao conhecimento das differenças individuaes, como fôra de esperar, variando a acção dos agentes na razão dos temperamentos, idiosincrasias, constituição, edades, habitos, e profissões. Em hygiene publica dá muito especial consideração aos melhoramentos devidos ao progresso da civilisação, taes como penitenciarias, cemiterios, methodos de cultura, e de industria fabril: concluindo por mui judiciosas reflexões ácerca da organisação do ensino medico, e da saude publica.

Um complexo de doutrinas tão sãs, e accomodadas ás necessidades publicas, expostas em estilo didactico com a maior perspicuidade mereceu com razão a honra de ser adoptado para livro de texto nas escholas medicas.

Seremos não menos imparciaes no reparo que fazemos de que não fosse mais explicito o auctor na parte bromatologica, descendo das generalidades dos alimentos á especialidade dos mais usuaes; sendo essa a parte mais importante da hygiene, e a que mais convem ao conhecimento de todos. Tambem nos pareceu que quando o auctor tem de tocar em chimica organica fica algum tanto áquem da sciencia. Mas estas e outras imperfeições, talvez descuidos, não podem desvaliar a obra por muitos titulos recommendavel. M.

CHRISTIANISMO, A EGREJA E O PROGRESSO.

Continuado de pag. 31.

VI

A acção da lei do progresso é lenta, mas incessante. Tentar suspendel-a é obrar contra a natureza. Se no seu vagaroso peregrinar de seculos encontra um obstaculo, que no momento não póde vencer, determina em outro sentido a sua marcha; obra, mas latente, cavando-o em volta para o derribar. Segundo é maior ou menor esse obstaculo, mais ou menos aturada a sua acção, a civilização parece suspender-se durante um maior ou menor periodo de tempo. Um maior ou menor numero de seculos decorre, sem que na arvore da vida social desponte um novo ramo.

Quando successivas cargas de electricidade se agglomeram em um ponto, sustidas por uma solução de continuidade que lhes corta a corrente, um effeito necessario é a producção da centelha, apenas um corpo estranho, appropriado, se põe em contacto com o corpo conductor. O mesmo succede nas leis moraes do progresso e da civilisação. Suspendidas na sua manifestação social por um grande obstaculo que lhes corta o caminho, páram; mas concentram a sua acção em um só ponto, até que o apparecimento de um pretexto accommodado dê logar a que surja a revolução, que é a centelha do progresso.

O que é pois a revolução?

É um movimento rapido do progresso, pelo qual elle pretende realizar em pouco tempo a civilisação que devêra ter-se realizado, se não fôra o obstaculo que se lhe oppoz. Por isso toda a revolução que não tende a destruir um obstaculo ao progresso, e ao mesmo tempo fazer andar á civilização um espaço igual áquelle que esse obstaculo a retardou, ou não é verdadeira revolução, ou foi desviada do caminho em que a sua causa natural a collocára

O fim do seculo XVIII assistiu a um destes impulsos vigorosos do progresso, em que em alguns dias se anda jornada de seculos; em que as reformas, que succedem continuamente umas ás outras, parecem impellidas a um redemoinho vertiginoso, sem principio que lhes presida, sem lei que as regule; em quanto que não são mais que a acção de alguns seculos de progresso manifestando-se, depois de reduzida singularmente a condição de tempo, não poucas vezes alterada a condição de logar, e quasi sempre transformada a condição de modo.

Neste rapido rolar do carro do progresso muitas victimas foram esmagadas; e aquelles que outr'ora haviam tentado dizer-lhe: — não passarás d'aqui! expiaram agora no sangue de seus filhos a loucura passada, que os collocára em guerra com o omnipotente, o qual fizera da lei do progresso a lei primeira da humanidade.

É uma scena terrivel e nova, este redemoinhar immenso da revolução humana, chamada revolução franceza. Era um redemoinhar de victimas humanas subindo em comprida fileira os degráus do cadafalso; cahindo em abundante seára nos vastos campos de batalha; redemoinhar de principios politicos varridos pelo sopro de novas doutrinas; redemoinhar de organisação economica e industrial, revolvidas ao balbuciar incerto e inexperiente de uma sciencia na infancia; finalmente redemoinhar de crenças religiosas que, umas sobre as outras, rolavam envolvidas no mesmo anathema da revolução; sobre a cruz a *deusa da razão*, sobre a deusa da razão o altar do *ente supremo*.

Impellidos pela intriga, pela violencia, ou pela opinião publica, os homens succedem-se no poder e no patibulo; um só passo os separa. Com os pergaminhos da nobreza são rasgados os Evangelhos; em politica triumpha o Contracto social; em religião a duvida, quando não o atheismo. O aristocrata e o sacerdote vão junctos expiar com o seu sangue as suas culpas, e as das gerações passadas. D'ahi a um dia a revolução em seu banquete de Saturno castigará em seus filhos os seus proprios excessos.

Sobranceiro a este rapido perpassar de vultos gigantescos, umas vezes sublimes de inspiração e virtude, outras vezes grandes pela dedicação, mas repellentes pelo sangue que os cobre; sobranceiro a este redemoinhar tumultuoso de principios e de crenças, de partidos e de facções a disputarem o sceptro do futuro, está immovel um vulto zombeteiro, com a fronte sulcada de profundas rugas, com o sorriso do escarneo estampado nos sumidos labios.

Este vulto escarnecedor é a sombra de Voltaire.

Não foi a revolução franceza quem apeou o christianismo do pedestal, donde haviam dezesete seculos que via passar ante si submissos, o rico e o pobre, o fraco e o forte, o grande e o pequeno. Foram os encyclopedistas, e á sua frente Voltaire. Estes nos seus dias de omnipotencia fulminaram o anathema; a revolução executou-o.

Entre estes dous nomes, — Luther, e Voltaire, dormem dous seculos; mas se duzentos annos os separam na relação do tempo, maior é talvez o periodo que estancêa entre as duas epochas em que viveram, consideradas sob a relação do progresso. E no entanto, raras vezes occorre á mente do pensador um destes nomes, sem que o outro o acompanhe, como se fôra a sua sombra.

Qual é este laço intimo que os prende? Em virtude de qual lei os encontramos na mesma linha na perspectiva da historia?

A *reforma* de Luther cumpriu duas grandes missões: limitou a excessiva auctoridade do pontificado; foi a sua missão para com a egreja; introduziu o espirito de exame no seio da religião; foi a sua missão para com o christianismo. Este espirito de exame, que uma religião conscia da sua força e da sua verdade nunca devêra recear, foi um dos elementos mais poderosos da civilisação moderna; algumas vezes fonte de luctas detestaveis pela sua fórma, porem sempre fecundas de progresso, e desenvolvimento social. A elle devemos a maior parte dos nomes que ha tres seculos a esta parte, em todos os ramos das sciencias, tornaram conhecido o torrão em que nasceram.

Mas tendo sido, como vimos, a degradação intellectual e moral do clero a causa que mais se oppoz á marcha lenta, mas incessante, do progresso, e determinou a revolução de Luther, como pretexto, esta pareceu tender como fim principal a uma regeneração intellectual e moral dessa classe, pouco antes tão illustrada e virtuosa. D'aqui veiu á revolução lutherana o nome de *reforma*.

A egreja, que por tantas vezes havia pretendido arrancar os seus membros desse estado de decadencia, que de dia para dia se tornava mais prejudicial ao fim para que o Christo a instituira, conheceu a necessidade de ir ao encontro da revolução, e de abraçar o que nella houvesse de legitimo. Instituição essencialmente progressista, desmentiria a sua natureza se não o fizesse. Porem a grande maioria dos seus membros havia desviado ha muito a vista do progresso e desenvolvimento social, para que com um rapido relancear d'olhos, lançado sobre a *reforma*, pudesse apreciar as suas tendencias reaes, a sua indole e natureza intima, e o seu alcance futuro. Foi por isso que não viu nella mais que o fim apparente: a reforma intellectual e moral do clero. O concilio de Trento, que se reuniu para lavrar um novo pacto de união entre a egreja e o progresso, que pareciam divorciados de ha muito, não chegou a resolver esta questão immensa. Se tocou n'ella, foi para renovar o antigo anathema contra o acto da razão em materia de fé.

O fim deste grande acto da egreja foi assim mallogrado. A antiga opposição da graça e do livre arbitrio, do dogmatismo e da razão, da religião e da philosophia, ficou de pé; se é que não lançou novas raizes. Por não attenderem a isto, é que alguns zelosos adversarios do protestantismo o accusam de má fé, porque não se submetteu á egreja de Roma logo que esta abraçou o fim que elle se propuzera: — a regeneração do clero. Não foi a *reforma* que obrou de má fé para com a egreja; foi a egreja que não comprehendeu a *reforma*.

No seculo XVIII um espasmo geral havia paralizado a acção do progresso. Todos esperavam uma crise immensa que havia de decidir da vida ou da morte da civilisação. Todos sentiam a necessidade de um impulso, mas ignoravam quem poderia dal-o.

Seria a egreja? Impossivel. Bossuet repousava sob a louza (1704); e quando vivesse, embora fosse elle só *um concilio vivo e sempre reunido*, como lhe chama um philosopho dos nossos dias, não teria forças para uma empreza tão grande. O clero achava-se sem forças no seio da corrupção e da ignorancia: os tonicos que o concilio de Trento lhe applicou não puderam reanimar este corpo enervado. Não o digo eu; dil-o Massillon que assistiu aos ultimos momentos do seculo XVII, e viu chegar ao seu zenith o sol do seculo XVIII (1663 — 1742). Diz elle fallando do clero em um dos seus sermões: » vós sois o estrume e as varreduras da terra, e quereis converter-vos em sal della? Vós sois, qual outro Lazaro, um cadaver podre e infecto, e quereis ser os ministros da ressurreição e da vida? »

Uma sciencia nova se elevára de repente cheia de projectos e de esperanças. Foi a economia politica. Mas nem ella era propria pela sua indole para operar reformas do genero d'aquellas que o estado social reclamava; nem, quando o fosse, com tão poucos dias de existencia, podia ter auctoridade sufficiente para se constituir guia da humanidade.

Restava a philosophia. Em posse da grande alavanca que conquistára, o livre exame, a philosophia não recuava agora diante de nenhum problema. Confiada na experiencia adquirida durante uma existencia de tantos seculos; orgulhosa com os grandes nomes que durante essa longa vida a illustraram; entendeu que era chegado o momento de operar directa e immediatamente sobre a civilisação, em que até ahi apenas tinha tomado uma parte indirecta e parcial.

O antagonismo desastroso, em que o clero e os philosophos haviam collocado a philosophia e o christianismo, decidiu aqui dos destinos deste movimento. Se em logar dos philosophos, o clero tivesse actuado no progresso do seculo XVIII, a philosophia teria sido proscripta. No dia da revolução os philosophos teriam sido arrastados ás fogueiras da inquisição, fulminados pelo clero com o anathema de hereges, como os sacerdotes de Christo foram arrastados á guilhotina, humilhados, escarnecidos, com o epitheto de charlatães (*jongleurs*). Não succedeu porem assim. A philosophia pretendia reinar sem rival, ao mesmo tempo que via na influencia do clero, pela maior parte corrupto e ignorante, um obstaculo ao progresso. Em posse do livre exame, que submettia á analyse todos os principios, todas as crenças, todas as doutrinas; crendo vêr a causa do clero ligada á causa da egreja, e a da egreja á do christianismo, a philosophia do seculo XVIII pretendeu aniquilal-o, julgando aniquilar com elle a causa do espasmo social que ella se encarregava de resolver.

Talvez um principio de rivalidade interviesse tambem. A philosophia não podia ver sem desgosto uma parte dos dominios que ambicionava occupados por uma doutrina, cujos ministros a tinham perseguido n'outras eras. A sombra de Savonarola levantava-se terrivel a clamar vingança; os encyclopedistas ouviram-na, e o espirito de Giordano Bruno os inspirou. Durante esses annos de fermentação em que os escriptos philosophicos se cruzavam em todos os sentidos, e revestiam todas as fórmas, a abolição do christianismo foi o trabalho incessante que os philosophos cumpriram, por assim dizer, por instincto; sem nenhum accordo previo, mas com uma harmonia admiravel.

As doutrinas dos philosophos popularisaram-se; e quando chegou o momento da explosão, o altar do Christo foi arrojado aos ares de envolta com o throno dos reis. O baculo e o sceptro, o manto real e a veste do sacerdote, foram envolvidos no mesmo redemoinho destruidor. No momento em que se installava o culto da *deusa da razão*, e depois o do *ente supremo*, os sacerdotes eram arrastados ao cadafalso a pretexto de não terem sanccionado a revolução com o juramento exigido, como o rei o fôra a pretexto de traição.

Estariam satisfeitos os desejos dos philosophos? Estaria cumprida a divisa dessa guerra encarniçada, que Voltaire lhe deu nas celebres palavras: — *esmaguemos o infame*? As doutrinas espiritualistas do christianismo perder-se-hiam no materialismo da eschola encyclopedista e da revolução, como os ossos dos reis de França na valla commum onde os lançou uma vingança sacrilega e estupida?

Se tal era o preço por que Voltaire podia dormir em paz o seu derradeiro somno, mais de um tremor convulso ha de ter agitado no fundo do seu tumulo o pó do grande sceptico de Ferney.

Continúa J. J. D'OLIVEIRA PINTO.

COSTUMES JUDICIARIOS EM INGLATERRA.

Continuado de pag. 42.

O arrasoado, diziamos, é longo. O processo não é breve: absorve muitas vezes a quarta parte de uma vida. Uns autos que toda a gente diria conclusos, em Inglaterra apenas estão no começo. E que ha nisso de extraordinario? Aquelle povo tão practico, tão ufano do seu *sterling good sense*, não reconheceu que, tendo nos ultimos cem annos duplicado a sua população, e augmentado, em proporção ainda mais consideravel, a complicação dos interesses, era conveniente augmentar o numero dos tribunaes e dos juizes. Teem só doze, nem mais um; e por uma razão excellente, —nunca tiveram mais. Não vos satisfaz esta razão? Dirvos-hão Coke e Blakstone que doze eram as tribus d'Israel, que houve uma lei de doze taboas, e que Jesus Christo se contentou com doze apostolos. Instaes? Um erudicto vos contará que segundo Snorro, o Herodoto do norte, no reino d'Asaheim alem do Tanais, quando a cidade d'Asgard era dominada por Odin, os doze sacerdotes do palacio, não só tinham a seu cargo fazer sacrificios aos deuses, senão tambem decidir litigios entre os homens. Accrescentará que o uso judicial dos doze *aldermen* remonta a Regner Lodbrok, monarcha mytho, que os reis do mar formavam seu estado maior de doze chefes, e, para cortar a questão pela raiz, que Carlos Magno teve doze pares.

E não se imagine que estes doze magistrados a quem incumbe decidir todas as questões litigiosas dos tres reinos, sejam escrupulosamente escolhidos dentre os mais vigorosos e activos jurisconsultos. Não, que fôra isso estabelecer um desacordo entre a idade das instituições e a dos homens. Não cahem em tal contra-senso. Um exacto sentimento de harmonia administrativa faz dar a preferencia aos advogados decrepitos, aos jurisconsultos encanecidos sobre os autos. A maior parte só chegam a occupar o logar de juizes quando uma vida laboriosa, trinta annos de practica, e as enfermidades que dahi resultam parecem dever condemnal-os ao repouso. Estream-se, semi-paralyticos, quasi cegos, esfalfados, debeis, nesta penosa vida para a qual são arrastados, e onde são retidos por vantagens consideraveis mui superiores aos serviços que podem prestar. Em poder delles accumulam-se os trabalhos judiciaes, enchem-se os cartorios, prolongam-se as

atempações, e a causa intentada pelo avô chega intacta ás mãos dos netos.

Taes delongas trazem comsigo enormes gastos, e equivalem a uma recusa de justiça para a maior parte dos cidadãos incapazes d'arrostar com as despesas mais ou menos leaes d' um processo que dura vinte annos. Inaccessiveis ao pobre, indulgentes com os ricos, estes tribunaes podem, sem querer, em muitas circumstancias, servir d'instrumento á mais impudente espoliação, á mais tyrannica oppressão. Citaremos a chancellaria, onde ninguem, sem commetter imprudencia, levará qualquer demanda que não exceda 500 libras (mais de dois contos de reis), porque vencedor ou vencido, o que intenta a causa tem a certeza de perder pelo menos esta quantia. Este exemplo basta para provar que o concurso da justiça, em muitos casos, é um privilegio exclusivo, um objecto de luxo, somente ao alcance das grandes fortunas, e a que o pobre deve renunciar ainda que esteja mil vezes certo do seu direito.

Não é pois d'estranhar que este estado de cousas, a olhos vistos profundamente vicioso, tenha sido por muitas vezes censurado. Era-o no tempo de Bacon, cujo genio philosophico dominava o chaos legislativo, os conflictos de jurisdicção, a indecisão das doutrinas, que já nos seculos XVI e XVII eternisavam as acções judiciaes. As fontes de direito, os livros que constituem authoridade são hoje quinze vezes mais numerosos do que então eram [1], e todavia Bacon lastimava que se houvessem multiplicado a ponto de « confundirem os juizes, eternizarem os processos e fazerem sentir ao advogado as vantagens de um codigo methodico. » [2].

Os publicistas independentes da actualidade não deixam de clamar contra tão enormes abusos: pedem maior numero de juizes, insistem sobre a necessidade de reduzir a uma jurisprudencia uniforme os costumes, os precedentes, as tradicções, no meio das quaes, como num dedalo inextricavel, se perde a sagacidade do juiz e se nutrem as interesseiras manhas e astucias dos *attorneys*; porem no regime oligarchico, os vicios da constituição, são defendidos obstinadamente, e não se corrigem senão com os repetidos exforços de muitas gerações. Mal se conseguem insignificantes modificações ás quaes dão uma importancia facticia, attenta a energia da resistencia. Intrincheirados em suas gothicas fortificações, os altos torys, como lá dizem, não cedem o posto, ainda que o vejam desmantelado, senão quando estão prestes a serem esmagados debaixo de suas ruinas. Assim que, abstraindo da indomita obstinação de seus antagonistas, da continua excitação do espirito publico, com razão se poderá desesperar de que fossem feitas algumas reformas ainda as mais indispensaveis; era forçoso crer na eterna duração dessas instituições judiciaes, que, no seio da civilisação, perpetuam os barbaros usos de uma jurisdicção caduca, as incertas doutrinas de uma legislação incoherente.

[1] As differentes obras que constituem o Codigo civil e criminal da Gram-Bretanha, andam por seis centos volumes escriptos em normando, francez, mau latim, e inglez moderno.

[2] Aphorismo 78.

INFLUENCIA DAS CRUZADAS NA CIVILISAÇÃO.

Continuado de pag. 40 do primeiro vol.

Cruzadas.

Os sentimentos e as crenças religiosas elevadas até o enthusiasmo; a lucta continua desde o fim do seculo setimo contra o mahometismo; o estado da Europa nessa epocha, em que tudo se tinha tornado local e circumscripto; o gosto finalmente, não pela vida errante, mas sim pelo seu movimento e aventuras, fizeram, no sentir de Guizot, com que os povos, aspirando a transpor os estreitos limites, a que se achavam circumscriptos, se precipitassem nas cruzadas, como n'uma nova existencia, mais larga, mais variada, que umas vezes recordava a antiga liberdade barbara, outras abria a perspectiva d'um vasto futuro.

É innegavel que estas circumstancias exerceram uma manifesta influencia no facto das cruzadas; todavia não nos parece que fossem suas causas fundamentaes e unicas. Estabelecendo um parallelismo entre este successo e os chamados heroicos na infancia dos povos, em que estes obram livre e espontaneamente, sem *premeditação*, *sem intenção politica*, sem combinação de governo, Guizot considera as cruzadas como o successo heroico da Europa moderna, movimento *individual*, e juntamente *geral*, e por isso não dirigido.

Porem se pretendendo derivar da natureza das sociedades os grandes factos sociaes, que têem feito mudar sua face, lançarmos as vistas sobre o rapido quadro do estado d'organização da Europa nesta epocha que traçamos nos artigos precedentes, seremos levados a concordar que do seio d' uma organização viciosa e anomola, d' entre povos pouco ligados pelos laços sociaes, não é possivel saírem factos perfeitamente caracterisados.

Se pois, para precizar suas caeusas geraes fosse mister modelar por meio da analyse todas, as suas variadas phazes pelo typo a que as pretendemos referir. Se fóra d' esta exacta harmonia não nos fosse permittido accreditar na influencia directa de certos principios fundamentaes e reguladores, seriamos obrigados a admittir o imperio da desordem e do acaso. Effectivamente, porem, não é assim.

Quando a ordem dos successos não está exactamente regularizada, porque não o está a dos principios, é forçoso para precisar as causas fundamentaes dos grandes movimentos desprezar anomalias insignificantes, que como quantidades infinitamente pequenas, podem ser desprezadas neste calculo, todo de probabilidades.

Longe de nós querer negar o predominio da causalidade e da ordem; somente não damos tanta importancia ás causas especiaes, que se apartam dos principios geraes e reguladores: causas tanto mais frequentes, quanto o laço unitario das nacionalidades não está precizamente determinado até á sua ultima classe.

Levados por este principio accreditamos, que se o facto das cruzadas não se apresenta sempre, em seu desenlace, como consequencia de um principio calculado; se parece muitas vezes não ter tido um pensamento regulador, não deveremos todavia desta apparencia concluir para a realidade.

Eisaqui os argumentos que nos levam a seguir uma opinião contraria á do illustre historiador francez; bem persuadidos que fazer face ao inimigo commum, era não só uma necessidade politica nesta epocha, mas ainda que esse foi um dos principaes fins que, a par do zelo religioso do desejo de conquistas e de adquirir riquezas, pensadamente se propozeram os principaes chefes das cruzadas.

A carta de Alexis Commeno ao conde Roberto de Flandres é um testemunho do que dizemos; depois de fazer valer os principios religiosos, mostrando por toda a parte a profanação dos templos e mil abominações contra a religião e contra a moral, praticadas pelos sectarios do falso propheta, elle conclue, que os barbaros tinham invadido quasi todo o paiz desde Jerusalem até á Grecia, todas as regiões superiores do imperio grego, as duas Cappadocias, as duas Phrygias, a Bithynia, Troia, o Ponto, a Galacia, a Libya, a Pamphylia, a Jauria, e a Lycia com as principaes ilhas.

« Quasi nada mais me resta, diz elle, que Constantinopla, que elles ameaçam tirar-nos, se Deos e os Latinos não vierem em nosso soccorro; porque já com duzentos navios, que têem feito construir pelos prisioneiros gregos, se apoderaram duma praça importante sobre a Propontida, d'onde ameaçam conquistar Constantinopla. Neste estado de consternação rogo a todos os guerreiros christãos, já exercitados nas guerras do Occidente, que se esforcem *igualmente por libertar* o imperio grego. Antes quero, submetter-me aos Latinos, que ser infeliz presa dos barbaros. »

É uma descripção do estado deploravel do imperio dos gregos, e por isso do risco eminente do resto da Europa. Lembra as guerras do Occidente, como nascidas d'um principio identico, mas estas foram guerras de necessidade, exigidas pelas circumstancias que instavam, e não um facto similhante ás guerras heroicas. Se as circumstancias do Oriente eram as mesmas, seus resultados deveriam ser identicos, e identicas por tanto as razões determinativas d' aquelles chefes já costumados á peleja.

« Antes pois, continua o imperador, que Constantinopla seja tomada pelos barbaros, vós deveis combater com todas as forças. » E effectivamente quem não preveria as consequencias d'uma tal conquista? Passando a chave do Oriente á mão do inimigo, a Europa ficaria aberta a suas incursões, e o christianismo, que a symbolizava, veria estreitarem-se cada vez mais seus dominios.

Mas não são estas as unicas razões, que o imperador apresenta para determinar os outros principes e senhores christãos a soccorrel-o julgando não sufficientes os principios religiosos, e o interesse que haveria em evitar o mal, elle emprega a esperança d' outros interesses. Lembra ao conde de Flandres e aos principes do Occidente as immensas riquezas de Constantinopla, que passariam brevemente ás mãos dos barbaros, se as forças do Occidente não lhe impozessem uma barreira.

Por outra parte Pedro Hermita, que presenciára o estado deploravel do Oriente entregava a Urbano II cartas do patriarcha de Jerusalem, em que se fazia uma igual pintura do estado deploravel d'aquelle imperio; — percorria as côrtes de todos os principes do Occidente e influia no animo do povo, dirigindo seu enthusiasmo religioso para o fim que se propunha de combinação com Urbano e os principes para quem trouxéra cartas.

A soberania ecclesiastica de Gregorio VII tinha encontrado em Urbano II um forte sustentaculo; conscio da posição social e civil que occupava, comprehendeu bem que meios poderiam concorrer para se obter o resultado, que a necessidade politica da Europa exigia.

Já no concilio de Placencia (1 de março de 1095) os embaixadores de Alexis Commeno haviam implorado soccorro, expondo os motivos que instavam por prompto remedio. Mas no concilio de Clermont (18 de novembro de 1095) os dois objectos principaes foram a *paz de Deos*, *e a guerra de Deos*; aquella entre os christãos, esta contra os infieis. Ambos eram uma necessidade; occorrer-se-lhes, pois, foi mais do que um facto arbitrario; foi um passo de politica entre os chefes christãos.

Se Pedro Hermita, fallando como enviado dos christãos do Oriente, só apresenta por motivo determinativo do grande facto que se procurava realizar, os principios religiosos, Urbano vai mais avante, e, como politico, traça em poucas palavras o perigo que ameaçava a Europa.

« A impiedade victoriosa, diz elle, tem es-

palhado suas trevas sobre as mais ricas provincias da Asia: Antiochia, Epheso, Nicea são hoje cidades musulmanas; as hordas barbaras dos Turcos tem plantado seus estandartes sobre as margens do Hellesponto, d'onde ameaçam todos os paizes christãos. Se Deos, armando contra elles seus proprios filhos, não suspender sua marcha triumphante, que nação, que reino poderá fechar-lhes as portas do Occidente? «

O papa Urbano II era francez de nascimento, filho do Conde de Lemur; fallava a francezes, a compatriotas; era na força d'animo dos francezes que a egreja fundava sua principal esperança; seus antepassados no tempo de Carlos Martel, haviam quebrado o poder mahometano nos campos de Poitiers; a seus descendentes cabia ir completar na Asia a obra gloriosa de seus maiores.

Foi por conhecer sua bravura e sua piedade, diz Rohrbacher, que Urbano, seu compatriota, atravessou os Alpes, e lhes trouxe a palavra de Deos. Que se julgue da impressão profunda que deveriam produzir nos senhores e barões christãos de França taes reflexões, repetidas em mais d'um encontro pelo chefe da christandade, seu compatriota, seu parente, seu amigo!

« Se vós triumphaes, diz Urbano, as benções do ceo e os reinos da Asia serão vossa partilha. «

O enthusiasmo religioso, a necessidade urgente de levantar uma barreira ao inimigo conquistador, as riquezas e dominios, que se poderiam alcançar na conquista da Palestina, eis pois os tres motivos principaes, que se apresentavam em todos os concilios, e em todas as côrtes.

Se os motivos instavam; se sua urgencia não podia ser desconhecida; se foi mesmo geralmente apontada como razão determinativa, como querer que as cruzadas não fossem sua consequencia?

O estado social da Europa no seculo XI, e o principio moral ou religioso, concorreram de certo para a generalisação das crusadas, procurando os povos não só o resgate da cidade santa, mas, na phraze de Guizot, uma existencia mais larga e mais variada. Mas estes dois principios, quanto a nós, não foram, nem as causas unicas, nem as principaes deste grande movimento. Chamar-lhe-hemos antes poderosos elementos para que aquellas ideas politicas podessem encontrar um geral apoio.

Parecerá notavel que os reis ficassem estranhos a este primeiro movimento impetuoso; que não se deixassem levar pelas ideas que apontamos, deduzindo-se daqui um argumento contra o que temos expendido. Quem ha porem que desconheça que nesta epocha, depois do desmembramento feudal, a realeza se buscava a si propria e não se achava, na phraze d'um dos primeiros escriptores contemporaneos, Thierry? Quem esquecerá que tinham desapparecido as duas ideas, que são como os polos de toda a verdadeira sociedade civil, a idea d'um poder central, e do povo; e que debaixo do nome d'estado não se via mais que uma gerarchia de soberanos locaes, senhores cada um d'uma parte do territorio nacional? Foi pouco antes do fim do seculo doze, diz o mesmo Thierry, que a realeza, saíndo dos limites em que o systema feudal a acantonava, fez de seu supremo poder, então quasi inerte, um poder activo e militante. Alem de que o arriscado da primeira empreza não seria um motivo secundario para impedir que os monarchas, antes de verem resultados vantajosos, não fossem arriscar assim suas coroas, supposto estas fossem mais de honra que de poder.

Finalmente a não correspondencia dos successos proximos com as grandes e ambiciosas espectativas; os tristes resultados, tão frequentes d'uma guerra longinqua, e feita sem tactica, nem disciplina; a desharmonia resultante do deslocamento de muitos povos em massa que antes se achavam como isolados, deveria produzir um estado de laxidão, que faria oppor uma especie de inercia a quaesquer novas tentativas de guerra tão trabalhosa; esta razão e a não existencia de circumstancias tão imponente nos tempos posteriores, são motivos bastantes para nos fazerem ver porque no fim do seculo XIII o espirito das cruzadas tinha acabado.

É verdade que Guizot responde que a laxidão é pessoal, que se não transmitte como uma herança; — não negando este principio, não acreditamos todavia que ao passo que as gerações se succedem se reproduza a barreira que as separa pelo contrario ligam-se mutuamente, formando como uma só entidade moral, que se propaga em infinito. Assim pois as ideas d'uma geração não acabam com a vida d'um homem; não se esquecem, presistem até que novas ideas, que gradualmente se foram desenvolvendo, lhes veem disputar o dominio.

Continúa J. B. FERRÃO.

TENTAÇÃO.

Tinha a graça no andar e o céu nos olhos.

Feiticeira que fazes feitiços
Com que perdes minh'alma sem-dó,
Que me roubas a luz dos meus olhos,
Que no mundo me deixas tão só,

Feiticeira, que a vida me matas
Feiticeira, que mal te fiz eu?
Não me roubes a vida da terra,
Não me roubes a vida do céo.

Desde a hora fatal em que a sorte
Me fez ver o teu rosto gentil,
O teu rosto, mais lindo que a rosa,
Que sorri entre os prantos d'Abril,

Já não vivo, lançaram teus olhos,
No meu peito tormentos sem par,
Já não vivo, que a vida que levo,
Mais valera de todo acabar.

Deixa, ao menos, que fite os meus olhos
N'esses olhos que a morte me dão,
Lindos astros na noute em que vivo,
Que eu adoro de rojo no chão.

Esses olhos são sóes da minh'alma:
Quando abertos — o dia raiou,
Se se fecham — foi noute medonha,
Que no ceu negro manto lançou.

....
....

Quando a morte me dás sem piedade,
Deixa, ao menos, que eu possa chorar,
Deixa, ao menos, que as plantas te beije,
Já que as faces não posso beijar.

Pobre louco! que choras no mundo
Que sorrindo t'escuta gemer,
Mais valera da vida deixar-te,
Mais valera de todo morrer.

Pobre louco! que mostras no peito,
Largas fridas que a morte te faz,
Morre! morre! talvez que na campa,
Pobre louco, decances em paz.

Feiticeira — tem dó da minh'alma!
Feiticeira — que mal te fiz eu?
Se me roubas a vida da terra,
Não me roubes a vida do céo

Coimbra — Maio 1847.

MEMORIAS HISTORICAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA.

V.

Segunda trasladação da universidade de Coimbra para Lisboa.

Continuado de pag. 29.

Mandára D. Fernando vir de fóra do reino alguns lentes, que houvessem de ensinar na universidade as diversas sciencias, segundo então se liam nas mais celebres escholas de França e de Italia, e particularmente nas de Hespanha, quando este principe determinou mudar novamente a universidade para Lisboa, com o fundamento de que os lentes *estrangeiros* só naquella cidade queriam ler.[1] E de feito teve esta mudança logar nos ultimos mezes de 1377, pois que em janeiro do anno seguinte a universidade se achava já em Lisboa.[1]

Mas ou fosse porque aquelles lentes não chegaram a vir, ou por que tivessem maior demora, do que se contava, é certo, que no principio deste mesmo anno não havia no novo estudo de Lisboa ledores de leis, decretaes, logica e philosophia, por cujo motivo a universidade pedira ao rei que lh'os assignasse.[2] Ignora-se quantos e quaes fossem os nomeados; sabe-se apenas que D. Fernando izentára de certos encargos, a pedido da universidade, os mordomos e servidores destes lentes, e dos escholares, os quaes lhes administravam os bens em suas terras e igrejas[3]; e póde por isto conjecturar-se, que uma parte, se não todos os lentes, que primeiro leram em Lisboa, depois de trasladado para alli o estudo geral, eram naturaes deste reino, onde possuiam bens ou beneficios, com que se mantinham.

Antes, porem, de pôr em practica aquella resolução de trasladar para Lisboa o estudo de Coimbra, ordenára D. Fernando aos reitores e universidade do dito estudo, que lhe mandassem pessoa da sua eleição, com quem practicasse á cerca desta mudança, para que não faltassem em Lisboa casas para morarem os lentes e escholares, e outras cousas pertencentes ao mesmo estudo.[4]

Recaiu a escolha da universidade em Lopo Esteves, bacharel em leis, que por parte d'ella apresentou ao rei uma extensa supplica; para que não só lhe conservasse todos os privilegios, que este estudo geral até alli gozára, mas lhe acrescentasse outros de novo, no tocante á jurisdicção dos conservadores, e ás prerogativas dos escholares.[5]

Pretendiam elles, entre outras cousas, que o rei benignamente lhes concedêra, que houvesse só dois taixadores, eleito um pela cidade e outro pelos escholares, que taixassem o preço das casas, onde elles morassem, ainda que tivessem feito avenças com os donos d'ellas; e que se acaso os escholares houvessem pago maior preço, que o taixado, fossem aquelles theudos de lhes tornar o demais.

[1] « E vendo e considerando, que se o nosso studo, *que ora estaa na cidade de Coimbra*, fosse mudado na cidade de Lisboa, que na nossa terra poderia aver mais lettrados, que averia, se o dito studo na dita cidade de Coimbra estevesse, por alguns lentes, que de outros regnos mandamos vir, não queriam leer se non na cidade de Lisboa .... mandamos que o dito studo; que ora estáa na dita cidade de Coimbra, seia em a dita cidade de Lisboa pela guiza, que ante soiya estar. »

C. de D. Fernando dada em Coimbra aos 3 de junho de 1377 — *Liv. verde da Univ.* —

A duvida de Leitão Ferreira (Mem. chron. da univ. §. 456), de que a universidade estivesse ainda em Coimbra em junho deste anno (1377), não tem o menor fundamento á vista desta carta, e d'outra do mesmo rei do 1.° de julho dito anno, escrita a Affonso Martins Alvernaz, onde se leem estas palavras — « Sabede que os rectores e universidade do studo, *que ora estaa na cidade* de Coimbra etc.

[1] C. do mesmo rei, dada em Coimbra, no 1.° de janeiro de 1378 — *Idem.*

[2] *Idem.*

[3] *Idem.*

[4] C. cit. na nota 1.ª

[5] *Idem.*

Parecêra esta ultima pretenção demasiada, e por isso se não altercu a antiga legislação sobre os taixadores das casas, senão quanto ao numero delles, que ficaram reduzidos a dois, de quatro que eram, até que a final veiu este officio, com o tempo, a cair em desuso.

A auctoridade dos conservadores ia-se tornando excessiva; e por isso D. Fernando, não contente de. estabelecer as appellações nas sentenças civeis e criminaes destes magistrados, como n'outra parte deixamos referido, não confirmára os privilegios dos escholares, como lhe elles pediram por Lopo Esteves, sem coarctar mais aquella auctoridade, ordenando que os conservadores dessem aggravo nos feitos civeis

E taes eram os abusos que á sombra dos privilegios do fôro da conservatoria se commettiam, que o rei prohibira os conservadores de darem cartas citatorias, contra pessoas residentes fóra da cidade e seu termo a requerimento dos escholares, sem que estes primeiro jurassem, que não obravam maliciosamente, e que seguiam o estudo com o verdadeiro fim de aprender, e não para se aproveitarem da prerogativa do fôro academico. Não fôra, porem, esta providencia bastante, ao que parece, para cortar aquelles abusos, porque alguns annos depois (1384), o mestre de Aviz sendo regente do reino, confirmou estes mesmos previlegios, mas com a clausula de que as citações requeridas pelos estudantes fossem primeiro examinadas por dois doutores do estudo, e, não os havendo, por dois lentes em direito com o conservador, para que não houvesse nellas malicia ou engano. O demandador devia assim declaral-o sob juramento, e não podia gozar do fôro da conservatoria antes de ter frequentado por dois annos o estudo, nem fazer citação por titulo de doação entre vivos. [1]

Lopo Esteves allegára tambem por parte da universidade o prejuizo, que soffriam os escholares, de não poderem advogar nem publica, nem particularmente, por não terem para isso licença regia, o que era causa, dizia a universidade, de « alguns não quererem aprender, nem vir ao dito estudo » pelo que pedira, que fosse concedida aos escholares aquella licença, não só em quanto frequentassem o estudo, mas depois nas suas terras.

A nimia preponderancia que os escholares se queriam arrogar nestas e noutras pretenções com grave prejuizo dos estudos, ía encontrando repugnancia no animo dos imperantes, á proporção que o progresso das sciencias mostrava a necessidade de aperfeiçoar cada um dos seus ramos, e subordinar o exercicio das diversas profissões litterarias

[1] C. do Mestre de Aviz de 15 de outubro de 1384 — Liv. *Verde*.

a certas e determinadas habilitações. Assim D. Fernando concedeu só aos doutores, mestres e bachareis, ampla faculdade de advogarem, sem outro titulo mais que o do seu gráu. [1]

Não se esquecera Lopo Esteves de requerer tudo, que dizia respeito ao particular regimen dos escolares; tanto á cerca das casas, para elles morarem, como dos açougues, padeiras, vinhateiros e pescadeiras, as quaes todas deviam ír vender no bairro das escholas, que tambem se determinou fosse o mesmo em que ellas estiveram antes de trasladadas a ultima vez para Coimbra: e de feito tudo se regulou neste ponto a contento da universidade.

Quanto ás cartas ou diplomas, que a universidade houvesse de expedir, ordenou-se, que fossem escriptos pelo bedel, que era ao mesmo tempo secretario do estudo, havida primeiro deliberação em conselho dos reitores, lentes e conselheiros, como o pedira o procurador do dito estudo.

Ainda que pelos estatutos de D. Dinis cada faculdade tinha um lente so, é muito provavel, que posteriormente se augmentasse este numero, pois que nesta epocha a universidade propozera a D. Fernando, que os lentes de manhã em direito fizessem ao menos dois actos no anno, em que os escholares podessem argumentar: o que assim lhe fôra concedido. [2]

Não raro acontecia n'aquelles tempos serem lentes, juizes e advogados simples escholares sem exames nem gráos academicos, e não é por isso para estranhar, que só ao cabo de tantos annos se estabelecessem os actos nos cursos da universidade, e se tornasse mais regular a frequencia das aulas. Assim vemos ordenar-se então pela primeira vez, que no começo do estudo prestassem os lentes juramento, na mão do reitor, de lerem bem e com proveito dos escholares as leituras, que lhes fossem assignadas, até ao meado de agosto, em que deviam cessar as lições. [3]

Taes eram, em summa, as principaes disposições, que se continham na carta, pela qual D. Fernando ordenara a trasladação do estudo de Coimbra.

[1] « . . . . . . Mandamos, que possam esto fazer os que forem doutores, e mestres, e bacharées, e outros non, porque aos escholares non pertence, nem é proveitoso de o fazerem, por non averem azo de leixar o estudo, e de aprender, porque cheguem, e ajam gráo na sciencia. » (C. de 3 de junho de 1377, cit. na nota 1ª)

[2] Figueirôa diz que até aos estatutos de 1431 não achara noticia de se fazerem actos na universidade, no que certamente se enganou, pois que na carta de D. Fernando do 1.º de julho de 1377 se lê o seguinte — « Outro si nos pedio (Lopo Esteves) que fosse nossa mercê que « os lentes de manhã em direito fizessem *ao menos dois* « *autos no anno* pera os escholares averem modo de arguir. « A esto respondemos. Mandamos que nos prazia e praz « de se fazer e guardar pela guiza, que por elle foi pedido. » Liv. — *verde*.

[3] C. cit. na nota antecedente.

Como havia já annos que este principe tinha intento de fazer esta mudança, e não queria que faltasse cousa alguma, que mais podesse concorrer para que o novo estudo fosse frequentado de grande numero de escholares de todo o reino, solicitára do papa Gregorio XI uma bulla, para que os doutores, mestres, licenciados e bachareis em todas as faculdades podessem usar das respectivas insignias.[1]

Fôra a bulla expedida dois annos antes d'aquella mudança (1376) ao tempo em que a universidade estava ainda em Coimbra, posto que a bulla é dirigida ao estudo de Lisboa, ou porque era em Roma ignorada esta circumstancia, ou porque o papa quizera por aquelle modo fazer intervir a auctoridade apostolica nesta nova instauração do estudo geral em Lisboa, que teve logar, como já referimos, nos ultimos mezes do anno de 1377.

Nesse mesmo anno representou a universidade a D. Fernando para que fossem os escholares izentos de pagar dizima e portagem dos mantimentes que trouxessem para o estudo, e devia ser mui crescido o numero d'aquelles escholares, por que na petição se faz menção dos do Alemtejo, Alemdouro, Coimbra, e d' outros logares.[2] D. Fernando não só lhes concedêra este privilegio, mas determinara tambem que os lentes e escholares não podessem ser constrangidos a tomar na cidade, onde estivesse o estudo, officio publico ou privado, ou encargo algum pessoal; não os dispensou com tudo de terem cavallos, como lhe fôra pedido.[3] Do mesmo modo os escusara de pagarem *fintas*, *talhas* e *peitas*;[4] e a redizima das suas rendas ao papa.[5] E para favorecer mais o estudo, D. Fernando concedeu aos officiaes, e servidores delle os mesmos privilegios, que tinham os Lentes e escholares.[6]

Pretendera tambem a universidade que lhe fosse concedido citar, e demandar perante o seu conservador qualquer juiz ou official, que não cumprisse as sentenças, ou mandados daquelle magistrado. Esta insistencia em ampliar a auctoridade da conservatoria desagradára ao rei, que via n'aquella pretenção a origem de graves conflictos entre as diversas justiças das suas terras e o magistrado da universidade, e por isso ordenou que se não procedesse em tal materia sem primeiro se verificar se os ditos juizes e officiaes não cumpriam o que lhes era determinado pelo conservador, e os motivos que para isso tinham, para se haver depois o remedio com conhecimento de causa.[1]

Quanto ás pessoas, que compunham o governo do novo estudo geral, reina tanta obscuridade nas memorias d'aquelle tempo, que apenas consta com certeza, que no anno seguinte ao da trasladação da universidade (1379) era reitor Martim Domingues, conego d'Evora[2] Os diplomas regios fazem sempre menção de mais de um reitor em cada anno, mas ignora-se quem fora o companheiro de Martim Domingues no dito cargo.

Para o logar de conservador, talvez, o mais importante então de todo o estudo, nomeara D. Fernando, a pedido da universidade, Affonso Martins Alvernaz[3], que fôra juiz em Coimbra, e que por morte deste principe seguiu as partes de Castella.

Com esta nova mudança da universidade para Lisboa pouco ganhariam os estudos. As providencias, que D. Fernando ordenara, eram na essencia as mesmas, que seus predecessores haviam estabelecido; e a historia da universidade no espaço de quasi um seculo, que já contava de existencia, resume-se toda nos privilegios concedidos aos escholares, a quem a liberalidade dos principes tornara neste ponto, cada vez mais exigentes.

Assim, no meio destas successivas transladações do estudo geral, a sua reforma litteraria ficara quazi completamente esquecida.

Continúa. J. M. DE ABREU.

A QUESTÃO DA INSTRUCÇÃO PUBLICA EM 1853.

Continuado de pag. 41.

As considerações rapidas lançadas em os numeros antecedentes ácerca do estado da instrucção primaria e secundaria, levam-nos a expôr juizo do estado da superior.

Os dois primeiros ramos constituem verdadeiramente a instrucção nacional, sendo a primeira indispensavel a todos, e a segunda

[1] Bulla *Quod sicut fide dignis*. Liv. *verde*.

[2] Cartas de D. Fernando de 1, e 11 de janeiro de 1378.

[3] A lei de 21 de agosto do anno de 1357 obrigava a ter cavallos e armas aos que tinham duas mil libras, quando antes bastavam mil e quinhentas. — J. P. Ribeiro, Additam. á Synopse chron.

[4] *Talha* — « contribuição que se lançava por cabeça, e na qual todos são cortados, segundo os seus cabedaes e haveres. Vem do verbo *taleo*, cortar etc. — Viterbo, Elucidario.

Peita — « expressão equivalente de *calumnia*, e que resume as numerosas multas, applicadas ao fisco. » — Veja-se o sñr. A. Herculano, Hist. de Portug. tom IV. pag. 401.

[5] C. de D. Fernando de 4 de maio de 1383.

[6] C. do 1.º de janeiro de 1378.

[1] *Idem*.

[2] Consta de uma certidão de varios privilegios da universidade, passada em 12 de maio de 1379 — Liv. *Verd*.

[3] C. de D. Fernando, Coimbra 1.º de julho de 1377.

á maioría da sociedade. A superior é de uma classe mais elevada, destinada ás profissões liberaes, que, posto que indispensavel aos differentes ramos do serviço publico, é todavia procurada antes como meio de fortuna, do que pelo fim da cultura, e elevação da intelligencia.

Considerada, como deve ser no organismo social, em o ponto de vista das necessidades publicas; será este o ponto de partida para appreciar a existencia, e a producção das escholas que temos de estudos superiores.

Por muito tempo população mais vasta, e exigencias mais numerosas acharam satisfacção plena nos estudos de uma universidade composta de todos os ramos de sciencias e humanidades, e muito conceituada por solidez na instrucção, disciplina e regularidade de administração; alem de quatro escholas especiaes em cirurgia, commercio, e marinha.

Andando o tempo, novas exigencias da civilisação, accresentadas no século em que vivemos, demandavam mais escholas especiaes, como meio de habilitação, e garantia para as diversas profissões. As artes sobre tudo até então menos consideradas, pediam á sciencia o principio vivificador.

Houve em 1836 uma reforma em estudos superiores. Foi então criada a eschola polytechnica em Lisboa, e academia polytecchnica no Porto. As escholas cirurgicas accrescentadas com mais ramos de sciencias medicas, foram elevadas á categoria de escholas medico-cirurgicas providas de nove cadeiras de ensino. Criaram-se tambem academias de bellas artes em Lisboa e Porto.

Satisfazendo ao fim da sua criação os novos institutos, ninguem dirá que não fossem necessarios. Mas correspondem elles a esse fim? a sua organisação, o estado actual de seu ensino satisfaz ás necessidades publicas? É esta a questão.

Se o ensino da eschola polytechnica tivesse, como lhe cumpria, o caracter positivo e practico; se tomasse por modelo a eschola polytechnica de Viana d'Austria, o instituto polytechnico de Inglaterra, ou a eschola de Paris na sua organisação primitiva, e na reforma, que acaba de receber, grandes interesses podia ter criado, de beneficio incalculavel para o paiz. No estado, em que está, reduzida a eschola especulativa, pejada do ensino transcendente, mas abstracto, póde reputar-se inutil: na universidade havia todos os ramos de ensino que a eschola possue.

Mais practico, e assim mais conforme á natureza do instituto, tem sido o caracter da academia do Porto, se desde a sua installação lhe foram dados estabelecimentos, materiaes, machinas, instrumentos, e dotação annual, indispensaveis ao desenvolvimento das sciencia industriaes, que cultiva com proveito conhecido, mui vantajosos productos tivera dado.

As escholas cirurgicas com a conveniente reforma que obtiveram em 1825, tinham todos os elementos scientificos necessarios ao fim da sua criação. Careciam unicamente os alumnos de mais subido gráu de habilitação em estudos preparatorios para a admissão aos das escholas. Os novos ramos de instrucção, com que foram dotadas, sobre superfluos collocaram os professores e alumnos em uma posição falsa, e suscitaram as aspirações com que tem movido guerra tenaz á universidade. Não se poderá fazer accusação conscienciosa ás escholas pelas pretenções que teem desenvolvido. Ainda que ha desigualdade nos estudos scientificos das escholas e da faculdade de medicina, e nos de sciencias auxiliares, que servem de habilitação a uns e outros alumnos, a comparação feita com as escholas de outros paizes, v. g., a França, aonde não ha a mesma organisação de estudos medicos em Paris, Montpellier, e Strasburgo, anima e alenta aquellas pretenções. E na verdade a ultima organisação das escholas com a reforma de 1836, e posteriormente a de 1844 quiz dar-lhes a physionomia de faculdades, tirando-as da ordem de escholas especiaes.

Mas serão precisas tres faculdades de medicina a tres milhões e meio de habitantes circumscriptos a uma orla occidental da Europa, ou terão satisfeito melhor as escholas reformadas ás necessidades da saude publica? Nem são precisas; nem a França tem mais de tres, sendo a sua população dez vezes maior; nem o serviço publico tem melhorado com a ampliação scientifica das escholas; antes peiorado, diz a opinião publica. A consequencia logica parece ser reformar as escholas; restituir-lhes a natureza, hoje adulterada, de escholas especiaes da arte cirurgica, reduzindo as theorias medicas ás noções geraes indispensaveis no exercicio da clinica cirurgica.

Será essa reforma conforme á razão, e á practica geralmente sanccionada pelas sabias lições da experiencia. Ainda nos paizes em que, ou um só gráu habilita para o exercicio de todos os ramos da arte de curar, ou qualquer dos gráus em medicina, ou cirurgia, a practica distingue o que em theoria se quer julgar inseparavel. Nem Roux e Sanson curaram nunca de medicina, nem Andral e Marjolin de cirurgia. São tão vastos e elevados os descobrimentos, que especialmente neste século enriquecem todos os ramos de sciencias medicas, que é impossivel ser eminente em todos elles. O charlatão é que não duvidará curar de tudo.

Devem reduzir-se as escholas aos seus justos limites. A frequencia dellas o exige imperiosamente a um paiz pobre, e embaraçado em *finanças*. A despesa annual de cada alumno na eschola de Lisboa sobe a 236$000

rs., na do Porto anda perto de 260$000 rs. É enorme, espanta esta despesa! não acha exemplo no estrangeiro. Na universidade de Coimbra não chega o custo a 40$000 rs. A causa della é a pouca concorrencia de alumnos, e esta a prova mais decisiva e decretoria da superfluidade em escholas medicas.

E convem saber-se, que alem das escholas no continente ha outra eschola medico-cirurgica no Funchal, frequentada por tres alumnos!

Tanta, e tão inutil despesa em instrucção superior, e tanto escrupulo, tanto afan em regatear a primaria!!

A eschola superior mais perfeita, mais regular, e rica de sabias tradições accumuladas por seis séculos é a universidade. Seis séculos de existencia revelam grande vigor de vida: e, se elle não fôra, não tivera resistido esse grandioso estabelecimento litterario ao espirito destruidor de frivolos innovadores.

Reformada em 1772 por um genio, que soube anticipar os seculos futuros; por um genio que póde haver-se por contemporaneo, e baptisada na civilisação moderna em 1836 e 1844, póde reputar-se a par das universidades deste seculo, ou das da idade media, que o século 19 reformára. Não diremos sem embargo que nenhum melhoramemto lhe convenha, ou deva admittir-se.

O systema de longa opposição para o magisterio, sendo o que inspira mais seguras garantias, e o que se pode dizer geralmente adoptado na Europa culta, applicado ao 1.° grau do Magisterio tem inconvenientes serios. A obrigação de residir e fazer serviços sem compensação de interesses desvía uns, e pretere outros aspirantes. A experiencia aconselha como habilitação mais conveniente para esse 1.° grau o concurso de ostentação seguido de um ordenado fixo para os escolhidos, que devem formar o viveiro do Magisterio.

Para os alumnos será conveniente fazer o grau de habilitação para a admissão á universidade. O homem formado em uma universidade deve apresentar uma educação litteraria mui distincta. Faz-se mais reparo nesta qualidade do que no aproveitamento scientifico do alumno. Talvez que accesso demasiado facil á sciencia tenha feito mal ás artes. O equilibrio é indispensavel.

Temos considerado em globo um assumpto vasto e complicado. O desenvolvimento de cada um dos objectos que entram na composição da grande questão social, que nos occupa, pede largas paginas; não cabe nas columnas de um jornal, mas ahi ficam lançadas as idêas fundamentaes; postos em relevo os defeitos, e meios de reforma para exprimirem a nossa humilde opinião, e aberto o campo á discussão, que nos termos da gravidade e da decencia não deixará de ser util ás patrias letras. M.

VARIEDADES.

Augmento progressivo do genero humano.

O professor Newman da universidade de Edimburgh diz, que é mathematicamente certo, que, se a povoação que actualmente existe no mundo fosse crescendo successivamente por espaço de 11 ou 12 seculos na mesma proporção, em que ha algum tempo está augmentando a povoação da Grã-Bretanha, não haveria aonde coubessem sobre a parte solida da terra os homens, mulheres, e meninos, assignando-se somente para cada um o espaço de um pé quadrado.

A povoação dos Estados-Unidos da America do Norte era em 1840 de 17 milhões de habitantes: e segundo o ultimo censo constava em 1850 de 25 milhões. Se continuar a crescer na mesma progressão, daqui a 50 annos terá 150 milhões de habitantes; e passado outro seculo terá 1696 milhões de habitantes! Dous terços mais do que a actual povoação provavel do mundo inteiro, que se calcula ser de mil milhões.

Estado da Instrucção Primaria em França.

A conscripção militar mostra, que de cada mil mancebos tirados á sorte cousa de 40 sabem ler e escrever; 500 sabem somente ler; e mais de 400 não sabem nem ler, nem escrever, nem tem instrucção nenhuma.

N.

BIBLIOGRAPHIA.

O sñr. Rodrigo Ribeiro de Sousa Pinto, lente cathedratico da faculdade de mathematica, e 2.° astronomo do Observatorio de Coimbra, publicou mais um trabalho scientifico com o titulo de *Complementos de Geometria Discriptiva.*

Tendo sido adoptado para texto das lições em Geometria Discriptiva, o respectivo tratado de Mr. Fourcy, o sñr. S. Pinto quando foi encarregado de ler esta materia, achou que o ensino não se tornava completo, nem tão proveitoso aos seus ouvintes, sem ampliar, e mesmo substituir, nos logares convenientes, ao methodo synthetico, empregado por Mr. Fourcy o methodo analytico.

Nestes complementos transluz, como em outras publicações scientificas do auctor, um espirito profundo, e immensos recursos analyticos, pois que não só colligiu, e coordenou o que lêra em livros, que tratam d'esta materia, mas tambem deu demonstrações suas, fructo do seu talento, genio, e meditação, simplificando assim muitos dos processos graphicos, e addicionando importantes theoremas de immediata utilidade practica nas construcções.

O conselho da faculdade de mathematica avaliando devidamente o merito deste trabalho resolveu por unanimidade que fosse adoptado no ensino da respectiva cadeira.

R. V. RODRIGUES.

ERRATAS DO N.° 4.

Pag.	*Col.*	*Linh.*	*Erro*	*Emenda*
41	2.ª	44	sopremos	supremos
»	»	56	proclamarem	proclamar
42	1.ª	20	do desanimar	de desanimar

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

PARECER DA FACULDADE DE DIREITO SOBRE O IV. VOL. DA HISTORIA DE PORTUGAL PELO SR. A. HERCULANO.

Em um dos nossos numeros anteriores transcrevemos a carta, que o sñr. A. Herculano dirigiu ao conselho da faculdade de direito, na qual pedia o juizo da mesma sobre o IV vol. da Historia de Portugal; o conselho mandára lançar a carta na acta, e nomeára uma commissão para apresentar o seu parecer. Publicamos hoje o parecer da commissão, que foi unanimemente approvado por todos os vogaes do conselho, a carta que este escreveu, remettendo o parecer, ao sñr. A. Herculano, e a resposta deste ao conselho.

Parece que antigamente a faculdade de theologia censurou algumas obras por ordem do governo; porem nos tempos modernos não temos noticia de censuras desta natureza, feitas pelas faculdades da universidade: a faculdade de direito deu pois uma prova de grande consideração ao sñr. A. Herculano, emittindo voluntariamente o seu juizo sobre o IV vol. da Historia de Portugal. A faculdade conheceu bem, que os seus vogaes não tinham tempo para similhantes censuras, e por isso que em regra se não devia encarregar dellas: no entretanto viu que o eximio escriptor e a obra mereciam ser considerados como uma excepção honrosa.

Folgâmos de ver que os vogaes da faculdade de direito dessem o seu juizo (que não podia deixar de ser favoravel) com tão grande rasgo, para que o publico veja que o espirito de corporação não domina os professores da universidade até ao ponto de não reconhecerem francamente o merecimento de qualquer escriptor, embora este não tenha sido alumno da universidade. O talento é uma planta sem semente, que deve ser aproveitado e elogiado onde quer que nascer.

SENHORES.— A commissão que no dia 13 do mez passado encarregastes de dar o seu parecer sobre o IV volume da Historia de Portugal, que o sñr. A. Herculano offereceu a este illustrado conselho para emittir o seu juizo á cerca delle, e sobre o modo de responder á carta, que com tanta urbanidade e modestia lhe dirigiu por via do nosso presidente, o ex.^{mo} Prelado da universidade, vem hoje dar-vos conta de suas meditações e lucubrações sobre este grave assumpto.

A commissão póde apresentar-vos o seu juizo sobre o improbo trabalho do illustre escriptor; sobre a grande extensão de suas luzes historicas, criticas e philosophicas; e sobre a utilidade do 7.° e 8.° livros da Historia de Portugal com relação á sciencia do direito, o que particularmente pertence a este conselho. Porem a commissão não póde interpor um juizo minucioso e completo sobre a critica e hermeneutica, com que foram admittidos e interpretados os monumentos historicos ineditos, em que a obra se estriba, nem sobre o rigor philosophico, com que o sñr. A. Herculano aprecia a causalidade historica de cada um delles; porque para isso fôra mister estudar esses monumentos em suas fontes, confrontar os excerptos, transcriptos na obra, com o resto delles, e ainda mais combinar os monumentos todos, uns com os outros, para chegar a fazer um juizo seguro sobre cada uma das multiplices feições particulares, que compoem a phisionomia geral da sociedade portugueza, que o sñr. A. Herculano nos pinta, nos seculos XII e XIII; mas este exame não póde a commissão fazer, por não poder consultar os milhares de documentos ineditos.

A eschola historica, fundada em Allemanha por Ugo e Savigny, com quanto não póde conseguir o seu fim-banir da sciencia da legislação o elemento philosophico, vendo-se o segundo destes grandes escriptores obrigado a modificar muito, em uma de suas ultimas obras, as suas opiniões á cerca da eschola racional, deu com tudo um tal impulso aos estudos historicos, que a ella em grande parte devem as sciencias historicas o estado de perfeição, em que se acham.

Não foi somente pelas descobertas de muitos monumentos historicos, que entre outros antiquarios, fizeram Niebuhr, Clossio e Peyron, nem pelo rigor da critica, com que estremaram os verdadeiros dos falsos, mas principalmente pela força logica, com que o historiador sóbe dos effeitos ás causas, e vice-versa, desce das causas aos effeitos, que a sciencia historica tem progredido tanto. As

deducções philosophicas, que a sciencia ensina a tirar dos factos provados, apresentam como em um espelho as differentes phazes, por que tem passado a humanidade nas diversas epochas de sua civilisação.

A estes progressos subjectivos accresceu a boa direcção pelo lado objectivo. E na verdade uma historia séria não podia occupar-se com requebradas galanterias, e mesquinhas intrigas de côrte, nem podia satisfazer-se com a relação d'algumas batalhas de conquistadores injustos; era razão que a historia penetrasse no amago do corpo social, e deliniasse o quadro completo da vida individual e social das nações em suas quasi infinitas relações internas e externas. Somente escripta por similhante traça, póde qualquer nação gloriar-se de possuir uma historia verdadeiramente nacional, e interessante á theoria e practica das sciencias e aos usos da vida.

Portugal não tinha uma historia critica e philosophica, no sentido que acabamos de lhe dar. Não temos historiadores coevos dos primeiros tempos da monarchia; e os chronistas e historiadores, que muitos seculos depois appareceram, ainda os de melhor nota, como João de Barros, pelo atrazo das sciencias no tempo em que escreveram, nem foram rigorosos na critica, nem fortes na philosophia; occuparam-se mais da côrte do que da nação, e, por uma aberração inaudita, calam, como alguns mesmo confessão, factos, que eram offensivos do sangue nobre, ou da dignidade ecclesiastica, e de ordinario não se occupam com aquelles, que dizem respeito ao elemento democratico, afóra os casos, em que era necessario fazel-o carregar com os effeitos odiosos, que tiveram origem nos elementos aristocratico, ou monarchico.

Ao sñr. A. Herculano toca a gloria de dar a Portugal uma historia critica e philosophica. Já publicou quatro volumes, que comprehendem uma introducção dos tempos anteriores ao berço da monarchia, e a historia dos seculos XII e XIII, nos quaes se principiou a constituir a nação Portugueza. So com os oito livros, que comprehendem estes quatro volumes, o sñr. A. Herculano não só se equiparou aos grandes historiadores modernos, senão ainda, por algumas considerações, que vamos fazer, por certo os excedeu.

Em Portugal não ha infelizmente ainda collecções completas, e publicadas pela imprensa, dos monumentos historicos, como tem quasi todas as nações cultas da Europa. Encontram-se poucos dispersos por algumas das nossas historias, e somente alguns colligidos e impressos pela Academia e seus socios. O sñr. *Visconde de Santarém*, incumbido pelo governo, vai ainda agora publicando a collecção dos que dizem respeito ás relações diplomaticas. Temos alguns trabalhos a este respeito d'alguns academicos, sendo superior a todos, pela extensão e importancia de suas obras, o insigne professor da nossa faculdade, lente de Diplomatica, o sñr. *João Pedro Ribeiro*, tão amante desta universidade, que lhe legou a sua livraria: porem comparados com os que os historiadores modernos das outras nações acharam previamente feitos em seus paizes, ficam a perder de vista.

O sñr A. Herculano foi forçado a sepultar-se no grande archivo nacional da torre do tombo, a percorrer outros, e a empregar todos os meios ao seu alcance para haver o resto dos monumentos ineditos espalhados pelos cartorios dos cabidos, mosteiros, camaras municipaes, etc. Teve de estremar á luz da critica os genuinos dos apocriphos; ler, confrontar e interpretar os pergaminhos obscurissimos dos tempos semibarbaros do principio da monarchia. Em fim o sñr. A. Herculano teve de juntar immensos subsidios, que faltavam para escrever a historia critica e philosophica de Portugal.

A commissão, porem entende que não deve encarregar-se do exame de toda a obra; mas que lhe importa restringir o seu juizo ao IV volume da Historia de Portugal, em que o insigne historiador se occupa da organisação juridica dos municipios: e por isso se refere ao nosso antigo direito publico e particular, e que é proprio da faculdade de direito.

É verdade que nos tres primeiros volumes, e principalmente no livro VII ja o sñr. A. Herculano nos subministra muitos e grandes subsidios para a historia do direito, mas a commissão entende que este illustrado conselho lhe mandára dar o seu parecer sobre o IV volume, que lhe foi offerecido, muito embora a commissão tenha de ter presente a doutrina dos primeiros tres volumes, e por ventura de se referir a ella.

A nossa eschola de direito portuguez tem sido desde o tempo do sñr. Mello Freire historica e philosophica. A commissão não falla dos tempos anteriores; porque só desde aquella epocha é que principiou a dar-se a importancia devida ao estudo do direito portuguez, libertando-se, por assim o dizermos, do jugo do dereito romano e canonico, para o que se reuniram os preceitos da lei de 18 de agosto de 1769, e dos estatutos da universidade ás luzes do sñr. Mello Freire, despachado lente de direito patrio na reforma de 1772.

O elemento philosophico tem-se cultivado no curso do direito, não só pelo estudo de direito natural, ou philosophia de direito, mas pelo da philosophia do direito positivo, applicado pelos professores á exposição das leis romanas, canonicas e portuguezas. Da eschola de direito passou o gosto da philosophia do direito para os tribunaes, e á cultura deste elemento deve a nação muitos e importantes melhoramentos nos diversos ramos da sciencia do direito, e nas refórmas de suas leis fundamentaes e secundarias.

O mesmo diz a commissão quanto ao elemento historico. A historia externa e in-

terna do direito tem-se desde aquella epocha estudado e applicado com grande vantagem á interpretação e á exposição da legislação patria, romana e canonica.

E na verdade os nossos reinicolas, anteriores ao sñr. Mello Freire, pouco ou nada approveitaram do elemento historico. As noticias historicas, que casualmente se deparam em suas obras, são muito escassas, e, o que é peor, expostas sem critica nem philosophia. Eram poucos os monumentos historicos impressos, afóra as compilações das ordenações, e não havia uma historia de direito portuguez, nem bôa, nem má. O sñr. Mello Freire, conhecendo a necessidade do estudo da historia do direito portuguez, guiado mais pelo seu genio extraordinario, do que pelos poucos subsidios, que encontrou, e querendo crear a sciencia do direito portuguez, como creou com as suas obras immortaes, principiou por escrever a sua — Historia Juris Civilis Lusitani, que se achava concluida em 1777, segundo consta da data da dedicatoria a D. Maria I., e só saiu á luz em Lisboa em 1788. Seguiram-se as Institutiones Juris Civilis Lusitani: o livro I. do direito publico appareceu publicado pela imprensa em 1789; o II. do direito das pessoas em 1791; o III. do direito das cousas no mesmo anno; o IV. das obrigações e acções em 1793, e as Institutiones Juris Criminalis Lusitani em 1794.

Quando hoje combinamos os progressos, que fizeram os estudos historicos depois do sñr. Mello Freire, com a sua Historia de Direito Civil Portuguez, não podemos deixar d'admirar a força logica, o rigor da critica, e a vastidão de conhecimentos, que este eximio escriptor já possuia. No entretanto o sñr. Mello Freire francamente confessa, que não pôde consultar, como desejava, os monumentos historicos, sepultados nos archivos do reino, e por isso que o seu livro não podia considerar-se como uma obra completa. Copiaremos as palavras do seu prefacio. « *Paulo tamen instructior libellus noster prodiret, si, quod erat in votis, per tempus liceret publica Regni scrinia et insigniorum monasteriorum tabularia adire. Interim vero, quandiu meliora non adparent, nostro hoc labore fruimini, Auditores; et opere novo, imperfecto, repentino, paucos videlicet intra menses confecto, veniam date.*

O sñr Mello Freire não se contentou com a sua Historia de Direito Civil Portuguez: mas nas suas Instituições de Direito Civil e Criminal a cada passo apresenta em notas as fontes e a historia interna das materias, que expõe no texto; de modo que para se ajuizar da importancia que o sñr. Mello Freire dava ao estudo da historia do direito portuguez, e da extensão dos seus conhecimentos historicos, não basta consultar o seu compendio d'Historia, é mister lêr as eruditas notas das suas Instituições de Direito Civil e Criminal. Finalmente se attendermos ao estado da sciencia historica e aos poucos subsidios, que este grande escriptor encontrou, não podemos deixar d'admirar os prodigios do seu genio.

Depois do sñr. Mello Freire progrediram os estudos da historia do direito entre nós, posto que desconnexos e sem constituirem um systema scientifico, ou um corpo de historia juridica portugueza. As memorias e trabalhos de alguns socios da academia real das sciencias, como do sñr. Trigoso, que foi um dos ornamentos da nossa faculdade, João Pedro Ribeiro etc., juntos á melhor direcção, que tomaram os estudos historicos em geral na europa, fizeram conhecer ao sñr. Coelho da Rocha a necessidade de elaborar um compendio de historia do direito portuguez a par do estado actual da sciencia.

Este insigne professor da nossa faculdade, que a morte nos roubou ha poucos annos, escreveu o seu — *Ensaio sobre a historia do governo e da legislação de Portugal* — Nós como collegas e amigos deste eximio escriptor, seriamos suspeitos, se fizessemos aqui o merecido elogio do seu compendio de Historia do Direito, bem como do outro de direito civil portuguez: mas felizmente o sñr. A. Herculano em dois artigos publicados, um na gazeta dos Tribunaes e outro no Panorama em 1841, julgou a primeira destas obras de um modo favoravel e mais seguro do que a commissão poderia fazer.

Á similhança do sñr. Mello Freire o sñr. Coelho da Rocha confessa tambem lealmente, que a sua historia de direito portuguez seria mais perfeita, se podesse consultar os originaes monumentos da historia do direito, que se acham ineditos. Copiaremos tambem as palavras da sua prefação a este respeito. « *O trabalho diario, de que estava encarregado, e a dificuldade de haver á mão as fontes originaes, aonde fosse colher as noticias, me obrigaram a contentar-me muitas vezes com as remissões e obras manuaes, que vão indicadas nas notas.*

Vê-se pois, que tanto o compendio de historia de direito portuguez do sñr. Mello Freire, como o do sñr. Coelho da Rocha são segundo a propria confissão de seus auctores, obras incompletas; e que era mister estudar a fundo os monumentos ineditos da historia do direito portuguez, para se poder traçar com pleno conhecimento dos factos provados por esses monumentos, uma historia completa d'esse direito.

Deste trabalho encarregou-se o sñr. A. Herculano na sua Historia de Portugal. Este eximio escriptor, querendo apresentar-nos uma historia nacional, que pintasse os principaes quadros da vida social e individual da nação portugueza, não podia deixar de descrever não só as diversas phazes porque tem passado a organisação do *estado*, que

tem por fim o exercicio do direito e a administração da justiça, o que constitue o direito publico portuguez; senão tambem a organisação juridica das outras espheras da actividade individual e social, o que constitue os diversos ramos do direito privado portuguez. Foi por isso que se occupou deste importante objecto principalmente em os livros VII. e VIII. no periodo dos seculos XII. e XIII.

E como o sñr. A. Herculano examinou á luz da critica e da philosophia os monumentos ineditos da historia do direito portuguez naquelle periodo, e é de esperar que continue nos seculos posteriores até aos nossos dias, prehencheu, e irá prehenchendo uma grande lacuna, que havia nos estudos historicos do direito patrio, fazendo assim um importante serviço á nossa jurisprudencia, e á sciencia da legislação.

A commissão devêra limitar-se ao que fica dito, porque não só, como já no principio d'este parecer se disse, não póde descer a analyse das infinitas questões especiaes, que o VII e principalmente o VIII. livro da historia de Portugal tractam á cerca do direito municipal; mas porque devendo ser este parecer approvado por este illustrado conselho, composto de tantos professores, seria impossivel, sendo de ordinario tão diversas as opiniões dos homens, como as suas phizionomias, o esperar que todos podessem vir a um accordo em tantas e tão grandes questões. Alem de que nem os membros da commissão, nem os outros deste illustrado conselho, occupados com os deveres diarios do magisterio, têem tempo para tão extenso trabalho.

A pezar disto sempre a commissão fará algumas considerações geraes sobre as materias do IV volume que contem o VIII livro da historia de Portugal. Este livro é dividido em tres partes e um apendice.

Quanto á Parte I.

A commissão dá, com o sñr. A. Herculano, grande importancia á municipalidade, como um dos anneis da cadea social, que prende no individuo, e passando pelas familias, municipios, nações, e federações destas, termina na grande sociedade da humanidade. As relações juridicas, que assentam sobre todas as sociaes, e regulam todas as instituições, regulam tambem as relações internas e externas dos municipios. O individuo é o primeiro gráu da personalidade humana, e a raiz donde vem a vida e o movimento social. É por isso que as individualidades, ou gráus inferiores d'associação não devem apagar-se nos superiores: o homem individual não deve desapparecer na familia, nem esta no municipio. O municipio deve conservar intacta a sua individualidade na nação, e os povos não devem ser absorvidos pelas federações, ou associação de toda a humanidade. Por isso quando as individualidades desapparecem pelo systema de centralisação, que colloca todo o poder em uma só auctoridade central, despresando a liberdade d'acção nos gráus inferiores, o progresso do povo é impossivel. O verdadeiro progresso é sempre operado pela intelligencia e livre actividade dos povos, o que parte só do poder centralisado, é ficticio e pouco duradoiro.

A commissão tambem professa a idea, que o sñr A. Herculano apresenta, da genealogia dos nossos municipios. A legislação municipal dos Romanos, depois da conquista da Hespanha, introduziu ahi os municipios; e como a generosidade politica dos novos conquistadores, godos e arabes, consentiu aos indigenas da peninsula o uso de suas leis e religião, a pezar das modificações, que naturalmente deviam produzir as leis e costumes dos vencedores, a entidade municipal atravessou aquellas dominações com a grande analogia romana até a fundação da monarchia, onde se constitue e aperfeicoa, subindo dos municipios *rudimentaes*, passando pelos *imperfeitos*, até chegar aos *perfeitos*. Os historiadores modernos, anteriores ao sñr. A. Herculano, levaram-nos a esta opinião, mas os monumentos historicos aduzidos por elle parecem não deixar duvida a este respeito.

A commissão adopta esta divisão dos municipios Portuguezes nos seculos XII. e XIII; não só porque ella é fundada na marcha ordinaria da perfectibilidade humana segundo a qual as instituições ao principio menos perfeitas, com o tempo e experiencia se vão sempre aperfeiçoando, mas porque ella abrange exactamente todos os municipios, e as suas leis—os foraes e os costumes.

Quanto á Parte II.

Se a divisão dos concelhos em *rudimentaes imperfeitos* e *perfeitos* foi importante para o sñr. A. Herculano poder mostrar o modo porque os municipios se constituiram e foram desenvolvendo, a subdivisão, que agora faz dos concelhos perfeitos em quatro classes, deduzidas das formulas dos foraes de Santarem ou Lisboa, de Salamanca, d'Avila e de nenhuma formula ou typo conhecido, variando indefenidamente, foi muito mais importante: porque por ella elevou este illustrado escriptor a legislação variadissima dos foraes e costumes á synthese, construindo um systema, que muito facilitou o estudo e intelligencia da organisação municipal.

Esta segunda parte do livro VIII é para o jurisconsulto incontestavelmente a mais importante. O sñr. A. Herculano n'ella nos descreve a gerarchia dos magistrados municipaes, dá-nos conta dos representantes

do poder central, e da alçada do tribunal municipal; explica-nos as attribuições dos multiplices funcionarios judiciaes, administrativos e militares, como, o alcaide mór, o senior, o *judex*, alvasis, alcaldes, *boni homines*, almotoces, sesmeiros e empregados subalternos; finalmente falla dos medianidos e das causas crimes, civis e fiscaes.

Aqui vamos achar as fontes de muitos e importantes artigos da nossa legislação, até agora ignoradas; porque ninguem tinha ainda apresentado um quadro completo da legislação, que regulava a administração da justiça nos seculos XII e XIII.

Quanto á Parte III.

Depois do illustre escriptor ter tractado dos governantes na parte II, occupa-se agora nesta parte dos governados. Explica-nos o que eram *arreigados, não arreigados* e *homens de fóra parte*, *cavaleiros vilãos*, *besteiros*, *solarengos* e *malados*, os quaes constituiam diversas classes sociaes nos municipios; apresenta-nos a verdadeira indole e caracteres dos foraes, as garantias dos concelhos, como seres collectivos, e dos individuos, como visinhos do concelho, e o systema tributario e judicial.

Nesta parte é bello ver como os nossos maiores, mais practicos do que theoricos, por uma especie de instincto de liberdade pessoal e real, conquistaram e defenderam palmo por palmo garantias, se não tão philosophicas, com as que hoje constituem o systema de garantias individuaes e sociaes, pelo menos muito mais effectivas e reaes. Lá encontramos as garantias da santidade da pessoa, e do chefe da familia, da inviolabilidade da casa do cidadão, e da propriedade, que alguem talvez pensasse, que eram descobertas dos tempos modernos; a necessidade é a mãe dos inventos. Porem o que sobre tudo admira á commissão são as garantias dos concelhos, como pessoas moraes, as quaes tendem á cohezão social, estabelecendo uma protecção mutua e uma responsabilidade commum de todas os visinhos do concelho; esta fraternidade, ou especie de communismo, fazia de cada concelho uma familia, em que todos se defendiam e coadjuvavam, e eram *in solidum* responsaveis uns pelos outros.

Quanto ao Appendice.

Todos sabem que os primeiros reis foram coadjuvados na conquista contra os mouros, por extrangeiros, e que em Portugal se estabeleceram algumas colonias, que constituiram concelhos francos; os habitos destas povoações eram diversos dos que tinham os Portuguezes, e deviam necessariamente produzir grandes differenças na organisação dos seus municipios; por isto o snr. A. Herculano descreve aqui as especialidades da sua legislação, e nota assim as analogias e differenças, que ha entre os municipios de povoação extrangeira e portugueza.

Agora, fallando em geral, as illações que o snr. A. Herculano tira no IV volume dos excerptos, que copia dos monumentos historicos ineditos, parecem á commissão bem deduzidos. A commissão não póde aprecíar a critica com que estes monumentos foram admittidos, nem a hermeneutica, com que foram interpretados; a commissão não viu os monumentos; mas não tem duvida de admittir a sua credibilidade pela lealdade e sinceridade deste Historiador grave e ingenuo.

A commissão porem admira os exforços quasi increveis d'intellectualidade, com que á força de deducções philosophicas, o snr. A. Herculano chega a esclarecer as trevas do passado, como os profetas allumiam as do futuro. Na verdade é sublime o modo como estas illações, galvanisando, por assim o dizermos, o corpo social morto, nos apresentam como viva a sociedade portugueza nos tempos primordiaes da monarchia. Sobe porem de ponto a admiração, quando a commissão observa, como este historiadore philosopho, apoiado sempre no conhecimento profundo das leis naturaes, á similhança de Cuvier nos fosseis, vai desenterrar alguns poucos dados de documentos sepultados, ha mais de seiscentos annos, nos archivos publicos, e por elles reconstrue o corpo da sociedade civil dos seculos XII e XIII. A commissão maravilha-se finalmente á vista da força de vontade, extensão e intensidade de luzes com que a providencia dotou ao snr. A. Herculano, sem as quaes com cedo desacoroçoaria em sua longa carreira, e se perderia no meio da noite d'aquellas eras de ignorancia e de quasi barbaridade.

Alem d'isto o merecimento do insigne Historiador não se calcula somente pelos obstaculos que removeu, tempo que consumiu, e pelo sequestro, que fez, por amor da sciencia e da patria, a si proprio dos prazeres e commodidades, que o mundo offerece ao homem, que vive na ociosidade, mas principalmente pela utilidade da obra para o progresso das sciencias e desenvolvimento da actividade social e individual.

Por este lado aquelle, que confrontar o que tinham escripto os snrs. Mello Freire, Coelho da Rocha, e alguns socios da academia á cerca da organisação juridica dos municipios nos primeiros tempos da monarchia, com o IV volume da Historia de Portugal, e com o que se encontra nos volumes anteriores, principalmente no livro VII, facilmente poderá apreciar o immenso serviço, que o grande genio do snr. A. Herculano já tem feito á sciencia do direito.

A commissão entende pois, que o snr. A. Herculano tem bem merecido da patria, por lhe ter pago já exuberantemente o tributo, que todos lhe devemos.

Coimbra 3 de Maio de 1853.

Joaquim dos Reis.

Vicente Ferrer Neto Paiva,

Bernardino Joaquim da Silva Carneiro.

CARTA DO CONSELHO DA FACULDADE DE DIREITO AO SENHOR A. HERCULANO.

Ill.^mo Snr. — O conselho da faculdade de direito, tendo recebido em sessão do dia 13 d'abril por via do seu presidente, o prelado da universidade, a carta, que v. s.ª lhe dirigiu com data de 28 de março, e apreciando a urbanidade e modestia, com que v. s.ª lhe offereceu o IV volume da Historia de Portugal, para que emittisse á cerca delle o seu juizo, mandou por unanimidade de votos lançar a carta na acta da sessão, e nomeou uma commissão para lhe apresentar o seu parecer. A commissão tendo-o apresentado em sessão de 4 do corrente, foi unanimemente approvado em sessão de hoje, e o conselho tem a honra de o remetter a v. s.ª como a expressão sincera do juizo, que faz da obra, e da grande consideração, em que tem a v. s.ª; visto que não cabe em suas attribuições dar-lhe uma demonstração mais solemne e verdadeiramente nacional.

Deos guarde a v. s.ª como Portugal ha mister.

Da universidade de Coimbra: em sessão do conselho da faculdade de direito de 11 de maio de 1853. — *José Manoel de Lemos*, vice-reitor.

O lente substituto servindo de secretario, *Bernardino Joaquim da Silva Carneiro.*

CARTA DO SNR. A. HERCULANO EM RESPOSTA Á DO CONSELHO DA FACULDADE DE DIREITO.

Ill.^mo e Ex.^mo Snr. — Acabo de receber o officio de v. exc.ª datado de 11 do corrente, no qual v. exc.ª faz mercê communicar-me a censura, que o conselho da faculdade de direito se dignou fazer ao quarto volume da minha Historia de Portugal.

Na indulgencia, com que sou tractado pela illustre commissão, encarregada do exame do livro, e depois della pelo conselho da faculdade, não me é licito ver se não um incitamento para proseguir n'uma empreza para a qual se requeriam, por certo, mais robustos hombros. Comprehendo toda a significação do voto do conselho, os deveres que d'ahi resultam para mim. Forcejarei por cumpril-os até onde me ajudarem os proprios recursos. Nisso, creio eu, darei a mais inteira prova de reconhecimento á faculdade de direito por tão singulares demonstrações de benevolencia.

Se as vigilias de dez annos, consumidos na tentativa de dar ao paiz uma historia, que não desdissesse inteiramente do estado actual da sciencia, merecem alguma recompensa publica, eu tive a melhor, ou talvez a que unicamente podesse aceitar (em meio desta immensa prostituição de mercês honorificas, de que Portugal é theatro), recebendo a approvação solemne dada á parte mais difficultosa do meu trabalho, pela auctoridade suprema em taes materias: pelo gremio dos lentes de direito dessa universidade.

Queira v. exc.ª fazer presente á corporação, a que tão dignamente preside, os testemunhos da minha profunda gratidão.

Deos guarde a v. exc.ª Lisboa 19 de maio de 1853.

Ill.^mo e ex.^mo snr. José Manoel de Lemos, dignissimo vice-reitor da universidade de Coimbra.

A. HERCULANO.

ESCHOLA REGIONAL D' AGRICULTURA EM COIMBRA.

No meio da vida social que a Europa hoje respira; no meio do movimento fecundo que anima todos os povos, cumpre acompanhar as transformações por que vai passando a civilisação e seguir as tendencias da nova epocha, se não quizermos ficar sepultados no esquecimento e na inercia em que temos jazido.

O grande fim para que tende a instrucção publica moderna; a formula por que se traduzem as suas tendencias é o desenvolvimento do ensino technologico. Em toda a parte as sciencias vão perdendo o caracter especulativo e revestindo-se das fórmas praticas exigidas pelos interesses da civilisação.

O empenho constante de todos os governos illustrados, o alvo para que convergem todos os seus exforços, é diffundir a instrucção technica, e facilital-a a todas as classes da sociedade. As sciencias não pódem hoje conservar-se puramente especulativas e theoricas; é preciso popularisal-as e revestil-as do perfume moderno, que troca a aspereza das antigas fórmas do ensino pela practica util e recreativa, e pelas applicações industriaes.

A missão do ensino não póde hoje ser a mesma que era no passado, em que a philosophia especulativa dominava nas escholas. O destino providencial das sciencias não é hoje o que foi no tempo de Newton, em que o grande sabio *não abandonava o retiro de Cambridge, senão para orar.*

O ensino tem actualmente um fim grandioso a satisfazer, que é augmentar a fortuna

publica, aperfeiçoar as commodidades da vida, reformar os costumes, e contribuir para os progressos d'uma civilisação benefica e pacifica.

Sem pretendermos condemnar a educação litteraria dos seculos passados, é forçoso confessar, que as tendencias e gosto do seculo em que vivemos exigem uma direcção differente nos estudos, porque os interesses economicos e materiaes das nações, sacrificam hoje as bellezas das theorias á realidade dos factos, os ornatos da eloquencia ás descripções uteis, e as abstracções metaphysicas ás verdades practicas.

O passado deu-nos seculos litterarios; e o futuro só nos promette seculos scientificos. As subtilezas da philosophia crearam genios grandes, mas as applicações industriaes preparam os maiores prodigios da civilisação. Basta reflectir nas brilhantes descobertas e nas maravilhosas invenções que tem revolvido o seculo 19.° — a machina de vapor, os caminhos de ferro, o telegrapho electrico, a galvanoplastia, a illuminação a gaz, e tantos outros melhoramentos, resultado fecundo das sciencias chimicas e mecanicas.

Não podemos por tanto contemplar de braços cruzados essa lucta incessante em que laboram as sociedades modernas; não podemos assistir impassiveis á resolução d'esses problemas sociaes em que se empenham as grandes intelligencias da epocha. Para nos orientarmos n'este novo e vasto horisonte, sigamos a luz creadora que dirige os povos na estrada da civilisação, e acompanhemos as tendencias da regeneração scientifica que se observa nos paizes mais cultos.

No meio d'este movimento revolucionario que vai mudando a face da instrucção publica, o ensino agricola é um dos pontos culminantes para que converge o espirito dos reformadores. A agricultura ensina-se largamente em todas as nações cultas, e a primeira e mais vital de todas as industrias constitue hoje a égide tutellar dos governos e dos povos. Para este ensino, fundam-se escholas, institutos e quintas experimentaes, e promovem-se sociedades, exposições e festas ruraes.

A agricultura invade as universidades, e fórma o complemento indispensavel dos estudos philosophicos, fazendo até objecto de faculdades especiaes, como succede em muitas partes da Allemanha e da Italia.

A Hespanha tambem chegou o reflexo d'esta luz salvadora, e recentemente a Portugal. O governo decretou em dezembro ultimo a organisação do ensino agricola, e ninguem contestará o pensamento civilisador que presidiu a esta reforma, embora o plano não seja completo.

Está porem na nossa mão remediar em grande parte as suas imperfeições, ligando os interesses da universidade e do paiz com os interesses da sciencia.

Todos facilmente concordarão na grave injustiça que se commetteu, negando a Coimbra uma eschola agricola, porque nem Lisboa, nem o Porto, nem cidade alguma offerece condições mais vantajosas para similhante instituição.

Coimbra, pode-se dizer, que é o centro geometrico na economia de Portugal; e quando não mereça este titulo, é inquestionavelmente o coração do paiz, pelo primeiro estabelecimento litterario que encerra, e pelas circumstancias physicas e agronomicas que a caracterisam. Estas condições reunidas á simplicidade e singeleza da vida social, simplicidade e singeleza indispensaveis para a creação d'escholas d'ensino, recommendam-na como o mais apropriado centro d'instrucção rural.

Nenhuma cidade se presta melhor á fundação d'uma eschola completa d'agricultura, porque alem das vantagens já mencionadas, tem os elementos mais importantes e valiosos para o ensino, pelos auxilios que se podem aproveitar nos magnificos estabelecimentos de sciencias naturaes, e respectivos cursos professados na universidade.

Não achamos que se possa disputar a excellencia d'esta localidade para centro do ensino rural, porque a situação de Coimbra offerece todas as condições para o estudo dos varios ramos d'agricultura e economia rural; 1.° pela visinhança dos campos do Mondego, optimo local para a cultura sericola; 2.° pela proximidade do Bussaco, tão azado para a cultura florestal; 3.° pela visinhança da Bairrada, paiz essencialmente vinicola; 4.° pela visinhança da Extremadura e Beira, para cultura da oliveira e dos cereaes, e em fim, pela facilidade da criação de gados, excursões agricolas, e do estabelecimento de todas as culturas especiaes.

Se attendermos a todas estas circumstancias, parece, que em logar de crear em Viseu uma eschola regional, onde faltam todas as condições apontadas, será preferivel estabelecel-a em Coimbra, onde póde um dia converter-se em um verdadeiro instituto agronomico.

Se a estas razões d'interesses scientificos juntarmos as razões d'economia, facil será demonstrar, que a fundação da eschola agricola em Coimbra, aproveitando alguns elementos da universidade, se obtem com muito menos gravame para o thesouro, do que a de Viseu. [1]

[1] O augmento de tres novas cadeiras para a faculdade de philosophia, como foi proposto pelo claustro da universidade no projecto de sua reforma, importa em 2:400$000 reis. Creando dous novos logares de Lentes substitutos, e supprimindo os tres logares de demonstradores, temos mais 280$000 reis; por consequencia importa a reforma em 2:680$000 reis.

Mas a eschola de Viseu deve gastar ao estado 3:100$000, porque exige 4 lentes proprietarios a 500$000, 2 lentes substitutos a 350$000, e um director

Alem d'isto, será muito mais facil popularisar e acreditar o ensino agricola em Coimbra, ao pé da universidade, onde os alumnos das differentes faculdades podem frequentar os cursos da eschola e assistir aos trabalhos ruraes, trabalhos que muito facilmente se podem realisar em qualquer das melhores Quintas dos arrabaldes da cidade que se destinar para os ensaios practicos.

A universidade precisa de se collocar á frente da instrucção publica, e de assumir o logar que lhe compete como primeiro instituto scientifico do paiz. D'esta alliança dos estudos de Coimbra com as ideas novas, depende essencialmente o prestigio da universidade e a conservação de seu nome glorioso.

Se os melhoramentos materiaes continuarem a progredir em Portugal; se estes interesses constituirem a divisa da administração, Coimbra, este grande centro de producção agraria, augmentará consideravelmente as suas relações sociaes com todo o reino; e se um dia se realisar o caminho de ferro do norte, esta cidade ficará a poucas horas das duas capitáes, e o seu movimento scientifico se dilatará e se harmonisará com os progressos da civilisação.

Cumpre-nos por tanto preparar o futuro dos estudos de Coimbra e allumial-os com o facho do progresso que hoje esclarece o horisonte de todos os povos.

A fundação d'uma eschola agricola nos campos do Mondego, é alem de todas estas considerações, uma consequencia infallivel dos principios consignados no decreto que organisa o ensino da agricultura.

Devendo-se escolher para local das escholas, as terras que se podem considerar como centros das regiões agricolas em que naturalmente se póde dividir o paiz; as terras que forem focos de uma grande e variada producção agraria, e que contiverem casas-pias e estabelecimentos de caridade que forneçam alumnos ás escholas, e em fim, terras onde s'encontrem estabelecimentos que se possam applicar com vantagem ao ensino rural; não deve Coimbra dispensar o beneficio d'uma eschola agricola, porque esta cidade reune todas as mencionadas condições.

J. A. S. DE. C.

BREVES REFLEXÕES HISTORICAS SOBRE A NAVEGAÇÃO DO MONDEGO, E CULTURA DOS CAMPOS DE COIMBRA.

É certo que as inundações do Mondego trazem a fecundidade aos campos de Coimbra; mas tambem é desgraçadamente certo que este rio não tendo em toda a extensão do leito a conveniente inferioridade ao plano das suas margens, arruina a fortuna de milhares de familias. Tal é o seu estado actual: o alveo acha-se plenamente obstruido d'areia; em poucas partes conserva essa conveniente inferioridade ás terras marginaes.

Daqui resultam tres gravissimos males: *a ruina da navegação; a esterilidade dos terrenos; e o prejuiso da saude dos povos;* todos reclamam energicas providencias, por que são calamidades publicas.

A ruina da navegação: porque o leito do rio totalmente obstruido, não deixa apparecer á superficie, nos mezes do estio, se não uma pequena porção d'agua, em quanto que a outra, talvez a maior parte della, se escôa por entre as areias, que por serem muito grossas lhe dão facil passagem.

A porção da agua que corre pela parte superior das areias, mais compete o nome de regato, que de rio; é uma fita escura extendida ao acaso sobre um campo branco. Este regato constantemente serpenteando entre serras de areia, vai depois encorporarse com aguas mais fundas e abundantes, abaixo de Monte-mor, onde a nevegação é favorecida pelas marés.

Os transportes pelo rio tornam-se impraticaveis nos mezes de julho, agosto e setembro; tem havido annos em que os barcos, com menos de meia carga, gastam tres dias para subir as quatro leguas desde Monte-mór até Coimbra.

A ponte desta cidade não é menos prejudicial á navegação do Mondego; quasi sepultada nas areias, como já dissemos [1], não permitte, ainda nas pequenas enchentes que os barcos passem por baixo de seus arcos, por falta de capacidade.

A esterilidade dos terrenos: 1.° porque o alveo já pejado de areias não recebe as novamente arrastadas pelas enchentes; a violencia das inundações as espalha pela superficie dos campos, e torna as terras incapazes de cultura: 2.° porque o campo acha-se em partes egualado ao leito do rio, n'outras inferior, e n'outras mais alto: no primeiro caso, se o rio ingrossa, ainda que não trasborde, estando as terras já semeadas, afoga as sementeiras; porque, por uma propriedade conhecida, a agua abandonada a si mesmo, procura sempre a horisontalidade, e filtrando-se pelo terreno solto e poroso, vai inundar assim os sitios inferiores á superficie da corrente: no segundo caso porque alem das razões já referidas, as terras no verão ficam constantemente alagadas, ou apaúladas e por tanto incapazes de cultura: e no terceiro em fim, as terras não estão ao alcance das pequenas enchentes, nem soffrem os damnos das que se acham nos dous

de trabalhos — 400$000. Ha por tanto uma economia de 420$000 reis, preferindo Coimbra a Viseu, satisfasendose muito melhor ao fim da instituição e conseguindo-se uma importante reforma na faculdade de philosophia.

[1] Memoria sobre a ponte de Coimbra no 1.° vol. deste jornal.

primeiros casos, e por isso ainda são abundantemente productivas.

O prejuiso da saude dos povos: porque os vegetaes depositados nas terras alagadiças e apaúladas, ahi se corrompem; convertem-se em focos de podridão, e exalam vapores mephiticos, que desenvolvem as doenças que, em todos os annos, devastam horrorosamente as povoações visinhas aos campos do Mondego.

Todos sabem que as areias pelas torrentes despegadas e trazidas das serras da Beira, são a causa principal destes males; não podemos deixar de soffrel-os, porque não é possivel remover facilmente a causa; mas podem os estragos impedir-se temporariamente; a navegação do Mondego, e a agricultura dos campos podem ter melhoramento.

Estas desgraças não são novas na historia dos campos de Coimbra; é uma repetição de factos acontecidos nos seculos transactos. A presente geração soffre prejuisos em sua fortuna semelhantes a outros que as gerações já distantes tambem soffreram.

O alveo do Mondego não tem levado sempre a mesma direcção, nem os campos foram sempre todos cultivados; tudo tem experimentado muitas alterações; alguns terrenos que n'uma epocha eram estereis, n'outra tornaram-se ferteis, e *vice versa.* A fortuna dos proprietarios dos campos de Coimbra foi sempre mais ou menos vacilante; mais solida tendo o rio um alveo profundo; mais contigente sendo elle quasi livelado com as terras marginaes: e de todo perdida, tendo o mesmo plano horisontal do campo. Os presentes esmorecem á vista dos estragos, suppondo que o mal não tem remedio; mas quando pelo decurso desta memoria virem que, em circumstancias identicas, o patrimonio de seus avós obteve utilissimos melhoramentos, confiamos que a esperança renascerá em seu coração.

É verdade que antigamente vinham mais a tempo as providencias para occorrer a estes males; agora tem ellas sido mais tardas, mas nem por isso devemos desesperar. A falta de conhecimentos historicos faz acreditar como novos os factos contemporaneos, quando elles muitas vezes não são mais que uma continuação de effeitos que se succedem com longos intervallos. Nós mesmo antes de procurar os elementos deste pequeno trabalho, pensavamos que esse encanamento decretado em 1791 fôra o primeiro aberto pela arte para o Mondego, e que o campo em tempo nenhum tinha estado tão perdido, como agora; porem ficámos desenganados, quando depois de reiteradas indagações descobrimos um tão avultado numero de provisões, decretos, avisos etc., etc., passados em tempos remotos para remediar os estragos deste rio, que se estivessem todos colligidos formariam um corpulento volume de legislação especial do Mondego.

Ninguem até hoje, ao menos que nos conste, se tem dado ao trabalho de estudar esta legislação, e aprender por ella a historia do Mondego, e dos campos de Coimbra. É verdade que algumas memorias tem sido publicadas a este respeito; mas seus auctóres trataram o assumpto mais pelo lado scientifico do que pelo historico. Os acontecimentos posteriores attestam que não foram felizes, como faremos ver quando compararmos a doutrina com os factos.

Diques, marachões, encanamentos etc., tudo tem sido destruido pela violencia da torrente nas enchentes; de sorte que se nos decidissemos por estas tão repetidas catastrophes, diriamos que o Mondego está fóra dos preceitos da hydraulica: mas não, outras serão por certo as causas que teem frustrado tantos trabalhos e melhoramentos intentados; o Mondego não tem sido, segundo parece, devidamente estudado, nem talvez os principios da sciencia tenham sido bem applicados; e por isso as obras n'elle feitas ainda não coroaram os exforços d'engenheiro algum.

Os estragos que o Mondego tem causado em Coimbra e seus arrabaldes, datam de tempos mui antigos; já no anno de 1464 encontramos providencias para obviar a estes males; e talvez que anteriormente tivesse havido outras, cujos documentos se perdessem por desleixo dos cartorarios, assim como tem acontecido a muitos mais modernos, de que não sabemos senão por allusão.

É pois desde o anno de 1464 que principiamos a referir as obras que se tem feito no Mondego para remediar os damnos das suas enchentes, apontando a legislação que lhe diz respeito.

I.

OBRAS DO MONDEGO.

Uma Carta de D. Affonso V. datada em Tentugal a 22 de setembro de 1464 [1] nos descobre que o Mondego se achava tão entulhado de areia que uma pequena enchente fazia grandes estragos no campo até Montemór, e na cidade e mosteiros do seu arrabalde [2]: que para occorrer a estes damnos se tinha feito construir uma estacada *entulhada* com grandes despezas e trabalho que de pouco aproveitou: que a camara (*officiaes e homens bôos da cidade de Coimbra*) não achavam outro meio de impedir o mal se não pondo em practica o costume antigo que era prohibir as queimadas na distancia de legua d'uma e outra margem do rio, desde Coimbra

[1] Pergaminho n.º 70 da camara de Coimbra.

[2] Eram os conventos de S. Francisco, Santa Clara, Santa Anna e S. Domingos, que tocamos por incidente na Memoria da ponte de Coimbra.

até Sea; que os desobedientes fossem obrigados a responder perante as auctoridades desta cidade: que adoptando-se esta medida não viria mais areia ao rio (!); e a que nelle estava seria levada pela agua.

Elrei deferiu como a camara pedia, e impoz graves penas aos transgressores.

Não é preciso chamar a attenção dos leitores para lhes fazer sentir a violencia e injustiça desta medida; e é de crer que os povos lhe fizessem uma resistencia compacta; os camaristas de 1464 queriam sacrificar o interesse geral ao particular; providencias desta natureza foram sempre odiosas. Por estas razões e por falta de memorias em contrario accreditamos que o alvará do senhor D. Affonso V. nunca teve execução.

É todavia certo que delle se tirou uma certidão (aos 14 de junho de 1469), a requerimento do procurador geral do concelho de Coimbra, para a entregar a um João Vasques de Mello, escudeiro, que estava encarregado de o publicar pelas villas e logares da Beira, em cujos termos era imposta a prohibição das queimadas. [1]

Supposto este alvará não fosse observado nas povoações da Beira a camara diligenciou applical-o dentro dos limites do concelho de Coimbra, como consta d'algumas das suas posturas. [2]

O systema da não roteação dos montes da Beira a pezar de iniquo sempre teve defensores: é um pensamento, que tem passado de geração em geração; ainda em 1790, entre os quesitos a que Estevão Cabral foi mandado responder vinha este — se convinha que se não cultivassem os montes que faziam face para o mondego, ou para outro qualquer rio que nelle desaguasse. [3]

Continúa.

[1] No archivo da camara existe a certidão, que é o perg n.º 70 de que para aqui nos aproveitámos, mas não encontrámos o original.

[2] Memoria sobre o Mondego por Estevão Cabral no vol. 3.º das de Econ. e Agric. da Acad.

[3] *Ibidem.*

O CEMITERIO D'ALDÊA.

(Traduzido de Gray)

Sinto um sino a troar, lugubre e triste,
Ao dia que fenece o adeus saudoso.
Por trilhos tortuosos, passo lento,
O gado s'encaminha ao grato aprisco;
E o lavrador, da lida afadigado,
Á placida choupana a custo chega:
O mundo deixa entregue ao lucto e ás trevas,
E da minh'alma ás reflexões sombrias.

Todo dos prados se apagou o brilho!
Mudo silencio em tôrno a mim vaguea;
Só d'alados insectos o zunido
Ousa de quando em quando interrompel-o;
O seu murmurio, lugubre, dormente,
Ao longe lá se escuta na campina.

Donde vindes, suspiros tam sentidos!
Ah! sois do mocho, que na torre velha,
Que as heras cingem, triste aos ceos se queixa.
Á antiga solidão vim perturbar-lhe:
Os seus lhe profanei sombrios bosques.

Musgo, que em pó desfez a mão do tempo,
Debaixo destas arvores copadas
Eleva-se em montões; aqui debaixo
Destes olmos, á sombra dos ciprestes,
Dos simples habitantes desta aldêa
Os rusticos avós em paz descançam
Nesta tam, estreita, perennal morada.
Das aves o gorgeio, a voz do gallo,
Nem da campestre flauta os sons maviosos
Deste funereo leito erguel-os podem;
Nem mais hão-de gozar, nunca dispertos,
Perfumes matinaes, que sobre as azas
Os zefiros em vão lhes conduzirem.

C'o foucinho na mão viam-se outr'hora
As messes derrubar, prostar por terra;
Cedia indocil campo aos seus trabalhos;
Soberbos bois apos de si guiavam;
Audaciosos carvalhos quantas vezes
Gemer se ouviram nas cerradas matas,
Do seu machado aos repetidos golpes!

Para elles não é, que a chamma ardente
Se accende no fogão, — ou que prepara
O rustico jantar a esposa anciosa;
Para elles não é, que a tenra infancia
Ergue innocentes mãos, offerece um beijo,
Um beijo que lh'inveja a mãe em zelos.

Por que despresas tu, homem vaidoso,
Os seus uteis trabalhos, o singelo
De seus prazeres, seu destino obscuro?
Por que um surriso soltas de soberba
Desdenhoso escutando a historia simples,
E succinta do pobre não manchado?
As pompas do poder, do sangue o orgulho,
As riquezas, o fausto, a formosura,
Da hora inevitavel não se eximem;
Todo o brilho da gloria ás campas corre.

Dos templos as abobadas sagradas
C'os elogios seus não retiniram;
Nem vaidosos trofeos sobre os sepulchros
Fallaz lhe alevantou mão de vindouros:
Seus fados não choreis, grandes do mundo.

Soberbo mauzoleo acaso pode
Ao morto revocar o extincto sôpro?
Póde acaso aquecer do incenso o fumo
O pó já frio? da lisonja as vozes
Do finado entranhar-se nos ouvidos?

Talvez sob esta terra despresada
Se occulte um coração outr'hora accêso
N'uma chamma celeste, agora extincta,
E mãos dignas talvez d'um aureo sceptro,
E talvez de pulsar a maga lyra.

Somente lhe faltou, que a sciencia amiga,
Dos despojos do tempo enriquecida,
Abrisse aos olhos seus o livro immenso.
Em sua alma abafou nobres transportes
Indigencia oppressora; em sua origem
O fogo lhe gelou do genio ardente,
Q'u ideas creadoras sopra n'alma.
Assim s'escondem mil preciosas pedras
Das montanhas nos concavos sombrios;
Balsamicos perfumes no deserto
Assim exhalam recatadas flores.

Talvez, talvez repouse aqui um Hampden,
Que aos injustos exforços dos tyrannos
Intrepido opporia alta virtude;
Talvez um Milton, que morreu inglorio
Sem nos cantos soltar torrentes d'estro;

Um Cromwel, cujas mãos só não mancharam
Com o sangue da patria miseranda.
Subido engenho, inspirações sublimes,
Não lhe ganharam throno d'alta gloria;
Sua sorte os privou, mesquinha, obscura,
Dos trofeos da virtude e do renome,
Do dom celeste de faser ditosas,
De ver risonho o pobre agradecido.
Se lhes tolheu porém grandes virtudes,
Tambem os desviou de grandes crimes;
Sobre degraos ao throno não subiram
Tinctos de seus irmãos no rubro sangue;
Nem sobre a raça humana, impios, duros,
As portas encerraram da clemencia.

Nunca da feia culpa atormentados
Ás faces lh'assomou rubor do crime,
E nunca da consciencia assustadora
Os repelões soffreram temerosos;
Do vicio sobre o altar queimando incensos
Co'a torpe musa os ecos não profanaram.

Mas eis sôbre esta campa um monumento,
Que do tempo aos ultrajes quer roubal-a,
Sobre a pedra alguns versos mal traçados
Supplicam do viandante algumas lagrimas.

E ha coração que deixe sem saudades
Vida que o fez pular dentro do peito?
Quem do olvido jámais, quem do silencio,
Quiz voluntario ser a prêza triste?
Quem da vida o calor, da luz o imperio,
Sem custo abandonou, e foge, e morre
Sem que um magoado olhar ao mundo volva.

Nossa alma, quando vôa, apraz-lhe, exulta
Com saudades, com ais, com pranto triste;
Do moribundo a vista, extincta quasi,
Lagrimas ternas supplicar parece;
Lá do fundo da campa a naturesa
Um grito solta; — d'entre as cinzas nossas
Inflammada faisca tambem surge.

De mim tambem, que um culto presto agora
A estas frias cinzas desprezadas,
E que nos versos meus as torno á vida,
Da solidão se acaso algum amigo,
Se um vate pensador tambem um dia
Seus passos dirigir por estes campos,
Meus destinos talvez saber procure.

E talvez que um pastor, encanecido
Pelos annos, se apresse a responder-lhe:
« Muitas vezes o vi, raiando a aurora;
« Com seu passo ligeiro o fresco orvalho
« Do calice das flores sacudia:
« Nestes floridos campos vinha sempre
« O quadro contemplar do sol surgindo.
« Olha, não vês, no fundo lá do valle
« Um antigo carvalho, cujos ramos
« Curvados formam magestosa sombra?
« Do ribeiro o murmurio ali'scutava,
« D'ali, c'os olhos, lhe seguia o curso.

« Umas vezes errava pelos bosques,
« E aos labios lhe acudia um riso amargo;
« Entre-cortadas fallas se lhe ouviam,
« Talvez imagens d'um delirio d'alma;
« Ás vezes parecia aniquilado,
« Como se o reprovasse a naturesa
« Ou desesp'rado amor o consumisse.

« Porém nos ceos surgiu um dia a aurora,
« Sem que elle apparecesse, e o sol debalde
« S'elevou no horizonte, elle não veio
« O ribeiro escutar, sentar-se ás sombras.

« Logo os lugubres cantos, logo o enterro
« Sua morte por fim annunciaram
« Cá veiu á terra dos finados!
« Olha os versos gravados sobre a campa,
« A moita que os encobre eu t'a desvio.

— EPITAFIO —

Em teu seio o recebe, ó terra amiga.
Este não mendigou com vil cubiça
Da fortuna o favor, da fama incensos;
Terna melancholia foi seu fado;
A sciencia lhe abriu os seus thesouros,
Seu nascimento humilde esclarecendo;
O ceo o cumulou de seus favores,
Dando-lhe um'alma terna e bemfazeja;
Sobre as desditas lagrimas piedosas,
Seu unico thesouro, derramava;
Um amigo buscou, teve um amigo.
Deste asylo profundo, nem o brilho
Do bem que practicou ao mundo ostentes,
Nem manifestes impio os seus defeitos.
Seus defeitos aqui, suas virtudes,
No seio do seu páe, do Deus clemente,
Entre o temor e a esp'rança em paz descançam!

F.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA.

Relações litterarias com Hespanha, e França.

A universidade central de Madrid acaba de enviar á de Coimbra a collecção das mais notaveis obras dos professores de todas as universidades de Hespanha, e que estão adoptadas para o ensino das diversas faculdades, e cursos scientificos, em testemunho de reconhecimento pela offerta, que a universidade de Coimbra lhe fizera, em agosto do anno findo, dos compendios ordenados pelos respectivos lentes para uso das suas cadeiras.

Acompanhava aquelle valioso presente uma carta do marquez de Morante, reitor da universidade central, para o vice-reitor da nossa universidade, com termos tão lisongeiros para esta corporação, que não podemos deixar de transcrever textualmente alguns trechos d' aquella honrosissima carta:

« ...... El gobierno de s. m. á quien di cuenta del magnifico regalo de libros, que v. exc.ª tuvo a bien remitir á nombre de esa universidad á esta central, y de la halgüeña comunicacion que v. exc.ª me dirigio en 23 de agosto de 1852 de orden de s. m. f., manifestando que el regalo de los citados libros era solo uma prueba del vivo deseo que anima á esa nacion de mantener con Espagña las mas estrechas relaciones literarias, en real orden de 22 enero del corriente ano, me autorisó para l'adquisicion de las obras que esta universidad propuso al gobierno se regalaran á esa, en justa correspondencia á su fino obsequio.................
....
.... El regalo de esta universidad no admite comparacion con el que le hizo esa; tiene sin embargo á su favor la recomendacion de haber yo procurado con el mayor esmero pedir á los catedraticos de todas las universidades de España razon de las obras de enseñanza de que son autores y haber por consiguiente logrado adquirir las mas notables en su clase de la época actual...
.... »

A collecção dos livros offerecidos pela universidade de Madrid comprehende sessenta e

cinco obras de cinquenta diversos autores, sobre historia, litteratura, geographia, philosophia, jurisprudencia, medicina, e sciencias physico-mathematicas.

Estas obras estarão patentes na bibliotheca da universidade, e por este modo começarão a ser versados entre nós os escriptos, até agora quasi desconhecidos, dos mais eminentes professores de Hespanha. E o mesmo acontecerá nas universidades do reino visinho com os compendios e obras dos nossos professores o que de certo hade concurrer poderosamante para o adiantamento do ensino publico em todas as universidades da peninsula.

O governo de França tambem pela sua parte manifestou o desejo de conhecer e reunir todos os programmas de instrucção publica, adoptados nos nossos estabelecimentos scientificos; e por este motivo o conselho superior de instrucção publica ordenou que as faculdades da universidade coordenassem os respectivos programmas para satisfazer ao pedido do ministro de França em Lisboa.

O empenho que as nações mais cultas mostram de conhecer a organisação dos nossos estudos; os systemas de ensino adoptados nas diversas escholas, e os compendios dos nossos professores, é um testemunho bem honroso do conceito que ainda lhe merecemos, e um nobre incentivo para os que se dedicam á elevada missão do ensino publico neste paiz.

A.

CRITICA LITTERARIA.

MANUAL PARA LOS MAESTROS

de Escuelas de Parvulos,

por el ill.mo sñr. D. Pablo Montesino, Madrid 1850.

A instituição de escholas de crianças, a que outros dão o nome de escholas de maternidade, ou casas de asylo, é um testemunho vivo e honroso de progresso de civilisação em materia de educação publica, devido ao seculo 19.°

A idêa geradora não diremos que fosse casual e repentina; que desde o berço da sociedade é de crer que mãis obrigadas a deixar suas moradas para cuidarem das necessidades da vida, confiassem seus tenros filhos a alguma visinha que velando-os prevenisse os riscos, a que os innocentes estão sujeitos na primeira epocha da existencia.

Tambem é facil de accreditar que, desenvolvida, e aperfeiçoada aquella idêa simples, mas por extremo fecunda, fosse a criadora de casas de asylo da primeira infancia, dirigidas por mulheres honestas e carinhosas, movidas de alguma gratificação a guardar, e educar crianças entregues aos seus desvelos. A caridade elevou a mesma idêa criando associações directoras daquelles estabelecimentos sustentados pela benificencia particular.

Mas não é tão simples e obvia a evolução daquelle pensamento, como póde parecer. Se a intelligencia amestrada pelos resultados não for muito attenta e escrupulosa no conhecimento dos fins, e observancia dos meios, as casas de asylo podem desnaturar-se. Ainda respeitados todos os termos da disciplina, da moralidade, e da virtude christã, póde a direcção viciosa transformar os asylos de educação, em asylos de indigentes; ou em simples escholas de instrucção primaria. E não é essa a natureza da instituição.

A necessidade da direcção regular, uniforme e adaptada, tem feito criar em todos os povos civilisados um centro director para lhe imprimir o movimento. Foi vogal desta junta em Hespanha D. Pablo Montesino, e por ella encarregado de redigir o directorio para regular a administração dos asylos.

Não podia ser mais acertada a escolha. D. Pablo, tendo que expatriar-se em 1822 pelos acontecimentos de Cadix, em que figurou como deputado da nação, peregrinou estudando os paizes mais cultos da Europa. Procurou especialmente informar-se do estado da instrucção em cada um delles. Levava impresso o amor da patria, a saudade de filhos seus, e de amigos, e alentava esperanças de applicar um dia aos seus, progressos e melhoramentos, que via nos estranhos. D. Pablo foi um dos homens raros, que não param no desejo de propagar a instrucção. Assim não parasse a vida delle, tão preciosa para o genero humano, em dezembro de 1850!

Em tres partes dividiu o A. o escripto, de que nos occupamos. Trata na 1.ª da razão e origem das novas escholas; do seu caracter e objecto; dos meios de escolher os mestres; administração e inspecção dellas. Na 2.ª descreve o local, e aprestes necessarios; materiaes de ensino; methodo de ensinar; e classificação dos alumnos. Na 3.ª expõe os principios geraes de educação phisica, intellectual e moral das crianças.

Escripto com gosto e mestria aquelle livrinho é não só necessario nos estabelecimentos para que fôra feito; se não tambem aos chefes de familia, pela cópia de bons preceitos hygienicos, e regras de educação, que nelle encontram dispostos em boa ordem recheados de exemplos estimaveis, e maximas da moral mais sã; e matizados de canções alegres para exercicio da voz, inoculação das idêas por meio da harmonia, e adoçamento das fibras do coração.

M.

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

MEMORIAS HISTORICAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA.

V.

Segunda trasladação da Universidade de Coimbra para Lisboa.

Continuado de pag. 56.

1383 — 1433.

Os graves successos que se passaram no reino por morte de D. Fernando, não podiam deixar de reflectir-se sobre o novo estudo geral de Lisboa. As dissensões entre os partidarios da regente e o mestre de Aviz, haviam excitado os animos, e acordado os brios nacionaes, como que presagiando já os perigos de uma invasão estrangeira eminente. Lisboa sobre tudo abraçára fervorosamente o partido do mestre de Aviz, que então symbolisava a causa da independencia portugueza. E é bem de crer, que o corpo escholar não fôra testemunha muda no meio destas variadas scenas, que se representavam na capital, e que dahi echoavam por todo o reino.

Mal podiam por certo aquelles animos de mancebos, no verdor dos annos, calar comsigo os generosos sentimentos do amor da patria e da liberdade, para a sós se entregarem aos estudos entre o estrepito das armas, e o ruido d' aquellas lides populares. Assim é mui natural que essa mocidade ardente e enthusiastica, que de todo o reino acudia ao estudo de Lisboa, se associasse agora ao partido do mestre de Aviz, a quem, talvez, nestas difficeis circumstancias prestára assignalados serviços.

No meio do completo silencio de todos os monumentos contemporaneos, um facto parece vir em apoio destas nossas conjecturas. Os largos privilegios e isenções, que no seu longo reinado o mestre de Aviz concedêra aos escholares, e de que adiante faremos menção, são talvez um testemunho bem significativo do apreço, que merecêra o proceder dos escholares durante a lucta, que se travára entre o principe Portuguez e o rei de Castella.

A estas considerações accresciam, talvez, outras de não menor peso no animo do mestre de Aviz, pela obrigação em que estava para com os moradores de Lisboa, a quem por isso desejaria mostrar-se agradecido. Assim vemol-o não só confirmar, como defensor do reino, todos os privilegios e estatutos da universidade; mas ordenar que ella permanecesse perpetuamente n' aquella cidade. [1] Os lentes e escholares foram dispensados de terem armas e cavallos [2], e alliviados das peitas, fintas, talhas e *pedidos* [3] para as urgencias do estado, privilegio este que fôra tambem concedido ao bedel e conservador do estudo [4].

A pezar, porem, de todas estas providencias a favor dos escholares, sempre as justiças da cidade punham difficuldade em lhes guardar os privilegios, e recusavam cumprir os mandados do conservador, e dos almotaces; o que obrigára a universidade a queixar-se por vezes a D. João I., por seus procuradores, entre os quaes figura um fr. João Veegas, o primeiro lente de theologia na universidade, de que achamos memoria, contra aquelles abusos e violencias exercidas nas pessoas dos escholares, ou dos seus familiares.

[1] « .... Fazemos saber que *por honra e exalçamento da mui nobre cidade de Lisboa, e universidade e estudo d'ella* confirmamos e approvamos os mandados sobreditos (privilegios, constituições, ordenações etc.) e outorgamos ser perpetuado, e que *stee perpetuamente* o dito estudo em a dita cidade de Lisboa e non se mude della. .... deste dia para todo sempre etc. (C. do mestre de Aviz de 3 de outubro 1384 — Liv. *verde* da Univ.) = C. da mesma data confirmando aos doutores, licenciados e bachareis em direito civil e canonico o privilegio de advogarem sem licença regia. = C. de D. João I. confirmando todos os privilegios, liberdades etc. (23 de setembro 1385.)

[2] C. de 23 de novembro 1390.

[3] *Pedido* ou *pedida* — finta que se lançava por cabeça. O lançar *pedidos* pertencia somente ao rei na forma da *Ord.* Liv. II tit. 49. (Viterbo — *Elucidario.*)

[4] .... querendo fazer graça e mercê aos lentes e bedel do estudo da nossa mui nobre e leal cidade de Lisboa, mandamos que elles sejam escusados de pagar nenhuma cousa no *pedido*, que se agora ha de lançar para comprimento de paga dos tres contos e meio, que nos hora foram prometidos nas côrtes que agora fizemos na cidade de Viseu; nem em outras peitas, fintas, nem talhas, nem pedidos, que pera nos, nem pera o concelho da dita cidade, ou aos outros logares onde elles forem moradores, ou tiverem seus bens, sejam lançados.... Dante em Viseu 8 dias de fevereiro 1392. — *Liv. verde.*

CC. do mesmo rei, confirmando este privilegio aos lentes, escholares, bedel e conservador — 25 de outubro 1400 *Id.* = C. de 23 de agosto, e 9 de dezembro 1418. — *Id.*

A reparação correspondêra ao aggravo; por que não só se ordenou ao alcaide de Lisboa, e ás outras justiças do reino que cumprissem aquelles privilegios, e os alvarás, e mandados de prisão dos conservadores e almotaces da universidade; mas foi definitivamente estabelecido o juizo privativo da conservatoria em todos os feitos crimes ou civeis dos escholares, mandando-se entregar logo ao conservador os escholares, que se achassem prezos á ordem do corregedor de Lisboa [1].

Da parte dos conservadores, parece, que tambem havia alguns abusos, principalmente por causa das pousadas dos escholares, que se queixavam, que o conservador lh'as não dava, quando nisso havia embaraço por parte dos donos das casas, sem correr processo, no que soffriam grande prejuizo; donde resultou ordenar elrei, que os estudantes fossem aposentados dentro em tres dias, depois da sua chegada á cidade [2].

Os conservadores faziam audiencia no adro da sé, do mesmo modo que em Coimbra, antes de trasladado o estudo para Lisboa; e as escholas estavam á Porta da Cruz: os escholares queixavam-se que lhes ficava muito longe do seu bairro, e que perdiam por isso as lições, quando lá iam: o conservador teve ordem para fazer audiencia mais perto do estudo, e de feito as audiencias faziam-se depois no adro da egreja de S. Thomé [3].

Tinha a universidade pelos estatutos de D. Dinis o privilegio de crear os seus officios, e prover á nomeação delles, e nesta posse estava, quando D. João I proveu no officio de provedor e recebedor das rendas da universidade Lourenço Martins com os mesmos privilegios, que os escholares tinham [4].

Até alli pouca ou nenhuma importancia tivera este officio, que não gozava dos privilegios academicos, e era como estranho ao estudo. A nomeação, porem, que o rei fizera de Lourenço Martins, protegido do escrivão de Puridade, Gonçalo Lourenço, tinha outra significação pelos privilegios que na carta da sua nomeação lhe eram concedidos, privilegios, que só ao corpo escholar competiam. Julgou-se este aggravado com aquella nomeação, e por isso representou contra ella ao rei, allegando os seus direitos.

Era o negocio grave; e D. João I. não quiz decidil-o sem ouvir a universidade, para o que lhe mandou assignar termo de comparecer na sua presença para mostrar as razões, que tinha para o seu aggravo. Parece, porem, que a universidade, talvez por não ír contra o protegido do ministro, se contentára de significar ao rei, que lhe prazia da escolha que elle fizera do dito Lourenço Martins para o officio de recebedor; mas ao mesmo tempo pedira a universidade, que para o diante fosse da sua eleição aquelle officio, quando vagasse, para ser depois confirmado por elrei; o que assim lhe foi concedido, sendo este o primeiro officio que na universidade teve confirmação regia, em virtude desta especie de transacção, que entre o rei e os escholares houve, por occasião da nomeação de Lourenço Martins [1]. Quanto aos mais officios não se fez alteração alguma.

Na administração economica da universidade alguns melhoramentos se iam introduzindo. Ao bedel do estudo, que ao mesmo tempo servia de secretario, juntou-se o cargo de tabellião da universidade, e escrivão das suas rendas, e, como tal, não podia o recebedor dispender, nem receber dinheiros alguns, sem elle estar presente [2]. Estabeleceu-se tambem que o recebedor da universidade não arrendasse as rendas das egrejas, e as mais do estudo aos doutores, lentes ou escholares [3].

Outro negocio muito mais grave, e que dizia tambem respeito á administração economica da universidade, occupára largamente a attenção nos conselhos dos escholares. As despesas do estudo haviam crescido, depois que se augmentaram as cadeiras, e o numero dos lentes, e posto que D. João I. se não descuidára de accrescentar o patrimonio da universidade, annexando-lhe as rendas de varias egrejas, como teremos occasião de notar no decurso desta narrativa, não era por isso menos urgente accudir á sustentação dos mestres, e ás mais despesas do estudo.

Para este effeito havia-se introduzido na universidade, provavelmente depois de trasladada para Lisboa, o costume de pagarem os escholares aos lentes certas *talhas* annualmente. Esta práctica era então frequente nas

[1] « .... O conservador é juiz e ha de conhecer de *todelles* feitos civees e crimes dos scolares .... Mandamos a vós e a todallas outras nossas justiças quaes quer que sejam dos nossos regnos, que d'aqui em diante non conheçades de feito nenhum crime, nem civel de nenhum scholar que seja do corpo da universidade .... etc. »

(C. R. a Afonso Fuseiro, corregedor de Lisboa, 4 de maio 1408 — *Liv. verde.*)

« .... Outro si mandamos a todas nossas justiças assi corregedores, como meirinhos, e outros quaesquer de qualquer condição, que seja, que non conheçam de citações, nem demandas, nem embargos, que lhes perante elles forem feitas, e se ho alguem quiser demandar, ou embargar, ou citar, vós mandai-o perante o conservador do dito studo; e se o contrario fizerdes, mandamos a qualquer tabaliam, que vos emprase, que ao terceiro dia pareçades perante o dito conservador a deser porque não fazedes nosso mandado ...... » (C. R. de 26 de janeiro 1415 — *Id.*)

[2] C. R. de 23 de abril 1398.

[3] C. cit. na nota antecedente. = Escript. celebrada entre o procurador da universidade João Rodriguez, e o conservador Vicente Dominguez em 29 de abril de 1403 — *Liv. verde.*

Posteriormente as audiencias e outros actos academicos ainda se faziam algumas vezes na crasta da sé, e no collegio do estudo, nas escholas das leis, ou das decretaes.

[4] C. R. de 26 de janeiro 1415 — *Liv. verde.*

[1] C. R. de 11 de abril 1415 — *Id.*

[2] CC. RR. de 28 e 4 de novembro de 1390 — *Id.*

[3] C. R. de 23 de abril 1398 — *Id.*

universidades. Não raro, porem, acontecia suscitarem-se graves dissensões entre lentes e escholares sobre o pagamento desta collecta. Para evitar estas contestações, ordenára a universidade por um estatuto, que os mais ricos pagassem vinte libras; dez os mais meões, e cinco os mais pobres [1]. Parecêra, porem, esta taxa mui diminuta em relação ao valor da moeda n'aquella epocha (1392), e por isso na confirmação d'aquelle estatuto se determinou, que os escholares, cada um segundo a sua qualidade, pagassem o dobro das *talhas*, que pelo dito estatuto se lhe exigiam [2].

Costumava tambem o bedel cobrar dos escholares uma certa collecta; o que por vezes dera logar a graves dissensões entre elle e os escholares, que nem queriam pagar a collecta, nem deixar-se penhorar por ella. E era isto motivo de grande escandalo no estudo; resolveram por isso os reitores em conselho estabelecer uma taxa fixa para o bedel segundo a qualidade dos escholares. Os beneficiados da cathedral e outros iguaes, deviam pagar para o bedel vinte reales de tres libras e meia [3]; os mais *somenos* quinze reis, e os que não fossem beneficiados dez reis; os escholares pobres de S. Nicoláu cinco reis da dita moéda; os nobres pagariam segundo suas pessoas. [4]

Apesar disto, porem, sempre da parte dos escholares havia repugnancia no pagamento das collectas para os lentes, e bedel; e os reitores viam-se muitas vezes obrigados a mandal-os penhorar, não sem grave opposição dos mesmos escholares, que procuravam por todos os modos illudir as diligencias do bedel, e procurador do estudo, e fôra por isso necessario estabelecer multas pecuniarias para compellir os que assim resistiam á auctoridade dos reitores. [5]

O patrimonio da universidade achava-se desfalcado, depois que D. Fernando augmentára as congruas dos vigarios das egrejas annexadas ao estudo de Lisboa, á custa das rendas, que das mesmas egrejas recebia a universidade para sustentação dos mestres, e mais encargos della. E posto que o mestre de Aviz, tanto que tomára conta das redeas do governo, mandára repôr as cousas no antigo estado, como lhe a universidade pedira [1]; nem por isso melhorou muito o estado da sua fazenda, por que os varios successos da guerra, que então se achava ateada no reino, haviam feito baixar muito o preço das rendas [2], ao mesmo passo que as despesas do estudo cresciam com augmento de novas cadeiras.

Taes eram as razões que moveram o rei a solicitar da curia romana a annexação á universidade de uma egreja em cada diocese do reino. [3]

Foi a bulla expedida no primeiro anno do pontificado de João XXIII (1411); sendo executor della o prior de S. Vicente de Fóra, que então era João Lôpo, [4] o qual em razão das suas occupações commetteu este encargo a um lente, doutor, ou estudante que a universidade elegesse; e de feito foi eleito Gonçalo Martins, thesoureiro mór de Silves, [5] que procedeu nos termos da bulla á annexação das egrejas em todas as dioceses do reino, á excepção de Silves e Badajos, [6] cujas egrejas eram todas unidas aos bispos, aos cabidos e ordens militares. Por esta bulla devia tambem annexar-se á universidade uma egreja do padroado real, que Gonçalo Martins deixára á eleição do rei, a qual nomeou primeiramente a de Sant' Iago de Lisboa, e por que a universidade lhe representou que era de pouco rendimento, nomeou em logar della a de S. Nicoláu na mesma cidade. [7]

Segundo da bulla se deprehende não montavam a mais de quinhentas libras as rendas das egrejas novamente annexadas. [8] Não entrou, porem, a universidade logo de posse d' estas egrejas, e de algumas poucos annos gozou as rendas, em razão das demandas

[1] C. R. de 6 de fevereiro de 1392. — Cada libra valia 36 reis (Viterbo — *Elucidario* = L. Ferreira — Notic. da Univ. = Bluteau — Diccion. tom. V.)

[2] C. cit. na nota antecedente.

[3] Cada um destes reales valia 126 reis (Viterbo — *Elucidario*.)

[4] Regimento do conselho da universidade, de 7 de desembro 1415 — *Liv. verde*.

[5] « .... qualquer do dito studo, que tolher ou deffender o penhor ao bedel, ou ao procurador do dito studo por as ditas collectas ou por outras quaes quer cousas, que os rectores mandem penhora, que tal como este pague por cada huma vez um florim d'ouro, ou seu justo valor.... e perseverando algum em sua contumacia atee tres vezes, e não se querendo cavidar da contradiçam suso dita, que des hi emdiante pague a dita pena em dobro, e mais seja punido segundo arbitrio dos reitores *justa modum et parvitatem excessuum*...... (Docum. cit. na nota antecedente.)

[1] C. R. de 3 de outubro 1384.

[2] « ...*Tunc processu temporis propter varios eventus sinistros ac guerrarum turbines, qui in partibus illis diutius viguerunt, ecclesiae prædictae in suis facultatibus decreverunt, et exilles effecti sunt, quod ad dicta onera supportandum non sufficiunt; nec ipsi magistri, doctores ac legentes statum ex illis tenere possunt condecentem* .... » Bulla de João XXIII. de 21 de março do 1.º anno do pontif. (*Liv. verde*.)

[3] Bulla cit. na nota antecedente. = C. de D. João I de 24 de julho 1430 — *Id.*

[4] Bulla cit. na nota antecedente — *Dum attentae considerationis indagine*.

[5] *Idem.*

[6] Sentença de Gonçalo Martins de 17 de desembro de 1429, em virtude da qual foram annexadas á universidade as egrejas de S. Pedro d' Eiras no bispado da Guarda, de Santa Maria de Caria, no de Lamego, de Sarnache no de Coimbra, de Santo André de Lever, no do Porto; de Santa Maria de Idaens, no arcebispado de Braga, e de S. Salvador de Vianna, que então era bispado de Tuy. Santiago de Montemór Novo, no arcebispado d'Evora, fôra tambem annexada ao estudo. No arcebispado de Lisboa já a universidade possuia egrejas por bulla de Clemente VI de 1345.

[7] C. R. de 17 de maio de 1430 (Figueirôa — Mem. mss.)

[8] Bulla cit. de João XXIII.

que sobre a posse e conservação dellas teve de sustentar por largos annos. [1]

Estabelecêra D. Fernando as escholas, quando as trasladou para Lisboa, em umas casas chamadas da *moéda velha*, no sitio da Pedreira, como já dissemos; mas ou por que com o tempo viessem a deteriorar-se, ou, o que é mais provavel, porque fossem acanhadas para as lições, que se haviam augmentado em cada faculdade, é certo, que D. João I doára á universidade para aquelle effeito, umas casas que possuia no mesmo sitio da moéda velha (1389). [2]

Poucos annos depois (1393) fizera este principe doação ao mestre de Sant'Iago D. Mem Rodrigues de Vasconcellos, de umas casas n'aquelle sitio, e que eram provavelmente as mesmas, que D. Fernando anteriormente destinára para as escholas [3], talvez por lhe parecer que a universidade não carecia agora dellas. Entre tanto os escholares queixaram-se contra o mestre de Sant'Iago, por não consentir que elles lessem nas ditas casas, como dono, que mostrava ser d'ellas, e obtiveram provisão regia que annullava a mercê feita a Mem Rodrigues. [4]

Não permaneceram, porem, muito tempo as escholas nestas casas, ao menos é isto o que póde inferir-se da doação feita pelo infante D. Henrique em 1431 á universidade, de umas casas, que elle comprára na freguezia de S. Thomé, que era o bairro dos escholares, e nas quaes designára as aulas em que deviam ler-se as diversas sciencias e e artes liberaes, e fazer-se os actos. [5] E nestas casas permaneceu a universidade até que D. João III a tornou a trasladar para Coimbra.

Continúa. J. M. DE ABREU.

[1] Figueirôa — Mem. ms. = L. Ferreira — Notic. chron. da Univ. NN. 588 — 606 — 611.
[2] C. de D. João I de 2 de maio 1389 — *Liv. verde.*
[3] C. de 25 fevereiro 1393 — *Id.*
[4] C. de 31 de outubro de 1393, dada nos paços da *serra de par de Atouguia.* — *Id.*
[5] C. de doação do infante D. Henrique de de 21 outubro de 1431. — *Id.*

O CHRISTIANISMO, A EGREJA E O PROGRESSO.

Continuado de pag. 52.

VII.

Em vão procura o viajante um epitaphio no tumulo de Sancta-Hellena; debalde pertende o philosopho penetrar o destino social do homem que nelle repousa.

Napoleão é um problema proposto pela providencia ao seculo das luzes. Philosophos e historiadores; politicos e moralistas, em vão têem pretendido decifral-o. Será porque desse grande drama, chamado Napoleão, só o primeiro acto foi representado, e só o ultimo poderá dar-nos a chave do enredo? Será mister que a distancia diminúa as proporções do collosso para que possa abrangêl-o a vista humana? Não o sei. Mas Napoleão ainda não foi definitivamente julgado. Póde apreciar-se um ou outro facto da sua vida publica; muito mais quando esse facto é determinado por uma ordem de cousas que se conhece; porem julgar o homem todo, é um direito dos seculos futuros, que o nosso reclama em vão.

No meio d'aquelles factos, de que fallei, um dos que inquestionavelmente avultam mais, é o restabelecimento do christianismo, proscripto pela revolução.

A uma acção violenta succede sempre uma reacção excessiva; mas o principio de harmonia, que preside á ordem phisica e moral do universo, a obriga a retroceder, até encontrar os limites, de que razoavelmente não devêra ter passado. É por isso que a uma revolução succede quasi sempre uma reacção tanto maior, quanto fôra o espaço que a revolução se adiantára, alem dos limites que lhe assignava o restabelecimento da marcha do progresso interrompida. Não poucas vezes a reacção é ainda excessiva, e provoca uma revolução nova, que talvez ainda exagerada, determina outra reacção. E assim de revolução em reacção, de reacção em revolução, as exagerações vão diminuindo, até que o facto se ache reduzido ás suas proporções legitimas. Desde esse momento, o facto que na vespera era um principio de lucta, torna-se uma questão decidida. A humanidade esquece-o; e vae para outro campo trabalhar na laboriosa tarefa do seu destino.

A acção e reacção não é somente uma lei de ordem moral; é tambem uma lei de ordem phisica. Porem na ordem moral a revolução, e a reacção que é a segunda phase da revolução, são modos indispensaveis da existencia do ser moral, chamado humanidade. Sem elles o *fiat* da creação, que deu a existencia ao ser, perder-se-hia no tempo, sem echos que o repercutissem: sem elles o progresso não existiria, porque o progresso é o *ser*, assim como o *ser* é o progresso.

Ao fusilar do relampago da revolução descobrem-se sempre novos horisontes. O homem, impellido pela lei do progresso, que constitue a sua existencia, arroja-se ao meio das trevas a procurar o mundo novo, que ao fulgurar do relampago entrevira. Umas vezes rola ao abismo, e a reacção o reconduz ao caminho do progresso; outras attinge esse terreno do futuro, que avistára, mas para o qual não estava ainda aclimatado pela civilisação; e é a reacção quem vem dizer-lhe: ainda não é chegado o teu dia; hoje o teu lugar é alem!

Foi o que succedeu aqui.

Quando se havia procurado um principio que desse á sociedade o impulso que lhe faltava, o christianismo fôra não somente posto de parte, como um instrumento quebrado; mas atacado como um obstaculo, que era

necessario vencer, ou não existir. Procurava-se um principio social, reformador, tolerante, liberal, progressista, de uma moralidade incontestavel; e, porque o clero era immoral, retrogrado ou estacionario, tyrannizador, intolerante, inimigo de reformas, e essencialmente egoista, perseguiu-se a egreja, proscreveu-se o christianismo!

Porem os philosophos não se lembraram que a religião é a philosophia do povo; e que as theorias, que se discutiam no meio das assembleas legislativas, não podiam encher aquelle vacuo deixado pela proscripção da fé, logo que, tendo passado o primeiro momento de enthusiasmo, a reflexão voltasse a occupar o seu logar antigo.

Foi por isso que, quando na ampulheta do tempo cahiu o ultimo grão de arêa do seculo XVIII, os espiritos estavam todos preparados para a reacção. Faltava só uma voz atrevida que se elevasse para dar o signal. Esta voz appareceu. Foi a de Chateaubriand. Este signal soôu. Foi o *Genio do Christianismo*.

Eu creio que nem mesmo Chateaubriand comprehendeu bem o papel que reprezentava neste drama gigantesco. « Era curioso, diz elle, ver um pigmeu entezar os seus pequenos braços para suffocar os progressos do seculo, suspender a civilização, e fazer retrogadar o genero humano. « Não: Chateaubriand não foi o inimigo do progresso, foi um dos seus maiores agentes; não fez retrogradar o genero humano; pelo contrario; foi o homem da providencia que appareceu no seu dia; foi um instrumento da civilisação, que executou o seu mister, e quebrou-se.

Retrogradas foram somente as tentativas anti-christãs dos philosophos do seculo XVIII. A uma religião, forte com as conquistas do passado, feitas na vanguarda da civilisação, e selladas com o sangue dos seus martyres; ligada ao futuro por uma instituição moralisadôra, organisada e forte, chamada a egreja; que substituiam as escholas de Reid, de Kant, e de Rousseau? A religião natural, isto é, o christianismo nos seus primitivos rudimentos. Não era isto retrogradar seculos?

« O seculo XVIII, diz um philosopho moderno, não se conheceu a si mesmo; sendo filho do christianismo, amaldiçoou-o. « Porventura appareceram de repente sobre a terra as idêas sublimes de Deus, e da sua providencia, os principios de humanidade e de justiça universal, que este seculo reformador applicou á organisação da sociedade moderna? Póde haver quem o creia, como ha quem acredite que o terceiro estado surgiu da terra em 1789, arrancado do nada pela evocação revolucionaria.

Mas para aquelle, que por um pouco tiver observado como os principios sociaes actuam no desenvolvimento da humanidade; que estiver habituado a vêl-os transmittirem-se de geração em geração, como um fideicommisso perpetuo, o terceiro estado, que á voz de Siéyès appareceu a tomar uma parte activa nos destinos da Europa moderna, era uma creação de seculos, operada successivamente por um trabalho, obscuro sim, mas constante, da civilisação; era a herança politica dos antigos povos do meio-dia da Europa, transmittida aos modernos, atravez dos escravos dos Romanos, dos servos dos Gôdos e dos Frankos, dos vassalos dos senhores feudaes, e dos subditos dos reios de direito divino.

Da mesma forma, os principios sociaes do seculo XVIII eram uma herança moral e religiosa do Christo, transmittida de seculo, em seculo, de povo, em povo, de geração, em geração; e ao mesmo tempo da philosophia do seculo XVII, opulenta com os legados de uma longa cadêa de philosophos, da qual o primeiro annel estava cravado no tumulo de Platão, e o ultimo élo vinha soldar-se nas louzas de Leibnitz, e Descartes.

Foi assim que o seculo XVIII, quando cuidava ter substituido ao evangelho do christianismo o evangelho da religião natural que havia escripto, não tinha feito mais que escrever a philosophia da religião christã. Um escriptor dos nossos dias diz, que o christianismo tem tido muitas eras; a era moral ou evangelica, a era dos martyres, a era metaphysica ou theologica, a era politica, e finalmente a era ou edade philosophica. É justamente esta, de todas a mais sublime, a que lhe abriu o odio impotente dos philosophos da religião natural. Tomaram a palma por espinhos; e a corôa de martyrio converteu-se em corôa de gloria.

E, ainda mesmo quando se procurasse uma religião nova para substituir o christianismo, esquecer-se-hia que elle não é uma religião como as outras. Nenhuma determinou completamente como elle as condicções essenciaes da vida moral da humanidade, resolvendo assim por uma vez o grande problema, que todas as religiões positivas em vão tinham tentado resolver.

Não quero dizer com isto que o christianismo fechou as barreiras da intelligencia, e disse á razão do homem: não passarás d'aqui! O christianismo obedeceu ao seu principio, commum a todas as religiões: recolher, conservar, e ensinar verdades essenciaes á vida moral da humanidade. Porem a acção do espirito do homem, que é essencialmente progressista não pára aqui: tende constantemente a explicar as verdades descubertas, e a descubrir sem cessar verdades novas. Por isso o christianismo adquire um novo brilho a cada progresso da sciencia, e; fechando a carreira das religiões, não fecha a do espirito humano, que é vasto como o infinito, sem termo como o tempo, e sem limites como o espaço.

Assim a religião e a philosophia teêm cada uma seu logar distincto; mas desgraçadamente têem sido collocadas n'um desastroso antagonismo, origem de luctas, que por mais de uma vez têem impedido a marcha do progresso. Os philosophos do seculo passado, querendo dar á philosophia um logar importante na vida moral da humanidade, não o encontraram senão nos dominios que a religião occupava. A philosophia proscreveu o christianismo para lhe herdar o patrimonio; a tunica do Christo foi de novo jogada aos dados entre as diversas seitas philosophicas, que aspiravam á direcção suprema da humanidade.

A revolução transbordava. Desde esse momento, a reacção era uma necessidade, que a omnipotencia do creador não poderia desviar. Chateaubriand diz: » se o effeito do *Genio do Christianismo* não tivesse sido mais que uma reacção contra as doutrinas, ás quaes se attribuiam as desgraças revolucionarias, este effeito teria cessado apenas a causa desapparecesse; não se teria prolongado até o momento em que eu escrevo. » Chateaubriand não fazia um verdadeiro juizo da reacção. A reacção não é um impulso do momento, um acto de uma causa externa sobre a revolução; é um periodo da mesma revolução. O impulso religioso da epocha, traduzido no *Genio do Christianismo*, foi moderado em si, e muito mais se o compararmos com a revolução, á qual succedia. Nisto se encontra o motivo porque uma revolução nova não veiu rectificar esta reacção.

O movimento religioso do principio do seculo XIX não foi tambem, como diz, Chateaubriand, um *effeito* do *Genio do Christianismo*. Foi um facto de uma epocha; foi uma necessidade da civilisação, que Chateaubriand comprehendeu, e o *Genio do Christianismo* traduziu. Melhor o aprecia elle, quando, n'outro logar, fallando a respeito da mesma obra, diz: » veiu a proposito, e no seu momento. »

Desta lucta contra os philosophos, o christianismo sahiu revestido de toda a poesia primitiva, que parecia haver perdido nos lodaçaes immundos a que sacerdotes corruptos o haviam arrastado; animado de todas as tendencias sociaes, que pareciam desfeitas no roçar de alguns seculos contra o egoismo da classe clerical.

Hoje, em todas as nações da Europa, uma pleiade de illustres poetas vai inspirar-se nas crenças da religião do Crucificado; mais de uma eschola de philosophos escreve na sua bandeira o verbo do Christo, infelizmente algumas vezes mal comprehendido nos seus variadissimos planos de reorganisação social.

É por isso que o navegante, que, ao passar deante da enseada de Saint-Malo, avistar sobre um rochedo do ilhote do Grand-Bé uma grosseira cruz de pedra, dourada pelos raios do sol do poente, ajunctará seus louvores ao cantico das ondas e ao hymno da brisa da tarde, para commemorar o nome do homem, que a providencia mandou no seu dia entoar um cantico de uma religião d'amor, em resposta ao hymno de exterminio que outros tinham entoado, á luz dos archotes reflectida no cutelo da guilhotina.

Continúa. J. J. d'OLIVEIRA PINTO.

BREVES REFLEXÕES HISTORICAS SOBRE A NAVEGAÇÃO DO MONDEGO, E CULTURA DOS CAMPOS DE COIMBRA.

Continuado de pag. 30.

Por falta de documentos não sabemos se desde 1464 até 1491 houve mais alguma providencia para atalhar os prejuizos causados pelo Mondego. Não é porem de crer que, indo o mal em crescimento, e não sendo a prohibição das queimadas remedio profieuo, ainda mesmo admittida a sua execução, decorresse o espaço de 27 annos, sem se fazerem algumas obras, pelo menos parciaes, neste rio, ou sem que o governo expedisse ordens para ellas.

Uma provisão do sñr. rei. D. Manoel, do anno de 1491, e outras medidas tomadas daqui em diante até 1569, nos deixam entrever o estado deploravel a que as inundações do Mondego tinham reduzido Coimbra, seus arrabaldes e campo durante este tracto de tempo; e manifestam ao mesmo tempo a solicitude com que o povo procurava chegar ao termo de tanta calamidade.

Naquelle anno pois de 1491, creou o sñr. D. Manoel o logar de couteiro dos fogos e maçadas do rio Mondego, nomeando para elle Pero Brandão da cidade de Coimbra; deu-lhe o regimento dos campos de Santarém para o observar, e impor as mesmas penas aos que lançassem maçadas para pescar lamprêas, e pozessem fogos [1].

No extracto do alvará do Sñr. D. Affonso V. que já relatamos, vimos que alguns annos antes de 1464, se tinha construido uma *estaçada entulhada* que de nada aproveitou. Esta declaração nos induz a acreditar que a governança de Coimbra pretendeu segurar o rio por meio de marachões, depois que lançou mão, e que se tem por ventura conservado até hoje sem reconhecida utilidade. Reservamos para outro logar tratar desta especie.

A mesma causa que obrigou a recorrer aos marachões, não podia deixar de sugerir a idea de um caes, que acompanhando a cidade em todo o seu comprimento pelo lado do rio, a defendesse das invasões do Mondego. Com effeito a necessidade d'uma construcção desta natureza começou a lembrar entre os melhoramentos materiaes de Coimbra

[1] Elucidario, art. couteiro dos fogos.

desde 1536. Aos 7 de março deste anno mandou o governo que a Camara lhe remettesse um auto da avaliação (com audiencia dos interessados) dos chãos, que se pretendia trocar para terreiros do caes. [2] E logo dahi a dois annos (27 d'agosto de 1538) mandou elrei fazer o orçamento d' uma parede ao longo da cidade até defronte de Santa Margarida [1], com declaração das braças de comprimento e altura que devia ter. [3]

De 1538 em diante até 1567, parece não ter havido obras importantes no Mondego; encontramos, é verdade, memorias de alguns reparos, feitos principalmente por meio de marachões, que não merecem o trabalho da narração. Não deixaremos porem de lembrar um alvará de 22 de fevereiro de 1540, que insta pelo rigoroso cumprimento d' outro mais antigo, sobre a prohibição das maçadas no Mondego para pescar lampréas; e a razão era, diz a letra delle, porque — « *entulham e fazem alombar o rio, e quando ha cheias elle sái da madre, e causa grande damno aos mosteiros e campo.* [4]

Tambem não deixaremos em silencio a tentativa de um doutor Eytor Vaz, da cidade de Coimbra, para alliviar das areias o leito do rio fazendo-as mover para longe com a corrente da agua. Referimos o facto mais pela novidade da invenção, do que pela sua utilidade, porque julgamos não passou d'um brinco pueril; e consta d' uma provisão de 28 de maio de 1560. [5]

O dito doutor foi a Lisboa por chamamento de sua magestade e ahi lhe expoz que tinha inventado *certa obra e artificio*, que applicando-se ao rio Mondego faria mover, as areias, e daria corrente á agua, com o que se remediaria muito o damno que o rio fazia á cidade e campos até Santo-Varão. Esta exposição agradou, e a consequencia foi ser expedida a provisão para que a obra se fizesse na conformidade d'uns apontamentos que o mesmo doutor entregou á sua magestade e que por copia foram remettidos á camara de Coimbra. Diz mais a provisão que o inventor seria o provedor da obra, e que sua magestade folgaria de saber o resultado.

Em 1567, já a experiencia de muitos annos tinha provado, que o systema de marachões não correspondia ao fim desejado; que os reparos feitos no verão erão destroçados no inverno pela violencia da corrente; e que as obras parciaes dirigidas pelas auctoridades de Coimbra erão illusorias. A necessidade urgia, e obrigava a procurar um plano de obras mais vasto, um recurso mais solido, onde ao menos se fundassem as esperanças de tanta gente prejudicada. E qual seria este recurso? uma medida geral, um novo encanamento traçado e dirigido por um engenheiro. Eis o alvo, em que nesta epocha se fitavam as vistas do governo, da camara e auctoridades de Coimbra; e para este effeito se tomaram as providencias seguintes.

Um alvará de 2 de janeiro de 1567, determinou que o reitor da universidade, cabido, priores e reitores das ordens religiosas de Coimbra conferissem com o bispo sobre os meios de remediar as doenças, e a perda do campo, para se darem as providencias necessarias. [1]

Não sabemos qual fosse o resultado desta conferencia, mas póde inferir-se pelos actos subsequentes; porque aos 26 de outubro desse mesmo anno participou elrei á camara de Coimbra que mandava *Antonio Mendes Mestre de suas obras*, para fazer o encanamento do Mondego e um cano na rua da sophia. [2]

Este mestre das obras d'elrei, veiu, é verdade a Coimbra, e practicou com os camaristas á cerca do novo encanamento, porem não poderam desde logo principiar as obras por falta de dinheiro, e de meios para o haver. A camara representou a elrei o embaraço em que se via, e foi-lhe respondido por sua magestade que se estavam a passar as provisões para as fintas, e que para principio da obra mandava emprestar quinhentos cruzados do cofre dos orfãos [3].

Se neste anno (1567) se não abriu um novo encanamento ao menos procurou-se melhorar o que então havia; por que em resultado das lembradas providencias que acabamos de apontar, começou a manifestar-se mais actividade, e extensão de trabalhos; e appareceram obras em maior escala do que nos annos anteriores.

A obra de oito marachões que o governo tinha mandado fazer no Mondego, amotinou o povo de Coimbra contra as auctoridades, que foram escandalosa e gravemente insultadas, mas não sabemos mais as particularidades fundamentaes. A camara pretendeu socegar os revoltosos (em 1568); e com este intuito mandou um deputado a Almeirim com officios relatando os acontecimentos a elrei, e pedindo que mandasse sobreestar na obra dos marachões. Teve em resposta que sem embargo das ponderações expostas nos officios, e das razões dadas pelo deputado, continuasse a obra dos marachões *por ser proveitosa á segurança da ponte, e bem commum de todos* [4].

Em 17 de outubro de 1568, respondeu elrei á camara que era da sua approvação que

[1] Tomo 3.° das cartas e privilegios d' elrei fl — 142, no arch. da camara de Coimbra.
[2] Neste tempo tinha Santa Margarida a sua capella, á quem da ponte d' agua de Maias em frente da ladeira da forca, na planicie para o lado do rio.
[3] Tomo dito fl — 28.
[4] Ibid. — fl — 20.
[5] Ibid. — fl — 199.

[1] — Ibid. fl. — 36.
[2] — Ibid. fl. 22.
[3] — Ibid. fl. ditas
[4] — Ibid. — fl. 23.

se construissem de pedra e cal na distancia de sessenta braças, e que dahi por diante se fizessem de marachão os dois caminhos que do crucifixo da ponte [1] partiam, um para cima com direcção ao convento de Santa Anna; e outro para baixo em direcção a S. Francisco: que se precisava levantar outra planta da obra da ponte, e dos marachões, porque fazendo-se pela primeira traça se alagaria a cidade e arrabaldes: e que a camara devia conferenciar com o corregedor á cerca da altura que se havia de dar á ponte que de novo se acrescentava [2].

Por estes tempos tinha o rio alargado muito o seu leito para o lado de Santa Clara; e é de suppor que esta alteração obrigasse a fazer algum acrescentamento na ponte; ao menos é o que parece dever entender-se do documento proximamente referido, combinado com a opinião da camara que vinha a ser — deixar ficar dois ou tres arcos abertos na ponte velha para saída das aguas, que corressem para o lado do convento de Santa Clara; porque não sendo assim, receava que o alveo se convertesse em alagôa, como acontecêra em S. Domingos por ser ahi o terreno mais baixo; e que o convento da Santa Clara se tornasse doentio. Elrei regeitou este parecer da camara, e mandou que na ponte velha não ficasse arco algum, por que seria prejuizo da cidade, e não se conseguiria dos marachões o effeito desejado; e a agua achando *vasão* por aquelles arcos, sempre o rio por ahi se *lançaria*, e não tornaria á mãi, como se esperava [3].

No anno seguinte (1569) não houve necessidade de marachões, mas continuavam as obras da ponte; porque em 7 de fevereiro mandou o governo que se applicasse para as obras desta o dinheiro destinado para a quelles, por nesse anno não serem precisos [4].

Continúa.

LITTERATURA BIBLICA.

A Biblia.

Os livros da Biblia foram pela primeira vez divididos em capitulos pelo cardeal Hugo em 1253, no meado do seculo decimo terceiro da era christã. Os judeos adoptaram depois esta divisão nos seus exemplares.

O Rabbino Nathan no seculo decimo quinto dividiu em versos os capitulos dos livros do velho testamento; e os christãos adoptaram tambem esta divisão. Os capitulos dos livros do novo testamento foram tambem divididos em versos no meio do seculo decimo sexto pelo impressor francez Roberto Estevão. O primeiro exemplar impresso do novo testamento assim dividido foi publicado por este impressor em 1551.

Os judeos não reconhecem como genuinos, verdadeiros, e divinamente inspirados se não os livros comprehendidos na primeira parte da Biblia ou o velho testamento: os christãos admittem como taes não só esses, mas tambem os de que se compõe a segunda, e se chamão o novo testamento.

Nenhuma nação tem publicado maior numero de exemplares de toda a Biblia, e de partes della, nem promovido a sua versão em maior numero de linguas e dialectos que a nação ingleza; como se mostra pelo relatorio da sociedade biblica ingleza e extrangeira, apresentado na sessão annual da mesma sociedade em 5 de maio de 1852, no qual se lê que esta sociedade distribuiu durante o anno passado 1,154:642 exemplares da Escriptura sagrada. Despendeu nesse anno com esta publicação 103:930 libras sterlinas, mais de um milhão e cincoenta mil cruzados! A receita foi 108:449 lib. st. Quasi metade desta somma procedeu do producto da venda de exemplares da Biblia, e de partes della. O numero das versões completas de toda a Biblia, ou de partes della era até á quelle dia de 175. Destas 121 nunca d'antes tinham sido impressas.

A sociedade tinha promovido a impressão e distribuição da Biblia em 148 linguas, ou dialectos. (*F. M.*)

N.

ESTRADAS DE FERRO EM FINS DE 1851.

O numero de milhas de estradas de ferro, que se estavam construindo em dezembro de 1851 sobre a superficie da terra, é de 24:546 (mais de 8:000 legoas portuguezas): 13:826 milhas no hemisferio oriental, e 10,720 ditas no occidental. A sua distribuição por estados é a seguinte: Nos Estados Unidos da America do Norte 10:720 milhas; nas colonias Britanicas da America 22 milhas; na Ilha de Cuba 359 m.; na Nova Granada 22 m.; na America do sul 30 m.; Na Grã-Bretanha 6:621 m.; em França 1:831 m.; na Belgica 350 m.; na Russia 422 m., e em Hespanha 60 milhas. E a sua extensão augmenta diariamente. A estrada de ferro mais comprida é a que conduz de New York ao lago Erie (America do Norte), a qual tem de comprimento 467 milhas.

O numero de passageiros que transitou pelas estradas de ferro da Grã-Bretanha desde o 1.° de julho até o fim de dezembro do anno de 1850 foi de 41:087:919. (*F. H.*)

[1] — Veja se a pag. 393 nota 1 do 1.° vol deste jornal
[2] — Dito tomo 3.° fl. — 24 vers. e segg.
[3] — Ibid. fl. ditas.
[4] — Idid. fl. 69. Vers.

DESCOBERTA DE MS. GREGOS EM PAPYRUS.

A 2 de fevreiro de 1853 em uma sessão da sociedade real de litteratura de Londres, o Rd°. C. Babington deu conta das orações de Hyperides, celebre orador grego, contemporaneo de Demosthenes, em cuja publicação estivera ultimamente occupado. Disse, que em 1847 mr. Harris de Alexandria descobrira em Thebas no alto Egypto tres fragmentos de hum codice grego em papyrus, um dos quaes continha parte de uma oração de Hiperides contra Demosthenes, accusando-o de ter acceitado uma peita. Estes fragmentos foram publicados primeiramente em Allemanha, e depois em Inglaterra por Mr. Babington; concordando os editores de ambos os paizes, que estes fragmentos eram partes de differentes orações. Pelo mesmo tempo mr. Arden, andando a viajar no Egypto, obteve de uns arabes outro papyrus, o qual foi entregue a mr. Babington, e de que se tirou um fac-simile, que está prompto para se publicar. Este papyrus contem uma oração completa de Hyperides a favor de Euxenippo, e quinze columnas de outra. A oração a favor de Euxenippo é importante por ser relativa a uma disputa sobre algumas terras concedidas por Filipe rei de Macedonia aos Athenienses depois da batalha de Chirondea. Acham-se nella muitas noticias historicas, e algumas sobre as minas de prata de Laurio. O estylo desta oração é perspicuo, e a linguagem grega muito elegante: ha nella algumas palavras, que mui raras vezes se encontram. A data dos fragmentos da oração a favor de Lycophron está verificado ser incluida dentro de um breve periodo; porque se faz nelles menção de Dioxispo o pugilistas que combateu na presença de Alexandre Magno no anno de 326 antes de Christo, e que provavelmente partiu da Europa pelos annos de 334. É provavel, que a data desta oração seja do mesmo tempo pouco mais ou menos. Ella contem algumas noticias importantes do governo da ilha de Lemnos.

(*Ath. de fevereiro de* 1853.)

N.

RELAÇÕES LITTERARIAS ENTRE AS UNIVERSIDADES DE COIMBRA E MADRID.

Na viagem, que o anno passado fizemos á Hespanha, visitando os seus estabelecimentos d'instrucção publica, procurámos assentar as relações litterarias entre a nossa universidade e a de Madrid. Em um relatorio, que fizemos ao governo, demos conta do nosso trabalho, que S. M. foi servida approvar, ordenando ao prelado da universidade, que annualmente remettesse á universidade de Madrid os compendios e mais livros destinados ao ensino publico nos diversos ramos da instrucção.

Com effeito em agosto passado foram remettidos, pelo prelado da nossa universidade dois caixões de livros, á universidade de Madrid, e o marquez de Morante, reitor desta, já remetteu á nossa um caixão com os livros, que a universidade de Madrid propoz, e que o governo de S. M. C. approvou.

Hoje publicamos a carta que o prelado da nossa universidade dirigiu ao reitor da universidade de Madrid e a lista dos livros, que a acompanhava; bem como a carta do reitor da universidade de Madrid em resposta com a relação dos livros, que elle envia.

Tambem publicaremos uma relação dos livros, approvados em Hespanha para o ensino na instrucção secundaria e superior, pela real ordem de 5 de setembro de 1851, e que trouxemos de Hespanha. Por esta relação se vê não só quaes são as disciplinas que compõe o quadro de cada faculdade e a sua colocação, se não tambem os melhores livros, adoptados em Hespanha para compendios.

Da carta do marquez de Morante vê-se, que vieram duas vias, uma pelo correio, e outra pela embaixada de Portugal, que acompanhava o caixão dos livros. O nosso prelado já recebeu, ha mais de dois mezes, ambas as vias, uma com as marcas dos correios de Hespanha e de Portugal, e a outra com a marca sómente do correio de Lisboa. Donde se deduz com evidencia, que o caixão dos livros, que acompanhava a segunda via pela embaixada, já chegou ao governo de Lisboa, porem ainda não chegou a esta universidade; pedimos pois ao governo, que, quanto antes, faça remetter a esta universidade os livros, que os professores estão desejosos de ver, e consultar.

Finalmente tomâmos a liberdade de lembrar tres cousas: 1.ª que é tempo de cuidar da remeça dos livros, que este anno devem ser enviados a Madrid; 2.ª que este anno não devem esquecer muitas obras importantes, que o anno passado não foram, v. g., o Direito Criminal e Historia do Direito Portuguez do sñr. Paschoal José de Mello, o compendio de Historia do Direito Portuguez do sñr. Coelho da Rocha, o Direito Criminal do sñr. Bazilio Alberto, o Curso de Direito Civil do sñr. Liz Teixeira, os Manuaes do sñr. Freitas, as obras do sñr. Gomes de Moura, que não foram etc.; 3.ª que seria conveniente seguir o exemplo do marquez de Morante, dirigindo-se o prelado da nossa universidade aos directores dos diversos estabelecimentos d'instrucção publica, convidando-os a remetter-lhe as obras, que entendessem que deviam ser enviadas á universidade de Madrid.

Folgamos de ver realisado um dos pensamentos, que nos levou á Hespanha, — a mutua communicação de livros entre as duas

universidades; e fazemos votos para que ella se verifique annualmente, como se acha estabelecido pelos dois governos de Portugal e de Hespanha, com geral approvação dos homens de lettras d'ambos os paizes, e reconhecido interesse para a instrucção publica.

v. FERRER,

Ill.mo e ex.mo sñr. — Sua Magestade Fidelissima, a Senhora D. Maria II., conhecedora da grande utilidade, que resultará ás sciencias da communicação de conhecimentos entre as duas universidades de Madrid e de Coimbra, houve por bem ordenar, que esta começasse aquella communicação e a continuasse depois, remettendo á de Madrid = exemplares da sua legislação, tabellas dos compendios adoptados, nacionaes ou estrangeiros, commentarios, modelos etc.

A universidade de Coimbra soube apreciar a regia deliberação, e exultou com ella: e seus escriptores deram provas desse apreço no bom grado e promptidão com que correram a offerecer exemplares de suas obras, para dar conhecimento dellas a seus collegas de Madrid. Tanto conhecem elles as vantagens do estabelecimento reciproco de relações entre os dois corpos scientificos.

Como humilde filho da universidade de Coimbra, e encarregado actualmente do seu governo, cabe-me a especial honra de ser o primeiro a cumprir a ordem da minha augusta Soberana, remettendo com esta para a universidade de Madrid, dentro de dois caixões, os exemplares, que constam da relação junta, assim da legislação d'instrucção publica e academica, como d'obras d'escriptores portuguezes, adoptadas no ensino da de Coimbra, ou como compendios ou como expositores; e das pautas dos livros, de que annualmente os alumnos da academia se devem prover. Praza aos céos que iguaes remessas se façam d'ora avante, sem interrupção; e que as duas nações, unidas pela natureza, o sejam sempre em todas as suas relações.

Aproveito esta occasião para segurar a minha grande consideração e respeito para com v. ex.a, como chefe dessa universidade.

Deos guarde a v. ex.a muitos annos. Coimbra 25 de agosto de 1852.

Ill.mo e ex.mo sñr. reitor da universidade de Madrid. *José Manoel de Lemos*,
Vice-reitor da universidade.

RELAÇÃO

Das obras d'auctores portuguezes, ou traduzida e annotadas por elles, das quaes se faz uso na universidade de Coimbra, bem como da legislação sobre instrucção publica, offerecidas á universidade de Madrid pela de Coimbra.

Resumo da Historia da Egreja do Antigo Testamento — Coimbra 1827.

Fr. *Joaquim de Santa Clara*, monge benedit. — Conspectus Hermeneuticae Sacrae Novi Testamenti — Coimbra 1827.

V. Ferrer — Elementos de Direito Natural ou de Philosophia de Direito. — *Id.* Commentario aos mesmos. — *Id.* Direito das Gentes — Coimbra 1850. — *Id.* Curso de Direito Natural — Coimbra 1843.

Paschoal José de Mello Freire — Institutiones Juris Civilis Lusitani tum Publici tum Privati, 3 vol. 4.a ediç. 1845.

M. A. C. da Rocha — Instituições de Direito Civil Portuguez, 3 vol. 2.a ediç. — Coimbra 1848.

Carta Constitucional da Monarchia Portugueza, com o Acto Addicional.

Ordenações do Reino — 3 vol., Coimbra 1850 e 1851.

Novissima Reforma Judiciaria com o Reportorio — Coimbra 1850, 1 vol. 8.°

Ferreira Borges — Codigo Commercial Portuguez — Coimbra 1851, 1 vol. 8.°

Codigo Administrativo Portug. de 18 de Março de 1842 — Coimbra 1849.

Nazareth — Processo Civil e Criminal — Coimbra 1850.

Soares Franco — Elementos d'Anatomia — Lisboa 1825, 2 vol.

Mello — Primeiras Linhas de Phisiologia — Coimbra 1846, 1 vol.

Galvão — Curso Elementar de Hygiene — Porto 1845, 1. vol.

Albano — Codigo Pharmaceutico Lusitano — Porto 1846, 1 vol.

Francoeur — Curso Completo de Mathematicas Puras, traduzido do Francez — Coimbra 1839, 2 vol.

Sousa Pinto — Calculo das Ephemerides Astronomicas de Coimbra — Coimbra 1849, 2 exemplares. — *Id.* Additamento ás Notas do Calculo defferencial de L. B. Francoeur — Coimbra 1845, folheto.

Moura — Compendio de Grammatica Latina e Portugueza — 6.a ediç. — Coimbra 1850, 1 vol. — *Id.* Selecta e vet. script. loca etc. — Coimbra 1848, 2 vol. 8.° (com um copioso Index Latinitatis.)

Moraes — Compendio de Grammatica Grega — Coimbra 1844, 8.°

Pas — Compendio dos Principios de Grammatica Hebraica — Coimbra 1826, 2.a ediç.

D. Diogo — Arte Franceza — Coimbra 1828, 8.° *br.*

J. E. B. de Lima — Chrestomatia Portugueza — Coimbra 1840, 8.°

Doria — Mnemonica — Coimbra 1850. — *Id.* Elementos de Philosophia Racional — Coimbra 1851. — *Id.* Historia Universal — Coimbra 1848.

Carneiro — Elementos de Moral e Principios de Direito Natural — Coimbra 1851. — *Id.* Geographia e Chronologia — Coimbra 1851, 3.a ediç. — *Id.* Poetica para uso das Escholas — Coimbra 1851, 3.a ediç. — *Id.* Economia Politica — Coimbra 1850.

Maurício — Methodo de Musica — Coimbra 1806, 4.° br.

Selecta ad usum Scolarum Rhetorices et Poetius locα — Coimbra 1828, 1 vol. 8.°

Cardoso — Elementariae Rhetorices Institutiones — Coimbra 1849. — *Id.* Traducção — Coimbra 1851 (da 2.ª ediç. latina.) — *Id.* Bosquejo Historico da Litteratura Classica Grega Latina e Portugueza — Coimbra 1846, 2.ª ediç. — *Id.* Logares Selectos dos Classicos Portuguezes — Coimbra 1851, 2.ª ediç.

Simões — Lições de Philosophia Chymica — Coimbra 1850, 1 vol. 8.°

Macedo — Compendio de Veterinaria, ou medicina dos Animaes domesticos — Coimbra 1852.

Secco — Manual Historico de Direito Romano — Coimbra 1848, 1 vol. 8.°

Ephemerides Astronomicas para o Meridiano do Observatorio de Coimbra para o anno de 1854 — Coimbra, 1 vol. 4.° — 2 exempl.

Selecta e veteribus Scriptoribus Poemata — Coimbra 1833.

Forjas — Elementos d'Economia e Estadistica — Coimbra 1850, 1 vol.

Moraes Pinto — Elementos d'Arithmetica — Coimbra 1850, 1 vol.

Rufino — Compendio d'Arithmetica — Coimbra 1849, 1 vol.

Jacome — Primeiras Noções d'Algebra — Coimbra 1849.

Florencio Mago — Oratio pro annua Studiorum Instauratione — 2 exemplares.

C. J. Pinheiro — Inventario scientifico das Peças e preparados do Theatro Anatomico — Coimbra 1829, 1 vol.

Rivara — Resolução Analitica dos Problemas Geometricos etc. — Coimbra 1815.

Sebastião Corvo, lente de mathematica — Notas sobre a Dizima periodica — Coimbra 1825.

Estatutos Novos da Universidade (1772), 3 vol. — *Id.* Antigos (1654), 1 vol. — *Id.* Antiquissimos (1593), 1 vol.

Legislação sobre a Instrucção Publica 1 vol. — *Abreu*, Legislação Academica — Coimbra 1851, 1 vol.

Ferrer — Cadastro — Coimbra 1849, folhet.

Relação dos Estudantes da Universidade e Lyceu em o anno de 1851 — 1852, 1851 — 1852 e 1852 — 1853.

Relação dos livros em uso na universidade no anno de 1850 — 1851.

Forjaz — Memorias do Bussaco — 1 vol. (offerta do Auctor.)

Coimbra secretaria da universidade em 23 d'agosto de 1852.

Vicente José de Vasconcellos e Silva, secretario da universidade.

Ill.mo y Esc.mo S.r — El Gobierno de S. M., a quien di cuenta del magnifico regalo de libros, que V. E. tuvo á bien remitir á nombre de esa Universidad á esta Central, y de la halagueña comunicacion, que V. E. me dirigio en 23 de Agosto de 1852 de ordem de S. M. F., manifestando que el regalo de los citados libros era solo una prueba del vivo deseo, que anima á esa Nacion de manter con España las mas estrechas relaciones litterarias, en Real orden de 22 de Enero del corriente año no solo me auctorisó para la adquisicion y encuadernacion de las obras, que esta Universidad propuso al Gobierno se regaláram á esa en justa correspondencia á su fino obsequio, sino que espresó ser la voluntade de S. M. se den las gracias, en su Real nombre á D. *Vicente Ferrer Neto de Paiva*, ilustrado Professor de esa Universidad por el zelo, que ha mostrado cerca del Gubierno de S. M. F. en favor de esta Central.

Cumplo por lo mismo con la mas grata satisfacion las prescripciones de la citada Real orden, y ruego encarecidamente á V. E. se sirva trascribir al S.or *Neto Paiva* esta comunicacion en la parte, que le es relativa.

El S.r Encargado dos Negocios de Portugal en esta Corte me ha dispensado el favor de hacer-se cargo de esta comunicacion (que remeto á V. E. duplicada por el correo) y d'el cajon con rótulo para V. E. en el cual van contenidos los que menciona la adjunta nota igual a la que acompaño á la comunicacion, que recibirá V. E. por el correo.

El regalo de esta Universidad no admète comparacion com el que le hizo esa, tiene, sin embargo á su favor la recomendacion de haber yo procurado con el mayor esmero pedir á los Catedraticos de todas las Universidades de España razon de las obras de enseñanza, de que son auctores, y de haber por conseguinte logrado adquirir las mas notables en su clase de la epoca actual.

Bien hubiera yo querido que fuera mayor el numero de las obras, que esta Universidad regalara á essa; pero mi afan de no demorar la remesa, mientras adquiriá noticia de otras obras, ha puesto límite á mis deseos, y dentro de el los reduzco á que esa Universidad y la Nacion Portuguesa vean en esta débil muestra de apresso el que inspiran á la Universidad Central V. E. y los dignos Professores de esa, que se adelantaron á ofrecernos los opimos frutos de sus trabajos intelectualy.

Acepte con tal motivo las seguridades de mi mas distingnida consideracion, como su particular apasionado, y como Gefe de esta Universidad Central, que se confiesa deudora á esa de las mas solicitas atenciones.

Dios guarde á V. E. muchos años. Madrid 23 de Abril de 1853.

El Rector,
Marqués de Morante.

El Secretario general de la universidad central, *Victoriano Mariño.*

Nota exata de los libros, que contiene el cajon dirigido con rotulo al Ill.^{mo} y Ex.^{mo} Señor Vice-Rector de la Universidad de Coimbra por conducto de la Embajada de Portugal em Madrid y que la Universidad Central regala á la universidad de Coimbra.

		Reales de valon.
1	*Baeza* — filosofia moral y fundamentos de relegion 8.^{or} rustica.	12
1	*Id.* filosofia de Paley 8.^{or} rustica.	16
1	*Id.* Compendio de idem 8.^{or} rustica.	10
1	*Id.* Catecismo de doctrina e historia sagrada — rustica.	4
1	*Monlau* — higiene publica, 2 vol. 8.^{or} rustica.	40
1	*Id.* higiene privada 8.^{or} rustica.	24
1	*Id.* psicologia y logica 8.^{or} rustica.	32
1	*Id.* manual de literatura 8.^{or} pasta.	24
1	*Id.* cronologia 8.^{or} rustica.	7
1	*Galdo* — historia natural 8.^{or} rustica.	30
1	*Valledor y Chavarri* — fisica y quimica 8.^{or} rustica.	30
1	*Chavarri* — quimica por Bouchardat 8.^{or} rustica.	40
1	*Id.* fisica, quimica e historia natural medicas, 3 tom. 8.^{or} rustica.	30
1	*Verdejo* — geografia 8.^{or} pasta.	30
1	*Id.* historia universal 8.^{or} pasta.	25
1	*Terradillos* — trozos de literatura españolla y latina 8.^{or} rustica.	14
1	*Id.* Curso de literatura latina 8.^{or} rustica.	16
1	*Losano* — gramatica griega, 2 tom. 4.° rustica.	40
1	*Cutanda* — Botanica descriptiva 2 tom. 8.^{or} rustica.	54
1	*Amador* — historia de los Judios en España 4.° holandesa.	45
1	*Id.* Obras del Marqués de Santillana fol. rustica.	80
1	*Id.* historia de Judios por Oviedo 2 vol. fol. rustica.	120
1	Guía del quimico pratico 8.^{or} rustica	19
1	*Aguirre* — disceplina eclesiastica 2 vol. 4.° rustica.	72
1	*Laso* — derecho mercantil 8.^{or} rentica.	12
1	*Id.* derecho penal con el suplemento 8.^{or} rustica.	18
1	*Montalban* — derecho civil e penal de España 3 tom. 8.^{or} rustica.	50
1	*Id.* procedimentos judiciales 3 tom. 8.^{or} rustica.	52
1	*Serna* — Curso exegetico de derecho romano 2 tom. 4.° rustica.	100
1	*Janer* — moral medica, preliminares clinicos, tratado del tifo, fisiologia, higiene, therapia, instruciones sobre el colera, y tres orationes inaugurales.	30
1	*Valle* economia politica 4.° rustica.	30
1	*Vallín* — de matimaticas 2 tom. 4.° rustica.	50
1	*Tramamá* — gramatica franceza 8.^{or} pasta.	20
1	*Id.* Compendio 8.^{or} holandesa.	8
1	*Frau* — la homeopatía juzgada 4.° rustica.	12
1	*Hysern* — filosofiia medica reinante 4.° pasta.	18
2	*Toca* — memorias sobre el plan de estudios medicos 4.° rustica.	
1	*Mata* — medecina legal y toxicologia 3 tom. 8.^{or} rustica.	60
1	*Drumen* — palologia intima 2 tom. 8.^{or} rustica.	60
o	*Gimenei* — nomenclatura farmaceutica, 2 tom. 4.° rustica.	44
1	*Id.* tarifa 4.° rustica.	12
1	*Id.* farmacia esperimental 4.° rust.	92
1	*Id.* materia farmaceutica 4.° rust.	50
1	*Id.* farmacopea razonada 2 tom. 4.° rustica.	92
1	*Viso* — derecho civil 8.^{or} rustica.	14
1	*Canuelo Miguel* — entroducion al estudio del derecho 8.^{or} rustica.	14
1	*Cepeda* — leciones de legislacion castellana 8.^{or} rustica.	8
1	*Pastor* — Cuadro sinoptico de envenenamentos.	20
1	*Fos* — derecho natural civil, 2 tom. 8.^{or} rustica.	24
1	*Id.* Literatura griega 8.^{or} rustica.	6
1	*Rubio* — elocuencia sagrada, 2 tom. 4.° rustica.	18
1	*Rivera* — Curso de historia, 3 vol. 8.^{or} rustica.	30
1	*Fort* — elocuencia sagrada, 2 tom. 8.^{or} rustica.	16
1	Collecion de concordatos 8.^{or} rustica.	18
1	*Colmeiro* — apuntes para la flora de Castilla 8.^{or} rustica.	12
1	*Palacios* — Curso de geografia 8.^{or} rust.	20
1	*Navaillac* — moral y religion 8.^{or} rustica.	10
1	*La Rua* — lecciones del derecho hespañol 3 vol. 8.^{or} rustica.	45
1	*Montes* — aforismos de Hipocrates 2 vol. 4.° rustica.	40
1	*Sanches Barbero* — retorica e poetica 8.^{or} pasta.	20
1	*Nuñez Arenas* — Curso de filosofia 3 vol. 8.^{or} rustica.	48
1	*Colmeiro* — derecho administrativo 2 tom. 4.° rustica.	56
1	*Garcia Blanco* — analises filosofico-hebreo 3 vol. 4.° rustica.	80
1	*Castro* — historia universal 3 vol. 8.^{or} rustica.	30
1	*Licta* — lecciones de literatura 4.° rust.	36
1	*Varela Montes* — antroprologia etc.	
1	*Casares* — quimica 2 vol. 8.^{or} rentica.	
1	*Sala* — digesta romano hisp. traduc. por *Claros*.	
1	*Moreno* — instrumentos publicos.	

Madrid 29 de Abril de 1853.

El Rector,
Marqués de Morante.

El Secretario general,
Victoriano Mariño

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

A MUSICA RELIGIOSA.

A necessidade d'orar, de recorrer a um Ente superior, fonte eterna do justo e do bem, é uma das mais sublimes manifestações do sentimento humano. Dirija-nos embora o desfallecer, ou o aspirar da alma, a incerteza ou a logica do espirito, em qualquer circumstancia sentimos sempre a necessidade de pôr a cima da vida um ideal supremo, que satisfaça o entendimento, e acalme os suspiros do coração. O sentimento religioso é independente de todo o dogma positivo; revela-se debaixo de mil fórmas diversas, no hymno do sacerdote, nas castas adorações do amante, no extase do poeta, na contemplação reflectida do philosopho. A oração da mulher, de que falla Fenelon, tem a mesma origem que a exclamação de Newton ao descubrir nas leis da natureza provas irrecusaveis da existencia d'um supremo creador.

Em nenhuma doutrina, senão no christianismo, se encontra um todo de verdades profundas, de symbolos adoraveis, de soluções metaphysicas, de inefaveis mysterios, que satisfaça a intelligencia e o sentimento, o philosopho e o artista. As pompas, as ceremonias, os ritos e as orações da Egreja Catholica constituem um drama admiravel, no qual se representam todas as phases do destino humano, desde o nascimento até á morte. A musica devia ser a linguagem preferida por uma religião d'amor e de mysterio; por isso a egreja fez della uma das magnificencias do culto.

A musica religiosa é a parte da arte, que mais se resente da desordem e inquietação, que caracterisa a sociedade moderna. Verdadeiramente não temos musica religiosa, não temos uma fórma consagrada á expressão da oração, não temos uma manifestação pacifica das esperanças da alma n'um melhor porvir. A vida é para nós um campo circumscripto, onde todos entram com fervor, para ganhar uma victoria ephemera, ou morrer alli. O paraizo com suas eternas felicidades já se não abre por cima de nossas cabeças para receber os queixumes dos desgraçados. As artes exprimem as sensualidades da vida material, o folgar dos vencedores, ou o blasphemar dos vencidos. As artes não tem infinito; o seu reino é deste mundo, e por isso não ha musica religiosa.

Neste estado de cousas tres partidos pleiteiam entre si a regeneração deste genero de musica. Pretende um, que nas egrejas se cante unicamente o canto-chão: outro, que se juncte a este a musica vocal accompanhada somente pelo orgão: o terceiro finalmente sustenta, que seria absurdo privar a musica religiosa dos immensos recursos da arte e instrumentação moderna. Um rapido lançar d'olhos sobre a historia da música religiosa, vae habilitar-nos para apreciar a questão que, acabamos de apresentar.

O christianismo penetrando pouco e pouco no imperio romano, e dirigindo com difficuldade a sociedade antiga, teve de empregar toda a circunspecção para attingir o fim que se propunha. As idêas moraes, que constituem a substancia da sua doutrina, não só não eram inteiramente novas, porque tinham sido presentidas, e para o dizer assim, preparadas pelos philosophos, e o livre desenvolvimento do espirito humano, como reconhece S. Clemente, Athenagoras, Origenes, Sinesio e muitos outros padres da egreja; mas os instrumentos, destas ideas, mas as fórmas materiaes que serviram para as dramatizar aos olhos da multidão, eram egualmente trazidas das tradições do paganismo. Os christãos, poderosos pela proteção dos imperadores, tomaram as basilicas romanas, onde a justiça do velho mundo pronunciava seus oraculos, e fizeram dellas templos do Deus vivo. Os habitos dos sacerdotes, muitos usos, symbolos, e poeticas cerimonias, como as embalsamações, o incenso, as tochas, as oblações, etc., não tiveram outra origem. O christianismo, que tinha em mira governar os homens, fallando-lhes ao coração, não quiz pôr-se em guerra aberta com o passado; pelo contrario insinuou-se pouco e pouco nos costumes e nos habitos do povo que o seguia, e conduziu-o docemente á regeneração moral, sanctificando suas festas seculares, recolhendo e purificando a poesia antiga.

Assim que, todas as festas instituidas em honra de Jano foram conservadas; a festa da *Circumcisão* celebrada no primeiro de janeiro veiu substituir a festa de Jano; a festa da *Purificação*, a das *Lupercaes*; ás *Ambarva-*

lia succederam as *Rogações*. E ainda que a historia não viesse em apoio destes factos, encontrariamos seu fundamento na logica do espirito humano, que procede sempre do conhecido para o desconhecido, e nunca produz cousas novas, sem ter recebido o germe do passado. O christianismo não procedeu d'outra sorte. Apoderou-se do mundo antigo, apoiando-se nos costumes, poesia e usos do paganismo, que elle depurou e sanctificou com o andar do tempo. A lithurgia christã, cheia de seductoras pompas, de melancolicos mysterios, desenvolveu-se á sombra do evangelho e da lenda, variando suas orações e cerimonias segundo os paizes, os seculos e os homens. É um poema composto de mil episodios diversos, todos cheios de um unico e divino espirito.

Á musica sucedeu o mesmo que á architectura, e a todas as fórmas da arte antiga: o christianismo apoderou-se da que existia no tempo da sua introducção, e fêl-a servir ao fim que se propunha. S. Ambrosio, quando foi proclamado bispo de Milão, escolheu, entre as melodias conhecidas, as menos complicadas da musica grega, e adaptou-lhes palavras latinas, que revelam o espirito christão. Esta operação simplissima, que de certo foi ensaiada antes de S. Ambrosio, e depois muitas vezes repetida, teve um resultado feliz. O povo aprendeu a conhecer os principios da nova fé, cantando hymnos piedosos ao som d'arias que lhe eram familiares. Estes hymnos em versos rhytimicos, que S. Ambrosio foi buscar ás egrejas orientaes, como positivamente diz S. Agostinho, foram logo alterados debaixo do duplo aspecto da melodia e das palavras.

O povo auxiliado pela acção dissolvente dos barbaros, que invadiram o imperio romano, perdeu o sentido da prosodia latina, e não poude mais reconhecer os limites, e o caracter respectivo das quatro escalas de tons escolhidas por S. Ambrosio. Haviam as cousas chegado a tal ponto no fim do seculo VI, que os fieis já se não entendiam nem á cerca do valor metrico das palavras, nem a respeito da extenção e caracter dos hymnos, que cantavam nas egrejas. Para dar remedio a tão grande desordem é que o papa S. Gregorio mandou fazer uma collecção das melhores melodias gregas, e das que tinham sido compostas depois por illustres personagens, como Paulino, Licencio e outros muitos: e tambem acrescentou quatro escalas novas ás escolhidas por S. Ambrosio; para que o povo, tendo mais extensa serie de sons que percorrer, não procurasse sahir dos limites de cada tom. A compilação de S. Gregorio, chamada *Centon*, porque era uma reunião de fragmentos melodicos, é mais conhecida pelo nome de *Canto Gregoriano*, em honra do pontifice, que concebeu a idea, e a fez executar.

Continúa.

APONTAMENTOS SOBRE AS CONSTITUIÇÕES DO BISPADO DE LEIRIA FEITAS POR D. BRAZ DE BARROS.

Constituições do Bispado de Leiria.
(1. vol. in 4. = goth. = sem lugar nem an. de ed.)

D. Braz de Barros, 1.º bispo de Leiria, apresentado pelo sñr. D. João III, e confirmado pelo papa Paulo III, tomou posse em 28 de julho de 1545, do bispado, ao qual renunciou em 1550. Fôra um dos seus primeiros cuidados reformar « *ás constituiçóes per que se regia a ygreja y clerisia da dita cidade as q̃es em outro tẽpo fez dõ Pedro de boa memoria bpo da Guarda y comendatario do moesteiro de Sãcta cruz de Coybra* [1] » e para este effeito compoz umas constituições, que foram as primeiras, pelas quaes se governou Leiria, então elevada a bispado; porque até esta época todas as egrejas, que hoje abrange o bispado de Leiria, eram da jurisdicção dos priores móres de S. Cruz de Coimbra [2].

Os nossos bibliógraphos poucas e inexactas noticias tiveram destas Constituições; ou nada dizem a seu respeito, ou confundem com outra edicção posterior esta, de que fallamos.

Barbosa na bibliotheca lusitana faz menção das Constituições do bispado de Leiria, que D. Braz de Barros redigira, e que foram aceitas em synodo pelo cabido, approvadas e confirmadas pelo nuncio apostolico João de Monte Policiano em Lisboa, no 1.º de junho de 1549; porem, omittindo esta edição, diz unicamente, que *sahiram impressas e accrecentadas por seu successor no bispado, D. Pedro Castilho. Coimbra: 1601, folio.* Parece-nos pois, que se della tivesse noticia, ou a mencionaria, ou escreveria com mais exactidão, dizendo, que foram reimpressas e accrecentadas por D. Pedro Castilho etc. e é isto mesmo o que se lê na Historia Ecclesiastica de Braga, [3] á qual Barbosa se refere:

Com menos exactidão escreveu tambem o A. da *Bibliotheca Lusitana escolhida*, [4] « que as Constituições de D. Braz de Barros foram impressas em Coimbra por Manoel de Araujo, 1601. fol. » suppondo talvez, segundo Barbosa, que esta edição das Constituições de 1601, seria a primeira impressão das de D. Braz de Barros; o que não pode-

[1] Prólogo das Const.

[2] Algumas egrejas, que compõe hoje o bispado de Leiria, não pertenceram a S. Cruz, e foram annexadas depois da erecção do bispado.

[3] *Aceitou* (o bispo D. Braz) *com animo de pôr em ordem e estabelecer as cousas d'aquella egreja, como fez com Constituições, que depois accrecentou e imprimio de novo em Coimbra no anno de 1601 o bispo D. Pedro Castilho.* — D. R. da Cunha. — II. cap. 78.

[4] Porto 1841.

ria ter lugar se ao menos lêsse o titulo dellas [1].

Não podemos saber porque motivo se lhe tem chamado Constituições de D. Braz de Barros, quando claramente se vê, que são de D. Pedro Castilho não só do titulo, mas tambem do *prologo* dellas [2].

Antonio Ribeiro dos Santos na sua Memoria sobre a typografia portugueza do seculo XVI, [3] tambem não menciona estas Constituições; e somos levados a crêr, que não as omittiria, se dellas tivera exacto conhecimento; porque nos menciona, entre as edições de Coimbra dessa epocha, uma obra de Braz de Barros o *Espelho da perfeição*, em gothico, impressa no mosteiro de S. Cruz; e não falla das Constituições, quando nos parece que estas, se podem considerar obra mais recomendavel a todos os respeitos, e digna de mencionar-se. Tambem o Catalogo dos livros, que se deviam ler para a continuação do Diccionario portuguez pela Academia real das sciencias, não dá noticia deste livro, d'onde concluimos, que é pouco conhecido e muito raro. Aponta, é verdade, *Constit. do Bispado de Leiria*, mas são as de 1601. fol. —

Este livro das Constituições de Leiria por D. Braz de Barros é em 4.° min. sem anno, nem lugar de impressão; mas deve ter sido impresso de 1545, em que D. Braz tomou posse do bispado, a 1550, em que o renunciou; e a não ser impresso antes da approvação das Constituições pelo synodo e pelo nuncio apostolico, foi-o depois de 1549, ou antes nesse mesmo anno; mas persuadimo-nos, que quando as Const. foram approvadas pelo synodo em 1549, como quer Barbosa, já ellas estavam impressas, por que, para o terem sido depois do synodo, que as approvou, faria D. Braz menção desse synodo na sua carta de publicação, como era costume, e se vê em todas as constituições synodaes, e nomeadamente em as de Coimbra feitas por D. Jorge d'Almeida em 1521 [1]; como porem nada diz de tal synodo, suppomos, que em 1549 já estavam estampadas, a não se querer julgar, que dizem respeito a essa approvação do synodo estas palavras, que se acham na carta da publicação, no livro das constituições: *e por serem (as const. per que se regia a egreja e cleresia da cidade de Leiria as quaes em outro tempo fez D. Pedro de boa memoria e comendatario do moesteiro de S. Crus.) tão conformes aos sctos canones: cô conselho e acordo do dito cabido as veneramos, tomamos, recebemos e aceptamos.* » Mas é claro, que se refere essa approvação do cabido ás constituições, pelas quaes se rigia Leiria antes de bispado, e durante a sugeição a S. Cruz de Coimbra, mesmo porque dizendo depois, que as alterou e mudou, usando do officio pastoral, as manda observar, sem que falle em approvação dessas mudanças essenciaes.

Conjecturamos, que serião impressas em Coimbra ou por João Barreira e João Alvares imprimidores da universidade, que por este tempo trabalhavam em Coimbra com muito credito, ou no mosteiro de S. Cruz pelos mesmos conegos.

Confrontamos obras impressas por Barreira e Alvares com as Constituições de D. Braz — o Tractado da vida e martyrio dos cinco Martyres de Marrocos. Coimbra 1568 por João Alvares — e a 2.ª parte da Historia da nossa redempção. Coimbra 1554, por João Barreira [2], e vimos que combinam em formato, papel, typo e côr da tinta, e por isto quereriamos, que fossem impressas por elles as Constituições. Outras razões parecem persuadir, que fossem impressas em o mosteiro de S. Cruz, e por mão dos conegos: não só o ter sido D. Braz reformador de S. Cruz até 1544; mas tambem o mandar alli estampar o seu livro Espelho de perfeiçam, que, D. Braz, diz na dedicatoria, fôra impresso em S. Cruz por mão dos conegos [3], nos fazem acreditar,

[1] Constituições synodaes do bispado de Leiria feitas e ordenadas em synodo pello senhor Dom Pedro Castilho bispo de Leiria etc. e por seu mandado impressas em Coimbra por Manoel D'araujo impressor del Rey N. S. na universidade de Coimbra anno 1601. »

[2] « .... *por não servirem já as (Constit.) que fez o senhor bispo Dom Braz de boa memoria, nosso predecessor, assi por a alteração, que depois ouve em muitas cousas, ordenadas para o governo da egreja.... como por a que resultou da annexação das egrejas e povo das villas de Ourem e Porto de Mós .... foi necessario augmentarem-se as constituições, mudarem-se algumas, e declararem-se outras;* pelo que, *ordenamos as constituições que nos pareceram necessarias pera o serviço de Deos... convocamos synodo diocesano, e o celebramos nesta cidade de Leiria em os vinte cinco dias do mes de março, do anno de mil e quinhentos e noventa e oito:* » e continúa affirmando, (D. Pedro Castilho) que foram approvadas e aceitas, mandando que estas se guardassem, e as antigas fossem revogadas pela sua carta de 3 d'outubro de 1601, a qual, transcripta na 1.ª folha do livro, é o *Prólogo* das Constituições.

[3] Mem. de Litter. T 8°. p 1.ª

[1] Const. de Coimbra — Braga 1521. goth.: Estas Constituições, talvez as mais antigas de que ha noticia, são rarissimas.

[2] Barreira e Alvares eram socios, e ha algumas impressões, que trazem os nomes de ambos, como por ex. a Historia de Eusebio de Cesarea. trad. por fr. João de Crus impressa em Coimbra por *João Alvares socio de João Barreira* — o Tratado da confissão, onde se lê no fim « acabou-se de emprimir este Tratado da « confissão na cidade de Coimbra per João Barreira, e « João Alvares, emprimidores da universidade, 27 de « janeiro de 1547. » — e a obra — *Axiomata christiana, Conimbricae, apud Joannem Barrerium, et Joannem Alvarum; typographos regios* 1550.

[3] Impresso em 1534. Lê-se em bastantes impressões de S. Crus, e nesta do Espelho da Perfeição, que os conegos as fiseram por suas mãos. Os mesmos conegos imprimiam ainda em 1553, como se vê em o livro das Constituições e costumes de Santa Crus, onde se lê — « imprímia-se o presente livro por os canonicos regulares do moesteiro de Santa Crus da cidade etc. » E já

que fôra o livro impresso em S. Cruz e pelos conegos; ainda que tambem podia ser impresso em o mosteiro, mas por algum dos impressores Barreira, e Alvares. O livro *Regra e perfeiçam da conversaçom dos Monges foy imprimida em ho insigne moesteiro de scta Cruz da muy nobre e sempre leal cidade de Coimbra* (mas) *per Bermã galharde* 1531, fol. goth. É para notar que o typo gothico deste livro tambem combina com o das constituições, e que já neste anno era reformador Braz de Barros, por que começou a reforma em 1527, e acabou-a em 1544. Todavia não dissimulamos, que pelo meado do seculo XVI havia em Leiria imprensa typografica, ainda que muito fraca, pois que não temos noticia de edição, que della saisse por esse tempo.

O frontispicio do livro é, segundo o costume d'aquelle tempo, uma portada mais regular certamante, do que as usuaes do meado do seculo XVI. Sobre uma base geral se elevam aos lados duas columnas, no meio das quaes estão pendentes de lançadas corpos d'armas; a cimalha, que as columnas sustentam, tem no meio um pelicano, abrindo o peito, e dous golfinhos virados para elle são como romanos, e formam o remate da portada.

Dentro desta ha um quadro, que representa a Annunciação da Virgem; o desenho é tosco, e a gravura grosseira e rude, as figuras pouco animadas, vasias e quasi descriptas só por contornos: por baixo do quadro está em gothico o titulo do livro:

Constituições do Bispado de Leiria.

Toda a letra do livro é gothica, a pontuação reduz-se a dous pontos e ponto final, as hasteas, que denotam no fim da regra não estar acabada a palavra, são dous riscos parallelos de alto a baixo inclinados, não tem reclamos, e as folhas são numeradas, deixando verso; o papel é trigueiro, mas consistente, a tinta bastante preta, e o typo igual.

A escripturação tem divisão de titulos, e estes são subdivididos em constituições, cada uma com sua epigrafe: alguns dos titulos são designados á margem com a letra — pera o povo.

No verso do frontispicio está a carta da publicação das Constituições pelo Bispo D. Braz sem lugar, onde fôra escripta, e sem data; no fim tem o reportorio ou indice das Constituições.

J. A. PEREIRA.

anteriormente, em epoca mais proxima ao anno supposto das Constituições de Leiria, imprimiam, como o declara o referido livro dos Costumes, impresso em 1548, e ha delle edições anteriores de 1534 e 1544. As edições de 1553 são em caracteres romanos.

[1] A. R. dos Santos — Mem. cit.

UMA NOITE EM ROMA.

(Fragmento de traducção da XLIX Meditação poetica, de Lamartine.)

Qual dos Elisios o clarão sereno,
Do Colyseo nos dentelados muros,
Deixa o astro da noite em paz quieta
Froixos dormir seus placidos reflexos:
Raios que os vastos panos lhe branqueam,
Das eras escoando-se entre os tufos,
Desenham dentro luminoso espaço;
Dissereis ser de um povo inteiro a campa,
Onde a memoria á noite do passado
Errante veio em busca de uma sombra.
Das cupulas por cima inda elevado,
Quasi a topar nos ceos o monumento
D'aqui os olhos incitar parece!
Em seu dédalo a vista desvairada,
De portal em portal, de'scada em'scada
Corre serpeando o lugubre deserto;
Fugindo foge e desce, e volve e perde-se.
A ruina, as arcadas debruçando,
Suspende da muralha os negros lanços,
Como do mar no abismo erguidas rochas;
Ou lá dos cimos da soberba altura
Mansa descendo a nivelar-se á terra,
Qual entre flores desce ao valle a incosta,
Vem-nos aos pés morrer por entre a relva.
Nos concavos sombrios, entre as fendas,
Vem raizes lançar aereos bosques;
Lutando contra o tempo aqui as eras
C'os despojos dos homens s'enriquecem;
Sobem de sec'lo em sec'lo, como o olvido,
Até ás cimas conquistando tudo!
O buxo, o teixo immovel, e o cypreste
Erguem tremendo os seus funereos ramos.
Dentre as frestas pendendo o goivo humilde
Prende a raiz doirada ás largas fendas,
E aos ares baloiçando os ramos murchos,
Cresce, como a saudade, entre as ruinas.
A'streita frisa o salteador dos ares
Suspende o ninho seu, e em seu repouso
Por meus passos disperto, um som agudo
Qu'ingrossa o écho, pavoroso solta;
E alçando o vôo, logo desce e paira
Sobre minha cabeça em ar sinistro.
Dos concavos, das sombras das arcadas,
Surdem gemidos d'aves agoireiras;
Na sombra erguendo em vão pupilla ardente,
As azas roça o môcho pelos muros;
A pombinha assustada por meus passos,
De cypreste em cypreste vôa e desce,
E nas bordas quebradas de uma urna
Pousa, como alma errante, lastimosa.

Os ventos sibilando entre as abertas,
Em uivos, em suspiros se desfazem;
Dissereis que dos annos a torrente
Entre as arcadas rola furibunda
Valentes vagas, que de dia em dia,
Levam, minam, derrubam quanto os homens
No meio da corrente edificaram.
As nuvens fluctuando em ceo sombrio,
Pelo recinto as sombras vam lançando,
E ora, da lua os raios escondendo,
Cobrem d'escuras trevas o moimento;
Ora, rasgadas por ligeiro sôpro,
Deixam cahir na relva um dia pallido,
Que a espaços alumia, qual corisco,
Este fantasma em pé de um sec'lo extincto;
E lhe disenha as mutiladas fórmas
E os frontões verdes dos quebrados arcos;
Os largos alicerces derrocados,
Suspensos capiteis ameaçadores,
E a cruz eterna, que vencendo a altura,
Sobranceira s'inclina, qual o mastro
Batido pela mão da tempestade.

Oh! qual te eu vejo, ó Roma! o mãe de Cesares!
Eis-me calcando aos pés teus monumentos,
Eis o tempo mais forte que os teus fastos
Uma a uma apagando as tuas glorias!
Hão de os homens morrer, e as suas fabricas
Pleitear duração co'a eternidade?
Não, — que o tempo, ó ruínas, tudo eguala,
E assim de nossos fados nos consola.
Nest'hora em que da noite o facho lugubre
Fluctua, como um olho do passado,
E pallido alumia os sette oiteiros,
Apraz-me o vir scismar sôbre esta campa,
E ver da noite o astro esclarecendo
Deste ceo, sempre novo, o azul brilhante,
E do Tibre espelhar-se na corrente.
Na minha 'harpa, que roça ave nocturna,
Carpidos sons me apraz soltar, ó Roma,
Sôbre os destroços teus por teus destinos!
. . . .
. . . .

(F.)

MEMORÍAS HISTORICAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA.

V.

Segunda trasladação da Universidade de Coimbra para Lisboa.

1383 — 1433.

Continuado de pag. 76.

O estado litterario da universidade no periodo, que vamos escrevendo, apresenta-se-nos debaixo de um aspecto mais favoravel, a avaliarmos pelas poucas e escassas noticias, que encontramos nos monumentos d'aquella épocha.

Desvanecidos os receios da dominação estrangeira, era natural, que no ocio da paz os animos entendessem mais no estudo das lettras. Uma grande transformação social se operava entretanto nos habitos, e costumes da nação. A conquista de Ceuta abrira-nos o caminho dos mares, e déra novo impulso ás nossas relações commerciaes com os outros povos do mundo. A tranquilidade interior do reino, e os prosperos resultados das nossas conquistas e descobertas na costa occidental de Africa, não podiam por isso deixar de influir mui poderosamente na cultura e adiantamento das sciencias.

D. João I confiára a direcção dos estudos ao seu chanceller [1], que em Bollonha frequentára a eschola juridica de Bartholo. A instrucção publica, circunscripta então aos estudos da universidade, começava assim a occupar um logar distincto na administração do estado, e João das Regras, que soubéra ganhar o animo do rei, e aproveitar as suas felizes disposições, para introdusir no regimen do reino os melhoramentos, que observára n'outros paizes, devia pôr muito empenho na reforma dos estudos, que estavam a seu cargo. Assim em cada uma das faculdades juridicas se haviam creado duas novas cadeiras A theologia passou a ler-se nas aulas da universidade (1400); e para a grammatica, que a principio tivera uma só cadeira, havia então quatro, em que provavelmente se liam as Humanidades [1].

Não fôra, porem, só devida aos conselhos, e influencia do chanceller, a reforma, que então se operára nos estudos da universidade. No meio de tão graves cuidados, e lutando com tantas difficuldades, como as que então se offereciam no regimento do estado, certo não cabia nas forças de um só homem, por mui experimentado que fosse no manejo dos negocios publicos, realisar todas essas reformas, para cuja execução era mister muitas vezes vencer a reluctancia de antigos habitos, e os prejuisos proprios da rudeza d'aquelles tempos.

O infante D. Henrique, que desde os mais verdes annos mostrára decidida inclinação pelas lettras, nas quaes fôra insigne, era sobre tudo versado nas sciencias exactas, de que elle estabelecêra uma das mais famosas escholas, que então existira na Europa, e d'onde sairam os nossos primeiros, e mais ousados descobridóres.

A fama dos indisputaveis talentos do infante; a novidade das suas descobertas no oceano atlantico, e o trato ameno, e benigno com que elle agasalhava os sabios nacionaes e estrangeiros, havia attrahido muitos destes ao reino, e excitado em todos o gosto por aquelles estudos.

A pequena villa de Sagres era então o centro deste grande movimento litterario, que d'ahi se diffundia por todo o reino, e a cuja poderosa influencia devemos as nossas mais gloriosas conquistas e descobertas, no espaço de dois seculos de quasi não interrompidos triumphos.

Não se contentava, porem, só o infante de assim promover a cultura das sciencias. Mercêça-lhe particular consideração á universidade, á qual fizera importantes doações [2],

[1] C. de D. João I de 25 de outubro 1400. Em 1415 tinha *encarrego* do estudo o doutor Gil Martins, e em 1418 exercia ainda este cargo, em que parece succedera a João das Regras — Cartas do mesmo rei de 26 de janeiro 1415, e 23 de agosto 1418. *Liv. verde.*

[1] Cartas citadas na nota antecedente — Carta de doação do infante D. Henrique de 12 de outubro 1431 = *Idem.*

[2] Comprara o infante D. Henrique na freguesia de S. Thomé uns paços com suas pertenças por quatro centas corôas de ouro a João Annes, armeiro d'elrei, por escritura celebrada em 12 de outubro de 1431, e no mesmo dia fez doação d'elles á universidade para se lerem ali todas as sciencias, e as sete artes liberaes, que eram — grammatica, rhetorica, *arithmetica*, musica, *geometria*, e astrologia. Destinára tambem o infante as aulas em que deviam ler-se as diversas faculdades e artes, mandando collocar em cada uma dellas os competentes emblemas, na aula de theologia a Trindade; Galleno na de medicina; um emperador na de leis; na de decretaes um papa, e Aristoteles na sala de philosophia (C. do infante de 12 de outubro 1431)

*

por cujo motivo fôra por ella eleito seu protector [1], sendo o infante o primeiro que teve este cargo, e que exerceu jurisdicção comotal. D. Dinis, quando fundára a universidade, tomou-a debaixo da sua protecção, e o mesmo praticaram os successores deste principe, mas, alem da nomeação dos conservadores, nenhum outro acto de auctoridade exerciam na universidade. A preferencia, porem, que nesta eleição a universidade déra ao terceiro dos filhos do rei, não fôra por certo indifferente para o progresso dos estudos academicos.

Não é hoje possivel seguir o fio das providencias, que o infante e o chanceller deviam ter adoptado, para a reforma da universidade, e o unico documento que lança alguma luz sobre este importante ponto da nossa historia litteraria, são os estatutos de 1431.

Anteriormente a esta epocha (1384) prohibira a universidade que os bachareis, e os simples escholares ensinassem particularmente fôra das aulas publicas do estudo, impondo multas e outras penas aos que transgredissem este estatuto, que fôra confirmado pelo mestre de Aviz. [2]

Devia ser grande o abuso que nisto havia, porque não bastára para contel-o a prohibição ordenada por D. Pedro I, de que já fizemos menção, e isto mesmo se deprehende das proprias expressões do dito estatuto [3]. Ao mesmo passo foram permittidas as leituras extraordinarias nas aulas da universidade a todos os bachareis e escolares examinados, e approvados por um mestre, ou doutor da propria faculdade [1]. Era o systema das antigas universidades de Allemanha, que ainda hoje vigora em muitas dellas. Esta concurrencia entre os professores ordinarios e os leitores extraordinarios, authorisados pela universidade, revela n'aquella epocha um gráo de adiantamento mui superior ao que rasoavelmente podia esperar-se na nossa situação.

Vimos já que se augmentára o numero das cadeiras da universidade, e deviam por isso ser mais completos os estudos; quanto, porem, ao methodo de ensino, e aos auctores que se liam nas aulas, reina quasi a mesma obscuridade, que nos tempos anteriores.

As ideas, que nesta epocha vogavam na theologia e na jurisprudencia, não deviam ser desconhecidas em Portugal, e mui provavelmente a eschola juridica de Bartholo, que então gosava grande credito e auctoridade, substituira na universidade os antigos glosadores por influencia do chanceller. A creação de duas novas cadeiras na faculdade de Leis parece indicar tambem, que na mesma epocha se havia introdusido na universidade a divisão, adoptada no seculo XIV, no ensino do *Corpus juris* [2].

A theologia, passando dos claustros para as aulas da universidade, não podia ficar estacionaria no meio das graves e interminaveis disputas e contestações, que de novo se agitavam entre os *reaes* e *nominaes*; e, talvez os commentarios de Durando, ou de Biel já por este tempo começassem a ler-se no estudo de Lisboa.

Na doação que o infante D. Henrique fizera á universidade de umas casas no bairro dos escolares para nellas se lêrem as sciencias e artes liberaes, mencionam se entre estas a arithemetica, geometria, e astrologia; e se attendermos ao empenho comque este esclarecido principe promovia o estudo das sciencias exactas com o intuito de adiantar a navegação, e dilatar as nossas descobertas alem do cabo bojador, não nos parece duvidoso, que no seu tempo se começaram a ensinar na universidade as mathematicas puras [3].

Estas reformas, que vistas á luz da moderna civilisação, parecerão, talvez, demasiadamente acanhadas e incompletas, eram com tudo, na epocha em que vamos, um testemunho solemne do adiantamento dos nossos conhecimentos, e um presagio feliz dos maiores progressos, que deviamos alcançar no seguinte seculo.

N'um outro ponto a organisação litteraria do estudo de Lisboa havia melhorado muito.

Por escriptura de 25 de março de 1448 fez o infante mercê á universidade de dôze marcos de prata para salario do lente de prima de theologia, cuja mercê confirmára depois por Carta de 22 de setembro de 1460 (Figueirôa. Mem. ms. = Monarch. Lus. P. V. p. 322).

[1] « O primeiro protector e governador da universidade foi o infante D. Henrique, a quem succedeu seu sobrinho D. Fernando, irmão d'elrei D. Affonso V, e pai d'elrei D. Manoel; depois o foi o mesmo rei D. Affonso V, e por commissão, e não por eleição da universidade, o foi tambem seu sobrinho o bispo de Lamego D. Rodrigo de Noronha, e renunciando esta occupação, o mesmo rei recomendou á universidade, que elegesse ao cardeal D. Jorge, aquem succedeu elrei D. João II, e depois o foram todos os reis deste reino. » (Figueiroa. Mem. cit.)

Ignora-se o anno em que o infante fôra eleito protector. Figueirôa faz unicamente menção de um documento de 1443, em que o infante figura como protector (carta de 23 de agosto de 1443 no *Liv. verde*). Existe, porem, um alvará do infante de 29 de outubro de 1418, confirmando o privilegio que tinham os bachareis e doutores em direito de advogarem sem licença regia, do qual não teve, talvez, noticia aquelle A.; e como até este anno tivera encarrego do estudo o doutor Gil Martins (V. a nota 1.ª) parece que nelle teria logar a eleição do infante.

[2] C. do mestre de Aviz de 3 de outubro 1384.

[3] — « .... *Quoniam nonulli bachalarii et scholares se absentant ab scholis .... ac maxime quidam discoli opparenter et opinative scientis .... qui usurpantes sibi nomina magistrorum et doctorum in cellulisque undique discipulos circumferre solent, et collegia non jure permissa celebrant.* » (Estat. de 1384. — *Liv. verde*).

[1] — « *Statuimus ut quicunque bachalariorum seu scholariorum in arte gramaticali, seu in quacunque alia facultate seu sciencia voluerint docere sive instruere, legat in scholis publicis* etc. — *Id.*

[2] No seculo XIV e d'ahi por diante as tres partes de Digesto, e o Codigo eram lidas por dois doutores, e um terceiro lia as Institutas. (Cantu. Hist. univ.)

[3] Barros. Dec. 1.ª liv 1.º cap. XVI = Stokler. Origem e progressos das mathematicas em Portugal pag. 22.

Os actos e exames publicos, que até aqui se faziam na universidade, eram mui poucos, e sem o rigor e solemnidade, que depois tiveram.

No vestido, e nos exercicios academicos não havia tambem regularidade, e as habilitações para o magisterio não estavam bem definidas. O corpo escholar procurára mais engrandecer-se pelos privilegios, que obtivera da corôa, do que pelos titulos litterarios, que devia adquirir pela boa disposição dos seus estudos, e pelo rigor das provas publicas.

Conhecêra a universidade este inconveniente, e para remedial-o ordenou uns estatutos, os primeiros de que ha memoria depois da carta de privilegios, que D. Dinis lhe concedêra. Era então reitor o vigario de S. Thomé Vellasco Estevam, e os estatutos foram assignados na sé a 16 de julho de 1431 depois das vesperas.

Ordenára aquelle estatuto como se havia de obter o gráo de bacharel, licenciado e doutor nas diversas faculdades. Cada anno lectivo constava de oito mezes pelo menos, e o gráo de bacharel só era conferido aos que cursavam as aulas por tres annos, e defendiam publicamente umas conclusões perante os respectivos mestres e doutores; a faculdade procedia depois ao julgamento de sufficiencia em costumes e litteratura dos candidatos [1]; se estes não obtinham maioria de votos, deviam repetir os cursos até serem julgados sufficientes. Admittiam-se tambem ao gráo de bacharel os escholares das universidades estrangeiras, que, depois de cursarem um trienio, faziam um curso bienal de leitura com permissão dos mestres respectivos; ou que frequentavam um quinquenio as aulas, e liam tres lições successivas com venia dos lentes. A estas lições, em theologia, devia assistir sempre o lente privativo. Em ambos estes casos dispensavam-se as conclusões. O gráo conferia-se com o mesmo ceremonial, que hoje se pratica. Por este acto eram os bachareis obrigados a dar luvas aos reitores, e a todos os lentes e doutores, e a pagar para a arca da universidade uma corôa [2], e o maximo tres, e igual propina tinha o lente presidente, e o bedel.

Só bachareis podiam ser admittidos ao acto de licenciado *(examen ad licentiam doctoratem vel magistratem)*, mas era mister cursar as aulas quatro annos, e defender umas conclusões, que se affixavam cinco dias antes nas escholas, e sobre as quaes podiam argumentar todos os doutores que quisessem. Dispensavam-se as conclusões aos que depois de cinco annos de frequencia, liam por quatro annos na universidade e eram examinados pelo lente respectivo. No julgamento destas provas exigia-se mais que o simples gráo de *sufficiencia* [1].

O acto de licenciado fazia-se na egreja da sé com assistencia dos lentes, reitores, e cancellario, os quaes pela manhã assignavam dois pontos ao licenciando, e depois de vesperas se fazia o acto, em que argumentavam os licenciados, quando faltavam os mestres e doutores; findo este, procedia-se á votação, e, se o licenciando era approvado, o cancellario lhe conferia o gráo. No fim do acto, ou depois do gráo servia-se uma refeição aos lentes e reitores á custa do licenciando [2], que devia pagar tres coroas para a universidade, e outras tantas ao presidente *(patrino)* e acada doutor uma coroa [3].

Antes do doutoramento, que em theologia se chamava *magisterio*, faziam os licenciados um acto selemne a que, por ser na vespera do doutoramento, se dava o nome de *vesperias*, que consistia n'uma questão proposta pelo presidente, e sobre a qual argumentavam ao doutorando quatro doutores, no fim recitava o presidente uma oração [4], e o *vesperisando* dava uma collação aos mestres e mais pessoas que o acompanhavam de casa até á universidade. No dia seguinte pela manhã ajuntava-se a universidade com as suas charamellas e trombetas á porta do doutorando, e dahi o acompanhava até á cathedral, onde se celebrava uma missa do Espirito santo, finda a qual, se conferia o gráo do mesmo modo, com pouca differença, que ainda hoje se usa. Antes, porem do doutoramento tinha o doutorando obrigação de dar ao lente, que servia de padrinho, e ao bedel um vestido completo; e a todos os lentes, reitores e cancellario se repartiam n'aquelle acto barretes e luvas; os lentes da faculdade tinham alem disto fains; e aos officiaes da universidade, e pessoas nobres, que se achavam presentes, tambem se davam luvas [5]. O novo doutor devia dar um jantar a todos os lentes e officiaes da universidade, e no dia seguinte faziam os escholares com elle uma cavalgada pela cidade, e iam assistir ás vesperas em santa Maria da sé [6].

Os bachareis, licenciados, e doutores, ou

[1] « .... *Si omnes, vel maior pars suae facultatis asseveverint eum esse moribus et scientia* sufficientem, *quod raro invenitur, admittant eum.* (Est. cit. *Liv. verde* fl. IX.)

[2] Esta moeda até ao tempo de D. Manuel valia 216 reis — Viterbo. *Elucidario.*

[1] *Et* polens *moribus et facundia poterit interare examen ad praedictam licentiam.* Estat. cit.

[2] « .... *in vesperis tenent examinandum, quo peracto et excluso examinato*, et sumptis confectionibus et vino expensis licentiandi, *magistri* etc. » *Id.*

[3] « .... *ante quam concedatur licentia, solvat universitati tres coronas, et totidem patrino, et aliis doctoribus singulas faces, et singulas coronas auri.* » *Id.*

[4] « .... *Si magister regens vult dicere aliqua* jocosa in modum balini, *dicat.* » *Id.*

[5] « .... *tunc dentur (magistris) birreta singula cum gladiolis et chirotecis, et aliis magistris et doctoribus aliarum facultatum, et rectoribus, et chancellario birreta, et singula paria chirotecarum, et chirotecas omnibus graduatis, et officialibus, personis etiam notabilibus.* » *Id.*

[6] « .... *Scholares in crastinum debent equitare cum doctore, et ire per civitatem audituri vesperos ad sanctam Mariam* » *Id.*

mestres prestavam juramento ao receber de cada grão; a formula deste juramento diversificava segundo os gráos. Estatuira-se tão bem a precedencia, que entre os mestres, licenciados e bachareis devia haver, quanto ás lições, que liam na universidade, e aos salarios, que por ellas lhe competiam.

O vestido academico fôra objecto de um titulo especial nestes estatutos, prescrevendo-se que o dos lentes, licenciados, e bachareis fosse talar, e o dos escholares um pouco mais curto [1]. Para evitar as diversões da mocidade estudiosa, e outros descaminhos com que podia perverter-se, determinára este estatuto, que os escholares não tivessem comsigo cavallos, jumentos, cães, nem aves para caçar, nem meretrizes [2].

Tal era o complexo das providencias, que a universidade estabelecêra para a regularidade e boa ordem dos estudos, e sobre as quaes se basearam todas as reformas, que posteriormente se introdusiram nella por espaço de tres seculos.

Continúa. J. M. DE ABREU.

ELOGIO HISTORICO DO SOCIO DO INSTITUTO.

Antonio Carlos dos Guimarães Moreira.

SENHORES! Eu nunca vi um amigo das sciencias e das lettras arrebatado pela morte na flôr dos annos, sem que a alma se me não apertasse, que o coração se não condoesse, que os olhos me não chorassem, e que um certo esmorecimento intimo me não roubasse as forças.

Ou seja uma victima politica como André Chenier, ou seja um suicida como Chaterton e Marianno de Larra, ou seja um orgulhoso, morto de fome por não querer pedir esmolla á porta dos grandes como Malfilatre, que importa? o sangue das victimas lastimo-o quaes quer que ellas sejam; a desorientação, que leva certos homens ao suicidio, respeito-a; a morte pela maneira que certos homens preferem á vida de esmolla, sei comprehendêl'a, e em todo o caso o que vejo sempre é uma flôr caída do calix antes d'espalhar os seus perfumes pela terra, é um fructo arrancado á arvore pela tempestade antes de maduro, é um martyr despenhado na sepultura antes da corôa de gloria que lhe recompense as vigilias, é uma saudade para as lettras, é uma perda para a patria.

[1] *Magistri et doctores, et legentes licentiati et bacharii.... in habitu honesto ad minus talari; et caetri scholares honesti saltim usque ad mediam tibiam. Id.*

[2] « *Quod nullus scholaris teneat equum, jumentum, canes, aves ve ad venandum nec mulierem suspectam in domo sua continuam, et quicunque contra praedicta statuta fecerit, non gaudiat privilegio studii. — Idem.*

Estas considerações occorrem-me, ao ter hoje de levantar a minha voz na vossa presença, para celebrar a memoria d'um dos nossos socios, caídos na flôr da idade, que para mim não era unicamente o mancebo amigo das lettras, não era só o irmão por esta fraternidade que o Instituto estabeleceu; não era só o amigo, cujas qualidades conheci e apreciei, era tambem o homem que fôra emballado pelas mesmas brizas, alimentado pelas mesmas aguas, e nascido na mesma terra em que eu nasci, e então haveis de permittir, que acompanhe com toda a grandesa e solemnidade da minha dôr, a inscripção do seu nome, que hoje venho fazer nas memorias do Instituto.

Senhores! O anno de 1847 roubou-nos tres medicos distinctos, tanto pelas suas qualidades, como pelo seu saber, e todos tão novos que sommadas as idades não ascendem a mais d'um seculo.

Aos 11 de janeiro morreu Henrique José de Castro, aos 14 d'esse mesmo mez perdemos Francisco Antonio de Mello, aos 2 de novembro morreu Antonio Carlos dos Guimarães Moreira. Os sñrs. Francisco de Castro Freire, e Antonio Joaquim Ribeiro Gomes d'Abreu, pagando o ultimo tributo á memoria dos dois primeiros, accordaram a tristeza n'esta sala; eu tendo de pagar hoje igual tributo á memoria do terceiro, quizera poder fazer o mesmo: merece-o o infelliz consocio, cuja memoria celebramos, porem eu, posto possua a mesma dôr que lhes captivou as attenções, não possuo o mesmo grão de talento com que elles as souberam prender, e então espero que me relevareis a inferioridade do meu discurso.

O sñr. Antonio Carlos dos Guimarães Moreira nasceu em Leiria aos 13 de fevereiro de 1818 d'uma familia honesta e distincta pelas suas qualidades; familia que lhe soube plantar na alma esses principios de virtude, que elle ahi acatou em quanto viveu, e tanto, que a elles quiz sacrificar não só o descanso e a saude, que muito era já, mas sacrificou tambem a vida, que era o mais que podia ser.

Logo vereis, que não sou exagerado n'estas palavras; e se as virdes repetidas por mais d'uma vez, considerai, que por muito que se diga, nada é demasiado para o elogio de certas acções, que ainda, para consolação dos bons, apparecem neste seculo de corrupção moral.

Bem novo se viu orfão, por que tinha apenas poucos annos quando perdeu seu pae. Esta perda é sempre grande para uma familia, e os interesses e o futuro de A. Carlos resentiram-se d'ella tão extraordinariamente, que bem póde dizer-se que d'ahi lhe proveiu essa tristeza, que sempre o acompanhou; esse desgosto intimo que sempre se lhe leu no rosto, essa concentração em si mesmo, que o não deixou corromper, mas que antes

lhe apurou a alma, povoando-a d'elevadissimos pensamentos.

Frequentou o nosso socio as aulas do seminario de Leiria com summo adiantamento, ahi estudou todos os preparatorios necessarios para a frequencia da universidade, e quando chegou a epocha de se entregar aos estudos superiores, partiu para Coimbra, a fim de se formar em medicina.

Cedo foi; porque apenas contava então 18 annos, porem, já nesta idade A. Carlos parecia mais um homem cuidadoso do futuro do que um mancebo inexperiente. Demais o céo, que ainda infante, o tinha privado de páe, já na adolescencia lhe havia arrancado a mãe dos braços; esta, junto á beira da sepultura havia-lhe apontado para suas irmãs, e elle reputava um rigoroso dever, o satisfazer a semelhante legado, amparando-as no mundo, e servindo-lhe de pae.

Senhores! Eu não vos descreverei os sacrificios porque passou o nosso socio para se formar; guardarei silencio sobre as contrariedades que soffreu; callarei os obstaculos que se lhe apresentaram, e que elle com aturada perseverança soube vencer.

O descrevêl-os redundaria em seu elogio, é certo, porem, a enumeração d'aquelles mesmos, em que eu me podesse dispensar de ser cauteloso, levar-me-hia muito longe neste trabalho, e por isso basta que vos diga, que foi arrostando com todas as difficuldades, que elle por um estudo cuidadoso, intelligente, e laureado no 4.º anno com um partido, chegou a obter uma honrosa formatura em medicina.

Esta posição ganhada á custa de tantas vigilias e sacrificios, era bastante para dar a independencia a A. Carlos? Era. Estavam porem todos os seus desejos preenchidos? Ouso dizer que não.

Os seus exforços tinham obtido uma corôa, o futuro de suas duas irmãs estava por assim dizer afiançado, porem o coração do homem não estava ainda satisfeito, e por isso dedicando-se á frequencia do 6.º anno da sua faculdade, conseguiu doutorar-se no dia 1.º de dezembro de 1844, não contando ainda 26 annos d'idade.

Se eu vos disser que para as despesas do seu capêllo quiz sua irmãe mais velha concurrer, sacrificando as suas joias e empenhando a sua legitima; se eu vos disser que elle acceitou esta generoza offerta, com um reconhecimento que quasi a recompensou, o que julgareis vós, Senhores? Julgareis acaso que a vaidade d'Antonio Carlos teve alguma parte nesta resolução? Ah! não o julgareis. Era virtuoso de sobejo para nutrir um tal sentimento, e a elle sacrificar a legitima de sua irmã.

Deve-se ella á grande vocação que sempre teve para o magisterio, superior ao gosto que tinha pela clinica, em que soffria com os doentes por um excesso de sensibilidade? Tambem não. Estes desejos sabia elle moderar, como homem que se tinha desde muito habituado a soffrer resignadamente todos os contratempos da vida.

Deve-se a um impulso do coração, a uma voz intima que lhe gritava — faz-te grande, ha uma mulher que tu amas, e que assim te deseja? — Ouso affirmar-vos que sim, Senhores. Era elle porem cioso d'esse mysterio, a pouquissimos dos seus amigos o tinha revellado, quiz descer á sepultura sem o ostentar em publico, e, como respeito tão delicada reserva, contentar-me-hei com vos dar n'estas poucas palavras a rasão d'um facto, que não devia omittir, visto que elle concorre para a melhor apreciação do amigo, que hoje comvosco deploro.

Sim, Senhores, foi a força d'um sentimento alimentado no coração, o que levou o nosso socio a doutorar-se. Se os exforços que para isso fez foram recompensados, se os seus intimos e sinceros affectos foram tidos em conta, se os dezejos de a assim corresponder a uma vontade, que elle reputava santa, tiveram o premio que ambicionava, que o digam os desgostos que elle nutriu desde essa epocha, que o diga essa tristeza exarcerbada com que viu desvanecerem-se todas as esperanças, que mais carinhosamente lhe haviam enballado a vida.

Triste condição de certas creaturas! A. Carlos quiz elevar-se, luctou com immensas difficuldades; amou, fez novos sacrificios, não foram recompensados; exerceu a medicina como um sacerdote, encontrou n'ella um martyrio; conformou-se, esperou no futuro, veiu a morte encontral-o no verdor dos annos!

Ha destinos a que se não foge: o d'A. Carlos foi o soffrimento de toda a vida; soffrimento que elle olhou sempre com resignação; que nunca lhe fez renegar da cruz; que nunca o levou a amaldiçoar a existencia, mas que pelo contrario lhe povoou a alma d'esses sentimentos nobres, d'essa beneficencia constante com que honrou a classe medica.

Sim, Senhores, como medico o nosso illustre collega (é o retracto que d'elle me fez um seu e meu amigo) era o symbolo da medicina moderna com todas as suas tendencias e aspirações. Era o medico intelligente e cauteloso, que não olhava para a organisação sem ver n'ella a obra do creador. Era o medico cujo tino e juizo seguro não se deixava emballar pelo materialismo de Boerhave e Cullen, nem era fascinado pelo animismo de Stahl, e Sauvages. Era o medico, em summa, cuja intelligencia madura, apezar de joven, seguia os passos de Hunter, desse sabio inglez, que no dizer de seus collegas, competentes apreciadores, creou a verdadeira physiologia pathologica.

Discipulo perfeito do antigo Hypocrates e do moderno e respeitavel Hufland não tinha o scepticismo, que envenena ainda mui-

tos medicos; e considerava a medicina um sacerdocio que elle exercia com fervor verdadeiramente christão.

Ahi estam muitos doentes que elle tratou com amor paternal, e como quem partilhava os sofrimentos, que os atormentavam. Ahi estam os seus proprios collegas, que nunca o viram, quando Ajudante de clinica dos hospitaes, visitar uma enfermaria apressadamente, como fazem alguns medicos, antes o viram sempre estudar com placidez os symptomas da molestia, interrogando o doente, consolando-o, dando-lhe coragem, e nutrindo-lhe esperanças.

Ahi estam todos esses que o viram ultimamente mandar vir uma cadeira para se assentar junto de cada doente na visita dos hospitaes, por já quebrantado de forças e extenuado de trabalho se não poder conservar em pé, e não querer ao mesmo tempo pedir escusa do serviço.

Ahi está toda a cidade, que n'essa mesma occasião o via correr a casa dos desvalidos, de quem era o medico por excellencia, e em cujas lagrimas elle achava maior recompensa do que no ouro; por que a recompensa do verdadeiro medico, não está no preço vil; está nas lagrimas do pobre, está no reconhecimento cordeal do rico, está no apertar da mão do amigo, e está principalmente na consciencia, no contentamento intimo de si mesmo — nessa palma ideal e invisivel, que é tambem a verdadeira paga do artista neste mundo.

Mas, Senhores, para que estou eu a demorar-me nestas considerações?

Que precisão tenho eu de especificar factos quando existe um que falla mais alto do que todos, e que não posso deixar de registar nas memorias do Instituto, por que o considero um acto de qualificado heroismo?

Ouvi, e chamae-me depois exagerado, se poderdes.

Uma filhinha da Ex.^ma D. Rita d'Albuquerque achava-se atacada mortalmente por uma *Angina maligna* ou *gangrenosa.* Antonio Carlos era o seu medico, viu o perigo do contagio, mas não hezitou um instante. Corre ás *Varandas*, vê-a, assiste-lhe, toma-a nos braços, trata-a como medico, como amigo, como pae, ao mesmo tempo infecciona-se e contrahe uma semelhante molestia logo nas primeiras visitas!

Abandona a innocente, logo que se reconhece doente? Não. A. Carlos não era capaz disso; já vos disse que era um medico christão, que era um sacerdote da sua classe, que era, como diz Hufeland, o practico que sabia arriscar a sua vida, e o que é mais precioso, a sua honra e a sua reputação, quando a vida do doente estava compromettida.

Já doente bastante torna para a cabeceira da pobre creança, ahi emprega novos exforços, ahi acaba d'infeccionar-se, e só quando de todo lhe não podia ser util por falta de forças é que volta para casa, e se deita n'uma cama donde não devia sair se não para a sepultura!

» Por que tornou ás Varandas, já tão doente, diz-lhe um amigo? quando o viu voltar já sem alentos. Por que tornei, diz A. Carlos, sorrindo? Por que resputei isso um dever. Tornei por que quiz mostrar a uma familia a quem era obrigado o quanto me interessava por ella. Tornei, e não estou arrependido, que sinto por paga um summo contentamento!

E o que assim fallava era um mancebo de 29 annos, atacado d'um perigosissimo padecimento que em oito dias lhe devia roubar a vida!

Sim, Senhores, em oito dias se consumiu a existencia do nosso presado socio. Ao terceiro dia do seu padecimento julgou-se melhor, nutriu esperanças de restabelecimento, e isto, caso notavel!, sem saber que nesse mesmo dia se faziam preces a Deos no convento de S. Thereza pela sua vida!

Passado porem esse relampago d'esperança, nunca mais se illudiu, a morte avisinhava-se a passos agigantados, e no constante delirio que a precedeu, o que mais lhe occupava os sentidos era o futuro das suas extremosas irmãs, que elle começára a amparar.

De vez em quando apparecia tambem um reflexo, do pensamento que elle havia abrigado no coração, pela mulher, que ambicionava para companheira de seus dias, e no meio de tudo isto despontava de longe a longe o sentimento de assim se ver á borda da sepultura em idade tão nova, e depois de tantos sacrificios infelizmente feitos.

Todos os soccorros se lhe prestaram, todos os seus collegas correram para verem se o podiam salvar, o seu presado amigo Antonio Augusto da Costa Simões, assistiu-lhe com um desvello digno de todo o elogio, nada faltou, mas nada o póde arrancar ás garras da morte.

O dia 2 de novembro de 1847 ainda elle o viu raiar, mas os sinos que n'esse dia em toada lugubre convidavam em toda a Coimbra os christãos a fazer preces pelos mortos, já tambem pediram orações por alma de A. Carlos, por que quando á tarde se cravou o sol no horizonte, os olhos do martyr estavam fechados para sempre, e não o viram esconder.

Senhores, deixai-me no meio das minhas lagrimas perguntar-vos.

Que recompensas recebe entre nós a virtude?

Que honras se prestam ás victimas de tão nobres acções?

Que elogios funebres, que obsequios posthumos se fazem aos heroes de taes feitos!

Em que memorias se eternizam, em que lapides se gravam os seus nomes?

Em França a academia destribue todos os annos os chamados *premios de virtude.*

Os nomes dos que mais notaveis se tornaram pela sua caridade são alli proclamados com admiração e respeito, e depois gravados na memoria d'aquella grande assemblea.

As acções mais bem fazejas que durante o anno se praticaram são alli commemoradas em eloquentes discursos, que impressos nos jornaes dizem em poucas horas a todo o paiz que se pagou um tributo á virtude.

Em França em 1849 determinou-se que os nomes dos facultativos e alumnos das faculdades medicas, que morressem victimas do seu zêlo no tratamento dos colericos fossem gravados numa lapida marmórea, para ser collocada no muzeu Dupuytren.

Entre nós o que se determina, o que se faz, o que se reconpensa?

Oh! aqui posso eu dizer com o nosso Garret.

Ergo-me a delatar tamanho crime.
E eterna a voz me gelará nos labios.

Neste momento, acreditae-me, desvaneço-me de pertencer ao vosso gremio. Contra esta mancha da patria nos levantamos nós. Pobres, não podemos tecer outras corôas aos nossos irmãos que não sejam estes elogios. As nossas memorias, são os unicos archivos dos seus feitos, é pouco, mas ac menos não se dirá, que esquecemos na morte aquelles de que em vida nos lembramos para lhe abrirmos os braços.

A. X. R. CORDEIRO.

VARIEDADES.

Velocidade do som.

Segundo as experiencias feitas nas cordas de arame do caminho de ferro de Versalhes, verificou-se, que a velocidade media do som era de 3,485 metros por segundo; isto é, mais do dobro daquella que lhe attribuiam Newton, Halley, Duhamel, e outros sabios.

Transmissão dos sons.

Nas regioens arcticas, quando o thermometro está a baixo de zero, a gente póde conversar em distancia uma da outra de mais de huma milha. O doutor Jamieson de Edinbourgh affirma, que ouvia todas as palavras de um sermão na distancia de mais de duas milhas.

Velocidade da luz.

Das experiencias feitas ultimamente por mr. Fizeau em Paris por meio de um apparelho mui engenhoso, resulta que um raio de luz artificial atravessa em um segundo o espaço de 70,000 leguas francezas. Segundo as observações astronomicas a velocidade da luz do sol no mesmo espaço de tempo é de 192,500 milhas ou perto de 65,000 leguas portuguezas.

Thelegrapho electrico.

O custo de uma linha telegraphica em Inglaterra é de 150 libras sterlinas (600,000 r.ˢ) por milha. Na America do Norte e na Prussia custa cada milha menos de 20 lib. st. (80,000 r.ˢ). Na Prussia o thelegrapho consta de uma corda de arame, que se estende por de baixo da terra pelo espaço de 1,402 milhas (420 leguas Portuguezas) coberta com gutta percha, como os da America. Diz-se que póde transmittir de uma extremidade á outra mil palavras em uma hora. Em 1849 havia na America do Norte mais de dez mil milhas de linhas thelegraficas em exercicio, e por preços commodos: em Inglaterra havia por esse tempo sómente duas mil milhas, que trabalhavam.

Destruição de livros.

A destruição de livros, que tem havido em diversos tempos, é incalculavel. O facto mais antigo, que se conhece neste genero é o que refere Beroso, de Nabonassar rei de Babylonia, 747 annos antes da vinda de Christo. Este rei mandou destruir todos os livros, que tratavam da historia dos reis seus predecessores. Dahi a 500 annos Chioang Ti. emperador da China mandou queimar todos os livros que havia no imperio, exceptuando sómente os que tratavam da historia da sua familia, e os de astrologia e de medicina. Nos primeiros seculos do christianismo os pagãos e os christãos destruiam sem escrupulo os livros dos seus contrarios. No anno de 390 da era christã a magnifica livraria, que existia no templo de Serapis em Alexandria, foi interramente saqueada e dispersa. Nos frequentes incendios que tem havido em Constantinopla tem ardido milhares de milhares de livros.

Quando os turcos tomaram a cidade do Cairo no seculo undecimo, os livros que existiam na livraria dos califas, e que se diz subirem a um milhão e seiscentos mil volumes, foram distribuidos pelos soldados em logar de soldo. Milhares delles foram despedaçados, e amontoados da banda de fóra dos muros da cidade em grandes montões: a area trazida pelo vento do deserto cobri-os, e alli se conservaram assim por muitos annos, e eram conhecidos pelo nome de outeiros de livros. Como antes da invenção da imprensa as copias dos livros eram poucas, e muito caras, facilmente se póde imaginar, que numero immenso de perdas irreparaveis devem ter causado estas destruições. N.

INSTRUCÇÃO PUBLICA EM HESPANHA.

Obras approvadas para o ensino publico nas universidades e institutos de Hespanha em 1851.

ENSINO SECUNDARIO.

Cathecismo e historia sagrada.

El Catecismo de la doctrina cristiana explicado, por D. Santiago José García Mazo.

Compendio de la historia de la religion, por el mismo autor.

Catecismo é historia sagrada, por D. Juan Diaz de Baeza.

Religião e moral

La religion demostrada al alcance de los niños, por Don Jaime Balmes.

Tratado elemental de moral y religion, por D. Salvador Mestres.

Fundamentos de la religion, por el abate Pará (traducido por Orodea).

Lingua castelhana.

Gramática castellana, de la Real Academia española. dita de D. Vicente Salvá. — de D. Braulio Amézaga.

Lingua latina.

Gramática latina, de D. Luis de Mata y Araujo. dita de D. Raimundo de Miguel.

Arte de gramática latina, por D. Miguel Avellana.

Para a versão do latim e castelhano.

Coleccion de autores y trozos selectos mandada formar y publicar por el Gobierno.

Rhetórica e poética.

Arte de hablar en prosa y verso, por D. José Gomez Hermosilla.

Manual de literatura, por D. Antonio Gi- y Zárate (primera parte).

Curso elemental de retórica y poética, ordenado por Don Alfredo Adolfo Camus,

Para la version, la coleccion oficial de autores y trozos selectos.

Geografia.

Lecciones de geografia fisica y política, por D. Francisco Verdejo Paez.

Tratado de geografia, por D. Joaquin Palacios y Rodriguez.

Elementos de geografia universal, por D. Angel Iznardi.

Elementos de geografia astronomica, fisica y politica, por D. Antonio de Montenegro.

Atlas de Bachiller.

Historia.

Elementos de historia universal, por D. Francisco Verdejo Paez.

Curso elemental de historia, por D. Joaquim Federico de Rivera.

Programas y curso elemental de historia, por D. Fernando de Castro.

Elementos de mathemáticas.

Tratados de aritmética, álgebra, geometría, trigonometría y topografia, por D. Juan Cortazar.

Curso completo de matemáticas puras, por D. José María de Odriozola.

Tratado elemental de matemáticas, por D. José Mariano Vallejo.

Psicología e lógica.

Curso de psicología y lógica, por D. Pedro Felipe Monlau y D. José María Rey.

Manual de logica. por D. Juan Diaz de Baeza — dito por D. Manuel Muñoz Garnica.

Fisica experimental e noções de chímica.

Curso elemental de fisica y nociones de química, por D. Venancio Gonzalez Valledor y D. Juan Chavarri.

Elementos de fisica y nociones de química, por D. Genaro Morquecho y Palma.

Elementos de fisica experimental y nociones de química, por D. Francisco de Paula Montells y Nadal.

Noções de historia natural.

Cuadernos de historia natural, de Millne Edwards, traducidos por D. Miguel Guitar. y Buch.

Manual de historia natural, por D. Manuel María José de Galdo.

Elementos de historia natural, de Boucharlat.

Linguas vivas.

La designacion de las obras de texto para estas asignaturas queda á libre eleccion de los professores.

Continúa. V. FERRER.

ERRATA IMPORTANTE DO N.° 7.

No artigo — ***Breves reflexões historicas sobre a navegação*** do Mondego e cultura do campos de Coimbra, saiu impresso no numero antecedente com notavel inexactidão, por erro typographico, o periodo que começa — « No extracto do alvará do sñr. D. Affonso V etc. pag. 78 col. 2.ª linh. 41, e por isso se repete na sua integra o mesmo periodo com a devida correcção.

» No extracto do alvará do sñr. D. Affonso V. que já relatamos, vimos que alguns annos antes de 1464, se tinha construido uma *estacada entulhada* que de nada aproveitou. Esta declaração nos induz a acreditar que a gavernança de Coimbra pertendeu segurar o rio por meio de marachões, depois que elle começou nas enchentes, a sair fóra do primitivo leito, e talvez aquella estacada fosse o primeiro marachão que o Mondego viu nas suas margens, junto a Coimbra. Foi um fraco recurso de que por necessidade se lançou mão, e que se tem por ventura conservado até hoje sem reconhecida utilidade. Reservamos para outro logar tratar desta especie. »

Pag.	*Col.*	*Linh.*	*Erros.*	*Emend.*
79	1.ª	36	ceria	cerias

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

A MUSICA RELIGIOSA.

Continuado de pag. 86.

Qual é pois a significação, o verdadeiro fim do trabalho de codificação operada por S. Ambrosio e S. Gregorio? Foi uma simplificação da musica grega, cujos tons numerosos e complicados, semelhantes aos dialectos ingenhosos e delicados que matizavam a lingua geral desta nação predestinada, não eram accessiveis ao ouvido já barbaro do povo do occidente. Na musica fez o christianismo o mesmo que em verdades de ordem superior: desceu até os simples d'espirito, poz-se á frente dos pobres e ignorantes, obedeceu ao instincto supremo do povo, que simplifica tudo o que toca, e remoça pelo sentimento a sciencia ineficaz dos doutos e dos patricios.

Assim é que S. Ambrosio, mui proximo ainda da civilisação romana, porque viveu no meado do seculo IV, a melodias d'origem oriental e mui conhecidas do povo, ajunta palavras christans com metro e rythmo segundo a prosodia latina, e passados mais de duzentos annos, tornando-se a lingua de Virgilio, Horacio e Cicero um dialecto barbaro, sente S. Gregorio a necessidade de fazer uma nova collecção de melodias, e juntalhes palavras sem rythmo e sem valor prosodico. Esta é a razão porque o antiphonario de S. Gregorio se chama *cantus firmus*, canto chão, melopea solemne, que procede lentamente e não emprega senão palavras e sons d'igual valor.

O canto-chão gregoriano diffunde-se pela Europa com tanta rapidez como o christianismo. Cada missionario que partia de Roma para prégar aos barbaros a fé nova, levava comsigo um exemplar destes cantos consagrados e veneraveis, que propagava com a palavra do Evangelho. Sujeito a interpretações diversas e transmittido por signaes confusos e uma notação imperfeitissima, o canto-chão ecclesiastico em breve se corrompeu. A partir do fim do seculo VII, já ninguem se entendia quanto ao numero dos tons, nem a respeito do caracter particular de cada uma das escalas. Sustentavam uns que devia haver oito tons, outros nove, doze, outros quatorze e até quinze. Póde-se ver na obra de Gerbert — *De cantu et musica sacra* —, o numero consideravel d'auctores que seguiam opiniões differentes nesta importante questão.

Cada paiz e até cada provincia interpretava a seu modo o canto-chão ecclesiastico, cujas fórmas indecisas e intoações fluctuantes se prestavam a mil transformações diversas. Cantores ignorantes com voz rouca e barbara, sobrecarregaram estas melodias de seus ridiculos improvisos. Os tons achavam-se alterados, as palavras truncadas, os *lazzi* de uma vocalisação grosseira faziam-se ouvir em todas as notas finaes, e sua horrivel cacophonia assemelhava, diz um auctor coevo, a um rincho de cavallo, (*hinnitus equinus*). A esta desordem fecunda onde, debaixo da acção da fantasia insciente se elaboravam os elementos da musica moderna, accrescia demais a introducção nas egrejas d'uma multidão de canções mundanas que para ali accompanhava o povo como aura da vida secular; de palavras profanas e muitas vezes obscenas que se intromettiam com as da liturgia; d'uma serie de scenas burlescas, como a *festa do burro*, por exemplo, que haviam transformado o côro e a nave da egreja catholica em verdadeiro theatro de feira. Especialmente em França, pelo meado do seculo XIII, é que esta incrivel confusão das cousas as mais sanctas e as mais profanas chegou ao seu apogeu.

O papa João XXII que residia em Avignon, n'uma decretal de 1322, censurou com acrimonia e colera estes desacatos feitos á magestade do culto divino, e prohibiu aos cantores o corromperem a melopea da egreja com ornatos de sua invenção.

Porem nem o anathema do papa João XXII, nem as repetidas queixas dos concilios e de todos os theoricos desde Guido Arezzo até Glareano, que se levantaram constantemente contra a ignorancia dos cantores, conseguiram evitar a alteração do canto-chão ecclesiastico. O espirito humano trabalhava caladamente na sua emancipação, e as fórmas da musica liturgica não foram mais respeitadas do que o dogma e a disciplina da egreja. Os heresiarcas triumpharam por toda a parte; romperam os laços da tutella ecclesiastica; e depois de uma lucta heroica e admiraveis trabalhos de paciencia e erudicção escolastica, a fantasia humana

quebrou as velhas fórmas da arte hieratica, como o livre arbitrio se desprendeu das cathegorias imperativas do dogma catholico, que até então lhe haviam impedido o vôo.

No principio do seculo XVI é que teve logar este magnifico desabrochar da vida. O espirito humano, ao repentino acordar de seu longo lethargo, abandonou para sempre o limbo da fé ingenua e seguiu a direcção de seu proprio destino. Então é que as artes plasticas abandonaram os typos devotos, transmittidos pelos Byzantinos, e dirigiram-se ao estudo da natureza, alcançando exprimir pelos meios da arte, suas diversas gradações e divinas bellezas; então é que foi creada pela primeira vez a verdadeira musica religiosa do culto catholico. Aquelle que veiu em fim quebrar com a meia idade, e que aproveitando os trabalhos dos contrapontistas belgas, a cuja eschola pertencia, soube primeiro traduzir em uma fórma excellente, a ternura, a serenidade, o sopro espiritualista do christianismo, foi Palestrina! cuja obra admiravel marca uma nova epocha na historia da musica, e podia comparar-se á de Raphael, se a lingua dos sons possuisse então os recurssos de que dispunha a pintura para exprimir a variedade e os contrastes das paixões humanas.

Palestrina inspirou-se do canto-chão gregoriano, cujas fórmas apurou acompanhando-o com uma harmonia simplesmente consoante, mas clara e profunda. Palestrina, Orlando de Lassus e João Gabriel de Veneza, são os tres grandes mestres da musica religiosa do seculo XVI.

Póde-se affirmar que não houve verdadeira musica religiosa antes do seculo XVI, porque é mister que uma lingua se fórme antes de poder uniformar a expressão dos diversos sentimentos que agitam o coração humano. A propriedade do estylo, a arte de dar a cada paixão o accento que lhe é proprio, suppõe um espirito maduro e um instrumento apto para o servir. O infante exprime o que sente com palavras confusas e incompletas, e falla a sua mãe como fallaria a Deos se o comprehendesse; só ao homem feito cabe invocar o Ente Supremo d'outra sorte. Assim é na infancia de todas as artes.

Antes do seculo XVI, a musica de todos os povos e de todos os generos é semelhante, é monochrona. A canção popular tem o mesmo theor melodico que o canto-chão ecclesiastico. As mais bellas melodias liturgicas dizem-se dos seculos XI e XII, porém é mui difficil assignar-lhes uma epocha precisa e conhecer seus verdadeiros auctores. Em geral, na historia da meia idade, confunde-se o auctor da lettra com o da musica, e por isso attribuem a S. Thomaz d'Aquino a composição d'alguns cantos liturgicos, que tão pouco pertencem a S. Bernardo, S. Gregorio e S. Ambrosio.

A historia da musica religiosa póde dividir-se em quatro grandes epochas. Até o seculo XVI, só se encontram melodias de pequena extenção, accento mais devoto que religioso, fórmas simples do instincto que forceja por atinar com a rota; e depois os trabalhos aridos, mas indispensaveis dos contrapontistas, os grammaticos e os dialecticos da lingua musica. No seculo XVI floresce a verdadeira musica religiosa, cujo creador foi Palestrina. Modifica-se depois no seculo XVII com a introducção da dissonancia natural, que é para a linguagem musica, o que as côres do prisma são para a pintura; e depois vae-se enriquecendo successivamente com todas as conquistas da arte, e torna-se nas mãos dos Carissimi, dos Scarlatti, dos Jomelli, dos Marcells, dos Hœndel e dos Mosart a manifestação mais admiravel do espirito divino que illumina o coração do homem.

ESTADISTICA LITTERARIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA,

no anno lectivo de 1852 a 1853.

Matricularam-se neste anno lectivo nas cinco faculdades da universidade e no lyceu de Coimbra novecentos e setenta estudantes, contados individualmente, porque uma parte delles frequentam simultaneamente mais de uma faculdade, sendo a differença para mais dos matriculados em relação ao numero individual quinhentos e onze.

No lectivo antecedente o numero individual dos estudantes foi de novecentos e dezaseis, cinquenta e quatro menos, que no anno findo.

Fizeram acto nas cinco faculdades setecentos e setenta e sete estudantes como se vê do seguinte mappa:

Mappa dos actos que se fizeram na universidade em 1852 para 1853.

Faculdades	Approvados Nemine Discrepante	Approvados Simpliciter	Reprovados	Totaes	Perderam o anno
Theologia	87	9	1	97	5
Direito	407	25	4	436	13
Medicina	46	4	2	52	»
Mathematica	51	12	3	66	43
Philosophia	106	13	7	126	34
Totaes	697	63	17	777	95

Nas cinco faculdades fizeram *formatura* cento e vinte e cinco bachareis, e doutorou-se em Direito um sextanista. Pelo mappa

seguinte se vê o resultado das qualificações finaes que obtiveram no juizo das

Informações.

Faculdades	Informações			
	Distinctas	De Bom por unanimid.°	De Bom por maioria	De Reprovação
Theologia	4	6	2	"
Direito	15	42	38	1
Medicina	"	10	"	"
Mathematica	2	"	1	"
Philosophia	2	1	2	"
Totaes	23	59	43	1

As faculdades de Theologia, Direito, Mathematica e Philosophia, conferiram vinte e oito premios pecuniarios, e as honras do *accessit* a quarenta e um estudantes mais distinctos por seu talento e applicação.

Faculdades	Premios	Accessit
Theologia	8	8
Direito	4	16
Mathematica	11	12
Philosophia	5	5
Totaes	28	41

Em Medicina não se deram premios por terem tido perdão d'acto no anno antecedente os estudantes da faculdade, na fórma do costume.

Desde dezembro de 1852 até ao ultimo de julho proximo passado fizeram-se perante o jury academico oitocentos e dois exames das disciplinas preparatorias para os cursos da universidade.

Exames perante o jury academico.

Disciplinas		Approvados Nemine Discrepante	Approvados Simpliciter	Reprovados	Totaes
Linguas	Latina	134	40	36	210
	Grega	15	6	«	21
	Hebraica	4	«	«	4
	Allemã	2	«	«	2
	Franceza	83	25	27	135
	Ingleza	14	«	«	14
Philosophia Rac. e Moral, e Princ. de Direito Natural		93	33	38	164
Orat., Poet., Litter. Classica, Historia Chronol. etc.		82	27	15	124
Arithmetica, Algebra e Geometria		89	17	22	128
Totaes		516	148	138	802

A despesa com o pessoal da universidade e lyceu foi de 44:162$980 reis. Nos hospitaes e mais estabelecimentos annexos á universidade gastaram-se nove contos e quinhentos e sete mil e novecentos reis.

Despesas com os estabelecimentos da universidade.

Lyceu	90$025
Secretaria e geraes	150$300
Hospitaes	4:775$220
Dispensatorio pharmaceutico	541$835
Theatro anatomico	282$440
Observatorio astronomico	11$505
Laboratorio chimico	288$815
Museu de Historia Natural	136$855
Gabinete de Mineralogia	2$040
Gabinete de Physica	33$070
Jardim Botanico	704$020
Aula de Desenho	14$545
Bibliotheca	290$935
Capella	892$100
Casa das obras	595$375
Archeiros	698$820
	9:507$900

A importancia dos rendimentos da universidade, proveniente das matriculas e mais propinas, foi de dezanove contos duzentos e quarenta e tres mil cento e setenta e cinco reis.

Rendimentos proprios da universidade.

1465 matriculas da universidade	17:881$668
266 ditas do lyceu	329$567
51 Cartas de formatura	1:031$940
Total	19:243$175

Publicaram-se pela imprensa da universidade quarenta e oito volumes de varias obras litterarias e scientificas, alem de grande quantidade de impressos para differentes repartições, e d'outros vulgarmente intitulados nas typographias *remendos*, no decurso do anno lectivo findo.

Os factos que consignamos aqui poderão servir para resolver algumas das mais graves questões universitarias, que não vem ao nosso intento tractar agora, mas cuja solução é da maior transcendencia, porque della depende o credito da nossa primeira academia, e o progresso e aperfeiçoamento das lettras patrias.

A.

BREVES REFLEXÕES HISTORICAS SOBRE A NAVEGAÇÃO DO MONDEGO, E CULTURA DOS CAMPOS DE COIMBRA.

Continuado de pag. 80.

Desde 1569 até 1627 não deparamos com mais providencias relativas a obras do Mondego, a não ser o regimento dos marachões e uma provisão sobre fintas de que adiante daremos conta.

Os trabalhos anteriormente traçadós, as conferencias de auctoridades, a vinda de um engenheiro a Coimbra para dirigir as obras tudo ajudava a persuasão de que o encanamento decretado em 1567 se tinha concluido, e até a escacez de medidas legislativas que se nota no intervallo de 1569 a 1627, auxiliavam esta opinião, pois era de suppor que tendo-se aberto um novo encanamento não fosse por muitos annos necessario recorrer a outras obras.

Não aconteceu porem assim; em 1575, não só ainda não havia encanamento novo, mas parece até, que esse projecto estava abandonado. Não é uma peça official, mas sim documento indirecto, que nos esclarece á cerca d'este facto.

Uma escriptura do afforamento que a camara fez de 50 varas de marachão junto á ponte em 1575, nos desvia de um erro a que os documentos de 1567 já citados nos podiam induzir. « Elrei (diz a escriptura) « mandou fazer os marachões, para ver se « podia encanar o rio, a terra e sitio delles « foi pago a seus donos com o dinheiro das « fintas, e ficaram sendo da cidade e dos « rocios della; a obra dos marachões não foi « por diante; tudo está arruinado, e os visi« nhos apossam-se do terreno delles, met« tendo-o para dentro dos seus predios [1]. » O máu fado das obras portuguezas persegue-nos desde muito longe!! Suppomos que o projectado encanamento de 1567 ficou reduzido a algumas obras parciaes, e pequènos reparos, com que por alguns annos se illudiram as esperanças de tantos proprietarios prejudicados, por que em 1627 apparece de novo grande empenho pela abertura d'um encanamento para o Mondego; mas antes de entrarmos na exposição das providencias e obras dessa epocha daremos um resumo do alvará do regimento dos marachões e campos do Mondego com data de 8 de setembro de 1606. Por elle vêr-se-ha que o systema hydraulico então usado, consistia em marachões e vallas; por que meios se alcançava dinheiro para fazer face ás despesas, e quaes as obrigações dos povos, attribuições do provedor dos marachões, e outras mais especies, que nos pareceu terem aqui cabimento.

Fintas. Antes deste regimento, pagavamse a dinheiro as fintas lançadas para as obras do Mondego, mas daqui por diante foram pagas em cereaes (§. 2.° do regimento).

Todas as pessoas, ordens, e corporações que cultivassem terras no campo desde a Geria até á ponte da Cal, eram obrigadas a pagar um alqueire do fructo que a terra produzisse por cada geira (dito §.).

Se em algum anno sobejassem da despesa 250$000 reis, não se lançaria no anno seguinte se não meio alqueire de finta (§. 3.°)

[1] Registo de emprazamentos da camara desde 1575 a 1676 fl. 1.

Sendo porem necessario lançar maior finta do que o alqueire por geira, podia o provedor lançal-a, tendo primeiro conferido com os deputados que as camaras de Coimbra, Montemór e Tentugal lhe deviam enviar, cada uma dous (§. 7.°)

Para a arrecadação destas fintas havia dous recebedores, que ganhavam dez por cento da importancia recebida: um thesoureiro e um escrivão ambos triennaes, propostos pelo provedor e deputados e confirmados por elrei; seu ordenado eram dez mil reis para cada um, e isenção de fintas durante o tempo do cargo; ao escrivão pagava-se tambem a importancia da escripta (§§. 8.°, 10.° e 11.°).

Havia em Tentugal um celeiro com tres chaves, e um cofre com outras tres, este para o dinheiro dos cereaes, e aquelle para recolher os fructos das fintas. As chaves estavam igualmente repartidas pelo provedor, escrivão e thesoureiro. Havia tembem dous livros para a entrada e saída, dos generos e dinheiro; e outro especial para carregação do producto das condenações. Estes livros, findo o anno, deviam ficar archivados na camara de Coimbra (§§. 4.°, 9.°, 20.° e 24.°)

Serviços pessoaes e penas Todos os lavradores do campo e visinhanças eram obrigados a trabalhar um dia de graça, quando e onde lhes fosse determinado pelo provedor; os que tivessem bois serviriam com elles, e os que os não tivessem concorreriam com enchadas, pás, baldes etc.; se faltassem pagariam de condemnação estes cincoenta reis, e aquelles cem reis. Ao juiz ordinario de cada povoação incumbia apresentar-se com os ditos operarios no local que lhe fosse apontado para dar conta das pessoas que faltavam, e se não cumprisse era condemnado pelo provedor, mas nunca em mais de duzentos reis (§. 5.°)

As communidades e corporações, alem da finta, deviam em todos os annos no mez d'Agosto, mandar pôr uma carrada de pedra á borda do rio, no local que lhes fosse designado, e no caso de omissão o provedor a mandaria para 'hi conduzir por conta das mesmas corporações. (§. 6.°).

Todos os moradores a duas leguas de uma e outra margem do Mondego, deviam prestar serviços com seus carros, pás e baldes nos marachões e quebradas quando fossem chamados pelo provedor, mas recebiam paga segundo o costume da terra (§. 23.°).

Medidas preventivas. Era prohibida a pesca de mergulho e de naça desde os marachões da Geria até á ponte da Cal, sob pena de dous annos de degredo para Africa, e de dez cruzados, metade para o accusador, e metade para o cofre do campo (§. 16.°).

Não se permittia a pastagem no campo ao gado suino sem ser pastorado; e sendo encontrado a distancia de seis aguilhadas craveiras do rio ou vallas, ainda mesmo com pastor, pagavam seus donos cem reis por

cabeça, metade para o cofre dos campos e outra metade para o accusador. O fundamento d'esta prohibição era porque estes animaes fossavam as bordas do rio e das vallas, e davam com isso causa ás quebradas (§. 17.°).

Ao longo do rio deviam ficar por cultivar duas aguilhadas de terreno sob pena de 500 reis (§. 12.°).

Attribuições do provedor. Fazer de novo e reformar todos os marachões, para não haver quebradas, e havendo-as mandar logo tapal-as, excepto as da obrigação do juiz das vallas: ver e prover todos os paúes e campos, desde Coimbra até á barra de Buarcos [1].

Fiscalisar a arrecadação das fintas pelo modo que entendesse mais seguro, é menos dispendioso, promovendo a cobrança executivamente (§§. 4.° e 15.°).

Tomar contas ao thesoureiro no fim do anno juntamente com os deputados das camaras (§§. 9.° e 24.°).

Propor a elrei pelo desembargo do paço os individuos que haviam de servir o cargo de escrivão e thesoureiro (§. 10.°).

Devia residir com seus officiaes na villa de Tentugal, por ser o local donde mais a tempo podia acudir aos reparos dos marachões (§. 12.°).

Tinha auctoridade sobre todos os officiaes de justiça dos julgados proximos aos campos do Mondego, e podia condemnal-os até cinco cruzados em caso de desobediencia ás suas ordens (§. 13.°).

Devia mandar abrir as vallas que entendesse serem necessarias para a cultura do campo e paúes; ao juiz dellas cumpria fazer o mesmo pela parte que lhe tocava (§. 14.°)

Sentenciar todos os pleitos que se movessem pelas disposições deste regimento; das suas sentenças, só havia appellação para o juiz dos feitos da casa da supplicação (§. 21.°).

Mandar desfazer todas as insuas que d'uns annos para outros ficavam no leito do rio (§. 19.°).

Podia, em casos analogos, fazer applicação das provisões passadas para os campos de Santarém (§. 22.°).

Eis aqui como no anno de 1606, se encontrava constituida a repartição das obras do Mondego. Alludesse algumas vezes neste regimento a um juiz das vallas, que estava em contacto com o provedor, mas nada mais podemos dizer deste empregado do que aquillo que do mesmo regimento se deprehende.

Uma provisão de 10 de setembro de 1607 mandou que as fintas fossem, outra vez lançadas a dinheiro, em logar de em cereaes; por se ter achado ser assim mais conveniente, segundo as informações das camaras; e que por cada uma geira pagassem cem reis.

Continúa.

[1] A villa da Figueira ainda não tinha nome geographico.

O' DESEJO.

Sou pobre, mas posso
Formar um desejo;
Sou pobre, quizera
Ter tudo o que vejo.

Sou pobre, quizera
Palacios sem par,
Quizera castellós
Á beira do mar.

E montes e prados
E terras sem fim,
Quizera ver templos
Alçados a mim

Sou pobre, mas posso
Formar um desejo
Quizera, quizera
Ter tudo o que vejo.

Ter tudo o que vejo
Tudo quanto vês,
Quizera este mundo
De rojo a meus pes.

Quizera sentil-o
Gemer e chorar,
Qual geme e qual chora
Nas rochas o mar.

Quizera lançar-me
Depois a teus pes,
Dizer-te, meu anjo,
É teu quanto vês,

As terras, os mares,
O mundo é meu,
E eu, ó meu anjo,
Quizera ser teu.

Cinthra —1848.

H. O'Neill.

COLLECÇÃO DE DOCUMENTOS INEDITOS PARA A HISTORIA DE PORTUGAL E SEUS DOMINIOS.

Correspondencia de D. João de Castro, vice-rei da India [1].

Carta geral de D. João de Castro a elrei D. João III, das cousas, que n'aquellas partes da India tinham acontecido.

1545.

De Moçambique escrevi a v. a. como era chegado a salvamento com tres náus, *scilicet*, S. Pedro, de que vinha por capitão D. Jeronymo, e a Urca, em que vinha Jorge Cabral, e assim a viagem e tempos, que tive. Os dias que ahi estive, dei ordem a se ajuntar pedra, e fazer cal, pera se mudar a fortaleza a uma ponta, que está sobre a entrada do porto; que tem sitio e disposição mui deffensavel, e que com pouca obra se poderá fazer nella uma força mui grande. E porque pela náu de Bernaldo Heitor d'Elvas mandei a v. a. as medidas e debuxos, lhe não dou nesta mais larga conta.

[1] Continuado de pag. 48

A sete dias de agosto parti de Moçambique para a India com as mesmas tres náus [1], levando vento prospero e de viagem; e o dia seguinte, fazendo caminho ao nordeste, a horas de meia noite, fui dar em cima de uma baixa, que está obra de sete leguas da ilha do Comaro, e deu a náu tres pancadas muito grandes, com o que ficou toda adernada á banda de bombordo Quando assim me vi perdido mandei atirar a artilheria para aviso, e se guardarem as náus, que vinham por minha poupa: mas, como quer que os pilotos haviam este mar, e paragem da ilha do Comaro por mais limpa e segura de todas deste caminho; cuidaram, que os signaes, que mandei fazer eram para desaparelhar a artilheria: e logo D. Jeronymo, que sempre veio na minha esteira, arribou a mim, e varou por cima da baixa, tocando com o leme tão rijo, que o pinchou fóra; mas quiz Deos, que lhe tornasse a cair em seu logar. O como se salvaram estas náus não saberei dizer a v. a., por que não estava em razão de marinharia, nem trabalho e sufficiencia dos homens: mas creio que foi um tamanho milagre, como nosso senhor fez em resuscitar Lazaro. Acabado de passar este perigo, achei sempre bons tempos até surgir na barra de Gôa, a onde Martim Affonso tinha mandado muitos bateis e amarras, que esperavam por mim, que foi grande aviamento para as náus, e foi a dois dias de setembro. E achei ali a náu *Borgalexa*, que havia oito dias que era chegada; por escorrer, ou não querer tomar Moçambique.

Depois de fazer amarrar muito bem as náus, desembarquei, e vim pousar fóra da cidade com o governador Martim Affonso. E logo ao outro dia quiz tomar o seu parecer com elle, e com alguns fidalgos e officiaes de v. a. sobre a determinação de Reix Xarafo, mostrando-lhe o capitulo do meu regimento, que sobre elle me v. a. deu. E a todos pareceu, que v. a. fez grande virtude em o mandar, e que nisto não parecia haver nenhum perigo, antes tirar-se muito escandalo, e occasiões, que de sua estada, assim em Portugal, como na India, se seguiam. E sobre isto deram muitas razões, de que mandei fazer um assento pelo secretario, em que todos assignaram: e pareceu a todos, que a sua estada nesta cidade não devia ser como preso, mas como quem estava em sua liberdade; e bem agasalhado, com um homem honrado, que estivesse em sua guarda. Polo que logo o mandei desembarcar, e agasalhar muito bem, em umas casas boas, pondo-lhe por guarda Lopo Mendes, creado de v. a, homem sisudo e de bom recato. E o dito Reix Xarafo poz logo em obra de escrever a seu filho, e eu tenho mandado uma fusta por elle.

Depois de estar dois dias com Martim Affonso entrei na cidade, e desembarcando no caes, diante do secretario, e de todos os fidalgos e povo me entregou a governança com muitas cortesias e bençãos. Elle, depois da entrega que me fez, esteve alguns dias nesta cidade, nos quaes me deu conta, como tinha em seu poder quatrocentos e cinquenta mil *pardáus* de ouro, que são da conta dos setecentos e cinquenta mil pardáus, que houve de Coje Cemecadim por morte do Acedacão, dos quaes tinha já mandado trezentos mil a v. a.. Quiz saber se este dinheiro estava receitado sobre alguns officiaes pera tomar conta d'elle: e assi por elle, como polos officiaes de v. a. soube que não; mas que o tinha Martim Affonso em seu poder. E considerando eu nas grandes necessidades, em que v. a. ficava, pera se desempenhar das dividas de Frandes, e o grande gasto, que fazia em fortificar Ceita e Mazagão: concertei com Martim Affonso, que fizesse toda a despesa da carrega deste anno, e me deixasse sessenta mil pardáus de ouro na feitoria de Cochim, pera ajuda da carrega do anno, que vem, e todo o mais dinheiro, que o levasse a v. a. O gasto, que nisto elle fará, será sobre desaseis mil quintaes de pimenta, que já estavam na casa, e eu tenho mandado ao viador da fazenda, que o escreva muito declaradamente a v. a.

No castello desta cidade achei preso um mouro, por nome Mealecão, a quem pertence o reino do Daquem. O summario de seu acontecimento é este: este mouro fugio do reino do Daquem, temendo que o matasse o Hidalcão, e se acolheu a Cambaia, onde estava favorecido e honrado de elrei de Cambaia. Succedeu depois haver diferença entre o Hidalcão, e o Acedacão, e Inisa Maluco: assentaram os do bando contrario do Hidalcão de concertarem com D. Garcia de Castro, capitão, que então era desta cidade, que lhes mandasse a Cambaia por este Mealecão, pera o fazerem rei; porque todo o povo o pedia, assim por lhe vir de direito, como polas maldades, tyrannias, e cruezas deste Hidalcão. Parecendo isto bem a D. Garcia, e serviço de v. a., mandou por elle a Cambaia, sendo partido Martim Affonso pera o pagode de Coulão, com as cartas do Acedacão, em que o chamava pera o fazer rei, e que o pozesse no Banda, que é um posto das terras do Acedacão. Mas Bastião Lopes Lobato, capitão da fusta que o foi buscar, levava por regimento de D. Garcia, que o trouxesse á cidade de Gôa, onde o trouxeram. Depois de vindo, chegou Martins Affonso de Sousa do pagode de Coulão, e começou a contractar-se com o Hidalcão, que lhe desse as terras firmes, *scilicet*, Bardez e Salcete, e oitenta mil pardáus em dinheiro, á conta de elle não entregar Mealecão ao Acedacão, e capitães do reino do Daquem, e que juntamente lho mandaria pôr em Maláca.

[1] A terceira náo era a Borgaleza, de que o A. faz menção mais abaixo.

Depois disso este inverno se tornou Martim Affonso a contractar com o Hidalcão, que lhe entregaria Mealecão, se lhe desse mais cinquenta mil pardáus de ouro: pera o que mandou ao Hidalcão dous embaixadores, *scilicet*, Crisnaa, *Tanadar mór* da siza de Gôa, e Galvão Viegas. Neste comenos cheguei eu a Gôa, e soube, que eram elles idos a este negocio. E dahi a poucos dias, sabendo elles parte de minha vinda, tive cartas suas, em que me faziam saber o caso de sua embaixada. E por que este negocio me pareceu de muito mór importancia, do que se cuidava; chamei todos os capitães, e fidalgos, que havia na India, e os officiaes de v. a., aos quaes propuz a causa, amostrando-lhes uma petição, que Mealecão me fizera, pedindo-me que olhasse por sua justiça, e dizendo: Que visse quão desacreditado ficaria o nome de v. a. nestas partes, se o vendessem ao Hidalcão, sendo elle chamado por nós para ser rei, e vindo-se metter nas nossas mãos, confiado no seguro, que lhe fôra dado em nome de v. a. A poz isto mandei ao secretario, que diante de todos dissesse, o que deste negocio sabia. E todos a uma vóz me disseram, que em nenhuma maneira do mundo, nem por nenhum preço devia cumprir o tal concerto; pola grande deshonra, e pouco crédito, que da tal cousa se nos seguiria; dizendo todos: que estava certo, que tanto que o Hidalcão tivesse o Mealecão em seu poder, o havia de matar, e tornar-nos outra vez a tomar as terras, que por seu respeito nos tinha dado, polo não entregarmos ao Iniza Maluco, e aos povos do seu reino. E que nenhum penhor podiamos ter melhor do Hidalcão, pera possuirmos as ditas terras, senão não lhe entregando Mealecão, e termol-o em nossa mão. Dando alem destas razões outras muitas e trazendo-me á memoria esperar a pouca verdade, e confiança, que deviamos da pessoa do Hidalcão, o qual nos deixava já de fazer guerra com receio de entregarmos Mealecão ao Acedacão, e mais capitães do Daquem.

De todas estas cousas, e pareceres mandei ao secretario, que fizesse assento, em que todos assignaram. E v. a. me devia de avisar de lá, o que parecer mais seu serviço; que já póde ser que se entretenha este negocio, até me vir seu recado.

Este Mealecão comia á sua custa, sem lhe darem nada á custa da fazenda de v. a.: o que parecia a todos muito mal, e elle se me mandou queixar disso. Polo que, vendo eu, que por seu respeito tinhamos de renda tantos mil pardáus das terras firmes, afóra outro muito dinheiro, que se recebeu, e que sobre nossa fé fôra ter á cidade de Gôa, e perdêra a renda e mercês, que tinha de elrei de Cambaia; e assim que estava, e está em condição de poder vir a ser rei do Daquem: pareceu-me cousa justa, e digna da virtude de v. a. haverelhe de dar de comer á custa de sua fazenda. E praticando sobre isso com o viador da fazenda, e outros officiaes, ordenei mil e quinhentos pardáus cada anno, pera ajuda de sua mantença: o que pareceu muito bem a toda a pessoa, principalmente aos mouros, e francos nossos visinhos.

O segundo dia que desembarquei, pousando ainda com Martim Affonço, me fôram os officiaes da cidade de Gôa visitar: e acabadas suas cortesias, se me aqueixaram, que padeciam todos a fome, por caso que o inverno passado lhe alevantaram, o preço da moeda dos *bazarucos*, em tanta cantidade que saia o quintal do cobre a trinta e dois pardáus e tres tangas: pola qual razão os ditos bazarucos não tinham nenhuma saída pera fóra desta cidade; por que na terra firme lhes não tomavam estes bazarucos, senão por peso, e de maneira, que saiam no peso dous bazarucos por um dos que dantes se lavravam. Estava a cidade tão escandalizada, por isso ser um tributo lançado somente aos portuguezes, que em mentes o não remediei, me vinham todos os dias clamar, e fazer grandes protestos; por que se não achava já tenda nem botica aberta, nem de comer na praça. E os que me mais apertavam pera emendar esta moeda, eram os officiaes de v. a., mostrando-me por razões, que por respeito de muitas cousas, que cada dia se compravam pera os armazães e armadas, perdia v. a. mais em se fazer a tal moeda, do que se aproveitava, fazendo-se a razão de trinta e dois pardáus e tres tangas por quintal. Por onde a cidade e todo o povo, e irmãos da Misericordia me vieram pedir com grandes requerimentos, que tornasse esta moeda ao preço de desasete pardáus por quintal, como de primeiro estava: dos quaes requerimentos e razões mandei dar vista ao procurador de v. a. E por que o dito procurador nas razões, que fez, foi em favor da cidade, mostrando por suas razões ser muito desserviço de v. a. lavrar-se a moeda a este preço: e que pera bem de sua fazenda cumpria abaixar-se logo, allegando muito de direito sobre isto. O que visto, fiz ajuntar todos os capitães, fidalgos, e officiaes de v. a., aos quaes perguntei o que sobre este caso faria: elles me deram muitas, e evidentes razões pera haver de mandar abaixar esta moeda; havendo, que se perdia a terra, e se diminuia a fazenda, e proveito de v. a., sem achar pessoa em toda a India de nenhuma calidade, que tivesse o parecer em contrario. Polo que lh'a tornei a abaixar pelo preço, em que dantes estava. E por que de tudo isto foram feitos largos autos, em que tudo se contem, eu os mando a v. a; e por tanto lhe não dou mais conta deste negocio.

Como estas cousas me deram logar, quiz saber da armada como estava: e por que em cousa de tanta sustancia não seria razão confial-a de ninguem, eu em pessoa, com o secretario e viador da fazenda a corri toda,

decendo ao porão dos navios com toezas, e lhes vi a liação, cavernas, encolamentos, dormentes, e lotação, e todo o mais, trazendo sempre comigo o mestre da ribeira, patrão mór, mestre dos calafates, e todos os pilotos, e mestres das náus da carreira, e muitos capitães, e fidalgos. Andando fazendo esta diligencia, achei sete galés, e tres galiotas podres, assim dos costados, como dos liames, e de maneira podres, que com as mãos se desfaziam, sem prestarem, nem terem corregimento: e assi achei outra galé, que fez Antonio Correia, a qual disseram todos por juramento, que não podia navegar; assim por ser alquebrada, e muito fraca, como por sair já ao mar, e ser má de navegação, por sua má feição.

Isto assim feito corri os galiões, caravellas e as mais galés que tinha v. a. e achei esta armada de maneira, como verá por uma certidão, que lhe mando dos officiaes da ribeira, em que declaram o corregimento que ha mister cada navio, e a idade de que é, e esse treslado do assento, que com todos fiz, das galés podres, e que não podem navegar; pelo que escuso fallar nesta materia mais miudamente.

E vendo o desfalecimento desta armada, e o grande perigo, em que por esta razão estava esta terra, determinei, com parecer de muitos fidalgos, capitães e officiaes de v. a., não saír aquelle verão fóra de Gôa, e converter o gasto e despeza, que em minha embarcação havia de fazer, no concerto desta armada; por que a este respeito todas as outras necessidades são accessorias. Polo que mandei logo fazer envasaduras, cabrestantes, viradores, por na ribeira os não haver pera viração dos navios: mandei as *albetôcas*, e outros navios, pera me trazerem muita somma de madeira. De Baçaim mandei tambem vir toda a cantidade, que me foi possivel, e doutras partes. Isto tudo fiz a fim de com brevidade poder concertar toda a armada, que estava no mar. Alem deste provimento, mandei fazer duas caravellas em Baçaim, quatro em Cochim, e mais duas em Chaul, e em Gôa outras duas. A razão que me moveu a mandar fazer caravellas, e não outros navios, foi, parecer-me que os galiões, pera poderem peleijar, haviam mister muita gente, assim do mar, como bombardeiros, e lascarins, o que na India não ha. Pera se haverem de armar oito galiões, como é costume, e ordenança de guerra, não ficará gente, nem bombardeiros pera mais armada. As gallés não se remam: e não se remando, são os piores navios de guerra de todos. E considerando eu todos estes inconvenientes, me pareceu nenhum outro genero de navio ser competente á India, senão estas caravellas; por que com quarenta homens vam muito bem armadas, e com quatro bombardeiros, e um condestabre se aproveitam de toda a sua artilheria, e são navios muito guerreiros, e que esperam toda a fortuna e tormenta do mar. E pera auctoridade, e reputação de nosso poder é necessario muito numero de velas; por que a muita armada espanta, e fere aos imigos, e aos amigos dá ousadia; e a pouca não é estimada dos contrarios, nem dá animo aos que vam n'ella a peleijar.

Quando entrei na cidade de Gôa achei toda a armada no mar, e dentro toda sua artilheria, vélas, e aguada feita; nos armazens muita polvora e enxofre, salitre, e outras munições de guerra, e a maior parte dos lascarins em Gôa, e bem pagos aos quarteis, e a gente do mar paga aos mezes. Estas cousas todas andavam tambem ordenadas, que por ellas, sem mais outra consideração se poderá inferir, quam bom capitão é Martim Affonso.

Elrei de Ormuz, com ajuda dos portuguezes, dos quaes foi por capitão Bernaldim de Sousa, tomaram um logar na costa de Arabia, chamado Catyfa, que já em outro tempo foi do reino de Ormuz. Luiz Falcão me escreve, e requer, que ponha n'elle um portuguez por capitão, o que não parece bem; por que me parecia melhor reduzirmo-nos a poucas fortalezas, e termos junto e unido o nosso poder, que derramarmos-nos mais do que estamos, e irmo-nos avisinhar com Baçorá, e terras do Turco, d'onde os espertemos a nos fazerem guerra.

N.

AGRICULTURA.

Remedio para a molestia das vinhas.

A molestia que infecciona as vinhas é causada por um insecto, dizem alguns observadores, e mr. Chenot que é da mesma opinião enviou á academia de França uma folha de vinha coberta de corpusculos cinzentos que vão ser examinados pelos mycographos.

Mr. Chenot empregou com bom resultado o anno passado, o vapor d'agua para matar os insectos que elle suppõe existirem, e na verdade ha poucos remedios tão economicos como este. Uma caldeira com seu fogão donde sáia o vapor á pressão de uma e meia atmosphera, póde ser levada ou tirada em uma carreta por um jumento, e servir para curar dez hectares de vinha em um dia. Qualquer outro meio, injecção d'ar quente, d'acido sulfuroso, de flor d'enxofre, por via de folles movidos á mão, sem jacto de vapor, seria muito mais dispendioso. Além de que, se apparece um reactivo chimico preferivel ao vapor quente, póde ser applicado em um jacto de vapor, de modo que vem a economisar-se a mão d'obra.

PREMIOS.

Relação nominal dos estudantes premiados pela universidade de Coimbra no anno lectivo de 1852 para 1853.

FACULDADE DE THEOLOGIA.

1.° *Anno.*

1.° *Premio* — João Manoel Cardoso de Napoles.
2.° *dito* — Clemente José de Mello.
1.° *Accessit* — Agostinho Pacheco Pereira da Cunha.
2.° *dito* — Manoel Augusto de Sousa Pires de Lima.

2.° *Anno.*

1.° *Premio* — José Gomes Martins.
2.° *dito* — José da Conceição Miranda.
1.° *Accessit* — José de Mattos Viegas.

3.° *Anno.*

1.° *Accessit.* — João Rodrigues.
2.° *dito* — Antonio do Carmo.

4.° *Anno.*

1.° *Premio* — Albino Jacintho José d'Andrade e Silva.
2.° *dito* — Manoel Bernardo de Sousa Ennes
Accessit. — Francisco dos Santos Donato.

5.° *Anno.*

1.° *Premio* — Manoel Alves da Motta Veiga.
2.° *dito* — Damasio Jacintho Fragoso.
1.° *Accessit.* — Manoel Tavares da Silva.
2.° *dito* — Joaquim Maria de Sousa.

FACULDADE DE DIREITO.

1.° *Anno.*

Premio — Antonio Aires de Gouvêa.
1.° *Accessit.* — José Correa Harcourt.
2.° *dito* — Nicoláu Alves da Motta Veiga.
3.° *dito* — Antonio Gonçalves Godinho.
4.° *dito* — Ernesto Frederico Pereira Marecos.

3.° *Anno.*

Premio — Jacintho Antonio de Sousa.
1.° *Accessit* — Vicente Pedro Dias.
2.° *dito* — Manoel Ramos.
3.° *dito* — Luiz Antonio Nogueira.
4.° *dito* — José Joaquim Ribeiro.

4.° *Anno.*

1.° *Accessit.* — Augusto Cezar Barjona de Freitas.
2.° *dito* — Antonio Alves da Fonseca.
3.° *dito* — Carlos Ramiro Coutinho.
4.° *dito* — Francisco Moniz Barreto Corte-Real.

5.° *Anno.*

1.° *Premio* — João Baptista da Silva Ferrão de Carvalho Mártens.
2.° *dito* — José Julio de Oliveira Pinto.
1.° *Accessit* — Joaquim José Paes da Silva.
2.° *dito* — Francisco Augusto Furtado de Mesquita Paiva Pinto.
3.° *dito* — Antonio Cortez Bermeo de Lobão.
4.° *dito* — José de Abreu Cardoso Moniz Castello Branco.

FACULDADE DE MATHEMATICA.

1.° *Anno*

Partido — Pedro de Alcantara de Carvalho e Vasconcellos.
Premio — Manoel da Costa.
1.° *Accessit* — Julio Maria dos Santos.
2.° *dito* — Manoel Martins Pinheiro.
3.° *dito* — Lourenço Antonio de Carvalho.
4.° *dito* — José Augusto Corrêa de Barros.

2.° *Anno.*

1.° *Partido* — Antonio Pinto de Magalhaens Aguiar.
2.° *dito* — Adolpho Soares Cardoso
3.° *dito* — Joaquim Pires de Sousa Gomes.
Premio — Carlos Maria Gomes Machado.
Accessit — Frederico de Lima Mayer.

3.° *Anno.*

1.° *Premio* — Joaquim José Coelho de Carvalho.
2.° *dito* — Manoel Affonso d'Espergueira.
1.° *Accessit* — Eduardo Pinto da Silva Cunha.
2.° *dito* — Luiz Pinto de Mesquita Carvalho.
3.° *dito* — José Cabral Gordilho de Oliveira Miranda.

4.° *Anno.*

Premios { José Pereira da Costa Cardoso. / Mathias de Carvalho e Vasconcellos.
1.° *Accessit* — Januario Corrêa de Almeida.
2.° *dito* — Francisco Antonio de Brito Limpo.
3.° *dito* — José d'Albuquerque.

5.° *Anno.*

Premio — Antonio José Teixeira.
Accessit — Aurelio Pinto Leite.

FACULDADE DE PHILOSOPHIA.

1.° *Anno.*

Accessit — Pedro de Alcantara de Carvalho e Vasconcellos.

2.° *Anno.*

Partido — Antonio Augusto de Oliveira.
Premio — Joaquim Gonçalves de Miranda.
Accessit — Joaquim Pires de Sousa Gomes.

3.° *Anno.*

1.° *Partido* — D. Joaquim da Boa Morte Alvares de Moura.
2.° *dito* — Antonio de Carvalho Coutinho e Vasconcellos.
Premio — Albino Augusto Giraldes.
1.° *Accessit* — Jeronymo Augusto de Bivar Gomes da Costa.
2.° *dito* — Manoel Francisco de Medeiros.

4.° *Anno.*

Accessit — Agostinho Antonio do Souto.

NOTICIAS LITTERARIAS.

Estadistica dos exames de bacharel em lettras em França.

A estadistica dos exames de bacharel em lettras em França, nos ultimos quatro annos, dá o termo medio de sessenta e cinco reprovações em cada cem candidatos ao dito gráo. A prova de um thema em latim ou francez, que n'este anno se exigiu aos candidatos pela primeira vez, não influiu sensivelmente no resultado geral das approvações finaes, por que se augmentou as reprovações na serie das provas escritas, tambem deixaram por isso de ser excluidos nas provas oraes alguns, que sem o rigor das primeiras o teriam sido nestas. Eis aqui o resultado

destes exames em todas as faculdades das lettras desde 1850 até 1853.

Annos	Approvados	Excluidos na prova escrita	Excluidos na prova oral	Total dos concurrentes
1850	725	976	328	2029
1851	665	975	292	1932
1852	490	676	233	1399
1853	314	530	91	944

Obras ineditas.

O cardeal Angelo Maï, bem conhecido por seus trabalhos litterarios, publicou agora com o titulo — *Patrum nova bibliotheca* — uma collecção de obras ineditas dos padres gregos e latinos, tirada dos manuscritos do vaticano. Contém esta collecção entre outras obras duzentos novos sermões de Santo Agostinho, e treze opusculos de S. Cyrillo.

INSTRUCÇÃO PUBLICA EM HESPANHA.

Obras approvadas para o ensino publico nas universidades e institutos de Hespanha em 1851.

Continuado de pag. 96.

FACULTAD DE FILOSOFIA.

Lengua grega.

Gramática griega, por D. Saturnino Lozano y Blanco. — dita, por D. Antonio Bergnes de las Casas. — dita, por el Coronel San Roman.

Para la version del griego.

Crestomatia griega, por D. Antonio Bergnes de las Casas.

Coleccion de trozos escogidos, publicada en Valencia sin nombre de autor en 1847.

Lengua hebrea.

Análisis filosófico de la escritura y lengua hebrea, por D. Antonio García Blanco.

Gramática, de D. Salvador Berneda.

Biblia hebráica, de Leipsick, cuárta edicion.

Lengua árabe.

Gramática, de Bacas Merino. — dita, del P. Francisco Cañas. — dita, de Erpennior.

Trozos de traduccion á eleccion de los catedráticos.

Literatura y composicion latina.

Manual histórico y crítico de la literatura latina, por D. Angel María Terradillos.

Lecciones de literatura latina, por D. Jacinto Diaz.

Para la version y composicion de idem.

Coleccion de los PP. Escolapios.

Preceptistas latinos, por D. Alfredo Adolfo Camus.

Trozos selectos, por D. Angel María Terradillos.

Literatura general y española.

Manual de literatura, por D. Antonio Gil y Zárate.

Elementos de literatura, por D. Pedro Felipe Monlau.

Ampliacion de la filosofia.

Manual de filosofía, de Servant Bauvais, traducido por D. José Lopez Uribe.

Compendio de filosofia, por D. Juan José Arbolí.

Curso completo de filosofia. — Psicología, lógica y moral, de Tissot, traduccion de D. Isaac Nuñez Arenas. — Gramática general escrita por el mismo.

Resúmen histórico de la filosofia.

Manual de la historia de la filosofia, por D. Tomas García Luna.

Economia politica.

Curso de economía política, por D. Eusebio María del Valle.

Economía política ecléctica, por D. Manuel Colmeiro.

Elementos de economía politica, de Garnier por D. Eugenio Ochoa.

Geografia astronómica, fisica y politica.

Compendio de astronomía, de Herschell, traducido por Montojo.

Geografia astronómica, por Antillon.

Geografia de Verdejo para la parte fisica y política.

Algebra superior y geometría analitica.

Geometría analítica, por Zorraquin.

Idem, por Santa María.

Cálculos sublimes.

Tratado del cálculo diferencial é integral, de Bouchardat, traducido por D. Gerónimo del Campo.

Idem, de D. Fernando Garcia San Pedro.

Idem, por Navier, traducido.

Mecánica.

Tratado de Mecánica, de Poisson, traducido por D. Gerónimo del Campo.

Idem, de Bouchardat, tercera edicion.

Idem, de D. Fernando García San Pedro.

Ampliacion de la fisica.

Tratado de física experimental y meteorología, de Pouillet, traducido.

Curso completo de física experimental, por D. Fernando Santos de Castro.

Tratado elemental de física, de Despretz, traducido.

Química general.

Tratado de química general, por D. Antonio Casares.

Curso elemental de química, de Regnault traducido por D. Gregorio Verdú.

Curso de química, arreglado á las explicaciones de Don Vicente Santiago de Masarnau, por D. José María Perez y D. Benito Tamayo.

Ampliacion de la química.

Curso de química general por Pelouze y Fremy.

Tratado completo de quimica, de Lassaigne, traducido por D. Francisco Alvarez Alcalá.

Tratado de química orgánica, por Liebig.

Mineralogía.

Tratado elemental de mineralogía, por Beudánt. — Idem, de Dufrenoy. — Idem, de Brard.

Botánica.

Nuevo manual de botánica, de Girardin y J. Juillet, traducido por D. J. M. C.

Nuevos elementos de botánica y fisiologia vegetal, de Aquiles Richard, sétima edicion.

Manual de botánica descriptiva, por D. Vicente Cutanda y D. Mariano del Amo, para los ejercicios prácticos de clasificacion.

Zoología.

Elementos de zoología, ó lecciones sobre la anatomía, la fisiología, la clasificacion y costumbres de los animales, por Milne Edwards.

Idem, por Milne Edwards y Aquiles Comte, traduccion de D. Pedro Barinaga.

Introduccion á todas las zoologías, de Aquiles Comte, traducida por D. J. M. G. y D. J. G.

FACULTAD DE MEDICINA.

PRIMER AÑO.

Fisica y quimica de aplicacion, anatomia general y descriptiva.

Física de aplicacion á la medicina.

Tratado elemental de fisica general médica por D. Antonio Rivero y Serrano: dos tomos.

Lecciones de fisica médica, por D. Manuel Losela y Rodriguez: un tomo.

Química aplicada á la medicina.

Prontuario de química médica, por D. Juan Chavarri.

Elementos de química, por A. Bouchardat traducidos al castellano de la segunda edicion.

Tratado de química medica, por D. Francisco Mercader y Bernal.

Anatomía general, descriptiva y práctica.

Tratado de anatomía general, descriptiva y topográfica, por D. Lorenso Boscasa: tres tomos.

Compendio de anatomía general, descriptiva y topográfica, por D. Agapito Zuriaga: dos tomos.

Nuevo manual de anatomía general, por L. G. Marcheseaux, traducido por D. Francisco Mendez Alvaro: un tomo.

Tratado completo de anatomía general, por F. Heule, traducido por los redactores de la Biblioteca escogida de medicina y cirugia: un tomo.

Manual del anatómico disector, por Ernesto Alejandro Lanth, traducido por D. Cárlos Quijano y Malo: dos tomos.

SEGUNDO AÑO.

Historia natural aplicada a la medicina, fisiologia é higiene privada.

Historia natural aplicada á la medicina.

Elementos de historia natural médica, por Aquiles Richard, traducidos por D. Bartolomé Obrador.

Tratado de historia natural médica, por M. Edwards y A. Comte, traducido al castellano.

Fisiología.

Ensayo de antropología, ó sea historia filosófica del hombre, por D. José Varela Montes: cuatro tomos.

Compendio de fisiología, ilustrado con láminas, por Muller, traducido por D. Francisco Alvarez y D. Nicolas Casas.

Manual de fisiología, por D. Juan Rivot y Ferrer.

Higiene privada.

Elementos de higiene privada, por D. Pedro Felipe Monlau: un tomo.

Tratado completo de higiene, por Cárlos Londe, traducido al castellano.

Manual de higiene, por el doctor Foy, traducido por un médico de esta corte: un tomo.

TERCER AÑO.

Patologia general, anatomia patologica terapeutica, materia medica y arte de recetar.

Patología general.

Tratado elemental de patología general y anatomía patológica, por D. Francisco de Paula Folch y Amich: un tomo.

Tratado completo de patología general, por A. F. Chomel, traducido al castellano.

Tratado elemental de patología general y semeyótica, por Hendy y Behier, traducido por D. Cayetano Balseiro: dos tomos.

Anatomía patológica.

Manual de anatomía patológica, por D. Manuel José de Porto: un tomo.

Tratado elemental de patología general y anatomía patológica, por D. Francioco de Paula Folch y Amich: un tomo.

Terapéutica.

Tratado de terapéutica general, por D. Luis Oms y Don José Oriol Ferreras.

Tratado de terapéutica y materia médica, por A. Trousseaux y Pidoux, traducido al castellano.

Tratado elemental de terapéutica médica, por L. Martinet, traducido por D. Lorenzo Boscasa: un tomo.

Materia médica.

Manual de materia médica, por H. Milne Edwards y P. Vavaseur, traducido por D. Luis Oms y D. José Oriol Ferreras: dos tomos.

Curso de materia médica ó de farmacologia, por, J. Foi, traducido por D. Juan Bautista Foix y Gual: dos tomos.

Elementos de terapéutica y materia médica, por D. Ramon Capdevila: un tomo.

CUARTO AÑO.

Patologia quirúrgica, operacionis, anatomia quirúrgica, vendajes.

Patologia quirúrgica.

Nuevos elementos de cirugía y medicina operatoria, por M. L. F. Begin, traducidos por D. Ramon Frau: dos tomos.

Tratado completo de cirugía, por M. J. Chelins, traducido por D. A. Sanchez Bustamante: tres tomos.

Tratado de patología externa y medicina operatoria, por A. Vidal (de Casis), traducido al castellano.

Anatomía quirúrgica.

Manual de anatomía quirúrgica, por H. M. Edwards, traducido por D. Ramon Sanchez y Merino: dos tomos.

Tratado completo de anatomía quirúrgica, por A. L. M. Valpeau, traducido por los redactores de la Biblioteca de medicina y cirugía: un tomo.

Tratado de anatomía quirúrgica, por Petrequin, traducido por D. Juan Maestre de San Juan Maestre de San Juan y D. Agustin Ramirez de Marauri.

Operaciones.

Manual de medicina operatoria, por Malgaine, traducido al castellano de la cuarta y última edicion.

Nuevos elementos de medicina operatoria, por M. Valpeau, traducidos por D. Manuel Leclerc y D. Juan José de Elizalde: cuatro tomos.

Vendajes.

Elementos del arte de los apósitos, por D. Matías Nieto y Serrano y D. Francisco Mendez Alvaro: un tomo.

Tratado completo de vendajes, apósitos y curas, por M. N. Gerdy, traducido por D. José Rodrigo y D. Francisco de Santana: dos tomos

QUINTO AÑO.

Patologia medica, obstetricia, enfermedades de niños, clinica quirúrgica.

Patología médica.

Tratado completo de medicina práctica, por C. G. Huffeland, traducido al castellano.

Tratado elemental de clínica y patología médica, por L. Martinet, traducido por D. G. Roure y Fernandez: dos tomos.

Nuevos elementos de medicina en latin, con la traduccion castellana al frente, por M. Y. Capuron, traducidos por D. Ramon Frau y D. Juan Trias: dos tomos.

Obstetricia.

Tratado práctico de los partos, por F. Y. Moreau, traducido al castellano.

Tratado práctico del arte de partear, por Chailly, traducido por D. F. Mendez Alvaro.

Manual de obstetricia, por M. Antonio Duges, traducido por D. José Rodrigo: dos tomos.

Enfermedades de mugeres.

Tratado completo de las enfermedades de las mugeres, por D. José Arce y Luque: tres tomos.

Tratado elemental completo de las enfermedades de las mugeres, por D. Luis Oms y D. José Oriol Ferreras: dos tomos.

Enfermedades de los niños.

Tratado práctico de las enfermedades de los niños, por F. Barrier, traducido por D. Luis Oms y Garrigolas y Don José Oriol Ferreras: un tomo.

Tratado completo de las enfermedades de los niños, por A. Schuitz y B. Wolf, traducido por D. Santiago Palacios y Villalva: tres tomos.

Enfermedades de mugeres y de niños.

Tratado elemental de las enfermedades de las mugeres y de los niños, por Fabre y D'Huc: nueva edicion española.

Clínica quirúrgica.

Manual de clínica quirúrgica, por Tavernier, traducido al castellano: un tomo.

Los señalados para patología quirúrgica y operaciones.

SESTO AÑO.

Clinica medica, medicina legal, toxicologia

Clínica médica.

Prolegómenos de clínica médica, por D. Ignacio Ametller.

Aforismos y pronósticos de Hipócrates, traducidos al castellano.

Las obras señaladas para patología medica.

Medicina legal

Tratado de medicina y cirugía legal, por D. Pedro Mata: dos tomos.

Tratado de medicina legal, por D. Ramon Ferrer y Garcés: un tomo.

Elementos de medicina y cirugía legal, arreglados á la legislacion española, por D. Pedro Miguel de Peiro y D. José Rodrigo: un tomo.

Toxicología.

Compendio de toxicología general y especial, por D. Pedro Mata: un tomo.

SEPTIMO AÑO.

Higiene pública.

Elementos de higiene pública, por D. Pedro Felipe Monlau: dos tomos.

Tratado completo de higiene pública, por Miguel Levy, traducido al castellano: un tomo.

Moral médica.

Tratado elemental de moral, por D. Felix Janer: un tomo.

Continúa.

V. FERRER.

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

O CONVENTO ANTIGO DE S. FRANCISCO DA PONTE EM COIMBRA.

« Restos, que já contemporaneos fostes
« De nossos bons e simples Maiores
« Gosta meu coração d'enterrogar-vos
« E gosta de vos crer. De novo a historia
« Estudo em vós dos tempos e dos povos. »
Delille. Os Jardins, trad. por Bocage.

O antiquissimo convento de S. Francisco da ponte, celebre por um dos mais notaveis acontecimentos da histaria patria, jaz sepultado hoje nas arêas do Mondego; nem uma pedra se quer nos resta de tão grave monumento que podessemos consultar sobre a verdade do que nos affirmam os escriptores; nem uma inscripção coeva, com que podessemos confrontar as datas dos successos, que alli tiveram logar. Limitados ás antigas chronicas, pouco colhemos talvez de suas paginas, cheias de tão encontradas opiniões; todavia quem préza a gloria de sua terra natal, não deve esquecer-se de collocar a par das memorias dos feitos, que a enobrecem, a de um monumento, que lhe foi tão honroso.

Concordam os historiadores e chronistas, em que o convento de S. Francisco, chamado da ponte, fôra fundado pelo Infante D. Pedro, filho de D. Sancho I[1], da parte de baixo da ponte na margem esquerda do mondego sobranceira ao rio vinte degráos[2]. Nenhum vestigio ha, que possa designar ao certo o local deste respeitavel monumento; somos porem obrigados a crer, pelo que dizem os historiadores, que estaria logo abaixo d'entre pontes por onde agora vai o alveo do rio, que n'aquelles tempos era muito estreito; e tanto se foi, por causa das arêas, levantando, como alargando; assim o assevera o erudito chronista de S. Domingos, quando diz « seguiram annos invernosos, continuaram, e creceram as aguas com novo mal, que foi trazerem comsigo grande poder de arêas, e cegarem com ellas a madre do rio, de maneira, que donde antes corria tão fundo, que o sitio do convento (S. Domingos) lhe ficava sobranceiro e senhor, veio a igualar a corrente ordinaria com elle, e a força da agua começou a lançar as arêas por cima das mais altas margens, senhoreando-se do campo[1]. »

[1] Brito, Nunes de Leão, Mariz, historia serafica.
[2] Historia serafica lit. 2. liv. 1. c. 32.

Quanto, porem, á epocha da fundação, pertendem uns, que fôra principiado em vida de S. Francisco[2], sem todavia indicarem o anno, nem apresentarem prova alguma em seu abono; e julgam outros, que esta fundação só tivera logar no anno de Christo de 1247 para 1248[3]; opinião, que nos parece senão inteiramente exacta, pelo menos á mais proxima á verdade, como veremos pelo decurso desta narrativa.

É certo, que os primeiros religiosos de S. Francisco só vieram a Portugal em 1217[4]; sendo manifestamente falsa a fundação do convento de Bragança, que fr. Manoel da Esperança, dá em 1214 principiada pelo mesmo S. Francisco, quando, vindo da Hespanha, onde fôra em romaria a S. Tiago, passou por aquella terra[5].

O citado chronista, e com elle outros historiadores affirmam[6], que quando fr. Gualter, e fr. Zacharias, mandados por S. Francisco do capitulo geral celebrado em Assís, entraram em Portugal em 1217, foram muito mal recebidos, e desprezados por não ser ainda conhecida a sua regra e profissão, e suscitarem-se graves receios de que fossem hereges de Italia, onde então havia muitos; até que por ordem de D. Affonso II foi em Coimbra, onde estava a côrte, e onde os frades primeiramente se haviam dirigido, examinada em conselho sua religião, e lida a carta, que elles traziam de seu patriarcha[7]; pelo que se vê, que não é verdadeira a fundação do convento de Bragança, e que foram aquelles dois religiosos os primeiros, que entraram no reino, pois, a não ser assim, S. Francisco dirigiria os seus frades ao seu convento de Bragança, ou quando menos

[1] Hist. de S. Domingos liv. 3. cap. 4. Vej. João de Barros, dec. 2.ª
[2] Nunes de Leão t. 1 — Mariz, dial cap. 9. etc.
[3] Histor. seraf. t. 1. l. 2. cap. 29.
[4] Sobre a vinda destes frades vej. Mariz. cap. 11. Fr. Marcos cit. l. 1. cap. 48. Mon. lusit. l. 13. c. 13. O chronista Esperança diz, que vieram em 1216, o que não é exacto porque o capitulo geral d'onde foram mandados foi celebrado 1217.
[5] Chron. seraf. t. 1 liv. 1, cap. 3.
[6] Chron. seraf. t. 1. liv. 1. cap. 7. — Fr. Marcos, chron. dos men. l 6. cap 27. etc.
[7] Chron. seraf. l. 1. cap. 7.

fallaria nelle na carta, que elles traziam; e tambem não seriam tão mal tratados.

No dito conselho se assentou, que se poderia consentir no reino a ordem de frades menores, e os mesmos religiosos alcançaram do rei licença para poderem ir habitar algumas pobres ermidas e logares, que lhes dessem, e a rainha D. Urraca « gançou d'elrei D. Affonso seu marido, que em Lisboa e Guimarens podessem haver dous logares para elles habitarem[1]; » pelo que é manifesto, que se os franciscanos já estavam estabelecidos no reino desde 1214, nem careceriam de pedir licença para habitarem ermidas, se lhas dessem; nem teria logar o já mencionado conselho, em que se resolveu, que podessem ser admittidos no reino: donde concluimos, que estes foram os primeiros, que entraram no reino, o que foi no anno de 1217. Nem deve embaraçar-nos o que diz D. Nicoláo de S. Maria, na chronica dos regrantes, onde, escrevendo sobre a vinda dos primeiros franciscanos a Portugal, quer, que viessem em 1212, e que então fundassem em Guimarens um convento, que em 1214 fosse visitado por S. Francisco[2].

Dissemos, que em 1219 não estava ainda principiada a fundação do convento de S. Francisco da ponte: porque quando nesse anno passaram por Coimbra os cinco frades menores fr. Otto e seus companheiros, que depois foram martyrisados em Marrocos[3], estiveram pousados na ermida de S. Antão (hoje S. Antonio dos Olivaes), que D. Urraca em 1217 para 1218[4] tinha dado aos religiosos de S. Francisco para fundarem o seu convento: parece-nos, que, sendo nesse tempo ainda tão poucos os frades, não deveriam ter na mesma cidade duas fundações; nem ha documento ou memoria alguma, que falle da fundação do convento no anno, em que os religiosos e depois Santos Martyres, aqui estiveram; nem ainda, quando S. Antonio nos annos seguintes foi noviço no convento dos Olivaes: donde queremos deduzir, que a fundação é posterior a este anno (1219).

Morrendo em 1211 D. Sancho I, logo o infante D. Pedro se ausentou do reino por causa de discordias, que entre elle e seu irmão D. Affonso II se suscitaram[5]: e já em 1212 elle vinha com elrei de Leão, quando este, para defender D. Sancha e sua irmãa, entrou no reino com mão armada; o que bem se conclue da carta, que nesse mesmo anno elrei D. Affonso II escreveu ao S. Pontifice, e a que este se refere, quando na sua Bulla diz que elrei de Leão occupára alguns castellos, dos quaes entregou um ao infante D. Pedro[1]. Em 1219 já o mesmo infante se achava em Marrocos[2], quando ahi chegaram os cinco martyres, cujas reliquias elle trouxe á Hespanha em o anno 1220, d'onde as enviou a Coimbra[3], e não voltou mais a Portugal senão em 1247, quando veio auxiliar seu sobrinho o conde de Bolonha na guerra, que este teve, quando veio tomar posse do governo do reino pela deposição de Sancho II[4]: e diz o chronista da ordem serafica, que, vendo elle aos frades descontentes da casa dos Olivaes, pela devoção, que tinha aos Santos cinco Martyres, os quiz melhorar de sitio, e lhe principiou a fundação do convento, que depois se chamou da ponte[5]. Em 1248 já o infante estava na Hespanha[6]; pelo que asseveramos, que de 1247 para 1248 teve logar o principio da fundação. É por tanto menos exacto, o que dizem alguns, que esta se verificou em vida de S. Francisco, que morreu em 1226, talvez, por que lendo as chronicas antigas e documentos, que affirmam, que o convento dos Olivaes, foi fundado em vida de S. Francisco, julgassem, que por isso dizia respeito ao convento da ponte, por ambos serem de franciscanos.

Não pôde o infante concluir a fundação, por logo sair do reino; mas deixou sua irmãa natural D. Constança Sanches encarregada de o fazer. Não chegou porem esta a acabar o convento, por que morrendo em 1269 deixou no seu testamento, feito nesse mesmo anno, algumas verbas para a continuação da egreja[7].

Não podemos designar tambem ao certo o anno, em que toda a obra se concluio; mas parece, que não foi antes do anno 1317: por que em uma doação feita em Julho desse anno, indicando-se o sitio de um olival, se diz: *em que ora britão os frades menores pedra pera sa egreja*[8].

Foi sagrada a egreja do convento em 20 de fevereiro de 1362 por D. Vasco arcebispo de Toledo, que se havia retirado da Hespanha para Coimbra, para fugir á persegui-

1 Chron. cit. liv. 1. cap. 7. cit.
2 Chronic. dos regrantes pag. 200.
3 Chron. seraf. l. 2. cap 28. t. 1. — Fr Marcos chron. dos men. l. 4. c. 3.
4 Chron. seraf. t. 1. cit. l. e cap. — Cathalogo das rainhas de Portug. por D. José Barbosa pag. 141.
5 Bossuet, capit. un. hist. pag. 329. Mariz diz que foi em 1212; mas a mon. lus. prova que foi em 1211 l. 12. cap. 34.

1 Mon. lus. liv. 13. cap. 5.
2 Mariz d. 2. cap. 11. e outros.
3 D. Pedro, trazendo de Marrocos as reliquias dos cinco Martyres, veio com ellas para Leão, e de lá as enviou a Coimbra por um fidalgo, chamado Affonso Pires d'Arganil. Mon. lus. l. 13 cap. 18. — Esperança etc.
4 Mon. lus. l. 16 cap. 11.
5 Chron. seraf t. 1. l. 2. cap. 29.
6 Mon. lusit. liv. 16. cap. 11 cit. Annaes d'Aragão por Geronimo Çurita t. 1. pag. 161.
7 *Quia facio et propono perficere si Deus voluerit, Ecclesiam fratrum minorum Colimbricensis, mando eidem Ecclesiæ CCC libras. Item — mando Ecclesiæ Colimbricensis de ordine fratrum minorum......, et 1 (a) libras pro ad faciendum unum altare beatæ catharinae.... (b).*
8 Hist. seraf. t. 1. liv. 2. cap. 29.

(a) 1. talvez *mil*. Elucid. de S. Ros. diz que 1 no seculo 10 e 11 e 12 valia *mil*.
(b) Provas para a hist. geneal. t. 1. pag. 23.

ção de D. Pedro, *o cruel;* e que depois fôra bispo desta cidade. Tiveram tambem parte na cerimonia da sagração o bispo de Viseu, e fr. Gil, bispo de Cirendoni [1].

Quiseramos poder dar uma idêa deste celebre edificio, que sem duvida deveria ser de boa traça; mas nem os historiadores fallam de sua architectura e capacidades, nem hoje existe algum vestigio, que podessemos examinar. Descobrimos sómente na Quinta de S. João do *piolho* tres grandes imagens de pedra de oito a dez palmos cada uma, em tres nichos d'alvenaria: a primeira de S. Antonio, a segunda da Senhora da Conceição, e a outra de S. Francisco; e é tradição nos senhorios desta quinta, que estas imagens pertenceram ao antigo convento de S. Francisco da ponte, como se collige de uma inscripção, que está junto á imagem de Nossa Senhora, a qual diz: «esta imagem de N. S. da Conceição, e a de S. Francisco, e de S. Antonio foram do convento velho da ponte, de que eram bemfeitores os SS. desta quinta 1609 [2].» Se isto é verdade, e as imagens pertencessem á egreja, ou á frontaria do convento, o que é mais de crer, deveria o edificio ter grandes dimensões. Não deixaremos de notar, que a historia breve de Coimbra pelo licenciado B. de Brito Botelho se enganou, quando diz, que o convento de S. Francisco da ponte, fundado pelo infante D. Pedro, *tem sobre o segundo andar do dormitorio o seu claustro e refetorio, e mais officinas*, etc.; porque isto diz respeito ao convento moderno; como elle mesmo entende, quando diz: *porque logo por cima fica o regio convento de S. Clara*, etc.; e não ao convento, fundado por D. Pedro, que era o velho, e de que já no seu tempo nem vestigios havia [3].

Parece, que já em 1506 de tal modo as cheias do Mondego importunavam o convento, que o sñr. D. Manoel, vendo o grande perigo, em que estavam os religiosos, e os grandes incommodos, que sofriam, alcançou do papa Julio II uma Bulla para elles se poderem mudar: todavia os frades só em 1594 se resolveram a deixar seu antigo convento, por já ahi não poderem habitar [4].

Procuraram com effeito novo local para fundarem nova casa, e escolheram o sitio chamado á *Jenicoca* fóra da porta do castello; mas que vieram a ceder aos carmelitas descalços [1] para elles fundarem o seu collegio. Escolheram então ficar atraz do seu convento velho nas faldas do monte da Esperança: onde em 2 de maio de 1602 lançou a primeira pedra o grande e virtuosissimo bispo de Coimbra D. Affonso de Castello Branco, sendo provincial fr. Amador de S. Francisco [2]. Este novo convento foi feito de esmolas, como affirma a inscripção, que está sobre a porta principal da egreja: *«estas obras se fizeram com esmolas dos fieis christãos.* Em duas outras inscripções, que estão sobre as outras duas portas, tambem se lê: *Em 2 de maio de 1602 se lançou a primeira pedra neste edificio:* isto n'uma, e na outra: *Em 29 de novembro de 1609 se passaram os religiosos para este convento* [3].

Foi pois neste dia 29 de novembro de 1609, que com mui solemne acompanhamento fizeram os religiosos a sua trasladação [4]. O convento velho foi-se logo demolindo, e já em 1641 apenas existia descoberto um pedaço de parede, que nesse mesmo anno foi desfeito por pedreiros [5]; desaparecendo assim os ultimos vestigios deste recinto consagrado á honra de Deos, á practica da virtude, e que fôra habitado quasi quatrocentos annos!

Muitos são os acontecimentos, que a historia patria nos refere succedidos neste convento e sua egreja.

Aqui elrei D. Diniz ordenava suas tropas, para obrigar á força d'armas, e reduzir á obediencia seu filho o infante D. Affonso, que, indignado pelas demonstrações de amor e carinho, com que seu pai tractava a seu filho bastardo, D. Affonso Sanches, se havia levantado contra elle; vindo a congraçar-se em fim, depois de varios recontros, pelos rogos e lagrimas da rainha S. Isabel [6].

Aqui o infante D. Diniz, filho d'elrei D. Pedro I e de D. Ignez de Castro, esteve alojado com seus camaradas, quando, seguindo o partido de Henrique II de Castella, entrou no reino para fazer guerra a D. Fernando, por este se haver alliado com D. João duque de Lencastre pertendente da corôa de Castella [7].

Aqui se aquartellaram D. João Affonso, conde de Barcellos, João Rodrigues Portocarreiro, João Affonso, cabeça de vacca, fidalgos da comitiva de D. João I de Castella, quando, pertendendo a corôa de Portugal de que se dizia herdeira D. Brites, sua mu-

[1] Hist seraf. l. 2 cap. 29. = Hist. de S. Domingos liv. 3. cap. 4. Alguns dizem, que D. Vasco não foi bispo de Coimbra; porem temos, alem das provas, que appresenta o erudito auctor do cathaloge dos bispos de Coimbra nas memor. d'acad. da hist. poet. para o anno de 1724 pag. 114, um documento de S. Anna de Coimbra, onde se lê: na era de 1403 annos (an. de chr. 1365) 14 dias do mes de novembro na cidade de Coimbra dentro na sée da dita cidade.... perdante Joham Rodrigues prior de Teixoso, e vigario geral do onrado padre, e senhor dom Vasco, por merçê de Deus e da santa egreja de Roma, bispo da dita cidade.

[2] Esta inscripção não tem signaes de muito antiga; parece, segundo as confrontações, que fizemos ser dos principios deste seculo.

[3] Hist. breve de Coimbra pag. 20.

[4] Hist. seraf. t. 1. l. 2. cap. 32.

[1] Cit. hist. seraf.

[2] Cit. hist. seraf.

[3] Alguem diz que a obra fora feita á custa do bispo, e que por modestia mandara ali pôr aquella inscripção.

[4] Cit. hist. ser. l. 2 cap. 33.

[5] Idem.

[6] Nunes de Leão, chron. de D. Diniz fol. 194 = Nobiliario do conde D. Pedro tit. 7 fol. 83

[7] N. de Leão, chron. de D. Fernando fol. 199 — hist. seraf. l. 2. cap. 30.

lher, filha de D. Fernando, entrou no reino com mão armada, chamado por D. Leonor sua sogra, e esteve em Coimbra [1].

Aqui estiveram as cadeiras de theologia, pertencentes á universidade, no tempo do senhor rei D. Diniz [2]. Aqui tambem veio expirar na flor de seus dias, D. Filippe, principe de Ceitava, que, sendo em Ceilão prisioneiro pelos portuguezes, e cathecumeno no collegio de Gòa, veio para Lisboa, e d'ahi para este convento, onde deveria seguir os estudos [3].

Tudo isto porem não é tão notavel, como o acto das côrtes de 1385, em que foi acclamado rei na egreja do convento, e talvez coroado, D. João, Mestre d'Aviz, e já então defensor do reino [4]. Eram criticas as circumstancias do reino, mais do que um os pertendentes, a decisão das côrtes importava talvez a independencia nacional; mas a sagacidade de João das Regras, e o valor decedido de D. Nuno Alvares Pereira, dirigindo a favor do Mestre d'Aviz os votos da assemblêa, livraram a patria do jugo extrangeiro, e deram-lhe um rei excellente, pai e protector de seus subditos.

J. A. PEREIRA.

METHODO DE JACOTOT APPLICADO Á INSTRUCÇÃO PRIMARIA.

Em 1831 Joseph Payne, fazendo compendiosa exposição do methodo de Jacotot, no ensino primario, tentou vulgarisal-o em Inglaterra; e foi-lhe facil achar collaboradores em um paiz, onde se attende seriamente ao principio da economia de tempo. Promettia-se ensinar por aquelle methodo a *ler e escrever em quinze dias*.

Consistia o novo descobrimento em começar a ler palavras ensinadas a pronunciar pelo mestre, apresentando-as escriptas em tabellas, que apresentavam juntamente as mesmas palavras divididas nas suas syllabas componentes. Assim collocavam em uma tabella

The grief of Calypso forthe de parture of Ulisses would admit of no confort.

The grief of Ca-ly-pso for-the de-par-ture of U-lis-ses would ad-mit of no con-fort.

Depois de saberem os alumnos pronunciar estas palavras, e conhecerem o valor de cada uma das syllabas, que as compõe, exercitavam-os em achar as mesmas palavras em paginas diversas do livro abertas ao acaso, para haver a certeza de que dellas tinham conhecimento perfeito.

Similhantemente se ensinavam a escrevel-as, imitando a escripta do mestre; e se corrigiam os defeitos quanto á fórma, dimensões, e direcção das letras.

Repetidos ensaios convenceram da exageração de apprender em quinze dias; mas o que se verificou, foi que em poucos mezes chegavam a saber o que pelo methodo antigo exigia annos. Já era grande a vantagem do novo methodo; mas não obstante foi abandonado: e este facto n'um paiz tão amante do progresso verdadeiro, tão emprehendedor, e tão perseverante, é altamente significativo. Graves devem de ser os inconvenientes que embargaram o passo a um methodo tão enthusiasticamente adoptado, apenas conhecido.

Quem reflectir no mecanismo, e execução do methodo, facilmente comprehende, que os seus resultados dependem essencialmente dos dotes pessoaes do professor. É mister que este tenha alem da clareza e precisão, muita tolerancia, resignação, e pachorra para dirigir um ensino, que dá mais trabalho ao professor do que ao alumno. Não póde ser applicado a muitos alumnos em grau differente de adiantamento por um só professor; por que este poderá apenas leccionar duas classes no espaço de tempo que é licito demorar os meninos em trabalhos de eschola: e assim seriam necessarios mais professores em cada eschola; ou o ensino se confiará a monitores; e teremos os inconvenientes do methodo mutuo.

É innegavel a vantagem de appreciar as lettras na leitura, não pelo seu valor nominal, mas pelo de suas combinações. Se ao conhecimento destas se juntam as idêas que exprimem; se começar o ensino da leitura pelos nomes dos objectos, que os meninos conhecem, pelas phrases que usam em suas conversações familiares, o apprendizado será muito mais facil. É sem questão vicioso o methodo de carregar de abstracções o espirito, que não sabe abstrair, de apprender nomes de letras, syllabas, e palavras, a que não póde ligar idêas, de metter na memoria das crianças uma *indigesta moles*, que facilmente se evapora por desacompanhada de idêas. A idêa da palavra, o juizo da phrase, acompanhando a sua expressão, fixa na memoria o conhecimento de seu valor. O menino que aprende a pronunciar o seu nome escripto, ou de pessoa sua conhecida, com facilidade alcança o valor das syllabas, que o compõem; e os nomes das letras, de que estas são formadas. Neste methodo de aprender são continuamente activas as faculdades mentaes: e á natureza destas repugna a operação passiva.

Não cremos que admitta contestação o principio philosophico em que o methodo assenta. Mas como, e em que extensão póde elle ser applicado á instrucção publica?

O ensino individual admitte o principio em toda a sua entensão.

O simultaneo só a póde admittir para

[1] D. João I. de Castella esteve nos arrabaldes d'alem do rio. Nun. de Leão, chr. de D. João I cap. 20. — Memor. para a hist. de D. João I.

[2] Hist. seraf. aliás, mon. lus. liv. 16. cap. 73, 83 etc.

[3] Hist. seraf.

[4] Mariz d. 4. cap. 1. — N. de Leão chr. de D. João I. — Mon. lus. etc.

alumnos de uma até duas classes. Nas escholas do estado, em que não póde negar-se entrada a um alumno, seja qual for o seu gráu de instrucção, o professor tem que dividir a aula de ordinario em seis e mais classes; e neste caso a eschola precisará de tres professores; e com sallas separadas para evitar a confusão no ensino. As despezas com a instrucção crescem extraordinariamente neste methodo de ensino. O tempo que forra, e o caracter da instrucção, e da educação moral compensam aquelle augmento? É o que ainda se não dá por averiguado. Não tem progredido os ensaios em Inglaterra, França e Belgica. A exposição publica dos alumnos no primeiro destes paizes parece não ter abonado a excellencia do methodo; porque se notou não ser solida a instrucção que elles apresentavam. Carece pois ainda da sancção da experiencia.

Se ao methodo de Jacotot accrescentarmos a harmonia musical, os contos engraçados, e as figuras symbolicas das letras do alphabeto teremos o methodo de leitura, dita repentina, que por hi corre com o cunho de grande novidade.

A musica e a distracção dos contos muito concorrem de certo para fazer agradavel um estudo fastidioso nas edades da infancia, em que a applicação séria não póde ter logar. A lingoagem symbollica dizem uns que é inutil, outros que prejudicial pela confusão que faz a dessimilhança das letras das figuras que as representam.

Havendo neste os inconvenientes apontados no methodo de Jacotot, ainda se não póde assentar juizo seguro das conveniencias. Ha opiniões encontradas, e de homens competentes. Uns o tem por verdadeira utopia; outros proclamam vantagens decisivas e demonstradas. Temos por exagerado o que se allega de um e outro lado. A concorrencia aos exercicios do novo methodo, os pasmosos resultados, que se referem, não provam quanto á primeira vista parece. Um remedio novo sempre acha muitos panegiristas. Por muito que se diga não é tanto como os encomios votados ao methodo de ensino mutuo: e o methodo d'ensino mutuo cahio em descredito. As vantagens de um methodo de ensino não se podem apreciar em poucos mezes, nem poucos annos. E os factos bem averiguados dizem que a concorrencia ás escholas de leitura repentina tem progressivamente diminuido; e n'algumas inteiramente cessado: que os alumnos apresentados ao publico em prova da excellencia do methodo, tinham já anteriormente frequentado outras escholas. Não chegou ainda a hora marcada para um juizo seguro, e definitivo. O tempo, e só o tempo será o juiz imparcial. Mas o qué a investigação legal dá já por assentado, é que tem alguma vantajem o novo methodo sobre o antigo; mormente no ensino dos adultos reunidos n'uma só classe. M.

DISCURSO DE MR. LAMARTINE,

recitado na academia franceza em 1830, tomando posse do logar, que ficou vago, pela morte do conde Daru.

Senhores! Chamado pela vossa indulgencia, porque as minhas habilitações são assás limitadas, á honra, que venho hoje gosar, de ver inscripto, entre os nomes do seculo, de que vós sois o ornamento e a flôr, um que de vós tudo recebe, e mui pouco vos póde dar; tenho-me demorado em vir tomar posse desta porção d'illustração, que me conferistes, e em vos tributar o meu reconhecimento, e manifestar a minha satisfação: sim, eu a sentia então! A distincção, com que vossos suffragios m'ennobreceram, essa gloria das lettras, de que a vossa escolha é a recompensa, ou o presagio, essa scintilla d'estima e de benevolencia, que sobre uma familia, sobre a patria, diffunde a eleição d'um de seus filhos; todos esses prazeres d'espirito, da familia, da patria, eram para mim duplicados, porque se repercutiam n'outro coração! Esse tempo porem já lá vai! e por mais dias, que a existencia humana conte, nenhum póde restituir ao homem, o que lhe arrebata esse dia fatal, em que elle lê nos olhos dos amigos, o que labios alguns ousariam pronunciar: Tu não tens mãe! Todas as deliciosas memorias do passado, todas as ternas esperanças do futuro s'esvaecem ao som destas palavras, que como um espectro nos seguem em todas as faces da vida, e são um lugubre véo, indelevel na propria presença da gloria humana! De que servem as corôas, os gosos e prosperidades, se entre ellas se mette a fria lousa do tumulo! Dest'arte a providencia, que preside a nossos destinos, aguarda-nos com uma sentença de morte no momento de nossos vãos triumphos! e bem á similhança da insultuosa profanação, de que eram misturadas as honras dos antigos, ella, quando nossos corações s'exaltam, e quando nossa ventura parece mais completa, fulmina-nos com este apophthegma: Tu és nada! tu és um homem! tu pertences á morte! tu és filho do pó!

Quando me dispunha para vir pagar á memoria d'um homem, que eu não conhecia, o tributo de vossas funereas homenagens e as da França; quando procurava em vossos corações, nas recordações de sua inconsolavel familia, saudades e elogios; uma inesgotavel fonte de lagrimas s'abria em meu proprio peito; e essa dôr, que eu tentava pintar, senti-a eu, e embargava minha penna!

Concedei-me, Senhores, benevola desculpa, s'eu correspondo tão debilmente ao que vós tinheis direito a esperar do successor do conde Daru! ao que de mim exigia a memoria deste homem grande, que em vida mereceu o nome de probo! Neste templo da palavra fallo uma linguagem, que não é a minha;

fallo d'uma dôr publica absorvida pela que m'é peculiar; fallo d'um homem, cujo nome de per si só illustra a sua memoria, e cuja vida merece os conscienciosos louvores dos homens de bem.

Poeta, philosopho, orador, historiador, administrador, estadista, são outros tantos titulos, que provocam a vossa e a minha admiração! Vós procurais o segredo da sua universalidade no homem, quando elle está no tempo, em que viveu, porque a historia do nosso talento é por via de regra a da nossa vida.

O conde de Daru nasceu, e appareceu na scena do mundo, n'uma dessas raras epochas, em que a sociedade em dissolução é zero, e o homem tudo; epochas funestas para a generalidade, e gloriosas para o individuo! tempos borrascosos, que estimulam o genio, quando não o annullam; tempestades civis, que engrandecem o homem, quando não o arrojam ao abysmo. Nos dias de bonança e d'ordem, o espaço para as façanhas de cada um é estreito, porque a senda está traçada; e, para assim dizer, escripta d'antemão a sua vida. Nascemos na classe, para que a fortuna nos destina; e a sociedade não permitte, que se transponham as suas graduações: de sorte que em um estado normal é forçoso seguir os que nos precedem, impellidos pelos que nos acompanham em um leito social já trilhado; e nós caminhamos por elle com passo mais ou menos firme, segundo as nossas forças; se, transpondo-o, grangeamos celebridade, o nosso nome é invocado; e em duas palavras somos symbolisados! e eis aqui a pagina de nossa vida em um seculo, a de centenares d'outros com a simples mudança de nome! Mas nesses dramas desordenados e sanguinolentos, em que se regeneram os imperios, ou s'arrastam á sua quéda, quando é derribado o systema antigo, e o novo não está ainda criado; nesses grandes e medonhos interregnos da razão e das leis, em que o pensamento não ousa reflectir, e sobre os quaes a propria historia lança um espesso véo, para não despertar a sua sinistra recordação! tudo muda, a scena é invadida, os homens não são já actores; são homens, que despem a mascara, que se medem corpo a corpo, que abandonam a linguagem convencional de seus papeis, para adoptarem a vehemente e espontanea de seus interesses, de suas necessidades, de suas paixões, ou de seus furores! heroismo, cobardia, talento, genio, estupidez, tudo serve, toda a arma é boa! tudo tem seu predominio, influencia e acceitação. Um cái, para subir outro, nenhum está na sua posição, ou pelo menos não persiste nella; o mesmo homem, elevado pela instabilidade da onda popular, está sujeito ás mais duras vicissitudes, e exerce os mais oppostos encargos: a fortuna zomba do talento e do genio! São necessarios discursos para as praças, planos para o conselho, hymnos para o triumpho, conhecimentos para a legislação, mãos habeis e probas para as finanças. Procura-se um homem! seu merito o designa, e o perigo não admitte desculpas, nem recusas! ao acaso se lhe impõe os encargos os mais desproporcionados ás suas forças, os mais repugnantes até ás suas inclinações: e s'entre estas victimas do favor popular, apparece um homem dotado de virtudes, e de valor, activo e energico, emfim proprio para a missão honrosa e difficil, que se lhe confia, e que elle acceita, porque a sua superioridade, o seu civismo, e a sua consciencia a isso o determinam, o espirito deste homem sái da esphera vulgar, desenvolve-se o seu talento; as suas faculdades multiplicam-se, cada encargo cria-lhe uma habilitação, cada sacrificio uma virtude, as circumstancias tornam-no grande, e a necessidade fal-o universal; e quando apos a anarchia succede o governo, esse governo procura apoiar-se nos elementos, que a revolução não destruiu, e como n'aquelle individuo não vê já o homem da turba, mas o da ordem, o da reparação, aproveita-o, engrandecendo-o, porque o considera seu. Este homem é Mr. Daru, o segredo da sua universalidade acha-se escripto em seu destino, e o das suas luzes, e de seu genio vos será revelado pelos seus actos e pelas suas obras.

Mr. Daru, nascido em Montpellier em 1767, d'uma illustre e honrada familia, recebeu uma educação analoga ao seu nascimento, e foi destinado para a vida militar. A revolução surprehendeu-o no verdor dos annos, como a aurora d'uma regeneração moral e politica, porque então ainda s'ignorava, que os povos não se regeneram com theorias, mas com a virtude ou com a morte; e o machado ensanguentado das revoluções não tinha entrado nos calculos da esperança. Daru passou sob as armas o periodo, em que a França inteira lançou mão dellas, e estando empregado no ministerio da guerra, abandonou o seu logar a 18 do Fructidor (duodecimo mez da republica franceza), para servir a patria nos perigos, que a ameaçavam. Dez mezes de prisão foram a recompensa deste dia d'enthusiasmo e de valor. Quartel-mestre general dos exercitos, secretario geral do ministerio da guerra, commissario para a convenção de Marengo, seu nome figurou nos relatorios de nossas victorias; e na administração dos exercitos, até alli confusa, como a desordem, improvidente, como o acaso, começou-se a conhecer a influencia das suas luzes e da sua probidade; e o homem, cujo volver d'olhos equivalia a uma sentença, tinha-o estremado da multidão, e reconhecido nelle essa paciencia e energia, que elle na sua linguagem pouco limada comparava ao boi, e ao leão. Cedo vamos achar tribuno a Daru; este titulo não quadra ao seu nome, porque de tribuno tinha unicamente a denominação. Sahido da eschola da anarchia,

dotado d'um espirito firme, e d'um coração recto, comprehendia melhor nesta epocha o poder, doque a liberdade, porque o poder era a necessidade do momento; e é ao horror da licença que cumpre ir procurar o principio de dedicação no homem, que foi o poder encarnado, porque a sua vontade foi inflexivel. Entre a dictadura e a anarchia, Daru, como a França não tinha por que optar; a transição da licença para a liberdade não s'opera, se não por meio da tyrannia; intendente geral do grande exercito e dos paizes conquistados, secretario d'estado em 1811, ministro da guerra em 1813, desenvolveu em todos estes cargos valor d'espirito, fertilidade de recursos, inflexibilidade de deveres, sendo por estes dotes admirado, muitas vezes abençoado, e algumas vezes temido nas provincias conquistadas. Terrivel ministerio é para um coração generoso servir d'orgam á victoria, e ter d'exigir aos povos vencidos, ou a paga de sua liberdade, ou o resgate de sua derrota! O caracter de Mr. Daru atravessou intacto por esta violenta prova, e nas funcções, em que Roma empregou os seus mais inexoraveis proconsules, em que as nações aterradas esperavam encontrar Verres, experimentaram os benevolos effeitos da sua probidade, do seu espirito elevado, e do seu coração de homem honrado.

No exercicio de tantos cargos differentes, em que o pensamento difficilmente acharia um momento de distracção, como achou elle tempo para a philosophia, a historia e a poesia? Achou-o nos momentos sempre empregados, nas horas roubadas por minutos, não a seus deveres, mas ao prazer, á noite, ao somno, e em uma alma sempre activa, para a qual o trabalho era o descanso do mesmo trabalho.

As traducções de Horacio, de Cicero, de Casti, um poema sobre Washington, sobre os Alpes, e sobre a *Fronde*, uma carta a Delile, discursos em verso, discursos á academia, trabalhos sobre bibliothecas, e liquidações, a historia da Bretanha e de Veneza, em fim um poema acerca d'astronomia, recentemente publicado, e que promette abrilhantar seu tumulo com um raio tardio, mas o mais resplandecente de sua gloria, foram os mimosos fructos de suas lides nos momentos, que devia consagrar ao repouso de suas laboriosas tarefas.

Vós, Senhores, conheceis quasi todas as suas obras; elle comprazia-se em submetter-vos os ensaios de seu espirito, porque os vossos votos eram o anticipado auspicio da sua boa recepção na opinião publica, a qual elle queria conquistar com o mesmo afan e lealdade, com que tinha adquirido a sua fortuna.

Dos discursos, que pronunciou neste recinto, merece distincta menção a sua resposta ao duque de Montmorency, tão cedo arrebatado ás esperanças da nação e á confiança do throno, e que vos apresentava como seus mais gloriosos titulos, a alma de Fenelon, de quem tinha recebido as inspirações.

Daru honrava-o, apezar d'elle s'assentar em bancos oppostos, porque todas as virtudes se comprehendem. Em sua resposta fallou-lhe da sua piedade celeste, e da sua infatigavel caridade, porque era o unico homem, de cujas virtudes se podia fallar face a face, porque de todos eram conhecidas, menos delle. Morreu! e a voz da bemaventurança s'ergueu sobre seu tumulo, e immortalizou perante vós essa vida, cujo termo pareceu mais o mystico somno do justo, doque a morte. Não posso pronunciar o seu nome, esse nome, que vivirá sempre em meu coração, sem fazer uma pausa, sem saudar ao menos com uma lagrima, com um respeito essa virtude, que fulgiu em nossos dias de tempestade, como um arco iris de reconciliação e de paz, que figurou nos partidos para concilial-os; nas lettras para as illustrar, e na politica para a ennobrecer.

Mais feliz, ou mais desgraçado do que a maior parte d'entre vós, eu associo á dôr e saudade geral da França e da Europa, a d'uma cara e illustre amizade, que perdi. As ultimas linhas, que sua mão moribunda traçou, essas linhas interrompidas pela morte, eram-me dirigidas, e esta prova de distincção não se riscará de meu coração, a ella hei de ser sempre fiel. O titulo mais honorifico para mim é o de ter merecido a amizade d'um tal homem, e a minha mais doce consolação a de achar-me ligado á sua memoria, para sempre a venerar.

A obra predilecta de Mr. Daru era a traducção de Horacio, começada nos carceres do terror, proseguida e acabada nos campos, nos palacios, através de todas as vicissitudes d'uma vida tão trabalhada e tão agitada sempre.

Horacio era o poeta da epocha, como Dante é o da nossa: cada epocha adopta e restaura alternativamente esses genios immortaes, que são sempre tambem homens filhos das circumstancias, ella se refunde nelles, porque são a sua imagem, trahindo a sua natureza, para seguir as suas predilecções. A epocha assimilhava-se á d'Augusto: a Europa acabava de passar pelas penosas provas d'uma revolução, que ainda não comprehendia; era necessario desviar os olhos d'um passado manchado de sangue e d'opprobrio, ser insensivel ás mudanças no pessoal e no systema governativo, aos queixumes ou adulações, e em fim ao servilismo popular. Era necessario saltar por cima de tudo, lançar sobre todas as cousas uma vista superficial e indifferente, para não encarar com o horror, ou com o desprezo, prégar aos homens essa doutrina esteril e facil, esse epicurismo da razão, que não causa remorsos á escravidão, nem inquieta a tyrannia, que se vinga de tudo e de todos com um ligeiro sorriso ironico, que

deleita a indifferença e consóla a fraqueza, que desculpa a relaxação, e em fim em que o vicio e a virtude s'ataviam do mesmo modo. Neste caso está Horacio, o amigo de Bruto e de Mecenas, o homem, que abate o seu escudo na presença dos Filippes, e que canta a firmeza estoica, *justum ac tenacem*, entre as delicias do Tibur e os deleites de Roma. Um poeta tal devia agradar em tal momento. O poder inquieto devia vêr com uma alegria secreta os espiritos desvairados dos grandes pensamentos das resoluções serias, entregarem-se a essa indulgente e branda philosophia, que arrosta o destino com paciencia e encara os homens sem animosidade. Os tyrannos e os povos, tão ávidos uns e outros d'adulações, teem sempre acolhido bem os poetas desta eschola. Não é para elles que s'abrem os cárceres de Ferrara, que se levantam os cadafalsos de Roucher, e d'André Chenier, que Syracusa tem praças e Florença exilios, porque elles cantam nos banquetes dos poderosos e nas saturnaes populares ornados de monotonas graças. Uma sympathia occulta liga estes poetas a todos os tyrannos, porque elles deleitam, em quanto os sophistas irritam o coração e excitam contra si o rigor d'aquelles. Daru porem não teve tal pensamento, quando deu ao prélo a traducção de Horacio. Horacio era o amigo de sua alma, e elle queria que o fosse do seu seculo; empreza do espirito humano a mais difficil, senão impossivel. A individualidade d'uma lingua e d'um estilo não se traduz, porque é tão incommunicavel como outra qualquer individualidade. O mais que é possivel, é verter d'uma lingua para a outra o pensamento do auctor; mas a fórma desse pensamento, seu ornato e sua harmonia excedem as forças do traductor; e quem póde dizer, qual a fórma em relação ao pensamento e a côr á da imagem? Se o que se pretende tradusir não é um pensamento e somente uma impressão fugitiva, uma visão imperfeita da imaginação, ou da alma do poeta, um som vago e confuso de sua lyra, uma graça do seu espirito sem enfeites e sem atavios, que resta ao traductor? algumas palavras sem expressão, nem graça, similhantes ás moedas d'um metal escuro e pesado, pelas quaes se troca a drachma d'ouro cheia de fulgor pela sua qualidade e cunho.

Na poesia d'outra edade ha tambem sempre uma parte já morta, uma significação dos tempos, dos costumes, dos logares, dos cultos, das opiniões, que não podemos pintar, porque não a comprehendemos! elimine-se d'uma poesia a sua data, a sua crença, em fim a sua originalidade, que restará? o que resta d'uma estatua dos deuses despojada do caracter divino, um bocado de marmore mais ou menos trabalhado. A revolução, que o christianismo produsiu na poesia, essa revolução, cujos progressos são sensiveis em Dante, em Milton, em Tasso, Petrarca e Athalie, tem tido lento desenvolvimento entre nós! Em nossos corações estava o christianismo, e em nossos labios o paganismo; e desta contradição nascia a frieza e o desacôrdo entre a nossa poesia e o coração humano; todavia essa revolução se manifesta emfim, e nos emancipa d'uma musa sem individualidade, d'uma philosophia sem esperanças e sem principios, d'uma mythologia sem fé, e nos pede alguma cousa grave e mysteriosa, como o destino humano, elevada como nossas esperanças, infinita como nossos desejos, severa como nossos deveres, profunda e terna como nosso pensamento e affeições. Finalmente pede-nos o que o chefe de toda a poesia moderna muito bem definiu do seguinte modo, *il parlar che nell anima si sente*, essa linguagem, que s'entende, que se falla, que echôa na alma humana, como o echo vivo de nossos sentimentos os mais intimos, como a melodia de nosso pensamento.

Continúa. AMANDIO T. B. FEIO.

ADVERTENCIA.

Não me constando o acharem-se vertidas para portuguez, ou pelo menos o correrem impressas traducções algumas para o nosso idioma das Elegias do poeta Ovidio, sem dúvida um dos mais primorosos poetas latinos, emprehendi ha annos a versão de algumas das suas Elegias dos cinco livros *Dos Tristes*, entre ellas escolhendo as, que me pareceram mais dignas de serem conhecidas.

Apresento agora este meu trabalho, o qual estou bem longe de dar por perfeito, servindo apenas para estimular a outrem, para que o faça melhor.

Se não fôra, alem de velho, o achar-me quasi cego, poliria mais a minha traducção, e até a faria completa de todas as Elegias destes cinco livros, e dos quatro *Do Ponto*: Agradeça-me o publico Portuguez a boa vontade, fallo d'aquelles, que ainda cultivam a litteratura latina, e sabem dar-lhe o apreço, que com tanta razão ella merece.

Em 11 de junho de 1853.

O conselheiro *Freire de Carvalho*.

P. OVIDIO NAZÃO :

Dos Tristes — Livro 1.º : *Elegia* 3.ª

ARGUMENTO.

Expõe Ovidio n'esta Elegia com palavras as mais lamentosas a dôr que a ordem de Augusto lhe causára, mandando-o desterrado de Roma para a Scythia; e declara o que fez durante a noite, que precedeo á sua partida. Descreve com palavras as mais sentidas as lagrimas da sua esposa; e dos seus domesticos. Diz a final, que logo no principio da sua viagem, lhe sobreveio uma grande tormenta no mar Jonio, da qual faz uma pin-

tura muito apropriada, tormenta, que a tal ponto aterrou os proprios marinheiros, que se julgaram inteiramente perdidos.

Quando á mente d'aquella noite a imagem,
Tristissima me occorre, a derradeira,
Em que dado me foi morar em Roma:
Quando da noite, em que deixei tão charas
Prendas me lembro, correm-me dos olhos
Pelo meu rosto lagrimas em fio.
Proxima a luz ja hia despontando,
Em que as raias deixar da Ausonia extremas,
De Cesar os decretos me ordenavam;
Para eu me preparar nem mente idonea,
Nem tempo havia ja; longa demora
Maior torpor aos membros meus daria:
De servos nem a escolha, e companheiro,
Nem roupas, nem dinheiro, quaes convinha
A um profugo arranjar, afflicto pude:
Estupido jazi, bem como aquelle
Aquem de Jove os raios fulminaram,
E mal sabe, se morto ou vivo existe.
Logo porém que a dor mesma esta nuvem
Me dessipou do espirito, e os sentidos
Seu uso recobrar em fim poderam,
O ultimo adeos, ja proximo á partida,
Dirijo aos tristes meus raros amigos;
De muitos d'elles um ou outro apenas
Via em torno de mim. A Esposa amante,
Chorando amargamente entre os seus braços;
A mim, tambem choroso, me apertava:
Digno de melhor sorte, por seu rosto
Uma chuva de lagrimas corria.
Da Lybia ao longe nos remotos climas
Minha filha morando, nos infortunios
Meus alhêa vivia. Aonde os olhos
Volvesseis, soar só luto, gemidos,
Poderieis ouvir, funereo tudo
Dentro da habitação se apresentava;
Meu destino fatal contrista a todos,
Ao marido, á consorte, aos proprios servos:
Sem lagrimas não há da casa um canto:
Se é licito empregar exemplos grandes
Em assumptos pequenos, tal de Troia
Era a face, em ruinas convertida.
Dos homens e dos cães soar as vozes
Ja não se ouviam, e as nocturnas pias
Delia ja no alto ceo hia guiando:
A ella os olhos erguendo, e o capitolio
Fitando, aos lares meus propinquo:
« O'Numes (exclamei) habitadores
« Tão visinhos a mim; templos sagrados,
« Que ja mais dos meus olhos serão vistos:
« Deoses, que de Quirino a alta cidade
« Dentro de si contém, e que a deixar-vos
« Sou por fôrça obrigado, eu vos saúdo
« Desde hoje, para nunca mais saudar-vos:
« E bem que após o golpe o escudo empunho,
« D'odios com tudo exonerai, ó Deoses,
« Este desterro meu; dizei a Augusto,
« Varão celeste, que imprudencia apenas
« Foi o que reo me fez, não ja nequicias;
« Bem como vós sabeis, o autor da pena
« Saiba-o tambem, e ao misero conceda
« Facil perdão, propicia divindade.
Com tal prece adorei do ceo os numes;
Minha Esposa com muitas, a miudo
A voz entrecortando-lhe os soluços:
Ante os lares tambem no chão prostrada,
Desgrenhada a madeixa, o fogo extincto,
Com seus tremulos labios os colara,
Contra os Penates exhalando adversos
Muitas vozes em vão, que ao deplorado
Marido nada obtem, que lhe aproveite,
— Eis ja precipitada a noite, espaço
Nenhum para a demora me outorgava;
E ja da Arcadia a Ursa, revolvido
O plaustro, hia a tocar quasi no oriente:
Que podia eu fazer? o amor da patria
Detinha-me ainda alli, mas derradeira
Noite era aquella a da ordenada fuga.
Ah! dando-me alguem préssa, vezes quantas
« Para que me instas, (disse) ah! sim repara
« Donde, e para onde accelerar-me intentas?
Vezes quantas a hora ja marcada
Para a viagem proposta; hora a mais apta,
Não tentei illudir? Toquei tres vezes
Da porta o limiar, e vezes tantas
Tornei a traz; que o pé tardio, inerte
Era aos dezejos meus condescendente:
Vezes muitas o adeus tendo ja dado,
Segunda vez tornei a repetil-o;
E ultimos beijos, como ja partindo,
Nas faces imprimi: as mesmas ordens
Dei tambem muitas vezes, e a mim mesmo
Eu me illudia, a pôr tornando os olhos
Da minha alma nos mais caros penhores;
E assim fallei em fim: » Por que me apresso?
« É para a Scythia que me ordenam parta;
« Devo Roma deixar; demora justa
« Qualquer dos dous desastres me permite.
« Eternamente, a mim vivo, é negada
« A viva Esposa e da familia o abrigo,
« E délla os mui fieis, fagueiros membros;
« E os, que um estreito fraternal enlace
« Prende o meu coração, leaes consocios:
« Oh! quaes os de Theseu, meus fidos peitos;
« Pois me inda é dado, abraçar-vos quero;
« Que abraçar-vos talvez nunca mais possa;
« Esta hora, que inda é minha, aproveitando....
Rapidamente em meio do discurso
Articuladas mal deixo as palavras,
D'alma abraçando a quantos me rodeiam.
— Em quanto fallo, e todos nós choramos,
Rompido tinha da manhã a estrella,
Para o ceo nitidissima, molesta
Para nós todos: d'elles separado
Fiquei, como se os membros meus deixara,
E do corpo uma parte me arrancassem.
(Tal Priamo ficou, quando o contrario,
Do que convinha, parecer seguindo,
Surgir vio da traição os vingadores
Do ligneo bojo do fatal cavallo.)
— Soltam então os meus clamor, gemidos;
Com as mãos laceram os despidos peitos;
Abraçada comigo a terna Esposa,
Ao seu chôro estas vozes tristes ajunta:
« Arrancar-te de mim (diz) ninguem pode.
« Iremos ambos, sim ambos iremos;
« Quero seguir-te, quero ser chamada
« Do desterrado a esposa; emprehender posso
« A viagem comtigo: a última terra
« Asilo me dará; carga pequena,
« Qual sou, profuga não ha-de accolher-me?
« Se a ira de Cezar te retrahe da patria,
« Della me faz sahir o amor de esposa,
« Iguala-me este amor ao proprio Cezar. »
Intentava seguir-me, e não d'agora
Era este o seu projecto, á muito o tinha;
E só para meu bem desistio d'elle.
— Da casa saio, ou levam-me não morto,
Solto o cabello pelas hirtas faces.
D'ella (dizem) que ao vir surgindo a noite,
Semimorta co'a dôr da minha ausencia,
Fôra encontrada sôbre o pavimento;
Que, mal tornára a si, com pó immundo
Manchados os cabellos, e do frio
Solo dado lhe foi poder erguer-se,
Abandonada a lamentar-se entrára,
E a casa inteira sua: que do esposo
Vezes muitas o nome repetindo
Não chorou menos, do que se o da filha,
E o proprio corpo meu exposto visse.
Ja sobre pira; que morrer quizera
E, morrendo, roubar-se á dor da auzencia;
Mas que em respeito a mim não perecera......
Continúa a viver; e pois que o fado
Assim o ordena, viva, e o seu auxilio
O misero consorte ampare, anime.
— Ja no Oceano a guarda se mergulha
Da Erimantida Ursa, e o seu influxo

Gera borrascas nos equoreos plainos.
Do Jonio mar as ondas ja cortâmos
Não por nosso querer, mas obrigados
Do medo, que nos faz ser corajosos.
Triste de mim! com quanta furia os ventos
Soltos não vejo as ondas levantarem,
E as arêas ferver no fundo abysmo!
Na altura igual ao monte a vaga sobe,
E sôbre a pôpa e prôa cavalgando,
N'ellas assoita os retratados deoses.
Do pinho as traves ranjem, e os calabres,
Agitados do vento fremem; geme
C'os males nossos o navio inteiro:
Frio terror do nauta ao rosto sobe,
E, em vez de a governar com regra e arte,
Deixa a vencida náo seguir sem leme:
Bem como o picador, minguado em forças,
Sôbre o pescoço rigido do pôtro
Deixa cahir do freio inuteis redeas;
Assim observo, que o piloto, as velas
Soltas, deixa seguir á náo a esteira
Não ja no rumo, que fitado tinha,
Mas por onde do vento o impeto o arroja:
E, se outras auras nos não manda Eolo,
A esse mesmo lugar, aonde accolher-me
Me era vedado ir, arribaria;
Pois, deixada da esquerda parte a Illyria,
Tôrno a encarar com a Italia prohibida.
Desisti pois, ó ventos, de arrojar-me
Sobre as terras vedadas, e comigo
Ao Numen vos mostrai obedientes...........
— Em quanto fallo, e assim desejo, e temo
Ser d'alli arrancado, o lado estala
Da náo com a força ingente da alta vaga:
« Poupai-me, ó deoses do ceruleo ponto,
« De Jove as iras sejam-me sobejas:
« Esta alma tão cuçada á seva morte
« Ah! subtrahi, ó deoses, se é possivel,
« Quem ja morreu, da morte inda salvar-se. »

Continúa. FREIRE DE CARVALHO.

LIBERDADE DE COMMERCIO.

Não precisamos por certo de mostrar a importancia, que entre nós deve de necessidade ter a questão da *liberdade de commercio*, para a tornarmos digna das paginas do Instituto, que sem se afastar de sua missão verdadeiramente scientifica, não duvidou associar-se á grande cruzada da moderna civilisação, fazendo ouvir sua voz do centro da civilisação do nosso paiz — a Universidade —[1]. Infelizmente, para aquelles que não sabem o que se passa n'esses paizes, que se empenham na realisação dos grandes progressos, pelos quaes o seculo desanove, elaborando uma completa transformação na vida dos povos, prepara uma nova e maravilhosa civilisação, para a qual nós parecemos desapercebidos, senão repugnantes; e que por ventura julgarem da importancia d'esta famosa questão de nossos dias, segundo o interesse, que ella parece até hoje ter inspirado á imprensa portugueza, para esses caremos de fazer uma observação.

A causa da liberdade de commercio hà sobre tudo mister fazer reconhecer suas vantagens, e patentear a grandeza da sua missão, para alcançar o dominio dos factos e assim tem ella procedido, onde mais difficil parecia a victoria, onde mais solidos e completos tem sido os seus triumphos.

Entre nós por tanto, que a par dos grandes males, que tem creado, mantido e multiplicado o velho systema, deve a adopção da liberdade commercial, (a qual sómente póde curar-nos d'esta terrivel paralysia, que em breve nos conduzirá a uma verdadeira morte social, e cujos symptomas bem se revelam em nossa progressiva decadencia), organisando e dirigindo convenientemente, vivificando, e até mesmo creando nossas forças productivas, fazer jorrar a riqueza e prosperidade social d'essas fontes, com as quaes tão liberalmente nos dotou a providencia, e que, vergonha é dizel-o, o nosso maior cuidado parece ter sido, não diremos só desprezal-as, mas até destruil-as, se tanto é possivel; entre nós, repetimos, advogar a causa da liberdade de commercio é commetter esforço tão difficil como pouco usado, — cuidar de nossos verdadeiros interesses.

É este nosso primeiro esforço um ensaio, ao qual desejaramos dar maior desenvolvimento, e por ventura completal-o: todavia, para quem tiver estudado nossas condicções sociaes e conhecer as verdadeiras circumstancias de Portugal, facilmente se manifesta como nos é applicavel, alem do que em especial dizemos, tudo quanto em geral vamos expor.

De todos os modos porque mais se revela ao pensador o desenvolvimento, progresso ou civilisação da humanidade; de todos os phenomenos, que mais indicam e manifestam seu fim tão providencial, como sublime e magestoso, nenhum ha, sem duvida, como a liberdade commercial.

O seculo dezanove já coroado de uma aureola, que eternamente revela irradiar sobre os destinos da humanidade, se empenha ainda em uma suprema manifestação de sua maravilhosa missão. Não duvidamos affirmal-o: a liberdade de commercio, que póde bem dizer-se, hoje se assenta no mais suberbo throno, que se póde erigir ás cousas humanas, e cujo dominio são as mais illustradas intelligencias, extendendo o mundo dos factos, será o cumprimento do grande desideratum, a solução do mais difficil problema, a mais gloriosa palma deste seculo, seu mais bello florão.

A liberdade de commercio, ninguem o poderá desconhecer, é um grande facto, se a consideramos até elevar-se á altura de um grande principio economico; destruindo um por um todos os obstaculos, que offerece uma grande conquista; luctando contra todo um mundo de mais de quatro mil annos, de um respeito, ou antes, culto tradiccional, por suas antigas leis e instituições; desmoro-

[1] Curso sobre a liberdade de commercio pelo socio do Instituto o sñr. José Julio d'Oliveira Pinto, no anno lectivo de 1852 a 1853.

nando até o ultimo cimento todo um edificio, ou systema, que fôra o palladium de tantas nacionallidades, e que havia affrontado immovel o choque de tantos abalos ou crises, pelas quaes tem passado a humanidade, cuja existencia em suas differentes phases são outras tantas revoluções no genesis de sua civilisação.

Forte de um tão grande passado, identificado com todos os elementos do velho organismo, sanctificado no altar da patria conquistadora, religiosamente observado no evangelho do despotismo, suprema lex do feudalismo, o tutelar protector do monopolio, do privilegio e da espoliação, debaixo de variadas e infinitas fórmas, justificado por tantas aberrações do espirito humano em seu estado superficial das verdadeiras leis da prosperidade, e riqueza dos povos, escoltado de preconceitos tão falsos como funestos: o systema prohibitivo, ou protector tem ousado disputar o campo á nova civilisação, formando com as reliquias do antigo organismo novos obstaculos á marcha irresistivel do progresso.

Assim se explica a longa idade de um systetema, que se nos apresenta com tão ruins feições, de um regimen, cujas consequencias são duplicadamente desastrosas; tanto pelos males, que tem causado, como pelos bens, de que tem privado a humanidade, por tão contrario ao progresso, riqueza e civilisação dos povos.

Considerado o systema prohibitivo, ou protector como um facto verdadeiramente economico, com Colbert; não sendo sua existencia anterior, por assim dizer, mais do que uma practica cega; em sua natureza sempre modificada pelos differentes gráus de civilisação dos povos, facilmente se revela a sua importancia pela da epocha, que o vio nascer.

E se com Pelletam devemos estudar as leis do desenvolvimento e progresso da humanidade, honrar cada um dos grandes factos, que successivamente foram chamados a formar a grande obra da civilisação, fazendolhes a devida justiça pelo logar, e missão, que lhes cabe; podendo por isso dizer-se com mr. Chevallier, que o systema prohibitivo, com o seu cortejo de restricções e monopolios podia concordar com as ideas e costumes dos tempos de Sully e de Colbert em França, de Henrique VIII e de Cromwell em Inglaterra; acaso poderá elle justificar-se ainda?

Ha já muito tempo, diz o mesmo escriptor, que se havia formado o processo do systema prohibitivo perante o tribunal da razão; ha já perte de um seculo, que Adam Smith, Turgot e Franklin demonstraram a futilidade de suas pretenções [1].

Ha já muito tempo, acrescentaremos nós, que a sciencia economica havia proclamado o grande principio da liberdade commercial; e podemos melhor dizer, que a condição do systema prohibitivo quasi que nasceu com elle mesmo: a da liberdade de commercio com a mesma sciencia economica.

A resposta de Legendre a Colbert — *laissez nous faire*, á qual mais tarde Quesnay accrescentou — *ne pas trop gouverner*, e que os phisiocratas traduziram pelo bem conhecido axioma — *laissez faire — laissez passer* —, não é outra cousa senão a liberdade commercial. Debalde procuram alguns economistas denegrir a aurora da liberdade commercial, e nos vem Jobard repetir ainda, que aquelle axioma era — *la liberté de tout faire* — economica, moral, politica e religiosamente fallando. Nós entendemos, com mr. Garnier [1], que — *laissez faire* — quer dizer, deixai trabalhar, ou a liberdade do trabalho — *laissez passer* — deixai trocar, ou a liberdade de commercio.

Ainda o systema mercantil era como que officialmente reconhecido, e cercado de um prestigio e homenagem, que tanto tem concorrido para a sua existencia e conservação, e já Huskisson e Pitt annunciavam a aurora da liberdade de commercio, que o fumo dos canhões de Bonaparte devia retardar.

Foi de repente, em 1838, que alguns homens então pouco conhecidos com uma mão, firme arvoraram o estandarte da liberdade de commercio: á voz de Cobden, de Bright, de Tompson, de Moore, de Williers, de Wilson e de Fox se organisou a liga commercial — *anti corn law league.* — E quem ha, que desconheça a espantosa força e influencia, que tem tomado esta heroica cruzada, ajudada por Peel e Russel, e o que é mais ainda, seguida por Derby e mr. d'Israeli, o ministerio campeão do proteccionismo.

Se na verdade era mister uma coragem pouco vulgar, para ousar uma tal empreza, tendo de combater adversarios, que tinham por si a riqueza; a influencia, o poder legislativo, a egreja e um systema de monopolios tão fortemente organisado, como habilmente mantido pela mais forte oligarchia do mundo, a oligarchia ingleza; devemos admittir, que se não fôra a santidade da sua causa, a liga teria succumbido. Em parte alguma tinha o antigo systema tão fortes elementos para a resistencia, d'aqui a grandeza do esforço; e nesta formidavel lucta, em que se prende a attenção do mundo, cada triumpho da liga tem sido saudado por uma acclamação universal.

Assim a theoria da liberdade de commercio, como todas as outras propagandas, filhas da revolução philosophica do ultimo seculo, tendo como que desaparecido, ha bem poucos annos, para conquistar o imperio da opinião, e reinar pelos factos; é o que é

[1] Mr. Chevallier — Examen du Syst. Com. connu sur le nom du syst. protect.

[1] Dic. de l'econom polit term. laisser faire, laisser passer.

mais extraordinario, em seu reaparecimento escolheu para escoltar com sua bandeira cosmospolita, na phrase de Ledru Rollin, a mais alta torre da mais feudal das fortalezas do velho regimen.

Mas a agitação ingleza, a Suissa, o Zollwerein, todas essas reformas, altercações e modificações, que hoje se operam por toda a parte na legislação commercial dos povos, na qual se empenham os mais illustrados governos, refundindo as pautas das alfandegas, restringindo e abolindo muitos direitos protectores; em poucas palavras, para que a liberdade de commercio conquistasse o dominio dos portos, fóra mister uma outra conquista, sem duvida mais gloriosa, o dominio da opinião, o triumpho da sciencia, que a liberdade commercial se elevasse á altura de um grande principio economico, para assim dizer, se legitimasse, reinasse pelo direito, para depois reinar de facto.

É aqui, no campo da sciencia, a que agora somos trazidos debaixo do triplice ponto de vista, economico, politico e moral, que temos de apreciar o grande principio da liberdade de commercio em toda a sua extensão e fecundidade, saudar o novo Messias de nossa civilisação.

A liberdade de commercio, como já dissemos, filha da revolução philosophica principiada no ultimo seculo, e proseguida até nós com o mesmo impulso, que a creára, desta grande reação contra um longo passado, houve de chocar-se nesta lucta formidavel com os mais poderosos elementos do velho organismo; e se a santidade da causa, e a grandeza do fim, que se propunha, era a maior garantia de sua fortuna; por outro lado, o que é bastante singular, o proteccionismo em sua egide gravára a mesma causa, que parecia defender; sua resistencia parecia egualmente legitima.

E é ainda por este titulo, que o velho systema rechassado no campo da sciencia, tentou defender-se no campo dos factos, no qual o esperava a mesma fortuna. Os proteccionistas hoje são os homens practicos; em economia politica não ha principios absolutos.

O systema protector identificado em sua natureza com uma outra existencia social, por uma louca pretenção parece desconhecer o destino inexoravel, que marcára a ultima hora d'aquella existencia, a lei fatal, que com ella a condemnára. Não será por ventura uma louca pretenção, que, quando novas leis presidem á organisação social, quando toda uma nova civilisação se encarnou na humanidade, destruido o antigo organismo; o velho systema, debatendo-se entre a vida e a morte, debaixo das ruinas, que o protegiam, diga em seus ultimos arrancos a essa mesma civilisação: — tu não existes.

Na verdade negar, que a liberdade do commercio seja um principio economico, dizendo-se, que em economia politica, não ha principios absolutos, he negar a sciencia economica, a civilição deste seculo por ella tão maravilhoso.

A liberdade de commercio, diz o proteccionismo, não é a civilisação do seculo dezanove; por que filha de uma revolução, que condemnára — *l'exploitation de l'homme par l'homme*, — ella a favorece; filha de uma revolução, que proclamára a liberdade, ella a destroe; por que conduz pela concorrencia á espoliação, a oppressão, a destruição do fraco pelo forte; filha de uma revolução, que proclamára o desenvolvimento industrial dos povos, ella o vem matar; porque, em fim, sendo uma revolução, cujo titulo mais glorioso de sua missão fôra a regeneração do proletariado, a extinção pelo trabalho de um medonho pauperismo, que devora aquella classe, a solução do famoso problema da propriedade, o desenvolvimento moral dos povos, em poucas palavras, uma completa transformação social em sua perfectibilidade progressiva; a liberdade de commercio, diz o systema prohibitivo, procurando esconder-se no manto de uma patriotica protecção, como se trajando novas gallas se fizera desconhecido, e por ventura mais bem quisto, é a negação de uma tal civilisação.

Pelo desastroso influxo d'aquelle principio o proletariado se multiplica, o trabalho desaparece, ou é esmagado debaixo da tyrannia do capital, a miseria corroe as entranhas de milhares de victimas, que nas contorsões de sua dolorosa existencia mais e mais desfallecem; a desmoralisação é o quadro mais hediondo, que pode apresentar-se da degradação humana: e é ainda debaixo do pedestal do maior monumento, que podia erigir-a sua gloria, que se fazem ouvir os gemidos da humanidade, como para lhe dizer: o teu triumpho é uma ficção, a tua gloria apregoam-na estes gemidos, o teu amor é mais cruel, do que os afagos do tigre, esmagas a victima, que finges amar: a Inglaterra dizem os proteccionistas offerece este espectaculo tão extraordinario.

É com estas, e ainda muitas outras considerações, que os proteccionistas condemnando a liberdade de commercio, ousam dizer: se o proteccionismo não é um principio economico, a liberdade de commercio tambem o não é; em economia politica não ha principios absolutos, nós somos os homens practicos. Melhor seria dizerem: a Economia polictica não é uma sciencia, será uma practica (a rotina), quando muito uma arte.

Por certo que os proteccionistas tem razão; ou a liberdade de commercio é um principio, ou não póde haver sciencia economica. A liberdade de commercio, pode bem dizer-se, traz compromettida a sciencia economica; e é ainda por essa razão, que se póde reputar a questão da liberdade commercial como a mais interessante de nossos dias.

Continúa. F. MONIZ BARRETO.

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

INSTRUCÇÃO PUBLICA NA SUECIA E NORUEGA.

A instrucção publica, nos paizes do norte da Europa, é geralmente tida em pouca monta. O systema politico de alguns delles, como a Russia, subordinada á triplice influencia da *autocracia*, da *orthodoxia*, e da *nacionalidade*, que ha tempos domina a sua organisação universitaria; os escassos meios de outros, como a Suecia, a Noruega, a Filandia, e a Dinamarca, pareciam oppor um invencivel obstaculo ao desenvolvimento do ensino, e da instrucção publica n'estes paizes, que todavia podem servir de modelo, pelo zelo e perseverança com que tem sabido promover e generalisar a instrucção e os conhecimentos uteis até ás ultimas classes da sociedade, obtendo uns tão subido gráu de illustração, que outros povos mais properos, e mais adiantades em civilisação, não tem podido attingir.

Debaixo d'este ponto de vista a Suecia e Noruega apresenta um dos mais singulares exemplos. Nenhum paiz, talvez, com menores meios tem realisado tão importantes melhoramentos na sua instrucção publica.

O seu systema de ensino abrange todas as classes, e fornece os elementos necessarios para todas as profissões com tal harmonia, que em todas ellas tem produsido as maiores illustrações; poetas e historiadores como OEhlenschläger, Tegner, e Geijer; philosophos, como Sverdenborg, e Atterbosa; naturalistas como Berselius, e Linneo; astronomos como Clsius; mechanicos e ingenheiros, como Pothem, Chapman, e Erikson.

A vida intellectual d'estes povos manifesta-se assim de um modo, que revela claramente a solidez de suas instituições litterarias, e a perfeição de seus methodos practicos, e convem por isso estudal-as nas suas differentes faces, como um dos meios de chegar á solução do problema commum da instrucção publica. Nos paizes catholicos o clero estava de posse da instrucção e da educação nacional: as escholas eram filiaes das egrejas, e dos mosteiros: em cada cathedral havia um mestre eschola *(canonicus scholasticus)* que tinha a direcção das escholas. Tal era o systema geralmente seguido na meia idade.

A instrucção publica estava assim constituida na Suecia e Noruega, quando Gustavo Wasa, introdusindo a reforma religiosa n'aquelle reino, acabou com todos os privilegios dos cabidos, conhecidos com o titulo de *consistorios*, apossou-se de parte das suas rendas, e annullou a autoridade temporal dos prelados; mas em compensação os novos consistorios lutheranos tiveram, entre outras attribuições, a direcção de toda a instrucção publica; as escholas tinham porem desapparecido com a extincção dos mosteiros e supressão das egrejas catholicas, e o principe reformador, no meio das graves dissencções que ajitaram o reino, não podera dotar o paiz com novos estabelecimentos para o ensino publico.

Gustavo Adolpho completou esta reforma, restituindo ao clero o ensino da mocidade, e collocando as escholas e as universidades sob a immediata direcção dos consistorios. O clero tornára por tanto a senhorar-se da instrucção publica, e adquirir a influencia que a reforma parecia ter-lhe feito perder para sempre; e todavia Gustavo Adolpho fôra constante antagonista do clero, e procurára refrear-lhe as ambições. N'esta epocha, fóra dos estudos classicos, nenhum outro genero de educação estava em voga, e o clero era então o unico que possuia estes conhecimentos e que cultivava as sciencia; e fôra impossivel encontrar mestres para o ensino publico n'outra classe.

Alem disto o clero lutherano não representava o espirito de classe que caracterisa o clero catholico, e constituia uma ordem de funccinarios publicos, tendo o rei por seu chefe supremo tanto no espiritual como no temporal. A intervenção por tanto de um clero tal no ensino publico não contrariava o espirito da reforma, nem offerecia algum dos inconvenientes, que se attribuiam ao antigo systena.

Apezar disto Gustavo Adolpho procurára emancipar o ensino publico da tutela ecclesiastica, estatuindo em seus regulamentos o estabelecimento de grandes institutos scientificos, em que estudassem separadamente e com mestres differentes os alumnos que se dedicavam á vida ecclesiastica, e os que aspiravam aos cargos civís. Gustavo Adolpho não tinha porem mestres para estes differentes institutos, e nem elle, nem os seus successores poderam realisar este plano; e Carlos XI (1687) concedeu definitivamente ao clero

o direito de exercer o magesterio, regulando tambem as attribuições dos consistorios. Este regulamento ainda hoje tem força de lei.

Nos dois reinos unidos cada consistorio compõe-se do bispo diocesano que é o presidente, do parocho da cathedral, e dos professores e leitores dos gymnasios. Nas dioceses de Upsal, Lund e Christiania, que são sedes de universidades, só os professores de theologia são membros dos respectivos consistorios, e não podem ser admittidos n'elles senão os padres da mesma diocese.

Em 1762 pertendeu-se secularisar a instrucção, e os leitores deixaram de pertencer aos consistorios, e de serem por elles dirigidos. O clero viu máo grado esta usurpação dos seus direitos, e o governo, cedendo em fim ás suas instancias, revogou aquelle estatuto em 1779.

Os consistorios exercem hoje funcções administrativas e judiciaes; proveem á administração dos bens das parochias e das escholas; regulam os salarios dos parochos e dos mestres; e decidem os letigios entre a egreja e o ensino no que toca ao espiritual. É da competencia dos consistorios o provimento de quasi todos os empregos ecclesiasticos, os exames para a admissão ao ministerio ecclesiastico, e a nomeação de todos os professores e empregados nos gymnasios e escholas.

Alem dos consistorios diocesanos, simile dos antigos cabidos, ha no reino de Suecia muitas outras instituições a que se dá aquella denominação, taes são o consistorio de Stockholmo, que se compõe do primeiro parocho, e dos curas das principaes egrejas da cidade; o consistorio da côrte, presidido pelo primeiro esmoler do rei; o consistorio do almirantado; e o consistorio de campanha. As attribuições d'estes consistorios são meramente espirituaes.

Em cada universidade ha tambem um consistorio academico, composto de todos os lentes, e thesoureiro da universidade, e presidido pelo reitor *(rector magnificus)*. O chanceller que é o principe real de Suecia e Noruega, é o protector. Estes consistorios, ou senados academicos, nomeam os professores; administram a fazenda das universidades; julgam as causas de todas as pessoas do corpo academico; examinam os candidatos; tem a seu cargo a policia academica; dirigem, finalmente, todos os negocios universitarios no temporal e espiritual Para conhecer das causas civeis e crimes dos membros do corpo academico, o senado nomea uma commissão especial *(consistorium minus)* presidida pelo reitor que serviu no anno anterior; as decisões, porem, dos negocios mais graves e de interesse geral, são sempre tomadas em assemblea geral de todo o senado academico *(consistorium academicum majus.)*

Tal é a organisação do consistorio lutherano na Suecia e Noruega.

Continúa.

Relação do ceremonial com que a universidade de Coimbra, recebeu Sua Magestade a Rainha a Senhora D. Maria II, ElRei D. Fernando seu augusto esposo, e seus augustos filhos, S Alteza Real o Principe D Pedro d' Alcantara Duque de Bragança, e o serenissimo sñr. D. Luiz Filippe Duque do Porto, em abril de 1852. [1]

Tendo o sñr. vice-reitor da universidade o doutor José Manoel de Lemos, deão da sée cathedral de Coimbra, lente cathedratico da faculdade de theologia, vogal ordinario do conselho superior d'instrucção publica, recebido as participações officiaes com a fausta noticia da proxima vinda a esta cidade de S. M. a Rainha, d'ElRei seu augusto esposo, de Sua Alteza o Principe Real, e do serenissimo sñr. Infante D. Luiz Duque do Porto, convocou o claustro pleno da universidade no dia 12 d'abril para lhe communicar este feliz acontecimento, e ao mesmo tempo propor o que cumpria, que se fizesse n'esta solemne occasião, para que o recebimento, de S.S. M.M, e A.A., por parte da universidade, fosse em tudo digno de tão altas personagens, e desta corporação.

Accordou o claustro, depois de breve discussão, que o sñr. vice-reitor, com o conselho dos decanos, tendo em vista o que se practicára na recepção dos sñr.s Reis D. João III, e D. Sebastião, quando vieram á universidade nos annos de 1550 e 1570, e d'ElRei o sñr. D. Fernando, então Principe Real, em julho de 1836, e que tudo constava dos respectivos termos dos claustros, ordenasse um programma difinitivo.

No mesmo claustro se resolveu, que fosse em portuguez a oração gratulatoria, que devia ser recitada na presença do S.S. M.M. e A.A. por um dos lentes decanos e que houvesse feriado nas escholas nos dias 19, 20 e 21, anteriores á feliz chegada de S. M., que ordenaria depois os mais feriados que lhe aprouvesse: finalmente que, sendo possivel, houvesse um doutoramento na presença de S.S. M.M. Em virtude d'estas resoluções, convocou o sñr. vice reitor no dia seguinte ás 8 horas da manhãa o conselho dos decanos, no qual se accordou no competente programma, que se acha impresso.

Em consequencia do máo tempo não poude S. M: chegar á villa de Condeixa senão na quinta feira, que se contavam 22 d'abril, entrando por consequencia n'esta cidade no dia seguinte.

[1] Tendo-se publicado n'este jornal a narrativa das recepções feitas pela universidade ás pessoas reaes em diversas epochas, segundo os arestos, que existiam no seu archivo, completamos hoje esta parte da historia académica com a *relação do ceremonial* com que a universidade recebeu S.S. M.M. e A.A. em abril de 1852, a qual foi ordenada pelo secretario da universidade o sñr. conselheiro *Vicente José de Vasconcellos e Silva*, para se lançar no livro dos claustros da mesma universidade.

Na referida quinta feira pela manhã partiu o sñr. vice-reitor para a villa de Condeixa, aonde S.S. M.M. e A.A. haviam de pernoitar. Chegando ali, foi apresentado a S.S. M.M. pelo duque de Saldanha mordomo mór, e depois de feitos os cumprimentos do estilo, da parte da universidade, e tomando as reaes ordens de S.S. M.M, se dirigiu o mesmo sñr. vice-reitor ao duque mordomo mór, propondo-lhe o que se lhe offerecia á cerca do ceremonial com que a universidade se aparelhava para receber a S. S. M.M. e A.A., para que elle, tomando as regias ordens de S. M. a Rainha, houvesse de lh'as communicar, a fim de serem pontualmente cumpridas.

N'esse mesmo dia á noute, dignou-se S. M. declarar ao sñr. vice-reitor pelo referido duque, que, conformando-se em tudo com os votos da universidade, e desejando conservar-lhe todas as honras e mercês, que lhe fizeram os sñr.ª reis, seus augustos antecessores, permittia — « Que em todos os actos, e acompanhamentos academicos, a que S.S. M M. e A.A. se achassem presentes, se cubrissem os lentes e doutores com as suas borlas, depois de S.S. M.M. e A.A. se cubrirem, como se praticára nos recebimentos dos sñr.ª reis D. João III, e D. Sebastião. »

Que durante a oração gratulatoria, que se havia de recitar na sala grande na presença de S.S M.M., estariam os lentes e doutores sentados, como se practicára perante elrei D. Sebastião em 1570, e perante ElRei, então principe real, em julho de 1836.

« Que S.S. M.M. se dignariam assistir ao exame privado em mathematica que, na manhã do dia immediato ao da sua chegada a Coimbra, devia fazer o repetente Luiz Albano d'Andrade Moraes e Almeida, permittindo, que n'esse acto o sñr. vice-reitor, e lentes da faculdade estivessem sentados nas suas respectivas cadeiras. Que para maior distincção S S. M.M. não só assistiriam na tribuna real ao doutoramento, que se devia seguir no dia immediato ao do exame privado, mas qua sua A. o Principe R. se dignaria servir de padrinho do doutorando.

« Que n'este acto, como nos mais em que se reunisse na sala grande o corpo academico na presença de S.S. M.M., os grandes do reino, tomariam assento no doutoral, entre o sñr. vice-reitor e os lentes da faculdade de theologia. Finalmente que, nos prestitos academicos, a côrte iria em seguimento de S.S. M.M. como se practicára nas recepções dos sñr.ª reis D. João III, D. Sebastião, e d'ElRei em 1836. »

No dia seguinte 23 d'abril pelas 9 horas da manhã, partiu a côrte toda de Condeixa em direitura a esta cidade. Logo que a real comitiva se poz em marcha, ordenou S. M., que a carroagem, em que vinha o sñr. vice-reitor, precedesse immediatamente o coche real, querendo d'este modo conservar a precedencia que os sñr.ª reis D. João III e D. Sebastião concederam á universidade (agora representada pelo seu prelado) quando a ella vieram.

Pelas 11 horas da manhã, uma girandola de foguetes, lançada do alto das Calçadas de Santa Clara, annunciando a aproximação da real cometiva, foi logo correspondida por outra da torre da universidade, repicando immediatamente os sinos todos da cidade. Dado este signal, se reuniu o corpo cathedratico com as suas insignias na sala grande dos actos, na conformidade dos artigos 2.º e 3.º do programma do conselho dos decanos, e tomando a presidencia o doutor Manoel de Serpa Machado, par do reino, lente de prima, e decano da faculdade de direito, se dirigiu em prestito, e por ordem de faculdades, á sée cathedral. Entretanto chegaram S.S. M M. e A.A. á ponte, onde os estudantes, formando duas alas desde as portas da cidade até ao O' da ponte, saudaram com repetidos vivas as reaes personagens.

A real cometiva seguindo d'ali pela Calçada, rua das Fangas, couraça de Lisboa, marco da Feira, até ao largo da sée, á porta da qual foram S.S. M.M. e A.A recebidas debaixo do palio pelo corpo da universidade, cabido, e por todas as autoridades, no meio de numerosissimo, e mui lusido concurso. Ali assistiram S.S. M.M. e A.A. ao solemne *Te Deum laudamus*, que entoou o doutor Francisco d' Arantes, chantre da sée, estando o corpo academico dentro da capella mór.

Acabado o *Te Deum*, se ordenou o prestito real com que S.S. M.M. foram acompanhadas desde a cathedral até ao paço da universidade pela rua dos Loios, e rua Larga, do modo seguinte. Adiante iam os archeiros com as suas alabardas, e o meirinho da universidade; seguiam-se os musicos, tocando as charamellas e mais instrumentos de sopro; logo os lentes e doutores philosophos, mathematicos, medicos, juristas e theologos, todos dois a dois pelas suas antiguidades, e ordem de faculdade, e com capellos, e borlas na cabeça; apoz estes os bedeis com as suas maças; e atraz o secretario e mestre de ceremonias com a sua insignia. Seguiam-se logo S.S MM. e AA. debaixo do palio, cujas varas levavam os camaristas: o sñr. vice-reitor ía do lado direito de S.S. M M., e do esquerdo, o decano de direito. Atraz do palio, ía o guarda mór das escholas com os continuos, seguindo-se toda a côrte, governador civil, juiz de direito, e mais autoridades. Os estudantes formavam adiante dos archeiros duas alas, por entre as quaes passou o prestito real. As ruas do transito estavam juncadas de flores, e as janellas guarnecidas de ricas tapeçarias; e um arco triumphal de grandeza colossal se achava collocado em frente da porta ferrea. Tanto que a real cometiva chegou á porta da sala do docel,

todo o corpo academico se retirou, depois de pedir venia a S. M.

Ás quatro horas da tarde sahiram S.S. M.M. e A.A. a pé, do paço, acompanhadas pelo duque mordomo mór, dama, e camarista de semana, e mais pessoas da côrte, e pelo sñr. vice-reitor, com os decanos das cinco faculdades, e o secretario e mestre de ceremonias, e se dirigiram á bibliotheca, observatorio astronomico, e museu de historia natural, sendo recebidas á porta dos diversos estabelecimentos pelos lentes directores, e pelas faculdades respectivas, em corpo. D'ahi recolheram-se ao paço, que se achava brilhantemente illuminado, assim como o arco, e alameda defronte do collegio de S. Paulo, sendo extraordinaria a concurrencia d'espectadores, n' estas noutes, ao pateo da universidade, para verem e saudarem e S.S. M.M. e A.A.

No dia seguinte pela manhãa, que se contavam 24 d' abril, correu o sino para o exame privado de mathematica, que n'este dia fez Luiz Albano de Andrade Moraes e Almeida, natural de Santa Comba-Dão, districto de Viseu.

Finda a 1.ª lição, a que foram presentes o sñr. vice-reitor e o presidente, o conselheiro Thomaz d'Aquino de Carvalho, lente de prima e decano da faculdade, e na qual argumentaram os lentes Francisco de Castro Freire, Rodrigo Ribeiro de Sousa Pinto, e Abilio Affonso da Silva Monteiro, foi o secretario e mestre de ceremonias dar parte a S. M. a Rainha, para que fosse servida designar a hora em que devia começar a 2.ª lição, a que S. M. fizera constar que se dignaria assistir; e logo S.S. M.M. e A.A. acompanhados pelo sñr. vice-reitor com todos os lentes da faculdade, e pelo secretario e mestre de ceremonias, se dirigiram com toda a côrte á sala dos exames privados para assistirem a esta lição.

No tôpo da dita sala, se achava levantado um estrado bem alcatifado e sobre elle quatro cadeiras d'espaldar, nas quaes se assentaram S.S. M.M. e A.A. Ao lado esquerdo se collocaram duas cadeiras, tambem d'espaldar, uma para o sñr. vice-reitor, e outra para o lente mais antigo que na votação havia de servir d'escrutinador, com uma meza forrada de damasco carmezim, e sobre ella uma ampulheta de bronze dourado, o livro dos santos Evangelhos, dois escrutinios e uma escrivaninha de prata.

Abaixo da cadeira do sñr. vice-reitor, do mesmo lado, se collocou uma meza com duas cadeiras para o lente de prima, presidente, e para o licenciando. Os lentes tomaram o logar do costume n'este acto. O duque mordomo mór, e a dama de S. M. a Rainha assentaram-se do lado direito da sala, abaixo do estrado real. O ayo de S S. A.A., o camarista, e mais pessoas da côrte, conservaram-se ao fundo da sala, ao lado direito da mesa do secretario, que ali se achava no seu assento.

Tomados os logares, e tendo-se S. M. a Rainha dignado mandar começar esta lição, argumentaram n' ella por sua ordem os lentes, Agostinho de Moraes Pinto d' Almeida, Jacome Luiz Sarmento de Vasconcellos e Castro, e Florencio Mago Barreto Feio, pedindo a devida venia. Findo o ultimo argumento se retirou da sala o licenciado; e logo levantando-se o secretario se dirigio a S. M. a Rainha, pedindo-lhe licença para em seu real nome lêr a admoestação ordenada no livro 1.º titulo 4.º capilo 5.º §. 69.º dos novos estatutos. E finda a leitura d'ella, se procedeu á votação com todas as solemnidades prescriptas nos mesmos estatutos; e, tendo o licenciando saído approvado *Nemine Discrepante*, S. M. a Rainha determinou honrar com sua presença o acto de se conferir o grão ao dito licenciando, encaminhando-se para este fim com ElRei e S.S. A.A., precedidos pelo sñr. vice-reitor com toda a faculdade, e seguidas da côrte, para a tribuna real da capella da universidade. D'ali veio o sñr. vice-reitor com a faculdade, na fórma do costume, para a capella, aonde conferio solemnemente o grão ao licenciado. Findo este acto, o sñr. vice-reitor com a faculdade, e o novo licenciado, voltaram ao paço, aonde beijaram a mão a S.S. M.M. e A.A., agradecendo a honra e mercê que lhe fizeram assistindo áquelle acto.

Ás onze horas da manhã correu o sino grande a ajuntar para a oração, que havia de recitar na sala grande na presença de S S. M.M. o decano da faculdade de direito. Perto do meio dia reunido todo o corpo academico com as suas insignias nos geraes da universidade, se dirigio á dita sala pela *via latina*, indo diante os archeiros com o meirinho, seguindo-se a banda de musica, e os lentes e doutores das cinco faculdades, dois a dois, pela sua ordem, depois destes os bedeis com as suas maças, logo depois o secretario e mestre de ceremonias com a sua insignia, seguindo-se o sñr. vice-reitor, tendo a seu lado os conselheiros, doutor Luiz Manoel Soares, decano de theologia, e doutor Manoel de Serpa Machado, decano de direito: fechava este acompanhamento o guarda mór das escholas, com os continuos dos geraes. Chegando o prestito á sala onde entrou pela porta do fundo, não se tendo aberto a porta principal até entrar a real cometiva, por causa do immenso concurso dos espectadores, que se achava na *via latina*, os lentes e doutores subiram para os doutoraes, ficando o sñr. vice-reitor com o conselho dos decanos á porta da sala, em quanto uma deputação de dois conselheiros decanos, o doutor Manoel de Serpa Machado, lente de prima de direito, e o doutor Antonio Joaquim de Campos, lente de pri-

ma de medicina, com o secretario e mestre de ceremonias, guarda mór e bedeis, foram esperar S.S. M.M. e A.A. á porta da sala do docel para d'ahi os acompanharem até á sala grande. Logo S.S. MM. e A.A. vestidos em grande ceremonia se encaminharam para a sala, precedidos da dita deputação, e seguidos por toda a côrte em grande uniforme. Á porta da sala foram recebidos pelo sñr. vice-reitor com o conselho dos decanos, e acompanhados até aos degráos do throno que se achava levantado no tôpo da sala, no logar da cadeira da presidencia.

Tinha-se ali levantado um estrado de cinco degráos alcatifados, e sobre elle se haviam collocado quatro cadeiras d'espaldar de veludo carmezim de tela d'ouro, debaixo de um rico docel de veludo, tambem carmezim. Na primeira d'estas cadeiras se assentou S. M. a Rainha, tendo ElRei á sua esquerda, e seguindo-se o Princepe Real, e o sñr. Infante D. Luiz na ultima cadeira. Tanto que S.S. M.M. e A.A se assentaram, ordenou S. M. a Rainha ao secretario e mestre de ceremonias, que fizesse signal ao corpo academico para se assentar nos doutores. No tôpo do doutoral á direita do throno se assentaram a dama de S. M., D. Maria das Dores Sousa Coutinho, e o camarista Thomaz de Mello Brayner, par do reino. Do mesmo lado, no doutoral de theologia, estava levantado o sitial de veludo carmezim no logar, onde se assentou o sñr. vice-reitor, seguindo-se á sua direita o duque mordomo mór, e os outros grandes do reino, e junto a estes os lentes e doutores theologos, e mathematicos. Á esquerda do throno, no doutoral de direito, tomaram assento, o viseonde da Carreira ayo de S.S. A.A. e os generaes barão da Foz, e barão de Sarmento, ajudantes de campo d'ElRei, seguindo-se do mesmo lado os lentes, e doutores de direito, medicina e philosophia; sendo ao todo setenta e quatro os lentes e doutores, que se acharam presentes n'este acto.

Dentro da Caranguejola, aonde se achava levantada do lado esquerdo a cadeira da prezidencia para o orador, estava o secretario e mestre de ceremanias no seu *escabelo*, o cabido da sée cathedral, os ajudantes d'ordens do marchal duque de Saldanha, varias pessoas da nobreza, e os bedeis e continuos. No doutoral do lado direito ao fundo da sala, estavam o governador civil e os magistrados judiciaes da cidade e districto vestidos com as suas beccas, e os professores do lyceu, que não eram doutores.

Estando todos nos seus logares, e tendo-se aberto a porta principal da sala, donde se tinham tirado os bancos, e que logo se encheu de espectadores, subio o secretario e mestre de ceremonias ao doutoral de direito para conduzir o respectivo lente decano, doutor Manoel de Serpa Machado, á cadeira, onde devia recitar a oração gratulatoria, feitas primeiramente as devidas venias a S.S. M.M. e AA.

Subindo á cadeira o referido decano, lêu em pé, e descuberto a competente oração, que corre impressa; não se tendo tambem cúberto as pessoas reaes, nem a côrte, nem os lentes. Acabada a oração, voltaram S.S. M.M. e A.A. ao paço, sendo precedidas pelo prestíto academico na mesma fórma porque tinha tido logar no dia antecedente, quando S.S. M.M. vieram da cathedral para a universidade

Chegando á sala do docel, onde tambem se achava levantado um estrado de tres degráos com quatro cadeiras d'espaldar debaixo de um docel de veludo carmezim, dignaram-se S S. M.M. e A.A. dar beijamão solemne ao conselho superior d'instrucção publica, aos lentes e doutores por ordem de faculdades, estando todos com as insignias, e a uma deputação dos estudantes de todos os cursos, a qual dirigio a S. M. a rainha um discurso de congratulação pela sua feliz chegada a esta cidade, a que S. M. se dignou responder, concedendo-lhe em premio do seu brioso aproveitamento a dispensa do acto no presente anno lectivo.

Ás 5 horas foi S. M. a Rainha em carrinho, com El-Rei e S.S. A.A., visitar o collegio das Ursulinas, recentemente estabelecido no extincto collegio de S. José dos Marianos, voltando d'ali pelo jardim botanico, onde S S. M.M. foram recebidas pelo sr. vice-reitor com o conselho dos decanos e pela faculdade de philosophia em corpo.

S.S. A.A., que já de manhã tinham visitado o jardim, dirigiram-se com o seu ayo á quinta de S Cruz, recolhendo-se S.S. M.M. ao paço pelas 7 horas da tarde.

No domingo 25, ás 8 horas da manhã, voltaram S S. A.A. a pé com o seu ayo e o barão de Sarmento, e o sñr. vice-reitor ao museu, e laboratorio chimico, onde por ordem do sñr. vice-reitor se achavam os respectivos lentes diectores que, na volta d'aquelles estabelecimentos (que S.S. A.A. examinaram com muita attenção, mostrando muitos conhecimentos em varios ramos da historia natural), os acompanharam ao paço. As 10 horas da manhã tocou o sino ao capello, e, reunido o prestito no museu, sob a prezidencia do sñr. vice-reitor, se encaminhou na forma do costume até á capella da universidade para assistir á missa. Pouco depois apareceram S S. M.M. e A.A. na tribuna real com toda a Corte em grande ceremonia. Logo que S.S. M.M. chegaram á tribuna, todo o corpo academico se poz de pé, seguindo-se a missa rezada que celebrou o chantre da real capella da universidade o bacharel Antonio Lopo Correia de Castro, e durante a qual tocou o orgão.

Finda a missa, se encaminhou o prestito

para a sala grande, e, subindo os lentes para os doutoraes, foi o secretario e mestre de ceremonias com os decanos de direito, e medicina, e precedido dos bedeis, e meirinho, buscar S.A. o Principe Real, que Sua Magestade a Rainha se dignára permittir, que fosse padrinho do doutorando Luiz Albano d'Andrade Moraes e Almeida, que no dia antecedente fizera exame privado em mathematica. S. A. Real, vestido com o grande uniforme de brigadeiro, precedido pela deputação academica, e seguido pelo seu ayo, e pelo ajudante de serviço o barão de Sarmento, se dirigio á sala pela porta do fundo, onde foi recebido pelo sñr. vice-reitor com os decanos das faculdades, e acompanhado pelos mesmos, pelos dois oradores do capello, e pelo doutorando até á caranguejóla na ordem seguinte — adiante iam os bedeis, apóz estes os dois oradores da faculdade de mathematica, com o lente de prima da mesma, e em seguida os decanos de theologia, direito, medicina, e philosophia, depois o secretario mestre de ceremonias ao qual se seguia S.A., tendo á sua direita o sñr. vice-reitor, e á esquerda o doutorando, atraz de S. A. R. ia a côrte.

Chegando á caranguejóla, tomou S. A. R. assento debaixo do docel, na mesma cadeira em que no dia antecedente assistira á oração. Á direita de S. A. R. se assentaram no doutoral, na forma do costume, o sñr. vice-reitor, e o lente de prima de mathematica que havia de condecorar com as insignias doutoraes ao doutorando. E no doutoral do lado esquerdo do throno o ayo de S. A. R. e o ajudante de serviço. Os ajudantes do marechal tomaram assento nos bancos dentro da caranguejola; e os oradores, que foram os doutores José Joaquim Manso Preto, e Francisco Pereira Torres Coelho, o doutorando, o secretario, e os bedeis occuparam os logares do costume. S.S. M. M. e A. o sñr. Infante duque do Porto, assistiram a este acto nas tribunas da sala.

Logo que S. A. R. se assentou, e cubrio, fez signal ao mestre de cerimonias para que todos se assentassem e cubrissem; o que assim practicaram todos os lentes e doutores, assentando-se e pondo as borlas na cabeça. O doutorando, levantando-se, fez a devida venia a S. A. R. e recitou em pé a oração latina do estilo a pedir o gráu de doutor, agredecendo a grande honra, e mercê que S. A. R. se dignara fazer-lhe na quelle acto: seguiram-se as orações dos dois oradores, que as recitaram assentados, assim como a do conselheiro Thomaz d'Aquino de Carvalho, lente de prima, e decano de mathematica, que o condecorou com as insignias doutoraes, depois de prestado pelo doutorando o juramento do estilo nas mãos do sñr. vice-reitor.

Acabado de conferir o grão, o novo doutor, acompanhado pelo lente de prima, pelo secretario e respectivo bedel, dirigio-se ao throno, aonde S. A. R. se achava assentado, e ajoelhou para lhe beijar a mão. S. A., levantando-se logo com summa affabilidade, o abraçou, levantando-se então todas as faculdades, que só se assentaram depois do novo doutor ter dado os abraços a todos, e se achar no doutoral entre o sñr. vice-reitor, e o lente de prima. Depois de uma breve pauza se levantou o novo doutor para dar as devidas graças, tornando depois a assentar-se. Então levantado-se, o secretario mestre de ceremonias fez uma profunda venia a S. A. R., que se levantou, descendo os degraos do throno, e sendo acompanhado ate á sala do docel em prestito, como no dia antecedente, com a differença, de que S. A. R. ía á direita do novo doutor, e á esquerda do sñr. vice-reitor, e era precedido immediatamente pelo lente de prima, e pelos dois oradores da faculdade de mathematica.

A' entrada da sala do docel se achavam S.S. M.M. e o sñr. Infante Duque do Porto, que se dignaram, assim como S. A. R., receber novamente os cumprimentos de todo o corpo academico, com a maior affabilidade e consideração; deixando a todos admirados o ar magestoso, e sobremaneira grave e attencioso, como que S. A. R. assistio a este acto, de um modo muito superior á discrição propria da sua juvenil edade.

O ceremonial que se observou n'este doutoramento, no que respeita á presença de S. A. R., foi regulado pelo conselho dos decanos, que para este fim o sñr. vice-reitor convocou na manhã do mesmo dia 25, n'uma das salas do museu, como consta do respectivo termo a fl. 149.

N'esta tarde foi S. M. a Rainha no seu coche, com o serenissimo sñr. Infante D. Luiz, ao real convento de Santa Clara, venerar o corpo da rainha santa Isabel, que ali se conserva, indo tambem El-Rei com o Princepe R., a cavallo, com toda a côrte; foram depois ver a fonte das lagrimas, recolhendo-se ao paço no fim da tarde.

No dia 26 ás 7 horas da manhã sahiram S.S. M.M. e A.A. do paço da universidade de caminho para o Buçaco, e d'ali para a Cidade do Porto, sendo acompanhados pelas pessoas da sua real cometiva, pelo governador civil do districto e mais autoridades, e pelo secretario da universidade.

A' ponte d'agoa de Mains foram os reaes viagantes saudados pelos estudantes, que, formavam duas compridas alas d'ambos os lados da referida ponte; sendo correspondidos graciosamente por S.S. M.M. e A.A. estas espontaneas demonstrações de amor e veneração da briosa mocidade academica.

ASTRONOMIA.

No decurso do anno de 1852 enriqueceu-se a astronomia com mais oito planetas telescopicos, em cujo descobrimento, se registaram com gloriosa menção os nomes de Hind do observatorio de Bishop em Londres; de Gasparis do observatorio de Napoles; de Luther, astronomo do observatorio de Blik, perto de Dusseldorf; de Chacornac do observatorio de Marselha; e de Hermann Goldschmidt pintor de historia residindo em París.

Em sessão da academia das sciencias de França de 20 de dezembro d'esse anno, foi proclamado o premio d'astronomia fundado por Lalande, tendo julgado a respectiva commissão que todos os que haviam concorrido para o descobrimento d'aquelles astros, tinham direito ao dito premio, parecer que foi pela academia unanimemente adoptado. Cumpre porem advertir, que n'esta sessão foram somente mencionados sete dos novos planetas, sendo desconhecido ainda o planeta Thalia, com que ao distincto astronomo Hind coube a gloria de fechar o anno de 1852.

Eis a relação dos pequenos planetas conhecidos, addicionada com os oito ultimamente descobertos:

Ceres — por Piazzi em 1 de janeiro de 1801.
Pallas — por Olbers em 28 de março de 1802.
Juno — por Harding em 1 de setembro de 1804.
Vesta — por Olbers em 29 de março de 1807.
Astrêa — por Hencke em 8 de dezembro de 1845.
Hebe — por Hencke em 1 de julho de 1847.
Iris — por Hind em 13 d'agosto de 1847.
Flora — por Hind em 18 d'outubro de 1847.
Metis — por Graham em 26 d'abril de 1848.
Hygia — por Gasparis em 14 d'abril de 1849.
Parthenope — por Gasparis em 11 de maio de 1850.
Victoria — por Hind em 13 de setembro de 1850.
Egeria — por Gasparis em 2 de novembro de 1850.
Irene — por Hind em 19 de maio de 1851.
Eunomia — por Gasparis em 29 de julho de 1851.
Psychis — por Gasparis em 17 de março de 1852.
Thetis — por Luther em 17 d'abril de 1852.
Melpomene — por Hind em 24 de junho de 1852.
Fortuna — por Hind em 22 d'agosto de 1852.
Massalia { por Gasparis em 19 de setembro de 1852. / por Chacornac em 20 de setembro de 1852.
Lutetia — por Goldschmidt em 15 de novembro de 1852.
Calliope — por Hind em 16 de novembro de 1852.
Thalia — por Hind em 15 de dezembro de 1852.

N'esta relação omittiu-se o planeta Neptuno ♆, por que em razão de sua massa costuma collocar-se depois dos seis planetas: Mercurio, Venus, Marte, Jupiter, Saturno e Urano. Neptuno foi descoberto por Leverrier, e Adams, pelo calculo antes de ser visto. Leverrier annunciou em 31 d'agosto de 1846 a necessidade da existencia do planeta, que foi confirmada em 23 de setembro pelas observações do dr. Galle, astronomo de Berlim.

Para o planeta Massalia, que segundo advertira Arago, desde 9 de setembro fôra observado de Marselha, tinha proposto Herschel o nome de Themis, que Gasparis havia adoptado, condescendendo porem depois em preferir o nome de Massalia lembrado por Valz, por isso que recordava o logar do seu descobrimento.

Este mesmo planeta tinha sido primeiro chamado Massilia com derivação latina. A este respeito communicou Valz a Arago, que tinha encontrado o antigo nome grego Massalia em Ruffi historiador de Marselha; porem que consultára tambem as medalhas phocenses [1], que são mui raras, e que Goltzius foi o primeiro que descreveu. Ruffi segunda edição, pag. 328, apresenta somente tres, com as effigies de Diana ou Apollo, e tendo no reverso um leão, um abutre, ou um touro, com a inscripção ΜΑΣΣΑ (Massa). O medalhario de Nimes, que é mui rico, tinha grande numero de medalhas phocenses; mas ha poucos annos foram roubadas. Felizmente Lavernede, como bibliothecario, havia feito a sua descripção assás minuciosa, e Valz encontrou alli medalhas eguaes ás de Ruffi; porem o maior numero d'ellas tinham ΜΑΣΣΑΛΙΗΤΩΝ (Massalieton), no genitivo do plural, dos Massaliotes.

Assim Massalia para este planeta, e Lutetia para o planeta descoberto em París pelo sabio artista Goldschmidt, como Parthenope para Napoles, e Ceres para a Sicilia, são nomes de logares que offerecem recordações perpetuas, e mais significativos para o descobrimento d'esses astros, do que os da mythologia.

[1] Phocense de Phocida provincia da Grecia.

NO ALBUM

DA

EX.ma SR.a BARONEZA DA FOZ.

Albuns custosos com douradas folhas
São como as salas onde os homens falsos,
D'amor e d'honra mil protestos fazem
Nunca sentidos.

As minhas trovas tão sem arte feitas
São gritos d'alma que fingir não sabe,
São ais sentidos que revelam chagas
Bem fundas n'alma.

Mal soam brados em douradas salas,
Albuns dourados mal consentem trovas
Que atristem olhos que com meigos risos
Matam d'amores.

Eu sou qual solo d'infecunda rocha,
Onde as boninas vecegar não podem,
Onde só brotam entre os rijos seixos
Negros abrolhos.

Outr'ora um manto d'esmaltada relva
O negro dorso lhe vestia alegre,
Sobre elle outr'ora sem cessar brotavam
Jasmins e rosas.

Rijas torrentes de geladas chuvas
O verde manto lh'arrancaram todo,
Jasmins e rosas o tufão medonho
Ceifou bramindo.

Já fui ditoso, já cingiram c'rôas
A louca fronte que d'amor perdida
Pensar não soube, que não nascem rosas
Ermas d'espinhos.

Rosas suaves que eu colhi sorrindo,
Da triste vida na risonha aurora,
Nescio, julgava que tivesse o mundo
Rosas eternas.

Murcharam todas; desbotadas, seccas,
Todas cahiram, só na triste fronte,
Agora restam ao redor cravados
Duros espinhos.

Perdoa ao triste que sorrir não pode,
Se vem com prantos deslustar teu album,
E as lindas folhas que merecem cantos
D'estro divino.

Sou qual mendigo, que bondosa acolhes,
Que aceita grato generoso albergue;
Mas que só pode tributar-te em paga
Bençãos e pranto.

H. O'Neill.

BREVES REFLEXÕES HISTORICAS SOBRE A NAVEGAÇÃO DO MONDEGO, E CULTURA DOS CAMPOS DE COIMBRA.

Continuado de pag. 101.

Em 1627, encontramos repetido, com pouca differença, o mesmo plano de obras, já proposto e mencionado no anno de 1567; donde se vê que as providencias do regimento dos marachões eram não só pela maior parte inefficazes senão tambem algumas d'ellas absurdas. É necesario não ter observado ao menos uma das grandes enchentes do Mondego, para acreditar que os povos das visinhanças destes campos, ou ainda mesmo os de Portugal inteiro, podessem, com pás enxadas e baldes, fazer obra que desviasse do curso natural um espantoso volume d'aguas que, repetidas vezes em todos os invernos, se despenha das alcantiladas serras da beira, e se espalha com impetuosa torrente pelos campos de Coimbra.

No anno de que vamos escrevendo, achavam-se os campos (como adiante mostraremos) quasi totalmente arruinados pelo lado do sul; e se tal era a sua sorte deste lado, como não seria ao norte, quando é certo ter a agua constantemente mostrado tendencia para correr n'essa direcção, por ser por ahi o campo mais baixo? Das ruinas pelo lado do sul mostraremos um documento incontestavel; e, ainda que nos falte outro que sirva egualmente de prova quanto ás do lado do norte, não deixa de ser isto menos patente a quem souber que o Mondego nesta epocha estava dividido junto ao sitio da Memoria, pouco mais ou menos, em dous grandes ramos, dos quaes um corria pelo sul do campo, e o outro continuava o seu curso pelo alveo antigo; donde é forçoso concluir que o alveo do norte se achava tão obstruido d'areias que as correntes procuravam por necessidade um leito mais commodo á sua tendencia natural.

Na presença de tão desastrosas ruinas os infelizes proprietarios do campo de Coimbra não podiam ficar estatuas insensiveis, vendo todos os annos crescer espantosamente a desgraça de suas familias pela falta de um encanamento para o Mondego; seus energico brados tocaram com a convicção da desgraça os ouvidos do rei e das autoridades; e em resultado, apparece n'esta epocha, grande interesse por um encanamento, como veremos pelos documentos seguintes:

Uma provisão de 20 d'abril de 1627, refere-se a outra um pouco anterior, que mandou reunir em Coimbra os povos visinhos ao campo, d'um e outro lado do Mondego, para elegerem uma junta que deliberasse sobre os negocios relativos ao encanamento: não encontramos esta provisão, mas aquella é bastante para nos ministrar sufficiente conhecimento dos factos.

A camara de Coimbra, receosa de que a multidão das povoações congregadas para a eleição da junta não pertubasse o socego da Cidade, pediu ao governo que mandasse fazer a eleição por outro methodo. A sua representação foi attendida, mandando-se que os procuradores das communidades, e os feitores do duque d'Aveiro e do marquez de Ferreira (proprietarios mais poderosos do campo), e assim os officiaes das camaras das villas, concelhos e logares circumvisinhos ao campo, d'uma e outra parte do rio, elegessem duas pessoas das que o povo lhes apresentasse para juntamente com aquelles procuradores irem requerer, por cada povo, o que julgassem conveniente na occasião em que se houvessem de reunir com a camara de Coimbra para tractar do negocio do encanamento. Desta provisão consta que os *architectos* encarregados das obras do novo encanamento haviam de partir de Lisboa para Coimbra no dia 26 do dito mez. [1]

Não sabemos se com effeito se constituiu a junta, por que nem della nem de suas deliberações tornamos d'ora em diante a encontrar memoria alguma; todavia houve o pensamento de a crear, e talvez o documento que vamos referir, e ao qual ainda ha pouco alludimos, d'uma vestoria feita ao sul dos campos de Coimbra, fosse ou um trebalho

[1] Arch. M.ª fl 394 e segg do L.º 1.º de Prov. e Privil. e Report. das Extravag. — Mondego. —

determinado pela mesma junta, ou pelos camaristas para lhe fornecer informações certas e seguras, em que ella podesse fundar as suas deliberações. Fosse porem esta ou outra a causa da vestoria, é certo que o documento existe com todos os caracteres de authenticidade. [1] Nelle se descreve o triste quadro das ruinas que os campos tinham soffrido pela parte do sul, principalmente na distancia que medeia entre Coimbra e o logar do Ameal: apontaremos d'elle somente as partes que podem interessar ao nosso fim.

A commissão que procedeu a este exame compunha-se d'um procurador do bispo, um vereador e escrivão da camara de Coimbra, mestre d'obras Isidro Manoel, e d'um Manoel Simòis escrivão dos orfãos como perito dos campos ao sul do Mondego. Quando esta commissão chegava a alguma povoação limitrofe do campo, que tinha de ser inspecionado, escolhia ahi outro louvado perito do local para dar informações e o seu parecer.

O primeiro auto de axame é datado da Rapoula (pouco mais ou menos onde hoje chamamos — Memoria, ou Pedrado), em 27 de maio de 1627; e n'elle se declara que n'este sitio devia o rio começar a correr para o lado do sul, segundo as ordens de sua magestade. A commissão declarou que as terras, desde o sitio da Rapoula até Montesão (uma grande parte dellas foreiras à Mitra), estavam desde muitos annos estereis por causa das areias, e que não havia prejuiso algum em se encanar o rio por este lado ate Montesão.

Passaram depois a inspeccionar os campos da Corugeira e da Sugeira, e encontraram quasi de todo arruinados os prazos que por ahi havia da universidade, Santa Clara, S. Lazaro etc.; e diceram que não se encanando o rio depressa se arruinariam de todo; que por estes prazos passava a valla da quebrada que havia no marachão da Rapoula, por onde corria uma terça parte da agua do rio, e que as terras que ficassem d'um e outro lado do encanamento se podiam tornar productivas.

Viram o campo de Taveiro, que era da universidade, por onde estava determinado que passasse o rio; e declararam que se lhe deviam cortar dez geiras, por ser de mais proveito para o resto que melhorava com o encanamento.

Dos exames feitos nos campos de Villa-Pouca e Ameal resultaram estas declarações: que estes campos estavam retalhados em pantanos causados pela quebrada e valla que corria por estes sitios; e que não causava damno algum aos predios o encanamento que estava por ahi determinado abrir-se até Pereira, antes muito os melhorava.

Nos campos de Pereira e Formozelhe notavam que nos de Formozelhe o encanamento tinha de cortar bôas terras do bispo conde, no que lhe causava grave prejuiso, porem que s. ex.ª era contente com isso; tendo de ir o encanamento na maior parte pelo rio velho: e que nos campos junto á egreja de Pereira, onde passa a valla da Arzilla, pouca ruina se causava ás terras, porque, tendo de passar por ahi o encanamento, a valla era larga e com grande *vagem;* por isso com pouca cava se podia por ella encanar o rio.

O theor destes autos de vestoria nos revellam alguns factos que não temos ainda encontrado n'outros documentos, e vem a ser — que o governo tinha decretado um novo encanamento pela parte meridional do campo; que o Mondego se encontrava n'este tempo (1627) dividido em dous ramos no itio da Rapoula; e finalmente que a maior parte do campo se tinha tornado esteril.

Apezar destas diligencias, ainda em 1629 não se havia traçado um plano definitivo de encanamento, porque por uma provisão datada de Madrid aos 6 d'abril d'este anno [1] se communica á camara de Coimbra que sua magestade para atalhar os damnos do Mondego, a que desde muito tempo se procurava dar remedio, tinha mandado proceder ás diligencias de que tractava um documento que acompanhava a mesma provisão [2]; e que na companhia do bispo da dita cidade vinha um *Architecto*, para ver como a obra se devia levar a effeito, ao qual a camara devia pagar 25 reales por dia. Ha com aquella data mais uma carta regia para que a camara logo que tivesse aviso do bispo, se reunisse no logar e á hora que s. ex.ª mandasse, para todos juntamente tractarem a respeito do melhor modo de encanar o Mondego. [3] Donde se vê claramente que em 1627 estava sim decretado o encanamento pelo sul do campo, mas ainda em 1629 se não achava levantada a sua planta.

A par das projectadas obras de canalisação tratava-se tambem de construir um caes novo junto de Coimbra. Em 4 de fevereiro de 1638 requereu a camara ao governo a approvação da obra, e pediu que o rei lhe mandasse um dos seus Architectos para a dirigir. Aos 24 de fevereiro do anno seguinte achava-se o architecto (Luiz de Frias) com os vereadores da camara e os vinte e quatro Misteres do povo no caes velho da cidade, onde « todos se embarcaram rio acima até « defronte da quinta dos frades Bentos, vol- « taram dahi pelo rio abaixo, vendo a « queda do Mondego, e grande damno que

[1] Entre os papeis avulsos do arch. municipal, é original.

[1] Alch. M.ª afl. 153 de Provisões originaes.

[2] Não deparramos com este documento, salvo se elle for o dos autos de vestoria que acima demos em resumo.

[3] Arch. M.ª afl 151 do L.º de Provisões originaes.

« fazia por não haver cáes; assentaram que « o architecto como mestre mandado por « sua magestade, e que entendia o que se « devia fazer, fizesse a traça d' um caes de « modo que o rio não continuasse a deteriorar « a cidade [1] « Em 5 de Março seguinte tinha Luiz de Frias concluido o desenho do novo cáes; apresentou-o aos camaristas, que se deram por satisfeitos, mandando que o architecto o levasse com alguns apontamentos da obra, para relatar tudo na *mesa do paço*, afim de que sua magestade determinasse o que fosse conveniente. [2]

De 1639 em diante até 1684 não encontramos documentos alguns relativos a obras do Mondego. Deste silencio parece dever inferir-se, ao menos com probabilidade, que alguns melhoramentos se obtiveram pelas providencias, que referimos nos annos precedentes de 1627 a 1629 ou a 1639, se houvermos de considerar a obra do caes, como parte do encanamento.

Do dito anno de 1684 havia uma carta regia para D. Simão da Gama, reitor da universidade e superintendente do Mondego, ordenar o plano d'um encanamento. [3] E em 1694 (12 de maio) mandou elrei proceder ao novo encanamento, constrangendo os donos das terras, por onde elle havia de passar, a vendel-as por arbitrio de louvados ou a serem indemnisados, querendo, no terreno do alveo antigo [4]

[1] Autos originaes entre os papeis avulsos do Arch.
[2] de Coimbra.
[3] Este documento vem citado no Report.° das extrav. como existente no cart.° da fazenda da universidade patrim. ant. gav. 7 mas não a mostramos.
[4] D.° Reportorio.

TECHNOLOGIA.

Novo processo para gravar em metal e especialmente em aço.

Segundo a memoria de Mr. Talbot physico inglez, mergulha-se a lamina d'aço, que se pretende gravar, em vinagre misturado com um pouco d'acido sulfurico; a substancia, que se deposita sobre a lamina para formar uma camada impressionavel, é uma mistura de gelatina e de bichromato de potassa. Primeiro secca-se e aquece-se levemente a lamina, cobre-se toda uniformemente com a mistura, e n'uma posição horisontal aquece-se brandamente á chama d'uma alampada até que a lamina esteja perfeitamente secca. Esta deve então mostrar-se com uma bella côr amarella e uniforme; se notarmos espaços ondeados produzidos por uma especie de christalisação microscopica, é isso signal de que ha escesso de bichromato.

Se pretendemos gravar um objecto plano, como uma renda, a folha d'uma planta, collocamol-a sobre a lamina e expomol-a d'este modo ao sol durante um ou dois minutos.

Se queremos gravar um objecto em relevo, tomamos uma imagem negativa pelos meios ordinarios; depois tiramos uma imagem positiva sobre papel ou vidro, e finalmente collocamos esta ultima imagem sobre a lamina e expomol-a ao sol.

A imagem obtida é d'uma côr amarella que se destaca do fundo escuro do resto da camada gelatinosa; immerge-se a lamina em uma cuba cheia d'agua fria durante perto de dois minutos.

A agua torna a imagem branca, e tendo mergulhado alguns minutos a lamina em alcool, e seccando-a depois a um calor moderado, a imagem branca apparece ainda mais clara no fundo escuro.

Resta agora fazer intervir o reactivo chimico que deve gravar a lamina. A acção deste reactivo deve ser sufficientemente forte sobre os traços produzidos pela luz, e mui fraca em todos os outros pontos.

Mr. Talbot experimentou differentes reactivos, e preferiu o bichlorureto de platina diluido n'uma porção d'agua que elle não indica. Em dois minutos produz-se a acção; lava-se a lamina com uma esponja imbebida n'uma dissolução de sal marinho, até que a gelatina tenha desapparecido.

INSTRUCÇÃO PUBLIEA EM HESPANHA.

Obras approradas para o ensino publico nas universidades e institutos de Hespanha em 1851.

Continuado de pag. 108.

FACULTAD DE FARMACIA.

PRIMER AÑO.

Mineralogia de aplicacion.

Lecciones mineralogía, por D. Agustin Yañez: un tomo.

Elementos de mineralogía, por Brad Salacroux.

Elementos de historia natural, traducidos por D. José Rodrigo: cinco tomos.

Zoología de aplicacion.

Lecciones de zoología, por D. Agustin Yañez: un tomo.

Elementos de zoología, por D. M. Edwards y A. Comte, traducidos al castellano: un tomo.

Materia farmacéutica mineral y animal.

Tratado de materia farmacéutica por D. Manuel Jimenez: un tomo.

SEGUNDO AÑO

Botánica de aplicacion.

Lecciones de botánica, de D. Agustin Yañez: un tomo.

Manuel de botánica descriptiva, por D. Vicente Cutanda y D. Mariano del Amo: dos tomos.

Manual de botánica, por Girardin y Juillet: un tomo.

Materia formacéutica vegetal.

Tratado de materia farmacéutica, por D. Manual Jimenez: un tomo.

TERCER AÑO.

Farmacia químico-inorgánica.

Tratado de farmacia operatoria, por D. Raimundo Fors y Cornet: dos tomos.

Tratádo de farmacia experimental, por D. Manuel Jimenez: dos tomos.

Curso completo de farmacia, por Le Canu, traducido al castellano: dos tomos.

CUARTO AÑO.

Farmacia químico-orgánica.

Curso completo de farmacia, por Le Canu, traducido al castellano.

Tratado de farmacia teórica y práctica, por Soubeiran, traducido de la última edicion dos tomos.

Tratado de química orgánica, por J. Liebig, traducido al castellano: tres tomos.

QUINTO AÑO.

Practica Farmaceutica.

Las obras designadas para tercero y cuarto año.

FACULTAD DE JURISPRUDENCIA.

PRIMER AÑO.

Prolegómenos del derecho.

Prolegómenos del derecho, por D. Pedro Gomez de la Serna.

Prolegómenos del derecho, por D. Carmelo Miquel.

Falch, enciclopedia jurídica.

Historia elemental del derecho romano.

Historia de la legislacion romana desde su orígen hasta las legislaciones modernas, por Ortolan, traducida por Don Ricardo R. de la Cámara.

Lecciones de historia de la legislacion romana, por Don José María Antequera.

Introducion histórica al estudio del derecho romano, por D. Pedro Gomez de la Serna.

Instituciones del derecho romano.

Curso histórico exegético del derecho romano comparado con el español, por D. Pedro Gomez de la Serna.

Explicacion histórica de las instituciones del Emperador Justiniano, por Mr. Ortolan. El catedrático que acepte este texto deberá hacer notar á sus discipulos las variantes del derecho romano con el español en los puntos principales.

Institutiones romano-hispanæ ad usum thyronum hispanorum ordinatæ, opera Joannis Sala, præpositi Valentiti.

En este año se explicará desde el proemio de las instituciones de Justiniano hasta el título X del libro segundo.

SEGUNDO AÑO.

Los mismos autores señalados para el estudio de las Institiciones del derecho romano en el primer curso.

Este comprenderá desde el título X del libro segundo hasta el final.

TERCER AÑO.

Historia del derecho español.

Historia de la legislacion española, por D. José María Antequera.

Historia del derecho español, por D. Joan Sempere y Guarinos.

La reseña histórica de la legislacion española que precede á los Elementos de derecho civil y penal de España, por los doctores D. Pedro Gomez de la Serna y D. Juan Manuel Montalvan.

Derecho civil de España.

Elementos del derecho civil y penal de España, por los doctores D. Pedro Gomez de la Serna y D. Juan Manuel Montalvan.

Ilustracion del derecho Real de España, por D. Juan Sala.

Novísima ilustracion del derecho español, por D. Juan Morcillo Ortiz.

Derecho mercantil.

Elementos de derecho mercantil, por D. Eugenio de Tapia.

El Código de Comercio extractado, con la explicacion al pie de cada artículo, por D. José de Vicente, cuarta edicion.

Elementos de derecho mercantil, por D. Eustoquio Laso.

Derecho penol.

Elementos del derecho penal de España, por los doctores D. Pedro Gomez de la Serna y D. Juan Manuel Montalvan.

Elementos del derecho penal de España, por D. Eustoquio Laso.

Instituciones del derecho penal de España, por D. Ildefonso Aurioles y Montero.

CUARTO AÑO.

Prolegómenos y elementos del derecho canónico universal y particular de España.

Dominici Cavallarii institutiones juris canonici.

El catedrático que acepte este livro de tex-

to deberá hacer notar las variante respecto al derecho canónico de la Igresia de España.

Institutionum canonicarum libri III, auctore Julio Laurencio Selvagio.

Manual de derecho eleciástico de todas las confeciones cristianas, por D. Fernando Walter, con adiciones relativas á la disciplina eclesiástica de España.

QUINTO AÑO.

Disciplina general de la Igresia y particular de España.

Curso de disciplina eclesiástica general y particular de España, por el Dr. D. Joaquin Aguirre.

Disciplina eclesiástica general de Oriente y Occidente, la particular de España y última del Concilio de Trento, por Caparros.

Derecho público.

No habiendo un texto acomodado á esta asignatura, los catedráticos explicarán los fundamentos de la Constitucion política de la monarquía española.

Derecho administrativo.

Derecho administrativo español, por D. Manuel Colmeiro.

Elementos del derecho administrativo, por D. Manuel Ortiz de Zúñiga.

Instituciones de derecho administrativo español, por Don Pedro Gomez de la Serna.

SEXTO AÑO.

Ampliacion del derecho español. Historia crítica y filosófica de los códigos y de sus principales disposiciones, y de las novedades que introdujeron.

Mientras no haya obras de texto acomodadas á esta asignatura, los catedráticos adoptarán por guia para sus explicaciones uno de os libros designados para texto de la historia del derecho español; y por su órden, sin repetir lo que los discípulos aprendieron en el año tercero, se ocuparán de la historia externa de nuestro derecho, considerando en general nuestros códigos en la parte civil bajo su aspecto histórico, crítico, filosófico y literario, utilizando los trabajos hechos por nuestros jurisconsultos en esta importante parte de la ciencia. Despues entrarán en el exámen interno de las disposiciones de los códigos por su órden cronológico, señalando las variaciones sucesivas que sufrieron las diferentes instituciones, fijándose en las mas notables, haciendo su historia, determinando las causas que influyeron en las alteraciones, ventajas é inconvenientes de las novedades causadas, hasta fijar las disposiciones vigentes de nuestro derecho.

Los catedráticos recomendarán la lectura de las monografias ó tratados especiales mas selectos de las principales instituciones ó compilaciones.

Teoria de los procedimientos.

Elementos de práctica forense, por D. Manuel Ortiz de Zúñiga.

Tratado academico forense de procedimientos judiciales, por los doctores D. Pedro Gomez de la Serna y D. Juan Manuel Montalvan.

Instituciones prácticas ó curso elemental de práctica forence, por D. Juan Maria Rodriguez.

SETIMO AÑO.

Ampliacion del derecho español, parte mercantil y penal y fueros particulares. Historia crítica-filosófica de los Códigos y sus principales disposiciones y de las novedades que introdujeron. (Segundo curso.)

Mientras no haya livros de texto arreglados á esta asignatura, se procederá por un órden análogo al del curso precedente.

En la parte de fueros particulares, los catedráticos harán notar las variantes con nuestro derecho comun en los de Aragon, Cataluña, Navarra, Vizcaya, Alava, Guipúzcoa y Mallorca.

Para la parte mercantil se designan los libros siguientes.

Instituciones del derecho mercantil de España, por Don Ramon Martí de Eixalá.

Tratado del derecho mercantil de España, por D. A. B. abogado de Barcelona.

Para el derecho penal.

Código penal concordado y aumentado, por D. Joaquin Francisco Pacheco.

Comentarios al nuevo Código penal, por D. Tomas María de Vismanos y D. Cirio Alvarez Martinez.

El Código penal explicado, por D. José Castro y Orozco y D. Manuel Ortiz de Zúñiga.

Práctica forense.

Esta asignatura no tiene texto por no haber en ella explicaciones teóricas. Todo el tiempo deberán invertirlo los alumnos en trabajos prácticos dirigidos y corregidos por los profesores, que les harán notar los defectos que aquellos contuvieren, y precisar las fórmulas de los escritos.

Continúa. V. F. N. PAIVA.

ERRATA DO N.° 4.

Pag.	*Col.*	*Linh.*	*Erro.*	*Emenda.*
43	2.ª	8 da not. 2.ª	ammonites, tortilis, margaritatas, e serpentinas.	ammonites tortilis, margaritatus, e serpentiaus.

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA.

Movimento da faculdade de mathematica no anno lectivo de 1852 para 1853.

Distribuição transitoria [1] das disciplinas e professores que as leram.

1.° *Anno*

Estudantes matriculados 84, perderam o anno 34 — não fizeram acto 20, approvados *nemine discrepante* 21, approvados *simpliciter* 7, reprovados 2.

1.ª *Cadeira — Arithmetica; algebra elementar; geometria synthetica; trigonometria plana.* Compendios, *Curso Completo de Mathematicas Puras de* Francoeur, 1.° volume *Eléments de Geometrie, de Legendre.* Professor, Dr. Rufino Guerra Ozrio.

2.° *Anno*

Estudantes matriculados 30, perderam o anno 6, não fizeram acto 7. approvados *nemine discrepante* 11, e approvados *simpliciter* 5, reprovados 1.

2.ª *Cadeira — Geometria synthetica e analytica a duas dimensões; algebra superior; series; principios elementares de calculo differencial e integral.* Compendios, *Geometria d'Euclides, e Curso Completo de Mathematicas Puras de Francoeur* 1.° e 2.° volume Professor, Dr. Raymundo Venancio Rodrigues.

3.° *Anno.*

Estudantes matriculados 12, perderão o anno 2, não fizeram acto 3, approvados *nemine discrepante* 7.

3.ª *Cadeira—Algebra superior; geometria analytica a tres dimensões; trigonometria espherica, calculo differencial e integral, e das differenças.* Compendio, *Curso Completo de Mathematicas Puras de Francoeur*, 2° volume. Professores, Dr. Jacome Luiz Sarmento de Vasconcellos no principio do anno; no resto, Dr. Abilio Affonso da Silva Monteiro.

[1] Em consequencia da passagem do antigo para o novo plano, e para remediar os inconvenientes nos dois ultimos annos, da cessação das aulas mais cedo do que o regular, em virtude dos perdões d'acto. — Vede o n.° 14 do 1.° vol. d'este Jornal.

4.° *Anno.*

Estudantes matriculados 10, perderam o anno 1, approvados *nemine discrepante* 9.

4.ª *Cadeira — Mechanica racional e geometria discriptiva.* Compendios *Traité de Mécanique, de Francoeur; Traité de Geometrie Discriptive de Fourcy; Complementos da Geometria discriptiva de Fourcy, por Sousa Pinto.* Professor, Dr. Francisco de Castro Freire.

5.ª *Cadeira — Optica e astronomia practica.* Compendios, *Eléments d'optique de La Caille; Traité d'Astronomie Physique, de Biot.* Professor, Dr. Rodrigo Ribeiro de Sousa Pinto.

5.° *Anno*

Estudantes matriculados 3, approvados *nemine discrepante* 3.

6.ª *Cadeira — Geodesia e hydraulica.* Compendios, *Geodesie, de Francoeur. Traité de mécanique, de Poisson.* Professor Dr. Joaquim Gonçalves Mamede.

7.ª *Cadeira* — Mecanica celeste. Compendios, *Theorie analytique du systeme du Monde, par Pontecoulante; Mecanique Celeste de Laplace.* Professores, Drs. Thomaz d'Aquino de Carvalho, no principio do anno; no resto, Dr. Jacome Luiz Sarmento de Vasconcellos.

6.° *Anno*

Estudante matriculado 1.

Repetição das cadeiras 4.ª e 7.ª

Texto assignado para a dissertação inaugural, *De attractione sphæroidum a sphæra parum aberrantium.*

Repartições para as theses: 1.° *Mechanica dos solidos theorica e applicada; 2.° Mechanica dos fluidos theorica e applicada;* 3.° *Astronomia Physica; 4.° Geodesia e Mechanica celeste.*

Cursos de leitura para a habilitação á classe de oppozitores. (Vede o n.° 17 do 1.° vol. d'este jornal, pag. 279).

Despachos que tiveram logar na Faculdade depois da abertura das aulas.

Para o logar vago pelo fallecimento do lente cathedratico, Dr. Agostinho de Moraes Pinto d'Almeida, foi despachado o 1.°

lente substituto Dr. Raymundo Venancio Rodrigues.

Foi nomeado oppositor, e depois despachado para o logar vago de 4.° lentes substituto, o Doutor José Teixeira de Queiroz.

Para o logar vago em consequencia da nomeação do 2.° lente cathedratico da faculdade o Dr. José Ferreira Pestana para vogal do conselho ultramarino, foi despachado o Dr. Rufino Guerra Osorio.

Distincções.

Em consequencia de frequencia e actos finaes obtiveram distincções n'este anno lectivo os estudantes de que já se fez menção no n.° 9 do 2.° vol. d'este jornal.

Alterações — livros adoptados — e outras providencias.

Em resposta á consulta do conselho da faculdade de mathematica á cerca dos motivos e considerações, que o levaram a adoptar o plano de distribuição das disciplinas das cadeiras de mathematica, e bem assim sobre o fundamento que deteiminára o mesmo conselho a pôr em execução o referido plano no anno lectivo ultimo: houve S. M. por bem declar que lhe será muito agradavel saber, que os resultados da mencionada distribuição de disciplinas tem correspondido ao fim de conveniencia pública que o conselho teve em vista.

Tendo o conselho da faculdade concordado unanimemente em que se pedisse ao governo de S. M. auctorisação para alternar as aulas do curso mathematico nos annos, que se julgasse conveniente, sendo o minimo d'estas aulas assim alternadas de 2 horas, e ficando para ellas supprimido o feriado da 5.ª feira.: foi o mesmo conselho para isso authorisado por decreto de 23 de outubro de 1852. E effectivamente se alternaram n'esta conformidade as aulas do 4.° e 5.° anno. Por proposta do vogal Dr. Mamede decidiu depois a congregação, que havendo na semana um ou mais dias feriados, marcados por lei, se lesse no dia immediato, alem da lição ordinaria, uma extraordinaria, de hora emeia, na outra cadeira.

Em ordem a fazer entrar successivamente o curso mathematico no plano ultimamente adoptado, decidiu o conselho da Faculdade que, no anno proximo lectivo de 1853—1854, se pozesse aquelle plano em execução em todas as cadeiras com as seguintes excepções:

3.° *Anno.*

4.ª Cadeira — *Geometria analytica a tres dimenções.; superficies e curvas no espaço; mecanica racional.*

4.° *Anno.*

5.ª *Cadeira—Optica; astronomia pratica.*

A 6.ª *Cadeira de mecanica applicada á geodesia* continúa no 5.° anno. Os Estudantes do 4.° anno estudarão *mecanica racional* na 4.ª *cadeira; e geometria discriptiva*, na cadeira que se assignar na 1.ª congregação do proximo anno lectivo.

Foi approvada para compendio a 2.ª parte da Dynamica, appresentada pelo vogal Dr. Castro; e tendo este declarado que cedia da propriedade da 1.ª edição dos seus *Elementos de Mecanica Racional*, a favor de Imprensa da universidade, com tanto que esta se promptificasse a imprimil-a de modo que podesse servir para o ensino no anno proximo. O conselho instou com o sñr. vice-reitor para que recommendasse que esta impressão, e as que se estão fazendo na mesma typographia para uso da faculdade, se fizessem com preferencia a outros quaesquer trabalhos.

Por proposta do lente respectivo foi adoptado para compendio de 6.ª Cadeira a *Mecanica applicada, de Navier.*

O vogal Sousa Pinto apresentou um manuscripto contendo a 1.ª parte de um compendio de Astronomia; e o conselho da Faculdade tendo na maior consideração este valioso serviço, nomeou immediatamente uma commissão, composta dos vogaes J. Sarmento e Barreto Feio, para o exeminar e darem sobre elle o seu paracer.

Constando ao conselho que se tractava de distribuir pelos differentes estabelecimentos pertencentes á universidade os livros acumulados no antigo collegio das artes, encarregou o vogal Castro de escolher dentre elles aquelles que devessem passar para a livraria do observatorio.

Satisfazendo ao officio do ministerio dos negocios do reino, acompanhando outro do ministerio da guerra, no qual se mostra a conveniencia de que a faculdade de mathematica classifique numericamente os alumnos do 3.° anno no fim dos annos lectivos, e os do 4.° e 5.° no anno actual, pelo mesmo modo que são classificados os da eschola Polytechnica: decidiu o mesmo conselho fazer este anno a classificação pelo modo indicado, reservando-se para propor oportunamente sobre elle as modificações que julgar mais convenientes.

Decidiu mais o mesmo conselho, que no relatorio annual da faculdade, incumbido ao vogal Castro, se fizessem ao governo de S. M. as requesições seguintes:

De 600$000 reis por uma vez para se organizar a aula de desenho, agora provida de professor vitalicio, em conformidade com a consulta que sobre este objecto dirigira o conselho ao mesmo governo em 15 de março de 1843.

De 100$000 reis, annuaes para compra de livros e assignaturas de jornaes scientificos para a faculdade e Observatorio.

De 200$000 reis, por uma vez para obras de urgencia a que é necessario proceder para arranjo de duas aulas para uso da faculdade.

Observatorio.

Tendo o conselho da faculdade representado sobre a necessidade que havia de prover á continuação do calculo das ephemerides por collaboradores temporarios, na impossibilidade de se preencherem os logares vagos de ajudantes do Observatorio, por falta de oppositores legalmente habilitados: houve por bem S. M. authorizar o prelado da universidade para escolher para esse fim dois doutores da faculdade.

Ao conselho da faculdade foram presentes as informações que pedíra em 2 de maio de 1851, como necessárias para dar o seu parecer sobre a escolha dos instrumentos, que o governo por carta de lei de 23 de abril de 1850 fora authorisado a comprar para o observatorio da universidade. D'estas informações resultara, que os distinctos Astronomos M.M. Airy, Struve e Faye julgaram preferivel o circular meridianno (Tranzit-circle) á Luneta meridianna, e ao circular mural, para a combinação das funcções d'estes dois instrumentos; por ser susceptivel de mais exacta orientação que a do ultimo; por se fazerem com elle mais observações completas de ascenção recta e declinação; por se empregar nestas observações um só observador; e por ser menos dispendiosa a sua collocação. No observatorio de Greenwich tem a Luneta meridianna e o circular mural cahido em desuso; e o mesmo se espera aconteça no observatorio do Cabo da Boa Esperança, e em muitos obsevatorios da Allemanha. O conselho, á vista d'estas informações tão explicitas e terminantes, não duvidou propor ao governo a escolha do circular meridianno em logar do circular mural e da Luneta meridianna; mas entendeu que, para ser o observatorio da universidade um estabelecimento correspondente ao fim da corporação, á qual está com especialidade confiada no paiz a cultura das sciencias, devem os seus meios instrumentaes ser da mesma classe que os dos grandes observatorios distinados a promover o adiantamento da astronomia e aperfeiçoamento das taboas astronomicas, como o eram no fim do seculo passado aquelles que actualmente possue. Por isso foi de parecer, que se fosse possivel comprar um circular meridianno da mesma classe, que o dos observatorios de Greenwich e Cabo, de oito pollegadas de abertura, sería essa acquisição a mais conveniente para o observatorio; e se para o conseguir fosse necessario que se prescindisse por algum tempo do equatorial, assim mesmo não duvidava preferil-a á dos dois instrumentos de uma classe inferior; por que assim poderia o observatorio satisfazer ao fim principal de sua creação, fazendo-se n'elle observações fundamentaes, com que possa concorrer para a correcção das taboas astronomicas a par dos estabelecimentos da mesma ordem. Julgou tambem util lembrar ao governo, que se o zêlo e amor da sciencia astronomica de M. Airy o moveram e encarregar-se de dirigir a construcção dos instrumentos pedidos, será esse um dos mais importantes serviços scientificos, que o nosso paiz pode receber d'aquelle illustre astronomo.

Em portaria do ministerio do reino participou-se ao conselho, que já tinham sido recebidas na secretaria d'aquelle ministerio as informações pedidas para Inglaterra á cerca dos dois instrumentos circular meridianno e telescopio de força para uso do observatorio; e julgando-se o governo em breve habilitado com os meios de mandar fazer a incommenda, pedio que o conselho da faculdade de mathematica informasse se haverá em Coimbra artista competente para desempenhar opportunamente o trabalho da collocação dos mencionados instrumentos, ou se julge indispensavel, que venham com a remessa delles alguns esclarecimentos para servirem de guia segura a quem houver de ser encarregado d'aquelle trabalho. O conselho, attendendo a que o circular meridianno é similhante á Luneta meridianna, que o habil machinista do observatorio de Coimbra ajudou a collocar, não julgou de necessidade commetter a pessoa estranhe a collocação dos dois instrumentos, que o governo de S. M. manda comprar para o mesmo observatorio. Achou porém conveniente, para facil execução d'aquelles trabalhos, que acompanhem os instrumentos o seu desenho, representando-os na posição em que devem funccionar; a sua descripção; a numeração das peças; e quaesquer indicações que possam ser uteis para o mesmo fim.

INSTRUCÇÃO PUBLICA NA SUECIA E NORUEGA.

(Continuado de pag. 121).

Instrucção Primaria na Suecia.

As salas de asylo, ou escholas da primeira infancia (*smábarn skolor*) são o preliminar para a instrucção primaria na Suecia e Noruéga. O numero d'ellas tem augmentado muito. Ha salas de azilo sustentadas pelo governo, e outras fundadas por particulares.

Admittem-se n'ellas crianças desde os tres até aos oito annos, e ali se conservam todos os dias, tres horas de manhã e tres de tarde. O ensino n'estes azilos é feito sempre debaixo de uma forma recreativa, e acommodado á tenra idade dos alumnos, que são entregues aos cuidados de mestras, que fazem as vezes de verdadeiras mães. A direcção das salas d'azilo está a cargo de uma com-

missão administrativa, e sob a inspecção dos consistorios.

Os beneficios d'esta instituição têm-se conhecido praticamente n'este paiz, e cada vez é menor o numero de crianças, que dantes se encontravam horas e dias inteiros vagueando pelas ruas no mais completo abandono, expostas a mil perigos, e ameaçadas de se desmoralisarem.

Das salas de azilo os alumnos passam para as escholas primarias, cujo regular estabelecimento conta pouco mais de doze annos de existencia.

O ensino particular estava intimamente arreigado nos habitos e costumes seculares d'estes povos, e fôra por isso mui difficil vencer as reluctancias que se apresentavam contra as novas escholas para plantar este systema, e fazel-o fructificar; o fânatismo popular chegára a ponto de pôr fogo a algumas d'essas escholas. Pertendia-se que o novo estatuto atacava o direiro incontestavel que os páes tinham de ensinar os filhos; e procurará desviar-se o governo do caminho que encetara, encarecendo os vãos perigos de derramar a instrucção entre o povo por via das escholas publicas. Todos estes esforços foram baldados, por que o governo presistiu na reforma decretada, e o resultado deu um cabal desengano até aos mais pertinazes antagonistas d'esta reforma.

Em 1840 a Dieta estabeleceu as sommas necessarias para a sustentação dos seminarios, ou escholas normaes dos mestres de instrucção primaria, e para as demais escholas.

A estas sommas os estados juntaram uma contribuição pessoal, ou talha, de oitenta reis por cada homem, e metade as mulheres para a sustentação das escholas primarias, de modo que, contando apenas a Suecia 3:500:000 habitantes, só o orçamento da instrucção primaria somma em mil e seis centos contos, não entrando n'esta somma as contribuições das municipalidades e dos particulares para diversos asilos e esaholas não subsidiadas pelo governo.

O estatuto real de 11 de Junho de 1842 organisou definitivamente as escholas primarias, e citaremos por isso em summa as suas disposições, para melhor avaliarmos depois os seus effeitos nos dois reinos unidos.

Todas as parochias urbanas e moraes são obrigadas a sustentar, pelo menos, uma eschola *fixa*, com um mestre approvado e nomeado pela auctoridade competente: as pequenas parochias, ou curatos, que estão sugeitos a um unico pastor, reunem-se algumas vezes para estabelecer uma eschola commum. A lei permitte porém a creação de escholas *ambulantes* (*skyttbara-skolor*), quando não é possivel estabelecer as escholas *fixas*, por falta absoluta de meios, pela grande distancia entre os cazaes que compõe a porochia, pela difficuldade do transito, ou por outros graves inconvenientes materiaes.

As escholas *ambulantes* consistem em mestres, que tem por obrigação visitar successivamente, em certas epochas do anno, os cazaes, e aldêas de um districto escholar, dando lições aos alumnos de ambos os sexos.

Cada districto escholar é administrado por uma commissão composta do parocho local, que é o presidente, e de membros eleitos pela parochia. A commissão superintende nas escholas do seu districto, e regula o seu regimen interno, com approvação do consistorio. A ella pertence tambem estabelecer as differenças, que deve haver no ensino dos dois sexos; o numero dos dias e horas das lições, e a idade em que os meninos devem ser admittidos ás escholas; geralmente é aos 9 annos que esta admissão tem lugar.

Chegada esta idade, todos os meninos devem ir á eschola da sua parochia, e sómente são dispençados d'esta obrigação os que justificão, que em suas casas, ou n'alguma eschola particular frequentão os mesmos estudos, que na eschola parochial; o governo faz depois examinar pelos parochos os alumnos educados particularmente, e, não satisfazendo ao exame, obriga-os a seguir a eschola parochial.

Os meninos pobres são sustentados nas escholas á custa do publico. Para com as familias nigligentes em mandarem os filhos ás escholas a legislação é rigorosissima.

Os parochos e o conselho da parochia avisão primeiro officialmente os chefes de familia, ou tutores, para mandarem os filhos ás escholas; se estes não satisfazem áquelles dois avisos, são lhes tirados os filhos ou tutelados do patrio poder, e entregues a outras pessoas, que se obrigam a cuidar na instrucção d'elles á custa dos proprios pães, ou tutores, para evitar que alguns voluntariamente se deixassem incorrer n'esta pena, para se pouparem és despezas da sustentação dos proprios filhos.

Nas escholas primarias não se exige dos alumnos senão o grão de instrucção correspondente á sua capacidade; todos entretanto são obrigpdos a saber ler correntemente o sueco, e o latim, escrever corretamente, fazer as quatro operacões fundamentaes da arithmetica, cantar os salmos, e responder de cór ás perguutas do cathecismo indispensaveis para a primeira communhão.

Alem das escholas parochiaes, é permittido o estabelecimento de escholas particulares, que todavia são sujeitas á inspecção da commissão parochial, e do consistorio.

A lei vigente estabeleceu na capital do reino, e nas cidades episcopaes, semminarios, ou escholas normaes, para criar mestres para a instrucção primaria. Estes seminarios estão debaixo da immediata direccão dos consistorios. Para serem n'elles admittidos, os alumnos mestres devem apresentar attestado de procedimento e costumes, e mostrar-se habilitados em todas as partes do programma da instrucção primaria.

Aos alumnos mestres, que são pobres abona o estado uma ajuda de custo, que os consistorios distribuem pelos mais necessitados, e que mostrem maior aproveitamento, na razão de 16$000 reis ou 10$700 para cada um.

Esta ajuda de custo é concedida sómente por um anno até dezoito mezes. Os alumnos mestres que, dentro em seis mezes depois de concluido o seu curso, recusam algum logar de mestre eschola, são obrigados a restituir a importancia da ajuda de custo recebida, para assim evitar os abusos, e não faltarem mestres habilitados para as escholas primarias.

Os mestre-escholas são eleitos em escrutinio secreto pelas assembléas parochiaes sobre uma lista triplice, apresentada pelo consistorio. Os candidatos a este magisterio são examinados perante o consistorio, e devem saber ensinar a ler e escrever, cathecismo, historia sagrada, geographia physica e politica, arithmetica até á regra de tres inclusivamente, geometria elementar, desenho linear, e alguns principios de historia natural.

Devem tambem ter conhecimento dos methodos d'ensino mutuo, das regras gymnasticas, e do canto religioso.

Tal é o programma dos seminarios, ou escholas normaes.

O salario dos mestre-escholas está arbitrado por anno em 16 *tunnas* [1] de trigo, do qual metade é pago em genero, e outra metade em dinheiro, que anda ordinariamente por 16:900 reis. As parochias fornecem-lhe casa, lenha, pasto no verão, e feno no inverno para uma vaca; e, quando a parochia não poder satisfazer esta ultima condicção, dá ao mestre em compensação mais duas *tunnas* de trigo. Devem tambem os mestres ter á sua disposição uma porção de terreno para cultivarem por sua conta, e para ensaiar os alumnos na practica da horticultura.

Para estas despesas concorre a parochia com o producto de uma contribuição de 30 a 40 reis por cada comparochiano, além do producto da matricula dos alumnos, que não são pobres; se os rendimentos da parochia assim não chegão o governo suppre essa falta.

Os mestres de ensino primario podem ser demittidos pelas commissões parochiaes por incapacidade manifesta para desempenho das suas funcções.

Se o impedimento provem da idade ou de molestia grave, os mestres podem ser appozentados temporariamente, ou jubilados com o ordenado por inteiro, ou com parte d'elle, segundo fôr determinado pela commissão com a assembléa parochial.

As commissões parochiaes fazem annualmente um relatorio sobre o estado das suas escholas, que é apresentado ao consistorio, que todos os tres annos dirige ao rei um relatorio geral.

Taes são as principaes disposições da legislação por onde se rege a instrucção primaria neste paiz.

Dezoito mezes depois da publicação do estatuto real de 18 de junho de 1842, achavam-se estabelecidas em quasi todas as parochias as novas escholas primarias. Dioceses, que até então não tinham visto uma só eschola publica, haviam abraçado completamente a nova refórma; e de 268:000 meninos de 8 a 12 annos, que se contavam então no reino, mais da quinta parte frequentava já as escholas primarias.

Este numero tem successivamente crescido com o augmento de muitas novas escholas fundadas á custa do governo e pelo zelo e diligencia dos particulares. No espaço de dez annos apontava-se um unico caso em que fôra mister applicar o rigor da lei contra um chefe familia, que recusara mandar seus filhos á eschola.

A pezar porém d'estas incontestaveis vantagens, sempre a instrucção se tornava difficil e por vezes impraticavel nas pequenas aldêas e lugarejos mui distantes da séde da porochia, e onde a falta de braços, e tambem a pobreza dos seus habitantes não podia dispensar o serviço dos filhos, nem dispender com elles longe de casa. Para remediar estes inconvenientes foram estabelecidas as escholas *ambulantes*, mas a difficuldade de crear tantas d'estas escholas, como o exigiam as necessidades populares, e o maior embaraço ainda que se offerecia na falta de mestres para este oneroso serviço, tornara quasi inuteis os beneficios, que d'esta instituição deviam esperar-se.

Esta questão occupava já a attenção dos consistorios, quando o conde Torsten Rudenskôld procurou resolvel-a pela alliança intima do ensino domestico com o systema escholar.

Observára elle, que em muitos districtos, em quanto a eschola parochial era frequentada por grande numero de alumnos dos ao redores, uma população muito mais numerosa, situada a um quarto, até uma milha de distancia, não podia gozar o beneficio d'aquella instrucção. D'este facto concluiu o conde Torsten a necessidade de fundar escholas vicinaes, ou auxiliares da eschola parochial nas aldêas e lugarejos mais afastados da séde da parochia, mas permanentes, e não *ambulantes*.

Para supprir a falta de mestres, e poupar os salarios que se lhe deviam dar, Torsten estabeleceu, que estas escholas seriam regidas por *monitores*, isto é, por alumnos mais adiantados da eschola central ou parochial, os quaes viriam duas vezes por semana, de manhã, dar aula na aldêa ou logarejo que

[1] A *tunna* vale 146,48976 litros, e o litro vale $\frac{1}{13}$ do nosso alqueire: são pois as 16 tunnas iguaes a 169 alq. 3 quart. 0 oit. 1 maq. 1 sel.

*

lhe fosse destinado, mediante um pequeno salario.

O ensino n'estas escholas auxiliares abranje sómente a parte mais elementar, e indispensavel da instrucção primaria. Os alumnos podem depois completar a sua educação na eschola parochial.

Os monitores são vigiados pelos chefes de familia, que no intervalo dos dias de aula auxiliam os alumnos, e são os seus *repetidores* naturaes para que elles não esqueção a lição dos monitores, e possam dar boa conta de si na semana seguinte.

Tal éra o systema, que o conde Torsten se propoz ensaiar, e cujos bons resultados foram, talvez, muito além das suas esperanças.

A falta de monitores foi o que a principio mais o embaraçou, porque nem os encontrava na maior parte das escholas sufficientemente habitados, nem dos que havia, alguns queriam sujeitar-se áquelle trabalho. Os pais tambem punham difficuldade em privar-se do serviço dos filhos, chegados á idade de 15 ou 16 annos, em que já começavam a ter prestimo na lavoura, ou n'outras industrias. Tudo porém venceu a paciencia e dedicação de tão zeloso e incansavel protector de instrucção primaria.

O primeiro ensaio d'este systema foi feito na propriedade particular de Leckrô, e depois em maior escala, e debaixo da protecção do governo, na parochia de Otterstad. Na falta de monitores, Torsten repartiu entre si e o mestre da eschola parochial o trabalho dos monitores. O resultado d'estes ensaios mostrou ao seu A. que duas lições sómente de manhã por semana, na eschola vicinal, aproveitavam muito mais aos alumnos do que seis dias completos na eschola parochial cheia de numerosos ouvintes.

As ventagens praticas do systema de m. Rudenskold tem-lhe grangeado numerosos imitadores, e a sancção dos consistorios; e aquelle systema póde considerar-se hoje como lei do estado em materia de instrucção primaria.

Com elle lucram as escholas parochiaes, porque desembaraçadas do ensino rudimentar, em que occupavam a maior parte do tempo, podem dar maior desenvolvimento á parte complementar da instrucção primaria, e aos elementos das sciencias moraes, e politicas, e physico-mathematicas e naturaes tão uteis e tão necessarias a todos os cidadãos no exercicio dos seus direitos politicos, e nos trabalhos industriaes das suas diversas profissões. Taes são os melhoramentos que m. Rudenskold propoem introduzir nas escholas parochiaes, consideradas como principaes centros da instrucção primaria, e especie *de escholas normaes* dos seus monitores, e de todos os alumnos que ou pela proximidade destas escholas, ou pelos meios que tem, podem seguir o curso completo d'ellas.

As escholas vicinaes tem egualmente reconhecido ventagem sobre as *ambulantes* porque, além das difficuldades que se encontram no estabelecimento d'estas, o seu ensino em cada local não póde exceder dois mezes, e os alumnos perdem nos dez restantes o fructo d'aquellas poucas lições.

Este systema, como se vê, assenta principalmente na boa escolha e numero dos monitores, que são o corollario do estabelecimento das escholas auxiliares. Sem elles a instituição d'estas escholas seria impossivel, porque logo que houvesse de nomear-se um mestre pago para cada uma d'ellas, a eschola seria parochial, e não se teria evitado a despesa, que era o principal obstaculo para a multiplicação de taes escholas. O ponto porém está em achar monitores. Rudenskold parece ter resolvido favoravelmente esta difficuldade.

No seu relatorio, dirigido em Janeiro de 1851 ao consistorio de Kara, se exprimia elle a este respeito do modo seguinte:

« O mancebo de quinze ou desaseis annos, que tem completado os estudos na eschola parochial, deve a seus pais, quando são pobres, o seu serviço braçal. »

Raro acontece porém que n'aquella idade os mancebos possam logo ganhar um salario como os jornaleiros, ou homens de officio, já calejados no trabalho.

A expectativa dos lucros do seu trabalho não póde por tanto influir muito no animo dos pais nem dos filhos n'estes primeiros annos. Ora empregando eu um mancebo de quinze ou desaseis annos na eschola vicinal, como monitor, dou-lhe pelo serviço de duas manhãs cento e vinte reis. É uma paga insignificante, mas assim mesmo somma no fim do anno escolar quatro mil oito centos reis, que é salario de um trabalhador n'esta idade. Mas o minitor tem a ventagem de dois mezes e meio de ferias, e de quatro dias por semana em que pode empregar-se no serviço de seus pais.

Os serviços, que o monitor presta n'esta qualidade á sociedade; o repouso do corpo, ainda pouco afeito ao trabalho, nas duas manhãs destinadas ao serviço da eschola, a utilidade emfim de recordar e aperfeiçoar n'estes exercicios hebdomadarios os conhecimentos adquiridos na eschola parochial, são outros tantos motivos porque elles acceitarão de bôa vontade este encargo.

Pela sua parte os pais não sentirão as poucas horas que os filhos gastam na eschola; verão, antes, com satisfacção, que elles apenas chegados á adolescencia, não só os ajudam em seus trabalhos, mas até lhe ganham um salario, sem que as funcções escholares lhes enfraqueçam a robustez do corpo, nem lhe façam esquecer a humilde condição dos pais. »

Tal é a immensa transformação, que a instrucção primaria tem experimentado n'este

paiz, onde há doze annos ainda havia apenas um, entre mil meninos que soubesse ler o seu cathecismo.

Continúa.

DISCURSO DE Mr. LAMARTINE,

recitado na academia franceza em 1830, tomando posse do logar, que ficou vago, pela morte do conde Daru.

Continuado de pag. 116.

A quéda do imperio, de que M. Daru fôra uma das columnas, fez mudar suas vistas para os documentos da historia. Resolveu-se a escrevêl-a, escolhendo Veneza, e esta escolha só de persi denuncía o seu genio. Veneza com o seu berço escondido nos lagos do Adriatico, com as suas instituições mysteriosas, sua liberdade tyrannica, suas conquistas orientaes, seu commercio armado, seu despotismo electivo seus, costumes corrompidos, e seu regimen inquisitorial assemelha-se a um d'esses monumentos gothicos, meio arabes, e meio christãos, por ella propria edificados, em que se admira a colossal architectura, sem se lhe poder marcar a origem e o fim; é a Alhambra da historia, ou antes do romance da idade media; é um d'esses contos fabulosos do oriento, em que maravilhas sobre maravilhas se encadeiam na bôcca dos novellistas arabes, até que os palacios, os templos, os heroes, e as pompas desappareçam pelo mesmo encanto que as fez nascer, e s'abysme tudo no tumulo silencioso do Oceano. Assim se dilacéra esta rainha dos mares em suas proprias ondas! Veneza é de si mesma o tumulo, tumulo digno della, e que lhe revéla poderosos e lamentaveis destinos! O estrangeiro que vai investigal-a em suas ruinas, em cada passada que retumba em suas calçadas, em cada herva que cresce em seus destroços, em cada pedra, que cae dos palacios aos seus canaes meio entulhados, encontra uma espressão de mysterioso terror, uma revelação d'imagens de gloria, de deleite, e do nada! Mr. Daru muitas vezes se ha elevado á altura do assumpto, o seu estilo tem o cunho da sinceridade, e da gravidade antiga, d'essa authenticidade dos tempos primitivos, em que o historiador exercia uma especie de sacerdocio das tradições; esta gravidade assenta-lhe bem, e não é indefferente o conhecimento do passado para instrucção do futuro. Nós gostamos d'encontrar no estilo do historiador tanta animação como a das impressões que elle desperta, tanta sublimidade e tristeza, como os destinos dos imperios, que saem do nada, para a elle reverter depois d'alguma poeira e barulho! Depois d'este monumento da idade media, Daru quiz dedicar um á sua patria, escrevendo a historia da Bretanha; mas n'esta faltaõ-lhe recordações, e colorido. Os destinos das provincias, assim como os dos homens, são independentes da sua importancia relativa. Uma lagôa do Adriatico, um rochedo do Mediterraneo, uma montanha da Judeia, ou da Attica excitam vivamente a sympathia das gerações, ao passo que immensas e populosas provincias não tem mais do que um nome na memoria dos seculos. A physionomia das nações é como a dos individuos, faz sobresail-os d'entre a multidão e graval-os em a nossa memoria. A gloria, os revézes, as tempestades politicas imprimem esta physionomia dos povos, e são as rugas das nações; porem a Bretanha não as tinha ainda. Na historia da Bretanha escripta por Daru, é para sentir que a vista do historiador não profundasse mais as antiguidades d'esta provincia, e sobre tudo que a penna parasse na pagina a mais historica, arrancada á chronica dos tempos heroicos, em que a fé viva de christão se confundia com a fidelidade de soldado, em que provincias inteiras se levantavam espontaneamente ao nome só de Deus e do rei; e, sem empregarem a força senão em seu desespero, recomeçavam em um canto da Armoria os prodigios do antigo patriotismo, e mostravam á Europa vencida, ou muda, que nenhuma cousa ha mais invencivel do que o sentimento generoso do coração humano, a que se chama civismo e enthusiasmo; e que, se a religião e a realeza não tinham a sua Salamina, tinham ao menos as suas Thermopylas na patria dos Clissons e dos Duguesclins. Estas obras grandes foram entremeiadas de composições menos rigorosas, de poesias cheias de sentimento e de graça, de relatorios sobre as importantes materias d'administração, entre os quaes merecem particular menção os relatorios annuaes a respeito das prisões, dirigidos ao herdeiro do throno, o qual a exemplo de seus antepassados não considera o infortunio, como cousa abjecta para a attenção d'um rei, nem reputa as miserias publicas inferiores á caridade christã, e com elles, no dia de sua coroação, ha de informar-se pessoalmente das chagas da humanidade para as mitigar, ou curar.

Daru, elevado ao pariato, fallou na Camara com essa grandeza de talento, madureza d'experiencia, e rigidez de convicção, que era o fructo d'uma longa e efficaz educação politica, aprendida com o tempo e no serviço da restauração, e a que elle devia saber harmonizar as austéras doutrinas do poder com um espirito de moderação e de liberdade, que não lhe tinha sido inspirado, nem nas tendas do conquistador, nem sob a authoridade do dictador. Sentava-se nos bancos da opposição, porem d'uma opposição cheia d'equidade, e de lealdade; todavia

não é este recinto o logar proprio para serem julgadas as opiniões, por que o seu juiz é a consciencia e o tempo. A semelhança d'esses diversos cultos, que teem os seus altares em um mesmo templo, as opiniões devem ser respeitadas, sem nós curvarmos a ellas, comprehendidas sem as partilharmos. E ninguem melhor do que Daru soube differençar as affeições do homem na vida privada, dos deveres do homem politico. Possuia os sentimentos de gratidão, e não era faccioso; mas por isso não deixou d'apreciar os immensos beneficios d'uma restauração, que lhe custava um amigo, mas que regenerava a Europa. Não devemos reprovar affectos, de que nós mesmos nos gloriariamos, se tivessemos merecido o favor de nossos reis, nem devemos ter duas balanças e duas qualidades de pezos para condemnar, nos homens honrados com a confiança e os beneficios de um outro homem, sympathias que não poderiamos fazer murchar sem ultrajar o que ha mais nobre e desinteressado para o coração humano, como é, a memoria do beneficio, a compaixão para a desgraça e a innocente fidelidade das recordações.

Taes eram sñrs. os destinos de Daru, ainda cheios de promessas e d'esperanças, quando a morte veiu cortar para sempre os fios dessa vida laboriosa, e impôr-lhe o repouso antes da fadiga! Assim terminam nossos dias! assim se desfolha, para assim dizer, diante de nós uma geração, e cae mortal a mortal no esquecimento, ou na immortalidade! Ainda alguns nomes illustres, alguns elogios pomposos terão nomeada por longas eras; mas aquella geração, cuja agitação e ruido tem fatigado o mundo, dormirá inteira no repouso e no silencio. Quando chegar esse momento, quando as paixões e as opiniões contemporaneas estiverem sepultadas no pó das gerações finadas, quando o amor e o odio, o beneficio, e a injuria não mais reverberar nos corações dos vindouros; então a posteridade erguerá a sua voz, e julgará; e a hora soou para o julgamento da grande celebridade do seculo 18.°; d'esse seculo que, nascido na corrupção da regencia, medrando á sombra d'um governo que se trahia por um jogo indistincto do sophisma ou da razão, derrocando todas as instituições antes d'estarem consolidadas, adormecia embalado em todos os delirios da esperança, á voz de seus poetas, e de seus sabios, accordando somente ao estrepito de suas instituições em ruina, ao clarão de seus incendios, aos gritos de suas victimas e de seus carrascos. Para caracterisar este seculo será difficil encontrar vocabulo proprio! por que n'elle ha tudo desde a compaixão ao horror, desde a admiração ao desprezo! Mas seja qual fôr o epitheto glorioso ou inglorio, com que as gerações futuras o appellidem, nós podemos dizer a qui, sem receio de sermos desmentidos pelo futuro, que não foi um século de pensamento, mas d'acção! A philosophia zombeteira não fez n'elle esses immensos progressos, que conduzem a intelligencia humana a um novo horisonte. As artes não foram n'elle inspiradas, por que toda a inspiração dimana do ceu, e o ceu fôra-lhe desconhecido, a poesia deixou perder a sua lyra para a substituir por um insipido pincel; suffocou em seus labios o grande nome, o nome de Deus, que deve pelo menos echoar na alma dos poetas, instrumentos animados do grande concerto da criação. A eloquencia floresceu n'elle, por que essa depende essencialmente da acção. Mirabeau foi uma das celebridades d'este seculo, por que elle era um d'esses homens gigantescos, que surgem nas quédas dos imperios, e que, como Sansão, parecem poder a seu bel prazer sustentar as columnas do edificio, ou arrastal-as comsigo em seu cahimento. Mirabeau seria apenas uma capacidade vulgar, se não tivesse sido o primeiro orador e o primeiro tribuno.

E nós que nos arvoramos em juizes dos outros, cêdo seremos tambem julgados, e um futuro imparcial nós pedirá os titulos d'essa porção de credito, que nós reputamos immensa, mas que a elle só cumpre avaliar; e não tarde fará o terrivel inventario de nossas opiniões, a que chamamos principios, de nossos preconceitos, a que chamamos justiça, e de nossa fama que tomamos por gloria. Nós já nos julgamos, e invocando nossos prejuizos para arbitros, nossas affeições para juizes, pronunciamos, ao gosto de nossas paixões ainda escaldando, a apothéose, ou a condemnação d'um seculo, de que somente vimos despontar a ensanguentada aurora, seculo de trevas para uns, de luz para outros, de controversia para todos. Não partilhemos nem esse desprezo, nem esse orgulho! não acreditemos que esta verdade, que pertence a todos os tempos, e a todos os homens, tenha esperado por nós para se despregar sem nuvem sobre nosso berço! não esqueçamos, que toda a verdade é filha d'outra, do tempo (como tem dito os sabios), e que a civilisação está inteiramente suspensa por esse encadeamento de tradições, que formam os fulgentes élos da cadeia d'ouro que sustêm o mundo; mas não nos calumniemos! o dia da justiça alvorecerá cedo, e demasiadamente breve a posteridade dirá, revendo nossas memorias, elles foram (o que com effeito nós somos) homens d'uma epocha dobre em um seculo de transição. Quanto a mim sñrs., se impressionado algumas vezes d'esse desgosto da epocha em que vivo, enfermidade eterna de tudo o que pensa, tivesse tentação de ser injusto para com o prezente seculo, lançaria meus olhos para as illustrações, perante quem s'ergue hoje minha voz, e entre ellas contemplaria o Homero do christianismo assentado não distante do seu Platão; o orador philosopho, que o pensamento e a palavra,

a monarchia, e a liberdade revindicam como seu mais leal e mais profundo interprete; o generoso cidadão que primeiro ousou desafiar a colera da tyrannia, quando tudo a lisonjeava, ou se calava; homem digno dos tempos antigos, se os tempos antigos foram os da simplicidade da virtude, da candura, do genio, do enthusiasmo sem calculo, e da gloria sem ostentação; sua voz cortou como um alfange libertador o laço d'escravidão, que prendia a França á oppressão, e nossa historia por longo tempo celebrará esta façanha, como o primeiro alento de restauração e de liberdade, sahido do coração d'um homem de bem, seu mais digno templo, e seu mais eloquente orgão: o Plinio francez, cujo genio é o resplendor da sciencia, e a sua vasta e poderosa intelligencia parece ter sido criada pela natureza, para a surprehender em seus mysterios, e para a descrever em sua magestade: o digno chefe do nosso primeiro corpo politico, cuja sabedoria se confundirá no futuro com a da legislação por elle elaborada: os instituidores das nossas duas escholas; uns, habeis herdeiros das nossas maravilhas por elles perpetuadas; outros, atrevidos innovadores, investigando a verdade só na natureza, e as luzes só no genio: os dignos principes da egreja, que com a pureza de suas virtudes illustram as lettras; e em fim o jovem e esclarecido Quintiliano, que á sombra de nossas escholas ha erigido para si uma tribuna altisonante, e cuja eloquencia, passando alem d'essa mesma tribuna, s'eleva á altura de todos os assumptos, e á rivalidade de todos os talentos. Se porem eu transpozer as raias d'este recinto, e dirigir minhas vistas para a geração, que s'aproxima, direi com uma inteira e poderosa convicção, felizes aquelles, que vierem depois de nós, embora m'accusem d'exagerar a esperança, e d'adular o futuro! Tudo annuncía para elles um seculo grande, uma das epochas caracteristicas para a humanidade. O rio tem trasbordado a sua catadupa, aonde se pacifíca, o bramido s'extingue, o espirito humano divagueia em um leito mais largo, e corre livre e forte, tendo somente a receiar a seu proprio impeto, não podendo turvar-se senão com o seu limo. Uma intenção recta o domina e dirige, uma sede immensa de perfeição, de moral, e de verdade o devóra, um sentido novo salutar ou terrivel, e de verdade lhe ha sido dado para o saciar. Esse sentido revelado á humanidade em sua velhice, para a consolar e remoçar, é a imprensa, esta faculdade nova, que s'ignorava, e s'encára com susto, produz na civilisação a mesma revolução, que na organisação humana produziria um sexto sentido. O tempo, porem, os seus proprios excessos, a experiencia infallivel da ligislação, regularão o seu uso, sem neutrulisar as suas vantagens; e seja qual fôr a medonha duvida, em que elaboram ainda as mais firmes intelligencias, não posso consentir, que se maldiga mais esta potencia concedida ao pensamento humano por uma providencia mais generosa, e mais previdente do que nós, e que se não faça uso d'um dos seus mais excellentes dons rejeitando-lhe o beneficio.

Uma mocidade estudiosa e pura progride com gravidade na vida; os grandes espectaculos que ella tem presenciado têm-a amadurecido antes de tempo; pode-se dizer que um seculo a separa das gerações que a precedem.

Essa mocidade conhece a dignidade da vocação humana, vocação sublime e dilatada por instituições, em que todas as immunidades do homem estam consignadas, em que todas as suas forças teem emprego, e todas as suas virtudes recompensa. As lettras impregnam-se d'esta moralidade de costumes e de leis. A philosophia envergonhando-se de ter machinado a morte, e revindicado o nada, torna a encontrar os seus titulos no espiritualismo, e de novo toma o caracter divino, reconhecendo a suprema divindade. O espiritualismo volta com um passo nisensivel para a philosophia revelada, e curva-se diante do dogma, mysteriosa expressão de verdades sobre humanas, e por ultimo confessa, que para á philosophia ser justa e verdadeira não póde abstrahir-se do christianismo, mais extensa e pura emanação de luz distribuida ao homem! A historia s'amplía, e s'esclarece, descreve o homem tal qual é, subordina as ideias aos factos e segue os progressos do genero humano na marcha surda e vagarosa do pensamento, mais do que n'esses combates sanguinolentos, que engrandecem ou precipitam a fortuna d'um homem, sem que a humanidade experimente alguma especie de mudança favoravel.

A poesia, não obstante ter sido por muito tempo entre nós uma especie de profanação intellectual, um recreio esteril do espirito, um supplicio da linguagem, recordando-se da sua origem e do seu fim, renasce filha do enthusiasmo e da inspiração, expressão edeal e mystiriosa do que ha mais sublime, e indizivel para a alma, sentimento harmonioso das dôres, ou dos deleites do espirito. Depois de ter encantado com suas ficções a mocidade, exalta-a sobre suas azas mais fortes até á verdade tão poetica, como seus sonhos, e procura imagens mais novas para por ultimo lhe fallar a lingua de sua força, e de sua virilidade. Uma aragem religiosa aperfeiçóa o pensamento humano; mas esta religião intima e sincera apoia-se unicamente na consciencia e na fé. Não pede ao poder allianças que a engrandeçam, nem favores que a corrompam; pede só o que profundamente concede, e que constitue a sua essencia e gloria; pede independencia e convicção. A politica deixou de ser a arte

vergonhosa de corromper ou d'enganar para dominar. O christianismo ha espargido n'ella um germen divino de moralidade, igualdade e virtude que foram necessarios seculos para desabrochar. Nas tendencias dos povos e dos bons reis vê-se começar successivamente a despontar esse germen, como um pensamento vividouro do genero humano, sempre combatido e nunca suffocado, revelado já ao poder pelo caracter bondoso de Fenelon, como a santa lei da caridade politica e o evangelho dos reis. Esse germen em fim sobrevive aos rigores do despotismo e ás saturnaes da anarchia; triumpha tanto dos fracos que o negam, como dos insensatos que o profanam. A moral, a razão e a liberdade saem finalmente do vago das theorias, revestem-se de formas, e tomam vida e corpo nas instituições, em que a ordem e a liberdade são garantidas, em que a monarchia, que as protege s'engrandece a nossos olhos com o unico titulo, que para ella revindicamos, a protectora dos direitos e dos progressos do genero humano.

Eis as premissas do seculo, que se desprega, se as ensanguentadas lições do passado não forem n'elle esquecidas, s'estiverem presentes na lembrança a anarchia e a escravidão, estes dous flagelos assoladores, que punem tanto as faltas dos reis, como os excessos dos povos; e, se ás instituições humanas não s'exigir mais, do que a imperfeição de nossa natureza permitte, elle preencherá seu glorioso destino, e corresponderá a esse sentimento sympathico saudado desde hoje pelos homens d'esperança. A data d'este seculo começará na nossa dupla restauração, restauração da liberdade pelo throno e d'este pela liberdade. Elle conservará o nome, ou d'esse rei, que na carta attendeu aos progressos do tempo, ou d'esse rei, homem probo, cuja palavra é uma carta, e que transmittirá intacto á sua posteridade, esse dom em sua familia perpetuado. Não percamos de vista, que o nosso futuro está ligado indissoluvelmente ao de nossos reis, que não se póde separar a arvore de suas raizes, sem que os ramos murchem, e que em fim a monarchia tem tudo produzido entre nós até aos perfeitos fructos da liberpade. A historia nos refere, que os povos se personificam, para assim dizer, em certas raças reaes, que formaõ as dynastias, que os representaõ; elles caem em decadencia conjunctamente com ellas, restabelecem-se, quando ellas se regeneraõ, e perecem, quando as mesmas succumbem; e certas familias dos reis são como esses Deuses domesticos, que não podiam sahir do solar de nossos antepassados, sem a casa ser arrasada.

E vós sñrs. abrireis successivamente vossas fileiras ao talento, ao genio, á virtude, e a todas as preeminencias da epocha; e, das illustres e puras reputações que já vos aguardão, nenhuma deixareis ficar no limiar.

Sem distincção d'eschola ou partido, vós vos collocareis, como a verdade, acima dos systemas. Todos os systemas são falsos, somente o genio é verdadeiro, por que a natureza é a unica infallivel. Elle dá uma passada, e o abysmo é transposto! Marcha, e o movimento está authenticado! Vós quereis que este illustrado corpo reúna todas as capacidades contemporaneas, como o prisma, cujos diversos matizes formam uma brilhante harmonia, e que concentre os raios d'essa immortalidade nacional, de que vós sois o foco e o emblema, e n'este vosso nobre proceder honrais o rei qne vos protege, o grande homem que vos congregou, e a França que se honra, revendo-se em vós.

Continúa. AMANDIO T. B. FEIO.

P. OVIDIO NAZÃO:

Dos Tristes — Livro 1.º: *Elegia* 5.ª

ARGUMENTO.

Louva Ovidio n'esta elegia a fidelidade e o bom juizo da sua esposa; por quanto pertendendo alguem com desmedida avidez uzurpar os seus bens, ella fazendo uso dos seus talentos e ajudada dos seus amigos lh'os conservou intactos. Daqui o poeta com notavel modestia promette fazel-a immortal nos seus versos.

Do Clario Vate [1] nunca tanto amada
A sua Lyde foi; nem jamais Battes
Foi do Vate de Cós [2] assim querida,
Quanto o és do meu peito, ó doce esposa,
De menos infeliz digna marido,
Mas não de outro melhor. Bem como o esteio,
Tu és a que a ruina minha especas:
Se ainda alguma cousa sou, somente
Tudo t'o devo a ti: tu só tens feito,
Que despojado dos meus bens não seja,
Nem de tudo despido por quem ousa
Té do naufragio as tábuas arrancar-me:
E, qual lobo voraz, qne a fome aperta,
E, de sangue sedento, ao mal guardado
Aprisco se arremessa, ou qual abutre
Nunca farto, que em volta os olhos lança,
Para ver se insepulto sobre a terra
Algum cadaver jaz, a que se arroje;
Tal, não sei quem, na minha sorte acerba
Mal confiado, os bens me usurparia,
Se não fosses tão firme em defendel-os:
Mas teu valor, em fortes apoiado
Amigos, a quem grato ser não posso,
Quanto quizera, repulsou o infido:
Em mim tens pois de proceder tão nobre
Uma bem que infeliz, sãa testemunha,
Se é que o testemunho meu d'apreço é digno.
No amor, que me consagras, nem te excede
A consorte d'Heitor, nem Laudamia,

[1] O poeta Calimaes, demnindo Vete d'Apolle ollario
[2] O poeta Shiletas, natural da ilha de Cos.

Do estincto esposo companheira embora [1];
Tu, se os louvores do Meonio Vate
Ter podesses obtido, após deixáras
De Penélope a fama; ou já tão altos
Sentimentos a ti sómente os devo
Sem carecer de normas, taes virtudes
Devendo desde o berço á natureza;
Ou d'esposa fiel colhendo exemplos
Da alta princeza nas lições augustas, [2]
Por ti em longos annos cultivadas;
Fez-vos conformes amizade assidua,
Se é licito a quem fez pequeno a sorte,
Aos grandes emprehender assimilhar-se.
— Ai de mim! Porque não terão meus versos
Poder bastante para honrar teu nome,
E é menor que o teu merito a voz minha!
Mas que!... Se o vigor todo meu antigo
Dos meus males á força extinto existe!...
Entre as heroinas de mais nobre fama
Terias um logar: Tu a primeira
Fulgurarias por teus dotes d'alma.
Qualquer valor porem, que os meus louvores
Obtenham no porvir, tu d'evo em evo
Perenne viverás n'estes meus versos.

OUTRA CARTA

Em continuação da antecedente da pag. 101.

Depois de ter escrito a v. A., e mandadas as vias a Cochim, succederam as cousas seguintes. Galvão Viegas e Crisnaa, que Martim Affonso tinha mandados por embaixadores ao Idalcão, como tenho dito na carta geral a v. A., me escreveram: que estavam retheudos n'uma cidade do Balaguate, chamada Bisapor, esperando que viesse o Idalcão da guerra, em que andava com elrei de Bisnagaá, dandome conta do negocio, a que laa eram, que era venderem Mealecão, e seus filhos por cincoenta mil pardáos: dizendo-me, que esperavam por meu recado, pera saberem o que nisso aviam de fazer. E o Idalcão me escreveu uma carta de visitação, sem me falar neste negocio cousa alguma. Eu lhe respondi a sua visitação, fazendo-lhe muitos offerecimentos, e dizendo-lhe, que v. A. me mandava, que o servisse: fazendo-lhe saber quão contente v. A. estava de sua amizade, e quanto a presava. Aos embaixadores, que laa estavam não quiz responder cousa alguma, á cerca do que me escreveram do negocio, a que laa eram mandados por Martim Affonso; porque soube, que lhe aviam de ser tomadas as cartas e vistas. Por onde lhe não mandei nenhuma commissão, nem poder, pera poderem fazer neste negocio cousa alguma; antes pelo modo das cartas, que lhes escrevi, como tambem por avisos, que secretamente lhes mandei, os certificava, que por nenhuma cousa avia de entregar ao Idalcão esse mouro Mealecão. Depois de recebidas as minhas cartas, e avisos; ou fosse por os peitar o Idalcão, ou por lho fazer fazer per força, fizeram os embaixadores contracto com elle, assim como levavam por regimento de Martim Affonso. E logo o Idalcão, sem mais consideração, nem recado mandou de Bisapor a Galvão Viegas com dous embaixadores, e capitães de gente de pée, e de cavalo, e os cincoenta mil pardáos, escrevendo-me: que lhe mandasse entregar Mealecão, e seus filhos, e que por aquelles capitães me mandava o dinheiro, por que se contractava; e que depois de Mealecão ser posto em suas terras, me mandaria Crisnaa. Eu lhe respondi espantando-me, e agravando-me muito d'elle; avendo tres mezes, que estava eu na India, sem me fazer saber cousa alguma desse negocio: e assim de contractar com os embaixadores, que lá tinha, depois de eu ser nesta terra, sem elles terem minha commissão, nem auctoridade pera fazer nenhum contracto; e desenganando-o logo, a que lhe não avia de entregar Mealecão, sem primeiro o fazer saber a v. A.; e que se a isso quizessem mandar embaixador a v. A., lhe daria muito boa embarcação, e todo o necessario pera a viajem: allegando-lhe mais o serviço, que lhe fizera em não soltar Mealecão, tanto que aqui cheguei; pois o achava prezo nesta fortaleza de Gôa sem culpas, nem cousa, que tivesse comettido contra o serviço de v. A. E que pois o não queria pera mais, que para estar seguro delle; que em nenhuma parte o podia estar tanto, como de o eu ter em meu poder: e que pera isso lhe daria todalas seguranças, que elle quizesse. A Galvão Viegas tive sentenceado á morte pelo caso, que cometteu; mas a petição de muitos lhe perdoei; e em pago de seu castigo o tornei a mandar ao Idalcão com os seus embaixadores. Fica o caso nestes termos, e eu aparelhando-me pera o que puder ser. Fiz oje alardo da gente de cavalo, que nesta cidade ha, e achei quatrocentos homens de cavalo, os arabios muito bem armados, e ataviados. Eu tenho mandado a muitas partes desta costa por madeira, e tavoado, pera concerto desta armada, e já me tem vindo muita; de maneira que, posto que tenha guerra com o Idalcão, poderei concertar toda a armada, sem ter necessidade de cousa alguma de suas terras. E assi mando aperceber os almazeins de mantimentos. O que me disto parece, e assim aos homens antiguos, e de esperiencia é, que o Idalcão não quererá a guerra, por estar muito mal quisto dos seus. E de uma parte lhe faz guerra o Nizamaluco, e da outra elrei de Bisnagua. E entregando eu Mealecão a qualquer destes dous senhores, será causa bastante pera o Idalcão perder o estado, que tem. Este caso da entrega de Mealecão por dinheiro está tão mal recebido no povo, que, ainda que o eu quizera fazer, m'o não consentiriam; e cada dia me vem fazer lembranças, pedindo-me afincadamente, que tal cousa não faça; porque antes se querem poor

[1] Laudamda abrasou-se com o seu morto esposo Erotasilas.

[2] Livia, esposa d'Augusto.

a todo o trabalho, que sobre isto lhes podia vir. E creia v. A., que se tal fizera, fôra causa bastante pera de todo perderem os Portuguezes o crédito, e não confiarem mais nelles, nem quererem nossa amisade.

Elrei de Cande, que vive n'um cabo da Ilha de Ceylão, me escreveu, que se queria fazer christão com todo o seu povo. Tem differenças com elrei Madune, irmão d'elrei de Ceylão, que sempre foi nosso inimigo; e manda-me pedir trinta, ou corenta homens. Eu lhos mando, e com elles o padre frei Antonio do Casal com um companheiro seu, pera o baptizarem: e para setembro que vem, dando-me os negocios logar, espero de ir lá, ou mandar, como viir, que será mais serviço de Deos, e de v. A. Nosso Senhor acrescente a vida, e real estado de v. A. por largos annos. Escrita nesta sua cidade de Góa a 24 de dezembro de 45 (1545.) N.

INSTRUCÇÃO PUBLICA EM HESPANHA.

Obras approvadas para o ensino publico nas universidades e institutos de Hespanha em 1851.

Continuado de pag. 130.

FACULTAD DE TEOLOGIA.

PRIMER AÑO.

Fundamentos de la religion y lugares teologicos.

Fundamentos de la religion.

Tractatus de vera religione, auctore Ludovico Bailly.

De fundamentis religionis et de fontibus impietatis, á P. A. Vassechi.

El tratado de religion de Perrone.

Lugares teológicos.

Loci theologici J. Opst-raet.

Los tratados de lugares teológicos de las obras de Charmes y Perrone.

SEGUDDO Y TERCER AÑO.

Teologia dogmática en sus dos partes especulativa y práctica.

Theologia universa, auctore P. Thama ex Charmes: edicion de Madrid.

Prolectiones theologicæ, J. Perrone S. J.

Institutiones theologicæ, auctore J. B. Bouvier, episcopo cenomanensi.

CUARTO AÑO.

Teología moral.

Compendium Salmaticence, sive universo theologico moralis quæstiones, à P. Antonio à S. Josepho: sétima edicion.

Universæ theologiæ moralis accurata complexio, Patris Fulgentii cuniliati.

El tratado de teologia moral de la obra de Charmes.

QUINTO AÑO.

Historia y elementos de derecho canonico.

ORATORIA SAGRADA.

Elementos del derecho conónico.

Los autores designados para el cuarto año de la facultad de jurisprudencia.

Oratoria sagrada.

Retórica aclesiástica del V. P. Fr. Luis de Granada.

Lecciones y modelos de oratoria sagrada y forense, por D. Francisco Enciso Castrillon.

Principios generales de retórica y poética, por D. Antonio Gil Zárate.

SEXTO AÑO.

Sagrada escritura.

Para la parte hermenáutica, ó sean las reglas generales de la interpretacion.

Introduccion á la Sagrada Escritura, por el P. Bernardo Lamy.

Introduccion histórica y crítica á la Sagrada Escritura, por T. B. Glaire, traducida del frances al castellano.

Hermeneutica sacra, seu introductio in omnes et singulos libros Veteris ac Novi Fœderis, á J. H. Jassens.

Para la parte exegética ó sea la misma interpretacion.

Dilucidationes selectarum Sacræ Scripturæ quæstionum, auctore F. Martino Wouters.

Jacobi Tirini in universam S. Scripturam commentarius P. J. Stephani Menschii, commentarius totius S. Scripturæ.

El catedrático señalará los capítulos del sagrado texto que se han de interpretar con el auxilio de los expresados comentadores.

SETIMO AÑO.

Historia y disciplina general de la Iglesia y la particular de España.

Los libros señalados para el quinto año de la facultad de jurisprudencia.

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

INSTITUTO DE COIMBRA—SESSÃO DA DIRECÇÃO.

Na primeira sessão deste anno lectivo foi presente á Direcção um officio do exm.° sñr. conselheiro vice-reitor da universidade incluindo por cópia a portaria do ministerio do reino, que abaixo transcrevemos. A Direcção do Instituto mandou registrar a mesma portaria, e officiou ao exm.° prelado, agradecendo a sua cooperação neste negocio, e pedindo-lhe que houvesse de dar as providencias para que o Instituto gozasse desde logo daquelle beneficio, e fossem remettidos á Redacção os escriptos do conselho superior e faculdades academicas, que houvessem de entrar neste numero.

A Direcção attendendo a que por esta concessão do governo diminuiam as despezas do Instituto resolveu:

Que affluindo materia por parte do conselho superior e faculdades academicas, se elevasse, de vez em quando, a dezeseis o numero das paginas do jornal, de maneira que não augmentasse a despeza annual orçada em 150$000 reis:

Que d'ora ávante fosse o jornal franqueado para todos os assignantes e socios honorarios:

Que de janeiro de 1854 em diante ficasse a prestação dos socios effectivos reduzida a 240 reis mensaes.

A Direcção deu as providencias necessarias para que o gabinete de leitura seja brevemente provido de jornaes estrangeiros litterarios e scientificos, e para começar a formar a sua bibliotheca com os donativos de obras offerecidas por alguns auctores, socios do Instituto, com as que espera obter das livrarias dos conventos extinctos, accumuladas no collegio das artes, e com as que vai encommendar, logo que as circumstancias o permittirem.

A Direcção espera de em breve poder abaixar o preço das assignaturas do gabinete satisfazendo assim á proposta que lhe foi feita nesta sessão.

O secretario do Instituto,
Jacintho Antonio de Sousa.

Sua Magestade a Rainha, attendendo ao que lhe representou o Instituto de Coimbra, para que se lhe permittisse fazer imprimir na typographia da Universidade, e por conta do Estado, o jornal scientifico, que o Instituto pretende publicar, e bem assim, que se lhe destinâsse certo logar para as suas sessões:

Considerando quanto importa promover e diffundir, por todos os meios possiveis os conhecimentos scientificos, e litterarios;

Considerando que o edificio do collegio de S. Paulo, onde existe a Academia Dramatica tem a capacidade material necessaria não só para sua accomodação, senão tambem para a do Instituto de Coimbra, como se prova pelo facto de se achar alli já estabelecida provisoriamente esta associação;

Considerando que a coadjuvação scientifica e litteraria, que as mencionadas associações se devem mutuamente prestar, será tanto mais facil e efficaz, quanto o local de suas reuniões fôr um e o mesmo;

Tendo presentes as ponderações feitas pelo Conselho superior d'instrucção publica em sua consulta de 15 de junho de 1852; e pelo vice-Reitor da Universidade em seu officio de 18 de junho proximo passado;

Visto o artigo 169 da lei de 20 de setembro de 1844, que auctorisa o Governo a mandar imprimir nas imprensas nacionaes de Lisboa e Coimbra os jornaes necessarios para se promover o progresso, e aperfeiçoamento de todos os elementos scientificos, litterarios e artisticos;

Visto o artigo 168 da mesma lei, que auctorisa o Governo a collocar os estabelecimentos litterarios e scientificos nos edificios nacionaes mais apropriados aos usos dos mesmos estabelecimentos:

Ha por bem ordenar:

1.° que na typographia da Universidade seja impresso, por conta do Estado, o jornal que o Instituto de Coimbra pretende publicar, e cuja despeza annual é orçada em 150$000 reis, devendo semelhante impressão ser feita debaixo das seguintes condições:

Que o papel necessario para a publicação do jornal seja fornecido pelo Instituto:

Que metade das columnas do jornal seja reservada para a parte official do Conselho superior d'instrucção publica, e das Faculdades academicas, e para o movimento dos hospitaes da Universidade, sua receita, e despeza, e para preencher as demais indicações, de que trata o artigo 107 da lei de 20 de setembro de 1844:

Que a concessão para a impressão do jornal por conta do Estado, e com as clausulas referidas dure, em quanto semelhante publicação se não desviar dos uteis intuitos, com que é creada e o Conselho superior d'instrucção publica não

prover á publicação d'um jornal seu proprio, em que se tratem de modo conveniente todos os interesses scientificos, litterarios e artisticos do paiz:

2.° que na parte disponivel do edificio do collegio de S. Paulo seja definitivamente estabelecido o Instituto de Coimbra, sem que este fique sujeito ao encargo da renda, com que até agora tem contribuido pela sua residencia interina no mesmo local.

O que se participa ao Conselheiro vice-Reitor da Universidade de Coimbra para sua intelligencia e effeitos devidos. — Paço das Necessidades em 5 de setembro de 1853. — *Rodrigo da Fonseca Magalhães.*

INSTRUCÇÃO PUBLICA NA SUECIA E NORUEGA.

(Continuado de pag. 139).

II.

Instrucção Primaria na Noruega.

O estado da instrucção primaria neste paiz é muito mais florescente do que na Suecia.

As escholas primarias urbanas (*almueskolerne i byerne*) foram estabelecidas na Noruega em 1848, e as escholas ruraes (*almueskolerne paa landet*) tinham sido organisadas em 1827.

Até alli o ensino da mocidade nas escholas ruraes era exercido pelos sacristães e sineiros das parochias, homens pela maior parte summamente ignorantes e grosseiros; a nova reforma estabeleceu que d'aquella data em diante só seriam providos nas escholas que vagassem, os ecclesiasticos, ou cantores das parochias, que por via de regra possuem alguma illustração. Assim o magisterio começára a obter nestas escholas um certo grau de consideração, que o tornára mais util e respeitado. A par desta providencia, a lei de 14 de julho de 1827 procurára diffundir a instrucção nas povoações ruraes por meio das escholas ambulantes, de que em 1840 se contavam mil novecentas e quatro em todo o reino da Noruega. Actualmente existem duas mil destas escholas. Para facilitar, porém, mais o ensino, os diversos districtos estão divididos em sete mil e duzentos bairros que são como outras tantas escholas (*écoles quartiers*).

O numero das escholas *fixas* é pelo contrario mui limitado nos districtos ruraes, não passando ainda de duzentas e cincoenta. A razão da grande differença entre o numero destas e das escholas ambulantes está na particular disposição deste paiz, cuja população está dispersa sobre uma grande área. Entre tanto o numero das escholas fixas tem successivamente augmentado. Em 1837 havia duzentas; e, tres annos depois, tinham-se creado vinte e duas novas escholas fixas. O total dos que as frequentavam nestas duas épochas era respectivamente de 14:134, e 15:154 alumnos, o que dava 71, e 68 para cada eschola, numero mui superior ao que se encontra na maior parte dos outros paizes.

As escholas ambulantes dos bairros eram em 1837 seis mil novecentas setenta e uma, frequentadas por 161:599 alumnos; e em 1840 sete mil cento e trinta e tres com 164:350 alumnos, o que dava o termo medio de 23 alumnos por cada bairro.

A cada uma destas escholas couberam 48 dias lectivos, numero que não tem quasi variado desde aquella epocha até hoje. A lei de 1827 exigia tres, ou pelo menos dois mezes de frequencia nas escholas dos bairros, mas esta disposição da lei não tem podido realisar-se, por que não é ainda sufficiente o numero d'aquellas escholas, e esta falta provém principalmente da difficuldade de achar mestres para ellas, por que esta profissão offerece tão mesquinhos interesses, e é tão laboriosa, que poucos querem seguil-a.

Nas escholas *fixas* ruraes duram as lições trinta semanas, ou 180 dias, havendo 37 horas d'aula por semana. As ferias são longas, mas durante ellas os alumnos, alem de repetirem particularmente as materias dadas na eschola, empregam-se nos trabalhos ruraes, auxiliando as suas familias nas epochas de maior serviço.

O ensino nas escholas *fixas* e *ambulantes* comprehende, como na Suecia, ler, escrever e contar, cathecismo, historia biblica, historia e geographia. Nas escholas fixas ha, além disto, lições especiaes de canto.

De 169:504 alumnos, que frequentavam as escholas ruraes em 1840, havia 48:723, que aprendiam a escrever; 27:361 a contar; 6:596 a cantar; e 3:454 cathecismo, historia e geographia.

A despeza annual da instrucção primaria rural neste paiz orça annualmente por perto de cincoenta contos de reis. Esta despeza é feita, parte á custa do estado, e pelo producto das matriculas; e parte pelas municipalidades. Uma commissão especial, nomeada pelo governo de acordo com os consistorios, administra a contribuição escholar, da qual só os mendigos são isentos.

Outra commissão presidida pelo cura, e composta dos ecclesiasticos da parochia, do magistrado territorial (*leusmand*), e de alguns parochianos dirige as escholas ruraes em cada parochia. O consistorio diocesano provê á administração destas escholas por intervenção da respectiva commissão. A inspecção, porém, do ensino pertence exclusivamente ao clero.

Todos os meninos são obrigados á frequentar as escholas desde os sete até aos doze ou quatorze annos epocha da *confirmação*, que é conferida só aos que sabem ler, e os que não são confirmados não podem casar; por isso nos programmas officiaes

não se comprehende a *leitura*, que é de obrigação e interesse geral de todos os pais fazer ensinar a seus filhos, e a lei, impondo a obrigação da frequencia das escholas debaixo de penas, talvez, demasiado severas, suppõe sempre aquella habilitação previa.

A obrigação de frequentar as escholas abrange 180:000 alumnos, e por consequencia quasi um setimo da população [1]; deste numero 1:200 seguem os estudos no seio de suas familias; 10:000 não frequentam as escholas por diversos motivos, e egual numero segue as escholas irregularmente; feitas, porém, estas deducções ainda assim nove decimos dos alumnos, a quem a lei impõe aquella obrigação, frequentam as aulas publicas.

Debaixo deste ponto de vista póde dizer-se que nenhum paiz na Europa se encontra em mais felizes circumstancias, do que a Noruega.

Nas escholas ambulantes o magisterio é mui pouco favorecido; por via de regra, o ordenado de cada mestre não passa de cem francos, apenas alguns obtem um beneficio na parochia, cujo modico rendimento podem accumular como ordenado da cadeira, mas os dois ordenados reunidos não excedem duzentos e cincoenta francos.

Os mestres das escholas fixas gozam melhores ordenados (350 francos), além de casas para residirem, lenha, luz, e n'algumas povoações uma pequena horta. Eis aqui por que faltam os mestres para as escholas ambulantes, e muitos dos que exercem nellas o magisterio carecem da necessaria instrucção, em quanto as escholas fixas são sempre melhor servidas. Neste ponto o systema que Rudenskôld introduziu na Suecia, em substituição das escholas ambulantes, e que já mencionámos, parece muito mais vantajoso, do que o methodo seguido na Noruega, porque remedêa o grave inconveniente da falta de mestres, e augmenta o numero dos dias d'aula em cada eschola de bairro, ou vicinal.

Escholas primarias urbanas.

Estas escholas foram mandadas estabelecer nas villas e cidades sób a vigilancia dos curas das parochias por Christiano V (1670), e Christiano VII (1764) fixou aos sete annos a idade, em que os pais deviam mandar os filhos ás escholas, impondo multas, aos que contraviessem esta disposição. Não havia, porém, um systema regular de ensino; apezar disso a instrucção primaria não deixára de adiantar-se na Noruega pelos exforços das auctoridades, e pelo zelo dos particulares. Em 1840 de 19:937 meninos, que tinham a idade marcada na lei para frequentar as escholas, 4:382 obtinham no seio de suas familias o ensino correspondente ao das aulas publicas; 1:478 cursavam escholas particulares, e 12:844 frequentavam regularmente as escholas publicas, de sorte que apenas 1:233 não aproveitavam os beneficios da instrucção, que o estado, ou os particulares lhes proporcionavam.

Os 12:844 alumnos, que frequentavam as aulas publicas em 1848 estavam repartidos em 42 escholas, regidas por 124 mestres, de modo que havia 144 alumnos para cada eschola, e um mestre para cada 103 discipulos.

As disciplinas que constituem o ensino nas escholas urbanas são as mesmas que nas ruraes, porem o aproveitamento é muito maior nas primeiras, talvez porque a frequencia é mais regular, e os mestres mais habeis, ou mais assiduos nas suas funcções. Dos 12:844 alumnos, que frequentam as escholas urbanas, 9:040 aprendiam a escrever; 8:439 o calculo; 4:611 o cantico, e 1:578 as outras disciplinas comprehendidas no programma official. Reunindo o numero dos alumnos das escholas ruraes ao das urbanas, contam-se na Noruega 192:348 alumnos, dos quaes 57:753 aprendem a escrever; 35:800 o calculo; e 8:032 e cantico, não comprehendendo nestes numeros o dos alumnos que estudam particularmente, nem os que, não frequentando as escholas publicas, ou particulares, recebem com tudo dos curas das parochias a instrucção necessaria para lhes ser dada a confirmação; e por isto se póde avaliar o grande adiantamento da instrucção primaria neste paiz ainda antes da lei de 1848, que conservára a anterior organisação das escholas urbanas, limitando-se a uniformisar o ensino, e regular a sua direcção. Nesta reforma augmentou-se o numero das horas das aulas, e das lições, em cada anno lectivo (43 semanas, e 32 horas d'aula em cada uma dellas). Fixou-se em 60 o minimo dos discipulos, que cada mestre devia ter. Os mestres antes da lei de 1848 tinham de ordenado 550 francos, actualmente tem 750 francos, e os ajudantes d'elles 500 francos. Os mestres são escolhidos d'entre os seminaristas, e tem por isso hoje habilitações muito mais rigorosas do que anteriormente.

Para a instrucção dos mestres ha na Noruega cinco seminarios principaes em Asker, Holt, Storaeen, Klaebo, e Tromsae; e tres seminarios menos importantes em Hvideseid, Augvaldsnaes, e Molde, destinados para habilitar os mestres para as escholas ambulantes de alguns districtos. Os seminarios recebem annualmente do estado 38:000 francos. Nestes seminarios ha ordinariamente 25 mestres e 150 discipulos. O estado sustenta tambem os estabelecimentos de ensino mutuo de Christiania, Christiansand, Bergen, e Trondbjem, que são, como os seminarios, verdadeiras escholas normaes.

[1] A população total da Noruega é de quasi 1:350:000 almas, e contem 901 districtos ruraes. (*Rev. ded'J. P.*

Os seminarios tem uma direcção especial. A direcção das escholas urbanas é composta do parocho respectivo, de um membro da municipalidade e de alguns membros escolhidos por este entre os do conselho municipal.

As escholas urbanas são dotadas com a renda de 160$000 francos para as suas despezas annuaes, nesta dotação se comprehende o producto das matriculas no valor de 7:000 francos, somma na verdade limitada, por que a lei de 1848 procurou facilitar o ensino, tornando-o gratuito nas escholas onde se ensinam somente os primeiros elementos, e reduzindo nas outras a taxa das matriculas.

Continúa.

INFLUENCIA DOS ALIMENTOS NAS FUNCÇÕES MATERIAES E INTELLECTUAES DO HOMEM.

Entre as artes que o homem exerce, nenhuma é mais universalmente apreciada que a arte de preparar os alimentos. Guiado por um instincto seguro e pelo gosto, este depositario da saude, que chamamos cozinheiro experimentado adquire, na escolha e preparação dos alimentos, na maneira de os combinar, de os distribuir nos banquetes, noções superiores a respeito de tudo o que a chimica e a physiologia tem alcançado produzir em materia de nutrição. Uma mesa guarnecida de iguarias convenientemente guizadas assemelha-se a uma machina cujas differentes partes estão ligadas com harmonia, e dispostas de sorte que produzam o maximo effeito quando entram em movimento. O cozinheiro verdadeiramente artista reune em justa proporção as materias plasticas, proprias para a sanguificação, ás substancias que são as intermediarias da solução dos alimentos e da producção do sangue; evita toda a excitação inutil que não póde compensar-se; tem egual desvelo pelo infante, e pelo velho, e sabe attender ás conveniencias de cada sexo.

As mães e amas intelligentes escolhem tambem para seus filhos alimentos conformes ás leis da natureza; dão-lhes leite e farinhas sempre acompanhadas de fructas; preferem nutril-os com carne d'animaes adultos rica em phosphato de cal, e ministram-lh'a sempre com legumes verdes; não duvidam dar-lhes ossos a roer, e excluem de sua nutrição a vitella, o peixe e as batatas. Para uma criança irritavel, que tem debeis os orgãos digestivos, junctam uma infusão de cevada a uma papa feita d'avêa; em logar d'assucar de canna, dão-lhes assucar de leite, excellente alimento de respiração preparado pela natureza; em fim permittem-lhe o uso illimitado do sal.

São innegaveis as differenças que offerecem os alimentos, quanto á influencia que exercem nas funcções physicas e intellectuaes, bem como nos actos chimicos e physiologicos da economia humana; todavia até agora estas differenças não foram explicadas segundo as regras d'uma investigação racional.

Encontramos em alguns auctores que a carne e o pão contêem phosphoro, que o leite e os ovos trazem uma materia gorda phosphorada semelhante á do cerebro, e que d'esta materia phosphorada depende a formação e conseguintemente a actividade do cerebro. Por isso, dizem elles, é que se não póde admittir, um excesso de phosphoro, nas pessoas que pensam muito, porque fazem delle grande consumo; e fica por tanto verdadeiro o principio — *point de pensée sans phosphore.*

A sciencia não conhece facto algum que auctorize a admittir, no organismo animal, ou nos alimentos do homem e dos animaes, a existencia do phosphoro separado de suas combinações como se alli encontra o enxofre. Está de ha muito demonstrado que o acido phosphorico obtido de menos, na incineração das materias animaes ou alimentares, do que o extrahido pela via humida, provém d'uma perda occasionada pelo calor que decompõe o acido phosphorico em presença do carvão e o volatilisa; sabe-se tambem que esta perda póde evitar-se com a addição de um alcali ou terra alcalina que fixe o acido phosphorico. Até hoje ninguem provou que existe phosphoro puro no cerebro, nos alimentos ou em qualquer materia gorda do corpo.

A existencia de semelhantes combinações phosphoradas, e sua influencia na producção do pensamento constituem uma opinião d'alguns *amadores*, opinião que assenta em noções superficiaes sem o menor fundamento scientifico.

É certo que tres pessoas uma das quaes se tenha saciado de vaca e pão, outra de pão e queijo ou bacalhau, e a outra de batatas, consideram cada uma debaixo de aspectos differentes, uma difficuldade qualquer que se lhes offereça. A acção dos differentes alimentos sobre o cerebro e os nervos varia evidentemente segundo certos principios particulares que esses alimentos contêem.

Um urso existente no museu anatomico de Giessen, mostrou um temperamento nimiamente brando em quanto o nutriram com pão exclusivamente; alguns dias de regime animal tornaram-o mau, briguento e até perigoso para o guarda.

Sabe-se que a irascibilidade dos porcos póde ser exaltada, pelo regime de carne, a ponto de os fazer atacar o homem.

Os animaes carnivoros são em geral mais fortes, mais atrevidos, mais bellicosos do que os herbivoros, que são feitos preza d'aquelles. A mesma differença se nota entre as nações que vivem de plantas, e aquellas cuja nutrição principal é carne.

Se a força d'um individuo consiste na somma dos effeitos dynamicos que póde produzir, sem prejuizo da saude, para vencer

resistancias, esta força está evidentemente na razão directa das partes plasticas de seus alimentos. As povoações que se alimentam de trigo e centeio, debaixo deste ponto de vista, são mais fortes do que os que comem arroz e batatas, e estes mais robustos do que os negros que comem cuscuçu, tapioca e mandioca, etc. *Continúa.*

TRATADO ELEMENTAL DE PATHOLOGIA MEDICA,

Por D. Juan Brúmen — Catedratico en la facultad de medicina de la universidad de Madrid.

A obra de que damos noticia aò publico é uma das que compoem a excellente collecção offerecida á nossa universidade pela de Madrid.

Edicção nitida; distribuição de doutrinas methodica, e bem ordenada; phrase correcta; estilo didactico; theorias positivas, e legitimadas pelos factos; preceitos therapeuticos sanccionados pela practica propria, e alheia dos auctores mais acreditados; taes são os dotes que recommendam uma obra acabada em pathologia interna.

Sem pretenções de novidade, nem alardo de intelligencia superior, em dia com os progressos do novo humorismo e solidismo, inteirado do estado das sciencias auxiliares da medicina, especialmente da chymica organica, que vai de dia para dia mudando a face da sciencia, o doutor Brumen collocando a pathologia medica no seu verdadeiro campo de sciencia de observação, soube colligir, e dispor as verdades doutrinaes por tal arte, que sem o pretender aniquilla o scepticismo ridiculo filho da ignorancia, e da inercia (infelizmente) de alguns filhos de Esculapio: e salva a sciencia do opprobrio, a que a indiscripção d'alguns tem pretendido arrastal-a.

A historia das enfermidades, a marcha e duração de cada uma, a etiologia, diagnostico, e prognostico acham-se descriptos com a maior clareza e precisão: mas sobre tudo o quadro symptomatologico é sempre traçado por mão de mestre.

Não era de suppor que a hydropathia, tanto em moda nesta nossa épocha, houvesse escapado ao juizo seguro do auctor. A homeopathia, que ainda hoje conta tantos fanaticos, uns que nunca estudaram a medicina, outros que deviam voltar aos bancos das escholas, é julgada severa, mas imparcialmente em frente da medicina secular. Professando o eclecticismo illustrado, assim como foi colligindo o auctor da pathologia tudo o que achou de melhor nas obras de antigos, e modernos, de que mostra ter conhecimento perfeito, foi tambem aproveitando de todos os systemas, e methodos curativos o que ha de rasoavel, sanccionado pelo poder do tempo e da experiencia.

Seguindo por aquella traça a sabida maxima de — *floriferis est apes in saltibus omnia libant* — se não deu novidades o Dr. Brumen, não deixa de ser por isso um genio privilegiado; por que o talento de bem colligir, coordenar, e expôr com precisão e lucidez, não é vulgar.

A importancia, que lhe mereceu a alteração dos elementos constitutivos do sangue para formar a 2.ª classe de molestias, foi bem merecida, e aproveitada. Rendendo esta homenagem devida ao humorismo moderno aplanou muitas das difficuldades com que os solidistas topavam na classificação, pathogenia, e therapeutica de varias enfermidades. E talvez andasse mais coherente o auctor mettendo neste quadro a cholera-asiatica, do que incluindo-a no das febres, de que a cholera parece ser a negação. Mas pondo de parte um ou outro defeito de classificação, que de ordinario se encontram em todos os systemas, o que é innegavel é que a cholera, a febre amarella e o typho, acharam por derradeiro um novo sydhnam na patria de Miguel Cervet.

Cremos não ser preciso alongar mais a analyse, que nos proposemos, para dar em globo a idêa da obra, que até para livro de texto das aulas póde com razão ser aproveitada. M.

BREVES REFLEXÕES HISTORICAS SOBRE A NAVEGAÇÃO DO MONDEGO, E CULTURA DOS CAMPOS DE COIMBRA.

Continuado de pag. 130.

Não se estranhe que o decreto citado, ainda que extenso, seja aqui apresentado na sua intrega, porque alem de o julgarmos inedito, é a unica peça legislativa, que a respeito d'obras do Mondego temos até esta data encontrado, elaborada com mais pericia e conhecimento da materia. Do seu theor se conhecerá que nesta epocha se tinha feito um estudo scientifico á cerca do Mondego e dos campos adjacentes, e que se procurava dar a este rio uma direcção, por novo leito, segundo os principios de hydraulica. Tinha-se em fim reconhecido que *se o alveo fosse direito ganharia a corrente mais força e arrastaria as areias para o mar, etc., etc.* E ainda que esta doutrina verdadeira em these, nos pareça ineficaz em hypothese, folgamos de se haver encontrado um centro scientifico para onde se deviam encaminhar todas as providencias e trabalhos futuros, impedindo assim uma enchente de provisões quasi sempre ineptas, contradictorias, e absurdas.

Decreto. « Eu Elrei faço saber a vós desen-« bargador Pedro da Cunha e Sousa que, in-« tentando atalhar os damnos, que causam as « inundações do rio Mondego, cuja superin-« tendencia vos tenho encarregado, fui servi-

« do mandar passar o decreto de 12 de maio
« deste anno, do theor seguinte: Havendo-se
« me representado muitas vezes e d'annos a
« esta parte, por varios ministros e pessoas
« zelosas do meu serviço e do bem commum
« do reino, os intoleraveis damnos que o
« rio Mondego com suas ordinarias inun-
« dações tem causado, e cada anno vai evi-
« dentemente causando, assim nos edificios
« da cidade de Coimbra com que em gran-
« de parte a tem deformado, como tambem
« na saude publica dos moradores della, e
« dos povos circumvisinhos, os quaes pade-
« cem graves enfermidades, que muitas ve-
« zes chegam a tirar-lhes as vidas pelos pan-
« tanos que deixa e se corrompe o ar com
« elles, e ultimamente por que se vai sub-
« mergindo a ponte sendo a mais formosa de
« todo o reino, e ainda de muitos outros, e
« pera se fabricar outra, se esta faltar não
« haverá despeza que seja bastante alem do
« grande prejuizo que tem feito aos campos,
« afogando a maior e a melhor parte delles,
« dos quaes pera abundancia do reino se
« recolhiam muitos fructos, e ainda impedin-
« do a foz com que desemboca no mar, pera
« não poderem nella entrar as embarcações
« com notavel diminuição no commercio; e
« mandando fazer sobre esta materia multi-
« plicadas diligencias e vestorias por pessoas
« practicas e intelligentes se acordou unifor-
« memente que poderia ter remedio tal que
« não somente não continuassem, mas antes
« se reparassem os referidos damnos, se o
« rio se encanasse por outra parte, fazendo-
« se os marachões e mais obras a este fim
« necessarias, com as quaes teria a corrente
« mais direita, e levando as aguas mais força
« lançariam as areias ao mar; e não somen-
« te não levantariam mais, mas se abaixa-
« riam com alivio dos campos, os quaes se
« poderiam semear e não haveria os pantanos
« nocivos á saúde, nem a cidade se inunda-
« ria, e a ponte ficaria sem oppressão e peri-
« go que se temia: e considerando-se esta
« materia como pedia a sua importancia,
« tenho resolvido que se faça esta obra tão
« necessaria como util ao bem commum do
« reino, cuja superintendencia tenho encar-
« regado ao dr. Pedro da Cunha e Sousa
« do meu desembargo e desembargador da
« casa da supplicação, ao qual mando trate
« della pelo modo e logares que se tem acorda-
« do, não se perdendo occasião nem tempo,
« e lhe dou poder de nomear um escrivão
« pessoa da sua satisfação, e um meirinho
« que tambem terá seu escrivão por elle no-
« meado, sendo providos por tempo d'um
« anno.

« E por que a contribuição do real d'a-
« gua que se paga naquella cidade foi em
« sua origem concedida pera se despender em
« obras de ponte, cáes, caminhos e outras
« semelhantes, e ao depois parte della se ap-
« plicou ás fortificações das praças da Beira,
« mas por ultima resolução que tomei pela
« junta dos tres estados a mandei estar em
« deposito pera este mesmo fim do remedio
« das inundações do Mondego, como com
« effeito está no convento de Sancta Cruz em
« um cofre que nelle se conserva: Hei por
« bem que deste deposito e do mais rendi-
« mento que for cahindo se faça a obra: tendo
« o superintendente entendido que póde e deve
« constranger as pessoas que tiverem fazen-
« das nos logares pelos quaes se ha de fazer o
« novo alveo, e dar nova corrente ao rio,
« pera que as vendam, ou a parte dellas que
« for necessaria pelo justo preço, em que
« forem estimadas, por pessoas que bem en-
« tendam; e se algumas forem de morgado,
« capella ou doutra semelhante qualidade se
« mandará entregar o preço no juizo da pro-
« vedoria, a que tocar pera se fazer o empre-
« go; e se as taes pessoas, cujas terras se
« hão de comprar, se acommodarem com
« outras das que o rio deixar no alveo, que
« de presente tem, se lhe darão proporciona-
« damente conforme o seu rendimento, e ain-
« da com alguma favoravel ventagem; o que
« se entenderá sem prejuizo de quem tiver
« direito, e as taes terras que o rio ha de dei-
« xar no alveo que de presente tem, as
« quaes não se derem em troco na forma referi-
« da, ficarão sendo da mesma contribuição
« e consignação do real d'agua, pois com
« ellas se adquirem, e então quando se co-
« nheça o que são e a importancia do seu
« rendimento, ou de seu valor, se dará a pro-
« videncia que parecer conveniente, pera se
« dispor dellas em modo que se possa aliviar
« quanto seja possivel a dita contribuição e
« em favor do povo que concorre com ella;
« e pera o effeito desta obra nomeará o su-
« perintendente mestres e apontadores que
« lhe parecer, e poderá mandal-a fazer por
« empreitada, ou por medição de braças, ou
« alguma a jornal como julgar que é mais
« conveniente, pela confiança que de sua
« pessoa faço, seguindo a fórma de receita
« e despeza que se lhe mandar, pela junta
« dos tres estados pera a mesma arrecadação,
« e com o mesmo poder e jurisdicção, saindo
« do mesmo effeito do deposito de contribui-
« ção que se for vencendo; e acabará as obras
« dos caminhos e calçadas que tem começa-
« do, e outras que estão arruinadas, e a da
« fonte do cidral, cano, e uma necessaria
« no caminho do Espirito Santo; e sendo
« necessario pera o concerto d'algum cami-
« nho tomar-se parte de alguma fazenda se
« pagará pela avaliação na fórma que se
« costuma fazer em semelhantes casos. E a
« todos os ministros daquella comarca e aos
« mais do reino mando que dem toda a aju-
« da e favor que por elle lhe for pedida sem
« duvida alguma, e com toda a presteza,
« como tambem que lhe obedeçam todos os
« officiaes de justiça a constranger os officiaes
« e trabalhadores que lhe forem necessarios.

« E por quanto naquella cidade ha uma ren-
« da chamada dos marachões se declara que
« esta se não deve despender na mudança do
« alveo do rio, nem nas outras obras, sim
« porem nos marachões que nelle se fizerem,
« assim no que fica occupado no alveo anti-
« go, como no que agora se faz de novo; e
« ao provedor dos ditos marachões mando
« que tambem obedeça ao superintendente
« no que toca a esta obra, e este será subor-
« dinado ao desembargo do Paço, tanto pera
« por elle me dar conta e pedir as ordens
« que entender lhe são necessarias quanto
« pera todos os recursos que as partes delle
« interpozerem, ou seja por appellação ou
« por aggravo, sem que algum outro tribunal
« tome delles conhecimento; e em quanto
« durar esta occupação vencerá de ajuda do
« custo 200$000 reis pagos todos os annos
« do mesmo cofre, e o seu escrivão 40$000
« reis alem de sua escripta nos negocios de
« partes; e ao meirinho e seu escrivão se
« não assignam salarios por quanto por este
« lhe dou faculdade, com que se entende
« que ficam satisfeitos do seu trabalho. O
« desembargo do Paço o tenha assim entendi-
« do, e nesta forma mande passar alvará e
« as mais ordens necessarias...... Lisboa
« 12 de maio de 1694 [1]. »

A pezar da brevidade recommendada neste decreto para se fazer o novo encanamento não consta que se principiassem as obras antes de 1708, tempo em que já não era superintendente o desembargador Pedro da Cunha e Sousa, a quem tão difficil tarefa primeiro tinha sido encarregada.

No cartorio da repartição do Mondego existem uns autos de diligencias, exames e conferencias á cerca do plano da obra, trabalhos e nova direcção do alveo, que para não sermos tedioso, aqui publicaremos em resumo, sem com tudo offendermos a parte essencial.

Continúa.

[1] L.° 3.° da correia fl. 15, do arch. municipal de Coimbra.

SAUDADE.

Partiste, anjo do ceu, sem te lembrares
D'aquelle que por ti geme e suspira;
Partiste, fiquei só, foi-se a ventura,
Findou-se o canto meu, quebrou-se a lyra.
José Ildephonso Pereira de Carvalho.

Solta meu coração teu pranto amargo,
Chora o tempo felis, que mais não volta,
Em quanto forças tens, em quanto a morte
Não põe termo ao pezar que te atormenta.
Chora meu coração, que és só no mundo.
Só — entre os homens, que insensiveis cercam
Aquelle, que perdeu toda a ventura,
Que na tormenta do soffrer da vida
Viu sumir-se o pharol da luz amiga,
Que ao porto o conduzia, viu quebrar-se
O cançado batel, sentiu fugir-lhe
D'entre as geladas mãos a debil prancha,
Ultima esp'rança do perdido nauta.
Chora meu coração que és só no mundo.
Perdeste um coração com quem te unias
Em horas de prazer, em horas tristes.
Chora meu coração, que o mundo inteiro
Não te póde off'recer um bem, que pague
O bem que a sorte te roubou p'ra sempre.
Nesta vida — meu Deos será só n'esta —
Perdeste tudo o que perder podias.
....
Vai-te, saudade, que mil mortes soffro!
Saudade sem esp'rança é dor d'inferno,
É anjo que peccou, que vem sentar-se
Ao pé do triste, que lhe mostra ao longe
O tempo que passou cheio d'encantos,
E o futuro lhe mostra qual deserto
Immenso, esteril, desolado e negro;
E se o triste lhe brada que na morte
Um asylo achará, um porto amigo,
Com um sorriso, que as humanas vozes
Pintar não podem, meneando a fronte,
A duvida cruel lhe lança n'alma.
Saudade sem esp'rança é dor d'inferno,
Vai-te, saudade, que mil mortes soffro.
....
Nas horas do silencio irei sentar-me
Onde nem chegue o susurrar do mundo,
Onde dos homens as paixões mesquinhas
Me deixem suspirar a sós comigo.
Alli da triste gemedora lyra
Tristes sons tirarei, alli prostrado,
D'aquella que perdi dizer mil vezes
O nome, o nome que gravado tenho
Dentro do coração, com mil suspiros
Por ella chamarei, debalde embora.
Que importa que meus cantos rudes sejam?
Sente só, por ventura, quem na lyra
Sabiamente pranteia o mal que soffre?
Não sente, não se queixa a triste rola,
Não diz no seu gemer a dor que sente?
Não terá coração quem voz não tenha
Meiga e sonora, que enfeitice os echos?
Só póde o rouxinol carpir seu ninho?
Chora no pinheiral o rijo vento,
Choram folhas, os bosques; a torrente,
Que em vão na pedra dá, geme e suspira.
Brame o touro se vê tingida a terra
Do sangue d'um dos seus, o leão ruge
E do deserto infindo acorda os echos
Se seus filhos perdeu, e o negro mocho,
Quando a lua no ceu caminha triste,
Pousado em negros troncos triste pia.
Tem toda a natureza um ai sentido,
Com que póde dizer a dor que soffre;
Só tu, meu coração, não terás vozes
Com que possas carpir? chora não temas,
Um echo has-de encontrar em peito amante.
....
Quando d'estrellas mil o ceu s'esmalta;
Quando a lua, qual barca aventureira,
Por entre estrellas mil no céu descreve
Com magico fulgor seu brando curso;
Quando canta na horta o negro grillo,
E a rouca rã no charco se lamenta;
Quando apenas se ouve lá no outeiro
O balido do triste cordeirinho,
Que chama, incauto, seu feroz imigo;
Quando se vê brilhar por entre as folhas
A vacillante luz na pobre choça,
E la bem longe, despertando os echos,
O cão d'algum casal teimoso ladra;
Quando entre espessos verde-negros ramos
Aqui, alli, s'escuta o rei das aves,
Começa o canto seu, prolonga as notas,
E o canto se esvae tão mago e brando
Qual ultimo vibrar d'eolia lyra;
Quando cançada, a natureza busca
O placido repouso, então sentado
Á sós com a minha dor, com a mão na fronte,
Pensativo contemplo á natureza.
Então o nome teu sobe do peito,
Vem nos labios pousar, e se um suspiro
Meus labios apartou, teu nome digo.
Teu nome que eu repito aos ceus, ás ondas,

Ás boninas do prado e ao bosque ameno;
E os ceus e as ondas, a bonina e o bosque
O teu nome gentil mil vezes dizem?
No ceu o vejo escripto em letras d'ouro,
No prado em per'las mil, s' escuto as ondas
No seu brando lutar com a rocha altiva,
S'escuto o susurrar das longas ramas,
Quando o vento da tarde o bosque ondeia,
Mil vezes, vezes mil teu nome escuto.
Oh n'essas horas, quando o sol s'esconde,
Quem me dera chorar! ai quem me dera
Entre soluços mil dizer teu nome,
Passar a inteira noute em dôce pranto.
Mas que vale o carpir; que valem preces
Quando a sorte diz — não? Ai quando os olhos
Cançados de chorar a luz perdessem;
Quando de brados mil exhausto o peito,
Sentisse o coração gelado e exangue;
Quando sem tino, desvairada a mente,
Eu te fosse pedir aos ceus e ás ondas;
Se eu buscasse siquer a sombra tua
Onde outrora te vi, n'esses recintos
Tão sagrados para mim, nada encontrára.
Tudo foge, meu Deus, tudo se abysma
N'esse pego sem fim, n'essa voragem
Que passado se diz: o amor e a vida
E d'envolta com o tempo o proprio mundo
Tudo morre, meu Deus! Senhor! piedade,
Tu nos mandaste amar: ou da-me agora
No peito um coração de rijo bronze;
Ou leva-me, meu Deus, onde minh'alma
Perdida em ti, Senhor, esqueça a vida,
Como aos homens esquece o horror das trevas,
Quando no puro ceu teu sol fulgura.

Coimbra, Setembro de 1853.

HENRIQUE O'NEILL.

ILLUMINAÇÃO ELECTRICA.

Não virá talvez longe a epocha em que a electricidade substitua o gaz carbonado, e, emanando de um electromotor central, circule em conductores ramificados, para alimentar de distancia em distancia fócos de luz branca e viva.

Para que esta concepção elevada, todavia, se realise é mister aperfeiçoar o que actualmente existe e que por ventura appareça algum novo invento que ainda não desponta no vasto horisonte dos descobrimentos modernos.

Uma breve revista sobre a historia deste curioso objecto mostrar-nos-ha, quanto é possivel, sem o auxilio de estampas, a verdade do que levamos dito.

A primeira experiencia de luz electrica fel-a o celebre chimico inglez Davy, que havendo mandado construir a grande pilha da sociedade de Londres, teve a idéa de lhe armar os polos com dous cónes de carvão, e operar a descarga pelas extremidades. Davy viu logo sahir um jorro de luz com brilho superior ao de qualquer outra luz artificial, e comparavel á do sol. Persuadido de que a combustão do carvão não influia na belleza do phenomeno, collocou os carvões no vacuo, e obteve, com effeito, uma luz tão brilhante, sem que o carvão se consumisse pela acção do oxigenio do ar. Para tornar o carvão melhor conductor, calcinou-o a alta temperatura, mergulhando-o logo em mercurio.

A experiencia foi por muitos annos repetida, com solemnidade, nos cursos publicos; porem sua duração era necessariamente curta: as pilhas que então havia não forneciam uma corrente constante, além de que os carvões incandescentes desenvolviam muito fumo, que em poucos instantes obscureciam as paredes do globo destinado a contel-os no vacuo. Succederia ainda hoje o mesmo se a pilha de Grove, modificada por Bunsen, não viesse ministrar aos physicos uma corrente electrica forte e duravel.

A pilha de Bunsen appareceu em 1843 e logo Mr. Leão Foucault, concebeu o pensamento d'applicar a luz electrica ao microscopio solar, e geralmente a todas as experiencias d'optica que empregam a luz do sol.

Continúa.

MEMORIA

Sobre el plan de estudios, la organizacion, y el personal de las Escuelas Medicas estranjiras, con aplicacion a la nacional de San Carlos de Madrid, por

D. Melchior Sanchez de Poca.

Na excellente e riquissima collecção de exemplares d'obras escriptas, e publicadas nestes ultimos annos em Espanha, que a universidade de Madrid offereceu á de Coimbra, como satisfação e prova de apreço, em que teve o brinde, que esta lhe fizera das suas ultimas publicações litterarias, e scientificas vem a memoria acima mencionada de valor subido para a sciencia do ensino.

Simples brochura, sem os primores d'arte que adornam, attrahem, e muito recommendam a perfeição de industria no seu genero representada pelo bem acabado na impressão e encadernação dos livros recebidos de Madrid, nem por isso é somenos o valor della intrinseco.

Recommenda-se o merecimento da obra pelo do seu auctor, bem conhecido, e acreditado dentro e fóra do seu paiz. E não desdiz o desenho, a phrase, e o estilo della, dos titulos em que assenta a nomeada do dr. Sanchez. Discorrendo varios paizes todos differentes do seu em lingua, organisação, caracter e costumes, ninguem em tão limitado tempo podia comprehender melhor, desenvolver, e applicar aos seus o mecanismo do ensino medico observado nos estranhos. Tendo por mais adaptado á situação de Espanha o plano dos estudos medicos da França, foi este o que lhe serviu principalmente de modêlo ás reformas que propoz para a faculdade de Madrid; e póde hoje glorificar-se ao vel-as quasi plenamente adoptadas nas ultimas reformações de estudos verificadas na sua patria.

Uma idea grandiosa e fecunda sobresáe em todas as reflexões mui sensatas que o auctor expende á cerca do assumpto. Robustecer os estudos theoricos por meio dos estudos practicos. A Peninsula Iberica tem-se resentido

da nimia applicação ás doutrinas especulativas, e pouco empenho nas sciencias practicas. Desconheceu por muito tempo o espirito do seculo, em que vive; e adorou de mais a parte dogmatica das sciencias. A Espanha parece ter finalmente entrado na carreira da moderna civilisação. As sciencias de observação caminham pelo methodo experimental; a cultura das industriaes tem-se vulgarisado por meio de institutos apropriados e de associações beneficas. Muito deve o paiz em tão valioso progresso ás sabias insinuações do dr. Sanchez. A sua memoria recheada de sublimes concepções, e observações importantissimas em organisação de estudos superiores, especialmente medicos, vale mais do que muitos e estendidos volumes anteriormente publicados por outras terras.

Avaliando devidamente a obra que nos occupa; elogiando sincera e imparcialmente o seu merecimento scientifico e litterario; temo-nos tambem por obrigados a notar algumas reflexões, com que não podemos conformar-nos.

Fallando da intolerancia de Portugal na admissão ao magisterio, não é o auctor exacto; e lastima-nos que fosse mal informado. Por vezes tem sido admittidos ao ensino na universidade estrangeiros sabios, e nacionaes habilitados em escholas estrangeiras. Para o 1.° grao do magisterio a todos se abre a porta do templo nas escholas separadas da universidade. O accesso aos graus superiores é nellas depois regulado pelo principio de antiguidade. Se na universidade não é tão livre o concurso; e só doutores da mesma universidade podem ser admittidos; é por ter mostrado a experiencia que para o ensino transcendente nas faculdades; para os progressos das sciencias, e aproveitamento dos alumnos, não basta a garantia, que offerece um concurso momentaneo de ostentação. A idoneidade do professor não se conhece de improviso.

Tambem não temos por conveniente o apagar as raias entre medicina e cirurgia: nem mesmo o julgamos possivel em quanto houver livros de medicina, e de cirurgia; enfermarias de um e outro genero; e professores de uma e outra ordem. Teriamos antes por mais util subdividir e cultivar separadamente cada ramo das sciencias medicas, se tanto fôra possivel. A divisão no trabalho é o poderoso meio da perfeição. A esphera dos conhecimentos medicos tem-se alargado a ponto de exceder muito a capacidade individual. A destreza operatoria depende de uma educação muito especial.

Estes e outros reparos, que poderiamos fazer, não significam imperfeições, que hajam de desvaliar o grande merecimento da clareza e precisão com que expoz o auctor da memoria o resultado de muitas observações, e de madura e pausada reflexão.

M.

FORTUNAS ESPECIAES D'ALGUNS RICOS PARTICULARES DE ROMA.

Ce résultat si remarquable, parle plus haut que tous les raisonnements.
Dupasquier — Hist. des Eaux d'Allevard, pag. 524.

No meio do extraordinario luxo em que nadava *Roma*, nos ultimos fins da república, e nos começos dos primeiros tempos do imperio, não deixam de surprehender-se as attenções dos prescrutadores das prodigalidades romanas, ao meditarem nas *fortunas especiaes, d'alguns opulentos particulares*.

E tanto mais surprehendidos, na verdade, costumam ficar os discriminadores dos dominadores do mundo, quanto é certo que por um pequeno numero de fortunas gigantescas, espalhadas por um e outro palacio da capital do imperio, só reinava no resto do paiz uma verdadeira pobreza e miseria, na mais completa antithese com essas prodigalidades colossaes.

Se, pois, nadava *Roma* em ouro n'esses antigos tempos em que a república descia ao tumulo invergonhada, para ser substituida pelas pompas e atavios da realeza; é de saber que esse ouro era apenas o fructo vergonhoso de centenares de conquistas traiçoeiras; era apenas o lucro sordido de myriadas de depredações, nos governos confiados aos proconsules e aos legados, sem que diffundisse a felicidade e a abundancia pelas diversas classes da sociedade, e por ventura evitasse as muitas necessidades do povo!

Longa, porém, sería a serie das reflexões amargas a que este negregado assumpto nos impelliria; se nos houvessemos de entranhar por esses vastissimos campos da moralidade. Dar-lhe-hemos de mão, todavia, para só deixarmos fallar os numerosos factos d'algumas das fortunas colossaes de particulares: factos que de persi sós mais alto fallam, do que todas as considerações que acaso se houvessem de fazer. E para que melhor possam gravar-se esses mesmos factos, na memoria dos menos lidos dos nossos leitores, curaremos de lhos transcrever sôb a fórma alphabetica.

Apicio — morto no anno 30 depois de Christo, e célebre gastrónomo da sua edade, tinha uma fortuna de 3:000 contos; contando-se que só na devassidão chegára elle a consumir a enorme somma de 1:860 contos! E refere *Seneca* (consol. ad Helv. 10), d'accôrdo com *Marcial* (Epig. III. 22) e com *Dio.* (l. LVII. 19), que este devasso gastrónomo se suicidára com veneno, quando chegára a ver sua riqueza reduzida a 320 contos, receiando morrer de fome no meio dos seus continuos excessos!

Augusto — morto no anno 14 depois de Christo, deixou uma fortuna elevada por *Tacito* á grande somma de 32:000 contos! E nem deve causar-nos admiração, essa tão

immensa fortuna, se nos recordarmos que o mesmo *Augusto* chegára a receber no espaço de 20 annos, (e só em presentes e heranças), mais de 16:000 contos. Só ao povo romano deixára elle, como de seu testamento se vê, 1:240 contos, deixando aos cidadãos pobres 108 $\frac{1}{2}$ contos; como póde colher-se do mesmo *Tacito* (Ann I. 18), e do antigo escriptor dos *doze Cesares*, *Caio Suetonio Tranquillo* (vid. d'Aug)!

As rendas do imperio do mundo, (accrescentaremos ainda), eram por então de 128:000 contos: e chegaram a ser até de 1:120:000 contos nos tempos de *Vespasiano*, que avaliára todas as despezas do estado, quando subiu ao throno, em 1:240:000 contos! Somma enormissima, na verdade; mas não será preciso suppor-se com *Budeu* e *Justo Lipsio*, que houve algum engano de conta no precitado biógrapho dos *doze Cesares*, uma vez considerada essa vastissima amplitude do imperio dos romanos, e essas grandissimas despezas forçadas da sua administração!!

Callisto — liberto do imperador *Caligula* que succedêra no throno a *Tiberio*, deixou por sua morte a mui consideravel fortuna de 6:400 contos!

Cecilio Claudio Isidoro — apezar de haver perdido nas guerras civis dos seus tempos, uma crescida parte da sua fortuna, deixou ainda por seu testamento 1:860 contos; alem de deixar tambem 4:116 escravos, 3:600 junctas de bois de trabalho, e 257:000 cabeças d'outro fato!

Crasso — denominado o rico por antonomasia, tinha só em terras a enorme fortuna de 9:600 contos; e possuia outra egual, em escravos, rebanhos, casas e mobilias! É tal era, a elevada idêa de riqueza, que formava este nosso *Publio Crasso*, » que não julgava bem merecido o epitheto de rico, em quem não pudesse, com sua só fortuna, manter as despezas d'um exercito ou d'uma legião pelo menos (Plin. Sen. l. XXXIII. 10 — Cicer. Offic. l. I. 8)!!

Demetrio — liberto do grande *Pompeu*, tinha de seu um capital, que se ha calculado em 3:000 contos!

Hortensio — insigne orador de Roma, e digno rival de *Cicero* na epocha florescente da oratoria, (entre os annos de 700 e 850), chegou a grangear pela advocacia em que fôra mui versado, a immensa fortuna de 3:200 contos!

Lentulo — o aúgur por excellencia, tinha a riqueza enormissima de 12:400 contos!

Lucullo — morto 47 annos antes de Christo, foi senhor d'uma fortuna, avaliada em mais de 19:200 contos! Só pela casa de *Mário*, que havia sido comprada por *Cornélia*, dera *Lucullo* a boa somma d' uns 62 contos; e é bem sabido, que por sua morte se venderam os peixes d'uma só das suas quintas, por 128 contos: somma notavel pela qual tambem se chegára a vender o viveiro inteiro de *Caio Herio*, como se colhe de *Plinio Senior* (L. IX. 54 e 55), e de *Plutarcho* na vida de Mario. Preciso éra, todavia, que assim tivesse uma fortuna e uns provimentos tão grandes quem havia o costume habitual de gastar em cada refeição diaria principal 6 contos, na luxuosa salla *d'Apollo* em Roma!!!

Marco Antonio — morto 31 annos antes de Christo, e a quem *Cleópatra* fizera um grandioso brinde, (no qual engulira uma perola dissolvida em vinagre, avaliada em 310 contos), tinha de seu a fortuna de 19:200 contos! — E esta perola era de muito maior valor que a muito fallada perola, que offerecêra *Julio Cesar* a *Servilia*, mãe de *Bruto*, apezar do seu grandissimo valor de 186 contos!

Milão — morto 48 annos antes de Christo, condemnado a desterro depois do assassinato de *Clodio* apezar de levar comsigo para *Marselha* uma parte dos seus haveres; deixou ainda uma fortuna, que se confiscára para pagamento de suas dividas, de 2:400 contos! dividas que importavam em 2:170 contos, mas que nada avolumavam, ao lado d'uns 7:755 $\frac{1}{2}$ contos que devia *Julio Cesar*, por exemplo, na occasião da sua pretura d'Hespanha (Appian. De Bell. Civil, l. II. 492)!!!

Narciso — morto no anno 54, e liberto de *Claudio* de quem fôra depois secretario, póde ajuntar a immensa fortuna de 8:000 contos!

Pallas — liberto do mesmo *Claudio*, que succedêra no imperio a *Caligula*, e tivera por successor a *Nero*, tinha de seu 9:300 contos!

Plínio Junior — morto no anno 113, e digno representante de tão digno nome, tinha uma riqueza de 3:200 contos!

Roscio — morto antes de Christo 62 annos, e actor de tão maxima nomeada entre os romanos, que chegára a ser para aquelles antigos tempos o que fôra *Talma* para a nossa edade, era senhor só em bens de 3:200 contos! E afóra os immensos presentes com que os seus o beneficiavam, (e que avultavam em grossas sommas nos fins dos annos), tinha ainda o rendimento annual de 32 contos!

Sallustio — morto 35 annos antes de Christo, e muito conhecido escriptor classico de latinidade, deixou por sua morte a immensa fortuna de 9:600 contos!

Scauro — o emiliano, morto 60 annos antes de Christo, e genro do bem conhecido Sylla, tinha a fortuna de 12:800 contos! E de *M. Scauro* nos refere *Plinio* o naturalista (l. XXXVI. 15. s. 24), que só a sua casa de campo, (á qual os seus escravos maliciosamente haviam lançado o fôgo), se avaliára em 3:100 contos!

Seneca — o philosopho, morto no anno 65, possuia uma fortuna de 9:600 contos!

Sylla — o dictador, morto antes de Christo 70 annos, tinha de seu 24:000 contos!!

E *Tiberio* — morto no anno 37, deixou por seu fallecimento uma fortuna mais consideravel ainda, que a d'Augusto: pois que nos seus cofres se encontrára a somma de

84:400 contos! — Somma por extremo consideravel, mas que seu successor *Caligula* chegára a gastar em menos d'um anno (Sueton. Vid. de Calig. 37) !!!

E se nos não quizeramos limitar, ás indicações das *fortunas millionarias*, na rigorosa significação da palavra; poderamos indicar ainda algumas outras de particulares romanos, verdadeiramente grandes e admiraveis, em relação ás necessidades e ás miserias do povo em geral. Poderiamos mencionar *Catão*, que morrêra 42 annos antes de Christo, e de quem nos diz *Seneca* que tinha uma fortuna de 128 contos.

Poderiamos mencionar *Esopo*, (companheiro do celebradissimo *Roscio*), o qual deixára por sua morte uma herança de 800 contos, apezar de haver feito despezas excessivas, e entre ellas, por exemplo, a d'um jantar que lhe custára para cima de 3 contos! despeza gastronomica immensa, mas que nada avulta ao lado do jantar *d'Heliogabalo*, que lhe custára 93 contos, e ao lado do quasi incrivel jantar de *Caligula*, avaliado na despeza de 310 contos, como nos attestam *Seneca* (Cons. ad. Helv. 9) e *Lampridio* (C. 27) !!! Poderiamos mencionar as joias de *Lollia Paulina*, dos tempos de *Plinio*, avaliadas em 124 contos! E poderiamos mencionar *Virgilio* esse celebradissimo vate de *Mantua*, morto 19 annos antes de Christo, o qual deixára por sua morte uma fortuna que *Servio* avaliára em 300 contos! E é para notar-se, que toda a sua riqueza provinha de beneficios especiaes *d'Augusto* e de sua familia, e muito nomeadamente *d'Octavia*, a qual só pela — *tu Marcellus eris*, (singular composição poetica sua), lhe mandára dar 2:320:000 rs., a razão d'uma dada quota de premio por cada verso!

E poderiamos ainda, descer a fallar de muitos desvarios da desregrada gastronomia dos romanos, e que provam de sobejo a excessiva riqueza d'algumas pessoas particulares que os practicavam. Bastaria citar então, (alem da já mencionada perola engulida por Cleópatra, no festim de *Marco Antonio*), a perola que fôra engulida por *Clodio*, filho do comediante *Esopo*, avaliada em 31 contos! Bem como essa que fôra engulida por *Caligula*, e de que nos falla *Suetonio* na sua vida (C. 34)!

Sobejos são, todavia, os differentes exemplos que acabamos d'especificar em resumo, para que possa reconhecer-se a fundo, ate onde havia chegado o luxo devassissimo dos romanos, e até onde haviam chegado, por consequencia, (atravez da prevaricação geral dos seus costumes e das suas acções), a depredação e os vexames forçosos de que haviam de ter lançado mão n'alguma occasião, para chegarem a conseguir, fortunas tão extraordinariamente colossaes!

Era um estado, n'uma palavra, de tão agglomeradas riquezas n'alguns poucos particulares, e de tão desregrados e tão malevolos costumes por tanto, que até *Cesar* chegára a comprar a amisade servil do consul *Lucio Paulo*, collega de *Marcello* no anno de 704 de *Roma*, pela somma de 1:116 contos, chegando a comprar a mesma amisade servil de *Curião*, pela muito maior somma de 1:860 contos!!! E é o que de feito nos affiançam *Appiano* (De Bello Civ. II. 443) e *Suetonio* (V. de C. 29), com *Valerio Máximo* (L. IX. 1. 6) e *Velleio Paterculo* (l. II. 48) !!!

Braga, Julho de 1853.

J. J. DA S. PEREIRA CALDAS.

BIBLIOGRAPHIA.

Para servir de texto ás lições do primeiro anno mathematico, acaba de sahir do prélo, e de ser distribuida aos respectivos alumnos, a *Parte 1.ª*, contendo a *Arithmetica e Algebra elementar*, do curso completo de mathematicas puras por L. B. Francoeur, novamente traduzido, correcto e augmentado pelos lentes cathedraticos da Faculdade de Mathematica os Snrs. Francisco de Castro Freire, e Rodrigo Ribeiro de Sousa Pinto.

Esta nova edição; em que os illustres traductores se não pouparam reconhecidamente a esforços e diligencias, para que fosse a todos os respeitos aprimorada, e em que poderam, como se vê da advertencia que serve de introducção, mais d'espaço confrontar com o original as correcções e melhoramentos, que a pratica do ensino, o que havia de melhor n'outras obras mais modernas, e que finalmente o seu incançavel zêlo e constante dedicação pela sciencia, lhes suggeriu como mais uteis e apropriados; é para o curso de mathematicas puras, professado na Universidade, um excellente compendio, que deve considerar-se antes como obra original do que como simples traducção, por isso que não houve pagina onde se não fizessem alterações ou addições de mais ou menos importancia, as quaes todas mereceram a approvação do Conselho da Faculdade de Mathematica. Recommenda-se a nova edição tambem, pela melhor escôlha de typo, elegancia e nitidez da impressão, o que sendo sempre para apreciar, se torna muito mais necessario nos livros de Mathematica.

B. FEIO.

Curso de Botanica Philosophica professado na Faculdade de Philosophia da Universidade de Coimbra, pelo

Dr. Antonino José Rodrigues Vidal.

Primeiro Lente Substituto Ordinario (em exercicio).

Texto para as prelecções theoricas: *De Candolle* (Alphonse) Introduction a l'étude de la Botanique, Paris, 1835. Para os exercicios praticos: *C. Linnæi* — Systema vegetabilium, editio prima Conimbricensis, 1838. *Vidal* (A. J. R.) — Index plantarum in horto botanico academico Conimbricensi cultarum anno 1852. *Endlicher* — Genera plantarum, Vindobonae, 1836—1847.

PARTE PRIMEIRA

Introducção á Botanica Philosophica.

Preliminares. Botanica philosophica e suas divisões, Organographia ou Anatomia, Organophysia ou Physiologia, e Taxonomia. Esboço historico da sciencia desde a sua origem até a epocha actual. Necessidade da

precedencia da nomenclatura. Nomenclatura da planta em geral, e dos orgãos compostos vegetaes, raiz ou troço descendente, caule ou troço ascendente, folha, gomo, flor, fructo e semente; dos orgãos elementares ou tecidos, cellular e vascular, de suas acções e propriedades vitaes. Vocabulos empregados na taxonomia e suas divisões, phytographia e geographia botanica, e tambem na Botanica fossil. Explicação completa do systema de Linneo.

Exercicios praticos, alternados com as prelecções de Botanica philosophica até o fim do anno lectivo.

PARTE SEGUNDA

Botanica Philosophica.

Organographia e Organophysia geral. Materia organica e seus principios mediatos e immediatos, textura organica elementar do vegetal, cellulas e vasos. Manifestações d'actividate vital dos orgãos elementares. Absorpção e aspiração, elaboração e respiração, expiração e exhalação, nutrição propriamente dita ou transsubstanciação nutritiva ou assimilação; irritabiladade e caloricidade.

Organographia e Organophysia especial. Primeira epocha da vida vegetal, vida dependente ou germinação nas plantas phanerogamicas ou superiores. Analyse organographica da semente madura, espermoderme e nucleo, endosperema e embrião. Condições externas e internas, phenomenos mechanicos, chimicos e organicos da germinação.

Segunda epocha da vida vegetal, nutrição ou vida independente propriamente dita nos vegetaes phanerogamicos. Analyse organographica do caule, da folha, da raiz, das capillares ou da raiz propriamente dita, e dos gomos. Manifestações d'actividade vital dos orgãos de nutrição. Funcções de nutrição. Absorpção preliminar ou capillar, e vital ou eclectica. Seiva ascendente ou bruta. Respiração ou elaboração athmospherica, exhalação e seus productos. Seiva propriamente dita. Circulação externa e interna, assimilação. Crescimento do vegetal, exame das theorias propostas pelos differentes AA. Secreção e expiração, vegetal. Pretendidos succos proprios. Coloração dos vegetaes. Incrustações dos corpos inorganicos nos orgãos vegetaes. Reproducção gemmipara, enxertia. Manifestações geraes d'actividade vital ou propriedades vitaes dos orgãos de nutrição, irritabilidade, movimentos de contractilidade visiveis e invisiveis, e lei geral de sua direcção; caloricidade vegetal demonstrada por considerações theoricas e experimentalmente.

Terceira epocha da vida vegetal, reproducção sexual, ou remate da vida independente nos vegetaes phanerogamicos. Analyse organographica dos orgãos de reproducção sexual e de seus annexos, calis, corolla, estames (filete, anthera e pollen), e pistillo (estigma, estilete, ovario e ovulos). Manifestações de actividade vital dos orgãos de reproducção sexual ou sexualismo vegetal, fecundação, theorias sobre a geração, desenvolução do ovario transformando-se em fructo, e do ovulo em semente. Manifestações geraes d'actividade vital, irritabilidade e caloricidade, nos orgãos sexuaes.

Considerações sobre a organographia e organophysia dos vegetaes inferiores, cellulares, cryptogamicos.

Phytogenecia ou organogenia vegetal. Vida. Primordio vegetal, protoplasma, fluido e globulos, cellula elementar. Leis da linha espiral e do equilibrio organico.

Pathologia vegetal. Aberrações organicas e molestias propriamente ditas, differenças pathologicas entre os animaes e vegetaes. Toxicologia vegetal, molestias locaes e geraes, externas e internas, por irritação, infecção, contagio, e parasitismo animal e vegetal.

Taxonomia vegetal. Introducção historica ás classificações vegetaes. Principios geraes de methodologia botanica, caracteres de semelhança e differenças, positivos e negativos, importancia relativa dos mesmos; generos e especies, familias e classes. Desenvolvimento dos diversos systemas mais notaveis de classificação por familias naturaes, systema de Adanson, de Jussieu, de Decandolle, de Lindley, e d'Endlicher.

Exercicios praticos sobre o diagnostico das diversas familias vegetaes.

Geographia botanica. Considerações geraes sobre a topographia botanica, seguidas da analyse das diversas condições e dos diversos excitantes do organismo vegetal, necessaria para a explicação das diversas estações vegetaes. Theorias da permanencia e transmutação das especies. Regiões botanicas.

Botanica fossil. Origem dos seres organicos, heterogenia e homogenia, e considerações sobre os fosseis vegetaes. Flora fossil nas diversas epochas geologicas. Inducções fornecidas pelo estudo dos fosseis vegetaes.

EXPEDIENTE.

As reclamações de numeros extraviados ou não aceitados pelos snrs. assignantes depois que os jornaes litterarios começaram a pagar porte, e o desejo que tem o Instituto de offerecer todas as vantagens possiveis a quem o auxilia em sua gratuita tarefa, faz que d'ora avante este jornal seja remettido franco de porte a todos os senhores assignantes, que por sua parte não terão duvida em remetter com promptidão o importe de suas assignaturas, e qualquer correspondencia franca de porte.

Preço da assignatura do Instituto:

Por semestre...... 800
Por anno.......... 1$440

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

CONSELHO SUPERIOR DE INSTRUCÇÃO PUBLICA — RELATORIOS.

INSTRUCÇÃO PRIMARIA.

SENHORES. Na ultima conferencia geral offerecemos á vossa contemplação em desempenho do nosso dever, assás miuda conta do movimento da instrucção primaria no anno lectivo findo: restando só, para essa conta ser inteira, ajunctar o que dependia dos relatorios parciaes e mappas estatisticos, que nos ainda então faltavam. E, intendendo que a firmeza d'este edificio assenta sobre quatro pontos cardeaes — alargamento da esphera do ensino; uso de bons livros elementares; facilidade de methodo; e multiplicação de escholas: — sobre cada um d'estes pontos vistes o quadro dos nossos trabalhos e dos seus effeitos. Por onde bem conhecestes quanto em parte ha já adiantado a instrucção primaria entre nós, e quanto n'outra parte lhe falta ainda, apezar de nossas aturadas lidas. N'aquella mesma conferencia foram apresentados pelo sñr. director d'esta secção, para serem discutidos em conferencias particulares extraordinarias, tres quesitos — 1.° comparando os effeitos dos methodos, *individual*, *simultaneo*, *mutuo*, *simultaneo-mutuo*, e *de leitura repentina*, com relação ás edades, qual deva preferir-se? 2.° Qual o systema mais util e economico para formar mestres? 3.° Qual seja tambem o mais efficaz e economico systema para a inspecção regular das escholas. — Assim, na conferencia d'hoje, só nos corre a obrigação de concluir o ultimo relatorio com a somma dos alumnos, que frequentaram no anno findo as escholas publicas e particulares; dando-vos ao mesmo tempo o resultado d'aquellas conferencias extraordinarias.

Dos mappas recolhidos até trinta de outubro ultimo resultava o numero de 37:087 alumnos nas escholas pagas pelo thesouro; e o numero de 10:528 alumnos nas escholas particulares, regidas por professores habilitados. Colheram-se posteriormente novos mappas, que produziram mais 6:185 nas escholas publicas, numero que com o de outubro dá a somma de 43:272: tambem accresceram em mappas posteriores á mesma epocha mais 825 alumnos das escholas particulares; os quaes com os já indicados fazem a somma de 11:353. E, com quanto hoje mesmo se não possa ainda apresentar o numero certo dos alumnos d'umas e outras escholas, por faltarem ainda alguns mappas, a despeito da suspensão temporaria dos ordenados dos professores que não cumpriram; todavia, por aproximação, póde calcular-se o total dos alumnos de todas as escholas primarias, no anno eschclar findo, em 62:220, numero quasi egual ao do anno anterior. E, sendo a despesa effectiva com a instrução primaria, 97:164$170 reis, vem cada alumno das escholas publicas a fazer ao thesouro a despesa de 1$945 reis.

Vindo agora ao resultado das conferencias extraordinarias sobre os tres mencionados quesitos, varias foram ellas. Examinando os methodos de ensino, pareceu nas primeiras discussões que o mais geralmente seguido e mais practicavel nas escholas publicas era o *simultaneo-mutuo*; e que o de *leitura repentina* tinha vantagens, mas que percisava das lições da experiencia para ser definitivamente adoptado. Continuaram depois as discussões sobre este methodo, á vista das informações dos vogaes extraordinarios, os sñrs. doutores *Brito*, e *Luiz Albano*, que muitas vezes inspeccionaram a eschola da sociedade dos operarios e a do asylo da primeira infancia, nas quaes este methodo se ha practicado. E, terminadas aquellas conferencias, o resultado foi intender a secção, que era prudente sobr'estar na apreciação do methodo de *leitura repentina*, até se recolherem as observações, que em varios pontos se estão fazendo; e que na conferencia geral de outubro se désse conta dos resultados. No que toca á formação de mestres, julgou a mesma secção mais conveniente o systema de escholas normaes menores, em numero de 6; não excedendo a 12 em cada uma o numero dos alumnos mestres, se comparassem os seus resultados com os da eschola grande de Lisboa. E como nada valeria esta reforma sem a creação de inspectores; accordou-se em que se creassem, mas que por ora se limitasse o numero d'elles a um por cada districto. Egualmente conveio, em que houvesse em cada cabeça de concelho uma commissão inspectora, subordinada ao inspector do districto, composta do presidente da camara, um parocho, um vereador, e dois chefes de

familia: que em cada parochia houvesse outra commissão subordinada á central do concelho, composta do parocho, juiz eleito ou juiz de paz, e um chefe de familia: e finalmente que estas commissões fossem gratuitas.

Para a seguinte conferencia geral reservamos a relação circumstanciada, assim dos demais serviços e trabalhos dos snrs. vogaes extraordinarios, como das fadigas do conselho, e do movimento de toda a instrucção primaria no decurso d'este anno. Agora sómente indicamos, que nos seis mezes até aqui decorridos, se tem expedido pela secretaria despachos para provimento temporario de escholas, 67: titulos de capacidade para ensino particular, 4: ordens para concursos, 76; E para intimações, participações, etc. 377: Consultas sobre varios objectos, como propostas para provimento de escholas, creação d' outras, transferencia de local d' umas casas para outras; jubilações, transferencias e exonerações de professores, etc. 52. Entre estas consultas foi uma com a exposição do novo *systema metrico-decimal*, e outra propondo que se distribua gratuitamente a cada um dos alumnos das escholas publicas primarias, um exemplar da *Tabella* demonstrativa do mesmo systema.

Senhores: Dois factos importantes occorreram no ensino primario, depois da ultima noticia que vos demos n'este ramo de instrucção, em abril proximo passado. O poder legislativo auctorisou um crédito supplementar ao orçamento do estado até dez contos de reis, para augmentar o numero das escholas; e criou o logar de commissario geral de instrucção primaria pelo methodo de leitura repentina.

O primeiro acontecimento é de reconhecida utilidade e conforme ás indicações que, em todas as conferencias geraes e relatorios, este conselho tem apresentado sobre a urgente necessidade de multiplicar as escholas de instrucção popular. Não satisfará plenamente a medida legislada ás exigencias do ensino; porque o numero de cadeiras, creadas com os meios votados, não poderá exceder a um cento: mas é um avanço na marcha da instrucção, que provavelmente será imitado nos orçamentos futuros. O conselho, querendo proceder com a devida egualdade na distribuição das novas cadeiras, em razão das necessidades locaes, ha procurado informar-se d'estas pelas juntas geraes de districto, para n'este ponto fazer ao governo de sua majestade as propostas convenientes.

A utilidade da outra disposição legislativa não assenta por ora em verdade tão demonstrada. As vantagens e inconvenientes d'um methodo novo de ensino em instrucção primaria não se podem avaliar devidamente em poucos mezes, nem ainda em poucos annos. O methodo de ensino mutuo, outr'ora tam recommendado, e ainda ha pouco premiado, hoje está geralmente desapreciado; e, póde dizer-se, sustentado exclusivamente pela economia, que o accompanha e defende.

O conselho superior, desde a inauguração do novo methodo de ensino, tem mandado ensaial-o e vigiar os seus resultados, pelos seus delegados, em diversos pontos do paiz. As informações recebidas não podem por ora auctorizar a introducção preceptiva d'elle nas escholas publicas; cujo regimen se não póde regular pelo das particulares.

A estadistica exacta d'este ramo de instrucção, não nos é possivel appresental-a hoje: existem os mesmos estorvos que por vezes temos apontado. Distancias, doenças, extravios de correios, e alguns descuidos, obstaram a que n'este mez de outubro chegassem á secretaria do conselho todos os esclarecimentos necessarios. O numero de mappas e relatorios de escholas publicas e particulares, até agora colhidos, é de 517: faltam mais de ametade. N'aquelle numero entram 17 de escholas particulares, sustentadas por legados, ou pela retribuição dos alumnos. O numero de alumnos, que consta d'aquelles mappas, é de 21:363, sendo o das escholas particulares 849. Das escholas publicas de meninas tem chegado até agora 13 mappas com o numero de 821 alumnas; e das particulares 4 com o numero de 138.

Apezar dos elementos que faltam, podemos aproximadamente calcular que a frequencia na instrucção primaria, no anno findo, não seria inferior á do antecedente, que fôra de 43:200 alumnos em escholas do estado. Mas é penoso confessar que esta cifra ainda é muito inferior á que devêra ser, attendendo á cifra dos septe a quatorze annos, que costuma corresponder a uma população de 3:500$000 habitantes.

Havendo o conselho ordenado aos professores, habilitados com o conhecimento practico do methodo de leitura repentina, que fossem ensaiando este em uma classe de alumnos, entrados pela primeira vez no ensino primario; e recommendado instantemente a todos os commissarios de estudos, que vigiassem os resultados do ensino por aquelle methodo, e prestassem ao mesmo tempo ao commissario respectivo todos os esclarecimentos que elle lhes pedisse: não pôde obter informações tão definitivas e cabaes, como desejava. Á cerca da excellencia e vantagens do methodo, os commissarios suspendem por ora o seu juizo; havendo um só que não duvida assental-a definitivamente, depois de conferencias havidas com professores da sua confiança. Julga elle o methodo inapplicavel a escholas publicas: 1.° porque o methodo exige estado egual de adiantamento em todos os discipulos,

para marchar com regularidade; e na eschola publica, em que não póde negar-se intrada a alumnos em qualquer tempo lectivo, não é possivel haver aquella egualdade: e ainda, pela differença dos talentos e applicação, a desigualdade apparece nos da mesma classe: 2.° porque aquelle methodo, augmentando as imagens, augmenta os embaraços na memoria das crianças, mui fraca antes dos dez annos: 3.° porque sendo raros os espiritos privilegiados, e maior o numero da mediania, indispensavel é no ensino a formação de classes: 4.° porque o ensino por aquelle methodo exige dotes tão especiaes e tão raros nos professores actuaes, que ainda supposta a preferencia absoluta d'elle, seria esteril na practica: 5.° porque nas escholas ruraes, em que a frequencia é sempre irregular pelas occupações dos alumnos em serviços do campo, é impossivel reunil-os e sustental-os em uma só classe.

Dos 517 professores, que até agora deram conta dos seus trabalhos, a maior parte dizem ignorar o novo methodo de ensino, outros que lhes fallecem meios de execução. E dos que o teem posto em practica, abonam a sua excellencia os professores publicos de Pena Cova, Paiva, Cacia e Amares; e os professores particulares de Caminha e Mourão. Reprovam-no os professores publicos de Barró, Ponte da Barca, Cerdal, Villar de Mouros, Vianna do Castello, Burgo, Estarreja e Campanhã. O professor de Arcos de Val de Vez, que se offerecêra para reger a sua eschola por aquelle methodo, se lhe fosse dada uma gratificação, recebendo ordem para de primeiro ensinar uma classe, e dar conta dos resultados, veio a expor a impossibilidade de o fazer, tendo de ensinar outras classes na mesma eschola.

N'estes dados estadisticos a secção não acha ainda meios sufficientes para avaliar os resultados do novo methodo, e aguarda ulteriores e mais fundadas provas, para assentar juizo seguro.

59 consultas de interesse publico e particular; 85 despachos, e titulos de habilitação; 881 ordens para concursos e execução de medidas regulamentares; 82 circulares a governadores civis e commissarios sobre objectos de administracção; tem sido expedidos na repartição de instrucção primaria depois do ultimo relatorio em 11 de Abril.

O numero de cadeiras publicas no continente e ilhas adjacentes, sustentadas ou subsidiadas pelo thesouro, é hoje de 1:173; tendo-se creado 7 depois da ultima conferencia geral. São do sexo feminino 47. Não corresponde a cifra ás necessidades do paiz; nem está em harmonia com o estado da instrucção n'outros povos civilisados.

O conselho tem constantemente instado pelo augmento das escholas, tendo em vistas dotar com uma cadeira cada parochia. Tambem ha mostrado vehementes desejos de ver organizado um corpo de inspecção, que vigie regularmente a instrucção primaria, e possa dar informações mais exactas e circumstanciadas do que as que actualmente possuimos. O estado material e literario das escholas não é, em geral, tão satisfactorio, como se tem desejado. Faltam escholas normaes para formar bons professores, e edificios para a maior parte das aulas.

Espera todavia o conselho do illustrado governo de sua magestade que, por meio de sabias providencias, e continuação do empenho desvelado pelo mais importante ramo de instrucção publica, possamos conseguir aquelle *desideratum*, se a mão da paz beneficente nos continuar seu amparo.

BREVES REFLEXÕES HISTORICAS SOBRE A NAVEGAÇÃO DO MONDEGO, E CULTURA DOS CAMPOS DE COIMBRA.

Continuado de pag. 151.

No dia 5 de julho de 1708, achando-se reunidos na ponte, o desembargador do paço Miguel Fernandes d'Andrade, juiz commissario do encanamento do Mondego, o desembargador Manoel Caldeira de Lemos, superintendente das obras, os provedores dos marachões do sul e norte do dito rio, o juiz do povo com os seus vinte e quatro, e outras muitas pessoas, ahi disse o mencionado juiz commissario « que sua ma« jestade tinha mandado demolir as insuas e « encanar o rio pelo seu alveo antigo; e que « para este effeito se devia determinar a « largura necessaria ao alveo, de sorte que « podesse correr proporcionadamente, e que « as aguas tivessem impeto para levar as « areias, porque assim desentulhariam os « arcos e profundariam mais o rio; que esta « materia era muito importante, e por isso « devia ser considerada com toda a attenção « para ficar a obra bem feita na conformi« dade do que sua majestade tinha man« dado.

Depois de larga conferencia e varias razões, acordaram todos que o alveo devia ficar da lapa dos esteios para baixo com a mesma largura que então tinha junto á dita lapa; que d'ahi para baixo se devia marcar com estacas de pinho d'uma e outra parte do rio o ponto, até onde deviam chegar as testadas dos campos confinantes, na forma indicada no parecer de Nuno da Silva Telles mandado observar no alvará d'elrei.

No dia seguinte foram medir a largura do alveo á lapa dos esteios e acharam 173 varas de cinco palmos cada uma; e assentaram

que junto á ponte devia o rio ter mais largura, em razão do impedimento que os pés dos arcos (pegões) faziam ao curso das aguas; n'esta conformidade mandaram que ahi ficasse de largura a distancia que havia desde o principio da ponte á portagem até ao sitio de entre-pontes; e que d'aqui para baixo se fosse estreitando até de fronte do hospital de S. Lazaro, onde devia continuar a largura das 173 varas.

Balizaram depois, por meio de estacas, a largura que se marcou ao novo alveo; e intimaram judicialmente os donos das insuas e campos confinantes para á sua propria custa fazerem a demolição.

Determinaram que a largura do rio no campo das Mercês fosse sómente de 137 varas, e no da Geria de 143, em attenção á violencia da corrente n'estes sitios.

Em 16 de novembro do mesmo anno mandaram abrir vallas na areia para desentulhar os arcos da ponte; e effectivamente se abriram como consta do respectivo auto.

No dia 20 do dito mez e anno reuniram-se na ponte o já citado juiz commissario, e mais juizes com mestres d'obra de pedra e cal, e concordaram em que as guardas da ponte arruinadas pela enchente d'aquelle anno se fizessem de *alvenaria com boa argamaça, da largura dos assentos que estão sobre a mesma ponte com altura proporcionada, sendo as mesmas bordas lagiadas por cima de pedras de cantaria encaixadas umas nas outras de macho e fémea.*

Em 5 de desembro do referido anno, reuniram-se, no porto que estava entre a quinta da Alegria e a tomadia dos frades de S. Bento, o dito juiz commissario, officiaes e procurador da camara e juiz de fóra juntamente com o abbade e procurador do collegio de S. Bento, e ahi contractaram que o collegio désse por uma só vez cem mil reis á camara, ficando esta obrigada a fazer a obra do porto, que devia ser mais alto para dar serventia ao povo; e os frades teriam, por este contracto, livre a sua tomadia.

Aos 12 de janeiro de 1709 mandaram altear a calçada do porto das Mós do lado do rio, para commoda serventia do povo; e construir um marachão de pedra e cal no boqueirão entre a quinta de Manoel da Costa, e a tomadia dos herdeiros do medico Francisco Dias, pelo qual entrava o rio e causava graves prejuizos aos campos da parte do sul.

Artigos que o superintendente devia observar na obra do novo encanamento.

1.° Mandar fazer as guardas da ponte; 2.° construir um caes no porto dos Bentos; 3.° a serventia do porto das Mós, e um marachão de pedra e cal para tapar o boqueirão, (de que já se fallou); 4.° desentulhar os arcos da ponte; 5.° avaliar a terra balizada ao fundo do campo de Bolão, no sitio das Mercês, para se pagar a seus donos pelo cofre das sizas; 6.° e 7.° que os donos dos terrenos d'ambas as margens do rio desde a lapa dos esteios ate á Geria fizessem as testadas para o Mondego á sua custa; 8.° que os provedores fizessem continuar a demolição das insuas á custa dos donos d'ellas; 9.° que as testadas se fizessem com brevidade e fortaleza; 10.° que deviam conservar-se as serventias antigas; 11.° que as balizas deviam ser reformadas, e que os provedores se haviam de regular pelos capitulos que Nuno da Silva Telles dera a sua majestade, e que estavam registados, com o alvará, no cartorio do escrivão Bartholomeu da Silva. Os artigos d'aqui por diante até o 16.° inclusive tratam de providencias para a conservação das arvores, estacadas e motas do encanamento. O 17.° tem por objecto ordenar que o provedor da margem do norte do Mondego desfaça uns camalhões de terra e areia acima da barca de Montemór, e os mais que apparecerem em outras partes do rio; o 18.° encarregar o superintendente de fazer correição para a bôa execução e adiantamento das obras; o 19.° e ultimo mandar que o superintendente faça concluir a demolição da insua de Antonio Luiz de Mello e Sousa, que fica por cima da ponte; e que se a quantia de 120:000 rs. que tinha depositado para esta obra não for bastante, que fosse obrigado a repôr o resto.

Continúa.

O CAHIR DA FOLHA.

Esta poesia é uma imitação de Millevoye, poeta que, como todos sabem, foi o precursor da elegia melancolica de Lamartine.

Da sua collecção d'elegias, publicada pela primeira vez em 1812, a melhor, na opinião de criticos auctorisados, é *La chute des feuilles*. Sainte-Beuve, nos seus *Retratos litterarios*, não duvidou collocal-a a par do *Cemiterio* de Gray, essa poesia tão celebre e tão popular em Inglaterra, e de que os nossos leitores tiveram conhecimento pela magnifica traducção do snr. dr. Castro. Para provar o valor da *Chute des feuilles* basta dizer-se, que mereceu ao auctor da *Harpa do Crente* as honras da traducção, que vem no seu volume de poesias.

Todavia, no meu humilde sentir, a maior parte das obras poeticas de Millevoye são um pouco descóradas, e esta mesma poesia de que fallamos, sendo a melhor, não está exempta d'esse defeito. Um colorido mais vivo em nada a prejudicaria. A imitação, por este lado, resente-se alguma cousa do original; porém a phrase é tão castiça, o verso

tão singelo e elegante ao mesmo tempo, o pensamento tão delicado e melancolico, que ninguem por certo deixará de a reputar uma composição d'elevado merito.

O sñr. Rodrigues é já bem conhecido pela versão d'um poêma de Florian, o *Eliecer*, e pela collecção de maximas e modelos, que no fim d'esse poêma, offerece á instrucção de todos para lhes inculcar a practica das duas virtudes, a fraternidade e a reciproca amisade.

O sñr. Alexandre Herculano fallando sobre èsta versão no Panorama, em 1840, escreveu o seguinte: Eis aqui uma traducção d'aquellas que dão tanta honra ao traductor, quanto o original dá ao auctor. Todos conhecem o mimo e a graça de quanto escreveu Florian: mas nem todos sabem que uma das suas mais formosas composições se acha trasladada em nossa lingua, sem que perdesse uma unica das suas galas nativas. Por tal arte se houve o traductor, tão aprimoradamente trabalhou, concertou e puliu a sua versão, que a não ser obra tão conhecida na antiga litteratura franceza, podéra passar por nascida em terra de Portugal, pelo torneado das phrases ser n'esta obrinha essencialmente portuguez, e os vocabulos castiços, sem que entre elles appareçam descuidos em que muitas vezes caem ainda os bons traductores.

Este elogio sincero e desinteressado, rubricado com a assignatura do primeiro escriptor do nosso paiz, é, em quanto a nós, o maior tropheu, que um homem que escreve para o publico, póde alcançar.

Sirva elle d'alivio ao nosso presado amigo e mestre, o sñr. Rodrigues, no meio das injustiças revoltantes de que infelizmente tem sido victima.

TORRES E ALMEIDA.

O CAHIR DA FOLHA.

IMITAÇÃO DE MILLEVOYE.

Já os bosques, desfolhando-se,
Marcam do outono a fereza;
Já do mysterio a belleza
Perdeu, co'a folha, a illusão;
Não mais rouxinol suavissimo
Se escuta nesta soidão!

Porém vê-se ainda — pallido,
Côr de morte a passo lento,
Um joven, que alli o alento.
Dissereis, ia finar;
D'annos verdes a aura placida,
Derradeira, ia aspirar.

« Dôce bosque (disse) no intimo,
Te amei d'alma, e neste instante,
Venho dar-te o adeos amante,
O adeos de quem vai morrer;
Sêca folha, a cahir tremula,
Me aponta o fim que heide ter. »

« D'um nume funesto oraculo,
Ouvi bem claro, e dizia,
Que eu a folhagem veria,
Revestir d'amarelles;
Porem (soou vos mais funebre),
Que era esta a ultima vez! »

« Que eterno cypreste lugubre,
Mais sem côr que o proprio outono,
Já me assombrava alto sômno,
Que eu na campa ia dormir;
Que eu tinha apenas um atomo,
De juventude a medir! »

« Que, nem mais veria o pampano,
Brilhar, nem herva no prado;
Vou morrer — vou desgraçado,
Em breve finar-me assim;
D'euros sinto já friissimo,
Coar-me o sôpro ruim! »

« Vi, como sombra phantastica,
Fugir minha primavera;
Triste morte hoje me espera,
Cahida folha vou ser;
Possam folhas, alastrando-se,
Meu jazigo aqui 'sconder! »

« 'Scondam-me da mãe ternissima.....
Porém, se aqui desgrenhada,
Vier minha doce amada,
Chorar, quando a luz se fôr,
C'um leve rugido acordem-me,
Para ouvir-lhe um ai d'amor! »

« Disse; — e foram vozes ultimas....
Foram; que em fim, da floresta,
Ultima folha, que resta,
Cai, e o infeliz cahiu!
Sob o robre logo um tumulo,
Pia mão lhe construiu.

Mas essa tão erma lapida,
Só d'algum zagal sabida,
A ninguem chama, ou convida,
Ninguem a vai visitar!
Nem a amante uma só lagrima,
Um só ai, lhe foi votar! —

M. R. S. A.

A GERAÇÃO NA SUA SUBJECTIVIDADE.

Die Fehigkeiten der Selbsterhaltung und der Fortpflanzungs kehreu in jeder art von lebenden Wesen wieder —
Valentin—*Grundriss der Physiolojie.*

Expresso o infinito no finito, pelo apparecimento da materia universal, faltava completar o quadro majestoso da creação, pela evolução de uma existencia, que, sentindo seu valor e importancia, podesse comprehender a força creadora, antolhando com tudo sua inferioridade.

Realisou-se tão sublime existencia, precedendo outras, que lenta e progressivamente marchando mostravam o progresso da dêa até a sua completa manifestação. Moiysés

descrevendo o acto creador no seu sempre admiravel. Genesis (repetidas vezes com pouca critica examinado) soube comprehender rapida e destinctamente, uma idêa então de necessidade obscura, e patenteando assim genio vasto e estudo profundo.

Posta genericamente (a these *vida*), a anthithese *morte* era necessaria, sendo a creação finita, como a rasão e a natureza á porfia demonstram: por isso o segurar e manter, tantos graus d' um pensamento, cuja expressão material eram os differentes seres do universo, desde logo se converteu em necessidade.

A vida, considerada objectivamente, é um phenomeno passageiro — é um circulo d'acção do ser, que saíndo, d' um ponto do infinito o traça no espaço, para voltar ao mesmo ponto: os seres, que o descrevem são momentaneos, como elle em comparação á idêa, e series infinitas se produzem por um meio especial para a poder assegurar no tempo, continuando com a impressão da creação, e conduzindo-a por um espaço infinito ou incalculavel até sua realisação extrema.

A geração, garantia da possibilidade temporaria e successiva para a idêa vida, continuando a creação, segue sua marcha, resume-a, dynamisando lentamente os principios materiaes, que a nutrição, garantia de possibilidade sêr para a idêa individual, já tinha encetado, e que a creação executára em indivisivel instante; é por isso a geração garantia da idêa vida um gráo inferior da creação e superior em potencia á nutrição. Porém se o individuo gerado não affastasse por tempo o principio destruidor (elemento compensador ou antes garantia da evolução da idêa) se não buscasse equilibrar-se em luta tão desigual, a geração seria um absurdo um *noumene*, que nada designava, necessitando por isto de uma como ponte, para poder vencer ou transpassar o vacuo profundo, que separa os dous altos pontos do *ser* e não *ser*: tal é a nutrição, que continùa, ou antes enceta a dynamisação dos elementos, conservando e desenvolvendo o individuo por phenomenos, cuja expressão algebrica será A^1, sendo A^2 geração, A^3 creação; em que os graus designam a inferioridade de potencia.

É a geração uma verdade manifesta e logica — é a synthese da trichotomia da idêa *vida*, cuja anthitese morte é tão logica, como a propria geração. Se sua existencia não fosse um facto real e verdadeiro, a geração seria um absurdo; são idêas correlativas *geração* e *morte*, posta uma segue-se outra, e reciprocamente. Consistindo na dynamisação dos elementos o processo vital, chegaria um momento em que a materia universal seria absolutamente dynamisada, e por isso a nutrição e a existencia seriam um impossivel por negação de *vida potencial*, ou possibilidade vital. Foi por isto, que a mão benefica do Creador, harmonica e preventiva estabeleceu um principio d'ordem, á primeira vista absurdo, que só a meditação resolve, e a experiencia confirma. Voltaire contemplando a harmonia tão admiravel do poder infinito, tambem poderia repetir *C' est cet Etre infini qu' on sert et qu' on adore.*

Assim a morte e a geração são leis necessarias, ambas nobres no fim, mas differentes nos meios: a geração, subjectivamente considerada, prehenche sem duvida mais elevada missão, ajudada, com tudo, pela nutrição: sem ella não existiriam as especies, que hoje existem, escapando á catacyse do globo, demonstrada pela sciencia e pela historia, e que ainda hoje nos apresentam phenomenos dignos do estudo do philosopho.

Será pois a creação da vida para a geração o mesmo que esta para a nutrição, e reciprocamente: são, como vimos, modalidades, que reconhecem a mesma fonte de origem; julgamos absurda a opinião de Buchez, que tem uma como filha da força serial, outra da circular, sem o demonstrar, e a não ser pelo genio eminentemente especulador, nem de especial menção seria digna. A serie contínua dos seres é a nutrição do principio da idêa; pois ha em verdade *vida* composição, e decomposição *morte*, elementos do processo pelo qual a vida, principio universal e latente, se expressa; e para cuja manifestação elle é a formula *viva* de aplicação. Não se julgue esta nossa opinião confusa e inintelligivel: toda ella se funda, em que a natureza da vida, só se póde explicar por uma modificação potencial do principio ethereo inherente á natureza em estado continuamente latente, e desenvolvendo-se com as adequadas condições.

Carus, definindo o apparecimento de uma cousa determinada por uma indeterminada mas determinavel, exprimiu o melhor possivel a essencia da geração. Porque se a existencia se compõe de dois elementos, o virtual e o material, ambos espalhados no universo sem individualisação ou realisação, mas só em valores indeterminados x e y, é claro, que a geração resolve o universo, problema indeterminado em relação aos seres com umas poucas de soluções possiveis para x e y; apparecendo assim a b fc d etc, quantidades determinadas, cuja representabilidade é expressa pelos differentes seres — houve pois uma determinação do indeterminado. Esta é a solução considerada em abstracto, e por isso mais difficil, porém se descermos mais na abstração teremos principios ou idêas tanto ou mais philosoficas. Carus, exprimindo-se como dissemos, enunciou implicitamente uma lei organogenica, *tudo começa pelo estado fluido*, porque este é o indeterminado determinavel em quanto ao espaço; e que tudo começa pelo estado fluido, é uma verdade inegavel, o que se demonstra a *priori* e *posteriori*. O solido

representa a fixidez, a concentração sobre si; o egoismo, pois vive separado sem poder entrar em relações de acção: o fluido não, todo elle é possibilidade — todo elle é acção aproveitavel. Sem nos limitarmos a isto, podemos ver a creação do globo começar por massa fluida e successivamente solidificando e arrajando-se no seu desenvolvimento passar do mineral ao vegetal, deste ao animal, e emfim, como termo da serie, ao homem, apresentando por isso quatro circulos d'acção, ou reinos, tendo um mesmo centro ou origem, e um raio para cada um successivamente maior, resultado do seu prolongamento: designa este nosso modo de expressar a lei universal da repetição do inferior no superior.

Continúa.

Analise do Assucar na ourina.

Tem-se procurado differentes processos para se descubrir a presença do assucar na urina.

1.° O desvio do plano de polarição tem sido um dos meios mais preconisados para reconhecer esta substancia, porem não póde ser applicado com segurança por induzir muitas vezes a *graves erros.*

2.° O ensaio da fermentação tem sido um outro meio empregado, porém além de deixar escapar pequenas quantidades de assucar, contidas na ourina, accresce ainda que as combinações que se dão n'ella podem dar logar á formação de acido carbonico ou carbonato amoniacal indusindo a um erro serio; pois pelo acido carbonico desenvolvido, se reconhece a fermentação glucosica. O processo da fermentação é o seguinte: lançe-se em um frasco *a* ourina com o fermento, este frasco se relaciona com um outro *b* por meio de um tubo, contém este segundo frasco agua de cal onde se fórma o carbonato de cal pelo acido carbonico, desenvolvido em *a* durante a fermentação e passado pelo tubo de communicação; para maior segurança (do acido carbonico do ar) se acrescenta um outro frasco *c* com agua de cal relacionado com o frasco *b* por um outro tubo: em começo da fermentação se desenvolvem numerozas cryptogamicas, circumstancia que nem sempre póde ser adusida como prova infallivel da existencia do assucar.

3.° Se se ferve a ourina suspeita com uma dissolução de potassa caustica, o todo se córa d'um rubro escuro, e acrescentando-se o acido nitrico apresenta-se o cheiro carectristico do melasso; o processo de Trommer funda-se em que tractada a ourina pela dissolução d'um alcali e sulfato de cobre ella precipita o oxido de cobre reduzido no acto da ebullição ou depois, obtendo-se um precepitado amarellado, ou um pouco rubro. Póde este processo, segundo Fehling ser empregado para reconhecer a quantidade de assucar contido: toma-se uma epruvetta, ou um vaso com um tubo d'effusão, e graduado para a apreciação de volumes, lança-se-lhe uma dissolução aquosa composta da seguinte maneira 40 gramas de sulfato de cobre, 160 gramas de tartarato de potassa e 540 gramas de lixivia de soda de 1,12 densidade; toma-se uma segunda epruvetta onde está a ourina para cuja dissolução se emprega agua na razão de 9 ou 19 vezes o seu volume, então lançãose 10 centimetros cubicos da dissolução de cobre em 40 centimetros cubicos d'agua, leva-se o liquido á ebulição, e lança-se a ourina na epruvetta até não se formar precipitado rubro, correspondendo em resultado aos 10 centimetros cubicos da dissolução de cobre 0,0577 gramas de glucoza: posteriormente pelo espirito de vinho se podem obter as quantidades de assucar já separado por este processo.

D. G. Valentin Grundriss der Physiolojie — 1851 §. 968.

A. M. DIAS JORDÃO.

INFLUENCIA DOS ALIMENTOS NAS FUNCÇÕES MATERIAES E INTELLECTUAES DO HOMEM.

Continuado de pag. 148.

Outras relações offerecem os alimentos de respiração, que se distinguem principalmente pela rapidez e duração de seus effeitos.

Passam-se horas antes que o amido do pão, que se dissolve no estomago e nos intestinos passe para o sangue e seja ali empregado. O assucar de leite e o de uvas não precisam desta dissolução preliminar feita pelos orgãos digestivos, passam ao sangue com mais rapidez. O effeito da gordura é mais lento, mas tambem persiste por mais tempo. De todos os alimentos de respiração, o alcool é o que obra mais promptamente.

O vinho e os sucos vegetaes fermentados, em geral, distinguem-se da aguardente por conterem alcalis, acidos organicos e outras substancias ainda não determinadas pela chimica. A cerveja é uma imitação do vinho. A aguardente compõe-se de agua e d'um principio do vinho.

Em virtude de seus principios particulares, o vinho offerece certas condições por cuja reunião se compensam mais ou menos, no fim d'algum tempo, na economia, as consequencias da excitação cerebral e nervosa causada pelo alcool, de modo que a ingestão do vinho tem consequencias menos desfavoraveis que a da aguardente.

O valor commercial de um vinho está na razão directa de seus effeitos immediatos e

inversa de seus effeitos subsequentes. Na egualdade de todas as outras circunstancias, o preço de um vinho é tanto maior, quanto melhor se neutralisam seus effeitos por um augmento correspondente na actividade das funcções emunctorias do pulmão e dos rins. Na determinação do valor dos vinhos, entra sempre em calculo a riqueza alcoolica; todavia o preço dos vinhos finos não depende da quantidade d'alcool que contêem; mas antes da proporção em que entram seus principios não volateis.

A flor ou o cheiro do vinho não influe no preço senão porque é o indice de todos os seus effeitos collectivos.

Nenhum producto natural ou facticio excede o vinho considerado como meio de conforto quando as forças da vida se acham exhaustas: o vinho anima o espirito nos dias de tristeza, corrige e compensa os effeitos das perturbações da economia, servindo como de preservativo contra leves alterações causadas pela natureza inorganica.

O alcool occupa um logar distincto considerado como alimento da respiração. A ingestão do alcool dispensa o uso dos alimentos amilaceus e sacarinos, porém o alcool é incompativel com a gordura.[1]

Em muitos paizes attribue-se a pobreza e a miseria ao consumo progressivo e exagerado da aguardente: é um erro.

O uso da aguardente não é a causa, mas o effeito da miseria. É uma excepção á regra o homem nutrido que usa beber aguardente. Porém quando o trabalhador, com seu trabalho ganha menos do que necessita para comprar os alimentos com que ha de sustentar-se, uma necessidade imperiosa, inexhoravel o força a recorrer á aguardente. Como querem que elle trabalhe se a mesquinhez de sua nutrição lhe rouba quotidianamente uma certa quantidade de força?

A aguardente, pela acção que tem sobre os nervos, permitte-lhe reparar, *á custa do corpo*, a força que lhe falta, gastar hoje a força que, pela ordem natural das cousas, não devia empregar-se se não á manhã. É como uma letra sacada sobre a saude, e que não podendo pagar-se por falta de recursos tem de ser reformada todos os dias. O trabalhador consomme o seu capital em vez dos juros e dahi resulta a inevitavel quebra do seu corpo.

O chá, o café e o chocolate não obram sobre as funcções vitaes como o vinho. Consomem-se por anno na Europa e na America mais de 40 milhões de kilogrammas de chá, e na Allemanha. mais de 30 milhões de kilogrammas de café. Na Inglaterra e na America o chá constitue parte da nutrição quotidiana do mais infimo trabalhador, assim como do mais rico proprietario. Em Allemanha, as povoações das cidades e dos campos fazem tanto maior uso do café, quanto mais limitada é para ellas a quantidade e escolha dos alimentos, de maneira que ali o mais pequeno salario subdivide-se sempre em duas partes, uma para o café, a outra para o pão e batatas. Estes factos não são favoraveis á opinião segundo a qual o uso do café e do chá não é mais do que um habito.

É certo que milhões de homens tem vivido sem haverem conhecido o chá e o café, e a experiencia diaria demonstra que um e outro podem ser dispensados, dadas certas condições, sem que as funcções puramente animaes da economia sejam prejudicadas; mas fôra um erro negar todo o effeito util a estas bebidas, e resta saber se não havendo chá nem café, o instincto do povo não procuraria e não acharia meio de os substituir. A sciencia que ainda nos deve muito nesta materia, dir-nos-ha se foi uma tendencia viciosa para excitar as funcções nervosas que levou ao emprego de tal meio todos os povos, desde as praias do oceano pacifico, para cujas solidões se retira o indio dias inteiros a fim de ali se embriagar com côca, até ás regiões asiaticas onde os kamtschadales e os kariackes preparam uma bebida narcotica com cogumelos venenosos.

Parece pelo contrario, senão certo, muito verosomil, que o homem experimentando, na vida agitada de nossa epocha, certas lacunas, certas necessidades que não póde satisfazer com a quantidade, soube achar pelo instincto, naquelles productos vegetaes, o verdadeiro meio de dar á sua nutrição diaria a quantidade que lhe faltava. Cada substancia que toma influe nas funcções vitaes, obra de certo modo sobre o systema nervoso, sobre os sentidos ou sobre a vontade do homem.

Em sua obra classica, Macaulay, eminente observador no dominio da historia, dá uma particular attenção á influencia do café no estado politico da Inglaterra no seculo XVII., mas o problema que deixa sem solução é a parte que os principios do café tiveram então na direcção dos espiritos. O pouco que sabemos dos effeitos physiologicos destas bebidas não merece ser mencionado. Attribuem ordinariamente estes effeitos á presença da theina, identica com a cafeina do café. Além de que não ha bebida, que em relação á sua natureza e partes constituintes, apresente mais analogia com o caldo de carne, e é mui provavel que o uso do chá e do café assente sobre os effeitos excitantes e vivificantes que estas bebidas tem de commum com o caldo.

(1) Quando se estabeleceram as sociedades de temperança, em muitos estabelecimentos inglezes, pagaram a dinheiro a cerveja, que todos os dias recebiam os trabalhadores, os quaes della se abstinham, logo que entravam naquellas sociedades. Mas em breve sentiu-se que o consumo do pão augmentava n'uma proporção extraordinaria, de maneira que a cerveja era paga duas vezes, uma em dinheiro, outra, em pão.

O chá de certas qualidades pelo menos contém o principio activo das aguas mineraes as mais activas, e por pequena que seja a quantidade de ferro tomado no chá, nem por isso influe menos nas funcções vitaes.

As substancias empyreumaticas contidas no café dão a esta bebida a propriedade de obstar ás dissoluções e decomposições que são provocadas e entretidas na economia pelos fermentos Sabe-se que todas as substancias empyreumaticas são desfavoraveis á fermentação e putrefacção: a carne de fumo, por exemplo, digere-se menos facilmente do que a carne simplesmente salgada. As pessoas cujos orgãos são fracos ou sensiveis percebem facilmente, que um pouco de café forte, tomado depois do jantar, faz parar immediatamente a digestão, que não continúa senão depois que o café saíu do estomago e foi absorvido. Aquelles que tem orgãos robustos, serve-lhes o café, pela mesma razão para moderar a actividade digestiva, exaltada pelo vinho e especiarias.

O chá não embaraça a digestão como o café; mas acelera os movimentos peristalticos dos intestinos; este effeito manifesta-se por nauseas que succedem á ingestão do chá forte, principalmente em jejum.

Continúa.

CRITICA LITTERARIA.

Tratado elemental de Psychologia e Logica por D. P. Ph. de Monlau, e D. J. M. R. e Heredia.

É tão necessario o estudo serio de Philosophia metaphysica para formar o solido saber, e organisar a verdadeira sciencia, como são infelizmente raros os compendios que d'ella tratem bem. Pensa-se vulgarmente, que, para fazer um bom tratado elementar d'aquella disciplina, se requer, como condição imprescindivel, um espirito creador em tudo: que innove na substancia das doutrinas, na fórma da exposição, no methodo da deducção. E d'aqui vem, que uns só aspirando á celebridade, carregam os seus escriptos de observações novas e engenhosas sim, mas de pouco proveito para aquelles, a quem os destinam. Outros procurando em tudo um nome *singular* apresentam as doutrinas, ainda as mais triviaes, debaixo de uma forma tão vaga, escura, e retorcida, que elles proprios são os primeiros a duvidar, se a si mesmos se entendem!

Enganam-se uns e outros; se não nos enganamos nós. Para confeccionar um bom tratado elementar de Philosophia metaphysica, hoje que a sciencia está tão rica de factos e observações, não se exige tanto a originalidade que crie, como perseverança, critica, e bom senso: aquella, para reler e sobrepensar o muito que anda disperso pelos grandes mestres; esta, para separar, expor e ordenar com acerto. Senhores da rica herança, que os seus passados lhes legaram, tenham os metaphysicos d'hoje bom juizo apenas para se aproveitarem d'aquella riqueza, e com ella aproveitarem aos outros.

Isto conheceram, isto acabam de realizar em Hespanha dois distinctos escriptores.

D. P. Ph. de Monlau, e D. J. M. Rey e Heredia, tomando por devisa o dito tão singello, como profundamente verdadeiro, d'um seu chorado compatriota — *em um livro de ensino não se procure premeditadamente o que é mais philosophico, senão o que mais util é que se saiba* — releram e meditaram, o que anda escripto sobre os diversos ramos da Philosophia metaphysica, dentro e fóra do seu paiz, separaram o verdadeiro do falso e do prejudicial; o util e comprehensivel do engenhoso e esteril; e lembrados da epocha em que viviam, e das pessoas para quem iam escrever, poseram-se á obra.

D'entre as doutrinas que haviam lido e apurado, tomaram primeiro aquellas, que peças amplas e seguras do grande edificio, que iam levantar, podessem sustentar todas as outras. Estas, ou ainda as tiraram d'onde haviam recebido as primeiras, ou as ajunctaram do seu proprio cabedal; e assim foram proseguindo, com infatigavel perseverança até verem coroados os seus desejos, e consumada a sua obra, e a sua gloria.

Estes dois varões bem mereceram das letras e da sua patria, á qual deram um tratado elementar de Philosophia, onde se encontra tudo o que é para desejar em um escripto d'aquelle genero. As questões principaes acham-se alli tratadas com solidez e boa critica; apanhadas em brevissimo espaço na frente dos §§.; expostas com clareza logo em seguida; e sobre tudo deduzidas por um methodo excellente Na sua corôa gloriosa de escriptores não contam tanto a custosa perola os illustres AA. da originalidade, que nem sempre abrilhanta a quem a tem, e muitas vezes cega a quem a vê, como a flor singella do bom senso em que descançam e se comprazem todos os olhos, ainda os indifferentes.

Na Psychologia, parte sobre que escreveu, Monlau nada omittiu que fosse digno de saber-se, e necessario em um livro elementar. Leu e pensou detidamente o que melhor havia escripto sobre o objecto, e teve a arte não vulgar de o *fazer seu*; dando assim até áquillo, que outros tinham dicto, um ar de novidade e desaffectada originalidade, que os apaixonados da sciencia não vêem com indifferença. A par do seu talento, marcha a sua boa critica. Não se internou demasiado nos recessos profundos da psychologia trans-

cendente. Não inquiriu, por exemplo, qual a natureza intima da alma? qual a sua origem? qual o seu estado, quando separada do corpo? etc., etc. Com isso que faria? cansar grande parte dos seus leitores; e aproveitar pouco, se tanto, áquelles para quem escrevia. Não se creia porém que o prudente A. hostilize, ou despreze, essas e similhantes questões. Nada disso: diz só que sobre ellas mui escassos dados subministra a experiencia e intima observação: que quasi tudo é obra de conjectura.

Paga-se porém, e plenamente, d'essa omissão, se o é, quando depois de marcada profundamente a differença entre a materia organisada e o principio activo, que nella sente, pensa e quer, bosqueja rapidamente os attributos essenciaes da alma; e em seguida, com mão de mestre, traça o variado quadro das suas faculdades, e funções.

Aqui, logo em frente põe a sensibilidade, faculdade variadissima em suas funções, pela qual o homem sente prazer e dor, goza e soffre (*Esthctica.*) E o que o judicioso A. diz, relativo á differença entre a impressão e a sensação, entre a sensação e o conhecimento, entre todos estes phenomenos e a volição ou actividade reflectida, ao passo que corta desde logo os vôos ás pretenções sensualistas: derrama vivissima luz sobre o que segue, e revela um pensamento vivaz, profundo e acostumado a recolher-se em si, a estudar suas intimas modificações, e a apanhar as mais delicadas relações, que ellas têm entre si.

Depois das sensações, discorre pelos sentimentos, os quaes, lembrado do seu systema, divide em estheticos, intellectuaes e moraes. Não é novo, o que sobre isto diz; nem facilmente o poderia ser, depois do muito que a tal respeito escreveu a eschola escoceza, e os que imitaram e desenvolveram as suas doutrinas: todavia é exposto com clareza, brevidade e ordem. Corôa da esthetica, e fim da sensibilidade, apparece por ultimo o prazer e a dor, a belleza e o gosto; objectos omittidos na maior parte dos compendios de Philosophia que andam entre nós.

Na segunda parte do seu tratado — sobre a intelligencia — (*Noologia*) Monlau foi eminentemente eclectico. Não calou os factos, não os torceu, não criou systema novo: meditou o que está escripto; e mirando sobre tudo á explicação plena dos phenomenos cognoscitivos, analysou-os miudamente, e referiu-os a uma faculdade mãe — a intelligencia. Abaixo d'esta, e como funcções suas, ou subfaculdades, poz a *percepção* interna e externa, o *juizo*, *a attenção*, *a recordação*, *a abstracção*, *a generalisação*, *a inducção*, *a deducção*, *a imaginação e a significação*.

Entre os pequenos artigos, em que vem explicada cada uma d'aquellas subfaculdades, avultam principalmente, e merecem especial menção, os que apresentam a theoria do juizo; a memoria e a associação das idêas: a differença entre idear e entre idear e conhecer; e a origem tão questionada, das idêas e dos conhecimentos.

Remata o quadro das faculdades, com o tratado da vontade, (*Prasologia*) de que falla, assim em geral, mostrando com rara sagacidade o caracter proprio e distinctivo d'esta faculdade; como em particular discorrendo sobre a vontade, strictamente tal, sobre a espontaniedade, liberdade, habitos, e — fim de actividade reflectida — o bem e a felicidade. Ainda aqui o prudente A. prosegue o mesmo eclectismo esclarecido. Não regeita cousa alguma do que, conveniente e necessario é que se saiba: faz só por ajunctar tudo debaixo d' uma idêa, que tudo abrace e explique, fugindo sempre de questões ociosas. A analyse dos elementos que compõem todo o acto volitivo; a essencia da liberdade e sua influencia na vontade; o desejo e o instincto com os seus pontos de similhança e differença: a theoria do bem, é sobre tudo digna d'elogio, se não pela novidade da doutrina, de certo pela novidade da fórma, e rigor do methodo, por que as materias estão expostas.

E tão longe levou o A. a paixão pela boa ordem, e clareza, que no fim do seu tratado, ajunctou, uma synthese de todas as materias nelle contidas: eminencia deleitosa, d'onde d'um relancear d' olhos o leitor póde tornar a vêr com saudade todo o espaço que percorrera, e as diversas veredas, que tão agradavelmente trilhara.

Continúa.

TRATADO ELEMENTAL DE MATEMATICAS

por D. Acisclo F. Vallin e Bustillo, catedratico en la universidade de Madrid.

Na bella collecção de livros, que a universidade de Madrid offereceu á de Coimbra, e cuja relação vem transcripta no n.° 7 do *Instituto*, acham-se dois tomos da obra assim intitulada, o primeiro dos quaes é um tratado d'Arithmetica, e o segundo um tratado d'Algebra Elementar.

O auctor divide a Arithmetica em duas partes, uma do *calculo arithmetico*, outra da *comparação arithmetica;* e cada uma d'estas em duas secções, uma relativa aos numeros abstractos, outra aos concretos. A primeira secção do calculo arithmetico comprehende as operações sobre numeros inteiros, desde a addição até á extracção da raiz cubica; os caracteres de divisibilidade dos numeros inteiros; o maximo divisor com-

mum, e o minimo multiplo commum: a outra contém a exposição do antigo systema hespanhol de pesos e medidas, e do novo systema metrico; e as operações sobre incomplexos e complexos. Na primeira secção da comparação arithmetica trata-se das razões, proporções, progressões, e logarithmos: na segunda trata-se das regras de tres, de companhia, conjuncta, de liga, de juros, e descontos. E finalmente termina a obra por mais amplo desenvolvimento em notas d'algumas doutrinas do texto, e por exercicios proprios para adquirir facilidade na practica das operações arithmeticas, e para recordar os principios em que ellas se fundam.

Em cada uma das partes d'este bem coordenado systema o auctor começa por estabelecer as definições e os principios que servem de fundamento ás regras, enuncia estas, demonstra-as, e apresenta um exemplo para cada uma em quadro demonstrativo, com a explicação correspondente em linguagem; depois faz *observações* tendentes a indicar as propriedades que resultam da doutrina exposta, ou a facilitar a practica das operações; e finalmente examina a influencia *da variação dos dados sobre o resultado.*

A exposição é luminosa e methodica; as demonstrações são rigorosas; os quadros demonstrativos bem dispostos; e as doutrinas illustradas com grande copia de problemas analogos, entre os quaes, se a materia o permitte, apparece sempre algum relativo aos novos pesos e medidas. Descendo a especialidades citaremos, d'entre as cousas que mais nos agradaram, a fórma elegante dada á demonstração da inalterabilidade do producto de muitos factores, quando se altera a ordem d'elles; a succinta mas interessante noticia dos differentes systemas de numeração, que teem sido usados ou propostos; a discreta escolha das noções mais essenciaes sobre a origem e uso das fracções continuas; a opportuna apresentação do fundamento dos theoremas relativos aos numeros incommensuraveis, e sua applicação ás operações arithmeticas em que elles entram; e a simples e clara exposição da regra de liga.

Nem tira o valor á obra a accumulação talvez menos necessaria de preposições e distincções, que algumas vezes notámos; como acontece na separação dos numeros decimaes e mixto-decimaes e dos theoremas respectivos a uns e outros, a qual dá logar a repetições que, attendendo á lei commum de numeração, se poderiam dispensar. Porque estes defeitos, se o são, e outros ainda menos importantes que não mencionamos, procedem por ventura d'uma escrupulosa fidelidade ao plano traçado.

Não censuramos a adopção que o auctor fez algumas vezes, com judiciosa parcimonia, dos symbolos algebricos: antes julgamos proveitoso, e em nada opposto á indole arithmetica, o prudente uso d'estes, quando empregados para designar com a devida generalidade as quantidades sobre que se discorre, e não como elementos de processos algebricos.

O que fica dicto, e o que diremos, quando fallarmos da algebra elementar, patenteará a boa conta em que temos a obra; e abonará a sinceridade dos votos, que fazemos pela continuação d'ella.

S. P.

A mocidade é o tempo d'estudar; a velhice o de praticar. Rousseau *(Les Rêveries.)*

Viver não é respirar, é obrar: é fazer uso de nossos orgãos, de nossos sentidos, de nossas faculdades, de todas as partes de nós mesmos que nos dão o sentimento de nossa existencia. O homem que mais tem vivido, não é o que conta mais annos d'existencia, senão o que mais tem sentido a vida. Rousseau *(Émile.)*

ERRATAS DO N.° 10.

Pag.	*Col.*	*Linh.*	*Erros.*	*Emend.*
118	1.ª	60	caremos	carecemos.
»	2.ª	42	revela	devera
»	»	50	o mundo.	o ao mundo
119	»	60	desparecido, ha bem...	desapparecido, reaparece, ha bem...
120	1.ª	2	escoltar	escallar
»	»	15	portos	factos
»	»	54	com ella a	com ella o
»	»	62	existes.	existes?

DO N.° 11.

Pag.	*Col.*	*Linh.*	*Erros.*	*Emend.*
134	1.ª	23	deteiminára	determinára
135	»	34	obsevatorios	observatorios.
136	»	22	direiro	direito
»	»	24	procurará desviar se	procurára-se desviar o governo etc.
»	»	45	esaholas	escholas
»	»	52	moraes	ruraes
»	2.ª	46	obrigpdos	obrigados
»	»	50	perguulas	perguntas
138	»	42	minitor	monitor
139	1.ª	19	seu despotismo electivo seus, costumes etc.	seu dospotismo electivo, seus costumes etc.
»	»	42	espressão	expressão

AO N.° 12.

Pag.	*Col.*	*Linh.*	*Erros.*	*Emend.*
134	1.ª	60	*Cadeira de mecanica applicada á geodesia*	*Cadeira de mecanica applicada, e geodosia*
135	2.ª	8	o moveram e encarregar-se	o moveram a encarregar-se
142	2.ª	58	*O poeta Calimaco, demnindo vete d'Appolle ollario*	*O poeta Calimaco denominado vate d'Appollo clario*
143	1.ª	63	Laudamdia	Laudamia

CONTA da Receita e Despesa, dos Hospitaes da Universidade, em todo o trimestre de Janeiro a Março de 1853.

Receita

Recebido do Thesouro em metal	1:122$000
Idem do cofre das rendas dos Hospitaes	1:300$000
Idem de dietas pagas por doentes dos ditos	9$070
Idem meia renda do Cêrco de S. Jeronymo	9$600
	2:440$670
Alcance da Fazenda em 31 de Março	351$125
Reis	2:791$795

Despesa

Alcance da Fazenda em 31 de Dezembro de 1852	15$885
Despendido com as commedorias aos Empregados	434$491
Idem com as dietas aos doentes	1:671$484
Idem em combustivel e illuminação	153$745
Idem em utensilios	165$670
Idem em reparos nos Edificios	118$335
Idem em camas e roupas	196$070
Idem em vestuario dos Lazaros	22$755
Idem em guizamentos das capellas	13$360
Reis	2:791$795

MAPPA do movimento dos doentes, nas enfermarias dos Hospitaes da Universidade, de Janeiro a Março de 1853.

HOMENS					MULHERES					LAZAROS — HOMENS					LAZAROS — MULHERES					SOLDADOS					TODOS				
Existiam.	Entraram.	Saíram.	Morreram.	Existem.	Existiam.	Entraram.	Saíram.	Morreram.	Existem.	Existiam.	Entraram.	Saíram.	Morreram.	Existem.	Existiam.	Entraram.	Saíram.	Morreram.	Existem.	Existiam.	Entraram.	Saíram.	Morreram.	Existem.	Existiam.	Entraram.	Saíram.	Morreram.	Existem.
110	300	268	36	106	88	329	193	39	85	19	2	1	3	17	9	0	0	0	9	17	93	97	0	14	243	626	559	78	231

João Alberto Pereira d'Azevedo,
Director da Faculdade de Medicina e Hospitaes.

Herculano Aprigio Alves d'Araujo Santa Barbara,
Cartorario da Fazenda dos Hospitaes da Universidade.

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

CONSELHO SUPERIOR DE INSTRUCÇÃO PUBLICA — RELATORIOS.

INSTRUCÇÃO SECUNDARIA.

Senhores! Aqui vos dissemos na ultima conferencia de 30 de outubro passado, que, no anno lectivo de 1851 para 1852, as cadeiras dos lyceus e aulas annexas, de que tinhamos então noticia, haviam sido frequentadas por 3:279 alumnos. Depois dessa epocha foram-nos remettidos os relatorios que nos faltavam então, e que deram em resultado mais 55 alumnos.

Ao numero de 794 alumnos, que frequentaram naquelle anno as aulas devidamente habilitadas de ensino particular, devemos agora accrescentar mais 120, em resultado de mais 8 mappas, que de novo nos chegaram.

São dignos d'elogio, por bem elaborados, os relatorios de todos os nossos commissarios; seriamos porém injustos se não mencionassemos especialmente o do commissario d'estudos do Funchal. Nelle se manifesta o zêlo com que todos os professores d'aquelle lyceu se esmeram em elevar a instrucção que lhes está commettida ao nivel da mais adiantada da epocha actual. Assim o comprova a escolha para compendios, da Algebra do sñr. J. L. Sarmento; de Geometria de Legendre, em seguida ao 1.º livro d'Euclides; do Resumo das Lições de Mr. Dupin sobre Geometria applicada; do compendio de Rethorica do sñr. Freire de Carvalho; do de Litteratura do sñr. Borges de Figueiredo; do compendio da Geographia e Chronologia do sñr. Sacra Familia; do de Historia do sñr. Doria; da Grammatica de Urcullu; do Spelling Book, do Telemaco, da Grammatica Franceza de Monteverde, e das Fabulas de Lafontaine. Para suprir a falta de compendios adequados ao ensino nas outras disciplinas, appresentaram os respectivos Professores trabalhos proprios, que mereceram a approvação do conselho d'aquelle lyceu.

E já que viemos a fallar deste relatorio do commissario do Funchal, não será fóra de proposito, que aqui vos communiquemos o seguinte trecho, sôbre o qual não tendo ainda este conselho um juizo assentado, é de tal natureza que o mesmo conselho conveio, pela importancia elevada do assumpto, em que deviamos chamar sobre elle a vossa attenção e subsequentes meditações.

» Ha, diz o commissario no seu relatorio, ha tal instrucção religiosa, cuja falta não póde deixar de ser uma grande vergonha para quem quer que a soffra; por que não ha ser racional, que, transpondo a edade em que a fé supre a sciencia, não tenha obrigação de, pelo menos a si proprio, dar a razão das suas crenças, visto serem estas inevitavelmente os principios determinantes de sua actividade. Condição essencial para *querer* e *crer*.

Mas força é confessar, que entre nós desgraçadamente, afóra as noções elementares de doutrina christã que se adquirem na eschola, pelo que toca á religião nada mais se ensina á mocidade; por que fallece na organisação dos lyceus uma cadeira, que tenha a seu cargo aquelle ensino; que dê indispensavel desenvolução aos principios rudimentaes da eschola; que cultive e fortaleça este admiravel instincto do infinito, este sentimento religioso, que é o maior dos titulos de fidalguia da nossa especie.

D'aqui vem a crassa ignorancia, que em taes materias revela a geração de que fazemos parte. Quizesse alguem dar-se ao incommodo de interrogar os primeiros cem homens, que acaso encontrasse por essas ruas; quizesse ter o trabalho de perguntar-lhes — «que religião é a vossa? quem foi o fundador desta religião? onde e quando nasceu e morreu? que dogmas ensinou, que Sacramentos instituiu? qual a authenticidade dos livros que dão testemunho de sua vida e divina missão? quaes as principaes provas da verdade da religião que professaes? etc., estou certo, que dos cem não acharia seis assaz habilitados para responderem racionalmente a estas perguntas. Todos ou quasi todos ignoram, e, o que mais é, muitos fazem garbo d'esta sua ignorancia a tal respeito!

O povo que não sabe lêr, contenta se com a sua fé, se a tem. Mas os individuos que por qualquer grau d'illustração tem chegado a emergir da classe popular, como o ensino racional lhes não tenha robustecido os principios que beberam na eschola; em chegando á edade em que a razão succede ao instin-

cto, aos primeiros botes do scepticismo dão por vencida a sua fé. Dulcificam-lhe a derrota as paixões. Entra-lhes a irreligião, para o dizer assim, por todos os poros do corpo; e com ella vem a descompostura de vida e a relaxação dos costumes; vem este egoismo alvar que não tem entranhas para ninguem; vem esta desconfiança de tudo e de todos, que, quebrando todos os laços de sociedade e de familia, obriga cada homem a ver no seu semelhante apenas um obstaculo á sua felicidade.

D'aqui vem este espirito de desorganisação que de ha tempos a esta parte esvoaça por cima da sociedade aterrada, e ameaça sepultal-a nas ruinas das suas mais veneraudas instituições.

D'aqui vem essa multiplicidade de monstruosas utopias, que põe em problema a responsabilidade humana, a intervenção da providencia no governo d'este mundo, o sagrado do lar domestico, a inviolabilidade do thalamo, a transmissão dos bens da familia, a propriedade, o governo e a paz do estado.

D'aqui vem esta fatalidade invencivel que tem ferido, e ha de ferir sempre da esterilidade a quantos exforços façamos para reformar a sociedade, em quanto não curarmos seriamente de nos reformarmos a nós mesmos, e darmos á geração que ha de substituir-nos costumes mais severos, habitos mais puros, opiniões mais cordatas, principios mais verdadeiros, e crenças religiosas mais fortes.

Verdade é que, felizmente, entre nós ainda o mal se não tem apresentado com aspecto tão temeroso. Mas releva premunir a mocidade com a triaga contra o contagio; por que o veneno por ahi anda condensado em livros que correm pela mão de todos; e o perigo é tanto maior, quanto mais bellas e seductoras são as fórmas em que elle se disfarça.

Não se entenda que eu desejo nos lyceus um curso analogo ao que se professa nas cadeiras de theologia dos seminarios: não desejo tal.

No seminario os estudos são *especiaes* para uma classe de cidadãos com certas e designadas funcções na ordem civil. Nos lyceus, tanto os estudos que existem, como est'outro cuja falta deploro; são estudos *geraes* para todas as classes de cidadãos, quer venham a ter, quer não, funcções publicas na sociedade.

A base dos estudos theologicos nos seminarios é exclusivamente a *auctoridade*. O fundamento do ensino religioso nos lyceus deve ser principalmente a *razão*, mas a razão applicada ao estudo e exame dos factos de que lhe dá testemunho a auctoridade.

S. Paulo fallando da fé, define-a n'estes termos: — *obsequium rationabile vestrum*. Creio firmemente com S. Paulo, que assim como se desce da fé natural á sciencia, tambem póde subir-se da sciencia á fé sobrenatural.

Tão pouco inimigo é da razão humana o christianismo, que elle é a verdade mesma, é apenas um suplemento a esta razão. O ponto está em que a razão entre com sinceridade e boa fé no exame das provas em que assenta a verdade do christianismo. Só com esta condição póde a razão ter fé no christianismo, por que só com esta condição se lhe manifesta a verdade.

A theodicea, que fórma a terceira parte da ontologia especial, póde ir até o ponto de fazer sentir á razão a necessidade de uma revelação sobrenatural; e para a razão sentir esta necessidade basta que tenha consciencia da immobilidade dos limites, que lhe circumscrevem o poder, e da incapacidade em que labora, para resolver definitivamente, por si só, certos problemas, que sem cessar atormentam a alma humana, mas cujas soluções estão n'uma ordem de cousas differente da actual, fóra das condições do tempo e do espaço.

Até aqui póde a theodicea. Mas d'aqui em diante acaba a tarefa d'esta, e começa a sentir-se a necessidade d'outra disciplina, que tomando por ponto de partida as conclusões da theodicea, vá, mediante os auxilios do raciocinio e da critica historica, sondando os fundamentos da certeza da revelação positiva, a magestosa verdade dos dogmas e da moral d'elle, e a historia do seu estabelecimento e diffusão entre os homens.

Tal é, conclue o commissario, a idêa summaria do curso que eu muito folgára de ver instituido nos lyceus para complemento do quadro dos estudos d'elles; e que em verdade tem muito mais cabimento neste quadro que algumas cadeiras de linguas, cujo conhecimento, por mais util que seja para certas profissões, é sempre uma *especialidade*, que não póde fazer parte de um ensino, que só deve ter em mira o desenvolvimento e cultura racional dos instinctos intellectuaes e moraes da humanidade ».

Senhores! Passando agora a dar-vos conta dos trabalhos de maior monta, que mais particularmente se referem á 2.ª secção d'este conselho, cumpre dizer-vos, que em virtude dos processos por elle preparados, foram providas neste semestre a 1.ª cadeira de secção central de Lisboa; — a 1.ª e 2.ª do lyceu de Béja; a de latim da Louzã — a 3.ª e 4.ª do lyceu de Vianna do Castello; — as substituições da 1.ª e 2.ª do lyceu de Coimbra, e as da 4.ª e 5.ª no Porto. Foram tambem providos os logares, de conservador da bibliotheca de Lisboa, — e os de commissarios d'estudos dos districtos de Villa-Real e Castello Branco.

Em consequencia das consultas d'este conselho foram jubilados os professores da 2.ª cadeira do lyceu de Coimbra, o de latim de Cambra, e o da 5.ª cadeira do lyceu do Funchal.

Além d'outras consultas sobre differentes objectos, como exonerações e restituições de professores; transferencia e creação ou restabelecimento de cadeiras, fez subir tambem á presença de Sua Majestade as seguintes, de que julgamos conveniente dar-vos conta.

Uma acompanhando um projecto de lei para a conservação e administração da bibliotheca de Braga por conta do conselho do respectivo lyceu.

Outra tambem acompanhada de um projecto de lei para a prohibição do ensino particular aos professores d'instrucção secundaria.

Duas acompanhando o programma da cadeira de Arithmetica, Algebra e Geometria, aberta este anno no liceu nacional de Coimbra; e as modificações e alterações nas instrucções regulamentares dos exames preparatorios de Geometria para a primeira matricula da universidade.

Outra pedindo a casa do recolhimento das Dores em Villa Real para a collocação do lyceu.

O trabalho porém de mais vulto, que ultimamente occupou o conselho em relação á instrucção secundaria, foi o projecto de regulamento geral dos lyceus.

Ha muito que por nós era reconhecida a necessidade d'este regulamento; o conselho convencido de que sómente a practica e a experiencia podiam suggerir as providencias mais accomodadas á natureza dos lyceus, e mais proprias para lhes dar andamento, havia encarregado, como por vezes já aqui vos dissemos, aos conselhos dos cinco lyceus maiores a confecção de regulamentos especiaes em que fossem consignadas essas providencias.

Sôbre estes regulamentos formou o conselho o regulamento geral, que acaba de elevar á presença de Sua Majestade; e posto que se não lisongei de ter colligido nelle todas as providencias, que possam fazer florecer os lyceus e eleval-os á maior perfeição, por isso que sendo ainda recente a experiencia, não póde a practica ter feito conhecer todas as suas necessidades; parece-lhe todavia que contém as mais essenciaes, as quaes se poderão ir alargando com mais experiencia, sem alterar as bases do referido projecto.

Nas conferencias extraordinarias da 2.ª secção, tem os vogaes extraordinarios, cujo numero actualmente é muito diminuto, dado conta dos trabalhos que lhes tem sido incumbidos. O Dr. addido sñr. Torres Coelho appresentou o programma que lhe havia sido encarregado, no qual definiu bem as materias que devem por ora fazer parte dos exames de Arithmetica, principios d'Algebra, e de Geometria, exigidos para a admissão na universidade.

Na ultima d'estas secções de conferencia extraordinaria foram approvados para thema de discussão nas conferencias seguintes estes pontos:

1.° Será conveniente incorporar nos lyceus o ensino de sciencias industriaes? Sendo-o, quaes, e como se devem ensinar?

2.° Qual será o methodo mais economico para formar bons mestres de sciencias com destino ao ensino dos lyceus?

3.° Na traducção dos lyceus antigos e modernos haverá methodo d'ensino preferivel ao que actualmente se segue nas escholas?

4.° No ensino das diversas disciplinas que constituem a instrucção dos lyceus, será preferivel ao methodo singular e progressivo adoptado entre nós, o ensino conjuncto de varios ramos na mesma classe? Sendo-o, qual a distinção mais util?

Para não cançar mais as vossas attenções, aqui findaremos a curta exposição dos nossos trabalhos, que correram pela 2.ª secção d'este conselho, durante o ultimo semestre; será ella bastante para vos demonstrar, que a pesar de reduzido quasi á ametade o numero dos vogaes do conselho, não temos fraqueado no empenho de promover o andamento da instrucção publica, tanto quanto as nossas forças e variadas obrigações o permittem.

Coimbra, 30 de Abril de 1853.

INSTRUCÇÃO SECUNDARIA.

Ensino da Arithmetica e Geometria elementar em Portugal.

« A prosperidade d'um povo resulta do emprego sabiamente combinado das cousas e dos homens. »

Foi uma sentença proclamada por um dos homens, que mais ennobreceram o nosso seculo; tanto por seu elevado talento, como pelas sabias lições que deu sobre as mathematicas, e a excellencia e difficuldades do magisterio. Sahiu da bôcca de Lacroix, quando analisava os methodos d'ensino das escholas centraes de França no seculo XVIII.

« O estado, continúa elle, não póde, nem deve fazer acquisição d'individuos, mas sim de talentos. Convem-lhe que as intelligencias sublimes achem todos os meios de se desenvolverem, mais para utilidade da patria, que para vantagem dos proprios individuos que as possuem.

O homem que não souber tirar mais que um fraco partido de suas forças moraes, poderá servir o paiz d'uma maneira muito mais proveitosa, exercendo as forças phisicas. É um ferro, que não podendo receber a tempera propria para formar instrumentos preciosos, serve todavia para ligar os materiaes d'um grande edificio, augmentando sua solidez.

A severidade do ensino nas escholas publicas do segundo grau é pois vantajosa á sociedade; visto que ministra o meio de reco-

nhecer os espiritos capazes de receberem cultura, e desviar aquelles que não poderiam aproveital-a. »

Respeitariamos o voto de tão competente juiz, quando mesmo por falta de provas tivesse a convicção de ceder á auctoridade: quanto mais que a historia e a observação quotidiana nos fazem ver, que muitas vezes uma intelligencia, que por mal applicada não passa de mediana, faz grandes progressos aproveitada na tendencia natural do individuo.

E hoje principalmente que a illustração e o progresso teêm convencido a todos da necessidade e vantagem da instrucção; hoje que se acham entre nós muito mais cultivadas as sciencias, e ha para os estudos uma afluencia extraordinaria, melhor se poderiam buscar os meios de elevar o grau d'instrucção, augmentando as habilitações litterarias; desviando assim aquelles alumnos, que, por sua insufficiencia intellectual, mais aproveitariam a si e á sociedade abandonando a estrada das sciencias, e seguindo outro rumo mais conforme á sua natural disposição.

É sem duvida nas escholas secundarias, nos estudos preparatorios para as aulas superiores, onde melhor se póde e deve fazer a selecção. A razão mostra, e a experiencia confirma, que a falta de preparatorios ou antes, os preparatorios obtidos sôb a influencia do patronato, são uma desgraça para os protegidos; é uma barreira alevantada entre elles e a sciencia. E quando no meio já da carreira litteraria, um julgamento desfavoravel é o resultado do primeiro mal entendido favor; nada ha que possa compensar ao estudante esse desgosto. Além de que, o homem, que cultiva as letras, adquire tal posição social, que no fim da carreira lhe é quasi impossivel o retrocesso, embora reconheça a inconveniencia de sua situação, antevendo mesmo as vantagens provaveis d'outra qualquer occupação, que por certo não teria recusado antes de encetar o caminho das letras, ou quando lançado n'elle o encontrasse demasiado arduo e escabroso.

É pois d'utilidade geral, é uma necessidade scientifica, que os estudos elementares da instrucção secundaria sejam professados e exigidos com todo o rigor; que será isso uma valiosa garantia para as sciencias.

Não se pense, porém, que somos da opinião d'aquelles, que sôb pretextos frivolos e levados por idêas injustas, julgam conveniente augmentar as difficuldades materiaes, como meio de diminuir a concurrencia! Bem ao contrario queremos e desejamos, que as portas sacrosantas da sciencia se abram de par em par a quantos quizerem ter ali entrada; e até reprovamos as exigencias pecuniarias, como um grave inconveniente para o progresso.

E por isso, ao passo que pugnamos pelo rigor nos estudos secundarios, pugnaremos ainda com mais força por que se prestem igualmente a todos os alumnos os meios de conseguir a instrucção requerida. Difficultal-os com obstaculos pecuniarios é tornar as sciencias o apanagio dos poderosos, é fechar as portas aos talentos desfavorecidos da fortuna; o que é, em quanto a nós, um grave prejuizo para as sciencias, e para a sociedade.

Quantas vezes debaixo do tecto miseravel do homem abandonado da fortuna nasce um talento sublime, cujo desenvolvimento seria uma bella acquisição para a sociedade! Aproveital-o, auxilial-o franqueando-lhe os meios de se instruir, seria ao mesmo tempo um acto de philantropia, e d'interesse social: pois que a protecção ao talento interessa ainda mais á sociedade, que ao individuo protegido.

Quantas familias ha no seio da sociedade, que só por tradição conhecem os gosos d'ella! que não vivem senão para soffrer, que ignoram todas as vantagens da civilisação?! Que importa a esses desgraçados a conveniencia das descobertas, e dos aperfeiçoamentos materiaes do mundo civilisado?! Elles não são mais favorecidos da sorte por viverem no seculo das luzes, que se tiveram vindo ao mundo um ou dois seculos antes. São os pobres *Tantalos* da sociedade, que morrem de fome e sede, por não poderem beber a agua em que estão mergulhados, nem tocar os pomos, que quasi lhes pousam sobre a cabeça!

Elles, á força de soffrer, e enfastiados com a realidade afflictiva do mundo, buscam frequentemente no uso vicioso dos licores espirituosos a transição para o paiz dos sonhos, unico prazer compativel com sua desgraçada posição!

Mas entre esses mesmos apparece com frequencia o talento, que a natureza parece distribuir-lhes mais prodigamente, por uma singular compensação com os insultos da fortuna!

Por tanto negar a esta numerosa classe o beneficio da instrucção; ou difficultar-lhe com exigencias pecuniarias o accesso ás sciencias, é aggravar mais a sorte do infeliz, e menosprezar os interesses da sociedade, pelos quaes deve sempre velar um governo zeloso do bem do seu paiz.

É por isso que julgamos de conveniencia e justiça, que seja gratuita a instrucção, mormente a primaria e secundaria, que são as que interessão ao maior numero.

E teriamos por tanto por injusto aquelle regulamento d'instrucção, que não proporcionasse ao publico os meios d'admissão ás aulas superiores.

E todavia em Portugal tem existido essa injustiça desde 1844 para cá; e até já desde 1836, depois que o *Collegio das Artes* em Coimbra foi, pelo decreto de 17 de novembro elevado á cathegoria de lyceu.

A lei de 20 de setembro de 1844, que

deu uma nova fórma aos estudos, e que organisou um mais vasto plano d'instrucção; deixou escapar, a respeito do ensino de arithmetica e geometria elementar, uma disposição, que não póde deixar de ser taxada d'injusta, inconveniente e absurda.

Por ella se creou um lyceu em cada uma das capitaes de districtos administrativos e dioceses do reino: e em cada uma dellas uma cadeira d'arithmetica e geometria com applicação ás artes, e primeiras noções d'algebra.

Mas o art 50 estabeleceu, que nos lyceus de Lisboa, Porto e Coimbra não houvesse cadeira especial, d'arithmetica e geometria; por considerar como equivalentes as da faculdade de mathematica de Coimbra, e as da eschola e academia polytechnicas de Lisboa e Porto.

N'esta disposição não se attendeu á historia do passado: e por isso uma lei que postergava os dados da experiencia, não podia deixar de cahir no absurdo, e de ser, como é, inconveniente e injusta.

Continúa. L. ALBANO.

MEMORIAS HISTORICAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA.

V.

Segunda trasladação da universidade de Coimbra para Lisboa.

1433 — 1480

Continuado de pag. 92.

Quasi trinta annos exercêra o infante D. Henrique o cargo de protector da universidade, até ao de 1460, em que veiu a fallecer. Os poucos documentos, que desta epocha nos restam, não deixam a menor duvida sobre o bom andamento das cousas academicas durante a vida do infante protector.

Affonso V., ao passo que procurára engrandecer a universidade com novos privilegios e izenções, que ella lhe pedira para os lentes e escholares; não se descuidava tambem de prover ao adiantamento dos estudos. Com este intuito, e para excitar a frequencia das aulas no estudo de Lisboa, concedêra aos estudantes theologos, medicos e juristas, que nellas fossem *continuos*, certos privilegios, que até ali só gosavam os lentes[1]. Os bachareis da universidade tiveram preferencia para os cargos publicos sobre os graduados fóra do reino, que de mais eram obrigados a pagar vinte corôas para a universidade[1]. Destinára tambem este principe restaurar os estudos em Coimbra, creando nesta cidade uma nova universidade (1450)[2], de que chegára a nomear reitor, com os mesmos poderes que tinham os do estudo de Lisboa, ao mestre fr. Alvaro da Motta Circumstancias, porem, hoje desconhecidas, não permittiram que viesse a ter effeito aquella resolução.

Poucos annos antes, se estabeleceu em Lisboa (1448) um collegio, com a invocação de S. Jorge, para dez alumnos pobres, que deviam cursar grammatica e outras sciencias. Fôra este collegio instituido por Diogo Affonso Manga-ancha, que havia sido lente de leis na universidade, e por elle dotado com bens seus, e de sua primeira mulher Branca Annes. Era o collegio governado por um reitor e um escrivão, eleitos alternadamente d'entre os collegiaes pela universidade e collegio[3], que em 1459 já não existia, tendo os bens do instituidor sido incorporados na universidade, que no mesmo anno emprasára a casa, que servira de assento ao dito collegio[4].

Notamos este facto, por que, apezar da curta duração do collegio, o seu estabelecimento nesta epocha revela, á falta de outros monumentos, a importancia que os estudos da universidade iam progressivamente obtendo.

Tambem por este tempo (1453) os franciscanos alcançaram de Nicolau V. uma bulla,

---

[1] Por carta de D. Affonso V. de 28 de agosto de 1440 foram respondidos os capitulos, que a universidade apresentára nas côrtes, celebradas em Lisboa no mez de dezembro do anno antecedente, concedendo-lhe os privilegios que os reitores e escholares nelles pediam para o estudo geral. Os caseiros dos lentes, officiaes e estudantes, continuos em theologia, direito, e medicina, fôram isentos de lhes tomarem palha, cevada, roupas, e bestas. Os lentes e estudantes, que moravam fóra do bairro das escholas, tiveram os mesmos privilegios, quanto ás pousadas, como se rezidissem nelle. Aos lentes, que lêssem por dez annos, concederam-se os privilegios do estudo, onde quer que quizessem viver. Os lentes e officiaes representaram tambem *que lhes cumpria de andar honestos, pera delles sair exemplo de honestidade aos outros*, e pedira por isso a universidade ao rei por mercê *licença e logar aos lentes e officiaes pera andarem em bestas muares*, o que lhe foi concedido etc.; etc. (*Liv. verde* da universid.)

Por carta de 18 de junho de 1442 se declarou que os lentes e estudantes não eram obrigados a fazer emprestimos a elrei = Figueirôa. — *Mem. Ms.*

[1] « Sñr. Alguns scolares aprehendem em este estudo e vaño tomar gráo fóra do regno, e seja vossa merecê pois em este estudo aprehendem, aqui tomarem gráo, e será honra do studo do regno em esto poendo certa pena a quem o contrario fizer.

« Non pedem bem, pero quem aqui aprehender, e fôr tomar gráo fóra, pague aa universidade *vinte corôas.*

« Porem, sñr., vos pede a universidade que os officios de julgar a vossa mercêe os dee a leterados, especialmente aos que aprehenderem em este studo moormente aos lentes.

« Nossa tençam he darmos taaes oficios aos bôos, e leterados e nossos naturaaes, quando os taaes acharmos, ante que a outros. » — C. primeira cit. na nota antecedente.

[2] Brandão — Mon. Lusit. liv. 16 cap. 73 = Prov. de D. Affonso V. de 30 de setembro 1450.

[3] Cartor. da fazenda da universidade = J. P. Ribeiro — Dissert. chronol. Tom. II.

[4] Escritura de 4 de julho 1459 — L. Ferreira, Notic. da universidade n.° 767.

*

para os estudos do convento de Lisboa serem incorporados na universidade, e poderem graduar-se nella, segundo os estatutos, os mestres, leitores e estudantes do dito convento [1]. Assim a universidade ia concentrando em si toda a instrucção publica, ao passo que as ordens religiosas, reconhecendo a superioridade do estudo geral de Lisboa, procuravam filiar-se nelle, e gosar os privilegios e regalias dos escholares. O clero, porém, que ao principio, como tivemos occasião de notar no decurso d'esta narrativa, promovêra o estabelecimento do estudo geral, via agora, mau grado seu, escapar-lhe das mãos este poderoso elemento de dominação. Tal era a causa principal, se não unica, da resistencia, que, nos precedentes reinados, o clero oppozera á annexação de algumas egrejas para sustentação do estudo geral; resistencia que subsequentemente proseguira com maior affinco, a despeito das bullas de Pio II, que, impondo perpetuo silencio nos letigios, que, por aquelle motivo se tinham suscitado, confirmára a concessão das rendas de uma egreja em cada bispado do reino, que a universidade obtivera no pontificado de João XXIII [2].

Affonso V., vendo que por este meio nada conseguia, ao passo que o estudo geral definhava por falta de rendas, recorreu a Sisto IV, que succedêra na thiara pontificia a Paulo II, impetrando bulla para a annexação á universidade de uma conezia em cada uma das sées do reino, e com a clausula, que os arcebispos e bispos, que não tivessem bons mestres de grammatica e logica, contribuiriam, tambem, com a renda correspondente a um canonicato. Para justificar esta ultima pertenção, allegava o rei o grande descuido dos bispos, que nem se quer mestres de grammatica tinham nas suas dioceses, o que era causa de não poucos parochos serem tão ignorantes, que até, pela maior parte nem aquella disciplina aprendiam [3].

Foi a bulla expedida em 20 de dezembro de 1474; mas não veiu a ter execução pelos manejos e opposição do cardeal D. Jorge da Costa, então arcebispo de Lisboa, e dos mais prelados e cabbidos do reino, que logo representaram ao papa a grande deminuição, que soffreria o culto com o desfalque das rendas applicadas para universidade pela citada bulla. Não ousaram, porém, os prelados, ou antes o cardeal, que, pelo seu grande valimento, era alma d'este negocio, contestar a necessidade de acudir á sustentação do estudo geral com rendas eclesiasticas, inculcavam, porém, na supplica ao papa, como mais conveniente a annexação de uma egreja em cada bispado, como anteriormente fôra ordenado. Era o meio indirecto com que o astucioso prelado tentára illudir a questão, cujo final resultado seria ficar a universidade sem as egrejas e conezias. E de feito assim aconteceu. A bulla foi revogada por outra, expedida dois annos depois da primeira (1476) [1], que só então fôra intimada aos bispos e cabbidos, que todos recusaram cumpril-a.

D. Henrique fallecêra em Sagres no mez de novembro de 1460, tendo anteriormente confirmado as doações, que fizera á universidade, com obrigação de irem os reitores, lentes e escholares em procissão celebrar a festa da Annunciação a Santa Maria da Graça, no mosteiro de S. Agostinho, d'onde teve origem o primeiro *prestito* [2], que houve na universidade. Dispoz tambem o infante, que o lente de prima de theologia fizesse todos os annos na abertura da universidade a oração de *sapientia* [3]. Taes foram os ultimos actos, que assignalaram o protectorado d'aquelle esclarecido principe, a

[1] Bull. de Nicoláu V. — *Sacrae Religionis* (junho 1453) = Wadingo — tom. 6 *Annalium Minorum.* = Esperança — Hist. Serafica. liv. 2.° cap. 11.

[2] Bull. de Pio II. (abril 1461). Figueirôa — *Mem. Ms.*

[3] « ..... *et praelati cathedralium etiam metropolitanarum ecclesiarum regnorum Portugaliae et Algarbiorum in eorum civitatibus propriis sumptibus magistros doctos qui alios saltim in grammatica docerint tenere prout deberint* ut plurimum negligebant, et ea propter fere omnes rectores ecclesiarum grammaticam nesciebant. » « Bulla de Sisto IV. — *Solet sedes apostolica* — Cartor da fazenda da univ. Gav. 1.ª M. 1.° n.° 7.°

[1] Bulla cit. na not. antecedente.

[2] « E tambem será theudo *(o lente de prima de theologia)* ir a Santa Maria da Graça, que é no mosteiro de Santo Agostinho da dita cidade por dia de Santa Maria da Annunciaçom, que é a 25 de março, e hi dirá missa cantada, e pregação. *E em este dia derem ir sempre em cada um anno com elle os rectores, conselheiros, lentes, e todlos os outros escolares do dito estudo.* » etc. Brandão — Mon. Lusit. Append. da 1.ª P.

O P. Purificação refere, que se ordenára por um estatuto, que todos os lentes e estudantes prestassem juramento, de como assistiriam áquella procissão, e que das palavras latinas do dito estatuto — *sub praestito juramento* viera o nome de *prestito*, que por excellencia se dera depois áquella procissão, como solemnidade, a que todos eram obrigados a assistir debaixo de juramento.

Ordenára tambem o infante, que em dia de Natal fosse a universidade em procissão da egreja de S. Julião ao mosteiro do Salvador assistir á festa, que ahi se celebrava nesse dia, e naqual era obrigado a pregar e dizer missa o lente de prima de theologia. Eguaes procissões se faziam a S. Domingos no dia de S. Thomaz de Aquino, e de Santa Catherina; e á egreja de S. Nicolau no dia do seu orago. D. Manoel instituiu um prestito que ia á egreja da Conceição, *per modum universi*, na vespera e no dia da festa, em que pregava e dizia missa o lente da cadeira de philosophia racional e moral, que por este encargo tinha tres mil reais: dava tambem o rei mil reais, de que se tirava um cruzado de offerta á missa, e o resto era applicado para os guisamentos da egreja (*Estat. de D. Manoel — Ms. no Cartor. da universid.*)

Em todos estes autos ou prestitos, alem do reitor e escholares, eram obrigados a ir todos os bachareis, não sendo desembargadores, e, faltando a elles, pagavam uma multa de tres dobras de oura para a arca do estudo. (*Est. cit.*) Quando depois a universidade foi trasladada para Coimbra, continuaram a fazer-se estes mesmos prestitos, como teremos occasião de notar no decurso desta narrativa.

[3] Brandão — Mon. Lusit. log. cit. na nota antecedente.

quem succedeu neste cargo o infante D. Fernando, irmão do rei.

Affonso V. provêra algumas cadeiras da universidade em sugeitos tam inhabeis, que não só não liam nas escholas, mas até pagavam a mestres, que particularmente lhes iam dar lição [1]. Era um gravissimo escandalo este; e a universidade, ou por que vira offendidos os seus direitos pelo provimento, que o rei fizera das cadeiras, para que até ali ella estava na posse de eleger mestres, segundo os seus estatutos; ou por seu proprio decoro, e bem da sciencia, representára energicamente a este principe, expondo-lhe o mal, que n'este negocio ia aos estudos. A pertenção dos escholares, considerada por este lado, é um documento, que revela o empenho com que elles zelavam o crédito do estudo geral, e tem o cunho da liberdade e independencia, que na meia idade era a caracteristica predominante das universidades. O rei não só prometteu remediar de futuro taes abusos, mas até escreveu ao infante protector, para que não cumprisse quaesquer provimentos de mestres, que elle fizesse *por importunidade dos requerentes* [2].

Dissemos já, que os reitores eram annualmente eleitos. Affonso V ordenou por um alvará a forma d'esta eleição. Este documento, pouco conhecido, lança uma luz mui importante sobre a organisação da universidade n'esta épocha, para mencionarmos, em summa, as suas principaes disposições.

No começo do estudo reuniam-se os estudantes da eschola de canones, e prestando juramento nas mãos dos reitores do anno antecedente, perante o bedel, escolhiam quatro estudantes da dita eschola, dos mais graves pela idade, sciencia e compostura de costumes, para delles se eleger um reitor. A eschola de leis fazia de per si outro tanto. Concluida esta primeira eleição, todos os escholares, lentes e conselheiros, elegiam dentre os candidatos propostos pelas duas escholas dois, que haviam de servir de reitores, um por cada uma dellas. Feita a eleição dos reitores, reuniam-se os escholares de cada eschola, e elegiam dois dos mais antigos, e mais sabedores d'entre elles, os quaes n'aquelle anno serviam de conselheiros Os escholares tambem escolhiam as materias que os lentes deviam ler pelo anno adiante [3]. Assim todo o governo da universidade residia no corpo escholar, que só recorria ao chefe supremo do estado para obter d'elle novos privilegios, ou o augmento das suas rendas.

[1] C. de D. Affonso V. de 13 de abril 1469 — Figueirôa — *Mem. Ms.*

[2] Carta cit. na nota antecedente.

[3] Alv. de 21 de julho 1471, no Cartorio da fasenda da univ. = J. P. Ribeiro — Dissert. chronol. tom. II.

Figueirôa, e Leitão Ferreira não tiveram noticia alguma deste documento.

As duas faculdades de canones e leis ainda então constituiam a parte principal do estudo geral. A theologia, e medicina tinham apenas uma cadeira, e não gosavam os privilegios das outras faculdades na eleição dos reitores, mas nomeavam conselheiros como as duas primeiras.

Em todo este systema predominava o principio da eleição pelos escholares, e os lentes eram estranhos ao regimen da universidade, que lhes pagava salario pelas lições que liam nella. Vimos já como D. João I. se intromettera a prover os officios, que eram da eleição do estudo geral, e apezar que a universidade representára contra esta invasão nas suas attribuições, Affonso V. nomeára lentes para lerem no estudo geral, sem nem se quer ouvir o corpo escholar. Alguns annos mais tarde, estranhára este principe, que a universidade se mettesse a interpretar os seus estatutos, mandando qne os observasse taes quaes se achavam estabelecidos [1]. Assim o poder real ia pouco a pouco cerceando a auctoridade dos escholares, até que a final veiu de todo a acabar com ella nos seguintes reinados. Mas, se por um lado a universidade perdia de suas prerogativas, ganhára pela melhor ordem e regularidade que se ia introdusindo no ensino publico. Entre as diversas providencias, que com este intento D. Affonso estabelecera, algumas tinham por fim evitar, por meio de multas, que eram applicadas para as despesas do estudo, as faltas dos lentes, e promover que elles fossem pontuaes nos deveres do seu officio [2]; systéma este já anteriormente ordenado pelo infante D. Henrique [3].

Regulou tambem o referido alvará a materia das *repetições*, que os lentes de prima de direito eram obrigados a fazer duas vezes no anno perante a universidade. Consistia este acto, um dos mais importantes do estudo, na exposição que o lente de prima fazia dos assumptos, que explicára durante o anno lectivo. Este encargo estendeu-se depois a todos os lentes proprietarios, e tambem argumentavam naquelle acto sobre a materia da repetição, os lentes por turno. Para que o lente de prima não se excusasse d'aquella

[1] C. de D. Affonso V., 12 julho 1476.

[2] « Item os lentes leeram segundo o estatuto atas Santa Maria dagosto, e leeram per relogios o tempo que he ordenado, e o bedel comprará relogios do dinheiro da universidade etc.

« Item a Missa, que sse dis na capeella das escholas sse começará de dizer em nascendo o soll, e acabada de dizer os leentes de prima seram prestes pera começarem a leer suas liçooens.

« Item as fautas, que fizerem os leentes, queremos que sejam pera corrigimento das eschollas. « Alv. cit. de 21 de julho 1471.

[3] C. de 23 de agosto 1443, que ordenava, que o bedel fosse todos os sabbados pelas escholas *salariadas*, e soubesse por juramento as lições em que os lentes faltaram n'aquella semana, e as assentasse em seu livro para as dar em rol ao recebedor, e este lhas descontar, etc. — L. Ferreira — Notic. da univ. n.° 750.

obrigação, e para ao mesmo tempo melhor se preparar para ella, como convinha, se estabeleceu, que elle podesse pôr substituto por si, a contento dos escholares, que lesse um mez por cada repetição, que o primario fizesse, mas faltando áquella obrigação era multado por cada vez em cem reis, que se lhe descontavam no salario [1]. Por outro diploma foi determinado, que se não conferissem os graus, aos que não tivessem completado os annos dos cursos, como nos estatutos se requeria [2].

Duas circumstancias, dignas de mencionar-se, encontramos neste documento: primeiramente estranha-se ali á universidade não só o querer interpretar os estatutos, como já dissemos, mas tambem o soborno que, segundo tinham dito ao rei, houvera no provimento das cadeiras. Esta grave insinuação, acaso, nascera da má vontade, que a resistencia da universidade aos provimentos pouco antes feitos pelo rei, lhe grangeára no animo dos pertendentes, ou dos seus poderosos protectores, que assim viam malogradas suas ambições. O facto, pelo menos, que dera logar á queixa do rei contra o estudo geral, não fôra provado; e não seria justo lançal-o á conta do corpo escholar, quando outros motivos mui ponderosos nos movem a suspeitar da indisposição, que aquella occorrencia, e as largas contendas sobre a posse das egrejas, tinham suscitado contra a universidade n'esta epocha.

A outra circumstancia, que vem mencionada n'aquelle documento, é relativa ao numero dos reitores, que até então foram dois, annualmente eleitos, como vimos. A universidade pertendia, que houvesse um só, talvez para facilitar o andamento dos negocios academicos. O rei commetteu a decisão d'esta pertenção ao bispo de Lamego, D. Rodrigo de Noronha, juntamente com a universidade [3]. Qual fôra o acordo celebrado a este respeito entre o bispo e a universidade, nenhum documento o revela. É todavia, certo que d'esde esta epocha não consta, que fosse eleito se não um reitor em cada anno, posto que os diplomas regios até D. João II. fazem sempre menção de *reitores*, o que parece indicar, que não havia ainda legislação, que auctorizasse a pertenção dos escholares, que, talvez, por simples deliberação do bispo com o conselho da universidade, começaram a eleger um só reitor.

O protectorado da universidade passára das mãos vigorosas do infante D. Henrique para as de seu sobrinho o infante D. Fernando, logo depois da morte do primeiro. Nenhum acto, porém, digno de referir-se assignalou o governo de Fernando, que fôra de curta duração, e pouco adiantamento para as lettras

Em 1476 Affonso V. déra commissão a seu sobrinho o bispo de Lamego, de quem atraz fallamos, para tratar, como protector, certos negocios da universidade. Andava então mui aceza a contenda entre a universidade e os cabbidos, por causa de annexação das prebendas, que o papa destinára para o estudo de Lisboa, e o proprio D. Rodrigo fôra nomeado executor da bulla. Affonso V. ou por que quizesse ver se as cousas vinham a um acordo razoavel entre a universidade e os cabbidos, ou, o que é mais provavel, cedendo ás vistas ambiciosas do cardeal de Alpedrinha, que tinha todo o valimento e influencia no animo deste principe, e que tamanha parte tivera na resistencia dos cabbidos áquella bulla, insinuára á universidade para que o elegesse por seu protector, para o que elle proprio renunciava ao protectorado, para que a eleição podesse recair no cardeal [1]. E de feito teve ella logar em 8 de março de 1479 [2]. Assim a commissão do bispo de Lamego durára pouco mais de dois annos. Quanto ao cardeal, ignora-se se aceiton o emprego, em que o rei o confirmára logo depois da eleição; pelo menos não consta de acto algum em que elle interviesse como protector. É, porém, certo, que, depois da eleição do cardeal, a universidade não elegeu outro protector se não D. Manoel em 1495, e, desde esta epocha, sempre o protectorado andou annexo ao reinante, que era eleito pela universidade, e prestava juramento, logo que subia ao throno.

Continúa. J. M. DE ABREU.

[1] Alv. cit. de 21 julho 1471.
[2] C, de 12 de julho 1476.
[3] C. cit. na nota antecedente.

[1] C. de 27 de fevereiro 1479 — Figueirôa — *Mem. Ms.*
[2] F. P. Franklin = Mem. de D. Jorje da Costa — nas Mem. d'Acad. R. das Sc. tom. 8.° P. I.

P. OVIDIO NAZÃO:

Dos Tristes — Livro 3.°: Elegia 3.°

ARGUMENTO.

Ovidio dirigindo da Scythia esta elegia a sua esposa, desculpa-se de lhe não escrever por sua propria mão, por se achar gravissimamente enfermo, e diz-lhe que de todos os seus males o maior é o achar-se privado da vista da sua consorte. Recomenda-lhe, que mande trazer para Roma os seus ossos em uma pequena urna, sobre a qual faça

escrever o epitaphio, que lhe envia escripto proximamente ao fim desta Elegia.

Se acaso, vendo, que por mão não minha
Esta carta te escrevo, te admiráras;
Sabe, que enfermo, e enfermo nas extremas
E ignotas partes do orbe eu me encontrava,
E quasi da existencia minha incerto.
Pois, qual julgas meu animo acompanha
Esperança, jazendo em clima infausto.
E entre duros Sauromatas e Getas?
Estes ares mal soffro, ás aguas suas
Não me acostumo, nem a propria terra
Sei de que modo contentar-me possa;
Commoda habitação aqui não tenho,
E a um corpo enfermo util alimento;
Nem Apolinea mão, que alivio preste
Aos males meus com arte medicados.
Que me console, amigo aqui não vejo,
E me distraia, os tempos enganando
Tão vagarosos, com jucundas fallas.
Cançado existo nestes derradeiros
Paizes e nações, e quanto ao longe
De mim vive, me occupa a mente afflicta;
Tudo me lembra, e mais que tudo occupas,
Querida esposa, a minha ideia, e a parte
No meu peito primeira te pertence.
Comtigo fallo auzente, e as vózes minhas
Só por ti chamam: um só dia ou noite,
Sem de ti me lembrar não se ha volvido:
Quem me ouve assim fallar sempre na boca
Tendo o teu nome, julga, que deliro:
Se, exausto o paladar, nem já da lingua
Me é dado uso fazer, mal póde o vinho,
Sobre ella gota a gota destilado,
Restituir-lhe o vigor; mas por ventura,
Se a vinda tua alguem me anunciasse,
Resurgiria logo, e tu serías
Do meu alento a causa esperançosa.
Assim da vida pois incerto existo,
E tu de mim talvez alegre o tempo
Passas e deslembrada.... Ah! não (o affirmo)
Ninguem, ninguem o ignora, ó doce esposa,
Tu não obras assim, bem conhecido
É o teu proceder; sem mim teus dias
Da tristeza o negrume envolve, enluta.
— Se a sorte minha pois deu aos meus annos
O devido remate, e é já chegado
Do meu viver o fim tão prematuro;
Porque não permittistes, grandes deoses,
Que tão proximo ao fim, a patria ao menos
Me desse, como o berço a sepultura?
Ou que até á morte o tempo do castigo
Deferido me fosse? ou que ao desterro
Meu precedesse accelerada a morte?
Assim podendo á luz cerrar meus olhos
Da macula da culpa izento ainda?
Para acabar sómente agora a vida
Em misero desterro m'a concedem!
— Em tão longinquas e ignotas plagas
Os dias findarei? e feia e triste
Será como o logar a morte minha?
No leito costumado definhando
Não se irá o meu corpo? e quem me chore
Não terei, já na pyra collocado?
Nem da consorte as lagrimas, correndo
Sobre o meu rosto, alongarão o prazo
Curto, que de viver me resta ainda?
Nem as minhas darei ultimas ordens?
Nem da esposa fiel as mãos piedosas,
Entre amargoso, derradeiro pranto
Virão fechar meus olhos moribundos?
E entre meu corpo sem funereas honras,
Sem pompa sepulcral, sem ser chorado,
Por barbara será terra coberto?
Deverás, que morri ouvindo, a mente
Toda em perturbação, pavido peito
Ferir, dilacerar com fiel dextera?
E para este paiz debalde os olhos
Estendendo, do misero consorte
Não mais apenas invocar que o nome?...
— Mas não laceres não as lindas faces,
Nem arranques a trança; aos teus affagos,
O' luz dos olhos meus, eu fui roubado
Não só d'agora; ha muito... Ah quando a patria
Perdi, tambem então tu me perdeste;
Foi-me o desterro mais, que a morte acerbo.
— Agora, se é que o pódes, (mas que o possas
Não acredito) ó tu, optima esposa,
Folga, ao ver, que, morrendo a males tantos
Sinto posto o remate: abranda, adoça,
Quanto é possivel, com robusto peito
Os forçados dezastres; predisposto
Para isso o coração já tens ha muito.
Oxalá que assim como os corpos morrem,
Tambem as almas nossas finalisem,
Nem parte minha alguma á pyra escape:
Pois, se immortal aos vacuos ares vôa
O espirito subtil, e se as doutrinas
São do velho de Samos verdadeiras,
Entre as sombras sarmaticas vagando
D'um romano andará tambem a sombra,
E entre manes ferozes peregrina,
Obrigada será a andar sem termo.
— Dentro d'uma pequena urna os meus ossos
Comtudo ordena que encerrados sejam,
E ao meu desterro porá termo a morte:
Ninguem póde impedir-t'o: (a um irmão extincto
Uma thebana irmã deu sepultura,
Das do rei a despeito ordens severas):
Folhas, pós aromaticos lhe ajunta,
E em terreno os sepulta junto a Roma.
O viandante, rapido passando,
Sobre o marmoreo tumulo, gravado
Em grandes letras, leia este epitaphio:
« Eu, que aqui jazo, dos amores ternos
« Cantor, Nazão morri por ter ingenho;
« Mas tu, que passas, se algum dia amaste,
« Não te peje o dizer: *Em paz descancem*
« *Do Poeta Nazão os frios ossos* ».
É só para epitaphio isto bastante;
Que os meus escriptos da existencia minha
São maior, mais diuturno monumento;
E d'elles mal me resultasse embora,
Confio, que ao autor seu darão nome,
E longa duração entre os vindouros.
— Tu funerea com tudo ao morto a offerta
Annualmente apresenta, e a sepultura,
De flores adornada lhe humedece
Com lagrimas vertidas de saudade;
Que, bem que o fogo convertido tenha
O corpo em cinzas, a scintilla triste
Ha de officios sentir tão piedosos.
— Mais quizera escrever; porém, fallando,
Se me cançou a voz, e a lingua sêcca,
Para inda mais dictar, nega-me as forças.
— O meu talvez extremo adeos recebe;
De que vivas feliz aceita os votos,
Bem que seja infeliz quem t'os envia.

Continúa. F. DE CARVALHO.

CRITICA LITTERARIA.

Tratado elemental de Psychologia e Logica, por D. P. Ph. de Monlau, e D. J. M. R. e Heredia.

(Continuado de pag. 166).

O compendio da Logica está redigido segundo o mesmo plano, que presidiu á confecção do da Psychologia. Allí se vê a mesma dicção animada sem exagerações

poeticas; a mesma concisão nervosa sem obscuridade; a mesma ordem, exacção e gravidade didactica. Á similhança de Monlau, tambem Heredia apanha e estampa na frente dos §§. a substancia das doutrinas, que immediatamente segue da conveniente exposição. Nesta, porém, ambos se differenção do seu compatriota Balmes. Balmes retrata a doutrina á imaginação, exemplificando: Monlau e Heredia expõe-na antes á intelligencia, descrevendo. Mas nem por isso desmerecem os illustres AA. Os exemplos, que elles mui longe estão de desprezar, podem ser facilmente suppridos ou variados por um mestre habíl: a exposição racional, porém, não poderá ser tão facilmente supprida pelos exemplos.

Partindo da difinição de Logica — « a « sciencia que expõe as leis da intelligencia, « e as regras, que hão de dirigil-a na inve- « stigação e enunciação da verdade — » Heredia toma como objecto da logica — a intelligencia do homem, nas suas relações com a verdade conhecida e enunciada; e como fim — a acertada direcção das funcções intellectuaes na acquisição e enunciação da mesma verdade. Vastissimo na materia que abrange, o objecto admitte uma exposição variada e rica: o fim, porém, terminante e claro lá está apontando para o alvo que a exposição deve mirar. Em harmonia, pois, com esse objecto e com esse fim, o prudente A. divide toda a sua obra em quatro secções.

Na *Critica*, a primeira destas, trata elle na parte geral, — do juizo, instrumento critico, de que a vontade se serve para descubrir a verdade, pelos meios variados que a providencia poz á sua disposição. Aqui, depois de decompor o complexo desses meios, — os phenomenos intellectuaes, a que o juizo se applica, — estuda as condições necessarias, e as regras que conduzem a essa legitima applicação. Em seguida, analysa os elementos do juizo, classifica as suas especies, expõe os seus estados e valor logico. E como n'esta parte segue a eschola Allemã, e trata um objecto de si elevado, o A. apparece menos claro, do que é nas outras partes da sua obra: todavia vel-o-heis sempre exacto e profundo na doutrina; sempre methodico e judicioso na exposição. Ao tratado do juizo ajunta o da certeza, duvida e probabilidade; d'onde toma occasião para rebater, como victoriosamente rebate, os devaneios do scepticismo. Logo depois do juizo occupa-se dos criterios Não innova nesta parte: mas tambem não copía servilmente. Leu, pensou, e depois lançou no papel — os seus pensamentos. Em seguida discorre sobre a auctoridade, sobre a critica historica, e a hermeneutica; e tem a arte de colligir agradavelmente em poucas paginas, o que indigestamente anda disperso por volumes inteiros.

Aqui termina a critica geral. Na especial estuda o A. cada uma das funcções intellectuaes; as quaes, lembrado do que ficára dicto na Psychologia, reduz engenhosamente a quatro classes: 1.ª *funcções empiricas* (percepções, externa e interna) que subministram materiaes para os conhecimentos: 2.ª *representativas* (memoria e imaginação) que os reproduzem: 3.ª *regulativas* (abstracção e generalisação) que os modificam: 4.ª *racionaes*, as varias fórmas da razão, assim intuitiva como discursiva. Nesta classificação, (que se não é de todo exacta, ao menos revela estudo e engenho em quem a fez), e na exposição das funcções da intelligencia que ella comprehende, o A. é assaz extenso, e até repete algumas vezes o que já ficára dito na Psychologia. Todavia exige-o assim, até certo ponto, a vastidão do objecto e a necessaria clareza; e o A. paga-se bem desse defeito, se o é, tratando da materia com profundo conhecimento e rara sagacidade. Não fica por dar regra importante sobre a direcção das funcções intellectuaes; nem advertencia necessaria por fazer. Remata a critica com o tratado dos erros e seus remedios, apresentando as idêas geralmente seguidas, sôb um aspecto novo e aprazivel.

Até aqui o distincto A. considerou em separado cada uma das funcções, pelas quaes o entendimento alcança a verdade vulgar e ordinaria. Para chegar, porém, á verdade scientifica; para se elevar ás altas concepções racionaes, o pensamento precisa d'alguma cousa mais. A sciencia, obra de vastas dimensões, exige a cooperação de muitos collaboradores: destes cada um deve trabalhar sim na sua esphera, mas sustentando sempre a conveniente relação com os outros, e conspirando com elles para o mesmo fim. Esta harmonia de esforço e acção racional consegue-a o methodo, dirigindo as funcções da intelligencia na acquisição e exposição da verdade scientifica.

Na *Methodologia* o A. mostra primeiro qual seja a natureza e o fim do methodo em geral: expõe as suas especies — o analytico e o synthetico —; apresenta as regras communs a ambos, e as particulares a cada um, materia, geralmente bebida em outros AA.. E n'esta entremette considerações novas e engenhosas.

Depois, baixando ás especialidades, examina as funcções integraes do methodo scientifico, assim do analytico (observação, experiencia e hypothese) como do synthetico (definição, divisão, classificação, theoria e systema). O que aqui notamos sobre tudo, é a arte e habilidade com que o A. colligiu, em curto espaço, e expôz sôb uma fórma agradavel, o que outros AA. tinham tratado em grossas e indigestas paginas.

A sciencia, fim do methodo, e aspiração constante da razão, vem pôr termo a esta segunda secção. É por ventura, a parte mais profunda de toda a obra. Alli se indicam os

principios de que as sciencias se compõe; explica-se a demonstração que os expõe e desenvolve; mostra-se a differença que ha entre as sciencias experimentaes e as racionaes: e as reflexões que o A. ajunta por essa occasião, fazem lembrar as paginas profundas do seu compatriota Balmes.

No entender de Heredia, a *Grammatica* e a Dialectica são para a enunciação da verdade, o que a critica e o methodo são para a sua acquisição: devem por tanto seguir-se immediatamente a estas duas disciplinas: por que está primeiro o conhecer a verdade; só depois de conhecida é que vem o communical-a aos outros por palavras.

Na theoria dos signaes do pensamento, assim naturaes como convencionaes, nada achamos novo, se não o modo como o A. encara as questões as mais triviaes, e o talento com que ameniza os assumptos mais aridos e ingratos. Transcreve; imita: mas, ainda assim, tem a arte de quasi criar imitando. Apanha com rara sagacidade, e segue com aturada paciencia as mais fugitivas relações que entre a linguagem ha e as differentes funcções da intelligencia. Chegando á questão famosa da origem da linguagem, sobre a qual tanto se tem escripto, e tão pouco fora mister escrever, Heredia mostra-se philosopho prudente. Entre a temeridade da razão e as pretenções exorbitantes da theologia, dirige-se imparcial, pelo caminho mais curto, ao seu fim — a verdade —; rebatendo aquella em condescender com esta. Proseguindo depois, nada escapa á sua penetração; desde o artigo e o nome até á theoria engenhosa do verbo e da proposição; desde o grito inarticulado até ás combinações variadissimas da escriptura phonographica. Mas este sabio escriptor já mais enfada; por que é sempre aprasivel e judicioso. Dotado d'um espirito de singular energia, depois de se ter resaciado de longa e variada leitura, dahi, á força de meditação, extrahiu, quanto era vital e proveitoso. Percorreu uma selva immensa — a grammatica, colhendo de passagem flores sómente, com que entreteceu as paginas interessantes do seu livro.

Em fim, na *Dialectica*, corôa da logica, o illustrado A. trata primeiro da proposição; e adopta a theoria Allemã relativamente á sua quantidade, qualidade, relações e modalidade. A pezar de escura, pela mesma abstracção do objecto, esta theoria é com tudo a mais exacta e completa: e o A., a um tempo profundo e prudente, a esclarece já com os exemplos que ajunta ás regras, já com a fórma um pouco concreta que dá á enunciação. Da proposição, considerada absoluta e relativamente, passa á argumentação, assumpto especialissimo da Dialectica; e d'entre as fórmas d'argumentação toma para objecto principal do seu exame a mais simples de todas — o syllogismo. Profundamente convencido de que a theoria escholastica, debaixo do involucro da sua linguagem retorcida e *baroco* escondia muitas verdades d'alta metaphysica, Heredia trata detidamente da materia, fórmas e modos do syllogismo, que remata com os sophismas. Aqui termina a obra.

Seguimos muito de perto estes dois escriptores, expondo as suas doutrinas por miúdo, e quasi pela mesma ordem, por que se achão deduzidas nos seus escriptos. E de sobrepensado o fizemos. Entendemos, que n'esse numero e qualidade de doutrinas, n'essa deducção methodica e nova, está um dos meritos principaes, — talvez o principal —, dos dois illustres escriptores. Se não foram originaes na substancia (e disso repetimos não se precisava), foram-no na fórma, e derão á sua patria um rico presente; — um livro excellente no seu genero. Para lamentar é, que não tenham escrito, debaixo do mesmo plano, sobre as restantes partes de Philosophia — a Theodicêa e a Moral —, e sobre a Historia da Philosophia. Haveria então um curso elementar daquella sciencia — optimo, que bem poderia adoptar-se para compendio nas nossas escholas, onde não ha um bom. Entre tanto talvez podessemos aproveitar-nos d'aquelle excellente trabalho, supprindo o que lhe falta com os tratados que sobre o objecto Balmes nos deixou na sua Philosophia Elementar. Nem o estylo e exposição d'este genio eminente differe demasiado da exposição e estylo dos seus compatriotas. Claro sem grandes redundancias, conciso sem omittir o necessario, mais criador, e menos methodico, Balmes differença-se principalmente em que, elevando-se nas azas d'uma imaginação viva e felicissima, rompe de quando em quando em declamações eloquentes e em divagações brilhantes que bem poderiam escusar-se em uma obra elementar: em quanto — Monlau e Heredia não menos nervosos e profundos na doutrina, são mais modestos nas galas da dicção.

VARIEDADE.

Molestia das Vinhas.

Fox suppõem, que o apparecimento do *oidium* nas videiras, é o resultado de uma molestia produzida pelo desenvolvimento de uma especie particular de vermes, cuja primeira geração se reconhece por pequenas picaduras, nas folhas das videiras, nas quaes depositam os ovos. Este A. aconselha por isso, que se arranquem as folhas logo que apresentarem sinaes d'aquellas picaduras.

ADVERTENCIA.

Os Relatorios do conselho superior sobre — *instrucção primaria*, publicados no numero antecedente a paginas 157 e 158, foram lidos nas conferencias geraes de abril e outubro do corrente anno.

CONTA da Receita e Despesa, dos Hospitaes annexos á Universidade, em todo o trimestre d'Abril a Junho de 1853.

Receita

Recebido do Thesouro em metal	1:406$040
Idem do cofre das rendas dos Hospitaes	900$000
Idem por conta de vencimentos militares	1:500$000
Idem de dietas pagas por doentes do Hospital	30$605
Reis	3:836$645

Despesa

Alcance da Fazenda em 31 de Março	351$125
Despendido com sete mezes d'ordenados de Dezembro a Junho	548$480
Idem com as comedorias dos Empregados	430$983
Idem com as dietas aos doentes	1:579$592
Idem em combustivel e illuminação	97$690
Idem em utensilios	37$205
Idem em reparos nos Edificios	13$295
Idem em camas e roupas	144$700
Idem em guizamentos das Capellas	8$805
Idem ao Dispenseiro pela 4.ª parte dos vencimentos militares	375$000
	3:586$875
Por saldo d'esta conta em cofre	249$770
Reis	3:836$645

MAPPA do movimento dos doentes, nas enfermarias dos Hospitaes da Universidade, nos mezes d'Abril a Junho de 1853.

HOMENS					MULHERES					LAZAROS HOMENS					LAZAROS MULHERES					SOLDADOS					TODOS				
Existiam.	Entraram.	Saíram.	Morreram.	Existem.	Existiam.	Entraram.	Saíram.	Morreram.	Existem.	Existiam.	Entraram.	Saíram.	Morreram.	Existem.	Existiam.	Entraram.	Saíram.	Morreram.	Existem.	Existiam.	Entraram.	Saíram.	Morreram.	Existem.	Existiam.	Entraram.	Saíram.	Morreram.	Existem.
136	287	295	23	105	85	218	217	23	63	17	4	3	1	17	11	4	2	2	11	13	27	32	1	7	262	510	549	50	203

João Alberto Pereira d'Azevedo,
Director dos Hospitaes da Universidade.

Herculano Aprigio Alves d'Araujo Santa Barbara,
Cartorario da Fazenda dos Hospitaes.

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

CONSELHO SUPERIOR DE INSTRUCÇÃO PUBLICA — RELATORIOS.

INSTRUCÇÃO SUPERIOR.

Conferencia de 30 de abril de 1853.

Na conferencia geral de 30 de outubro do anno findo coube-me a honra de ler na vossa presença o relatorio da 3.ª secção d'este conselho, pelo qual fostes instruidos dos progressos e melhoramentos de cada um dos ramos da instrucção superior, quer na universidade, quer na academia polytechnica do Porto, e na eschola medico-cirurgica da mesma cidade; do numero dos alumnos que frequentaram a universidade no anno lectivo de 1851 a 1852, e do das outras escholas superiores sob inspecção d'este tribunal; do seu aproveitamento, e das causas de todos sabidas, pelas quaes as aulas terminaram mais cedo, e houve perdão d'acto; do aperfeiçoamento dos methodos do ensino em cada uma das faculdades academicas, e nas escholas d'instrucção superior, cujos professores se esmeraram no desempenho das suas obrigações; do bom estado em que se achavam tanto os estabelecimentos universitarios, como os das outras escholas, pelo incansavel zelo dos seus directores, os quaes não deixaram, nos respectivos relatorios, de pedir os meios necessarios para a perfeição do ensino, e aproveitamento dos alumnos: o que tudo foi consignado no relatorio geral, que este Conselho fez subir á presença do governo de Sua Majestade no fim do mez de novembro de 1852.

Nesta conferencia, porém, que hoje celebramos, como complemento d'aquella, cumpre-me relatar-vos que nos seis mezes decorridos depois da ultima conferencia geral, o conselho superior d'instrucção publica não se tem poupado a quaesquer trabalhos para promover e aperfeiçoar a instrucção superior, já propondo ao Governo de Sua Majestade o provimento de quatro cadeiras vagas, uma na faculdade de theologia, outra na faculdade de medicina, a de dezenho annexa á faculdade de mathematica, e uma de cirurgia na eschola medico-cirurgica do Porto, e não menos o do logar de secretario da mesma eschola; já sobre a admissão de um doutor da faculdade de mathematica á classe d'oppositor; já á cerca da creação de tres logares d'ajudantes aprendizes para os estabelecimentos da faculdade de philosophia, um no laboratorio chimico, outro na repartição de historia natural, e o terceiro no jardim botanico, servindo ao mesmo tempo de guarda d'agricultura; já a respeito da jubilação de tres lentes da universidade; já finalmente pedindo ao Governo de Sua Majestade a resolução da consulta de 2 de julho de 1852, com a proposta do regulamento para o ensino e exercicio da pharmacia: além de muitas outras providencias d interesse publico, que deixo em silencio para não abusar da vossa paciencia.

Está quasi completo o quadro dos professores na instrucção superior, e por isso nunca serão demasiadas as graças que se devem dar ao actual Governo de Sua Majestade, pela sollicitude que tem mostrado em proteger as sciencias.

Agora, senhores, darvos-hei conta do estado da eschola medico-cirurgica do Funchal, cujo relatorio deu entrada na secretaria d'este tribunal em 14 de março do corrente anno. O conselho escholar, depois de ponderar, no seu relatorio, as medidas tantas vezes sollicitadas a beneficio da eschola, e para proveito do ensino, diz — que no anno lectivo de 1851 a 1852 matricularam-se tres alumnos, que com mais dois matriculados no corrente anno lectivo prefazem o numero de cinco — e que officiára ás differentes camaras municipaes, pedindo-lhes que votassem um subsidio para as parteiras, que viessem, das freguezias dos campos, frequentar na eschola o curso respectivo, unico meio de se poder derramar pela ilha esta instrucção tão indispensavel fóra da cidade

É para sentir, senhores, que ainda hoje nada vos possa referir do estado da eschola medico-cirurgica de Lisboa por falta do seu relatorio, apezar das instancias d'este conselho para que lhe fosse enviado.

Expediram-se pela 3.ª secção desde 30 de outubro de 1852 até 15 do corrente consultas vinte e tres; ordens para concursos, informes, e participações officiaes trinta e uma; concluirei, senhores, este brevissimo relatorio, assegurando-vos que o conselho

superior d'instrucção publica se empenha, quanto póde, em levar a instrucção ao seu maior aperfeiçoamento, não obstante causas inevitaveis, que embaraçam a acção do mesmo conselho.

INSTRUCÇÃO SECUNDARIA.

Conferencia de 31 de outubro de 1853.

Em virtude do art. 39. do regulamento do conselho superior d'instrucção publica de 10 de novembro de 1845 cumpre-me, na qualidade de secretario da 2.ª secção, apresentar-vos, na conferencia ordinaria do conselho geral, que hoje celebrâmos, o relatorio da instrucção secundaria durante o anno lectivo de 1852 para 1853. E começando pelos trabalhos do conselho, que mais particularmente correram pela segunda secção, e que foram o resultado das conferencias ordinarias, que tiveram sempre logar, na fórma prescripta pelo regulamento, é do meu dever informar-vos que foram preparadas e expedidas ao Governo de Sua Majestade 50 consultas, 3 sobre propostas para a propriedade de cadeiras de latim; 2 para o provimento temporario de cadeiras da mesma disciplina; 3 para propriedades de cadeiras de lyceus; 2 para o provimento temporario de cadeiras dos mesmos estabelecimentos; 2 para logares de secretario de lyceu; 2 para logares de porteiro de lyceus, 1 para logares dos estabelecimentos litterarios; 4 para jubilações; 3 para transferencias de professores; 3 para vencimentos de professores; 5 para creação e restabelecimento de cadeiras; 1 para transferencias de cadeiras; 11 para varios objectos e informes, 2 pedindo o convento das freiras de S. Bento em Bragança, e o das Dores em Villa Real, para a collocação dos lyceus; 2 sobre a necessidade de provimentos de logares; 1 propondo que se elogiem o commissario dos estudos de Beja e a camara municipal de Moura pela gratificação que arranjaram a favor do professor, que houver de reger a cadeira d'ensino primario e latim, ha muito tempo vagas; 1 com os programmas para compendios d'agricultura, historia universal, escripturação, e desenho; e 1 finalmente com a data de 21 de outubro corrente em que este tribunal declarou que julgava não dever alterar o regulamento, que fôra remettido com outra sua consulta de 26 de junho de 1849, para a formação do jury encarregado de exames preparatorios, para a matricula das differentes faculdades da universidade, accrescentando sómente que entende, que o exame de grego deve ser extensivo á faculdade de direito como preparatorio.

Na conferencia ordinaria do conselho geral, celebrado em 30 d'abril do anno corrente, deu-se-vos conhecimento de que na sessão extraordinaria da segunda secção, a que no mesmo mez presidiu o vogal ordinario o sñr. Castro Freire, foram approvados, para thema da discussão, os seguintes pontos: 1.º será conveniente incorporar nos lyceus o ensino das sciencias industriaes? Sendo-o, quaes, e como se devem ensinar; 2.º qual será o methodo mais economico para formar bons mestres de sciencias com destino ao ensino dos lyceus; 3.º na traducção das linguas antigas e modernas haverá methodo d'ensino preferivel ao que actualmente se segue nas escholas, 4.º no ensino das diversas disciplinas, que constituem a instrucção dos lyceus, será preferivel ao methodo singular e progressivo adoptado entre nós o ensino conjuncto de varios ramos da mesma classe? Sendo-o, qual a distribuição mais util?

Para que assumpto tão importante não deixasse de ser tratado, como convém, determinou o ex.^mo sñr. conselheiro Sousa Pinto, vogal ordinario, director e presidente da segunda secção, em sessão extraordinaria de 21 do corrente mez, que se dessem aos vogaes extraordinarios da referida secção os primeiros pontos, para serem, em opportuna occasião, discutidos, depois de maduramente meditados.

Expediram-se pela secretaria desde 12 d'abril até 17 d'outubro corrente:

Ordens:

Para concursos	Portarias..........	57
	Officios...........	21
	Editaes............	492
Para informes, intimações e participações........................		114
Circulares sobre o modo d'arrecadação da receita dos lyceus............		21
Dictas sobre o pagamento de propinas de matriculas pelos alumnos externos aos Lyceus......................		18
	Total.....	723

Despachos.

Para provimento temporario de cadeiras............	de latim	2
	dos lyceus	2
Para titulo de capacidade para ensino particular de latim		3
	Total	7

Cabe aqui dizer-vos, que não tem sido baldadas as diligencias do conselho, para que cesse o ensino particular não auctorisado na conformidade do decreto de 20 de setembro de 1844, e do art. 24 do decreto de 10 de janeiro de 1851; começando a affluir em maior numero requerimentos de professores pedindo titulos de capacidade, e por isso já hoje se contam 51 professores particulares d'instrucção particular secundaria legalmente habilitados. É isto, sem duvida, devido ás instancias, com que este conselho

tem recommendado aos governadores civís que velem sobre um objecto de tanta ponderação.

Passo agora, Senhores, a dar-vos conta dos lyceus, das escholas annexas, e da instrucção especial.

Ha no continente, cadeiras de lyceus 105, d'estas estão provídas 91, vagas e a concurso 5, vagas e reservadas 9, entre ellas a d'agricultura, economia, e escripturação e mais outras 3, que ainda se não poseram a concurso.

Em o numero das cadeiras dos lyceus entram as cadeiras de francez e inglez, creadas, pelo decreto de 28 de junho do anno corrente no de Vianna do Castello, e pelo de 26 de julho dicto no d'Aveiro.

Cadeiras annexas 111, das quaes estão provídas 69, vagas e a concurso 13, vagas e reservadas 29, sendo pela maior parte as de latim conservadas no plano do 1.° de fevereiro de 1850, ainda não approvado quanto a ellas.

Ha nas ilhas, cadeiras de lyceus 18, d'estas estão provídas 16, vagas e a concurso 2.

Cadeiras annexas 10, nas quaes entra a de latim, creada por decreto de 12 de outubro d'este anno na villa do Porto de Santa Maria, districto de Ponta Delgada, provídas 8, vagas e a concurso 1, vagas e reservadas 1.

No districto de Portalegre ha tambem uma cadeira de latim por legado em Fronteira.

Total das cadeiras 244, das quaes estão provídas 184, vagas e a concurso 21, vagas e reservadas 39. Entrando n'estas as de economia industrial e escripturação, agricultura e economia rural, cujos compendios ainda não foram approvados; e as annexas aos lyceus, cujo plano, como vos disse, ainda não foi definitivamente approvado para todos os districtos.

Os lyceus definitivamente constituidos no continente são os d'Aveiro, Braga, Bragança, Castello-Branco, Coimbra, Evora, Fáro, Leiria, Lisboa, Portalegre, Porto, Santarém, Villa Real e Viseu; e nas ilhas — Angra e Funchal.

Os mais não se têm mandado constituir, por não se acharem provídas algumas cadeiras, ou por não haver casa para a sua collocação.

Nem todos os lyceus estão collocados em edificios publicos; trata-se porém de collocar n'elles os de Béja, Vianna do Castello, e Villa Real. Afóra os commissarios dos estudos e reitores dos lyceus d'Aveiro, Béja, Braga, Bragança, Castello Branco, Portalegre e Porto, e os das Ilhas: das quaes só veio o mappa do d'Angra do primeiro semestre, todos os mais foram, no anno lectictivo findo, exactos nas remessas dos relatorios e mappas, que a lei lhes incumbe.

O procedimento dos primeiros, que faltaram aos seus deveres, não póde deixar de ser estranhado, censurado mesmo por este conselho.

Sem os precisos esclarecimentos e mappas estatisticos, que os delegados do conselho são obrigados a enviar á secretaria não só no fim do anno lectivo, mas tambem em cada mez, impossivel é, senhores, por esses poucos e escassos relatorios, que hoje temos, avaliar o estado dos lyceus e escholas annexas.

Na falta pois de dados tão indispensaveis, pouco tenho a relatar-vos sobre o progresso e melhoramento de um ramo d'instrucção, de que não se podem dispensar aquelles que occupam os primeiros logares na sociedade, ou que abraçam profissões livres de uma ordem mais elevada, por isso que elle se compõe dos principios da razão e do gosto, do conhecimento das linguas sabias, da historia, da litteratura nacional, e das sciencias exactas e naturaes.

Funccionaram com regularidade, no anno lectivo de 1852 para 1853, 102 cadeiras, que foram frequentadas por 2:538 alumnos; sendo em 146 cadeiras o numero dos alumnos, no anno anterior, de 3:506; não houve porém a mesma regularidade na cadeira de philosophia racional e moral do lyceu d'Evora, a qual esteve fechada até 17 de dezembro, e egualmente interrompida desde 7 de janeiro até 23 do dicto mez, sendo posteriormente regida pelo professor da 3.ª cadeira até o fim do anno lectivo.

Ha 6 collegios com titulo d'auctorisação desde 1844, dos quaes temos 8 mappas, d'onde consta que tem tido 183 alumnos.

Em quanto porém se não receberem os relatorios e mappas, que ainda faltam, e se não obtiverem os dos alumnos, que frequentam as escholas particulares, cujo numero é talvez superior ao dos que frequentam as publicas, não ha os dados necessarios para nelles assentar a estatistica actual e comparativa d'esta parte da instrucção.

Não havendo ainda no lyceu de Coimbra a cadeira d'arithmetica, algebra e geometria, tão precisa não só para aquelles que frequentam o curso geral dos lyceus, mas tambem como preparatorio para as faculdades da universidade, e muito especialmente para a frequencia do 1.° anno mathematico, abriu-se extraordinariamente, no anno lectivo findo, a aula d'aquellas disciplinas, cuja falta tem sido até aqui bem sensivel, e pela affluencia que teve d'alumnos, subindo a 108 o seu numero, e pelo seu aproveitamento bem se demonstrou a utilidade e necessidade da creação d'esta cadeira no referido lyceu.

A harmonia e uniformidade do ensino nos differentes lyceus e escholas annexas é muito necessaria para regularidade da instrucção, e exacta appreciação do aproveitamento dos alumnos, e mal se póde ella conseguir escolhendo cada uma das escholas os compen-

dios para o ensino na fórma do disposto no art. 167. do decreto de 20 de setembro de 1844. Assim falta a unidade, e conseguintemente o poder de direcção, confiado ao conselho superior pelo citado decreto, e não é facil a appreciação do merito dos alumnos que passam dos lyceus para as escholas superiores.

Com o fim de remediar estes dous males decidiu o conselho junctar á sua consulta de 15 de junho do anno passado uma proposta de lei, na qual se determina, que os compendios, por onde se devem ler as disciplinas do ensino secundario, sejam propostos e approvados por este conselho, e que nenhum professor publico d'instrucção secundaria possa empregar-se no ensino particular sem auctorisação do governo.

Esta necessidade no ensino secundario já foi reconhecida pelo conselho do lyceu d'Evora, o qual, no anno lectivo findo, adoptou para texto das lições da aula de philosophia racional e moral os compendios dos sñrs. Drs. Doria e Carneiro.

O commissario dos estudos d'aquelle lyceu pondera, em seu relatorio, que sería uma providencia acertada mandar o conselho abrir o concurso para o provimento das substituições da 1.ª e 2.ª, e da 3.ª e 4.ª cadeira, por se achar o professor proprietario da ultima legalmente impedido com o cargo de deputado ás côrtes, e por se poder dar o caso de por qualquer motivo, o professor da 3.ª cadeira ou algum outro não poderem, durante o tempo da legislatura, substituir aquella.

O conselho já deu ordem para que se posessem a concurso as referidas substituições.

O commissario dos estudos de Lisboa, em seu relatorio, faz sentir quão grande sería a conveniencia de collocar a secção occidental do lyceu no edificio do extincto convento dos Remedios, ou ainda em melhor local, no de S. Francisco de Paula, ou de S. João de Deos, todos em posse do estado, visto que o numero dos alumnos da casa pia, que frequentam alli as aulas, é insignificante.

Resta-me sómente, senhores, fallar-vos das escholas d'instrucção especial.

A academia de bellas artes de Lisboa, no anno lectivo findo, foi frequentada, quer nas aulas diurnas, quer nocturnas, por 377 alumnos, dos quaes 5 obtiveram — partidos.

A academia portuense de bellas artes teve no anno lectivo de 1853 — 127 estudantes, e no de 1852 — 102, havendo d'excesso 25.

As aulas nocturnas d'esta academia não tem tido exercicio por falta de salas, cuja construcção está a cargo da camara municipal do Porto, pelo contrato celebrado entre ella e o Governo de Sua Majestade; ficando assim privados do estudo das bellas artes os aprendizes das artes fabrís.

No muzeu Portuens e de pinturas e estampas tem continuado o serviço com a devida regularidade.

No ultimo trimestre, de 1852 e nos tres primeiros de 1853 foi a bibliotheca publica do Porto consultada por 2:716 leitores, e durante o mesmo periodo visitada por 492 pessoas d'ambos os sexos. As obras pedidas e consultadas foram 3:828.

O bibliothecario de Braga participa que continuam na bibliotheca algumas obras de reconhecida utilidade publica, e os trabalhos bibliographicos.

Quanto ao estado moral e litterario dos professores e empregados na instrucção secundaria, pelo que consta dos relatorios, e pelas informações que tem chegado ao conhecimento do conselho, são todos, salvas algumas pequenas excepções, dotados de qualidades moraes e litterarias, que se exigem para o desempenho de tão importantes logares; procurando satisfazer á honrosa missão, que na sociedade lhes está destinada. O aproveitamento dos alumnos, em geral, foi bom, e o comportamento regular.

Por tudo o que acabo de relatar-vos, senhores, conhecereis que o conselho superior d'instrucção publica tem empregados todos os meios ao seu alcance para promover e aperfeiçoar a instrucção secundaria.

Coimbra 31 d'outubro de 1853.

INSTRUCÇÃO SECUNDARIA.

Ensino da Arithmetica e Geometria elementar em Portugal.

Continuado de pag. 173.

Os estatutos de 1777 tinham estabelecido, que os alumnos de theologia e direito frequentassem o primeiro anno mathematico, para lhes servir de preparatorio: mas a experiencia mostrou que aquelle estudo, por demasiado sublime, não estava ao alcance de todas as intelligencias: porque no longo intervallo de mais de meio seculo quasi nenhum alumno approveitou semelhante disposição: e a geometria para o exame era estudada particularmente.

Em consequencia d'isso o governo de 1830 creou no Collegio das Artes uma cadeira de geometria, cuja organisação e regencia fôra confiada ao nosso insigne compatriota, o sñr. Sacra-Familia.

Esta cadeira, cuja necessidade havia sido altamente reconhecida pelas vantagens da sciencia, e pela dignidade do ensino, ficou todavia esquecida na reforma de 36, e em todas as subsequentes. E por isso o preparatorio de geometria ficou novamente entregue ao ensino particular, tornando-se tanto mais violento e dispendioso para os alumnos, quanto mais rigorosos se tornavam progressivamente, como deviam, os programmas para o mesmo exame. Por quanto a maior

parte dos alumnos estudavam este preparatorio em Coimbra, onde não havia cadeira especial para o seu ensino!

Eis-aqui pois o que nós julgamos ser uma injustiça manifesta para os alumnos, em quem se castiga pecuniariamente o *crime* da residencia. Quem estiver em Braga, ou n'alguma outra terra onde haja lyceu, sem ser Coimbra, Porto ou Lisboa, tem uma aula publica para o estudo de geometria, onde será admittido mediante a modica quantia de 1920 rs.

Mas, se tem a desfortuna de residir em Coimbra, será obrigado a comprar caro, material e intellectualmente, aquelle preparatorio. Por quanto ou ha de frequentar o 1.° anno mathematico, pagando a onerosa propina de 19200 rs. além da grande despesa de livros excusados, parte dos quaes jámais precisará abrir em sua vida; ou tem de frequentar em aula particular o mesmo estudo, retribuindo tambem d'uma maneira bastante violenta o trabalho do professor.

De mais no 1.° mathematico occupa-se grande parte do anno com estudos improprios á instrucção secundaria, em quanto que se passa rapidamente por aquelles, que mais uteis e necessarios lhe são; pois é bem sabido, que as exigencias scientificas na faculdade de mathematica são muito mais sublimes, e differentes das dos lyceus.

Nestes, segundo o disposto no art. 47 da supra citada lei de 20 de setembro, deve a arithmetica e geometria ser estudada com applicação ás artes; e apenas se exigem as primeiras noções d'algebra; em quanto que no primeiro mathematico a parte theorica predomina sobre a practica, que é quasi nulla, por falta de tempo; e as materias são por tanto estudadas na altura, a que deve elevar-se a sciencia, por haver ali um estudo superior, e não elementar, como deve ser o dos lyceus

Eis aqui pois um grave inconveniente no estudo, uma injustiça palpavel feita aos direitos dos alumnos da mesma aula; e um absurdo manifesto em se equiparar o estudo da instrucção secundaria ao da superior!

Além de que no primeiro mathematico leva grande parte do anno o estudo dos logarithmos, da trigonometria, de geometria analytica, das equações do segundo gráu em algebra, dos problemas indeterminados, da geometria dos solidos, etc., etc.; o que tudo é excusado para o exame do lyceu. E o estudante preciza de todo o tempo para aquelle estudo: em quanto que poderia reunir o d'outro preparatorio com o da geometria elementar.

Por outra parte ficam os alumnos pouco desenvolvidos no mais importante do seu estudo; naquella parte que se torna o alvo principal de todo o seu trabalho, e que nos usos da vida mais util lhe virá a ser: é a applicação da arithmetica e geometria á resolução dos problemas de constante uso social: pois que ainda que no primeiro anno da faculdade de mathematica se dão os principios para aquella resolução; todavia a variedade e multiplicidade de materias, que teem de ser vencidas no anno lectivo, não permittem, que se possa empregar muito tempo com problemas de certa ordem: mormente com os mais elementares, que são tambem os mais precisos na instrucção secundaria.

O conhecimento da medição e comparação das superficies planas, e da capacidade dos solidos, é um dos objectos, que mais interessa ao individuo de qualquer ordem social. Proprietario ou artista, precisa frequentemente de saber medir as varas ou braças quadradas de certa obra, que fez, ou mandou fazer d'empreitada: calcular a porção de papel necessaria para cobrir uma superficie determinada; ou a porção de madeira para forrar certa casa: retalhar um campo de fórma que os retalhos tenham entre si certa relação: avaliar a capacidade d'um poço ou d'um reservatorio qualquer, etc. etc. Tudo isto se póde dizer, que são problemas de cada dia; são aquelles cuja solução mais importa conhecer. Ha ainda na actualidade uma outra necessidade, filha do progresso, e da ultima legislação.

O decreto de 13 de dezembro de 1852 mandando pôr em execução em Portugal, dentro em 10 annos, o systema metrico-decimal francez, creou a necessidade de cada um se instruir no novo systema, a fim de se habilitar para a resolução de todos os variados problemas, a que elle póde dar logar: e esse estudo não póde deixar de ser objecto da instrucção secundaria, e não da superior, onde apenas se dá uma passageira noticia do systema, em relação á sua base fundamental e nomenclatura.

Estas e muitas outras razões, que poderamos aqui adduzir, reconhecidas pelo claustro pleno da universidade, e por elle manifestadas no seu plano de reforma, foram sem duvida as que determinaram o Ex.^{mo} prelado a propor ao governo a reintegração da cadeira d'arithmetica e geometria no lyceu nacional de Coimbra.

O governo, attendendo tão justa reclamação, mas manietado pela falta d'orçamento, creou apenas provisoriamente aquella cadeira por portaria de 28 de desembro de 1852: para que, satisfazendo d'esse modo ás exigencias da instrucção publica, fizesse conjunctamente um ensaio, para observar o aproveitamento da medida.

A extraordinaria affluencia d'alumnos, e a gradação de seus exames finaes, provaram simultaneamente a conveniencia e as vantagens da cadeira: provas que foram ainda continuadas neste anno, em que concorreram á matricula 100 estudantes; tendo sido no anno antecedente 103!

*

Confiamos pois que as Cortes, a quem o governo deverá appresentar no seu relatorio a historia d'aquella medida, attenderão tão justas razões, creando definitivamente a cadeira d'arithmetica e geometria elementar no lyceu nacional de Coimbra; pois que sua utilidade deixou de ser problematica depois de julho de 1853.

L. ALBANO.

O CHORO D'ALMA.

Ao meu amigo Eugenio da Costa e Almeida.

Prostrado aos pés da cruz, oh quantas vezes,
Ouvi gemer minh' alma,
Qual proscripto que a patria chora ausente,
Qual filho que deixou paternos lares,
Que a maldição d'um pai ouvio medonha,
Na hora em que trilhou do crime a senda,
E fita sobre a terra os olhos tristes
Em hora de remorso.
Oh, quantas vezes, seus lamentos ouço,
Quando o peccado, dos infernos filho,
Os laços arma com que a triste prende;
Quantas vezes lhe escuto o pranto amargo,
Quando a verdade lhe apparece horrenda.

« Ai de mim! Onde estão as rosas brancas
« Que a fronte me cingiam,
« Quando do ceu deixei a mansão pura!
« Onde estão, ai de mim, candidas vestes,
« Que eu out'rora trajei!
« No momento do adeus, os anjos todos
« Me disseram sorrindo:
« Talvez longo não seja o teu desterro,
« Mas em quanto não for por ti manchada
« A c'rôa d'anjo, que te adorna a fronte,
« Em quanto não manchar o vil peccado
« As alvas roupas d'immortal candura,
« Tu pódes vir, irmã, brincar com os anjos,
« Quando o somno, que a morte tanto imita,
« Sepulta a natureza em seu repouso.
« Senhor Deus, eu pequei! As alvas roupas
« Negras m'as tem tornado o lado impuro
« Das vis paixões, de quem me fiz escrava.
« Uma a uma perdi as rosas brancas,
« Tristes saudades de que fui outrora
« O remorso cruel, que me atormenta,
« Na fronte me pousou, e quando ás portas
« Do ceu, do bello ceu que tanto choro,
« Triste me apresentei, os anjos todos
« Me disseram chorando:
« Alma perdida, volve, volve á terra,
« Os anjos do Senhor trajar não podem
« Negras roupas de dó, roxas saudades.

Senhor Deus, eu pequei! No proprio templo,
Perante o teu altar, amor impuro
Queimou meu coração, perdeu minh'alma.
Eu vi nascer o sol, sem que meus labios
Te louvassem, Senhor, sem que prostrado
Eu adorasse um Deus que a luz derrama
Sobre os bons, sobre o mau sem pôr diff'rença,
Que doura as messes do atheu, do crente,
E que com mão igual reparte a todos,
Como Pai carinhoso, o pão da vida.
Eu vi sumir-se o sol, sem que minh'alma
Brados de gratidão aos ceus erguesse.
Senhor Deus, eu pequei! Mas tu disseste:
« Vinde a mim, vinde a mim na hora afflicta
« Eu vos consolarei, sereis ouvidas.
« Ovelhas que eu perdi, vinde ao rebanho,
« Escutai minha voz, quero a meus hombros
« As mais debeis levar, quero meu sangue
« Por todas derramar, salval-as todas;
« E mais hymnos nos ceus meus anjos tecem
« Áquelle que peccou, se o crime deixa,
« Que a cem justos que o ceu nunca ascenderam.

Coimbra.

HENRIQUE O'NEILL.

TRATADO ELEMENTAL DE MATEMATICAS

por D. Acisclo F. Vallin e Bustillo, catedratico en la universidade de Madrid.

(Continuado de pag. 167).

Tendo analysado resumidamente a Arithmetica, faremos o mesmo a respeito da Algebra elementar. Divide-a o auctor em duas partes, uma do *calculo algebrico*, outra da *comparação algebrica*; e a segunda d'estas em duas secções, uma da *comparação de desegualdade*, outra da *comparação de egualdade*.

O calculo algebrico comprehende as operações fundamentaes relativas ás quantidades algebricas reaes, de fórma inteira ou fraccionaria e com quaesquer expoentes; e as relativas ás expressões imaginarias; e tambem a formula do binomio de Newton, com algumas applicações. Na comparação de desegualdade entram as razões, proporções, e progressões, tanto arithmeticas como geometricas. Da comparação de egualdade são objecto as analyses determinada e indeterminada do primeiro e segundo grau; as equações biquadradas; e as de dois termos. E completa o texto a theoria algebrica dos logarithmos, com a sua applicação ás equações exponenciaes, e aos juros compostos, e annuidades.

Finalmente rematam a obra os exercicios, proprios para habituar os principiantes á práctica dos calculos algebricos e da resolução dos problemas, e para recordar as doutrinas fundamentaes; e as notas, tendentes a illustrar e ampliar o texto com noticias historicas, com desenvolvimento de doutrinas d'elle, e com novas demonstrações.

Em geral, as definições e noções preliminares são exactas e sufficientes; as regras enunciadas com precisão e clareza; os desenvolvimentos e exemplos copiosos; os quadros bem dispostos; e as discussões dirigidas com rigor analytico. Como exemplares d'estas qualidades citaremos a introducção á theoria das equações, com a nota respectiva; os desenvolvimentos e exemplos relativos ao calculo das expressões imaginarias; o quadro das raizes das equações do segundo grau; e a discussão das soluções d'este grau, feita sobre o problema dos pontos egualmente illuminados por duas luzes.

Parece-nos conveniente a inserção da formula do binomio de Newton na Algebra elementar; como caso particular da multiplicação dos binomios, sendo o expoente inteiro e positivo; e como propria para facilitar

a intelligencia dos processos da extracção das raizes numericas de todos os graus. E não deixaremos de notar a bem coordenada exposição, que o auctor faz, da theoria das combinações, em que funda a investigação da lei dos coefficientes da fórmula.

Tambem achamos acertada a lembrança de encetar aqui a resolução das equações binomias; prevenindo assim os principiantes sobre a multiplicidade das raizes das quantidades, e sobre a relação d'ellas com as raizes correspondentes da unidade.

Pondo de parte a demonstração intentada na nota XVI, que concluiria se a serie fosse convergente, e alguns pequenos defeitos, que o auctor certamente corrigirá em outra edição, e que não influem no merecimento do seu trabalho; terminaremos com uma observação, em desempenho da obrigação que nos corre Será talvez prematura a consideração das quantidades negativas como verdadeiras quantidades, oppostas ás positivas, appresentada no principio da obra, para leitores que não tenham noções algumas d'algebra; porque tanto a necessidade de dar aos signaes + e — a dupla significação de inherentes á natureza das quantidades respectivas e de indices de operações, como a mistura e comparação de quantidades de natureza opposta, podem obstar a que no espirito dos principiantes penetrem as doutrinas algebricas com a necessaria clareza; sem que bastem para remover esta difficuldade as exactas e bem cabidas reflexões, com que, no texto e nas notas, o auctor mostra a conformidade d'aquelles dois usos.

Mas isto, que poderá ser defeito em quanto á opportunidade, é uma belleza no systema philosophico da obra; e não diminúe o valor dos bons dotes, que confirmam o nosso juizo e votos, já emittidos, a respeito d'ella.

S. P.

BREVES REFLEXÕES HISTORICAS SOBRE A NAVEGAÇÃO DO MONDEGO, E CULTURA DOS CAMPOS DE COIMBRA.

Continuado de pag. 160.

Pelo decurso d'esta memoria já o leitor tem visto que, quando por um lado se faziam esforços para evitar os estragos dos campos, por meio d'um bom encanamento, tambem por outro lado a camara municipal de Coimbra não deixava de ser sollicita em libertar a cidade das invasões do Mondego. Em 1538 se tinha tratado já da construcção d'um muro [1], entre a cidade e o rio, para que as enchentes não inundassem as ruas. Esta obra não passou de projecto, nem temos encontrado prova alguma para acreditar que ella se levasse a effeito; é de suppor que a falta de meios obstasse a uma construcção tão interessante como dispendiosa.

A necessidade d'uma obra d'esta natureza era tão urgente que em tempos mais modernos a camara por via de seu procurador representou a elrei, em termos bem significativos a precisão de se fazer um caes com a devida segurança, entre a cidade e o rio, desde a ponte até ao porto ou *boqueirão* do Senhor dos Oleiros. Em qualquer leve enchente (dizia o procurador em 1718) ficam *alagados* por muitos dias os moradores das freguezias de S. Bartholomeu, S. Thiago, Santa Cruz e Santa Justa, do que resulta padecerem grandes *calamidades*, sendo a mais sensivel d'ellas a falta de sustento, que apenas a algumas pessoas por caridade se administra em barcos. E quando as enchentes são mais crescidas tocam na porta do mosteiro de Santa Cruz, causando tantos estragos que em menos de cincoenta annos ficará arruinada a cidade baixa, e o mosteiro inhabitavel; e lembrava que ao longo do caes se abrisse uma valla para dar escoamento ás aguas da cidade para o rio: e que o dinheiro para estas obras poderia sahir do cofre do real d'agua [1].

Esta obra não passou de projecto assim como a de 1538; demandava avultadas despesas, e os meios eram escassos. A justa representação do procurador municipal teve o andamento costumado de informações, mas não passou daqui, e Coimbra esteve privada d'uma obra de primeira necessidade desde 1538, e só passados tres seculos é que viu principiar essa famosa construcção, que felizmente, ainda que de vagar, vai proseguindo.

Talvez que a linguagem empregada pelo procurador do municipio de Coimbra, a que acima alludimos, pareça algum tanto exaggerada; porém não podemos deixar de reconhecer que a maior parte da cidade baixa estaria hoje deshabitada, se não tivesse havido a precaução de altear de annos em annos as ruas, para conservar o seu plano alguns palmos superior ao da corrente ordinaria do rio.

Os trabalhos feitos em 1708 e 1709, para abrir um novo encanamento ao Mondego pelo norte do Campo, como já expozemos (pag. 159 e 160), foram por certo de pouco proveito: e assim era de esperar da obra então gisada; o director procurou alargar e não aprofundar o alveo; isto era o mesmo que estragar terrenos, vexar proprietarios, e consumir dinheiro sem resultado algum plausivel; o director não comprehendeu o pensamento expendido no decreto de

[1] Pag. 79 col. 1.ª d'este Jornal.

[1] Arch. municip. tom. 1.º 1742 X, respostas e cartas a elrei.

12 de maio de 1694 (pag. 149 e segg.). Fosse um erro de intelligencia, ou alguma outra causa que empeceu á devida execução d'aquelle decreto, é fóra de duvida que o clamor publico pedia em 1791 outro encanamento para o Mondego, que foi effectivamente decretado em 28 de março d'este mesmo anno.

Eis o plano da nova e ultima canalisação conforme a letra do decreto: seguir o alveo que o rio tinha começado a abrir junto ao Almegue, cortando todas as insuas mouchões, ou camalhões, que se encontrassem no alinhamento do novo leito, sem compensação aos possuidores por serem usurpações do alveo: dar-lhe nova direcção defronte de Montemór, e abrir novo alveo em Lares; principiar desde a fóz do Mondego até Coimbra, e praticar acima d'esta cidade as obras convenientes [1].

A direcção d'este encanamento foi encarregada ao professor de hydraulica Estevão Cabral, que tinha sido padre da companhia, e n'esta epocha se encontrava muito acreditado com o governo pelos seus conhecimentos scientificos, e por uma memoria (de que mais adiante havemos de tractar) que escreveu sobre o encanamento do Mondego, como se colhe do aviso de 20 de maio d'aquelle anno, dirigido ao superintendente José de Magalhães de Castello-Branco [2], donde tambem consta que este vencia 2:400 reis por dia para ajuda de custo, e aquelle 96:000 reis de ordenado por mez.

Depois do decreto de 1791 continua ainda a legislação relativa ao encanamento do Mondego; parte d'ella, até 1807, encontra-se em resumo no Reportorio das Extravagantes (verbo encanamento), e toda, na sua integra, registada no liv. 1.° da secretaria das obras do Mondego, que é o mais antigo do archivo; e o primeiro documento que ahi está registado é de 4 de março do referido anno. D'esta data em diante cessam as nossas indagações sobre a legislação do Mondego, por ter sido colligida naquelle registro, onde os interessados a podem consultar; e nos abstemos aqui de a extractar para não tornar demasiado extensa esta memoria, em que especialmente procuramos recopilar a legislação passada em tempos remotos, que se encontrava dispersa, ou mais difficil de colligir.

Continua.

[1] Este diminuto extracto foi aproveitado do Repertorio das Extrav. art. *encanamento:* muito conveniente seria colher para o nosso trabalho todas as noticias que o decreto nos poderia fornecer, já para melhor podermos apreciar o estado dos campos em 1791, já para mais amplo conhecimento do plano da nova canalisação; porque nestes principios teriamos depois de fundar as nossas reflexões á cerca da bôa ou má execução do decreto; mas não podémos encontrar na sua integra esta peça legislativa, nem mesmo na secretaria das obras do Mondego. Entre outras faltas que temos a lamentar é a d'uma collecção completa de legislação.

[2] Secretaria das obras do Mondego liv. 1.° de registo fol. 3 e segg.

INFLUENCIA DOS ALIMENTOS NAS FUNCÇÕES MATERIAES E INTELLECTUAES DO HOMEM.

Continuado de pag. 165.

A despesa diaria em alimentos de respiração eleva-se ao quintuplo, e até ao sextuplo do peso das substancias plasticas. Por isso em tempo de carestia a falta dos primeiros é que se torna mais sensivel em todas as classes da sociedade, no entretanto que a gordura, e a manteiga encarecem junctamente com o trigo, e as batatas chegam a um preço comparativamente mais elevado que o do trigo: o preço da carne fica ordinariamente o mesmo que nos annos d'abundancia. Uma das causas que contribuem para esta circumstancia, é que o pão póde substituir a carne, mas em relação ás necessidades do homem não póde ser tão completamente substituido pela carne [1] Outra causa do baixo preço da carne, é que nos annos de más colheitas devidas a excesso de humidade, quando as plantas alimentares ordinarias não prosperam, ha todavia, em abundancia, forragem verde, trevo, herva, raizes. A carne conserva seu baixo preço porque o pedido della não sobe na mesma relação que o pedido do pão. Nos annos seccos, o agronomo não tem forragens; vê-se obrigado a matar o gado e vendel-o por qualquer preço, e o augmento da offerta faz então abaixar o preço ainda mais que nos annos ordinarios.

O homem carnivoro, para subsistir, precisa de um dominio immenso, bem mais extenso que o do leão e do tigre, porque mata sem comer, sempre que se lhe offerece occasião Uma nação de caçadores encerrada em um terreno limitado é incapaz de se multiplicar.

O carbono indispensavel para a respiração, tem de ser tomado nos animaes que n'um terreno dado só podem existir em numero limitado. Estes animaes recebem das plantas os principios de seu sangue e orgãos, e prestam estes principios aos indios caçadores, que os consomem sem mistura de substancias que entretenham a respiração d'aquelles animaes durante a vida. Assim que, no entretanto que o indio podia, com um só animal e peso egual de fecula, entreter a saude e a

[1] Eis ahi o que refere Mr. Darwin em seu incomparavel livro, tão rico de bellas observações feitas por occasião da sua estada entre os pampas.

« Conseguimos comprar aqui um pouco de biscouto. Havia muitos dias que não tinha comido senão carne, e dava-me bem com este regime, mas parece-me não convir se não a uma vida muito activa. Tenho ouvido que em Inglatarra certos doentes sujeitos exclusivamente ao regime de carne, chegam a não poder vel-a, ainda quando esperam com ella recuperar a saude. Todavia os pampas, mezes inteiros, não comem outra cousa. É porém de notar que comem muita gordura, e fazem pouco caso da carne magra. »

Homero, descrevendo os festins de seu herões, paga sempre um justo tributo de elogios á *gordura florida*, do lombo de porco.

vida durante certo numero de dias, ha mister de consumir cinco animaes para produzir o calor necessario no mesmo tempo. Em a nutrição do indio ha um excesso de alimentos plasticos, e quasi sempre falta dos indispensaveis para respiração; dahi vem existir nos homens carnivoros particular propensão para a aguardente.

Ninguem se expressa mais claro e profundamente sobre a utilidade da agricultura, do que um chefe americano, nas palavras que dirigiu aos missisagues, sua tribu. Ahi as transcrevemos quaes refere Crevecœur: « Não vedes que os brancos vivem de grãos, e nós de carne? que a carne exige mais de trinta mezes para se crear e muitas vezes é rara? que cada um dos maravilhosos grãos que elles semeam na terra produz mais do centuplo? que a carne tem quatro pernas para fugir, e nós só duas para a alcançar? que os grãos pousam e brotam onde os homens brancos os semeam? que o inverno é para nós o penoso tempo da caça, e para elles o tempo do repouso? Por isso é que elles tem tantos filhos e vivem mais tempo que nós. A todos os que me ouvem — antes que as arvores que assombram nossas cabanas tenham perecido de velhice, antes que o bordo do valle deixe de produzir assucar, a raça dos que semeam trigo extirpará a raça dos que comem carne, se estes caçadores se não resolverem a semear!... »

O indio despende em suas penosas caçadas uma consideravel porção de força, mas o effeito produzido é mui fraco e não está em relação á despesa.

Continúa.

GEOLOGIA DA LUA.

Dois naturalistas italianos publicaram ha pouco uma mui interessante memoria sobre os volcões da lua, distribuindo-os em tres classes. [1]

A primeira comprehende as *crateras* cujos bórdos desappareceram, a ponto que se confundem actualmente com as planicies, que os torneam. Uma *cratera* d'esta especie póde comparar-se a uma escavação, que indica o logar de um volcão, cujas lavas foram arrojadas para logares distantes. No polo do sul da lua, e sobre tudo proximo da grande mancha *Tycho*, são mui numerosos os volcões d'esta classe, o Tycho, porém, não entra nella.

Tem estes volcões um simile nos submarinhos, actualmente transformados em pequenos lagos.

As *crateras* d'esta especie estão todas dispostas á superficie da lua, seguindo certas direcções, como tendo por origem fendas abertas no corpo da lua, taes são, por exemplo, os pontos designados com os nomes de *Arzahel*, *Purbach*, *Alphonsus*, etc. A existencia de taes fendas póde explicar-se pela sublevação do *Tycho*, dos *Apeninos lunares*, e d'outros systemas de montanhas lunares mui elevadas, parallelas áquellas linhas de *crateras*, do mesmo modo que a longa serie de volcões da Italia segue a direcção dos Apeninos.

A segunda classe de volcões lunares comprehende os que apresentam os bordos das crateras elevados no meio das planicies, que lhe ficam em torno. Por via de regra tem uma fórma regular, e o terreno em redor vai-se elevando circularmente até ao pé do volcão, como se vê no *Tycho*, no *Copernico*, e no *Aristoteles*. A fórma regular d'estes volcões, parece indicar, que as suas dejecções não tomaram o caracter de lavas. As montanhas volcanicas ao S. E. de Roma são as analogas das lunares d'esta classe. O estado de conservação que se nota nestas *crateras* é uma prova de que as suas dejecções consistiram em materias escoriaceas, e essencialmente leves. Estes volcões são de data mais recente, e a elevação parece posterior á consolidação da superficie lunar, que deve ter experimentado alternativamente elevações e abatimentos á roda do seu centro, e de feito a altura do solo á roda do volcão é proporcional á elevação da sua *cratera*. Estes phenomenos devem ter produzido na superficie da lua mudanças tão profundas e tão intensas como a elevação das Andes sobre o nosso globo. A maior parte d'estas crateras, e das dos volcões da primeira classe apresentam no centro uma pequena ilha em fórma de zimborio de egreja, mui similhante ao dos antigos volcões terrestres, cujas crateras tem no centro uma rocha trachytica.

Os volcões lunares da terceira classe são raros, e mui similhantes aos que ás vezes surgem de repente em portos da superficie da terra, que pareciam estar a coberto de qualquer influencia volcanica. Estes volcões podem considerar-se como o derradeiro esforço das acções volcanicas quasi extinctas. Dispersos na superficie lunar, acham-se debaixo da fórma de trachytes, ou de lavas, particularmente na proximidade das crateras de *nivelamento*, ou da primeira classe, e alguns mesmo dentro das antigas crateras, mas não no centro, indicando que a epocha da sua apparição fôra posterior á completa consolidação d'aquellas primitivas crateras.

As cavidades dos volcões de terceira classe teem a fórma de uma pyramide conica inversa, e tanta profundidade como os nossos volcões em actividade.

Todos estes factos mostram a concordancia das acções volcanicas, na lua, e na terra, com a unica differença, que esta conserva

[1] Sur la Geologie de la Lune — par le P. Secchi, astronome, e M. Ponzi, geologue au collége romain.

volcões em actividade, em quanto os da lua são todos extinctos.

As formações plutonicas lunares circundam vastas bacias, e os seus pontos culminantes estão collocados parallelamente á linha dos volcões modernos.

Ponzi não nega a existencia da agua á superficie da lua; suppõe todavia, que está hoje no degelo, e que, exposta ao frio dos espaços planetares, não póde ser derretida pelos raios solares. Este intenso frio, e outras causas, que nos são desconhecidas, devem ter absorvido, e fixado todo o ar atmospherico, que outr'ora constituia a atmosphera da lua, do mesmo modo que as combinações chimicas, que tiveram logar, quando se consolidaram os nossos continentes, tem sensivelmente diminuido a extensão da atmosphera terrestre.

FALSIFICAÇÃO DO CHÁ.

Falsifica-se o chá, ou misturando nelle diversas preparações para lhe dar cheiro, e côr; ou fabricando-o com folhas de outras plantas.

Em Cantão e nas suas visinhanças dá-se côr ao chá com cûrcuma, gesso, annil, e muitas vezes com o azul de Prussia. A côr do chá verde é o resultado dos processos, de que John Davis nos dá a seguinte noticia. (*The chinese*, *tom* 3. *p.* 244.)

O chá, tal como se colhe na planta, é purificado, separando-lhe as sementes, e alguns ramitos da mesma ou d'outras plantas. As unicas qualidades que podem chamar-se naturaes são estas, colhidas nas diversas estações do anno; todas as outras são artificiaes. Lançam n'uma caldeira de ferro, posta sobre lume brando uma certa quantidade de chá (*Bohea Souchong*).

Mechem-se as folhas até se aquecerem uniformemente, lança-se depois uma colher de gesso, e outra de cûrcuma, e duas de annil em cada vinte libras de chá, meche-se tudo novamente por alguns minutos, e tira-se depois a caldeira do lume. As folhas do chá acham-se então contraidas pelo calor, e tomam formas e grossuras diversas; para separal-as passam-se por um crivo. As folhas pequenas e sobre o comprido, que passam primeiro pelo crivo, constituem a especie, a que se dá o nome de *Young Haysan*. As folhas que estão redusidas á fórma redonda granular, passam por outro crivo, e tem no mercado o nome *choo-cha*, ou *gunpowder* (polvora de artilheria).

O chá preto, e principalmente as variedades conhecidas com o nome de *congo* e *souchong* são as mais puras. De trinta e cinco amostras, Davis encontrára vinte e tres puras, e dôze falsificadas. As amostras alteradas pertenciam ás especies de cheiro agradavel. São d'este numero o *pecco*, *caper* e *chulan*. A falsificação consiste em tingir as folhas com a graphite, ou micaschisto pulverisado, ou annil e cûrcuma.

Ha em Inglaterra fabricas, que compram o chá, que já está esgotado pela infusão, para o preparar de modo que se confunde como o bom chá. No anno de 1843 só em Londres havia oito d'estas fabricas, além das que estão espalhadas por todo o reino unido. Nas hospedarias, e nas casas de bebidas comprava-se a quarenta reis a libra das folhas de chá, que já tinha servido, lançava-se de infusão n'uma dissolução de gomma, seccava-se depois, e junctavam-se-lhe differentes materias colorantes, segundo se queria obter o chá verde, ou preto. Feita esta preparação, misturam o chá com materias odoriferas. Esta fabricação foi prohibida, apezar d'isso, porém, continúa, ainda em grande escala aquelle abuso.

Falsifica-se tambem o chá, preparando as folhas dos álamos, castanheiros da India, chôpos, pilriteiros, e outras plantas adstringentes com os mesmos ingredientes, que o chá verdadeiro. Descubriu-se recentemente uma nova falsificação do chá ainda mais abusiva, felizmente, porém, pouco usada; consiste esta em misturar com o chá verde *gun powder* excrementos dos bixos da seda por causa da forma arredondada que elles teem.

(*Rev. des travaux chim. sept.* 1853.)

ILLUMINAÇÃO ELECTRICA.

Continuado de pag. 152.

Em abril de 1844, Mr. Foucault apresentou á academia das sciencias um apparelho denominado microscopio photo-electrico, cujos resultados produziram alguma sensação. A luz era branca, viva e de um brilho tão aturado que permittia observar commodamente os objectos microscopicos. O melhoramento da fonte luminosa era principalmente devido á natureza e fórma dos carvões com que estavam armados os polos da pilha. Aos cónes de carvão apagados no mercurio, havia Mr. Foucault substituido varas prismaticas quadradas de dous ou tres millimetros d'aresta, cortadas pelo lapidario na massa de graphite dura e pouco combustivel que se deposita nas paredes das retortas, onde é distillado o carvão com o fim d'obter gaz de illuminação. Em consequencia da sua conductibilidade, densidade e lenta combustibilidade, esta variedade de carbono, chamado *carvão de gaz*, até o presente é superior a qualquer outro que se póde empregar para obter a luz electrica. Cortado em longas varas sufficientemente delgadas e d'egual espessura em todo o comprimento, o carvão de gaz permitte que se opere muito tempo

ao ar, e a luz que brilha nas extremidades continúa a irradiar sem obstaculo em todas as direcções. Taes são as condições que deram á luz electrica o aspecto que hoje apresenta.

Operando ao contacto do ar, encontra-se o inconveniente do gasto progressivo e desegual dos carvões; por isso o apparelho era construido de modo que se lhe podesse aproximar a mão. Porém esta operação era delicada e difficil de executar: convinha isentar d'ella o operador, e tornar o apparelho independente d'este auxilio. Houve quem julgasse que a operação podia ficar a cargo de um machinismo previamente regulado pelo valor provavel do gasto que devia ser reparado; mas em breve se conheceu que esta relação não podia prever-se, e que o movimento do machinismo auxiliar sempre era mui lento ou mui veloz. O que convinha era um orgão susceptivel de ser impressionado pela mudança de distancia que se désse entre os carvões polares, e capaz de conter suas variações entre dous. limites estreitos. Apoz dous annos de assiduo trabalho, Mr. Foucault, em janeiro de 1849, apresentou um apparelho que resolve o problema satisfactoriamente. Esse aparelho destinado particularmente a experiencias d'optica, satisfaz tambem á condição de conservar immovel no espaço o ponto radioso que queremos empregar, de maneira que não sómente os carvões se conservam espontaneamente á distancia mais propria para excitar uma viva luz, mas além d'isso aproximam-se com velocidades que fazem respectivamente equilibrio ao gasto desegual de cada um d'elles.

Continúa.

VARIEDADES.

Paleontologia.

Creou-se recentemente em França uma cadeira de paleontologia no museu de historia natural, em logar da de botanica rural, vaga pela morte do celebre botanico Adriano de Jussieu. Eis aqui alguns trechos do relatorio do ministro da instrucção publica, que acompanhava o respectivo projecto:

« Uma das mais gloriosas conquistas da sciencia assignalou os primeiros annos do seculo XIX. Das entranhas da terra surgiram á voz de Cuvier reliquias de todos os reinos da natureza, que pertenceram ás edades ignoradas na historia do universo. Especies até então desconhecidas, appareceram de novo com sua primitiva organisação, e seu proprio caracter. Um methodo, que poderia dizer-se inspirado, e que a experiencia confirmára plenamente, chegára a reconstruir um mundo extincto, e a dilatar os limites dos conhecimentos historicos, com geral espanto, além dos tempos, que precederam a apparição do homem sobre a terra.

« Creada a sciencia paleontologica, logo a novidade e grandeza de seus resultados não só nas sciencias naturaes, mas até na historia e na religião, despertaram a attenção dos mais elevados engenhos. Os governos promoveram este importantissimo estudo, de que em muitos paizes se crearam cadeiras especiaes, sendo d'este numero a Inglaterra, Russia, Belgica, Prussia, Suecia e Estados-Unidos.

« Todavia a paleontologia não occupa ainda em França, onde esta sciencia nascera, o logar que lhe compete, e que já obteve n'outras nações, e apenas se estuda summariamente nos maiores estabelecimentos como introducção á zoologia, botanica, e geologia.

O ministro terminava este relatorio, propondo para professor da nova cadeira a Alcide d'Orbigny, bem conhecido por seus escriptos sobre a paleontologia, além d'outros trabalhos scientificos de egual monta. Um decreto imperial de 5 de julho ultimo, confirmou as propostas do ministro sobre a creação da nova cadeira, e designação do respectivo professor.

Rev. de Instr. Publ. n.° 14.

America.

Colombo, como é bem sabido, foi o primeiro que descobriu o novo mundo em 1492. Quanto a Americo Vespucci, a sua primeira expedição foi posterior á terceira de Colombo, e coincide com a de Alonso de Hojeda, e do celebre piloto Juan de la Costa. O mappa mais antigo, que conhece do novo mundo, é do anno de 1500, e é desenhado por Juan de la Costa. O nome de America apparece pela primeira vez no anno de 1520 no mappa mundi de Pedro Appiano, annexo á edição de Solino publicado por Camers em 1522, e no globo de Schoener de 1520, que se guarda na livraria de Nuremberg. Americo Vespucci morreu em 1512, a 20 de fevereiro, e por isso oito annos antes que o seu nome fosse dado publicamente áquella nova parte do mundo.

N.

A vaidade soffre de myopía: longe de si nada vê que avulte.

Quando não ha necessidade, o sabio cala, o nescio falla.

(A. A. de M. Carvalho.)

ERRATA DO N.° 14.

Pag.	*Col.*	*Linh.*	*Erros.*	*Emend.*
165	2.ª	46	Na sua corôa gloriosa d'escriptores não contam tanto a custosa perola os illustres AA. da originalidade, etc.	Na sua corôa gloriosa d'escriptores não contam tanto os illustres AA. a custosa perola da originalidade, etc.

CONTA da Receita e Despesa dos Hospitaes, annexos á Universidade, no trimestre de Julho a Setembro de 1853.

Receita

Saldo em cofre em 30 de Junho de 1853	219$770
Recebido do Thesouro em metal	1:122$000
Idem do cofre das rendas proprias dos Hospitaes	900$000
Idem da pagadoria da 2.ª Divisão por vencimentos militares	500$000
Eventual meia renda do cêrco de S. Jeronymo	9$600
Idem de dietas pagas por doentes do Hospital	3$100
Idem producto da venda de ramos de pinheiros cortados para lenha	3$800
	2:788$270
Alcance da Fazenda em 30 de Setembro	194$970
Reis	2:983$240

Despesa

Despendido com as comedorias dos Empregados	415$303
Idem com as dietas aos doentes	1:554$237
Idem em combustivel e illuminação	161$500
Idem em utensilios	123$110
Idem em reparos nos Edificios	121$155
Idem em camas e roupas	285$155
Idem em guizamentos das Capellas	3$145
Idem em vestuario dos Lazaros do numero	6$750
Idem com os ordenados dos mezes de Julho e Agosto	187$885
Idem com o Dispensatorio Pharmaceutico pela 4.ª parte dos vencimentos militares	125$000
Reis	2:983$240

MAPPA do movimento dos doentes, nas enfermarias dos Hospitaes da Universidade, no trimestre de Julho a Setembro de 1853.

										LAZAROS																			
HOMENS					MULHERES					HOMENS					MULHERES					SOLDADOS					TODOS				
Existiam.	Entraram.	Saíram.	Morreram.	Existem.	Existiam.	Entraram.	Saíram.	Morreram.	Existem.	Existiam.	Entraram.	Saíram.	Morreram.	Existem.	Existiam.	Entraram.	Saíram.	Morreram.	Existem.	Existiam.	Entraram.	Saíram.	Morreram.	Existem.	Existiam.	Entraram.	Saíram.	Morreram.	Existem.
105	360	330	38	97	63	336	269	20	110	17	1	0	2	16	11	1	1	1	10	7	29	26	1	9	203	727	626	62	242

Hospital 30 de Setembro de 1853.

O Conselheiro *João Alberto Pereira d'Azevedo*,
Director da Faculdade de Medicina e Hospitaes.

Herculano Aprigio Alves d'Araujo Santa Barbara,
Cartorario da Fazenda dos Hospitaes.

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

CONSELHO SUPERIOR DE INSTRUCÇÃO PUBLICA — RELATORIOS.

INSTRUCÇÃO SUPERIOR.

Conferencia de 31 de outubro de 1853.

Senhores! Pelo art. 39. do regulamento de 10 de novembro de 1845, está ordenado, que as secções do Conselho superior de instrucção publica, fundadas no relatorio do secretario, organisarão o seu respectivo relatorio para ser lido nas conferencias do conselho geral, depois d'approvado pelo conselho ordinario: e pertenceu-me appresentar-vos hoje o relatorio da terceira secção, que tem a seu cargo especial a instrucção superior.

Á secção d'instrucção superior pertence a universidade, e as escholas medico-cirurgicas de Lisboa e Porto, e polytechnica da mesma cidade, tambem a eschola medico-cirurgica do Funchal, mas só da medico-cirurgica do Porto chegou por ora o relatorio á secretaria d'este conselho, de nenhuma das outras chegou por ora; e acredita o conselho, que mui graves e justas serão as causas de tal demora, visto o zelo pelo serviço de todas essas escholas e seus chefes, e a pontualidade, com que costumam cumprir os seus deveres.

Em tempo d'uma dictadura, cujos actos foram sanccionados pelo poder legislativo, nos fins de 1836 e principios de 1837, se fizeram grandes reformas em todos os tres graus, e sobre todos os ramos d'instrucção publica; mas o assumpto é tão grave, tão vasto, e tão melindroso, que os legisladores, prevenindo que em alguns pontos escapariam imperfeições, commetteram á experiencia dos conselhos escholares, e fiscalisação do conselho superior, apontarem as que forem descobrindo, e a par dellas os remedios que parecessem melhores.

Em 1844 na epocha d'outra dictadura, sobre oito annos d'experiencia fôram decretadas, e convertidas em lei, novas reformas, modificando-se algumas das precedentes; mas ainda nem todas estas produziram bem, nem satisfizeram ás necessidades todas.

Por varias vezes, e sobre muitos e variados pontos o conselho superior d'instrucção publica tem representado a Sua Majestade a necessidade de melhoramentos, alterações, e legislação nova sobre instrucção publica: e Sua Majestade tem tomado na sua alta consideração diversos assumptos, dos quaes já propoz uns ao poder legislativo, e tem pendentes outros da sua real resolução.

Por proposta d'um deputado lente da eschola polytechnica de Lisboa, e que o fôra d'esta universidade, o doutor Guilherme José Antonio Dias Pegado, o poder legislativo na sessão de 1853, já creou por lei de 13 d'agosto ultimo, na faculdade de direito da universidade, mais uma cadeira expecial para o ensino de direito administrativo, e mandou formar com ella um curso especial, em que se professem as habilitações indispensaveis para as carreiras d'administração geral. A faculdade de direito já fez nova distribuição de cadeiras, e combinação de disciplinas, e collocou no anno que lhe pareceu mais proprio a cadeira de direito administrativo, na qual desde a abertura das aulas no anno lectivo, que vai correndo, se ensina o direito administrativo: e o Conselho superior d'instrucção publica cumpriu logo as ordens de Sua Majestade, formulando e propondo o regulamento para a boa execução dessa lei, e creação do curso administrativo, elevando-o á soberana presença de Sua Majestade, com consulta de 15 de setembro ultimo.

Com data de 17 d'agosto ultimo o poder legislativo legislou sobre — jubilações, aposentações, vencimentos dos professores em casos de licença, molestia, commissão do governo, e dos substitutos pela regencia de cadeiras, e julgamento pelos crimes especiaes dos professores; e o conselho superior d'instrucção publica tem já tão adiantados os respectivos regulamentos, que espera em breve eleval-os á augusta presença de Sua Majestade: teriam até subido já, se em assumptos tão graves não estivesse o conselho aguardando resoluções previas de Sua Majestade sobre algumas duvidas ponderosas.

O poder legislativo por lei de 19 d'agosto ultimo, providenciou á cerca da creação da classe de substitutos extraordinarios na universidade, e provimentos dos logares do magisterio; mas como para se formar os respectivos regulamentos é preciso, segundo a mesma lei, ouvir o claustro pleno da univer-

sidade, e os conselhos das escholas; e conselho superior d'instrucção publica aguarda os pareceres desses corpos scientificos. É publico e notorio, que no claustro pleno da universidade já se trata desse assumpto, e tão de pressa cheguem os pareceres delle, e os das escholas, a que este conselho logo se dirigiu para havel-os, immediatamente tratará de formular, e propor a Sua Majestade os respectivos regulamentos para boa execução dessa lei.

Na eschola medico-cirurgica do Porto todo o serviço do anno lectivo de 1852 a 1853, foi feito com toda a regularidade, como se vê do respectivo relatorio. Nella se matricularam 77 alumnos, dos quaes foram approvados nos exames do fim do anno 54, a saber: 6 com louvor, 40 plenamente, e 8 pela maior parte; e reprovados 7: os outros ficaram esperados, como tudo consta pelo mappa, que acompanhou o relatorio.

Na eschola de pharmacia annexa matriculou-se 1; terminaram o curso, e fizeram exame sendo approvados plenamente 3; e fizeram exames com os oito annos de prática nas boticas particulares, 8, dos quaes foram approvados plenamente 3, pela maior parte outros 3, e reprovados 2.

O curso de parteiras annexo teve uma matriculada, a qual ficou esperada para fazer exame.

Vieram juntos com o relatorio mappas estatistiticos da clinica-medica e da clinica-cirurgica, e da enfermaria do Porto, pelos quaes se vê que houvera abundancia, e grande variedade d'exemplares para o ensino.

Continuou-se, como nos annos anteriores, a repetir no 2.º anno do curso o estudo a exame de anatomia, e a fazerem-se os exames das duas clinicas pelo methodo prescripto nos estatutos da universidade, disposições que são da competencia do conselho da eschola pelo art. 96. do decreto com força de lei de 5 de dezembro de 1836, artt. 158., 159. e 164., do de 13 de janeiro de 1837, além do regulameeto especial de 23 d'abril de 1840

O conselho da eschola já alcançou de Sua Majestade a concessão de parte da cêrca dos extinctos carmelitas do Porto, para levantar um edificio appropriado para a eschola; e continuam-se diligencias para alcançar meios para levar ao fim tal empreza. Insta pela sancção d'um regulamento para o conselho do governo medico do hospital de Santo Antonio; e por providencias, que ponham cobro ao abuso de se celebrarem exames de parteiras fóra da eschola: e o conselho superior d'instrucção publica não póde deixar d'unir seus votos perante o governo de Sua Majestade, para que sejam attendidas estas justas supplicas da eschola. Tambem reproduziu suas queixas contra o systema d'estudos dos pharmaceuticos, que são admittidos a exame com frequencia e prática de oito annos nas boticas particulares; e reclama, além da prática rutineira, certas habilitações para serem admittidos a exames; mas o conselho superior d'instrucção publica já sobre este assumpto representou e elevou á augusta presença de Sua Majestade o projecto em abril ultimo, e espera que quando Sua Majestade houver por bem resolver sobre elles como entender em sua alta sabedoria, cessarão os motivos das queixas do conselho escholar. Ultimamente reclama uma classe d'aspirantes aggregados ao magisterio, por que chamados a concurso para um logar vago de demonstrador de cirurgia, compareceram seis oppositores; mas nenhum d'elles satisfez ás provas de modo, que podesse ser proposto; mas como é objecto, que pertence ás côrtes, o governo de Sua Majestade certamente o tomará na devida consideração, para sobre elle fazer as convenientes propostas de lei, como entender na sua alta sabedoria.

Pela terceira secção do conselho superior d'instrucção foram elevados á augusta presença de Sua Majestade, desde 15 d'abril até ao presente, 26 consultas e 64 ordens para concursos.

MEMORIAS HISTORICAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA.

V.

Segunda trasladação da universidade de Coimbra para Lisboa.

1481 — 1521.

Continuado de pag. 176.

Acabámos de ver qual era o estado da universidade nos ultimos annos do reinado de Affonso V. Depois d'esta epocha nenhuma grave mudança litteraria occorrêra no estudo geral de Lisboa, até que D. Manoel lhe deu novos estatutos; pelo menos o silencio de todos os documentos contemporaneos, parece, indical-o assim.[1] Os abusos que, com o andar dos tempos, se teriam provavelmente introduzido na legislação academi-

[1] Do tempo de D. João II. só achámos noticia de duas cartas regias, contendo algumas providencias mais importantes, uma de 19 de fevereiro de 1491, mandando applicar para a construcção de umas carniçarias, e compra de um relogio para a universidade, as sommas, que n'ella existiam, e que, tivera por noticia, se despendiam sem proveito do estudo: outra de 7 de setembro de 1494, advertindo á universidade, que não consinta, que os malfeitores se recolham ao bairro escholar, para escapar ás justiças ordinarias, aliás proveria nisto, como conviesse, apezar de ser *coutado* aquelle bairro. Esta mesma providencia se repetiu por carta de D. Manoel de 28 de fevereiro de 1496. = Figueirôa, *Mem. ms.*

ca; a falta de mestres habeis[1], e, por ventura tambem o progresso das sciencias no meio da reforma religiosa, e das grandes descobertas, que assignalaram o seculo XV., tornavam inevitavel a reforma do estudo geral, cujo governo até ali pertencêra exclusivamente aos escholares. Tinham estes o privilegio de fazer por si os seus estatutos, e n'esta posse estavam, quando D. Manoel determinou reformar o estudo geral, dando-lhe novos estatutos por onde se regesse. Não se contentára, porém, este principe de coarctar só n'este ponto o poder do corpo escholar; mas, querendo, talvez, tornar mais duradoura a sua obra, ou prevendo os abusos, que o espirito de parcialidade poderia de futuro introduzir no estudo geral, reservou só ao rei ou protector a faculdade de fazer novos estatutos, quando parecesse necessario, ou fosse requerido pelos escholares.[2]

Cerceada assim a auctoridade do corpo escholar em materia de tanto momento, acabára quasi de todo a liberdade e independencia, de que elle gozára por quasi dois seculos. Fôra, porém, esta reforma feita a aprazimento dos escholares, ou opporiam elles grande resistencia ao novo estatuto? É o que não póde hoje averiguar-se com certeza. Todavia é mais provavel, que uma tal reforma, que alterava muito a antiga disciplina academica, e a administração do estudo, encontraria grave reluctancia entre os escholares, ciosos sempre das suas prorogativas.

Augmentára o novo estatuto os salarios, e numero das cadeiras[3], regulando tambem o tempo da leitura em cada aula, segundo a graduação dos lentes[1], que, no fim das lições, tinham obrigação de responder ás duvidas e perguntas dos seus ouvintes. O grão de bacharel conferia-se aos alumnos, que tinham cursado cinco annos em theologia, direito, ou medicina, e tres, sendo em artes; antes, porém, de receber este grão deviam os escholares ler publicamente sobre as materias dos cursos tres lições, com argumentação. E este era o unico acto que havia na universidade até ao bacharel. A prova d'anno fazia-se por juramento de testemunhas perante o bedel, que servia ao mesmo tempo de escrivão do estudo, e o reitor, ou mestre que dava o grão: podiam tambem receber este grão os que, não tendo completado os seus cursos, com tudo o mestre jurava, que eram *sufficientes*. Aos theologos e canonistas não se conferia o respectivo grão, sem serem bachareis em artes. O curso n'esta faculdade constava de um anno de logica, em que ouviam as lições d'esta cadeira, e provavelmente da de philosophia moral, e dois de philosophia natural. Em theologia lia-se o *mestre das sentenças*, e talvez mais tarde, a Escriptura[2]. O curso dos canonistas versava sobre o *decreto*, e o texto dos medicos era o Avicena. Do grão de bacharel dos legistas não faz menção este estatuto, mas é provavel que no seu curso seguissem o digesto, e o codigo.

Para receber o grão de licenciatura; cursavam os bachareis tres annos em artes, e quatro nas outras faculdades, ouvindo as lições de *prima*. Acabados os cursos, defendiam umas conclusões, em que argumentavam os mestres e doutores, mas não se votava depois deste acto, que era de méra ostentação. Os pontos para o exame privado tiravam-se dois dias antes com assistencia do cancellario; que tinha o primeiro logar no estudo, reitor e mestres.[3] E ao segundo dia depois de vesperas ia o licenciando, á sé com solemne acompanhamento de toda a universidade fazer duas lições, de uma hora cada uma, sobre aquelles pontos.

[1] D. João II. não quizera prover as cadeiras de *prima e vespera* de leis nos oppositores que a ellas concurreram, mandando vir lentes da Salamanca. Não chegaram, porém estes a vir, e D. Manoel as mandou provêr nos oppositores, que havia, em que entravam alguns Italianos (C. de D. Manoel de 11 de dezembro 1495.)

[2] Estatutos de D. Manoel, *ms.* original no cartorio da universidade — Não tem data este documento; deveria, porém, ser publicado entre 1500 a 1504, porque n'aquelle anno foi eleito reitor o bispo de Fez, o que provavelmente não teria logar antes d'aquelles estatutos, que mandavam eleger para o referido cargo *um fidalgo, ou pessoa constituida em dignidade*, sendo que até ali eram eleitos simples escholares. E na carta de nomeação do mestre fr. João Claro, para lente de vespera de theologia, cuja cadeira fôra estabelecida pelos ditos estatutos, a qual é de 5 de janeiro de 1504, se lê — « ordenamos « por lente da cadeira de vespera, — *que hora novamente « ordenamos* no estudo desta nossa cidade etc. » — Brandão, Mon. Lusit. P. V. liv. 16.

[3] Havia pelos estatutos de D. Manoel as seguintes cadeiras na universidade; a de *prima* e *vespera* em theologia; em canones, e leis, além d'estas, a de *terça*; em medicina de prima, e vespera; em artes uma de logica, outra de grammatica, e duas de philosophia moral, e natural. As cadeiras de vespera de theologia, e a de philosophia moral foram creadas de novo.

Os lentes de prima de theologia, canones, e leis tinham de ordenado trinta mil reis cada um; vinte os de vespera, e dez os de terça de canones e leis. O lente de prima de medicina tinha vinte mil reis, e o de vespera quinze: vinte mil reis os lentes de philosophia moral, e natural, e dez os de grammatica e logica. (*Estat.* cit.)

[1] « Ordenamos que os lentes de prima leam cada dia, que fôr de leer quasi hora e mea, e os outros lentes uma hora, os quaes lentes começaram a ler um dia depois de S. Lucas, e continuarão até Santa Maria de agosto inclusive, e somente guardarão as festas, que se guardam na nossa relação. » (*Estat.* cit.)

[2] « ...... *se houver cadeira de biblia.* » *Id.*

[3] « ...... Nestes dois dias (de ponto para exame privado) enviará (o bacharel) a cada mestre ou doutor uma canada de vinho branco, e outra de vermelho bom, e uma galinha, e ao reitor, escrivão e bedel, e levarão isto dobrado o camcellario, e padrinho ...... O dia seguinte depois dos pontos, á tarde, irão os mestres, ou doutores da faculdade, e assi toda a universidade a casa do bacharel, e o bedel com a sua massa, e os mestres ou doutores em seu habito irão todos ordenadamente pera a sée, e ante elles irão moços com tantas tochas, quantas são necessarias, duas pera o camcellario, duas pera o padrinho, e reitor, e mestres ou doutores da faculdade senhas tochas e ó bedel outra, e a cada um d'estes uma caixa de *comfeytos*, e farão de tal maneira, que entrem em exame um pouco antes de sol posto etc » *Id.*

Concluidas as lições, retirava-se o licenciando, em quanto os mestres tomavam uma consoada, e se dispunham os argumentos, que eram pelo menos quatro, começando pelo doutor mais moderno, para o que era novamente chamado o licenciando. Findo este acto, conferiam os mestres entre si sobre o merito do candidato, e passavam depois á votação, que o bedel lançava no livro.

N'estes actos versavam as lições em artes sobre dois pontos de logica, e philosophia natural, em theologia sobre dois livros do mestre das sentenças; para os canonistas eram as lições nas *decretaes* e no *decreto;* para os legistas no codigo e no digesto *velho;* e para os medicos em Avicena, e na *arte*. Não raro se dispensava a frequencia dos cursos, para a repetição, aos bachareis, mediante tres lições, que elles faziam publicamente, e em que podiam argumentar os outros escholares. Os que depois d'esta prova eram julgados *sufficientes*, podiam defender conclusões e fazer exame privado. Aquelle acto chamava-se de *sufficiencia*.

O doutoramento era na sé. O reitor e toda a universidade acompanhava processionalmente de caza até á cathedral o doutorando, que ia de capello, e vestido rossagante. Celebrava-se ali missa do Espirito Santo, finda a qual, tomavam todos os seus logares, e o doutorando fazia uma breve lição, em que argumentavam o reitor, e mestres da faculdade, distribuiam-se então propinas ao cancellario, reitor, mestres, bachareis, e fidalgos, que estavam presentes [1]; seguia-se uma oração laudatoria do graduando, que recitava um doutor, e logo o doutorando prestava o juramento do estilo, e recebia de joelhos as insignias doutoraes, e o osculo, que lhe dava o lente, que servia de padrinho.

As cadeiras e substituições eram providas por concurso, que durava vinte dias, e constava de tres lições, em que os oppozitores argumentavam entre si: o que obtinha maior numero de votos era provido pelo reitor, e confirmado pelo rei ou pelo protector. N'estes concursos vota o reitor, todos os lentes da universidade, os bachareis que já não cursavam, e os estudantes da respectiva faculdade, que já tivessem completado dois cursos. Os oppositores ás cadeiras deviam pelo menos ser bachareis, e os lentes de prima, não sendo doutores, eram obrigados a graduar-se dentro de um anno da sua promoção. [2]

Tal era em summa a organisação litteraria da universidade no periodo, que vamos escrevendo. Alguns annos depois (1518) se crearam

[1] Neste acto davam-se luvas a todos os bachareis; e aos licenciados e doutores, além das luvas, barretes; aos fidalgos, e officiaes do estudo luvas, e o cancellario, e padrinho tinham dobrada propina de luvas e barretes. Para a arca do estudo pagava o doutorando cinco debras de ouro de banda, e tres mil reaes ao bedel em logar da veste forrada, que pelos antigos estatutos se lhe dava.

[2] *Estat.* cit.

as cadeiras de *sexto* das decretaes, e de astronomia, que fôra provida com oito mil reis de ordenado, e obrigação de ler uma vez por semana, em mestre Filippe, doutor em medicina [1], a quem succedêra Thomaz Torres, medico e astrologo mui afamado n'aquelles tempos, que fôra mestre do principe D. João. [2] Instituira tambem D. Manoel um collegio de estudos, com o titulo de S. Thomaz, no convento de S. Domingos de Lisboa, para collegiaes dominicos e jeronymos. [3] E é muito provavel, que elle fosse incorporado na universidade, como succedêra com o dos menoritas. Ao mesmo tempo mandáia elrei vir de França o doutor Diogo de Gouvêa, theologo na universidade de Paris, para se oppôr á cadeira de vespera de theologia [4], de que fôra primeiro lente fr. João Claro, varão mui douto e consumado nas letras sagradas. [5] Assim tudo parece indicar o adiantamento dos estudos academicos n'esta epocha, a pesar dos errados e viciosos methodos de ensino, que por muito tempo dominaram nas escholas.

No governo economico da universidade, os novos estatutos tinham feito uma grave mudança. A eleição dos lentes e de todos os empregados [6] ficára dependente da confirmação regia. Os reitores, que até esta epocha foram quasi sempre eleitos d'entre os escholares, que ainda cursavam, deviam ser pelos estatutos pessoas nobres, ou constituidas em dignidade. N'esta eleição, que se fazia vespera de S. Martinho, votavam sómente os conselheiros e deputados, com o que ficaram privados os escholares de uma das suas

[1] Por C. R. de 26 de abril 1518 foi creada a cadeira de *sexto* das Decretaes, e por outra carta de 29 de outubro do mesmo anno a de mathematica.

[2] Thomaz Torres tomou posse em 19 de outubro de 1521 da cadeira de astronomia, que leu até 1537 — Figueirôa, *Mem. ms.*

[3] Em 28 de janeiro de 1517 se abriu o estudo d'este collegio, o primeiro que n'este reino tiveram os dominicos, e jeronymos. — L. Ferreira, Notic. da univ. n.º 981.

[4] Diogo de Gouvêa, foi reitor do collegio de Santa Barbara em Paris, e conego da sé de Lisboa. Alguns AA. confundem este doutor com outros dois, que houve do mesmo nome, e dos quaes um, sobrinho do antecedente, foi prior mór de Palmella, e o ultimo foi lente na universidade, depois de trasladada para Coimbra. — L. Ferreira, Notic. da univ. n.º 965. e Figueirôa, *Mem. ms.*

[5] Visch. Biblioth. ord. cisters. = Alcobaça Illustr. tit. XII. — Fr. João de Magdalena, eremita de S. Agostinho, que occupou a cadeira de prima de theologia até 1515, em que falleceu, gosava tambem a reputação de varão douto, e mui versado nas letras humanas.

[6] Tinha a universidade, além do reitor, e dos conselheiros, deputados, e bedel, os seguintes officiaes: dois taxadores, eleitos annualmente com os conselheiros; dois almotaces; saccador do recebedor; enqueredor, guarda das escholas, solicitador, conservador, e chanceller, que era sempre o lente de prima de leis, segundo os estatutos, e na conformidade da C. R. de 5 de dezembro de 1507, em que elrei mandára á universidade a estampa do sello, de que ella devia usar; e por este encargo tinha o dito lente tres mil reais: o conservador recebia seis mil de ordenado; o bedel tres mil, e mais cem reais de cada lente, pela carta que lhe passava.

melhores regalias. Para este cargo e para o de vice-reitor não podiam ser eleitos os lentes. Os conselheiros eram eleitos na mesma occasião, em numero de seis, pelos do anno antecedente com o reitor. A eleição dos deputados fazia-se vespera de S. Lucas, em conselho de conselheiros. Os deputados eram em numero de dez, cinco lentes, e cinco do corpo escholar.

O reitor com os conselheiros entendiam sobre o governo litterario da universidade, e eram por isso escolhidas sempre para este cargo as pessoas mais auctorisadas do estudo. O conselho dos deputados provia á administração economica da universidade, e corria com todos os negocios, que diziam respeito á sua fazenda.[1]

Por esta fórma ordenou D. Manoel as cousas do estudo geral, sob sua auctoridade e inspecção E póde com verdade dizer-se, que se a nova reforma acabára com muitos dos privilegios dos escholares, nem por isso os estudos ganharam menos com a protecção, que o rei lhe liberalisára.

Com taes disposições era natural, que muitos, que iam estudar, fóra do reino, demandassem agora com preferencia as aulas da universidade de Lisboa, attrahidos pela fama dos seus novos estudos, por cujo motivo, provavelmente, doára este principe á universidade umas casas, para ali se estabelecerem *escholas geraes*, com maior largueza, junto das que o infante D. Henrique doára tambem ao estudo de Lisboa, e nas quaes até áquella epocha estiveram as escholas, no bairro d'Alfama a S. Vicente de Fóra, onde ainda hoje se conservam vestigios do edificio, que D. Manoel mandára levantar.[2]

Vimos já qual fôra o resultado da contenda suscitada entre a universidade, e os prelados e cabbidos do reino, por causa da posse das conesias no pontificado de Sisto IV. Era então lastimoso o estado de ignorancia de todos os cabbidos de Hespanha e Portugal, na maior parte dos quaes não havia um unico letrado. Para remedíar tão grave falta ordenára aquelle pontifice, que em todas as cathedraes de Castella e Leão, os prelados e cabbidos provessem por concurso duas prebendas, uma n'um mestre ou licenciado theologo, a qual por isso se chamou *magistral*; e outra, que teve o titulo de *doutoral*, n'um doutor ou licenciado em direito canonico, ou civil.[1] Em quanto isto se passava no reino visinho, o clero portuguez conseguira á força de manejos e intrigas fazer revogar a bulla d'este pontifice, que annexara á universidade algumas prebendas, como tivemos já occasião de referir. N'este ponto estavam as cousas, quando Alexandre VI. a instancias de D. Manoel estabeleceu em todas as cathedraes d'este reino as prebendas para mestres theologos, e doutores juristas, pela mesma fórma que Sisto IV. ordenára para as egrejas de Hespanha.[2] Tal foi a origem das conesias *magistraes*, e *doutoraes*, cuja appresentação veiu a passar para a corôa na regencia da rainha D. Catherina, como adiante teremos occasião de notar. Alguns cabbidos cumpriram sem difficuldade esta bulla, mas n'outros só ao cabo de muitos annos é que veio a ter execução.

Não cessavam entretanto os escholares de requerer a conservação dos seus privilegios, queixando-se dos almoxarifes e officiaes das alfandegas, que lhes faziam pagar dizima e portagem das cousas que lhes vinham, ou por terra, ou por mar, para seu mantimento. Não duvidou o rei deferir á pertenção dos escholares, mas com clausula tal, que faz suspeitar do abuso que haveria na introducção de mantimentos, ou fazendas de fóra do reino, que a titulo de serem destinadas para a universidade, eram subtraidas aos direitos das casas fiscaes.[3] Isentou tambem D. Manoel os lentes e mais pessoas da universidade, de concurrerem para as despesas dos baluartes, que mandára fazer na cidade do Porto.[4]

O complexo de todas estas providencias é um claro indicio do progresso dos estudos n'esta epocha, de verdadeiro renascimento para as letras e para as sciencias, em que Portugal tanto se avantajára ás mais nações da Europa.

Continíúa. J. M. DE ABREU.

A GERAÇÃO NA SUA SUBJECTIVIDADE

Continuado de pag. 163.

Na realidade o homem, além de começar pelo fluido e percorrer diversas fórmas *como repetindo* as outras series, em si mesmo apresenta a expressão do que affirmamos. Se graficamente apresentar-mos a hypothese melhor

[1] Regulou tambem este estatuto as obrigações dos officiaes do estudo, as procissões, missas e pregações, que havia de haver cada anno, o modo de prover nas faltas dos lentes, o habito que usariam nos actos scholasticos, a ordem que deviam guardar nos assentos, as jubilações, a fórma dos arrendamentos, etc., etc.

[2] « Fazemos merceê e doação á dita universidade de outras casas em logar, que parece mais conveniente, edificadas em fórma e disposição de escholas geraes. » — *Estat. cit.*

Em 18 de janeiro de 1503 comprou D. Manoel ao condestavel D. Affonso, umas casas, que foram do infante D. Henrique, e as doou á universidade para o mesmo fim. A universidade comprára tambem duas moradas de casas para a obra das escholas geraes, em agosto do anno antecedente. — Figueirôa, *Mem. ms.* — L. Ferreira. Notic. etc., n.° 926 e seg.

[1] Breve de Sisto IV. do 1.° de dezembro 1474 — Garcia, de Benef. P. 5.ª cap. 4.°

[2] Breve de Alexandre VI de 23 de junho de 1496, citado por Figueirôa, Origem das Conesias mag. e dout. *Ms.*

[3] Prov. de 6 de outubro de 1515, e C. de 3 de setembro de 1519. — Leitão Ferreira, Notic. da univ. n.° 962.

[4] C. R. de 4 de dezembro 1507.

se conceberá o que dizemos. Supponhamos um centro *c* e um raio *m*, um representando o ether ou indifferença de forças, outro representando o mesmo ether polaridade ou força; é claro que o raio, descrevendo um primeiro circulo, representa as forças inorganiças, e o circulo, o reino inorganico visto que este é o primeiro ensaio de vitalidade: a força adquirindo maior polaridade será representada pelo prolongamento de *m*, e se tornará em $v 7 m$, o circulo que elle descrever representará o reino vegetal; continuando o aperfeiçoamento *v* se tornará em $a 7 v$, e o circulo correspondente será a animalidade — *a* augmentando *a* até *h* o circulo descripto será o homem — a verdade d'esta expressão demonstra-se pelo principio das determinações do ether. Vejamos se a lei do inferior no superior se verifica no homem. O centro commum é o deposito das forças, o centro cephalo-rachidio; o circulo *m* é o systema osseo; o circulo *v* são as visceras; o circulo *a* é o systema muscular, typo generico da animalidade. Ainda podiamos em abono d'esta opinião trazer o systema de Carus a respeito do reino animal, elle porém é bem conhecido, e por isso sua exposição desnecessaria.

A força de tensão do raio dos circulos *h*, *a*, *v* expressa pela força de *impulsão*, cujo resultado é um circulo ou a vida representa a geração, a força resultante da impulsão ou a força continuada é a nutrição, continuação da geração; foi a exageração d'esta verdade que levou Blanville a dizer — a vida é a nutrição, expressão concisa mas não completamente exacta.

Não definimos a geração a função pela qual os seres vivos se reprodusem e a especie se perpetua, porque julgamos não comprehender todos os casos de geração como, por exemplo, as hybridas: não fallamos das gerações espontaneas porque são talvez mais uma creação, como diz Raspail, do que uma geração. A heterogenia faz-se debaixo de influencias externas em quanto a geração se faz pela influencia da vida: n'esta ella é fim e meio, n'aquella é meramente fim: e ainda que se digam materias organicas causa da heterogenia, nem por isso cabe nossa asserção.

Se houveramos de traçar um quadro da vida, não duvidariamos encetal-o pela geração como Burdach, por ser o principio da existencia, o facho resplandecente da vida que alumia as densas trevas da inorganisação: não se pense com tudo que haja uma inorganisação absoluta, é uma idêa relativa; o mineral vive a vida universal, é a sua primeira potencia V em que V^a designa a possibilidade infinita de manifestações, e V^a sendo $a 7 1$ e que todo qualquer valor de x, a vida propriamente dicta, cujas diversas modalidades são expressas pelos valores intermediarios a V e V^a.

É de notar que quando dissemos que a geração devia ser o primeiro ensaio do physiologista, fallavamos d'um tratado completo de physiologia, e não de uns *elementos*, alias seria um absurdo encetar o estudo pela funcção, mais complexa e mais delicada, cuja essencia nos é desconhecida, e em que tantos physiologistas tem errado ou nada adiantado; foi esta a razão, porque não entrámos na essencia dos phenomenos da geração, mas só examinámos a sua parte philosophica, isto é, seu fim nas relações com as leis geraes da creação.

A. M. D. JORDÃO.

P. OVIDIO NAZÃO:

Dos Tristes — Livro 3.º: Elegia 7.ª

ARGUMENTO.

Ovidio, escrevendo esta elegia a sua filha, ou enteada Perilla, confessa-lhe que não obstante haverem-lhe provindo desastres do commercio com as Musas, com ellas continúa ainda a entreter-se. Exorta-a depois a que faça outro tanto na certeza, de que, dahi lhe resultará a immortalidade: devendo contar que o tempo e a velhice lhe hão de destruir a sua formusura; quando pelo contrario, os dons do engenho serão sempre indestructiveis.

Mensageira fiel dos meus discursos,
Vai rapida saudar, ó carta minha,
A Perilla, a quem juncto á mãe fagueira,
Ou sentada acharás, ou entre os livros,
Ou com as Musas amigas conversando.
— Qualquer que seja o emprego seu, a tudo,
Sabendo que és chegada, porá termo:
Da tua, em continente, vinda a causa,
Inquirirá, e como o tempo emprégo:
Dir-lhe-has, que vivo, mas que não quizera
Antes viver assim: que os infortunios
Meus um longo soffrer não suavisa;
Mas, com quanto das Musas maltratado,
D'ellas na convivencia inda prosigo:
Que, em alternado metro ainda componho;
Elegia c'os versos: mais lhe dize:
» Os estudos cummuns ainda cultivas,
» E, não como teu pai usava, cantas,
» Bem doutrinada, sonorosos versos? »
Pois são costumes deu-te a natureza
Com face honesta, raros dons e engenho,
Ás pegasidas aguas o primeiro,
Eu fui quem te guiou; para que a vêa;
De tão fecunda fonte não secasse:
Sim, o primeiro eu fui, a quem patente,
Se fez teu estro nos virgineos annos,
E, além de pae, teu fui e guia e socio.
— Se pois no peito fógos taes conservas,
Da Lesbia poetisa os cultos versos,
Sós vencer poderão as obras tuas:
Mas da fortuna minha temo adversa,
Te não tenham inerte feito os casos.
— Vezes muitas em quanto o quis a sorte,
Lia-te os versos meus, os teus me lias,
Era, ou já teu juiz, ou já teu mestre:
A teus versos prestava attento ouvido,
Ou, de os compores quando desistias,
D'isso era eu causador; porque a vergonha,

De t'es não aprovar te dominava.
— O mal vendo talvez, que os meus escriptos,
Em mim tem produzido, os damnos tenhas,
Receado tambem de igual castigo.
Nada temas, Perilla, só procura,
Com elles não transpôr as do teu sexo,
Balisas, nem a amar nelles ensines.
— As causas da preguiça pois afasta,
E ás, em que és peritissima, artes bellas,
E das Musas aos cultos sacros volta:
Longos annos volvidos tua face,
Hoje tam linda, tornar-se-ha disforme,
Rugas te engelharão senís a fronte,
E a velhice damnosa, sem que o sintas,
Movendo os passos, na belleza tua
Estragos obrará com impia dexta:
E quando alguem disser. — *Foi mui formosa*,
Esta mulher: com dôr has-de escutal-o,
Ao espelho teu chamando mentiroso.
— De riquezas dignissima opulentas,
Tens mui poucos haveres; mas na mente,
Que são iguaes a bens immensos, finge;
Pois, como assim lhe apraz, vária a fortuna,
Aquem quer os concede, ou ja os rouba:
Hiro pobre mendigo hoje se encontra,
Quem era ainda hontem opulento Cresso......
— Mais exemplos que vale apresentar-te?
Tudo é caduco, quanto possuimos,
Menos só d'alma, e do engenho os dotes:
Em mim o exemplo tens; pois carecendo,
De patria, de familia, e proprios lares,
De tudo em fim privado, a um homem, quanto,
Lhe podem usurpar; eu goso ainda,
Do proprio engenho, e elle me acompanha,
Nisto não teve jus, nem ainda Cesar;
Seva espada me arranque embora a vida,
Além da morte viverei na fama;
E em quanto dos seus montes sete Roma
Mavorcia sobre o Orbe olhar inteiro,
Subjugado por ella, serei lido.
— E tambem tu, a quem mais venturoso,
Oxalá venha ser o ameno estudo,
Do que me foi a mim, quanto é possivel,
Da pyra ás chamas póstumas te evade.

Continúa. F. DE CARVALHO.

MEIOS DE PROMOVER A MULTIPLICAÇÃO E MELHORAMENTO DOS ANIMAES DOMESTICOS. [1]

I.

Premios.

A multiplicação e aperfeiçoamento dos animaes domesticos constituem o principal meio de augmentar a riqueza da nossa agricultura.

Os lavradores instruidos devem estar convencidos d'esta verdade, e podem confirmal-a pela experiencia: mas, para excitar o zelo entre todos os criadores, é necessario empregar meios directos e indirectos, que sejam conducentes para aquelle desejado fim.

Os premios são um desses meios, que pode mais vantajosamente satisfazer a esta condição, excitando com promessas, recompensas e distincções os brios e a coragem dos lavradores. Devem elles ser distribuidos aos criadores, que apresentarem animaes com as modificações ou qualidades determinadas nos respectivos programmas: assim se concederá o 1.° premio ao proprietario do animal, que possuir no mais elevado gráo o melhoramento exigido: o 2.° a quem apresentar o animal que fôr qualificado immediato ao antecedente, e pela mesma fórma se procederá a respeito dos outros.

Os premios são um meio indirecto de promover o melhoramento dos animaes, mas é necessario, que sejam grandes, para que possam recompensar bem as despezas dos criadores: por este motivo tornam-se dispendiosos para quem os concede; por isso devem reservar-se sómente para promover os melhoramentos mais essenciaes, e que são de reconhecida utilidade para o paiz.

Tem-se contestado a vantagem dos premios com o fundamento de que, sendo grande o numero dos criadores, que a elles concorre, e fazendo grandes despesas na expectativa de obtel-os, depois são poucos os premiados: nestes o premio não recompensa muitas vezes as despezas e os cuidados empregados na criação dos animaes: e nos que não obtiveram premio algum tem logar o desalento, por terem feito despezas infructuosas, que podem arruinar a sua fortuna.

Estes inconvenientes deixam de existir logo que nos programmas para a distribuição dos premios, se exigirem sómente qualidades ou melhoramentos, que possam recompensar o criador das suas despezas.

Em França ha sempre muitos concurrentes aos premios, todas as vezes que os programmas estão em harmonia com o maior proveito que os criadores podem tirar do melhoramento dos animaes: acontece porém o contrario, quando se exigem qualidades, que não tem por fim tornar os animaes de melhor serviço, mais rendosos ou vendaveis, e que por isso não utilisam directamente ao criador. Neste ultimo caso os premios ou não produzem o effeito que se desejava, ou são prejudiciaes, obrigando a maior parte dos criadores a fazer despezas, que lhes não são compensadas.

Os premios devem ser vantajosos logo que tenham por fim a multiplicação dos animaes, que possuirem no mais elevado grao uma qualidade de reconhecida utilidade, como, por exemplo, a facilidade de engordarem promptamente e com modica alimentação; darem maior quantidade de productos e de melhor qualidade, taes como a lã, o leite, a carne etc.; terem estatura maior; conformação mais robusta ou fórmas mais regulares e elegantes; serem de melhor serviço em relação á localidade, em que vivem, e ao

[1] Devemos ao nosso socio, e distincto collaborador, o sñr. doutor J. F. de Macedo Pinto, a communicação deste, e d'alguns outros mui interessantes artigos, que iremos successivamente publicando, os quaes o nosso collega destina para a III secção da parte zootechnica da 2.ª edição do seu excellente compendio de veterinaria de que já está no prelo a primeira parte, e que formará dois ou tres volumes, contendo muitas materias que pela maior parte não se comprehendiam na 1.ª edição, ou de que apenas o A. tratára mui summariamente.

genero de trabalho, para que são destinados; sendo mestiços, apresentarem em grao superior as qualidades da raça pura dos seus reproductores etc.

Os programmas para o concurso dos premios devem exhibir estas questões, como problemas, que se propõe aos criadores, para que elles os resolvam em sua utilidade; e indicar-lhes os meios mais efficazes, para melhorar os animaes da sua localidade em proveito proprio, e por fórma tal, que, ainda no caso de não obterem premio algum, possam ser recompensados das suas fadigas e gastos pelos lucros provenientes do melhoramento que obtiveram nos seus animaes.

O criador que recebe um premio por ter satisfeito ás condições do programma, obtem, além d'esta recompensa pecuniaria, os creditos e a reputação de bom criador, o que lhe deve facilitar a venda dos seus productos, e adquirir a estima dos seus concidadãos. É por tanto muito conveniente, que o governo, as junctas geraes de districto, e as camaras municipaes estabeleçam os premios que forem compativeis com os seus recursos pecuniarios. Estes premios devem ser distribuidos aos criadores por um jury probo e inteligente, depois que elle tiver apreciado dividamente as qualidades dos exemplares, que houverem apparecido na exposição ou no concurso do serviço.

Exposição de animaes.[1] Deverá ser determinado no programma dos premios o dia da exposição, e publicado com a anticipação conveniente, a fim de que os criadores possam empregar os meios necessarios, para criar animaes com as qualidades exigidas no programma.

Será conveniente estabelecer uma exposição dos animaes de todos os districtos do reino, de tres ou de quatro em quatro annos, para melhor se conhecer o progresso deste ramo de industria agricola. Pelo decreto de 16 de novembro de 1852 se manda fazer annualmente uma exposição de animaes em cada districto do reino: nesta deve observar-se o melhoramento das diversas raças de cada um d'elles. Uma ou duas vezes por anno poderia tambem fazer-se uma exposição nos concelhos ou comarcas, em que ha criação de gado grosso e miudo.

Nesta ultima o jury encarregado da distribuição dos premios, póde tomar em consideração o estado sanitario dos animaes, o modo mais economico de nutril-os, a influencia do augmento da cultura das plantas pratenses e forraginosas etc.

Concurso do serviço. — N'uma simples exposição póde apreciar-se o volume, as fórmas e algumas das qualidades dos animaes, mas não a sua aptidão para o serviço; para satisfazer a esta ultima condição, estabeleceram-se as corridas.

O concurso das corridas não só facilita a distribuição dos premios, mas promove o melhoramento dos animaes, tornando-os mais prestadios; por isso que os criadores que pertendem apresentar um potro, touro, ou qualquer outro animal n'um concurso, não dirigem a sua attenção sómente a augmentar a estatura dos animaes, ou a tornar as suas fórmas mais regulares, mas procuram sobre tudo obter animaes dotados de muita força, agilidade e outras aptidões para os diversos serviços, a que têem de ser destinados. É por meio d'este concurso accommodado a cada localidade, que se poderá conseguir o melhoramento dos animaes destinados ao trabalho.

O premio que se concede em virtude d'este concurso é menos sujeito a recriminações, e a desanimar os criadores que não foram premiados. O cavallo que ganhou o preço n'uma corrida, a junta de bois que em menos tempo fez um sulco na terra, de uma dada profundidade, destinguem-se por factos que não dão azo á parcialidade dos juizes.

Os exercicios mais usados nestes concursos são — corridas á desfilada ou a toda a brida; corridas a galope ou carreira accelerada; corridas a grande galope saltando fossos; corridas de travez sobre terreno aspero e desegual; corridas a trote; corridas a passo; corridas de um tiro de bois ou de bestas, puxando carruagem carro ou charrua etc.

Estes e outros exercicios servindo do espectaculo ou divertimento publico, podem offerecer uma baze segura para a distribuição dos premios, destinados a promover as qualidades respectivas á aptidão dos animaes para o trabalho.

O espectaculo das corridas dos cavallos e mais exercicios dos animaes domesticos, é tambem um energico incentivo para animar os criadores a fim de aperfeiçoarem os animaes destinados ao serviço.

Não foi sómente como espectaculos publicos que estes exercicios tiveram tanta voga entre os Gregos e Romanos, mas com vistas de

[2] O decreto de 16 de novembro de 1852, determina no artigo 1.° que em cada um dos districtos administrativos se estabeleçam exposições annuaes de gados de todos os generos, com o fim de promover o apuramento das raças por meio de premios pecuniarios e de menções honrosas para os criadores. No art. 9 estabelece que os premios pecuniarios serão os seguintes: —

Premios	GADO.				
	Cavallar	*Azenino*	*Vaccum*	*Lanigero*	*Suino*
1.°	60$000	20$000	40$000	20$000	10$000
2.°	40$000	12$000	20$000	10$000	6$000
3.°	25$000	8$000	15$000	5$000	3$000

Admira-nos que sendo este decreto muito minucioso nas suas disposições pelo que respeita á execução do 1.° art. omittisse a parte principal, deixando de determinar a organisação e a publicação d'um programma, para regular a distribuição dos premios, e indigitar aos lavradores os melhoramentos que lhes convém emprehender.

excitar o gosto pela arte da equitação, e de promover o melhoramento dos animaes.

Estes mesmos motivos fizeram que modernamente estes jogos se tenham restabelecido nas nações civilisadas.

Continúa. J. P. DE MACEDO PINTO.

CERA DA CHINA.

Certas arvores picadas por um insecto particular, produzem uma secreção tão alva e brilhante como o spermacete, e que se derrete só á temperatura de 83.°, propriedade esta que torna mui util aquella substancia, de que se fazem excellentes velas para illuminação. A cêra da China, conhecida tambem com os nomes de *céra branca de insecto*, *céra do Japão*, e *espermacete vegetal*, foi descoberta n'aquelle paiz pelo meado do seculo XIII. Nesta epocha, e ainda muitos annos depois, esta substancia era pouco abundante, successivamente, porém, tem aquella industria crescido a ponto, que já hoje se exporta o melhor de 400$ arrateis no valor de noventa e seis contos de reis.

Segundo William Lockart o insecto que produz a cêra na China, constitue uma especie nova do genero *Coccus*. Em uma das suas recentes viagens áquelle imperio, William colheu n'uma d'aquellas arvores uma amostra da cêra bruta, contendo o insecto, que a produz, nos diversos estados do seu desenvolvimento, e muitos pedaços de casca da arvore da cêra. Mr. Westwood, que examinou cuidadosamente aquella amostra, deu á nova especie de insecto o nome de *Coccus sinensis*. Todos os individuos, que se encontravam n'aquella amostra, eram femeas; o seu esqueleto dessecado, constitue uma especie de massa quasi espherica, ôcca; interiormente brilhante, de côr escura avermelhada. Esta massa, que representa o insecto no seu estado de perfeito desenvolvimento, tem de diametro entre tres a quatro decimos de polegada. Em um dos lados apresenta uma abertura linear, que parece ser a parte por onde o animal está em contacto com a arvore. Além d'aquelles insectos de maior volume, muitos outros mais pequenos, e novos, que provavelmente são os verdadeiros productores da cêra, se encontravam n'ella.

A cêra em bruto empasta-se naturalmente á roda dos ramos das arvores, formando uma camada branca, aveludada e fibrosa, de um ou dois decimos de polegada de espessura, e n'este estado se separa facilmente da arvore.

A cultura e producção da cêra da China, é objecto de cuidados especiaes. Em março ou abril os cultivadores de alguns districtos d'aquelle imperio, e do Japão, buscam nos campos os casulos, que contêem os ovos do insecto (*coccus sinensis*) enrolam estes casulos em folhas de gengibre, e os penduram nos ramos de certas arvores. No fim de oito a trinta dias os insectos começam a saír dos ovos e a segurar-se logo aos ramos e ás folhas, n'este estado são elles brancos; e têem a grossura de um grão de milho. Uma abundante secreção branca e cerosa corre á roda de cada um d'estes insectos, cobrindo a arvore como se estivesse forrada de neve. O insecto vai progressivamente crescendo no meio d'aquella secreção até ao ponto em que, augmentando sempre esta, o volume do insecto diminue proporcionalmente, o que fez accreditar a alguns auctores, que o proprio insecto se reduzia a cêra.

Em junho ou julho cessa a producção da cêra, e é n'esta epocha, que se recolhe. A cêra está ás vezes tão pouco adherente ao tronco, e aos ramos das arvores, que se separa promptamente n'uma só peça; quando porém está mais pegada nas arvores, não é possivel tiral-a toda, e isto mesmo convém, porque a cêra, que fica adherente á casca, fornece os casulos dos insectos necessarios para a propagação do anno seguinte.

A verdadeira natureza da arvore, que dá esta cêra, não é ainda bem conhecida. Mr. Julien pertende que o *Rhus succedanea*, o *Ligustrum lucidum*, e *Hibiscus Syriacus*, e uma quarta especie, ainda não classificada pelos botanicos, são as arvores sobre as quaes o insecto se fixa indistinctamente. Entretanto o *ligustrum lucidum* parece ser, o que melhor lhe convém, e que mais se cultiva na China. Mr. Fortune pelo contrario duvida, que o insecto se alimente de alguma das especies mencionadas. Os missionarios catholicos da China lhes mostraram uma planta, que, segundo elles affirmavam, era a do insecto da cêra. Um exemplar d'esta planta foi ha pouco enviado para Inglaterra. É um arbusto de haste linhosa, com pé e meio de altura. Ainda não floreceu, e por isso não póde determinar-se por ora com certeza a especie e genero, nem mesmo a ordem natural, a que pertence, mas pelas folhas assemelha-se muito a algumas especies de *Fraxinus*.

A composição da cêra da China é, segundo Brodie, a seguinte:

Carbonio..........	82,235
Hydrogenio........	13,575
Oxigenio..........	4,190

numeros conforme á formula:

$$C^{108}\ H^{108}\ O^{4}$$

A cêra da China levada ao ponto de fusão com o alcali solido se decompõe, dando em resultado dois differentes productos; observados por Masckelyne; a *cerotina* ($C^{54}\ H^{56}\ O^{2}$) e o acido cerotico ($C^{54}\ H^{54}\ O^{4}$), o que mostra que no acto da saponificação da cêra pela potasse se fixaram dois equivalentes d'agua.

A cêra do commercio funde a 83.°; e depois de completamente purificada a 81,5. É pouco soluvel no alcool, ou no ether; dissolve-se porém facilmente na naphthe, onde póde obter-se cristalisada.

O commercio da cêra da China está ainda em grande atrazo na Europa. Em 1846 e 1847 algumas importações houve d'este genero em Inglaterra, mas como as propriedades d'este producto natural eram quasi de todo ignoradas, não teve extracção, e os especuladores desanimaram com esta primeira tentativa. Entretanto é de esperar que a cêra da China venha a ser mui procurada para a fabricação das velas, pelas excellentes propriedades, que a tornam tão proveitosa para esta industria, mormente estando a cêra ordinaria por preço mui subido.

Os chinezes empregam tambem a cêra dos insectos como medicamento, tanto interna, como externamente, attribuindo-lhe muitas virtudes medicinaes. A.

DOCUMENTOS INEDITOS.

Carta do viso-rei D. J. de Castro para D. Alvaro, seu filho, que se achava em Dio.

Continuado de pag. 144.

D. Alvaro, filho: depois de ser partido de Gôa com todos os fidalgos e mais pessoas da cidade, encontrei no caminho o catur, que me mandastes com cartas vossas, e de D. João Mascaranhas, e Vasco da Cunha. Folguei muito com tudo que nellas, vós e elles me dizieis, e muito mais com me dizerdes, que gastaveis muito, e agasalhaveis toda a gente pobre e necessitada: d'hoje por diante vos mando, que gasteis mais largo, assim nas mezas que dais, como com os soldados, que agasalhaes, e tendes á vossa conta. Principalmente vos rogo, que useis isto com os pobres, e homens, que não tem acolheita: e o gasto, que com elles fizerdes quero, que seja á conta de minha fazenda, e não da d'elrei; por que, já que eu o sirvo com a minha pessoa, quero fazer esse serviço a Deos, o qual me representam os pobres; pois elle nos ensina: que quem os vestir, veste tambem a elle. E como vós tiverdes este cuidado, e vos presardes muito disso, tendo por certo, que além de merecerdes muito deante de Deos, alcauçareis tambem uma grande victoria contra elrei de Cambaya, da qual vos resulte ficar eternamente na terra a memoria d'ella.

João Teixeira, feitor de Baçaim irá pago de todo o dinheiro, que vos lá tinha mandado. Eu cheguei aqui a 10 dias d'este mez de outubro com sessenta fustas, e catures, e doze galiões de gente, munições, armas e mantimentos, e aqui estou esperando por outros, que em Gôa se ficavam acabando, pera trazerem toda a mais gente, que tinha vindo do reino. Entretanto me aqui detenho, me pareceu bem fazer guerra por mar a elrei de Cambaya, para a qual tenho mandado D. Manoel de Lima com uma armada; por elle ser pessoa, que melhor que ninguem o saberia fazer. Levo muita gente, e muito bôa, e toda mui desejosa de chegar. Estas novas podereis dar a D. João Mascaranhas, e a Vasco da Cunha. Pareceu-me muito bem mandardes degolar todos os Guzarates, mouros, e rumes, que Luiz d'Ameida desbaratou. Podeis-lhe dizer, que lhe tive grande inveja, e que o fez, como filho de seu pae, e como quem tinha mais conta com a honra, do que com a vida; e que tenha por muito certo haver-lhe elrei nosso senhor de fazer mercê mui grande, que fique correspondendo aos serviços, que lhe elle tem feito, e ao exforço, que de si nos tem mostrado.

Se a gente for sobeja nessa fortaleza, pareciame muito bem, mandardes algumas armadas repartidas por essa costa, para tomar as náus, que vierem do estreito de Méca, e todos os mais navios, que forem e novegarem para o arraial dos mouros. Mas havendo na fortaleza necessidade de gente, não me parecêra bem mandardel-a nas armadas; porque é melhor deffender nossa casa, que querer tomar a alheia. Se nisto fizerdes alguma cousa, será com parecer do capitão, e de Vasco da Cunha; porque, quando vos estribardes nestes dois esteios, e fizerdes o que elles vos aconselharem, não podereis fazer cousa mal feita. E se alguem houver de ir a estas prezas, aproveitaivos de Luiz de Almeida; pois tem todas as partes, que para isso se requerem.

E tanto que esta vos for dada, com grande brevidade despachai outro catur, no qual me mandareis recado de toda a gente, que está nessa fortaleza, e assim novas das caravellas, e de todo o mais soccorro, que mandei, depois de lá ser Vasco da Cunha.

Encomendo-vos outra vez a provisão dos pobres e necessitados. A benção de Deus, etc.

Escrita em Baçaim, hoje quinta feira 14 de outubro de 1546 anno. N.

NOTICIAS LITTERARIAS.

UNIVERSIDADE DE MUNICH.

Contam-se actualmente nesta universidade 95 professores, sendo 50 ordinarios, 15 extraordinarios, 13 honorarios, e 17 aggregados.

Destes professores 8 pertencem á faculdade de theologia, 12 á de direito, 7 á de

economia politica, 31 á de medicina, e 37 á de philosophia.

O programma do primeiro semestre do inverno annuncia 186 differentes cursos, e entre estes o de litteratura franceza antiga, e particularmente de litteratura provençal, que é inteiramente novo.

INSTRUCÇÃO PUBLICA NA GRECIA.

Este reino está divido em 273 municipalidades, cada uma das quaes tem obrigação de sustentar uma eschola primaria; o governo, porém, auxilia as municipalidades que não podem de per si satisfazer áquelle encargo. As escholas publicas são divididas em tres classes — elementares, secundarias, e superiores.

As escholas elementares dividem-se em superiores e inferiores. Nestas ensina-se a ler, escrever, contar, e cathecismo. Os mestres são obrigados a saber as noções geraes d'agricultura. Nas superiores comprehende-se a grammatica e composição, grego antigo, historia sagrada e profana, geographia, noções elementares de geometria e mechanica, historia natural, musica vocal e gymnastica. Actualmente existem na Grecia 386 escholas elementares, das quaes as municipalidades sustentam 139, e o governo paga 181. No numero d'estas entram 48 escholas de meninas. Frequentam as 386 escholas elementares 33:864 meninos e 5:859 meninas, o que dá um numero total de 39:723 alumnos de ambos os sexos.

Em cada provincia ha uma eschola secundaria, ou *eschola hellenica*, onde se completa o estudo do grego antigo. Cada um d'estes estabelecimentos deve ter 3 mestres, mas effectivamente das 79 escholas hellenicas, sustentadas pelas 48 provincias, sómente 10 têem 3 mestres; 17 tem 2, e nas mais ha um só. Frequentam estas escholas 3:872 alumnos.

Ha 7 collegios ou gymnasios de instrucção superior com 7 professores cada um, e são frequentados por 1:077 alumnos.

A universidade de Athenas, fundada á custa dos gregos estabelecidos em paizes estrangeiros, completa o ensino dos gymnasios Divide-se ella em 4 faculdades — philosophia e sciencias, theologia, direito, e medicina, tendo 39 lentes. Ha tambem em Athenas um seminario particular de theologia, que tem grande influencia no ensino do clero. O *Arsaccum*, estabelecimento fundado por um Valaquio, e as sociedades de medicina, historia natural, archeologia, e bellas artes. A bibliotheca publica contém 70:000 volumes.

No anno escholar de 1851 para 1852 frequentaram as aulas da universidade 496 alumnos, a saber: 10 em theologia, 109 em direito, 66 em sciencias e bellas letras, e 273 em medicina, 38 em pharmacia. No total dos alumnos das faculdades contavam-se 249 indigenas, e 247 de fóra do reino.

ARCHEOLOGIA.

A sociedade archeologica de Roma propoz como objecto de concurso, que terminará em 10 de julho de 1845, o seguinte assumpto, sobre o qual chama a attenção dos sabios de todas as nações. — *Monographia sull' inscrisione cristiane.* (Monographia das inscripções christãs relativas á historia da egreja, até á introducção da era vulgar.)

As memorias devem ser dirigidas ao secretario da academia Pietro Visconti.

ANTIGUIDADES BIBLICAS.

Creou-se mui recentemente em Inglaterra, sob a protecção do principe Alberto, uma sociedade com o fim de explorar as ruinas d'Assyria e Babylonia, tendo particularmente por objecto obter novos esclarecimentos sobre a sagrada Escriptura. As importantes descobertas de Layard fôram já de grande auxilio para a historia biblica, mas é muito provavel que no antigo solo d'Assyria e suas visinhanças, existam ainda sepultados preciosos documentos neste genero. Calcula-se em dez mil libras estrelinas a somma necessaria para emprehender simultaneamente estas observações nos diversos pontos da Mosopotamia, e as continuar por dois ou tres annos. Para esta empresa já se acham na mão do thesoureiro da sociedade 1:500 libras de subscripções.

INSTRUCÇÃO PUBLICA NA AUSTRALIA.

Existem já na Australia muitos collegios, e diz-se, que vai ali crear-se uma universidade com professores inglezes. (*Athenaeum.*)

ESTADISTICA LITTERARIA D'ALLEMANHA.

Em Allemanha e na Suissa existem 28 universidades frequentadas por 22 a 23:000 estudantes. Em 1852, porém, matricularam-se somente 18:810 alumnos, a saber: 1:880 theologos catholicos, e 1:765 protestantes; 6:761 em jurisprudencia e sciencias economicas; 4:183 em medicina; 2:644 em philosophia; e 1:577 sem destino conhecido.

Na universidade de Vienna cursaram ao todo 7:630; em Berlim 2:171; em Munich 1:961; em Praga 1316; em Bonna 1:012; em Breslau 864; e em Leipsick 812.

Os professores nestas universidades são 1:666, dos quaes 851 ordinarios, 348 ex-

traordinarios, 40 honorarios, e 427 particulares.

Tirando os professores honorarios, que não exercitam o magisterio, resta um professor para cada 14 alumnos, e no anno de 1852, em que diminuiu o numero dos alumnos, havia um professor para cada 11 alumnos.

LIVRARIA NACIONAL DE PARIS.

A livraria nacional de Paris é actualmente a maior da Europa. Contém um milhão e duzentos mil volumes; cem mil manuscritos; um milhão de gravuras, e cem mil medalhas, e outros objectos de antiguidades.

BIBLIOGRAPHIA.

Histoire du Droit français par Laferrière — Paris 1853, 4 vol. 8.°

O A. d'esta excellente obra merece o reconhecimento de todos, os que verdadeiramente presam os estudos historicos; e d'ella poderá dizer-se com o illustre professor de Heidelberg — « eis aqui um livro, monumento de estudos conscienciosos, e que revela nobre severidade na critica; espirito verdadeiramente scientifico; a fidelidade do historiador, e a engenhosa concepção do philosopho, apreciando o desenvolvimento do direito debaixo do mais elevado ponto de vista do progresso da civilisação. [1] »

A leitura d'este livro, obra digna de um jurisconsulto, e de um christão, faz-nos ver admiravelmente a marcha solemne e irresistivel dos seculos, que se succedem, lançando cada um a sua pedra no grandioso monumento, que a humanidade constroe. Este monumento é qual outro templo druidico das margens do Sena, que as virgens derribavam, e reedificavam de continuo. Construido com ruinas e despojos, surge sempre mais vasto e elevado para abrigar debaixo de suas sanctas abobedas maior numero de povos.

O imperio romano denominava-se — o imperio universal, o mundo — *orbis romanus;* e este mundo viu dilatar suas barreiras deante as hordas germanicas. Tudo parecia então perdido para a causa da civilisação, e da liberdade, e tudo renasceu com a nova seiva. O christianismo era muito mais vasto que o imperio, e a nova civilisação muito mais pura, que a dos seculos precedentes; o proprio direito feudal é muitas vezes mais justo nas suas maximas, que o direito romano.

[1] Mittermaier — *Annales de Litterature de Heidelberg* — 1850, n.° 8.

Na historia commum nem sempre póde descortinar-se atravez o estampido e o fumo das batalhas, e por entre as paixões, e as intrigas dos homens a lenta, mas contínua transformação das cousas, que essencialmente constituem a vida da humanidade. O livro da Laferriére mostra-nos palpavelmente esta vida do mundo tal, como ella é; a sua leitura inspira-nos plena confiança no futuro, por que o passado nos indica, que cada grande periodo da historia nos dá uma somma maior de verdade e justiça.

O 1.° volume comprehende a exposição do direito, e das instituições da republica romana. Eis aqui o juizo que delle fórma Mittermaier. « A engenhosa exposição d'estas instituições, e do seu desenvolvimento; a originalidade das considerações que o A. apresenta; o perfeito conhecimento, e uso judicioso das fontes, onde foi beber, dão grande valor a este volume, e superioridade sobre muitas das melhores obras allemãs d'este genero. »

O 2.° volume expõem o direito gallico antes da introducção do direito romano nas Gallias, e a mistura dos dois direitos durante os quatros seculos da dominação imperial.

Na 2.ª parte d'este volume o A. depois de ter estudado a influencia da philosophia estoica e do christianismo sobre a religião romana, indica como se refundiu o direito dos vencedores com o dos vencidos, e descreve os principios geraes do direito particular dos gaullezes no seculo XVI.

O 3.° volume occupa-se do direito germanico nos periodos nerovigieños e carlovigiennos, em suas relações com o direito civil, penal e canonico.

O 4.° volume começa em Hugo Capeto, e acaba em S. Luiz. N'este 4.° volume ha uma secção muito importante relativa á historia das escholas, e das universidades, ao renascimento do direito romano, e ao desenvolvimento do ensino do direito canonico. Este volume termina com a exposição do direito particular da epocha feudal.

AVISO DA REDACÇÃO.

Assigna-se este jornal em Coimbra no gabinete de leitura do Instituto, rua Larga; em Lisboa no Centro Commercial, Calçada do Ferregiál n.° 13 e 14; no Porto na loja de *Francisco Gomes da Fonseca*, rua das Hortas n.° 152 e 153, em Braga em casa de *Domingos José Vieira da Cruz*, rua do Souto; em Fáro, em casa do Dr. *Miguel Rodrigues de Sousa Piedade*; em Estarreja, em casa do Dr. *Manoel Marques Pires.*

# O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA.— PROGRAMMAS.

FACULDADE DE PHILOSOPHIA.

1853—1854.

1.º ANNO. — PHYSICA, E CHIMICA INORGANICA.

Lente — *Dr. Luiz Ferreira Pimentel.*

NOÇÕES GERAES. — Definição e objecto da chimica — distincção entre a physica e a chimica — comparação dos phenomenos physicos e chimicos — relação da chimica com as sciencias naturaes.

NOÇÕES PRELIMINARES DE PHYSICA. — Materia e corpos — propriedades geraes da materia — extensão, impenetrabilidade, divisibilidade — estados dos corpos — solido, liquido, aeriforme, globular, vesicular, espheroidal.

Forças ou potencias naturaes — attracção universal — cohesão, adhesão — propriedades dos corpos solidos e liquidos, que dependem da attracção molecular e do estado d'aggregação de suas particulas — porosidade — dureza, malleabilidade, ductilidade, peso — fórma e cristallisação — principios da cristallographia — fórmas regulares — fórmas primitivas e secundarias — fórmas irregulares ou accidentaes, etc. — systemas cristallinos — medidas dos cristaes — isomerismo, allotropia — dimorphismo, polymorphismo, e isomorphismo — propriedades do estado aeriforme.

Calorico. — Dilatação dos corpos pelo calorico — temperaturas — thermometros — thermoscopios, e pyrometros — propagação do calorico — irradiação, emissão, reflexão, absorpção, conductibilidade — mudança d'estado dos corpos — calorico sensivel e calorico latente — calorico especifico, calorimetros, ebullição, congelação, mixturas frigoriferas, etc. — producção do calor — percussão, attrito, compressão, combustão, etc.

Electricidade. — Phenomenos electricos — lei d'attracções e repulsões electricas — meios de produzir a electricidade — conductibilidade — distribuição da electricidade á superficie e no interior dos corpos — communicação da electricidade, acções por influencia — instrumentos e apparelhos electricos — electroscopos, electrometros, electrophoros, machinas electricas, garrafa de Leyde, etc. — effeitos — electricidade por contacto — pilhas, sua construcção e propriedades — força electro-motriz — effeitos.

CHIMICA INORGANICA. — *Noções geraes.* — Phenomenos chimicos — natureza chimica dos corpos — divisão dos corpos em simples e compostos — caracteres e propriedades physicas, organolepticas e chimicas para distinguir os corpos — atomos moleculas e particulas — moleculas integrantes — forças moleculares — affinidade — influencia das circumstancias sobre a acção chimica — leis de combinação — equivalentes, proporções multiplas — definições d'acidos, bases, saes, oxacidos; hydracidos, oxidos, alcalis, etc. — classificações chimicas — classificação dos corpos elementares — resenha dos principaes systemas — methodo natural e systemas artificiaes — metalloides e metaes — nomenclatura — linguagem antiga, reformas modernas — notação chimica — necessidade d'uma nomenclatura portugueza.

Metalloides. — Estudo especial de cada um, suas propriedades physicas e chimicas — processos mais importantes para os obter no maior estado de pureza — natureza chimica de suas combinações — applicação e usos — demonstração dos exemplares.

Metaes. — Propriedades physicas — opacidade, brilho, côr, densidade, malleabilidade, ductilidade e tenacidade, cristallisação, conductibilidade, etc. — propriedades chimicas — acção do oxigenio — classificação dos metaes segundo este caracter pelos systemas de Thenard e Regnaul — acção do chloro, enxofre, bromo, phosphoro, etc. — ligas metallicas — natureza problematica dos metaes.

Saes. — Neutros, acidos e basicos — neutralidade, reagentes para a avaliar — insufficiencia d'estes meios — leis de composição e decomposição dos saes — constituição chimica dos compostos salinos — saes amphidos e saes haloides — natureza d'estes — theorias dos chlorhydratos e dos chloruretos — probabilidade da segunda — opiniões de Pelouse, e Fremy — solubilidade dos saes — agua de cristallisação.

Descripção especial de cada um dos metaes — natureza chimica de suas principaes combinações com os metalloides — processos metallurgicos — applicações nas artes. — Descripção e processos da preparação dos saes mais uteis ás artes e á medicina, no laboratorio.

PHILOSOPHIA CHIMICA. — Importancia e valor d'este estudo — natureza chimica dos corpos — metamorphoses da materia — opiniões de Graham e d'outros chimicos — corpos compostos — difficuldade de definir os acidos, bases e saes — theorias sobre a constituição chimica de todos estes compostos, desde os antigos até a epocha actual — doutrinas do dualismo e da predisposição molecullar — thermo-chimica — combustão — theorias.

NATUREZA DAS FORÇAS CHIMICAS. — A attracção molecular será a mesma força que a attracção universal? — A cohesão, affinidade e força de dissolução serão forças distinctas? — doutrinas dos antigos e de Berthollet — opiniões dos chimicos actuaes — será necessario admittir novas forças moleculares? — força catalytica — hypothese da affinidade substituida pelas doutrinas electro-chimicas — exame das principaes hypotheses electro-chimicas — estado actual da sciencia á cerca das causas dos phenomenos chimicos.

Leis das combinações chimicas. — Historia — leis das proporções em peso — das proporções multiplas, e em volumes — equivalentes e numeros proporcionaes, meios de os determinar — theoria atomica, pesos atomicos, methodos de os determinar.

2.º ANNO. — PHYSICA E METEOROLOGIA.

Lente — *Dr. Antonio Sanches Goulão.*

O curso de physica é dividido em duas partes. A primeira, comprehendendo as propriedades geraes da materia e dos corpos nos seus differentes estados, calorico, electricidade e galvanismo, precede o estudo da chimica inorganica. A segunda constitue o objecto da 2.ª cadeira, e comprehende — mechanica — acustica — optica — magnetismo — phenomenos thermo-electricos — phenomenos electro-dynamicos.

As disciplinas d'esta cadeira são distribuidas na ordem seguinte:

MECHANICA. — Principios geraes — noções do repouso e do movimento; forças; leis do equilibrio; leis do movimento; movimento curvilineo; gravidade; gravitação; considerações geraes sobre a acção das forças.

Mechanica dos solidos — condições do equilibrio d'um corpo sollicitado por uma ou mais forças; machinas; resistencias passivas; choque dos corpos; considerações geraes sobre machinas.

Mechanica dos liquidos. — Principios do equilibrio dos liquidos; pressão sobre as paredes do vaso, que os contêem: equilibrio dos liquidos em vasos communicantes; pressão sobre os corpos mergulhados; corpos fluctuantes, phenomenos capillares; leis do movimento dos liquidos; fluxão por um orificio praticado em parede delgada: fluxão por tubos addicionaes; pressão dos liquidos em movimento sobre as paredes dos tubos; repuxos; fluxão por canaes; choque e resistencia dos liquidos; movimentos d'oscillação e de vibração dos liquidos.

Mechanica dos fluidos aeriformes. — Principios do equilibrio dos fluidos aeriformes; pressão sobre as paredes dos vasos; que os contêem; pressão atmospherica; corpos fluctuantes na atmosphera; construcção do barometro e suas applicações; phenomenos dependentes da pressão atmospherica; causas do movimento dos fluidos aeriformes; choque e resistencia d'estes fluidos.

ACUSTICA. — Considerações geraes — propagação do som pelo ar — ondas sonoras — communicação das vibrações do ar aos corpos, que se acham em contacto com elle — velocidade de propagação do som — vibrações das cordas tensas — comparação dos sons — escala musical — avaliação numerica dos sons — sons concomitantes, ou tons harmonicos — accordes e dissonancias — sustenidos e bemóes — temperamentos — escala dos instrumentos de sons fixos — propagação e communicação do movimento vibratorio nos corpos solidos — vibrações normaes das vergas rigidas — vibrações das membranas tensas — vibrações longitudinaes e tangenciaes — vibração do ar nos tubos dos instrumentos de vento — applicações — sons resultantes — sons reflectidos.

OPTICA. — Phenomenos geraes. — Hypotheses sobre a natureza da luz; corpos transparentes, translucidos e opacos; transmissão da luz em linha recta; sombra e penumbra; velocidade de propagação da luz; leis do decrescimento d'intensidade da luz; photometria.

Catoptrica. — Leis da reflexão especular; reflexão irregular; intensidade da luz reflectida regularmente; phenomenos da reflexão sobre espelhos planos; reflexão sobre espelhos curvos; calculo relativo á determinação dos focos; formação das imagens e determinação da sua posição; espelhos prismaticos, cylindricos, pyramidaes e conicos.

Dioptrica. — Leis da refracção; potencia refractiva e poder refrangente; limites da refracção e reflexão total; refracção atmospherica; miragem; refracção da luz na passagem d'um meio indefinito para outro, separados por uma superficie plana; refracção atravez d'um meio terminado por superficies planas e inclinadas entre si; phenomenos dos prismas; determinação dos indices de refracção nos corpos solidos, liquidos e gasosos; refracção da luz na sua passagem d'um meio indefinito para outro, separados por uma superficie espherica; calculo relativo á distancia focal; lentes convergentes e divergentes; formula geral para a determinação dos focos; centro optico e eixos secundarios; formação das imagens, sua posição e sua grandeza comparada com a do objecto; aberração d'esphericidade.

Decomposição da luz natural — Espectro solar; differente refrangibilidade dos raios corados; simplicidade dos diversos raios; recomposição da luz branca; diversos gráos de reflexibilidade dos raios corados; côres simplices e compostas; riscas do espectro; dispersão e poder dispersivo; propriedades dos diversos raios do espectro; coloração dos objectos vistos atravez do prisma; achromatismo dos prismas e das lentes; arco iris

Visão. — Estructura do olho; marcha dos raios luminosos dentro do olho; clareza da visão a diversas distancias; avaliação das distancias; avaliação da grandeza apparente dos objectos; illusões opticas; unidade da impressão produzida nos dois olhos; distancia da visão distincta; defeitos da vista e meios de os remediar.

Instrumentos d'optica. — Microscopios; telescopios; micrometro de Rochon; camara escura; camara lucida; megascopio; lanterna magica; phantasmagoria; microscopio solar.

Refracção dupla. — Phenomeno fundamental; eixos de refracção; leis da refracção nos cristaes d'um só eixo, leis da refracção nos cristaes de dois eixos; refracção dupla do vidro comprimido; reflexão sobre os cristaes bi-refrangentes.

Anneis corados. — Coloração da luz, produzida por laminas delgadas, phenomeno fundamental dos anneis corados; medida da espessura da lamina d'ar; phenomenos relativos aos anneis corados; opacidade e coloração dos corpos.

Diffracção. — Phenomenos geraes; apparelho de diffracção; medida das franjas; explicação.

Polarisação. — Phenomenos fundamentaes: polarisação pela reflexão; polarisação pela refracção; polarisação pela refracção dupla; polariscopios; coloração da luz polarisada; polarisação circular; poder rotatorio do quartzo e dos liquidos; polarisação magnetica.

MAGNETISMO. — Magnetes naturaes e artificiaes — leis das acções magneticas — processos de magnetisação — armaduras — distribuição do magnetismo — acção magnetica do globo — declinação — meridiano magnetico — bussolas — inclinação — equador magnetico — variações diurnas e perturbações — direcção e intensidade da acção magnetica do globo — acção reciproca dos imans e dos differentes corpos.

Phenomenos thermo-electricos. — Producção das correntes thermo-electricas — pilhas e multiplicadores thermo-electricos — propriedades electricas da tormalina.

Phenomenos electro-dynamicos. — Leis relativas á acção mutua das correntes — acção das diversas partes d'uma mesma corrente — acção d'uma corrente indefinita sobre correntes finitas — correntes fechadas e solenoides — acção reciproca dos solenoides — fluctuadores electro-dynamicos — lei da intensidade das correntes.

Phenomenos electro-magneticos. — Acção dos imans sobre as correntes — acção do globo terrestre sobre as correntes — magnetisação produzida pelas correntes electricas — identidade do magnetismo e da electricidade — acção das correntes sobre os imans — correntes por inducção.

METEOROLOGIA. — *Hygrometria.* — Em que consiste esta sciencia — o que se entende por gráu d'humidade, ou estado hygrometrico do ar — construcção e uso dos hygrometros d'absorção — acção d'estes instrumentos, e natureza de suas indicações — taboas de Gay-Lussac e suas applicações — hygrometros de condensação — hygrometros d'evaporação — maneira de usar d'estes instrumentos.

Nuvens. — Fórma, côr e disposição das nuvens na atmosphera — constituição physica dos globulos que as compoem — causas remotas da sua formação — hypotheses á cerca de sua suspensão na atmosphera.

Nevoeiros. — Tres especies de nevoeiros — nevoeiros produzidos pelo resfriamento do ar — nevoeiros produzidos pela evaporação — nevoeiros produzidos pelo descenso das nuvens — duração dos nevoeiros — nevoeiros, cuja causa não é bem conhecida.

Chuva. — Causas proximas e remotas da chuva — quantidade de chuva annual nos differentes paizes — utilidade das chuvas.

Neve. — Sua formação — neve vermelha dos alpes e das regiões polares.

Graniso e saraiva. — Em que differem estes meteoros um do outro — phenomenos concomitantes — fórma, estructura e grandeza dos grãos — explicação.

Sereno, orvalho, geada e regêlo. — Circumstancias, que acompanham a formação de cada um d'estes meteoros — theoria de sua formação.

Ventos. — Sua direcção e velocidade — caracter dos ventos, segundo a natureza dos paizes, donde sopram — propagação — ventos d'impulsão e d'aspiração — duração dos ventos — ventos geraes, periodicos e accidentaes ou irregulares — causas dos ventos — hypotheses de Descartes, Halley, D'Alembert, Laplace e Saigey — discussão d'estas hypotheses — vantagens dos ventos.

Furacões. — Caracteres d'estes ventos — signaes precursores — effeitos desastrosos — explicação.

Trombas. — Descripção d'estes meteoros — tres especies de trombas — effeitos das trombas — origem.

Trovoadas. — Phenomenos principaes — relampagos — trovão — raio — effeitos physicos do raio — effeitos chimicos — effeitos magneticos — frequencia das trovoadas nos differentes logares — signaes precursores — theoria — precaução durante as trovoadas — meios d'evitar a queda do raio — para-raios.

Miragem. — descripção do phenomeno — historia — explicação — producção artificial — miragem no mar — paraselene e outros phenomenos de miragem.

Arco iris. — Descripção do phenomeno — descoberta da sua explicação — producção artificial — theoria — arcos secundarios — arco iris pela reflexão — arco iris lunar.

Aerolithes. — Definição — historia — circumstancias accessorias — origem.

Estrellas cadentes. — Definição — circumstancias accessorias — explicação.

Halos. — Descripção do phenomeno — hypotheses á cerca da causa que o produz.

Aurora boreal. — Descripção — circumstancias accessorias — relação d'este phenomeno com o magnetismo — explicação.

Temperatura da terra. — Temperatura do ar á superficie do solo — temperatura media d'um logar — linhas isothermes — calor central — temperatura dos dois hemispherios — frio dos logares elevados — temperatura dos mares — equilibrio de temperatura da terra — fontes do calor.

FRAGMENTOS LITTERARIOS.

DEFESA DA THEORIA DO BELLO.

Dois dias depois da primeira leitura fui honrado com uma carta anonyma, cujo auctor parece ser uma senhora. Eis aqui a carta....

Snr. — « Terminou v. a sua primeira leitura « pedindo ao auditorio — não que recebesse « — senão que meditasse a theoria, cuja « exposição fizera v. tão admiravelmente.

« Accedendo ao convite de v. forcejei por « submeter ao exame da fria reflexão algumas « proposições fundamentaes, que a memoria « me conservára; mas — permitta-me v. a « franqueza — por muito que eu folgasse de « convencer-me da verdade de uma theoria « que divinisa a belleza, achei-lhe taes dif« ficuldades, que não estou convencida.

« Disse v. que o fundamento da arte é o « bello; e que só póde procrear um primor « d'arte o genio que tenha sido fecundado « pelo ideal do bello. Ora tendo v. dicto que « este era uma manifestação de Deos, julguei« me auctorisada a inferir da theoria de v. « que só poderá ser artista o espirito do homem « em que Deos se tenha manifestado, que « ame a Deos, e nelle crêa.

« Mas parece-me que os factos desmentem « esta rigorosa illação da theoria. v. por « certo não denegará a Voltaire o nome de « artista: e quem foi Voltaire? o maior « sceptico do seculo passado.... Não cito « os nomes de muitos outros, por que hei « muito medo ao ridiculo de « *femme* « *savante* » deixo á capacidade de v. suprir « as minhas omissões.

« Limito-me pois a ponderar-lhe que sendo « muitos os factos que conheço inconciliaveis « com os corollarios da sua theoria, não pos« so admittir a verdade d'esta, em quanto « me fallar tão alto a auctoridade d'aquel« les. Fará v. grande bem a uma mulher « se acaso se dignar esclarecer estas duvidas « em alguma das subsequentes leituras. Pede« lh'o a — de v. — Ouvinte e respeitadora.

* * *

Primeiro que tudo, cumpre-me assegurar ao illustrado auctor da carta, que sinceramente e de todo o meu coração lhe agradeço a extrema delicadeza com que me dá conta da difficuldade que serve de obstaculo á sua convicção, respeito á verdade da theoria que tive a honra de expor aqui. E se algum trabalho me deu a exposição d'essa theoria, que de meu, só tem as formas de que a revesti, para a pôr mais ao alcance de todas as intelligencias, d'esse estou sobejamente pago com o resultado que obtive, fazendo germinar no espirito de pessoa que parece ter tanto espirito, uma idêa fecunda, cujo desenvolvimento, auxiliado pela meditação propria e pelo estudo dos livros da sciencia, virá um dia a darlhe, á cêrca d'aquella theoria, forte convicção.

Em segundo logar é tambem meu dever declarar que acceito da melhor vontade, como rigorosamente logico, o corollario que tira o auctor da carta, da proposição fundamental da theoria, para assim a levar á prova irrefragavel dos factos. Por quanto, tendo eu dicto que o fim da arte é a expressão do bello, como ninguem póde exprimir o bello sem o amar, nem amal-o sem crer nelle, é obvio que só o espirito que ame a Deos e crea a Deos, só esse póde ser fecundado pelo ideal do bello, só esse póde exprimir o bello e ser artista, uma vez que o bello seja, como o quer a theoria, um symbolo de Deos, um raio da perfeição infinita, que cahindo na intelligencia do genio soffre ser por elle encarnado nas fórmas sensiveis da arte. Segue-se por tanto que verdadeiro *artista* só o póde ser o homem *religioso*. *Sceptico* absoluto e *artista* são idêas que mutuamente se repellem; ninguem póde ser uma e outra cousa ao mesmo tempo.

Não é isto o que pretende o auctor da carta? Pois ahi está exactamente o que tambem lhe eu concedo. Atéqui não ha a menor discrepancia entre nossas idêas; estamos perfeitamente de acôrdo neste ponto. Donde começa pois a divergencia? Em que consiste a difficuldade? Em que assenta a objecção? Indaguemol-o

Parece-me, que a instancia do auctor póde rigorosamente reduzir-se a esta fórma syllogistica: — *Se a vossa theoria é verdadeira*, diz elle, *todas as consequencias que d'ella*

rigorosamente se deduzam, hão de ser verdadeiras como ella. Mas esta consequencia, mas a consequencia que eu aqui sôlto da theoria, é falsa em vista dos factos que a contradizem. Logo a falsidade que em tal consequencia apparece, está na theoria d'onde a desprendêra o raciocinio.

Reparai, senhores, que só no caso de os factos contradizerem a consequencia, é que a falsidade d'esta póde dar testimunho contra a verdade da theoria. No caso contrario porém... no caso de não haver tal contradicção entre os factos e a consequencia... no caso de ser a consequencia plenamente confirmada pelos factos, já se vê que a objecção, bem longe de destruir a theoria, só valerá a corroboral-a; porque só provará *a posteriori* o que já *a priori* tinha indicado a razão— que só o homem religioso póde ser artista. Vê-se por tanto que toda a questão se reduz ao exame imparcial dos factos Ora que é o que dizem os factos?

O auctor da carta, alludindo aos nomes de varios scepticos que, sem deixarem de ser scepticos, cultivaram as artes com brilho, cita expressamente o nome de Voltaire.

Reconheço com o auctor que Voltaire foi o maior sceptico do seculo passado. Reconheço tambem que em poesia dramatica foi o maior artista do seu seculo. Mas seguir-se-ha d'ahi necessariamente que *sceptico* e *artista* sejam cousas que podem caber junctas? Parece-me que não.

O auctor da carta far-me-ha a mercê de reconhecer tambem que em Voltaire havia duas entidades distinctas, num só homem verdadeiro. Uma era o Voltaire philosopho, —o Voltaire auctor do *diccionario philosophico* e da *philosophia da historia*,—engenho maligno e por ventura mediocre, que só folgava de metter á bulha e cobrir de irrisão as mais venerandas crenças da humanidade. A outra era o Voltaire artista,—o Voltaire poeta dramatico—genio sublime e arrojado, e a mais de um respeito tão differente do Voltaire philosopho, que com razão se póde dizer que este não quiz deixar a outrem o incómmodo de refutal-o—é a perpetua refutação de si proprio.

Não se creia que eu venho a qui fazer com estas palavras um epigramma á memoria de Voltaire: não, senhores, *Voltaire* é o nome de um illustre finado. Tanto basta para tal não poder ser minha intenção— *Parce sepultis.*

Mas ha mais. A contradicção cujo espectaculo tanto nos contrista no drama da vida de Voltaire—sabeis por que nos contrista? é por que essa é pouco mais ou menos a condicção natural de todo o homem no estado presente da humanidade. Digo que todo o homem é, como foi Voltaire, uma contradicção; porque todo o homem é uma dualidade, na qual se fundem, sem se confundirem, a razão com a paixão, o espirito com a materia, o anjo com o bruto. Assim como a vida physiologica é combate das forças de dentro contra as forças de fóra, d'estas que tendem a destruir, com aquellas que tendem a conservar; do mesmo modo, a vida intima, a vida moral da humanidade é tambem um combate, mas combate do anjo contra o bruto, e do bruto contra o anjo. Durante este combate, que começa e acaba com a vida presente do homem, ora vence o anjo, ora vence o bruto. Quando o anjo vence, o homem alegra-se, alça a fronte para o ceo, perde de vista os limos da terra, só aspira e tende para Deos, como fonte de todo o bem, como porto de salvamento onde tem de repousar-se de sua peregrinação neste mundo. Quando porém vence o bruto, o homem entristece, põe o rosto no chão, olha silencioso para a terra como quem lhe pede a paz de um tumulo, porque o homem têm consciencia de sua fraqueza, sabe que fez mal, tem vergonha de si proprio, conhece-se como um proscripto do ceo... Oh senhores! E qual de nós não tem pela memoria a certeza de haver occupado, mais de uma vez na vida, uma ou outra d'estas duas posições? Qual se não lembra de haver feito algum bem, de ter practicado algum mal, de ter sido umas vezes mais anjo que bruto, outras vezes mais bruto que anjo?

Pois isso que mais ou menos tem acontecido a todos nós, é exactamente o mesmo que acontecêra a Voltaire com maior intensidade, porque Voltaire foi um grande homem, e o condão inevitavel de todos os grandes homens, é reflectirem a humanidade intensamente e em proporções gigantescas. Digo pois que Voltaire foi a contradicção em pessoa; que nelle, mais que em algum outro homem do seu tempo, combateram o bom com o mau genio da humanidade, a carne com o espirito, o anjo com o bruto; quando o bruto venceu, Voltaire foi philosopho, quando venceu o anjo foi artista.

E na verdade, como philosopho Voltaire delirou, nem podia deixar de delirar; por que tendo-se-lhe encarnado n'alma em toda sua energia a missão do seculo 18.° que era a destruição da idêa velha em que assentava a ordem social d'então, Voltaire devia delirar, porque Voltaire vinha para destruir: —d'aqui a philosophia, d'aqui o scepticismo de Voltaire.

Como artista porém, Voltaire tinha a presciencia do genio. Voltaire sabia que apoz o seculo que destruisse, viria outro seculo que havia de reparar,—que o scepticismo podia sim dar cabo do presente; mas como não tinha vida para mais, como não podia sobreviver nem um instante ao preenchimento do seu destino; o futuro, pertencia inevitavelmente ao dogmatismo; pertencia ás altas crenças da humanidade, pertencia á fé—mas á fé renascida das proprias cinzas—á fé depurada no crisol da

tribulação das manchas que contrahira em seu sacrilego amplexo com a força, — á fé restituida á candura e pureza primitiva, com que cahira do alto da Cruz no seio d'alma dos simples e dos opprimidos d'este mundo Tudo isto sabia Voltaire, porque tinha o genio da arte: e como isso era o mesmo que queria o anjo em Voltaire, os pensamentos que lhe irradiam no espirito, os sentimentos que lhe surdem n'alma, as palavras que lhe cahem dos labios, tudo vem radioso e palpitante de vida; tudo vem tincto d'esta fé viva na verdade, que ha de ser a salvação do futuro, tudo vem recendendo estes perfumes do ceo, este amor ineffavel de Deos e dos homens, verdadeira e unica lei *de igualdade e fraternidade*, sellada com o sangue do homem-Deos, e promulgada ha dezenove seculos no alto do Golgotha.

Duvidaes, senhores, duvidaes da rigorosa exactidão da distincção que aqui faço? Olhae aos resultados.

Como philosopho — que é de Voltaire? Voltaire morreu com o seu seculo!... A immensa collecção de seus escriptos philosophicos são apenas um ornato das grandes livrarias. Mas ha tanto pó sobre esses livros! Parece que ahi ha um fetido de cadaver que desgosta, e delles repelle a mão da curiosidade... O certo é que de Voltaire para cá a sciencia tem caminhado e progredido tanto, que todas essas obras philosophicas, se não são um monumento de vergonha para o espirito humano, são um como marco milliario, levantado na estrada da sciencia, para advertir o orgulhoso espirito do homem, dos erros a que se arrisca quando rompendo com as tradições do passado, renegando da auctoridade dos seculos que o precederam, se lança sosinho e desajudado, sem outro guia mais que uma razão apaixonada, nos campos do infinito Eis aqui o mais que hoje valem as obras philosophicas de Voltaire.

Mas quanto ao Voltaire artista já não é o mesmo. Como artista quasi que se não póde dizer que Voltaire foi de tal paiz, nem de tal seculo; porque Voltaire vive ainda hoje com nosco, como vivera com os homens da sua terra e com os homens do seu tempo, como ha de viver com todos os homens das gerações do porvir; porque a verdade e a virtude, que são a alma das suas grandes composições dramaticas, por isso mesmo que são eternas como Deos, asseguram á memoria de Voltaire uma duração igual á da humanidade no tempo e no espaço.

Como artista Voltaire não morreu; porque o verdadeiro genio não morre nunca. Pelo contrario — Voltaire encanta, enleva, arrebata, como se vivo fosse, como se vivesse no meio de nós. Mas, com que remata Voltaire todos estes milagres do genio?.. Será com o desprezo acintoso e reflectido das crenças da humanidade?.. Será com esse mesmo espirito de scepticismo, com que tanto folga de perseguir em seus escriptos philosophicos a verdade religiosa? Será com este sacrilegio látego do ridiculo, com o qual parecia ter feiro pacto para...... *écraser l'infame?*..

Não!...... bem longe d'isso.... a vára magica, a que deve Voltaire todo o poder com que nos remeche a alma — sabeis qual ella é? São as sanctas crenças da humanidade; são esses mesmos principios de moral christã, que havia bebido em sua juventude por mãos de jesuitas, no antigo collegio de Luiz o Grande, são as altas verdades do christianismo, de que lhe havia formado a educação a seiva da alma, e que, a não sabidas d'elle, ainda agora lhe despontavam no espirito e governavam o coração.

Continúa. M. A. DE MENDONÇA.

O CRUCIFIXO.

(Traducção da XXII. meditação poetica de Lamartine.)

Ó tu, que eu recolhi sobre os seus labios,
Com seu ultimo alento e extremo adeus,
Symbolo sancto, dom de um moribundo,
Imagem do meu Deus!
Sobre teus pés sagrados quantas lagrimas
Tem corrido, senhor, desde esse instante,
Em que eu te recebi, ainda quente
Dos ais do agonisante.
Ardia nos brandões já debil chamma,
Um padre murmurava os sanctos hymnos,
Nessa toada triste que acalenta
O somno dos meninos.
Um reflexo d'esp'rança ainda brilhava
Nesses traços augustos da beldade;
A dor, fugindo, lh'imprimíra a graça,
A morte, a majestade.
Viam-se as tranças ondular-lhe ao vento,
E ás vezes encobrir feições celestes,
Qual ondula no marmor de um sepulchro
A sombra dos cyprestes.
Um do funebre leito já pendente,
Sobre o peito curvado inda outro braço,
Parecia apertar a sancta Imagem
N'um mui estreito abraço.
Para beijal-a os labios se entre-abriam,
Mas nesse beijo o espirito fugíra,
Qual antes de os queimar, devora a chamma
Perfumes sobre a pyra.
Somno da morte a bôcca lhe geláre,
Do peito o palpitar já não se ouvia,
E nos olhos sem luz, pesada e triste,
A palpebra cahia.
E eu, em pé, cheio de um terror secreto,
Não ousava tocar resto adorado,
Como se a morte na mudez sublime
O houvera consagrado!
Meu silencio entendeu o sacerdote,
Das frias mãos tirando o crucifixo:
« Eis, meu filho, a saudade, e eis a esperança,
Oh! recebe-as submisso. »
Sim, serás sempre minha, herança funebre!
Sette vezes o arbusto que eu plantei
Junto á campa, a folhagem tem mudado,
E inda te não deixei.
Sôbre este coração mirrado e triste
Tu és perenne escudo contra o olvido;
Meus olhos no marfim c'o pranto amargo
O tem amollecido.

*

O' confidente d'alma, que se aparta,
Vem, repete outra vez aos meus ouvidos,
O que escutaste então, e ella te disse
Nesses tons tão sumidos.
Quando occulta nos veos, qu' esconde as vistas,
Toda em si a nossa alma concentrada,
Surda ao ultimo adeus, se vê do corpo
Nos gelos exilada:
Quando entre a vida e a morte vacillante,
Como um fructo do ramo a despegar-se,
Treme de susto sobre o negro abysmo,
Onde vai mergulhar-se:
Dos psalmos e dos ais quando noss' alma
Não ouve a melancolica harmonia:
Fiel amigo, aos labios moribundos
Collado na agonia,
Para allumiar-lhe o horror do passamento,
Para as vistas guiar-lhe para Deus,
Consolador divino, o que lhe dizes
Junto aos ouvidos seus!
Senhor tambem morreste, e as tuas lagrimas
Nessa noite em que tu oraste em vão,
Do sagrado Olivete, até á aurora,
Cahiram pelo chão!
Da cruz d'onde sondaste o grão mysterio
Viste o pranto correr da virgem pura,
Em lucto a natureza, e tu legando
Teu corpo á sepultura.
Ao triste peccador, JESUS, permitte
Seu suspiro exhalar sobre o teu seio,
De mim te lembra então, tu, que da morte
Não tiveste receio.
Quero o sitio buscar, onde expirante
Sua bôcca soltou o extremo adeus,
Seu' sprito guiará d' ali minh'alma
Aos pés do mesmo Deus.
Ah! venha, venha então um ente amigo,
Como anjo de amor triste, e magoado,
Em soluços colher-me sobre os labios
O precioso legado!
Consolação e arrimo ao moribundo,
Amor puro e esperanças consagrando,
Vae, ó sancto penhor, dos qu' inda ficam
De mão em mão passando!
Té que, dos mortos alluindo a abobada,
Sette vezes a tuba dê signal,
E acorde os que da cruz á sombra dormem
O somno sepulchral!

F.

MEIOS DE PROMOVER A MULTIPLICAÇÃO E MELHORAMENTO DOS ANIMAES DOMESTICOS. [1]

II.

Cultura das plantas pratenses e forraginosas.

Todos os meios que possam empregar-se para promover a multiplicação e aperfeiçoamento dos animaes domesticos serão infructuosos, se não melhorarmos a nossa agricultura, substituindo o systema dos pousios pelo dos afolhamentos, e se não estabelecermos a cultura das plantas forraginosas e os prados artificiaes, sacrificando a estes alguns alqueires de cereaes, cujo valor será bem compensado pelo rendimento que deve provir do augmento da criasão de bons animaes.

A extenção da cultura das plantas forraginosas é um dos melhores meios para melhorar a agricultura; os vegetaes destinados para alimentar os herbivoros, sendo colhidos antes de estarem maduros, corrigem o solo em logar de o esgotar, e privam a terra das más hervas; em fim, as plantas forraginosas tem uma influencia salutar sobre a fecundidade do solo.

A cultura d'estas plantas offerece sempre grandes vantagens, mas é sobre tudo nas proximidades das cidades, que dá maior rendimento pelo emprego dos fenos, das palhas e das forragens para alimento das vaccas leiteiras e dos animaes de serviço.

Coimbra, rodeada de bellos campos, não apresenta no seu mercado se não palhas de cevada e de trigo, e verde de cevada. Este e outros factos da mesma ordem mostram o lamentavel atrazo em que está a agricultura.

A cultura das plantas forraginosas merece ser animada n'algumas provincias, e estabelecida n'outras em que é desconhecida; não só pelo rendimento que produz, mas por que é o principal meio de multiplicar os animaes domesticos e aperfeiçoar as suas raças.

Temos por vezes percorrido o campo de Coimbra, e magoa-nos vel-o coberto de animaes pequenos, enfezados, deformes, e de pouco valor. Fôra-nos natural investigar a causa de tamanha mizeria, por isso que nos parecia em desacordo com a amenidade do clima e fertilidade do solo: qual será pois a causa do acanhamento na estatura, da irregularida de das fórmas, e da magreza, tão frequentes nos cavallos e nos gados do referido campo?

Além do descuido com que se tractam os animaes, encontra-se a causa principal d'este estado na cultura rutineira a que está reduzido o campo de Coimbra; cultiva-se nelle o milho e depois fica em pousio a maior parte do anno, destinado a pastagens communs ou antes a um logradouro publico, por que as poucas plantas, que nascem espontaneamente, não podem vegetar n'um solo pizado e repizado por animaes de diversas especies.

O estado d'esta e d'outras localidades em identicas circumstancias, não póde melhorar sem providencias legislativas, que terminantemente acabem por uma vez com as pastagens communs, e por consequencia com os pousios; a fim de que cada lavrador tenha a propriedade do seu terreno, não só durante a cultura do milho, mas em todo o anno, e possa estabelecer as culturas, que mais convierem ás suas circumstancias.

Se os lavradores reservarem uma pequena parte do terreno para a cultura das plantas pratenses, e cultivarem as forraginosas no tempo em que o terreno lhes fica livre da cultura do milho ou outro qualquer cereal, obterão uma base solida para multiplicar e melhorar prodigiosamente os animaes domesticos, dos quaes tirarão grande rendimento; por isso que os gados são um producto, um meio productor e um instrumento de fertilisar a terra.

[1] Condescendendo com as instancias do A. deste artigo, declaramos que a nota a este titulo, que vem no numero antecedente a pag. 119, pertence á Redacção (o que é visivel).

Ás observações que acabamos de fazer, já alguem nos apresentou como objecção — as enchentes do Mondego.

Nas pequenas inundações a maior parte do campo é susceptivel de cultura, e nas grandes inundações, que são muito raras, ainda que o lavrador soffresse algum prejuizo, este lhe ficava compensado pelos lucros que havia tirado nos annos em que não houvera grandes enchentes.

Demais ou estas são demoradas, e n'este caso podia alimentar os animaes ao estabulo com a rezerva que deve ter de forragens seccas, ou são passageiras e n'este caso não estragam os prados e a cultura das plantas forraginosas. Actualmente perde o lavrador no primeiro caso a maior parte dos animaes, por não ter pastagens nem alimentos para os sustentar; e no segundo caso vê dezimar os seus rebanhos pela torrente das aguas; o que não aconteceria se elles fossem criados pelo systema de estabulação, e não vivessem sempre no campo.

Desenganem-se os lavradores, que se a terra é escassa, e elles vivem na mizeria, é por causa dos preconceitos, de suas practicas ronceiras, e sobre tudo, da indolencia com que dirigem o actual systema de agricultura: a cultura do milho, que de remotos tempos se faz no campo de Coimbra, por ser exclusiva, tem esgotado e cançado o terreno, tornando-o esteril: cultivem constantemente a terra e alternem as culturas, se querem obter variados productos, que façam a abundancia da familia, e lhes facilitem a creação de bons gados, os quaes podem ser fonte da sua riqueza.

Temos bastantes exemplos d'esta verdade nas nações visinhas: a Inglaterra na reforma do seu antigo systema de agricultura limitou as terras destinadas á cultura dos cereaes, e deu grande extensão á cultura das plantas pratenses e forraginosas: com esta reforma não só augmentou prodigiosamente o numero dos animaes e do seu pezo, mas viu com admiração crescer consideravelmente a produção dos cereaes; ainda que a extensão do terreno fosse menor, como era bem adubado e amanhado, havia se tornado mais fertil. Esta transformação da agricultura, tornando baratas as subsistencias, deu grande impulso á sua industria.

Poderemos encontrar exemplos mais proximos, observando a nossa provincia do Minho abundante em pastos e forragens, e ja rica em criação de gados, tendo um solo e clima inferior ao das margens do Mondego.

A maior parte dos agricultores é dominada pelo preconceito de que os nossos animaes domesticos são os melhores em relação ao paiz: nas nações em que a agricultura estiver levada ao ultimo gráo de perfeição, e onde se tiver tractado com preceito da creação dos animaes e do seu melhoramento, este preconceito póde ser uma verdade, que deva ser respeitada; mas entre nós é um erro de que resultam grandes prejuizos, por isso que temos tudo a fazer, sendo muito pouco o que herdámos dos nossos antepassados. Devemos por tanto antes de começar o melhoramento das raças dos animaes domesticos, dar a devida extensão á cultura das plantas forraginosas, e pratenses.

Continúa J. F. DE MACEDO PINTO.

REFORMA DOS HOSPITAES DA UNIVERSIDADE.

Com o duplicado fim de soccorrer á saude dos enfermos pobres, e de haver os exemplares necessarios ao ensino da arte de curar, fez reunir o grande ministro da reforma universitaria de 1772, n'um só hospital proprio da universidade todos os enfermos, que d'antes concorriam ao hospital da cidade: e mandou naquelle preparar todas as officinas indispensaveis á cura e tratamento dos doentes; bem como as que demanda o ensino regular, e completo da clinica medica e cirurgica.

Fôra collocado aquelle estabelecimento practico no edificio da Conceição, junto ao museu de historia natural, aproveitando uma parte d'este no pavimento inferior para a construcção do theatro anatomico, e do dispensatorio pharmaceutico.

Traçada, e executada a organisação do novo hospital com cinco enfermarias, conforme a disposição dos estatutos, uma para estudantes pobres, e ricos tratados á sua custa; outra para officiaes e pessoas privilegiadas da universidade; a terceira e quarta para os dois sexos dos enfermos pobres da cidade e suburbios; e a quinta para os exames de medicina e cirurgia practica; a capacidade do edificio podia apenas prestar a cento e vinte enfermos diarios. Crescendo este numero progressivamente; e alargada por impulsos de humanidade a area da repartição destinada ao recebimento dos enfermos; sendo que de todo o districto afluiam, e fôra inhumano fechar as portas, e negar guarida á desgraça e á miseria, que assim soffrera pena immerecida, pondo-se até em risco a vida dos miseraveis doentes; ha muito que a faculdade de medicina sentia a necessidade de alargar a esphera do exercicio clinico, e do ensino medico do hospital de clinica geral. Mas não via por onde remar.

Deparou-se favoravel ensejo em 1834 com a extincção das ordens religiosas. Havia edificios vagos de conventos e collegios: e conseguio então a faculdade a casa do extincto collegio de S. Jeronymo aonde estabeleceu a enfermaria geral do sexo masculino, e a do extincto convento de S. José dos Marianos para onde mudou o hospital de molestias cutaneas chronicas, até então collocado no sitio mais baixo, e mal são, da cidade.

Remediadas assim, e mui convenientemente as necessidades da saúde, e do ensino, foi em 1851 dado o edificio de S. José dos Marianos ao collegio de Santa Ursula, de Pereira: e, tendo de remover-se os Lazaros por essa causa, foi lhe destinada a casa de S. Jeronymo, ficando de novo a faculdade reduzida ao edificio da Conceição para hospital de clinica geral. Subia então já a trezentos o numero dos enfermos. A estreiteza da casa causava a estreiteza do gasalhado. A accumulação dos doentes peiorava a condição das molestias; compromettia a vida dos padecentes; e transtornava a marcha e regularidade dos symptomas, inutilisando assim verdades doutrinaes da praxe medica. Foi uma fatalidade lamentavel!

A responsabilidade do ensino, e do curativo nos hospitaes, pesava todavia nos hombros da faculdade de medicina. Não lhe podia soffrer o animo tanta calamidade; nem contemplar impassivel o transtorno do exercicio, e do ensino da sua profissão generosa. Representou, instou com o governo, respeitosa mas energica. Lembrou que uma parte do edificio do extincto collegio das artes podia recolher mui commodamente alguns enfermos, que era urgente remover da casa da Conceição atulhada d'elles. Assim o resolveu o governo; e em seguida creou uma commissão presidida pelo prelado da universidade, e composta de um vogal nomeado pela camara, outro pela faculdade de medicina, e um pela misericordia, fazendo tambem parte d'ella o director das obras publicas do districto.

Fôra commettido á commissão o escolher novo local para estabelecimento de um hospital accommodado ás necessidades do curativo dos enfermos, e exigencias do ensino; propondo as obras e preparos necessarios para o fim indicado: e appreciar até que ponto será conveniente confiar á misericordia da cidade a sustentação e tratamento dos enfermos, concorrendo a camara com algum recurso, e a administração do hospital; reservando para a faculdade a sustentação e tratamento dos exemplares do ensino: preparando a commissão os regulamentos necessarios á reformação, que julgar conveniente.

É tão importante, como difficil, trabalhosa e arriscada, a tarefa da commissão, mormente na segunda e terceira parte do problema que se offerece ao seu estudo, e discussão.

A primeira parte parece estar resolvida, e com grande proficiencia. A commissão escolhendo a casa do collegio das artes, que por sua vasta capacidade, construcção e exposição, parece talhada de molde para um magnifico hospital; e reunindo-o á casa contigua de S. Jeronymo, tem preparado um dos melhores hospitaes da Europa. Medida a capacidade das casas sob os preceitos hygienicos, accommoda mui folgadamente quatrocentos e cincoenta doentes, respeitada a independencia de sexos, divisão e regularidade de serviço; e com separação e independencia das casas de convalescença. Sabemos que ha uma planta bem desenhada por um substito da faculdade de medicina, aperfeiçoada e colorida na repartição das obras publicas, para ser apresentada ao governo, representando o collegio das artes com as suas diversas repartições, e accommodações. É trabalho estimavel e de muito preço para esclarecimento do governo e do publico.

A reunião da casa de S. Jeronymo á do collegio das artes tornou indispensavel a remoção dos Lazaros para outro local. Estando á disposição da universidade a casa do collegio dos militares, foram para ali mudados. E posto que S. José dos Marianos seja o sitio e casa mais proprio para o tratamento daquellas enfermidades, não deixa de haver alguma conveniencia na escolha da nova casa, que por sua capacidade e construcção, póde ser destinada para hospital especial de todas as molestias cutaneas: e d'estas especialidades ha grande falta n'este nosso paiz.

Havendo necessidade de um novo theatro anatomico, e museu anatomico-pathologico; porque o que existe nem tem as condições prescriptas nos estatutos, nem satisfaz ás exigencias da sciencia, e espirito do seculo, é de esperar que na vasta capacidade do novo hospital se escolha local appropriado para um bom pavilhão, em que as dissecções possam ser acompanhadas das observações microscopicas, e trabalhos de injecção. Será por ventura este o objecto mais dispendioso; mas não poderia ser tentado em occasião mais opportuna, havendo o governo civil recebido ultimamente acima de quatro contos de reis de juros de padrões, pertencentes aos bens proprios do hospital.

O dispensatorio, e laboratorio pharmaceutico tambem acham commodo aposento no edificio do collegio das artes, sem que seja necessaria grande despesa

O novo hospital vai organisado ao gosto moderno. Trezentos a quatrocentos doentes é o numero maximo que hoje se adopta em todos os hospitaes. Hospitaes monstros passaram de moda. Reprova-os a sciencia fundada na observação.

Continúa.

DOCUMENTOS INEDITOS.

Falla que o viso-rei D. João de Castro fez aos capitães, e outras pessoas o dia da grão batalha (de Dio.)

« Senhores! Se me parecêra que a grandeza do vosso animo, e o grande esforço de vosso braço, e o grande alvoroço, que me todos mostraes pera a empreza, que temos

entre mãos, procedia de não entenderdes a graveza do negocio, e a importancia d'elle, e que temerariamente, sem outra nenhuma consideração entraveis n'ella; tivera o coração menos alegre, e não me atrevera a querer mostrar por armas a elrei de Cambaya quanto mais forte é um exercito de tres mil homens determinados, que o seu de sessenta mil: por que a virtude e força unida, dizem, que mais forte é; mas por que sei que vos lembra, que sois esteios e alicerces, que ao presente sustém e defendem a india, que é uma morada, que foi edificada sobre tantas vidas e sangue portuguez, assim de fidalgos muito nobres, como de outra gente, cuja fama e nome com tanta gloria e honra anda por todo o mundo: e o que deveis ao tronco d'onde procedeis, e aos avós, de que tanto ves honraes; por que cuido que trazeis deante os olhos, e muito viva a memoria de seus feitos, por que não sómente se deram por contentes de vencerem com pouca gente, e mal provida grandes exercitos, nas partes d'Africa, e nas da Asia, onde nos agora todos achamos; mas tambem nas da nossa Europa, onde temos elrei nosso senhor, e nossos paes e mães: aonde tiveram muitos e grandes recontros, e debates com os romanos, em tempo que senhoreavam o mundo todo, aos quaes, sendo tão poucos, deram tanto trabalho, que não só uma vez, se não muitas alcançaram delles victorias mui assignaladas, com que o nome portuguez ficou antre elles muito celebrado

Lembro-vos as grandes victorias, que os nossos antecessores alcançaram neste mesmo logar de nossos inimigos: e que ficando elrei de Cambaya d'esta vez sem castigo da offensa, que tem feito a elrei nosso senhor, e aos seus capitães; quam abatidos ficamos, e quanto melhor nos é a todos morrer nesta empreza, que ficar com vida, sem fazer conhecer aos imigos o erro, que commetteram, e o engano, em que cairam; com terem pera si, que na multidão dos muitos estava a victoria certa. Polo que cumpre, que todos com animo alegre e esforçado offereçamos nossas vidas, pondo-as em todos os perigos, por defensão de nossa lei, e por augmento do estado d'elrei nosso senhor. Porque em tal caso, succedendo não sairmos como desejamos, não teremos conta que dar; pois acabamos em cousa de tanto serviço de Deos, e em que ia tanto a reputação e opinião do nome portuguez: e os que escaparmos com vida ficamos ganhando uma fama tão gloriosa, que nunca já mais poderá ser esquecida; nem os que vierem poderão perder a memoria, e lembrança de um dia tão insigne, como é o que se nos hoje offerece.

Não quero que tenhaes em pouco a força dos imigos, nem menos, que cuideis, que o haveis de haver com gente fraca e medrosa do vosso braço; se não que vos persuadaes haver de ser a batalha muito rija, perigosa, e cruel de parte a parte: porque nunca foi bom feito despresar o inimigo; antes temos visto grandes desventuras e desarranjos, por terem em pouco suas forças, e não fazerem caso d'ellas.

O que agora quero, senhores, de vós, é que vos não pareça, que o haveis de haver com Guzarates sómente, se não com turcos, rumes, arabios, persios, abexins, fartaques, os quaas hão de trabalhar por vos não venderem muito barato seu sangue, e por verem se podem ir por diante com o seu intento, que não é outro, se não tomarem esta fortaleza, com morte e destruição de todos, que aqui estamos. Porque fazendo nós esta conta, tenho por averiguado, que pleijaremos com dobradas forças; as quaes espero, que Deos nol-as accrescente; pois confiamos na grandeza de sua misericordia, e tambem, pois vê que tudo resulta em serviço seu.

Ora pois, senhores, para que é trazervos á memoria os grandes feitos em armas, que por todo o mundo se fizeram; pois me podeis dizer, que os não vistes, e que os historiadores favorecem as partes? Não vos quero persuadir nenhuma cousa com exemplos passados, senão com homens vivos da nossa mesma nação, que ou são vossos parentes, ou foram muito vossos amigos, que sendo muito poucos em numero prevaleceram sempre contra tanta multidão de imigos, como muitos dos que aqui estaes tereis visto: Em tempo do governador D. Henrique, na fortaleza de Calecut, em tempo que era nossa, o qual desembarcando de um batel pera entrarem na dita fortaleza, por estar cercada dos mouros, pleijou com dez mil mouros, que lhe quizeram impedir a desembarcação, e apesar d'elles, desembarcaram, e se recolheram na fortaleza, deixando grandes sinaes nas carnes dos mouros do fio das suas espadas, e da força dos seus braços.

Em Ceylão tambem trinta portuguezes mal dispostos, e não tendo outras armas mais que lanças e espadas, pleijaram sexta feira de endoenças com Balaçem com 700 soldados mouros, dos quaes mataram muitos e os desbarataram, tomando-lhe suas fustas no porto de Columbo.

E que vos direi das cousas que o grande Affonso de Albuquerque fez nas partes de Maláca contra tão grande poder de mouros com 600 portuguezes sómente? Tambem vos lembro o que fez o governador Pero Mascaranhas com 400 homens na tomada de Binentão, entrando por um rio cinco leguas, tomando a cidade, sem lh'a poderem defender dez mil homens de pleija, tendo presente o seu proprio rei, que os fazia pleijar com dobradas forças? E pois Deos assim tem mostrado o muito que nos quer, que razão póde haver, tendo confiança nelle, que nos possa estorvar de mostrarmos a estes mouros, que não somos inferiores aos portuguezes, que nos tempos passados alcançaram tantas victorias

delles? E a quem isto não parecer bem, não deve de se lembrar da obrigação que tem a Deos, e a seu rei, e aos avós, d'onde procede, como se lembrará dos perigos evidentes, que nesta empreza estam certos, e da morte, que quererá fugir, da qual não ha ahi poder escapar na terra, quando por Deos for ordenado.

Ora pois, senhores, lembro-vos, que tendes um rei por senhor, tão desejozo de vos fazer mercês, e tam compadecido de vossas necessidades, que vos está obrigando a lhe defenderdes esta sua fortaleza, como elle, e eu esperamos, que façaes: e que o proveito que d'isto se nos segue, alem das razões, que já vos disse, é que ficando agora vencedores (o que eu tenho por mui certo, pois temos Deos pela nossa parte) que nunca mais os imigos terão atrevimento pera tornarem outra vez a se levantarem contra nós: por que, ainda que elles se estribam no favor, e ajuda, que têem nos turcos, assim por serem fortes, como por serem exercitados e destros nas armas; todavia não se podem comparar com o nosso animo, que tão costumado está a alcançar muitas e grandes victorias delles.

Ponde todas estas razões diante dos olhos; fazei conta que pleijais em presença d'elrei nosso senhor, o qual hade julgar vossos trabalhos, e remunerar vossos serviços, não como quem está d'aqui cinco mil leguas, se não como se estivéra presente a todos os combates e recontros, que por vós passarem.

Exforçai-vos, valentes e animosos portuguezes, leaes e bons vassalos, ou, por dizer melhor, amados filhos d'aquelle grande rei de Portugal, a que todos chamaes pai; pleijai todos com grande coração; pois tendes por guia, e vos acompanha Christo crucificado (dizendo isto amostrou a todos um crucifixo, pondo-se de giolhos diante elle. E tornando a continuar a sua practica, foi dizendo, que acommettessem os imigos com grande animo, e que não arreciassem morrer n'aquella empreza; por que dizia elle, que dizia Petrarca — *che bel mourire tuta la vita honora.*) N.

BREVES REFLEXÕES HISTORICAS SOBRE A NAVEGAÇÃO DO MONDEGO, E CULTURA DOS CAMPOS DE COIMBRA.

Continuado de pag. 188.

Não tendo encontrado, como já dissemos (nota 1. pag. 188 deste jornal) o decreto de 28 de março de 1791, para por meio delle nos habilitarmos a fazer a descripção das ruinas dos campos de Coimbra, tivemos de aproveitar para aqui algumas noticias dispersas pela extensa memoria que Estevão Cabral escreveu á cerca do Mondego [1]. Mas antes de darmos essa idêa do estado dos campos de Coimbra em 1791, convem remontar ao anno de 1708, porque pelos factos referidos naquella memoria, entendemos poder concluir que a causa de se não ter levado a effeito o encanamento decretado em 12 de maio de 1694 (pag. 149 deste jornal) foi a opposição dos povos.

Alguns engenheiros mandados pelo governo de sua majestade (D. João V.) a Coimbra para examinar o Mondego, foram de opinião que o leito deste rio se abrisse pelo sul do campo juncto a S. Martinho do Bispo, Villa-Pouca e Arzilla. Este parecer desagradou a muita gente, e logo subiram ao throno varias representações que fizeram mudar o plano, e o resultado foi mandar-se que o alveo não fosse mudado, mas sim fortificado; e que o desembargador Miguel Fernandes de Andrade viesse a Coimbra na qualidade de juiz commissario para fazer reduzir a corrente do rio ao seu antigo alveo e antigo estado. Então se deram as providencias que deixamos lembradas a pag. 159 e seguinte entre as quaes figura um marachão de pedra e cal, mandado construir n'um boqueirão ou quebrada por onde o rio se dividia para a esquerda, um quarto de legua abaixo de Coimbra.

A violencia das enchentes, que vieram depois, destruiram aquelle grande paredão mandado fabricar em 1709; seccou-se o alveo velho, e o rio sem leito fixo corria, desde 1783, disperso pelo campo [2].

As areias amontoadas pelo campo occupavam em 1790, uma superficie de duas leguas de comprimento, e mais de seis mil palmos de largura [3].

A elevação do plano das terras do campo, não era, nos fins de julho de 1790, superior á agua clara do rio, mais de tres a quatro palmos [4].

Havia no dito anno em diversos pontos do campo de Coimbra muitos paúes, alguns dos quaes se mediam a leguas, e não se cultivavam se não em algumas pequenas partes, em julho ou agosto quasi inutilmente Entre outros eram recommendaveis o campo baixo de Bolão até á Geria, o de S Facundo, Cioga, Tentugal, Arzilla, Maiorca etc. etc [5].

Eis aqui o estado de ruina em que se encontrava em 1790, o leito do Mondego, e campos adjacentes, de Coimbra para baixo. Para obviar a estes estragos mandou o governo de sua majestade estudar scientificamente aquelle rio e seus campos, para depois se formar o plano de um novo encanamento.

Os homens que mais se applicaram ao estudo do Mondego, e cujos trabalhos se pu-

[1] Memorias Econom. da Acad. tomo 3.°
[2] §§. 5 e 16 da dita Memoria
[3] §. 16 — ibid.
[4] d.° — ibid,
[5] §. 18 ibid.

blicaram pela imprensa, foram os sñr^s. Domingos Vandelli e Estevão Cabral; ambos apresentaram o resultado de seus trabalhos, juntamente com a sua opinião, em 1790 á academia real das sciencias; este em sessão de 14 de dezembro; e aquelle em sessão de 27 de outubro.

O sñr. Vandelli foi muito succinto e superficial, nas suas indagações, e estudos hydraulicos, e até algumas vezes obscuro na exposição feita dos seus trabalhos á academia [1]. Depois de enumerar varios projectos que tem sido propostos para o encanamento do Mondego, diz que lhe parece preferivel a todos o que foi approvado por um acordão entre os ministros e pessoas intelligentes, que D. João V. deputou e mandou ouvir por alvará de 22 d'abril de 1708 (vid. pag. 159 deste jornal).

O sñr. Estevão Cabral applicou-se com mais circumspecção aos trabalhos de que foi encarregado; examinou e estudou com rigor todas as circumstancias e especialidades do Mondego. Fez nivelamentos, tomou alturas, levantou o primeiro mappa hydrographico, procurou em fim todos os fundamentos scientificos para estabelecer a base d'um encanamento digno dos applausos da posteridade. Mas *quandoque bonus dormitat Homerus.*

Os factos provaram, desgraçadamente em poucos annos, que o sñr. Estevão Cabral não foi melhor engenheiro práctico, do que seus predecessores. Dous erros indesculpaveis fizeram defeituoso o plano de canalisação elaborado pelo sñr. Estevão Cabral: um a falsa persuasão de que o Mondego era capaz de cavar o seu leito, pela propria força natural (mais adiante voltaremos a este objecto); e o outro foi formar o encanamento em linhas rectas partidas, devendo ser traçado n'uma só recta, como reconheceu o mesmo director, quando disse que a base do seu plano se reduzia a juntar as aguas, e tirar as voltas do rio [2]. Os estragos que as enchentes ha muitos annos tem feito, e continuam a fazer nos campos, por causa da curva do encanamento pouco abaixo de Coimbra, e nos angulos defronte de Fermozelha, e de Monte-mor são documentos incontestaveis de que o Mondego devia correr em linha recta; salvo nos pontos em que a irregularidade do solo o não comportasse.

Estamos convencido de que o Mondego, pelas suas especialidades, é incapaz d'um encanamento que não careça de alguns reparos em quasi todos os annos; porque nem podem ser prevenidos os destroços, e violencia das grandes enchentes, por causa da sua irregularidade; nem é possivel obstar á descida das areias para a planicie com o movimento das aguas. Mas tambem estamos certo que, se o encanamento de 1791 fosse aberto em linha recta segundo o principio scientifico já enunciado no decreto de 1694 (pag. 149), e depois confessado pelo mesmo Estevão Cabral, a navegação do Mondego ainda não seria hoje tão trabalhosa, nem os campos teriam em tão poucos annos, soffrido tão grandes estragos. Estes males viriam, porém muito mais tarde.

Os engenheiros do Mondego gastaram quasi dous seculos e meio (desde 1464 a 1694) para descobrir um principio hydraulico em que fundassem o seu plano de canalisação; appareceu em fim, no anno de 1694, esse fio que devia guiar no meio da confusão de tantos trabalhos disparatados e absurdos, até então practicados sem proveito á custa de violencias feitas aos povos, e de despezas exorbitantes do estado. Mas até hoje ainda não houve obra alguma no Mondego, em que aquelle principio fosse observado em toda a sua extensão. Em 1536 principiaram os habitantes de Coimbra a supplicar um caes que os deffendesse das invasões do Mondego (vid. pag. 78), e só depois de tres seculos de padecimentos é que viram começar essa obra de tanta urgencia. A'vista de tão demorado andamento arriscamos uma pergunta: Quantos seculos, ou quantas gerações deveram decorrer antes de se effeituar um encanamento com todo o rigor da sciencia? Um encanamento que facilitando a navegação, não faça precaria, em todos os annos, a fortuna dos proprietarios do campo? Talvez que só no fim do vigesimo seculo.

A's duas já lembradas memorias dos sñr^s. Vandelli e Estevão Cabral, addicionaremos outra mais moderna, publicada em 1822 (a pag. 673, 682, e 690 do diario do governo desse anno). Sem emittir a nossa opinião aconselhamos a leitura desta peça litteraria do eximio mathematico, e director das obras do encanamento do Mondego o sñr. conselheiro Agostinho José Pinto d'Almeida. Se o leitor depois de ter visto este escripto der um passeio de quarto de legua, desde Coimbra pelo encanamento abaixo, não deixará de reconhecer que o auctor vendo-se precisado a satisfazer exigencias do governo, pareceu ter um pensamento reservado, na elaboração da memoria com que respondeu.

Continúa.

ESTATISTICA DOS ESTUDANTES MATRICULADOS NAS CINCO FACULDADES ACADEMICAS NO ANNO LECTIVO DE 1853 — 1854.

THEOLOGIA.

Annos		
1.°	Ordinarios	9
	Alumnos para o estado ecclesiast.	15
2.°	Ordinarios	20
	Alumnos ditos..	18
3.°	Ordinarios	13
	Alumnos ditos..	4
4.°	Ordinarios	6
5.°	Ordinarios	5
6.°	....	4

DIREITO.

1.°	Matriculados 114 foi um riscado	113
2.°	....	108

[1] Veja-se a sua Memoria no citado tomo dellas

[2] §. 32. ibid.

3.°	....	61
4.°	....	76
5.°	Matriculados 100 foi um riscado	99
6.°	....	7

3.°	Ordinarios .. .	2
	Voluntarios	5
4.°	Ordinarios	4
	Voluntarios ...	6
6.°	Ordinarios	3

MEDICINA.

1.°	....	17
2.°	....	18
3.°	....	9
4.°	....	11
5.°	....	6
6.°	....	2

MATHEMATICA.

1.°	Ordinarios	10
	Obrigados	14
	Voluntarios	38
2.°	Ordinarios	3
	Obrigados	13
	Voluntarios	15

PHILOSOPHIA.

1.°	Ordinarios	12
	Obrigados	9
	Voluntarios	44
2.°	Ordinarios ...	8
	Obrigados	10
	Voluntarios	18
3.°	Ordinarios	2
	Obrigados	2
	Voluntarios	14
4.°	Ordinarios	4
	Obrigados	5
	Voluntarios	24
5.°	Ordinarios	4
	Voluntarios	3
6.°	Ordinarios	1

Numero total segundo as matriculas 898

FACULDADE DE PHILOSOPHIA.

O conselho da faculdade de philosophia nomeou uma commissão, composta dos snrs. doutores Roque Fernandes Thomaz, Antonio Sanches Goulão, e Manoel dos Santos Jardim, para colligir dos livros das actas tudo que mereça publicar-se no Instituto, assim como para rever, e coordenar quaesquer trabalhos litterarios dos respectivos professores, que hajam de ser publicados no mesmo jornal.

Tambem resolveu o conselho que se publicasse mensalmente neste jornal o mappa das observações meteorologicas, feitas no gabinete de physica, sob a direcção do snr. doutor Goulão.

NOTICIAS LITTERARIAS.

UNIVERSIDADE DE PARIS.

1852—1853.

N'este anno lectivo dois unicos alumnos fizeram acto de bacharel na faculdade de theologia de Pariz, o que não admira, por que os graus não são obrigatorios nesta faculdade. Na de direito matricularam-se no principio do anno 2:566 estudantes, isto é, 209 menos que no antecedente: perderam o anno por faltas 226. Segundo os regulamentos da universidade, as faculdades fazem expedir aos paes dos alumnos, que não têem 30 annos de idade, um boletim, todos os semestres, informando-os do aproveitamento d'elles. D'estes boletins expediram-se pela faculdade de direito 7:533. Fizeram exames 4:067 candidatos, dos quaes 757 foram excluidos

Na faculdade de medicina matricularam-se 1:437 alumnos; no anno antecedente tinham sido 1:574; expediram-se 3:278 boletins com as informações dos alumnos. Examinaram-se 2:921 candidatos, e d'estes 405 foram excluidos.

Na faculdade das sciencias, em consequencia da ultima reforma, subiu o numero dos estudantes matriculados de 714, que eram no anno antecedente, 1:456. Os exames para todos os gráus foram 1:534, houve 767 exclusões, e egual numero de admissões.

Anteriormente a 1852 para 1853, um pequeno numero de alumnos se matricularam na faculdade das lettras, e esses mesmos eram quasi sempre só os que se propunham ao gráu de licenciado, e muitas vezes até para este fim se dispensava a matricula. O decreto de 10 de abril de 1852 impoz aos estudantes da faculdade de direito a obrigação de frequentarem dois cursos na faculdade das lettras, por isso em janeiro de 1853 se achavam matriculados nella 3:500 candidatos, dos quaes 2:492 eram estudantes de direito, e 71 aspirantes ao gráu de licenciado em lettras. Fizeram-se 2:236 exames, quasi todos para o gráu de bacharel, e ficaram excluidos n'elles 1:539. Na eschola de pharmacia matricularam-se 118 alumnos, fizeram exame 44, e d'estes ficaram excluidos 30.

A pezar de todas as providencias da universidade não foi ainda possivel acabar com o gravissimo abuso dos exames para o gráu de bacharel em lettras, e em sciencias, feitos por terceiras pessoas, em nome de outros candidatos, mediante certos ajustes pecuniarios. N'este anno lectivo procedeu o conselho academico do Sena contra trinta e quatro individuos convencidos d'este trafico litterario, impondo a pena de suspensão a alguns d'elles, que eram professores, ou repetidores em diversos estabelecimentos, e excluindo temporaria, ou perpetuamente de todas as academias alguns estudantes de direito, e medicina, que por dinheiro iam fazer aquelles exames por outros com o nome d'estes.

Rev. de l'Instr. Publ.

DOUTORAMENTO DO DUQUE DE BARBANT.

No dia 23 de novembro ultimo recebeu o duque de Barbant, principe real da Belgica, o grão de doutor em letras na universidade de Cambridge, na presença de um numeroso e mui luzido concurso. Ás onze horas e meia o principe Alberto e o duque, acompanhados pelo vice-chanceller, e pelo professor Sedgwick entraram na sala no meio de vivos applausos. O principe Alberto estava vestido com o uniforme de chanceller da universidade. Aberta a sessão, o vice-chanceller conduziu o duque á vestiaria, a ahi tomou a toga vermelha de doutor, com a qual voltou á sala, sendo recebido com grandes applausos.

Mr. Batison dirigiu então ao principe Alberto um longo discurso em latim, apresentando depois o duque ao principe chanceller, que lhe conferiu o grão.

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA.— PROGRAMMAS.

FACULDADE DE PHILOSOPHIA.

1853—1854.

3.° ANNO.

CHIMICA ORGANICA E ANALYSE CHIMICA.

Lente — *O Conselheiro Manoel Martins Bandeira.*

1.ª PARTE.

CHIMICA ORGANICA. —Considerações geraes — radicaes compostos — formulas racionaes das substancias organicas.

Theoria das substituições — typos chimicos.

Classificações e nomenclatura dos compostos organicos.

Materias azotadas organicas — materia amylacea — gommas — assucares.

Productos da acção dos acidos sobre as substancias albuminoides, e amylaceas — sobre as gommas, e assucares — principios gelatinosos dos fructos.

Theoria da fermentação, e suas diversas especies.

Alcool — ether hydrico — etheres simplices, e compostos — diversas theorias da etherificação — series do aldehydo, cacodylo, e do ether methylico.

Acidos organicos — sua constituição, e diversas especies.

Considerações geraes sobre os alcalis organicos — alcalis organicos naturaes fixos, e volateis — alcalis organicos artificiaes. — substancias neutras vegetaes — combinações do cyanogeno com os metalloides — essencias hydro-carbonadas — essencias oxigenadas — series benzoica — salicylica — cinnamica — e amylica — gutta percha — resinas — essencias sulfuradas.

Productos mais importantes da distillação das materias organicas — corpos gordos — saponificação — ceras.

Materias colorantes d'origem organica.

2.ª PARTE.

ANALYSE CHIMICA. — Analyse qualitativa e quantitativa das substancias tanto inorganicas, como organicas.

Analyse das aguas mineraes.

Exposição da analyse mediata ou elementar segundo os processos de Lavoisier, de Gay-Lussac e Thenard, de Berzelius, e de Liebig.

ANATOMIA E PHYSIOLOGIA COMPARADAS — ZOOLOGIA.

Lente — *Dr. Fortunato Raphael Pereira de Senna.*

PRIMEIRA EPOCHA. — Noções geraes d'anatomia e physiologia humana, Definição e divisão de funcções. Funcções animaes — sceletologia — demonstração practica de cada uma das peças osseas ou orgãos passivos do movimento, e que constituem o esqueleto — angulo facial. Nevrologia — systema nervoso cerebro-espinhal e ganglionar — principio vital — acção nervosa — propriedades vitaes — vida — sentimento e expressão — sentidos externos e internos — phrenologia — magnetismo animal. Myologia — orgãos activos do movimento — irritabilidade — mecanica animal. Vóz e loquela. Funcções organicas — digestão — absorpção — circulação — respiração — secreção — nutrição. Calor animal. Geração — considerações geraes — theorias da geração — gerações espontaneas — hybrielismo.

SEGUNDA EPOCHA. — Anatomia e physiologia comparadas — zoologia. Classificação dos animaes e sua classe segundo os diversos zoologistas — methodo — systema — (analytico e synthetico) — philosophia da sciencia — vertebrados ou vertebrados superiores ou intravertebrados — nervosqueleto — mamaes — aves — reptis — peixes; occupa o vertice da serie zoologica como grande typo da organisação — Homo. — variedades e raças humanas; descripção e particularidades das especies mais notaveis de cada classe segundo as ordens, familias, tribus e generos; considerações sobre a transformação das especies e reino intermedio (G. R. Treviranus) — proto-organismos (Carus). Demonstrações na parte practica.

TERCEIRA EPOCHA. — Invertebrados ou vertebrados inferiores ou extravertebrados — splanchnosqueleto e dermatosqueleto — annelados — molluscos — zoophitos; descripção e particularidades das especies mais notaveis segundo a classificação — phosphorescencia e phenomenos electricos dos animaes; distribuição geographica e faunes — paleontologia animal. Demonstrações practicas; e a final — pratica e reducção de differentes exemplares d'animaes.

ESTATISTICA DOS ESTUDANTES MATRICULADOS NAS AULAS DO LYCEU DE COIMBRA, NO ANNO LECTIVO DE **1853 — 1854.**

Aula	Categoria	Número
1.ª Aula — Grammatica Portugueza e Latina	Ordinarios	9
	Voluntarios	7
2.ª Aula — Latinidade	Ordinarios	4
	Voluntarios	36
Lingua Grega	Ordinarios	2
	Voluntarios	16
—— Hebraica	Ordinarios	5
	Voluntarios	11
—— Alemã	Voluntarios	1
—— Franceza	Ordinarios	3
	Voluntarios	12
—— Ingleza	Ordinarios	5
	Voluntarios	9
Philosophia Racional e Moral, e Principios de Direito Natural	Ordinarios	26
	Voluntarios	4
Oratoria Litteratura e Historia	Ordinarios	55
	Voluntarios	20
Arithmetica, Principios d'Algebra, e Geometria Elementar	Voluntarios	99
Numero total segundo as matriculas		324

PREMIOS.

No dia oito do mez de dezembro teve logar na sala grande dos actos da universidade, a distribuição solemne dos premios conferidos pelos conselhos das faculdades de theologia, direito, mathematica e philosophia, aos alumnos, cujos nomes já publicámos no n.° 9 d'este jornal.

Esta solemnidade academica fôra ordenada pelos Estatutos de 1772 para os premios das tres faculdades de sciencias naturaes; mas só em 1840 se celebrou pela primeira vez, por occasião dos premios, que pelo decreto de 25 de novembro de 1839, se estabeleceram para todas as faculdades.

Nos primeiros annos fazia o reitor uma oração em portuguez, louvando o aproveitamento dos premiados, e excitando o brio de todos a alcançarem eguaes honras; seguiam-se depois os discursos dos decanos de todas as faculdades, especialmente dirigidos aos respectivos alumnos. Posteriormente ordenou o conselho dos decanos, que, além da oração do reitor, houvesse só o discurso de um lente decano por turno annual; e assim se pratica hoje. Os lentes de todas as faculdades assistem a este acto com as suas insignias, e os premiados tem um logar distincto na sala, onde se assentam pela mesma ordem de faculdades, que os lentes. Chamados pelo secretario e mestre de ceremonias da universidade os premiados, vem por sua ordem á meza em que está o reitor com os cinco decanos, receber do da faculdade respectiva o competente diploma.

Antes da distribuição dos premios celebra-se na real capella da universidade a festividade de Nossa Senhora da Conceição, sua especial padroeira, com assistencia de todo o corpo academico.

Esta solemnidade, sempre tão festiva para a universidade, apresentava este anno um aspecto melancolico e lugubre, denunciando a profunda impressão do doloroso acontecimento, que viera contristar todos os corações. Era o luto da patria pela prematura e infausta perda da excelsa Rainha, que pouco mais de um anno antes estivera no meio d'aquella assembléa litteraria. As gallas desses jubilosos dias breve se trocaram pelo mais rigoroso luto! As paredes da sala nuas, as cadeiras cobertas de dó, o profundo silencio de toda a assembléa, interrompido só pela voz dos oradores, a quem a lei impunha a obrigação de recordar á mocidade academica a importancia d'aquelle acto solemne, formavam um espectaculo verdadeiramente tocante, que fizera brotar copiosas lagrimas de saudade.

Os discursos recitados pelo prelado da universidade, e pelo decano da faculdade de direito n'esta occasião foram os seguintes:

FALLA DO EX.^mo^ SÑR. BISPO ELEITO DE BRAGANÇA, VICE REITOR DA UNIVERSIDADE.

Senhores! A lei universitaria, conferindo honras e premios aos alumnos, que sobresaem por seu talento e applicação, e excitando assim a emulação dos outros para disputarem áquelles a gloria ou merecerem galardão egual, teve em vista promover o progresso das sciencias e das letras.

Para melhor conseguir tão importante fim, a mesma lei determinou, que os diplomas dos *premios*, *partidos* e *accessit*, fossem entregues aos proprios aggraciados n'esta sala grande, em dia festivo, na presença de seus mestres, e do publico respeitavel e illustrado.

Eis, Senhores, o motivo, que nos reune aqui hoje, que a Santa Egreja celebra o mysterio sacro-santo da Conceição immaculada de Nossa Senhora, protectora d'este reino

A' solemnidade religiosa, segue-se agora esta, d'entre as festas academicas a mais grata para todos. N'ella se comprazem os mestres pelo bom resultado dos seus trabalhos; os premiados pela gloria, que obtiveram; os condiscipulos com a esperança de que a obterão egual, se forcejarem por ella; os paes, familias e amigos dos jovens premiados, por verem publicamente reconhecido e galardoado o merito de pessoas, que lhes são tão cáras; eu em fim, por ver coroados em grande parte os meus desejos, a felicidade em tudo e sempre dos filhos d'esta academia.

A formalidade da lei vai cumprir-se, mas o seu fim, a realidade!... essa depende de vós, illustres academicos, flor da mocidade portugueza, esperanças da patria!

Attendei, nobres mancebos: o saber e a probidade são hoje, como sempre o deverão ser, os principaes dótes porque o homem tem valia na sociedade. Logo vereis sair d'entre vós mesmos, e approximar-se d'esta meza, quem vos póde servir de modelo no estudo e applicação, meio unico de conseguir o saber: da probidade, encontraes no recinto d'esta sala grande cópia de egregios exemplares.

Imitai-os, eu vol-o exhorto em nome da patria, do rei, dos vossos paes, familias e amigos; imitai uns e outros, egualai-os, excedei-os até. Se assim o fizerdes, merecereis as benções da mesma patria, do rei, de vossos paes, familias e amigos, em cujo numero, fareis justiça, se me contardes.

DISCURSO RECITADO PELO DECANO DA FACULDADE DE DIREITO, O ILL.^mo^ E EX.^mo^ SÑR. MANOEL DE SERPA MACHADO, PAR DO REINO.

Respeitaveis anciãos, que occupaes o logar eminente em torno do principe eleito da Egreja lusitana, que por gloria nossa preside á universidade, e a este acto solemne de triumpho litterario: e vós sabios e distinctos professores, carissimos companheiros meus, que tendes a vosso cargo o grão mais elevado da instrucção publica; e vós tambem preciosos mancebos, que concurreis a receber o testimunho publico do vosso distincto merecimento, que outros como vós esperam obter nos annos subsequentes; e bem assim todos os que formam cortejo tão brilhante a esta scientifica reunião; relevae, que eu solicite a vossa attenção em assumpto tão digno della.

A arvore das sciencias e da sabedoria é uma arvore tão antiga como o mundo, e permitta se o dizel-o, é uma arvore cosmopolita, que tem prosperado em todo o universo habitado, quer successiva, quer simultaneamente, sem

limitação de tempo; nem de espaço; e á sombra dos seus ramos repoüsam as gerações presentes, como repousaram as preteritas, e terão de repousar as futuras; e os fructos desta arvore, e até as suas flores são o rico apanagio do genero humano. Esta arvore, pois, se póde dizer em certo modo *psychologica*, por que se refere á parte espiritual do homem, ás propriedades do seu espirito, e é a arvore do bem e do mal, pois tende a promover aquelle e a evitar este; e abriga com sua sombra a espiritualidade humana, e encaminha os sêres intelligentes á perfeição e á felicidade.

Longe de vós as funestas considerações de um philosopho celebre do seculo passado, que pela força de uma eloquencia persuasiva e seductora, quiz demonstrar por mera ostentação do seu talento, que o adiantamento das luzes e das sciencias tendia a depravar o genero humano; e por tal arte sophismou tão nefanda doctrina, que obteve um premio de uma sociedade de sabios, que o adjudicou antes á eloquencia do auctor, do que á verdade de seus paradoxos. Não tardou a assumar essa eschola insensata, que propoz a communhão de bens, que fez o penegyrico do estado selvagem, que, respeitando em apparencia a ordem social, pugna contra a ordem publica existente: de maneira que uns pela exageração dos principios do governo vão caminho directo á tyrannia, em quanto outros caminham á anarchia, que é a negação de toda a ordem politica, que solta a redea a todas as tendencias selvagens.

Quem poderá de boa fé, nobres mancebos, sustentar que o adiantamento das sciencias e das artes é um mal? Quem poderá hoje sem pejo reproduzir os argumentos do philosopho Genebrez? Negar o progresso scientifico, é negar a historia. Comparemos as sciencias exactas e physicas no seu estado actual, com as do tempo de Thales e de Pithagoras? Comparemos a historia natural de Plinio, Lineo, e Buffon, com a de Lamarch e de Cuvier: a Alchimia de Paraselso e de Lavoisier com a de Dumas e de Liebig: a astronomia dos sete planetas de Ptolomeu com a de Herschel, Arago, e Leverrier.

A bussola, a polvora e a arte typographica que pareciam a nossos maiores as maximas invenções humanas, teem tomado mil fórmas novas, e recebido um poderoso reforço dos phenomenos do vapor e da electricidade. O raio tomado em nossas mãos, têm-se tornado inoffensivo para transmittir instantaneamente o pensamento aos confins da terra. Temos domesticado a electricidade, ordenando á luz que pontualize os seus reflexos: os primôres photographicos desde Niepce e Daguerre, que se vão succedendo todos os dias são phenomenos bastantes para encher de gloria a nossa edade.

As instituições e costumes sobre que repousa a sociedade tem adquirido uma perfeição indisputavel. Já não é a força bruta que governa o mundo, mas sim a intelligencia, ou para melhor dizer, governa-o a justiça e a humanidade. A Europa vai-se tornando uma vasta confederação. A escravidão vai desapparecendo de todos os paizes cultos, e a egualdade civil está a ponto de prevalecer n'aquelles onde se não acha ainda estabelecida; e todas as classes da sociedade europea estão convencidas, que o principio de associação está reunido com o da subordinação, e vão comprehendendo bem, que não ha ordem social possivel sem jerarchias legitimas. Ao mesmo tempo faz triumphar todos os direitos: o sentimento da humanidade vai dulcificando todas as penas. Os supplicios monstruosos e sanguinolentos, opprobrio dos seculos passados, que serviam mais para perverter, que para corrigir, estão proscritos pelas leis, e pelos costumes modernos; e até para os maiores attentados, a pena capital vai sendo cada dia uma excepção felizmente mais rara.

Insistem porém os detractores da illustração contemporanea contra os amantes do progresso: é verdade que a vossa progressiva industria, vossos carris de ferro, laboratorios, muzeus, telegraphos, testimunham progressos indubitaveis na ordem material e scientifica; mas na ordem moral retrocedeis.

Com os vossos elaborados systemas de governo, com a vossa philosophia racionalista, não fazeis mais do que accender ambições as mais desmedidas, galvanizar o cerebro da juventude, e augmentar de um modo quasi fabuloso a cifra da loucura e do suicidio. Os que não tem valor para conceber o attentado, ou consumal o, vão augmentar a lepra social, que se chama pauperismo.

Com a liberdade de costumes, a educação indulgente, frequentes reuniões de ambos os sexos, a excessiva amenidade de tracto, deixaes a redea solta a todas as paixões: a prostituição e a libertinagem profanam o sanctuario da familia, e augmentam prodigiosamente o numero dos nascimentos illegitimos: tereis muita sciencia, mas poucas virtudes; talvez grande cabeça; mas o vosso coração está corrompido.

Prescindindo da exageração deste quadro que apresentam os inimigos do progresso, que só acham bom o que pertence ao preterito, que querem paralysar a intellectualidade e a sciencia do homem, é bem certo que nas differentes epochas da historia apparecem frequentes exemplos de alienação mental, de suicidio vertiginoso como succedeu no tempo de Seneca, de grandes atrocidades e injustiças como nas tristes epochas da meia idade, em que os homens se despenhavam por grandes crimes; porém que comparação tem esses tempos com os actuaes? Á sombra das cruzadas que crimes se não commetteram!

Em tudo quanto deixo dito vereis o echo e o reflexo de um insigne orador dos nossos dias, quer na materia, quer na fórma, que me não acobardo de ter seguido como luminosa estrella; porque os cabedaes dos homens de lettras são uma propriedade commum em que muitos tem legitimo quinhão a despeito da nota de plagiarios. Para que se ha de variar a linguagem por outra inferior e menos digna, e que não póde produzir o mesmo effeito!

Para contrastar as falsas doutrinas de João Jacques, lembrarei as maximas do marquez de Condorcet, que ainda que foi victima dos excessos da revolução franceza, e do rancor de Robespiérre, o que só bastaria para lhe fazer honra, apresentou o seu excellente Tractado do progresso do espirito humano, que mostra por uma deducção logica, que o espirito humano caminha sempre; ainda que ás vezes pareça dar passos retrogrados, é para depois avançar com

passos gigantescos, e ganhar o espaço perdido com duplicada dimensão.

Eu vos aconselho esperançosos mancebos, que não vos arredeis das maximas e do caminho do progresso, mas estremai-o bem das extravagantes utopias que na practica mostram quanto são inuteis e perigosas. Considerai sempre que o progresso é um meio, e não um fim, no que tem errado muitos philosophos, fazendo errada applicação de tão importantes verdades philosophicas. Aproveitai as lições de vossos mestres, que são como segundos paes; e ainda mesmo quando, com mais ou menos razão vos affastardes de suas opiniões, fazei-o com acatamento e respeito, de maneira que as vossas judiciosas reflexões ou duvidas os hajam de melhorar, e corrigir na inexactidão de seu pensamento, porque com acrimonia, com insultos, e menos com ingratidão, não é que se ganham as vontades dos superiores, e se corrigem seus erros e defeitos, ainda mesmo quando estes se tornam salientes. A ingratidão, a insolencia são fracos meios de ostentar o merecimento proprio e a sabedoria.

É forçoso concluir esta especie de exortação e homilia litteraria, mas não o farei sem uma importante ponderação. Não deploro, meus bons filhos, a nossa orfandade nem a falta de protecção em que, por um inesperado acontecimento se acham as letras, as sciencias, e aquelles que a ellas se dedicam. Ha pouco mais de um anno soaram nesta sala os hymnos de alegria e jubilo, com a presença da Excelsa Protectora da universidade, e eu fui destinado para orgão dos seus encomios e louvores: hoje ainda o serei das nossas supplicas para que, do seio da bemaventurança, onde repousa, e a elevára suas incomparaveis virtudes, continue a ser, por auxilio da divina providencia, a nossa sempre chorada protectora das letras, das sciencias, e dos devotos dellas, em quanto de tal protecção nos mostrármos dignos.

FRAGMENTOS LITTERARIOS.

DEFESA DA THEORIA DO BELLO.

Continuado de pag. 209.

Conheceis sem duvida, senhores, a melhor, a mais altamente apreciada, das composições dramaticas de Voltaire.... conheceis a *Zaira*. Sabeis que o assumpto d'este primor da scena franceza foi em sua integridade pura invenção de Voltaire. Sabeis que *Lusignan*, por exemplo, era um velho cruzado, ultimo garfo da antiga estirpe dos reis de Jerusalem, o qual, depois de haver chorado por vinte compridos annos a perda da liberdade e de toda sua familia, chega por fim a saber que dois de seus filhos vivem ainda: — que um d'elles é *Nerestão*, é este fidalgo francez, que fôra á sua terra vender o seu patrimonio para com o producto da venda resgatar os vinte christãos que ainda captivos jaziam nas masmorras da Syria: — e que o outro era esta mesma *Zaira* que, como de tamanhinha se creasse nos paços de *Orosman*, chegou a inspirar-lhe uma destas affeições que decidem dos destinos de uma vida toda. Mas no momento em que *Lusignan* sabe que *Zaira* é sua filha, que está ali com elle, tambem não póde esquivar-se á infernal certeza de que *Zaira* não é christã. Ouçamos o velho cruzado exhortando sua filha a que não deixe de abraçar a religião de seus paes.

ZAIRA — ACTO II. SCENA 3.ª

Lusignan.

« Sessenta annos combati por tua gloria,
« oh meu Deos; mas vi desmoronar-se o teu
« templo, e apagar-se na memoria dos homens
« a lembrança do teu nome.

« Por vinte annos ao desamparo no fundo
« de uma masmorra, meu unico officio era
« chorar a perda de meus filhos. E quando
« por tua bondade vejo reunida d'entorno
« de mim a minha familia; quando torno a
« achar a minha cara filha, só nella acho
« um inimigo do meu Deos!

« Oh! não ha desgraça como a minha!
« Fui eu, foi teu pae, foi só o meu capti-
« veiro que te roubou a tua fé, ó Zaira!
« Filha, terno objecto de minhas derradeiras
« angustias, ao menos lembra-te do sangue
« que te corre nas veias — d'este sangue de
« vinte reis, todos christãos como eu, —
« d'este sangue d'heroes, defensores da mi-
« nha lei — d'este sangue de martyres!

« Olha: não sabes a historia de seus desti-
« nos? Não sabes quem foi tua mãe? Não
« sabes que quando ella acabava de dar á
« luz este derradeiro fructo de um amor des-
« ditoso; eu! eu mesmo a vi assassinar por
« mãos d'estes malvados, a quem te has
« entregue agora? Teus irmãos, esses mar-
« tyres, que os barbaros estrangularam em
« minha presença, parece-me vel-os do alto
« dos ceus abrindo e estendendo para ti os
« braços ainda ensanguentados....

« Sabe que o Deos que trahiste, o Deos
« de quem blasphemas, tem por ti, por todo
« o mundo, morrido nestes logares — nestes
« logares, onde tantas vezes o serviu o meu
« braço, onde o seu sangue te falla pela voz
« de teu pae. Vês esses muros? Vês esse
« templo profanado e hoje presa de teus se-
« nhores? Tudo te falla do Deos, que vin-
« garam os teus maiores. Olha.... lá tens
« o tumulo d'elle ao pé d'este palacio... Lá
« está a montanha, onde veio morrer a gol-
« pes do impio para com o seu sangue lavar
« a nodoa da culpa... Lá está o tumulo,
« que não cessa de fallar-te da sua vida....
« Oh não! não pódes aqui dar um passo neste
« augusto recinto, que não topes com vesti-
« gios de teu Deos; nem pódes ficar aqui,
« que não renegues de teu pae, que não re-
« negues da honra que te falla, e do Deos
« que te alumia.

« Ah Zaira! Tu em meus braços? choras?
« tremes? vejo-te no pallido rosto signaes de
« um arrependimento sincero?... Vem cá!...
« Torno a achar a minha querida filha, que
« julgava perdida para sempre!!! Renas-
« cem para mim a gloria e a felicidade com
« a certeza de que sangue meu nunca será
« lanço d'infieis.»

Oh senhores! mettei a mão na consciencia e dizei-me — poderia ser obra de um sceptico absoluto a creação d'este inimitavel caracter de *Lusignan?* Poderia exprimir com tanta verdade a efficacia da fé na alma de um christão quem não tivesse nenhuma fé, quem não crêsse em Deos, nem nos homens, nem na verdade, nem na virtude? Poderia depor na alma de outrem uma piedade tão funda, tão sincera, quem nunca a tivesse sentido na sua? Não: e a razão porque vos digo «que não,» dá-m'a Chateaubriand. Chateaubriand diz: — «*Ninguem pinta bem se não o proprio coração ainda que o attribua a outrem; porque a melhor parte do genio compõe-se de reminiscencias.*»

Consultemos mais outro facto.

Sabeis, que o assumpto da *Alzira* é tambem de pura invenção de Voltaire. Sabeis que ao bom fidalgo hespanhol *Alvares* (o qual só á força de moderação e bondade queria governar o Perú), succedeu seu filho *Gusmão*, que, a pezar de bom filho que era, entendeu dever seguir no governo da colonia, theor de politica differente da que seguira seu pae. Governador do Perú, desposa-se Gusmão com Alzira, cuja mão estava promettida a *Zamora*, chefe indigena de uma parte d'aquelle imperio: *Alzira* consente em casar-se com *Gusmão*, porque crê que *Zamora* cahira gloriosa victima de seu valor no campo da batalha. Mas *Zamora* não tinha morrido. Ao cabo de tres annos de captiveiro, de que o livrára a bondade do pae de *Gusmão*, vem, apresentar-se a *Alzira*, e pede-lhe o cumprimento de sua promessa. *Alzira* estremece de horror em tal situação: confessa a *Zamora* o muito amor que lhe ainda consagra; mas diz-lhe que jámais poderá ser sua esposa; porque para bem do seu paiz sacrificára á obediencia devida a seu pae o culto dos seus deuzes, e a paz de toda vida — era esposa de *Gusmão*!.. Apenas embatem de chofre na grande alma de *Zamora* as idêas de tanta perda — a perda do coração d'*Alzira* — a do throno de seus maiores — a da liberdade do seu paiz; *Zamora* sabe como um furioso da presença da sua amante, penetra disfarçado em soldado hespanhol nos paços de *Gusmão*, busca-o, e descarrega-lhe no peito um golpe... ao qual commette a vingança d'aquelles tres objectos tão caros ao seu coração, — o throno — o amor — e a patria. *Gusmão* sente-se ferido mortalmente, e arrepende-se. Prestes a espirar reune de roda de seu leito de morte Alvares seu pae, Zamora, Alzira sua mulhér, Montêzo pae de Alzira, muitos americanos; e assim lhes falla:

ALZIRA — ACTO V. SCENA 7.ª

Gusmão.

« O ceo, que quer a minha morte, suspen-
« de-a por um momento para trazer-me á
« vossa presença, ó meu pae. A alma fugiti-
« va prestes a abandonar este corpo, pára
« deante de vós.... mas para imitar-vos.
« Morro... cahe o veo; nova luz me alu-
« mia.... Que só ao cabo da carreira da
« vida podesse eu conhecer-me!.. Até esta
« fatal hora que me arroja para o tumulo,
« que tenho eu feito senão opprimir a huma-
« nidade com o pezo do meu orgulho!...
« O ceu vinga a terra; é justo; nem eu
« posso pagar com a vida o sangue que hei
« derramado... Cegou-me a prosperidade,
« desengana-me a morte... Perdão... per-
« dão áquelle por cuja mão me ha ferido
« Deos. Era senhor neste paiz; ainda gover-
« no nelle; só eu posso perdoar, e perdôo
« a Zamora.....

(Para Zamora.)

« Vive, soberbo inimigo; sê livre, e lem-
« bra-te de quaes foram o dever e a morte de
« um christão.... Montezo, americanos, vós
« todos, victimas de meu orgulho, lembrai-
« vos de que minha clemencia não ficou
« áquem de meus crimes; contae-o á America;
« e dizei aos reis d'ella que os christãos são
« proprios para governal-a.

(Para Zamora.)

« Reconhece a differença dos deuses a
« quem servimos: os teus ordenam-te a vin-
« gança e a morte; o meu, quando acabas
« de assassinar-me, manda-me que te perdoe
« e lastime o teu destino.

Zamora.

« Que! Queres forçar-me ao arrependi-
« mento?

Gusmão.

« Quero mais; que sejas meu amigo. Alzi-
« ra nunca foi feliz em poder de seu cruel
« marido: na hora extrema da vida, eu a
« restituo ao teu amor. Oh vivei, sêde
« felizes, não me tenhaes odio. Tomae conta
« do governo de vossos estados, reparae vos-
« sas gloriosas muralhas, e, se é possivel,
« abençoae a memoria do meu nome.

(Para Alvares.)

« Tende a bondade de servirdes de pae a
« estes felizes consortes, fazei com que a
« verdadeira luz chegue um dia a raiar para
« elles; oh! se um dia forem christãos...
« Zamora é vosso filho, suppre a minha fal-
« ta....»

Repetirei aqui, senhores, a mesma pergunta que vos fazia ha pouco: — poderia inventar esta scena homem cuja alma se não tivesse creado e nutrido aos peitos da moral christã? Poderia conceber este generosissimo caracter de Gusmão artista que não crêsse, e crêsse com vehemencia, na divindade de uma religião, que assim leva o perdão das injurias além da mais completa abnegação pessoal? Saberia dar a Gusmão uma morte tão heroica, tão sublime, tão gloriosamente christã, quem não tivesse aprendido a perdoar e a morrer com aquelle que do alto da cruz dizia para sua mãe, fallando do discipulo amado — « *Minha mãe, eis aqui o teu filho* »; — e para o discipulo, fallando de sua mãe — « *Discipulo eis aqui a tua mãe* »?

Oh! Que me importa que Voltaire em alguma de suas horas más tenha o satanico desvanecimento de dizer-me — « *Não creio* »; se as mais altas concepções do seu engenho, se os mais intimos pensamentos de seu espirito, se os mais instinctivos sentimentos de seu coração me revelam, melhor que a palavra reflectida, as verdadeiras crenças de sua alma, a verdadeira seiva de seu pensamento?

Posso muito bem comprehender que talvez a vaidade, talvez a precisão de agradar á corrupção que o cercava, até mesmo a necessidade de resignar-se á imperiosa missão do seu seculo, tenham por ventura posto nos labios a Voltaire palavra que lhe não vinha do intimo; — palavra á qual não respondia nenhuma convicção profunda no sanctuario do seu pensamento. Mas quando vejo aquella grande alma deixando-se ir ao sabor das inspirações que lhe vem do alto; quando a vejo perdendo de vista o lodo e podridões da terra para cravar os olhos, como aguia, no sol da verdadeira belleza; quando a ouço soar como uma harpa eolia, e a desprenderem-se d'ella torrentes e torrentes de harmonia que nos elevam o coração a Deos, como as preces do justo: então é que o genio de Voltaire se me antolha em toda a plenitude de seu poder, tão grande, tão radioso, tão brilhante de perpetua juventude, como algum d'estes anjos que, segundo as tradições biblicas, vinham nos tempos antigos trazer aos patriarchas da humanidade os mandatos do Altissimo.

Mas aqui prevejo uma objecção. A isto dirá alguem: — « *Voltaire não foi só poeta dramatico; foi tambem poeta epico, foi até mesmo poeta heroe-comico. E « la Pucelle de Orleans?....* »

Entendo........ *La Pucelle de Orleans* não faz brecha na theoria espiritualista do bello. Bem longe de provar que póde ser artista quem não for homem religioso, tudo o que prova *La Pucelle* é exactamente o contrario — é que Voltaire não foi artista nesta composição por ter deixado de ser homem religioso.

A Donzella d'Orleans é uma composição em verso; não é uma composição poetica, não é uma composição artistica; porque a fórma da arte é um accidente, que nada tem de commum com a essencia d'ella. O numero, o rhythmo dos sons da palavra póde influir mais ou menos na parte musical da poesia; mas não dá nem tira nada á essencia da composição poetica, porque a essencia da poesia está — não na fórma — mas na idêa, mas na natureza intima da arte, mas na producção livre do sentimento do bello. Ora dizei-me, — e é este o sentimento que nos inspira a leitura da *Donzella d'Orleans*?

Não sei se algum de vós terá tido o dissabor de ler esta composição volteriana.... mas o que sei é que n'este auditorio não ha uma só pessoa, que possa sem córar, mesmo sem um sentimento de horror ler alguns trechos d'esta obra de Voltaire. O que sei é que a fealdade que d'ella transsuda, o cynismo que revê por toda ella, me inhibem de por-lhe mão para fazer citações textuaes com que prove as minhas asserções. O que sei é que La Harpe, aliás o maior admirador de Voltaire, traz a respeito d'ella estas formaes palavras: — *Não ha homem verdadeiramente de bem, que se não corra de vergonha ao pronunciar o titulo d'esta obra, não só pelo que toca á moral e á religião, se não mesmo pelo que respeita a esta decencia publica, que é uma das leis sociaes recebidas de todos os povos policiados.* — O que sei finalmente é que, a pezar da corrupção, que tanto á larga reinava na alta sociedade franceza contemporanea de Voltaire, não houve em toda a França um homem assaz immoral que quizesse prestar seu nome para a publicação de uma obra, a cujo editor promettiam os costumes da epocha larga colheita de interesses: a primeira edição da *Pucelle* foi clandestina.

Ora será em obra tal que podemos ter esperanças de encontrar o que constitue a feição altamente caracteristica de toda a arte — a idêa e o sentimento do bello? Não de certo. Considerando esta composição no ponto de vista artistico exclusivamente, La Harpe dá-lhe a qualificação de « *monstro, e tão monstro em poesia epica, como em moralidade.* » A denominação de *monstro* n'este caso, equivale a qualquer outra que designe o *gráu summo do feio*. Ora o que é feio não é bello, o que é muito feio é negação de toda a belleza. Logo, se a composição de que se trata não é bella, segue-se que não é uma composição poetica, não é uma composição artistica: segue-se que o espirito que a procreou não estava nesse *interim* alumiado pelo genio da arte; concebeu nas trevas, concebeu um monstro; concebeu-o n'uma d'aquellas horas más, em que a carne vence o espirito, em que o bruto vence o anjo.

Quanto a Voltaire, parece-me sufficiente o que levo dicto, porque me parece de-

monstrado por factos da vida litteraria de Voltaire que este, bem longe de ser sceptico e artista ao mesmo tempo (o que seria contradictorio com um corollario da minha theoria) só foi artista, quando deixou de ser sceptico; só foi artista, quando teve o poder de acordar na alma dos homens o sentimento do bello; e só teve este poder, quando soube encarnar na fórma material da palavra viva as altas idêas do *bem*, e do *verdadeiro* — fórmas intelligiveis, mediante as quaes se revela á alma do homem o ser absoluto, o *Deos um e trino* ao mesmo tempo, que em relação á sensibilidade é a *substancia do bello*, em relação á vontade é a *substancia do bem*, em relação á intelligencia é a *substancia do verdadeiro*, sem deixar de ser, todavia, um só e o mesmo ser, uma só e a mesma substancia.

Continúa. M. B. DE MENDONÇA.

NO ALBUM DO MEU AMIGO JOSÉ AFFONSO ESPERGUEIRA.

Talvez em breve nos separe a sorte,
Talvez p'ra sempre triste adeus te diga,
Talvez meu nome da memoria percas,
Tambem p'ra sempre!

Talvez um dia, revolvendo as folhas
D'este teu Album, o meu nome encontres,
Que o fragil livro conservou mais tempo
Que o pensamento!

Hoje dissestе: Pede um canto á musa;
N'este meu livro quero ver teu nome,
A par d'aquelles que mais gratos foram
Na flor da vida.

Que hei de eu cantar-te na quebrada lyra?
Que hei de eu dizer-te que não sejam prantos,
Eu que da vida as illusões encontro
Ceifadas todas!

Ebrio d'esp'ranças és qual sol nascente,
Vasto horisonte tens na vida tua,
E voas, voas n'um futuro immenso
Risonho todo.

Eu qual Phaethonte, na carreira insana,
Quebrado o carro, desabei das nuvens;
Eis-me por terra, sem vigor prostrado,
Morto insepulto.

Sou qual na praia o malfadado nauta,
Que o mar bramindo arremeçou n'areia,
Olhando triste, pelo mar infindo,
As náus que passam.

Entre ellas vejo o teu baixel ligeiro,
Sulcando as ondas, dado o panno ao vento;
Qual branco cysne, quando airoso voga
Soltando as azas.

Que hei de eu cantar-te na quebrada lyra?
Que hei de eu dizer-te que não sejam votos,
Que as leves auras te acompanhem sempre
No pégo immenso.

Entre as estrellas que esses ceus esmaltam,
Segue tres astros que bem juntos brilham;
Seguro norte te serão na vida,
Pharol seguro.

Um tem da Fé o magestoso nome,
Outro é a Esp'rança sempre grata ao triste,
E' o terceiro o mais formoso, e diz-se
A Charidade.

Que vale a vida sem amor sem esp'rança?
Sem pura Crença que vale a vida?
Teu norte sejam, té que alfim alcances
A eterna Patria.

Coimbra — Janeiro de 1854

HENRIQUE O'NEILL.

MEMORIAS HISTORICAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA.

V.

Segunda trasladação da universidade de Coimbra para Lisboa.

1522 — 1536.

Continuado de pag. 197.

A nova organisação, que D. Manoel déra ao estudo geral de Lisboa, como vimos no capitulo antecedente, devia encontrar no animo dos escholares grande opposição: não tardou por isso muito que se não introduzisse a relaxação nas cousas do governo da universidade, que mal soffria vêr-se privada de alguns dos seus antigos privilegios. Assim deixára ella de observar os novos estatutos na eleição do reitor, e dos officiaes do estudo, por cujo motivo D. João III. ordenára que se cumprissem. [1]

Maiores e mais graves abusos se commettiam então no provimento das cadeiras, onde eram frequentes os subornos; e posto que os estatutos impozessem penas severas contra os que os praticavam [2], o mal, longe de diminuir, subia de ponto, pelo que o rei mandára por vezes o seu corregedor devassar desses factos. [3] A quem examinar attentamente o systema, que, no provimento das cadeiras, se seguia nesta epocha nas universidades de Hespanha, donde, provavelmente, fôra importado para o estudo geral de Lisboa, não será difficil atinar com a verdadeira causa d'aquelles abusos, de que a historia academica offerece não poucos exemplos. As cadeiras sendo providas pelo voto de todos os lentes do estudo, dos bachareis, que já

[1] Cartas de D. João III. de 17 de novembro, e 6 de dezembro de 1525 — cartor. da univ.

[2] « O oppozitor dará juramento, que nom dará, nem prometterá dinheiro, ouro, ou prata, nem cousa que o valha a nenhum dos oppoentes por que desista, e a nenhum dos votantes, porque lhe dee seu voto; e, se o contrario fizer, além do prejuizo, pagará 20 cruzados d'ouro para a arca do estudo, e para isto dará fiança; e será lançado da opposição, se por terçeira pessoa poderosa ou não poderosa, induzir, alguma vóz, fica inabil para haver aquella cadeira. » *Estat. de D. Manoel, ms. no cartor. da univ.*

[3] C. R. de 16 de outubro de 1532, e 21 de outubro de 1534 — citadas por Figueirôa, Mem. ms. — Azpilcueta, commentario, *in cap. Inter verba*.

não cursavam, e até dos proprios ouvintes da respectiva faculdade, que tinham completado pelo menos dois cursos [1], era mui natural, que uma parte dos votantes, ou menos intelligente e propensa por isso a deixar-se arrastar por empenhos, ou mais relaxada, se não tambem interessada no provimento d'aquelles logares, a que poderia aspirar, cedesse ao patronato, ou sacrificasse, por quaesquer outros motivos menos airosos, a sua consciencia na escolha dos candidatos ao magisterio. D. João III. quizera obviar a estes inconvenientes, limitando mais o numero dos votantes, e determinando que fossem só da propria faculdade, em que se proviam as cadeiras. [2] Era um palliativo que não podia curar o mal, que lavrava profundamente no seio do corpo escholar; por isso vem a final aquelle principe a prover a maior parte das cadeiras, sem concurso, em sujeitos habeis, que para esse fim mandára vir de fóra do reino, onde tinham ido estudar.

Com tal procedimento o estudo de Lisboa devia ter decahido muito no conceito do rei, que em vão tentára restabelecer a boa ordem e disciplina na universidade. Acaso tambem um facto, que, n'outras circumstancias, poderia attribuir-se a involuntario esquecimento, viera agora augmentar os aggravos do rei contra a universidade. Dois annos havia, que D. João subira ao throno, sem que neste intervallo a universidade curasse de elegel-o seu protector, parecendo assim não ter em muita conta esta honra, ou querendo talvez isentar-se da auctoridade do protector; e foi só por ordem regia, que os escholares fizeram esta eleição em dezembro de 1523 [3]

Alguns annos depois (1528), estabelecêra fr. Braz de Barros, que então era reformador de S. Cruz de Coimbra, um curso publico de humanidades, theologia e direito canonico, no dito mosteiro, mandando vir de Pariz mestres para reger estas disciplinas. A fama e novidade d'estes estudos attrahira muitos ouvintes ás aulas de S. Cruz; e, como era tão crescido o numero, que não cabiam já no mosteiro, determinou o P. fr. Braz fundar junto delle dois collegios com a invocação de S. Miguel, e Todos os Santos, no sitio, onde depois esteve a Inquisição. [4]

[1] Estatutos cit.

[2] «.... em theologia votarão sómente com o reitor os grandes, conselheiros, e ouvintes, que tiverem cursos para votar da faculdade de theologia; e nas de direito em umas e outras, pela conformidade das faculdades, votarão com o dito reitor legistas e canonistas, que segundo os estatutos devem votar; e nas de medicina sómente os medicos; e nas de artes votaram theologos, medicos, e artistas graduados, ou ouvintes, que tiverem cursos conforme os estatutos para poderem votar com o dito reitor, por serem faculdades subordinadas. » C. R. de 29 de junho 1534 — Cartor. da univ.

[3] Figueirôa, Mem, ms. — L. Ferreira, notic. da univ. n.° 1005.

[4] O collegio de Todos os Santos era destinado para theologos e artistas; o de S. Miguel para canonistas, e theologos. Junto ao mosteiro de uma e outra parte da egreja fundou tambem fr. Braz por ordem de D. João III. aulas e geraes para os estudos com o nome de collegios de S. João e S. Agostinho, nos quaes se liam humanidades até 1537 em que a universidade foi trasladada para Coimbra, e ainda neste anno e nos seguintes os lentes de artes leram ali as suas lições. O collegio de S. Agostinho ficava ao lado direito da egreja, entre esta e a portaria do mosteiro, onde ainda ultimamente existia a aula dos *quodlibetos*, e *agostiniana*. Do collegio de S. João, que ficava ao lado esquerdo da mesma egreja, restava a aula de latim por cima da parochia com serventia pela rua das Figueirinhas. (D. Nicolau, chr. dos Regr. P. II. liv. 10 — L. Ferreira, Notic. da univ. n.° 1011, e segg. — Moreira de Sousa, Mem. ms. — Leal, discurso apolog. do coll. de S. Pedro n.° 154)

Começou-se a obra com dinheiro da universidade, que para este fim D. João III. mandára dar a fr. Braz. Cada um destes dois collegios devia ter nove collegiaes, além dos porcionistas, que ordinariamente eram fidalgos, ou pessoas illustres, que ali viviam á sua custa. Os collegiaes de S. Miguel eram conhecidos com o titulo de *roxos*, e os de Todos os Santos, com o de *pardos*, em razão da côr das becas, que usavam. [1]

Os estudos de Coimbra deviam em breve adquirir grande superioridade sobre os de Lisboa, favorecidos, como eram, pelo rei, que só aguardava o ensejo opportuno para realizar a trasladação da universidade para Coimbra, convencido, de que unicamente por este meio lograria pôr termo aos abusos, que se practicavam no estudo de Lisboa. Acaso influira tambem nesta resolução a lembrança dos antigos aggravos, e da má vontade, que os escholares mostraram na eleição do protector. Fossem, porém, estes, ou outros os motivos, que determinaram aquella mudança não é menos certo, que no ponto, a que tinham vindo as cousas, a conservação da universidade em Lisboa era gravemente prejudicial para o adiantamento dos estudos.

Entrando o anno de 1532, D. João só provia as cadeiras temporariamente e com a clausula de os nomeados servirem em quanto se não mudasse a universidade. [2] O estudo de Lisboa, vendo por estes indicios claramente ameaçada a sua existencia, deliberou em Conselho representar ao rei, seu protector, contra aquella pretendida mudança, [3] que devia ser causa de grande descontentamento entre o corpo escholar, o qual de certo não pouparia diligencias para obstar a que fosse levado a effeito aquelle projecto. Em quanto estas cousas se passavam (1535), mandava D. João vir de Pariz mestres afamados, a quem fizera mui avultados partidos para virem ler na nova universidade as sciencias, que nella deviam professar-se. [4] Ao mesmo tempo se fundava em Coimbra o collegio de S. Boaventura com as rendas dos padres claustraes, para o que o rei alçançára um

[1] Estatutos e constituições dos collegios de S. Miguel e de Todos os Santos, const. 1.ª e 4.ª

[2] Livros da univers. anno 1532, no cartor. da mesma.

[3] Conselho de 25 de outubro de 1535 — Figueirôa, Mem. ms.

[4] D. Nicolau Chron. dos Regrantes, P. 2.ª L. 7.° cap. 15.

breve de Paulo III, e era este collegio destinado para os menoritas frequentarem a universidade, como no estudo de Lisboa. [1] Por estas disposições vê-se claramente quam pouca importancia mereceram áquelle principe as sollicitações, e acaso tambem os manejos e ardis, que os escholares de Lisboa empregariam para fazer valer as suas pretenções. E de feito em abril de 1537 a universidade achava-se de novo em Coimbra, cento e sessenta annos depois da sua ultima trasladação para Lisboa. [2]

A historia da universidade nos ultimos annos, que precederam esta mudança, é tão obscura, que mal póde aventurar-se alguma conjectura á cerca do progresso dos estudos nesta epocha. Apenas a noticia de alguns professores mui doutos, [3] que por estes tempos occuparam diversas cadeiras na universidade, faz acreditar que no meio dos abusos, que se haviam introduzido no corpo escholar, e que tão prejudiciaes deviam ser para seu adiantamento, não se havia de todo apagado o facho das sciencias.

Na legislação academica nenhuma alteração notavel se havia feito durante este mesmo periodo [4], em que os graves cuidados da nova mudança do estudo, occupavam toda a attenção do rei, que se limitára a providenciar sobre os abusos dos escholares, os quaes deixamos referidos, e que só deviam acabar com a nova reforma, que transplantára para o solo mimoso de Coimbra a arvore frondosa das sciencias.

Continúa. J. M. DE ABREU.

[1] Soledade, histor. seraf. P. 4.ª

[2] Livros da univers. anno de 1537, no cartor. da mesma.

[3] Entre os lentes insignes, que nesta epocha liam na universidade de Lisboa, contam-se os seguintes: fr. Balthazar Limpo, que depois foi bispo do Porto, e arcebispo de Braga, o qual succedeu em 1521 a mestre fr. João Claro, na cadeira de prima de theologia, e a regeu com grande applauso até 1530. Pedro Margalho, doutor em artes e theologia na universidade de Paris, e bacharel em canones pela de Salamanca, succedendo na cadeira de prima a fr. Balthazar, escreveu varias obras mui estimadas, e gosou a reputação de homem de vasto saber. Thomaz Torres, astronomo afamado, de quem já demos noticia, regeu a cadeira de astronomia até 1535. O insigne mathematico Pedro Nunes, doutor em medicina pela universidade de Lisboa, regeu nella as cadeiras de logica, e methaphysica. O celebre naturalista Garcia d'Horta, foi lente de philosophia natural até 1534, em que partiu para a India, onde publicou (1563) o livro intitulado — *Coloquios dos Simples* etc. Francisco de Monçon, teve a cadeira de prima de theologia em Lisboa, e leu depois Escriptura em Coimbra, publicou o — *Espejo del principe Christiano*, e outras obras com que deixou honrada memoria como varão mui douto e illustrado. Era mestre em artes e doutor em theologia em Alcalá, onde tambem foi lente desta faculdade.

[4] As duas unicas providencias que merecem referir-se são a C. R. de 1530 confirmando o privilegio, que os escholares anteriormente tinham de não pagarem dizimo, nem portagem dos objectos destinados para o seu particular uso; e a C. de 29 de junho de 1534 estabelecendo, que fossem de tres mezes as votações desde julho até setembro, e que se não leria desde quarta feira de trevas até domingo de paschoa, mas esta providencia foi revogada depois. — L. Ferreira, notic. chronol. da univers.

MEIOS DE PROMOVER A MULTIPLICAÇÃO E MELHORAMENTO DOS ANIMAES DOMESTICOS.

III.

Bancos ruraes. [1]

A facilidade em obter capitáes por modico juro é um dos meios, que muito póde promover as emprezas de creação e melhoramento dos animaes domesticos.

Os bancos ruraes, como os da Polonia, e d'outros paizes, que, accommodados ás nossas circumstancias, *mobilisassem* a propriedade e augmentassem a quantidade dos valores em circulação, podiam ser um dos meios mais efficazes, para desenvolver a nossa industria agricola.

A creação dos referidos bancos é reclamada pelas circumstancias d'esta epocha; sem ella, a agricultura não póde prosperar, e os interesses agricolas dos pequenos lavradores devem necessariamente definhar cada vez mais.

Qualquer infortunio lança o lavrador pouco abastado nas garras do agiota; e desde esse momento a usura lhe tira não só o producto do seu trabalho, mas vae progressivamente diminuindo os seus haveres até exgotar-lhe o ultimo seitil.

É por tanto uma urgente necessidade o providenciar, a fim de que a agricultura possa encontrar capitáes por um juro de 3 ou 4 por $\frac{o}{o}$; por isso que ella não póde suportar o elevado juro por que na actualidade se obtem os capitáes.

Em quanto se não gozam os beneficios dos bancos ruraes, podiam succorrer-se os pequenos lavradores por meio das misericordias, constituindo estas exclusivamente em bancos ruraes, facilitando as suas transações com os lavradores, e determinando-lhes, que só podessem dar a cada individuo pequenas quantias; a fim de que o seu sangue girasse por todas as venulas do corpo agricola, e o vivificasse.

Por este modo, sem desviar o rendimento dos fundos das misericordias dos pios fins para que fôra destinado, esperamos que o poder legislativo animará a agricultura, conseguindo minorar a mizeria de muitas familias.

Poderão dizer-nos que as misericordias dão os seus capitaes a 5 por $\frac{o}{o}$: mas é geralmente sabido, que este beneficio raras vezes chega ao pequeno lavrador, e grandes difficuldades obstam a que o possa conseguir: ao lavrador entregue ás lides da agricultura não resta tempo para seguir o caminho tortuoso, que

[1] Sobre a utilidade dos bancos ruraes vejam-se os artigos de um nosso eximio mestre, publicados n'este jornal, vol. 1.º pag. 83 e 365.

dirige ao cofre da misericordia; e quantas vezes tenta elle trilhal-o, e é expellido!

Para cumulo de desgraça tem as misericordias concedido capitáes a individuos, que vão agiotar com os pequenos lavradores, exigindo-lhes um juro enormissimo; e por esta fórma os fundos que podiam fertilizar as pequenas culturas são o instrumento, que as destroe; por isso que a agiotagem se tem vulgarisado por fórma, que póde julgar-se um cancro epidemico, roendo as entranhas da nossa industria agricola.

Continúa. J. F. DE MACEDO PINTO.

NOVA FECULA.

A molestia das batatas tem-se generalisado tanto, que ameaça quasi de completa destruição este importantissimo producto agricola: e por isso alguns agronomos têem estudado as propriedades dos tuberculos, e cebolas de diversas plantas, para supprir com ellas as batatas, principalmente nas diversas applicações industriaes. N'uma das ultimas sessões da sociedade central de agricultura mr. Basset apresentou o resultado das suas experiencias sobre as cebolas das corôas imperiaes (*fritillaria imperialis*), que na sua composição tem a maior analogia com os tuberculos das batatas. Eis aqui o resultado das suas analyses:

Batatas (*solanum tuberorum.*)

Fecula sêcca	20
Residuo sêcco	6
Materias soluveis	4
Agua	70
	100

Cebolas das corôas imperiaes (*fritillaria imperialis.*)

Fecula sêcca	21
Residuo sêcco	4
Materias soluveis	5
Agua	70
	100

A fecula das corôas imperiaes é perfeitamente branca e insipida, como a das batatas, e algum tanto mais fina, que esta. A cultura e producção d'aquella planta é pelo menos tão facil, e abundante como a das batatas.

Mr. Robinet repetiu e comprovou os principaes resultados das experiencias de Basset, sustentando, que a fecula das corôas imperiaes póde até empregar-se como alimento do homem; e com effeito estas cebolas submettidas á temperatura necessaria para cozer os alimentos, perdem o acido primitivo, e o gosto proprio da planta. É tambem o que acontece com as batatas, e com muitos outros vegetaes, cujos bulbos, ou fructos contém hydro-carboretos, ou outros compostos organicos, que até algumas vezes são venenosos, e que se eliminam pelo calor.

Mr. Basset prepára a fecula das corôas imperiaes para poder tomar-se como alimento, do modo seguinte — lavam-se as cebolas duas vezes, e poem-se em maceração 48 horas, em agua que se renova a miudo, e em que por fim se lança uma porção de vinagre; parece, porém mais simples privar estas cebolas dos oleos essenciaes acres, que contém, só pela acção do calor n'uma torradeira, ou n'uma estufa, sem recorrer ás lavagens, ou á extracção da fecula.

A *fritillaria* póde ser cultivada em grande, não só para as necessidades da industria manufactureira, mas para sustento do homem e dos gados, na falta das batatas, ou dos cereaes.

Rev. de l'Instr. Publ. n.° 23.

BANCOS TERRITORIAES.

Difficilmente se encontrará hoje outro assumpto em economia politica mais digno de excitar a curiosidade por toda a parte, e mórmente em um paiz, como Portugal, no qual os primeiros interesses industriaes são os agrarios; e aonde a agricultura, experimentando consideravel falta de capitaes, geme e definha, mórmente os pequenos proprietarios e cultivadores, sob o peso das mais mordentes uzuras.

Todavia a instituição de bancos territoriaes, que se presente poder ser um dos remedios d'estes males, é ainda, por desgraça, mal conhecida em todas as partes de sua organisação, não dizemos sómente em nosso tão atrazado paiz, mas naquelles mesmos mais adiantados, com os quaes temos estreitas e frequentes relações, commerciaes e litterarias; e como as instituições de crédito carecem sobretudo de — *crédito*, que é synonimo de — *conhecimentos* e *confiança*, e de instrucção e practica de transacções analogas, cousas pouco vulgares fóra de Lisboa e Porto, receamos, que continuem ainda a correr longos e tardios annos, sem que nos seja dado vêr fundar e — *radicar* entre nós algum verdadeiro banco territorial.

Um dos meios de encurtar a distancia, que nos separa dessa feliz epocha, consiste indubitavelmente em fazer conhecer com a possivel clareza, ao menos, os principios fundamentaes, a essencia, e as vantagens d'estes estabelecimentos, quaes existem, e desde muitos annos funccionam pelo norte da Europa.

Para satisfazer a este intento convirá prin-

cipiar por indicar as difficuldades, que a industria agraria encontra em suas necessarias relações com os capitaes.

É sabido, que o principio determinativo da taxa, sempre variavel, do juro não póde ser outro, senão a concurrencia, ou a offerta dos capitaes a emprestar por uma parte, e o pedido dos mesmos pela outra; de sorte que, aonde os capitalistas presentirem difficuldade de se reembolçar dos capitaes, que emprestarem, e egualmente de receber uma boa indemnisação do sacrificio e risco, a que se sujeitam, desapossando-se dos mesmos, a concurrencia não póde deixar de ser fraca, e alto o preço do uzo destes meios de producção.

Quaes são porém as circumstancias do proprietario, quando se vê obrigado a tomar d'emprestimo, ou para comprar uma terra que lhe fas conta, ou para cultivar as que já possue?

Primeiramente a segurança, que lhe é dado offerecer ao crédor, representa-se como a mais segura de todas, por que não é senão a mesma terra. Toduvia são tantos e tão variados os direitos de dominio e posse, que se cruzam, por assim dizer, sobre os bens de raiz, e tão susceptiveis de litigios de evento o mais duvidoso, que a segurança das hypothecas não é tão real e absolutamente livre d'incertezas, como por ventura alguem pensará á primeira vista.

A este inconveniente accresce a possibilidade de se depreciar a propriedade tanto por defeito do possuidor, que lhe não acode com os reparos necessarios, como por calamidades naturaes, incendios d'edificios, innundações, molestias das plantas, etc, não contando com as delongas dos processos d'execução, e com a possibilidade d'uma adjudicação forçada.

Pelo que toca ao reembolço do capital mutuado, o emprestador não póde absolutamente restituil-o, nos casos ordinarios, senão pela via penosissima da expropriação, vendendo a hypotheca.

É por tanto impossivel para elle, e illusorio para o crédor, obrigar-se á restituição, dentro em curto prazo, na totalidade, e ainda mesmo em grandes parcellas do mesmo capital.

Não são menores as difficuldades, que embaraçam o agricultor, tomador do emprestimo, de pagar um juro grande ao capitalista; porque a terra, na qual emprega os valores mutuados, em regra não dá para tanto.

Em consequencia o capitalista, emprestando, — renuncia a seus capitaes por um tempo indefinido, correndo todo o risco da incerteza dos direitos que possam gravar a propriedade hypothecada, e não menos o resultado da hasta publica; — em compensação d'esta renuncia não pode pactuar um juro forte e equivalente a esse risco: — e de mais, o titulo do crédito tem de ser formalisado com solemnidades embaraçosas, e de um modo tão manifesto, que não só o publico, mas o fisco, tomarão todo o conhecimento da transacção.

Todas estas circumstancias são mais que sufficientes para embaraçar a concurrencia dos capitaes á agricultura, sujeitando os cultivadóres á dura alternativa de ou não haverem os valores, sem os quaes todos os melhoramentos agrarios são impossiveis; ou de os pagarem por um preço e condicções, que os arruinam.

Como resolver estas difficuldades? Como facilitar o contacto tão conveniente da terra com os capitaes?

Tal é o problema, que a instituição dos bancos territoriaes se propoz resolver.

Continúa. A. FORJAZ.

REFORMA DOS HOSPITAES DA UNIVERSIDADE.

Continuado de pag. 212.

Um hospital que aloja trezentos a quatrocentos enfermos diarios, havidos da vasta região que corre das serranias da Beira ás praias da foz do Mondego, e do Vouga, ministra numero de exemplares mais que sufficiente para o ensino da arte de curar. As variedades dos solo, clima, exposição, temperamentos, habitos, e modos de vida dos povos comprehendidos nos limites indicados, raro se encontram em áreas de terreno muitó mais largos e povoados. Assim que, podemos asseverar afoutamente, que nos vastos e monstruosos hospitaes de S. José de Lisboa, de Deos de Pariz, e Leão, e alguns outros que ainda conservam Inglaterra e Allemanha, não será frequente a variedade de molestias, que diariamente possue o hospital da universidade, para se escolherem de entre ellas os mais importantes objectos do ensino da medicina e cirurgia.

Mas como tem crescido progressivamente o numero de enfermos, e minguado as rendas do hospital com as mudanças havidas na economia social, tem sido indispensavel e gravoso ao thesouro acudir com o necessario para o curativo, sempre regular e desvelado, dos doentes; e para as despesas do ensino, a que são especialmente applicados.

Era cousa natural ao governo desejoso de alliviar os encargos geraes, e guiado pelo principio da economia, tão fecundo e organisador, consultar os recursos locaes dos povos immediatamente beneficiados com a instituição do hospital, procurando haver meios para melhoramentos em administração, e fiscalisação dos rendimentos locaes. Taes parece terem sido as vistas na nomeação da

commissão atraz dicta; em que são representados os interesses de todos os corpos, que se presumiu poderem concorrer para a sustentação do novo hospital.

Tão importante como difficil e embaraçosa é a tarefa da commissão. Os institutos pios, que entre nós possuem hoje avultados capitáes, devidos á devoção, e espirito religioso de um povo eminentemente catholico, tem corrido a arbitrio dos administradores, sem nexo, unidade, nem regularidade, qual convém á boa organisação da beneficencia publica. Muitos e muito censuraveis abusos tem o tempo e o desleixo, se não algum outro vicio, introduzido nas instituições mais sanctas, e dignas de maior respeito e veneração. Muitas dellas é sabido que têem degenerado a ponto de falsearem o espirito da sua creação.

Consta que a commissão movida dos melhores sentimentos, e animada do ardente desejo de responder fielmente ao pensamento do governo, procurou informar-se do estado dos rendimentos, despesas, e administração dos institutos pios, misericordias e alvergarias, e das forças de fazenda de cada um dos municipios. Pensamento grandioso e fecundo, mas de execução difficil e contrastada.

É sempre difficil obter esclarecimentos naquelle genero; e exactos, quasi impossivel. A incuria, o desleixo, a irregularidade por um lado, e por outro o empenho em occultar a verdade, quando se suspeita fiscalisação de abusos, são obstaculos quasi invisiveis para um calculo estadistico; e a continuação d'aquelles vicios, com quanto abusiva, não deixa de servir para fins particulares. Parece que infelizmente se tem realisado este juizo. A commissão tem luctado com mil difficuldades: mas o seu zelo, e devoção sincera parece todavia ter conseguido algum resultado.

Destinado primitivamente o hospital da universidade para recolher e tratar os enfermos da cidade e suburbios, asylando hoje os do districto, é de razão que não se atenha só aos recursos do conselho, e geraes do estado, havendo n'outros povos do districto meios de receita, que sem offensa de compromisso, nem vexame dos povos lhe possam ser applicaveis.

É practica geralmente seguida estabelecerem as misericordias hospitaes para curar os indigentes: e por sem duvida é esta uma das misericordias mais bem intendidas. No districto de Coimbra ha muitas casas de misericordias sem hospitaes, e outras com hospitaes sem exercicio. É de crer que o refugio, e agasalho prestado até agora pelo hospital da universidade tenham favorecido, e até certo ponto desculpado essa incuria. Mas tambem é incontroverso que, continuando o hospital da universidade a recolher os enfermos d'aquelles concelhos, e havendo sobejos de rendimentos depois de satisfeitos religiosamente os encargos das misericordias respectivas, devem esses sobejos servir de subsidio ás despesas do mesmo hospital. E se outros sobejos se poderem apurar, depois de regulada convenientemente a administração das casas pelo principio da severa economia, devem elles seguir o mesmo destino.

Das municipalidades do districto, distituidas geralmente de bens proprios, e reduzidas ás contribuições indirectas do consummo para fazerem face ás despesas nada se póde esperar; porque o novo encargo ia ferir demasiado a bolsa dos contribuintes; ou levantar o preço das subsistencias, o que fôra gravame insupportavel para as classes laboriosas.

Consta que a commissão se tem havido com summa prudencia na appreciação dos objectos que têem relação mais ou menos directa com a missão, de que se encarregára. Em assumptos de tanta gravidade e ponderação não é muito o tempo decorrido desde a sua instalação: e esperamos confiadamente que resolva tambem o resto do problema, como o fez na primeira parte da escolha do local para a fundação do hospital novo, e estabelecimentos annexos.

Esperamos ver conciliar os interesses da saude publica e do ensino com o das instituições que devem concorrer para fins tão justos, e humanos. Nem justo, nem humano fôra encarregar a sustentação e curativo dos enfermos a um instituto pio por mais largos que fossem os seus rendimentos, sem que se respeitassem, como devem, os compromissos; e religiosamente fossem de primeiro cumpridas as ultimas vontades dos piedosos bemfeitores. Proceder de outra fórma fôra afugentar a devoção, e subverter brutalmente as melhores instituições do paiz. O espirito de associação, que toma variadas fórmas accommodadas ás phases da civilisação, entre nós conserva ainda as da meia idade; tem o caracter religioso. Grandes recursos póde tirar um governo illustrado daquelle espirito fecundo, e beneficente! o que se requer é mão prudente e poderosa, que imprima ás associações de piedade movimento regular e energico. Carece de organisação a beneficencia publica.

Podem commutar-se, e converter-se em applicação mais util, muitos dos encargos pios das misericordias: mas nunca se deve isso tentar senão pelos meios competentes; por accordo entre auctoridade ecclesiastica e auctoridade civil. Póde parte dos seus rendimentos ser applicada a fins mais uteis; como á cura dos pobres, ao ensino das letras e das artes ás classes laboriosas: mas longe de enfraquecer os capitáes daquellas associações, deve antes cuidar-se em augmental-os; porque são esses os unicos bancos ruraes, a que hoje se soccorre o lavrador necessitado.

M.

ESTATISTICA PATHOLOGICA DOS HOSPITAES DA UNIVERSIDADE.

HOMENS. — SEMESTRE DE JANEIRO A JUNHO DE 1853.

	MOLESTIAS.	EDADES				Curados.	Melhorados. Não curados.	Fallecidos.	Total.
		De 14 annos.	De 14 a 28.	De 28 a 56.	De 56 por diante.				
1	Febre nervosa		1			1			1
2	Typho		2			1		1	2
5	Febre gastrica		1	2	1	4			4
	» » *Bronchite*		1			1			1
1	Febre gastrica verminosa	1				1			1
166	Febre intermittente	4	39	33	6	82			82
	» » *Pneumonia chronica*			1		1			1
	» » *Enterite chronica*		1	1		2			2
	» » *Rheumatismo articular chronico*		1	1		2			2
	» » *Lumbago*				1	1			1
	» » *Bronchite*	1	2	6	2	11			11
	» » *Bronchite-obstrucção do baço*			1		1			1
	» » *Ascite*		1	3	1	5			5
	» » *Anasarca*		2			2			2
	» » *Anasarca-ascit*			1		1			1
	» » *Diarrhea-bronchite*				1	1			1
	» » *Obstrucção do baço*	7	34	11		40	12		52
	» » *Obstrucção do figado*			1			1		1
	» » *Phleimão na axilla direita*		1			1			1
	» » *Ulceras atonicas nas pernas*		1	1		1	1		2
	» » *Sarna*			1		1			1
8	Febre intermittente gastrica	1	2	3		6			6
	» » *Bronchite*				1	1			1
	» » *Obstrucção do baço*		1				1		1
1	Meningo-encephalite		1					1	1
6	Angina		5			4	1		5
	» *Sarna*			1		1			1
46	Pneumonia		14	17	10	30	1	10	41
	» *Enterite chronica*			1		1			1
	» *Rheumatismo articular chronico*				1	1			1
	» *Phlebite da eliaca externa do lado esquerdo*			1				1	1
	» *Fractura do craneo* (com o delirio da pneumonia, saltou d'uma janella)			1				1	1
	» *Sarna*				1	1			1
1	Pneumonia chronica		1				1		1
2	Pleuris			2		2			2
1	Gastrite			1		1			1
2	Gastrite chronica		1	1		2			2
5	Enterite			2	1	3			3
	» *Bronchite*	1				1			1
	» *Hydrothorax*			1		1			1
3	Enterite chronica		1	1	1	3			3
1	Splenite			1		1			1
1	Cystite			1		1			1
8	Ophtalmia		2	2		4			4
	» *Ulceras na cornea*		1		1		2		2
	» *Bronchite*		1			1			1
	» *Dores osteocopas*		1			1			1
2	Erysipela na face		1			1			1
	» n'uma perna			1		1			1
4	Erysipela phlegmonosa n'uma perna			1	2	2		1	3
	» » » » *Bronchite-obstrucção do baço*		1			1			1
3	Rheumatismo articular	1		2		3			3
25	Rheumatismo articular chronico		6	9	4	17	2		19
	» » *Febre intermittente-obstrucção do baço*		1				1		1
	» » *Bronchite chronica*			2	1	3			3
	» » *Dores osteocopas*			2		2			2
2	Pleurodynia		1	1		2			2
8	Lumbago		1	2	4	6	1		7
	» *paraplexia incompleta*		1			1			1
39	Bronchite	4	14	17	2	36	1		37
	» *Ferida simples n'um pé*		1			1			1
	» *Sarna*				1	1			1
21	Bronchite chronica		4	4	5	13			13
	» » *Rheumatismo articular chronico*				1	1			1
	» » *Pleurodynia*				1	1			1

	MOLESTIAS.	EDADES: Até 14 annos.	De 14 a 28.	De 28 a 56.	De 56 por diante.	Curados.	Melhorados. Não curados.	Fallecidos.	Total.
	» » *Anasarca*			1				1	1
	» » *Anasarca-albuminuria?* . . .				1			1	1
	» » *Obstrucção do baço*		1	1		2			2
	» » *Inflammação da perna esquerda*			1		1			1
	» » *Abcesso no seio maxillar esquerdo*			1		1			1
2	Saburras gastricas		2			2			2
1	Asma		1			1			1
3	Gastralgia			2	1	2	1		3
1	Apoplexia				1			1	1
2	Apoplexia sorosa				2	1		1	2
1	Hemiplegia				1			1	1
3	Paraplegia				3			3	3
1	Dyspepsia		1				1		1
2	Amaurose		2			2			2
18	Tisica pulmonar	1	3	10	4		10	8	18
12	Ascite	1	2	2	2	5	1	1	7
	» *Peritonite*		1					1	1
	» *Pneumonia*			2		1	1		2
	» *albuminuria?*			2		2			2
3	Hydrothorax			1	1			2	2
	» *ascite*				1	1			1
1	Hydropericardio-*hydrothorax*				1			1	1
1	Hydrocele-*orchite*				1	1			1
5	Anasarca		1	2		1		2	3
	» *Ascite*			1		1			1
	» *Phleimão na mão direita*	1				1			1
2	Hemoptyse				1		1		1
	» *Ascite*			1				1	1
2	Catarrho da bexiga — *Paraplegia*				1			1	1
	» » *Hematuria*		1				1		1
8	Diarrhea		3	2	2	4		3	7
	» *Herysipela na face*				1	1			1
1	Escorbuto		1			1			1
3	Ictericia		2	1		2	1		3
15	Blenorrhagia		9	5		14			14
	» Dores osteocopas			1		1			1
15	Cancros syphiliticos		7			7			7
	» » *Phimosis — bubões*		1	2		3			3
	» » *Bubões*		1	3		4			4
	» » *Gangrena do prepucio*		1			1			1
1	Phimosis — *bubões — dores osteocopas*			1		1			1
2	Paraphimosis		1	1		2			2
2	Condylomas no prepucio		1			1			1
	» Em roda d'uma fistula do anus — *gangrena do perineu e scroto — pneumonia*			1				1	1
16	Bubões syphiliticos		11	3		14			14
	» » *Dores osteocopas*		2			2			2
12	Orchite syphilitica		5	3	1	8	1		9
	» » *Blenorrhagia*		2	1		3			3
12	Dores osteocopas		4	4		7		1	8
	» » *Bronchite*			1		1			1
	» » *Ulceras syphiliticas n'uma nadega* .			1		1			1
	» » *Syphilide*		1	1		1	1		2
4	Hypertrophia do coração		2			1	1		2
	» *insufficiencia de valvulas*		1				1		1
	» *Pneumonia*		1			1			1
2	Cancro do estomago			1	1			2	2
8	Obstrucção do baço	1	4	2		5	2		7
	» » *Ascite*			1			1		1
2	Albuminaria		1				1		1
	» *Anasarca — ascite*			1		1			1
1	Inflammação do prepucio (effeito d'um alfinete entre o prepucio e a glande)			1		1			1
1	Panaricio n'um dedo da mão direita			1		1			1
1	Uretrite		1			1			1
2	Orchite		1	1		2			2
9	Tumores inflammatorios no collo e peito		1			1			1
	» » no peito			1		1			1
	» » no perineu — *sarna*			1		1			1
	» » n'uma perna	1		3	1	5			5
	» » n'um pé				1	1			1
1	Tumor escrophuloso na nadega direita	1				1			1
1	Phleimão na nadega esquerda			1		1			1

	MOLESTIAS.	EDADES Até 14 annos.	De 14 a 28.	De 28 a 56.	De 56 por diante.	Curados.	Melhorados. Não curados.	Fallecidos.	Total.
7	Abcesso inflammatorio			3		3			3
	» » n'um braço e dorso		1			1			1
	» » n'uma nadega				1	1			1
	» » n'uma perna				2	2			2
1	Abcesso frio em toda a perna direita			1				1	1
1	Abcesso por congestão			1				1	1
1	Fistula nas paredes abdominaes		1				1		1
1	Apertos da uretra				1		1		1
1	Cirro na glande — *Hemoptise*				1		1		1
1	Gangrena senil				1			1	1
1	Carbunculo n'um braço		1			1			1
11	Feridas simples na cabeça		1		2	3			3
	» » nas extremidades		4	3	1	8			8
2	Ferida contusa n'um pé		1	1		2			2
5	Contusões na região occipital			1		1			1
	» no peito				1	1			1
	» nas extremidades inferiores		1	2		3			3
30	Ulceras atonicas n'um joelho		1			1			1
	» » nas pernas	2	9	10	8	28		1	29
1	Ulceras escrophulosas nas pernas		1			1			1
2	Ulceras syphiliticas nas pernas		2			2			2
9	Ulceras psoricas nas pernas	1	3	4	1	9			9
1	Distensão das paredes abdominaes (effeito d'uma queda)		1				1		1
2	Distensão de ligamentos na região lombar		1			1			1
	» » n'uma articulação radio-carpica				1	1			1
1	Distensão de ligamentos n'um pé		1			1			1
1	Luxação scapulo-humeral esquerda			1		1			1
1	Aneurisma da crural direita			1			1		1
2	Fractura do maxiller inferior			1			1		1
	» de costellas			1		1			1
2	Caria da quinta costella esquerda: fistula de anno e meio (effeito d'uma facada)			1		1			1
	» do ilcon esquerdo e cabeça do femur		1					1	1
3	Espinha ventosa, na perna esquerda e braço direito	1				1			1
	» » n'uma perna	1		1			2		2
1	Onyxis n'um dedo do pé		1			1			1
6	Herpes		1	3	2	2	4		6
3	Tinha	2	1			3			3
45	Sarna		23	22		45			45
1	Syphilides		1			1			1
66	Molestias não classificadas. (Um entrou moribundo; dois sairam no dia seguinte ao da entrada; e todos os mais são de molestias cirurgicas. As mudanças de chlinicos n'esta enfermaria deram logar a que nas papeletas d'estes não apparecessem designados os diagnosticos	4	24	29	9	60	2	4	66
752		37	309	298	108	632	64	56	752

Movimento	*Janeiro*	*Fevereiro*	*Março*	*Abril*	*Maio*	*Junho*	*Semestre*
Existiam	127	134	137	149	126	108	
Entraram	127	161	135	105	112	97	737
Sairam	108	146	111	121	123	83	692
Falleceram	12	12	12	7	7	10	60
Relação dos fallecidos para os entrados	1:10,5	1:13,4	1:11,2	1:15	1:16	1:9,7	1:12,2
—— para os saidos	1:9	1:12,1	1:9,2	1:17,2	1:17,5	1:8,3	1:11,5
—— para todos os tractados (existentes e entrados)	1:21,1	1:24,5	1:22,6	1:36,2	1:34	1:20,5	1:14,4

Em 5 de janeiro de 1853, foram mudados, do hospital da Conceição para o Collegio das Artes, todos os doentes de molestias internas, que existiam nas enfermarias de homens. Com esta mudança desaccumularam-se os doentes d'aquelle hospital que, além de mingoado em recursos pecuniarios, e tão pobre de boas condições hygienicas, nem se quer tinha para os seus doentes todo o ár que deveriam respirar. Era um fóco de infecção, cujo effeito pernicioso já se começava a sentir nos mezes de maior accumulação. Depois da mudança, foi muito sensivel o melhor caracter que tomaram as molestias em ambas as casas, e com especialidade no Collegio das Artes.

Nos primeiros tres mezes d'este semestre, ensaiei o methodo expectante no tratamento da febre intermittente. A relação dos doentes, a quem faltaram os accessos sem medicamentos, para os que resistiram a este methodo, foi de 1:3,5. A economia do sulfato de quinino não compensou a despeza, que o hospital teve de fazer com a maior demora dos doentes, a quem mais tarde foi preciso empregar o anteperiodico, e que se teriam curado logo nos primeiros dias, que se perderam em expectação.

Desde o dia 19 de fevereiro até ao fim de março, tive separada dos meus doentes uma enfermaria de 20 camas pouco mais ou menos, para o ensaio do tratamento homœopathico. Este ensaio dirigido com todo o cuidado pelo sñr. Doria, seguido por mim e por outros collegas, e presenciado por quasi todos os alumnos do 4.º e 5.º anno medico, não me fez crear a menor suspeita de que os globulos de Habnemann produzam no organismo algum effeito sensivel.

Na designação das molestias, continuo a seguir a classificação que adoptei na publicação da primeira estatistica, a de janeiro de 1852, alterando-a apenas n'um ou n'outro ponto menos essencial. No Liberal do Mondego n.º 187 pretendi justificar este arbitrio do modo seguinte — « Seguimos n'estas estatisticas as classificações dos compendios de pathologia interna e pathologia cirurgica da universidade, Hufeland e Begin; e, para as molestias cutaneas, guiamo-nos pelo ensaio dermosographico do sñr. B. A. Gomes. Achámos conveniente harmonisar, n'um hospital de ensino, a estatistica pathologica com as classificações dos compendios de pathologia; e por outro lado evitámos as difficuldades, que haviamos de encontrar, se quizesse-mos seguir a nomenclatura e classificação adoptada pelo conselho de saude no quadro nosographico, que publicou em edital de 31 de dezembro de 1844, para servir de guia a todos os facultativos nos seus attestados, mappas necrologicos etc. » Sobre a classificação das edades, disse no mesmo jornal n.º 202 o seguinte: — « adoptei a divisão das edades em quatro epochas principaes, por ser a mais geralmente admittida. Sobre o numero d'annos de cada epocha, ha muito maior divergencia; mas segui a divisão legal mandada adoptar, nos mappas da população das topographias medicas, pelo conselho de saude publica do reino, em circular de 22 de março de 1838. »

As molestias consideradas como complicações, e ainda mesmo como consequencias da molestia principal, vão indicadas em letra italica.

Para melhor se ajuizar do movimento pathologico da enfermaria, ponho em casa especial, á esquerda da designação de cada molestia, o numero collectivo d'esta molestia simples, e da mesma doença com todas as complicações que vão designadas em seguida. Poderá notar-se que o rheumatismo articular chronico, por exemplo, apparece n'uma parte complicado com a bronchite chronica, e n'outra parte a bronchite complicada com o rheumatismo. No 1.º caso, o doente entrou no hospital só com o rheumatismo; ou, se trazia as duas molestias, o rheumatismo era mais intenso ou mais saliente; e vice versa no 2.º caso.

Não tenho por invariaveis estas bases que adoptei; e espero mesmo que a practica me irá ensinando as suas modificações. Do *minucioso* ao *resumido* d'uma estatistica pathologica, ha uma grande distancia; e, entre estes extremos, ha de haver muita oscillação e muito arbitrio, em quanto alguma corporação legalmente auctorisada não der, em harmonia com a organisação dos nossos hospitaes, as bases e modelos que façam encaminhar as estatisticas especiaes e uniformes a uma estatisca geral do reino.

Em quanto não se adoptarem providencias sobre a publicação d'uma estatistica regular de todo o hospital da universidade, continuarei publicando a estatistica da minha enfermaria, ou de todas as enfermarias de homens, que tenho seguidamente publicado, desde janeiro de 1852, no Liberal do Mondego e na Gazeta Medica de Lisboa. A estatistica de novembro e dezembro de 1852, tem bastantes imperfeições, que não menciono aqui, por terem sido lembradas, em grande parte, n'outro jornal [1]

A. A. DA COSTA SIMÕES.

[1] Observador, n.º 650.

A devoção d'um philosopho póde nutrir-se com a oração, o estudo e a meditação; mas os sentimentos religiosos do povo não se conservam sem o exercicio do culto publico. (*Gibbon.*)

ERRATA DO N.º 16.

Pag.	*Col.*	*Linh.*	*Erros.*	*Emend.*
186	1.ª	41	lado impuro	lodo impuro
«	2.ª	3	o ceu nunca ascenderam	o ceu nunca offenderam

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

CIRCULAR DO CONSELHO SUPERIOR DE INSTRUCÇÃO PUBLICA

AOS COMMISSARIOS DOS ESTUDOS.

O conselho superior de instrucção publica, informado, pelos relatorios annuaes que alguns dos seus delegados teem elevado á dignidade e perfeição exigida, da falta de organisação regular e uniforme no ensino das escholas de instrucção primária, entregue quasi exclusivamente ao arbitrio, nem sempre prudente e illustrado, dos professores; reconhece a urgente necessidade de um directorio, que pondo termo a irregularidades, sempre prejudiciaes, satisfaça ás exigencias respeitaveis do ramo de ensino publico mais util e indispensavel ás necessidades da vida social.

A lei de 20 de setembro de 1844, dando nova organisação á instrucção popular, havia omittido em sua prudente reserva o que toca a methodos de ensino. Dos que se achavam em practica sanccionados pela experiencia de povos, que foram adeante de nós em reformas e melhoramentos de instrucção, havia nas escholas do paiz por esse tempo o methodo de ensino mutuo, e o simultaneo. O mutuo menos dispendioso reune á economia algumas vantagens no ensino das noções mais elementares; mas sacrifica-lhes a economia do tempo, a perfeição e solidez da instrucção; e, o que a tudo sobreleva, a educação religiosa e moral, em que deve assentar a instrucção primaria. O simultaneo mais seguro, e menos longo satisfaz melhor ás indicações da instrucção e educação moral da infancia; porque acompanha o desenvolvimento do espirito da formação do coração, quando o professor sollicito e desvelado vai lançando nelle com mão prudente e caridosa os germes das virtudes; e assim formado, o habito da virtude afugenta o vicio. Melhor ainda satisfará as exigencias do ensino o methodo simultaneo-mutuo, reunindo as vantagens de um e de outro: e este é o mais seguido nas escholas do estado.

O methodo individual, sendo o mais natural; porque o modo de ensinar e educar soffre modificações relativas ao temperamento, sexo, educação, e habitos do individuo, nem será applicavel em toda a extensão a escholas publicas de frequencia superior a dez alumnos; nem é tambem isento de inconvenientes muito attendiveis, que o tem desconceituado na opinião dos homens competentes.

Cada um d'estes methodos póde ser levado á execução por differentes processos ensaiados em muitos paizes, onde o empenho desvelado pela instrucção do povo tem presidido á diffusão e melhoramento da instrucção primaria, e recommendado á posteridade os nomes de Pestalozzi, Jacotot, Apporti, e outros; e tambem entre nós tem havido sinceros esforços para abreviar e aperfeiçoar o ensino do primeiro ramo de instrucção, que demanda o baptismo da civilisação moderna. Se não todos, alguns dos meios empregados nesses processos differentes poderão com vantagem ser aproveitados em um methodo mixto.

O regulamento geral das escholas primarias decretado em 1850 encerra os principios da organisação do ensino nas aulas, as ideas fundamentaes da sua direcção, e melhoramentos progressivos, e do regimen disciplinar: mas nem podia prescrever todas as regras no modo de applicação practica de qualquer methodo, que a lei não fixára; nem devia obstar de todo á liberdade que é indispensavel conceder ao professor no ensino, respeitando a sua vocação, tendencias, e habitos: e na esperança de possuirmos professores habilitados em eschola normal que se prepara desde 1845, fôra inutil desenvolver mais no regulamento todas as hypotheses, que podem verificar-se na applicação da lei; porque todas se devem suppor desenvolvidas no ensino, e educação dos alumnos-mestres; sendo que a intelligencia, o zelo, e dedicação do professor são o verdadeiro e mais efficaz regulamento da sua eschola.

Não se tendo porem, infelizmente, realisado alguns dos elementos, com que o conselho contava para a regencia das escholas; e principalmente na falta de individuos competentemente habilitados com os cursos de escholas normaes, é indispensavel, até urgente, o regular de algum modo o arbitrio dos professores na organisação litteraria das escholas, e na marcha do ensino com referencia aos ramos delle, no 1.° e 2.° grau da instrucção primaria.

É neste ponto de vista, e para um objecto da maior transcendencia, que o conselho resolveu chamar a attenção dos sñrs. commissarios dos estudos. Penetrados da importancia da sua missão, e animados do zêlo indispensavel á sustentação da sua dignidade, é de crêr que elles não só, tenham guardado o respeito ás leis da administração litteraria por interesse proprio, mas que tenham até comprehendido a razão moral das leis, e por ella encaminhado os professores na sua execução, supprindo assim algumas disposições, em que a lei ficasse silenciosa.

Espera confiadamente o conselho, que v. s.ª, conferindo com alguns professores da sua maior confiança, e aproveitando as sabias lições da experiencia lhe preste zelosa cooperação, e haja de formular o seu parecer em bazes, que sirvam para fundamentar um directorio, comprehendendo a organisação litteraria da eschola, com divisão em classes, referencia ao methodo simples, ou mixto, que julgar preferivel, e aos objectos do ensino, e estado de adiantamento dos alumnos; a distribuição das lições pelas horas do dia, e dias da semana; a direcção do ensino em cada uma das classes; os deveres do professor em relação á educação religiosa, e moral de todas, e ao ensino litterario de cada uma; o modo, e tempo de promoção dos alumnos de uma para outra classe; a fórma e processo dos exames annuaes, e dos titulos de habilitação para graus superiores de instrucção; a verificação de frequencia diaria, e annual dos alumnos, os premios e as penas moraes, que lhe parecerem mais adequadas, e efficazes para regular o seu procedimento moral e litterario, tendo em vista o disposto no decreto de 20 de dezembro de 1850.

O objecto é grave, urgente, e de grande momento para a illustração publica; sem a qual nem se escuta a voz da razão, nem está segura a liberdade. O conselho tem feito estudos sobre esta importante parte da administração; tem preparado trabalhos; mas deseja ser esclarecido com o voto das pessoas mais auctorisadas, e competentes; e espera que sem demora v. s.ª comece o desempenho da missão, que muito lhe recommenda, certo da sua intelligencia e dedicação; e incessante promova afervorada continuação de conferencias até poder assentar juizo seguro, que possa coadjuvar o conselho na satisfação de um desejo, de que podem provir incalculaveis vantagens á instrucção primaria.

Ill.^mos Sñr.^s Redactores. — Peço a V. o favor de publicarem no Instituto o seguinte projecto de reforma d'informações academicas.

De V.
Am.° e Cr.° e m.^to V.^or
V. Ferrer Neto Paiva.

PROJECTO DE REFORMA DE INFORMAÇÕES ACADEMICAS.

Art. 1.° As informações sobre sciencia e costumes sómente serão dadas depois da formatura, e do grau de licenciado.

Art. 2.° Tanto umas, como outras, serão dadas pelos conselhos das faculdades compostos dos lentes cathedraticos e substitutos ordinarios, e todos julgarão como jurados.

Art. 3.° Umas e outras serão dadas por escrutinio secreto sem conferencia prévia dos conselhos das faculdades.

Art. 4.°. As informações de sciencia e costumes serão o juizo dos conselhos das faculdades, manifestado pelos votos das maiorias em bilhetes impressos.

§. 1.° No caso d'empate tem logar o calculo de Minerva.

§. 2.° Na acta da sessão dos conselhos sómente será lançado o juizo da classificação do estudante, sem se mencionarem os differentes votos em contrario

Informações de sciencia.

Art. 5.° Os vogaes dos conselhos votarão nas informações de sciencia depois da formatura, por bilhetes com as declarações de — *sufficiente*, — *bom* —, e *distincto*.

§. *unico.* Os votos de *distincto*, que não formarem maioria absoluta, serão contados na classificação de *bom*.

Art. 6.° Os effeitos juridicos d'estas informações são:

§. 1.° O estudante, classificado *sufficiente* por maioria absoluta, póde usar de suas cartas, mas não póde matricular-se no sexto anno da faculdade, nem ser despachado pelo governo para logar, para que seja habilitação necessaria a carta de formatura.

§. 2.° O estudante, classificado *bom* por maioria absoluta, póde ser despachado pelo governo para os logares mencionados no §. antecedente, mas não póde matricular-se no sexto anno.

§. 3.° O estudante, classificado *distincto* por maioria absoluta, póde matricular-se no sexto anno, e, por maioria de razão, ser despachado pelo governo para os dictos logares.

Art. 7.° Os estudantes, que no primeiro escrutinio tiverem sido classificados como *distinctos*, entrarão em segundo escrutinio, no qual os vogaes dos conselhos votarão por bilhetes de — *bom* — e *muito bom*; e o estudante, que obtiver dois terços de *muito bom*, sera classificado *de merecimento relevante*.

Art. 8.° Os effeitos d'estas informações são:

§. 1.° O estudante classificado *de merecimento relevante*, matriculando-se no sexto anno, terá preferencia para os actos de conclusões magnas, e exame privado. Entre

estudantes de *merecimento relevante* tem logar a preferencia da antiguidade do grau de bacharel.

§. 2.° O estudante *de merecimento relevante*, será preferido pelo governo no despacho para qualquer logar, que elle requeira, e para que a carta de formatura for habilitação necessaria, a todos os classificados *bons*, ou *distinctos*.

Art. 9.° Depois do grau de licenciado os vogaes dos conselhos votarão por bilhetes de — *bom*, — e *muito bom*.

Art. 10.° Os effeitos juridicos d'estas informações são:

§. 1.° O estudante, que obtiver maioria absoluta de votos de *bom*, será classificado *bom*, poderá usar da carta de licenciado, mas não poderá receber o grau de doutor.

§. 2.° O estudante, que obtiver maioria absoluta de votos de *muito bom*, será classificado *distincto*, e poderá tomar o grau de doutor.

§. 3.° Os estudantes, classificados *distinctos*, entrarão em segundo escrutinio, em que os vogaes votarão por bilhetes de *bom* e *muito bom*; e o estudante que obtiver dois terços de *muito bom* será classificado *de merecimento relevante*, e terá preferencia no grau de doutor, ficando considerado como doutor mais antigo do que os classificados *distinctos* no mesmo anno.

§. 4.° O estudante classificado de *merecimento relevante*, será preferido pelo governo no despacho para qualquer logar, que elle requeira, e para que seja habilitação necessaria a carta de formatura, aos estudantes classificados *bons*, ou *distinctos*.

§. 5.° O estudante, que a esta classificação *de merecimento relevante* juntar outra egual nas informações de formatura, terá direito a tomar gratuitamente o grau de doutor.

§. 6.° A classificação *de merecimento relevante* só nas informações de licenciado, sendo por unanimidade de votos de *muito bom*, tambem dá direito a tomar capello gratuitamente.

Informações de costumes.

Art. 11.° Antes da votação sobre sciencia e costumes nas informações de formatura serão presentes aos conselhos das faculdades as notas seguintes:

§. 1.° De reprehensão, prisão, e riscadura, declarando-se os motivos destas penas.

§. 2.° De policias correccionaes, querellas, e sentenças criminaes, proferidas pelo juizo de direito de Coimbra, durante o tempo, que os estudantes frequentaram a universidade e o lyceu de Coimbra, passadàs *ex officio* a requisição da secretaria da universidade.

§ 3.° Das preterições, e perdas d'anno por faltas não abonadas.

§. 4.° De todas as noticias, que o prelado da universidade tiver reunido pela policia academica, de que é chefe.

Art. 12.° Depois de tudo examinado pelos conselhos das faculdades, os vogaes votam por bilhetes de — *máu* — *irregular* — e *regular*.

§. *unico*. A votação sobre costumes será no mesmo escrutinio, que a votação sobre sciencia; o vicio d'uma não annulla a outra.

Art. 13.° Os effeitos juridicos destas informações são:

§. 1.° O estudante, classificado *máu* por maioria absoluta de votos, não póde nunca matricular-se no sexto anno da faculdade, nem ser despachado pelo governo para logar, para que seja habilitação necessaria a carta de formatura.

§. 2.° O estudante, classificado *irregular*, não póde matricular-se no sexto anno, nem ser despachado pelo governo para os dictos logares, sem passarem tres annos, e apresentar uma justificação com citação do agente do ministerio publico, em que seja julgado de bom comportamento religioso e moral.

§. 3.° O estudante, classificado *regular*, póde matricular-se no sexto anno, e requerer aquelles logares ao governo.

Art. 14.° Depois do gráu de licenciado, satisfeita a determinação do Art. 11.°. votam os vogaes dos conselhos do mesmo modo e com os mesmos bilhetes do Art. 12.°. e §. *unico*.

Art. 15.° Os effeitos juridicos destas informações são:

§. 1.° Sómente o estudante, que for classificado *regular* por maioria absoluta de votos, poderá tomar o grau de doutor.

§. 2.° Os classificados *máus*, ou *irregulares*, para os despachos do governo terão os effeitos dos §§. 1.° e 2.° do Art. 12.°

Coimbra 28 de novembro de 1853.

Vicente Ferrer Neto Paiva.

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Joaquim Gonçalves Mamede.

FRAGMENTOS LITTERARIOS.

DEFESA DA THEORIA DO BELLO.

Continuado de pag. 223.

Para não deixar a menor duvida no espirito do auctor da carta, pedir-vos-hei mais um momento de attenção, no entanto que tracto de adduzir, em confirmação da minha theoria, o testimunho de outros factos, que, por serem nacionaes e contemporaneos vos serão melhor conhecidos. São os factos a que alludo — o poema intitulado *Camões* do snr. Garrett, — e o drama *Fr. Luiz de Sousa* do mesmo auctor.

Quanto ao primeiro, sabeis que o assumpto d'este poema é a vida aventurosa e atribulada d'aquella maior alma que deitou Portugal, do maior poeta epico que hão procreado as Hespanhas, do immortal auctor dos *Luziadas*. Para dar-vos uma idea da transcendente importancia d'este assumpto bastará ponderar que o nome de *Luiz de Camões* é hoje — senão o unico — o maior epilogo de todas as glorias portuguezas. Que é de todos esses padrões de gloria plantados pelo valor de nossos maiores por todas essas costas bravias d'Africa, d'Asia e da America? Que é d'essa *arvore do Estado*, de que falla Jacintho Freire, plantada no extremo oriente, tão carregada de tropheos, e regada com o sangue de tantos martyres da lealdade, do patriotismo, e da fé? Que é feito de Tangere, de Ceuta, d'Arzila, e d'Azamor em Africa? Que é de Ceilão, de Cochim, de Cananor, d'Ormuz, de Chaul, de Negapatão, de Mombaça e de Malaca na Asia? Que é feito do Brasil na America? Que é de todas essas joias, que com os contos de suas lanças andaram engastando nossos maiores na corôa dos nossos reis?..... Oh senhores!.... D'ellas, já de lá se desprenderam e cahiram de todo! D'ellas, se ainda lá estão, estão mareadas e sem brilho; porque á medida que nos foi arrefecendo a fé em Deos, foi-se-nos esfriando a lealdade nos peitos, foi-se-nos enervando o valor nos braços, fomos perdendo o amor da patria!... Já hoje não ha de roda de nós senão ruinas. Mas em meio de todas estas ruinas ha ainda em pé um monumento unico, — que ainda lembra ao mundo o nosso passado de gloria, — ainda faz respeitado na Europa o nome portuguez, — ainda é para nós um fiador de independencia, de nacionalidade. Sabeis qual é esse monumento? é o poema dos *Luziadas*.

Mas o auctor d'este poema; — o homem que tinha feito a Portugal o mais valioso presente que podiam forças humanas fazer-lhe; — esse homem, que na derradeira quadra da vida o unico thesouro que tinha, era a amisade de um escravo, que de porta em porta esmoláva para elle o pão da caridade.. — esse homem, ao menos depois de morto... onde, onde dorme esse homem o somno do sepulchro? Qual é o monumento que encerra as cinzas de Camões? Qual é a letra que assignala a campa que contém thesouro de tamanha valia? Oh nada, senhores! nada disso existe, porque de nada d'isso curou Portugal! Assim como perdemos a fé que inspirava as grandes emprezas, tambem fomos perdendo a gratidão que as galardoa. Dois seculos correram sem que cessasse de pezar sobre nós o labeo de não-pagamento d'esta divida de honra nacional. Com o seculo XIX, com o seculo em que vivemos veio o sñr. Garrett... e para esta existencia privilegiada estava reservada a gloria de pagar com o fructo de suas lucubrações poeticas a divida da sua nação. A memoria de Camões tem hoje um monumento... É o poema do sñr. Garrett.

A outra composição de que vos fallava, é o drama *Fr. Luiz de Sousa* do mesmo auctor. Sem duvida conheceis muito do assumpto d'este drama.... Sabeis que *D. Magdalena*, viuva de *D. João de Portugal*, que fizeram morto na batalha d'Alcacer-Quibir, casára em segundas nupcias com *Manoel de Sousa Coutinho*, que d'ella houve uma unica filha por nome *Maria*. Quando na companhia d'esta filha, d'este thesouro de graças angelicas, mais se gosavam os dois esposos da paz e alegrias ineffaveis que usa semear a virtude no remanso do lar domestico, vem tal golpe de infortunio que converte n'um inferno vivo todo este eden de felicidade. Quebra, quebra os laços d'aquelle terno amor conjugal, que a benção da religião tinha sanctificado! Mata de vergonha o anjo de pureza, que não póde sobreviver á perda do nome de seus paes! E para não abrir mais duas covas, contenta-se com lançar dois escapularios sobre a cabeça de dois infelizes, a quem já não permitte a lei o tractamento de «esposos», mas a quem uma religião toda-entranhas concede ainda o doce nome de «irmãos». *Manoel de Sousa* e *D. Magdalena* abraçam a vida do claustro; por que *D. João de Portugal* estava vivo; e o segundo matrimonio era nullo.

Agora que assim temos recordado o assumpto de cada um d'estes primores d'arte da moderna eschola portugueza, agora é que fica bem pedir-vos que os submettaes a uma experiencia.

Em logar do caracter de *Camões*; em logar do de *Fr. Luiz de Sousa* do sñr. Garrett; em logar de qualquer d'estes typos immortaes de patriotismo, de esclarecida piedade, e de heroica resignação christã, ponde, senhores, ponde pelo pensamento o caracter de um sceptico, o de um atheu, o de um d'estes materialistas alvares, para os quaes não ha mais futuro além dos degraus da campa: fazei mentalmente tão barbara substituição, e dizei-me — continuará a subsistir com ella o mesmo encanto e belleza, com que alias nos diliciavam o espirito taes composições?

Se Frei Luiz de Sousa fosse um sceptico, e D. Magdalena uma discipula de Voltaire, poderiam doer-nos tanto no amago d'alma as dores e tribulações d'este par desditoso, a quem um acaso funesto arranca ao mesmo tempo o amor de esposos, e o tão querido fructo d'esse amor? Teriam elles n'alma força para tanto, tanta resignação, se ao cabo de todas as provanças d'esta vida não lubrigassem n'outra melhor a gloriosa corôa do martyrio? Lembrar-se-iam nunca de procurar juncto dos altares, na solidão do claustro, o prolongamento d'este penoso sacrificio de viver, se não esperassem de com elle alcançarem graça deante de Deos?

E se Camões fosse um espirito forte, se não cresse em Deos, se não cresse na lei de Deos, que nos manda servir e amar a patria e os homens, ainda que só para outra vida tenhamos de aguardar o galardão das boas obras, que houvermos feito nesta; ter-se-ia Camões resignado a esgotar até ás fézes o calix de uma vida de opprobrios, de fome, de miserias, só para levar a cabo a realisação do pensamento do seu destino, só para levantar em prol d'ingratos portuguezes o maior monumento de gloria que até hoje ha possuido Portugal?

Este mimo, esta frescura de sentimento e de vida, este perfume de sanctidade que espargem por essas composições os principios de moralidade e de religião, de que plasmára esses dois caracteres o genio do sñr. Garrett; poderia cousa alguma d'essas ahi desabrochar e viver debaixo do bafo esterilisador do scepticismo e da impiedade? Não, senhores, mil vezes não.

As relações da arte com a verdade e com a virtude são tão intimas, que a primeira não póde ir sem as outras, não póde sem ellas chegar ao seu fim; absolutamente não póde acordar na alma do homem o sentimento do bello. Este sentimento, como bem vezes o temos dicto, é um sentimento mixto de admiração e de amor puro e desinteressado. E o homem, a pezar de todas suas miserias, é feito por maneira; sua origem é tão nobre, seus destinos são tão altos; que não póde *admirar* se não o *immenso*, não póde *amar* se não o *bem*, não póde *crêr* senão na *verdade*. Mas visto que a verdade e o bem, ontologicamente considerados, são, na poetica linguagem de Platão, o *logos*, isto é, o « medianeiro », o unico ponto de contacto entre o finito e o infinito, entre a razão de Deos e a intelligencia do homem; o *bem* e o *verdadeiro*, com sua fórma sensivel, que é o *bello*, não são em seu ponto de vista objectivo senão qualidades, senão modificações, senão attributos; cuja unica substancia é *Deos*. Deos é pois a *substancia ontologica* do *bello*, que é a fórma sensivel do *bem* e do *verdadeiro*. E visto que ninguem póde ser artista sem exprimir o bello, exprimil-o sem o amar, amal-o sem crer nelle; segue-se que só o homem *religioso*, só o homem que *amar a Deos* e *crêr em Deos*, só esse terá o verdadeiro sentimento do bello; só, tendo-o, poderá exprimil-o; só exprimindo-o, poderá ser artista.

Isto que já nos havia indicado o raciocinio, é exactamente o mesmo que agora nos acabam de demonstrar a observação e a experiencia; — a observação, applicada ao exame de tres factos da vida litteraria de Voltaire, a *Zaira*, a *Alzira*, e a *Donzella d'Orleans*; — e a experiencia, averiguando dois factos da vida litteraria do sñr. Garrett, o poema *Camões*, e o drama *Fr. Luiz de Sousa*. Mas acima de todos estes factos e provas ha ainda um facto, ha mais outra prova, que por ser a mais culminante e comprehensiva de todas, é por isso mesmo a que de industria hei reservado para fecho d'abobada, para remate e corôa final d'este modesto edificio, que eu pobre operario da intelligencia, tão falho de forças, como rico de vontade, muito folgára de poder levantar aqui em honra de Deos e proveito da arte.

Continúa. M. R. DE MENDONÇA.

P. OVIDIO NAZÃO:

Dos Tristes — *Livro* 4.º: *Elegia* 3.ª

ARGUMENTO.

Pede Ovidio a uma e outra ursa do polo, que fitem os seus olhos em Roma e na sua esposa; e lhe digam, se ella do seu marido vive saudosa, ou esquecida. Reprehende-se depois a si mesmo, por duvidar da fidelidade da sua esposa, quando aliás sabe, que é d'ella ternamente amado. Passa depois a louval-a e a significar-lhe o seu sentimento, por ser a causa de que ella viva em perpetuo luto Exorta-a por fim a que lhe permaneça sempre fiel.

Feras, grande e menor, enxutas ambas,
Aquella ás gregas náus marcando o rumo,
Esta ás náus de Sidonia; pois no polo
Summo postas, sem nunca ao occidente
Irdes tocar as aguas do oceano,
Tudo vedes, e a etherea circumdando
Mais alta região, a orbita vossa
Sempre da terra acima se sublima;
A vista dirigi, eu vos supplico,
Sobre as montanhas, que se diz, outrora
Mal transposera Remo d'Ilia prole;
E a fronte vossa nitida volvendo
Para a minha consorte, annunciai-me
Se do esposo infeliz se lembra ainda......
— Mas ai! Porque pergunto o que sabido
É por mim de sobejo? Porque ambiguo
Medo á minha esperança se mistura?
Crê o que existe, pois é o que desejas,
E cessa de temer o que é seguro:
D'uma firmeza certa certo existe,
Nem com voz mentirosa a ti relates
O que as fixas no pólo estrellas nunca,
Nunca pódem dizer-te, antes confia
Em que de ti lembrança sempre nutre,
Que dos cuidados seus és vivo objecto:
E, pois nada mais póde, tem comsigo
Teu nome unido ao seu, e a imagem tua,
Como estando presente anda em seus olhos:
E, se ainda vive, bem que estando ao longe,
E de ti tão distante o amor te guarda.
— Á justa dor entregue a mente afflicta,
E á voz do coração prestando ouvidos,
Acaso de ti foge o somno brando?
Assaltam-te os cuidados, quando o leito,
E do repouso meu a estancia tocas,
Sem consentirem que de mim te esqueças?
E no auge d'afflicção immensa a noite
Eterna te parece? e os quebrantados
Ossos do corpo inquieto a dôr flagela?
— Que isso assim seja, não, ah! não duvido,

E mais do que isso ainda, e que apresente
O teu amor signaes de dôr tão casta;
Nem que menor tormento a alma te ancêe,
Do que a thebana Andromaca sentira,
Quando, do eixo thessalico levado
Do seu Heitor o corpo vio rodando.
— Do teu amor nem sei pedir-te as provas,
Nem dizer posso qual affecto queira,
Que a tua alma por mim experimente;
Se a tristeza te punge, eis me crucía
O ser da tua dor a cousa, a origem;
Não vives triste? afflijo-me, não mostres,
Que do perdido teu consorte és digna!
— Os teus males porém, ó das esposas
Tu a mais terna, sente; e triste o tempo
Vive após os communs nossos desastres:
Chora os meus infortunios; causa o chôro
Um tal ou qual deleite, e a dôr suavisam
As lagrimas, e até de todo a extinguem:
Oxalá que chorar tu não devesses
A minha vida, e que antes minha morte
Houvesses de chorar, sósinha embora
Morrendo, eu te deixasse; ás patrias auras
Por ti o meu espirito se iria;
Sobre o meu peito lagrimas piedosas
Tu farias cahir, e erguendo a vista
Ao conhecido ceo na hora extrema,
Os meus olhos teus dedos cerrariam;
E as cinzas minhas no sepulcro avito
Depositar-se iriam; sobre a terra,
Que tocou ao nascer, pouso o meu corpo
Havia de encontrar: Em fim sem crime
Como sempre vivi teria a morte.
Do desterro o supplicio agora a vida
Minha me faz passar ignominiosa.
— Triste de mim! se tu chamar-te ouvindo
Do desterrado a esposa, o rosto voltas,
E se acaso 'o rubor te sobe á face!
Triste de mim! se tens por cousa torpe
O saber-se, que o hymineo nos tem ligados!
Triste de mim! se o ser minha te peja!
— Que é do tempo, em que o seres minha esposa
Para ti de ufania era um motivo?
Onde o tempo, em que tu (senão receias
Na memoria avival-o) apreciavas
O saber-se, o dizer-se que eras minha?
Do meu engenho os dons causavam todos
Em tua alma prazer, como a uma esposa
Convém, de sentimentos sãos dotada:
Augmentava-lhe o amor teu os quilates
Muito além da verdade, e a preferencia
Para ser teu consorte a nenhum davas
Outro que não fosse eu: (tão grande apreço
Julgavas merecer-te o nosso enlace)!
— Do laço marital. que a ambos nos prende,
Não te pejes tambem agora, expulsa
De ti, d'isso o pezar, d'isso a vergonha.
Quando, ferido subito d'um raio,
O iniquo Capaneo morreu, acaso
Lêste já, que a consorte sua, é Vadne,
De o ter se envergonhasse por marido?
Nem quando o proprio rei do mundo os fogos,
Teus com seus raios extinguio, Phaetonte,
De seres prole sua os teus parentes
Negar-te deveriam: nem Semelle
Por Cadmo foi, seu pai, havida espuria,
Alhea ao leito seu, porque ambiciosa
Perdeu a vida a instancias proprias suas.
Nem tu, porque ferido fui de Jove
Pelos golpes irados, purpurino
Rubor deixes subir á liza face;
Mas antes na defensa minha estrenua
Cada vez mais e mais mostrar-te deves:
De boa esposa ostenta-te o modello;
Tuas virtudes ennobreçam, doirem
Um desastroso lugubre successo.
— Arduo é o caminho, que conduz á gloria:
Quem Heitor conhecera, se a ventura
Sobre Troia pousasse sempre as azas;
Pelo meio dos publicos desastres
A estrada corre da virtude egregia:
Sem prestimo a tua arte fôra, ó Tiphys,
Se encapeladas ondas não se erguessem
No tormentoso mar: sadios sempre
Se os homens fossem, que valor, ó Phebo,
Teria a, que inventaste, arte prestante.
A virtude escondida, e da bonança
Nos tempos ociosa, resplandece,
E ostenta o seu poder nos borrascosos.
— Dá-te pois a fortuna minha adversa
Logar para adquirir altos encomios,
E conspicuo que offerece um nome á tua
Para comigo benevolencia assidua
Com que subas da gloria ao cume excelso.
— Occasião tão prospera aproveita;
Visto que a tens presente: aos teus louvores
Um campo dilatado eis tens aberto.

Continúa F. DE CARVALHO.

BANCOS TERRITORIAES.

Continuado de pag. 227.

A fórma mais natural e singela d'estes estabelecimentos consiste em uma associação de proprietarios, que tomam as acções do banco. Estas acções são representadas em bens de raiz, livres e desembargados, os quaes ficam em seu poder, porem obrigados aos resultados das transacções.

Os proprietarios, que carecem d'emprestimos, recorrem ao banco, offerecendo-lhes as competentes hypothecas, cujas qualidades e estado juridico o banco se encarrega d'averiguar e verificar: e, quando as julgue sufficientes, effeitua-se o emprestimo por um valor total, sempre inferior ao dos bens hypothecados, e sob condição de pagar o tomador, além do juro fixado, uma annuidade para amortização successiva do capital mutuado.

Os accionistas podem egualmente ser soccorridos por emprestimo sobre uma parte do valor de suas acções.

Mas em que especies são transmittidos estes capitáes? Eis aqui a caracteristica especialissima do instituto. O banco territorial não é uma associação de capitalistas, destinada a fazer emprestimos de numerario; nem mesmo, sendo constituido pela fórma indicada, lhe é possivel dispor de quantias metallicas.

Não entrega por tanto aos tomadores quaesquer valores em dinheiro, mas sim — *titulos de divida do mesmo banco*, como *apolices* ou *notas*, de grandes e pequenos valores, passados — *ao portador*, porém não pagaveis — *á vista*, e contendo obrigação de juro.

Por via d'estes titulos o banco substitue-se ao proprietario, que precisa tomar o emprestimo, garantindo-o sob sua responsabilidade, não só por meio de suas acções, mas pela hypotheca, aceite do mesmo proprietario.

Este vende os titulos, e realisa d'est'arte as quantias metallicas, de que ha mister; e ainda mesmo os póde empregar até certo ponto, como moéda, visto que são — *ao portador*, desde que o crédito do banco, e a illustração da sociedade, o permittir.

O capitalista não precisa de se occupar da averiguação das circumstancias do tomador, e da hypotheca que lhe offerece; constitue-se, pela compra dos titulos, effectuada sem formalidades e em particular, crédor não de um individuo, mas de uma corporação forte, reconhecida e auxiliada pelas leis, o banco territorial.

O tomador não carece de mendigar de capitalista em capitalista, e de lhes revelar suas necessidades; e depois de servido, dorme tranquillo sem receio de ser expropriado de seus bens, uma vez que satisfaça ao pagamento das annuidades que estipulou.

O emprestador, quando haja necessidade de se reembolçar dos capitaes mutuados, não tem mais que negociar os titulos recebidos, vendendo-os ainda mais facilmente que os effeitos commerciaes, por que são ao portador; e goza, por effeito d'esta mesma qualidade, da vantagem já indicada de os poder transmittir, como moéda, em pagamento.

A amortização póde fazer-se por via de compra de titulos, pelo curso da praça, empregando-se nesta compra o importe das annuidades recebidas; ou sorteando cada anno os mesmos titulos, para se haverem de pagar *ao pár*, isto é, pelo total valor que representam, os que saírem á sorte.

Este ultimo meio tem a grande vantagem de concorrer para segurar o valor dos mesmos titulos, os quaes, ainda independentemente da concurrencia, é provavel que pouco desçam do nominal, visto que todos têm a perspectiva d'um pagamento integral pelo sorteio periodico.

Além d'esta amortização forçada, é livre ao devedor pagar, em todo ou parte, quando queira; e para isto não tem mais do que comprar na praça os titulos que precisa, se por ventura o curso dos mesmos o favorecer, transmittindo-os ao banco.

Como toda a sociedade industrial, e de crédito, se propoe a um lucro para seus accionistas, parece não poder deixar de existir este elemento d'attracção em um banco territorial, mormente importando-lhes a tomada das acções uma grave obrigação e responsabilidade pelo montante das mesmas.

Todavia é facil de ver, que assim como a natureza d'estes bancos é inteiramente diversa da dos outros, commerciaes e industriaes; a dos interesses, que hajam de produzir para os accionistas não póde deixar de ser igualmente differente.

Primeiramente os accionistas não se desapossam, como já dissemos, dos bens, cujo valor constitue as acções, que tomaram; nem estão obrigados a concorrer com alguma parte do rendimento dos mesmos; salvo sendo tambem devedores.

Além disto, na qualidade de proprietarios, interessam muito na existencia do banco e no facil giro dos titulos; por que lhes proporcionam não só os meios de haver os capitáes, que necessitem, mas de fazer valer de prompto, e com segurança, suas quaesquer economias, empregando-as nesses titulos.

Por tanto o interesse *pecuniario* dos accionistas póde ser mui pequeno, e ainda mesmo *nullo*. Nem as fontes de receita o consentirão d'outra fórma, a não ser (note-se bem) gravando os tomadores com um juro que dê para pagar aos capitalistas, aos accionistas, ao costeio da administração, e ao reembolço, o que destruiria uma das principaes vantagens d'estes bancos.

Constituidos pela fórma mais natural, representam-se nos como associações — *de soccorro e garantia mutua* entre os proprietarios, facilitando e melhorando suas relações com os capitalistas; e este relevantissimo interesse poderá fazer deslembrar de quaesquer outros; o que tanto mais prova a necessidade de real illustração e civilisação, para que possam introduzir-se, e radicar-se.

A intervenção directa e immediata do estado, creando estes bancos, como maquinas publicas, com quanto recommendada por auctoridades as mais respeitaveis, parece-nos sobremodo arriscada; além de ser em todo o caso estranha ao fim e á missão, puramente politica, do governo.

O estado, nesta hypothese, emittiria os titulos, *ad instar* das inscripções do crédito publico; garantiria em nome da sociedade o pagamento dos juros e reembolço; receberia dos devedores, como se fôram um imposto, as annuidades; e pagaria aos crédores.

Aos tão flagrantes abusos do crédito publico, e ao pezo tão desmedido dos encargos, que gravam algumas nações, por causa dos desgovernos e dissipações dos recursos do estado, por ventura accresceriam em seu damno os abusos do crédito territorial, e os resultados de valimentos, segundo os quaes, e não segundo as seguranças, os titulos houvessem de ser concedidos.

Em uma associação puramente particular a responsabilidade dos accionistas, de cujo seio, e por cuja escolha, deve ser tirada a direcção, é natural que haja toda a circumspecção na aceitação dos bens offerecidos em segurança, na concessão dos créditos, e na inspecção subsequente dos prédios hypothecados.

Serão os funccionarios publicos, por dedicação e zelo nacional, superiores a todo o influxo e a toda a indolencia, e egualmente solicitos?

Se os juros do crédito publico forem mal pagos, e as amortizações illusorias; se os governos, obrigados de necessidades as mais imperiosas, cercearem os juros promettidos,

etc., etc.; — quem haverá que segure d'um inevitavel descrédito os titulos do crédito territorial, sujeitos a eguaes eventualidades, visto que a mesma força, omnipotente e irresponsavel do governo, que sacrificou o crédito publico, póde immolar da mesma fórma o territorial?..

Parece-nos pois, que a organisação dos bancos territoriaes, feita pelos governos, é em these inadmissivel, e nas mais favoraveis hypotheses sobremodo arriscada.

Continúa. A. FORJAZ.

MEIOS DE PROMOVER A MULTIPLICAÇÃO E MELHORAMENTO DOS ANIMAES DOMESTICOS.

Continuado de pag. 226.

IV.

Tributos sobre os animaes domesticos e seus productos.

Augmento dos direitos das alfandegas sobre todos os animaes importados para serviço ou consumo, e sobre os seus productos, bem como exportação franca dos animaes creados no paiz, seria sem duvida um dos meios proveitosos para promover a multiplicação e aperfeiçoamento dos animaes domesticos.

O atrazo em que está entre nós a agricultura justifica a concessão de direitos protectores para os animaes indigenos; por isso que, estes sendo creados no paiz, consomem as forragens do nosso solo, e o fertilisam com os seus estrumes: embora se offendessem algumas industrias pelo que respeita ás materias primas que os nossos animaes produzem, qualquer d'estas industrias é todavia muito inferior á agricola, cujo aperfeiçoamento daria em breve materias primas de bôa qualidade, para aquellas industrias poderem melhorar-se.

Só se deveria dar importação franca para os animaes destinados ao melhoramento das raças do paiz, ou para serem aclimatados, por serem de raça superior. Tambem se poderia permittir a importação do gado grôsso e miudo que estivesse muito magro, exportando-se porem logo que estivesse nutrido.

Impostos municipaes. A diminuição ou extincção dos impostos sobre as carnes, que se consomem no paiz, é uma das medidas que muito póde influir na multiplicação dos animaes destinados para alimento, e, sendo este o mais salutar, e o mais necessario á conservação das forças e da saude da classe laboriosa, muito conviria á hygiene publica facilitar o seu consumo, actualmente ainda muito limitado; pois que calculando aproximadamente o consumo annual da carne em relação á população, ao passo que cada individuo consome na Inglaterra 220 arrateis de boa carne, entre nós apenas 23 e de inferior qualidade.

Os impostos municipaes sobre as carnes tornam este alimento mais caro, e por isso diminuem o seu consumo em prejuizo dos creadores e da nossa agricultura, e para maior desgraça promovem o consumo do bacalháo e d'outros generos importados. Por consequencia era muito util augmentar os impostos sobre todos os alimentos importados, deixando livre o consumo das carnes dos animaes creados no paiz, para que não sejam alimento exclusivo das classes abastadas mas de todo o povo, e por esta fórma se animava a nossa agricultura.

Animaes destinados para alimento. Seria muito proveitoso excluir dos açougues as rêzes magras ou por meios directos ou indirectamente multando-as com um tributo, a fim de promover a creação de gado grosso e miudo, destinado unicamente para alimento, e promover nas raças indigenas a qualidade de nutrirem e engordarem prompta e economicamente.

Continúa. J. F. DE MACEDO PINTO.

ESTADO ACTUAL DA OPTICA EM RELAÇÃO A' CÔR DOS CORPOS.

A côr dos corpos, dizia Newton, provem de uma disposição particular de suas moleculas, a qual os torna proprios para reflectirem em maior quantidade os raios de certa côr e transmittirem ou extinguirem todos os outros. Assim que, a côr d'um corpo dependia principalmente da espessura molecular da superficie, e o phenomeno entrava na theoria da coloração das laminas delgadas e dos *accessos*.

A theoria das ondulações nada veio acrescentar á da emissão no que respeita á explicação da côr dos corpos. Entre estes dous systemas d'optica, existe porém um terceiro cujo nome e principios apenas são conhecidos: é o *systema chimico* imaginado ou antes desenvolvido por Parrot, physico francez ao serviço da Russia, e amplificado em 1815 nos *Annaes* de Gilbert.

Ao parecer de Parrot, a luz é um agente chimico, como o calor e a electricidade. Materialisado e transmittido segundo as ideas de Newton, combina-se com os corpos ponderaveis, provocando e destruindo as combinações desses corpos; livre e espalhado no espaço, produz os raios luminosos; em combinação com a materia ponderavel, modifica-lhe as propriedades tanto physicas como chimicas. E todas estas qualidades, não as póde perder pelo repouso, nem adquiril-as por movimentos ondulatorios.

A' theoria de Young e de Fresnel, oppunha Parrot a seguinte experiencia. Introduz-se em uma camara obscura um fasciculo

de luz de 10 a 15 millimetros de diametro, dirigido horisontalmente e cahindo sobre um diaphragma vertical, que tenha uma fenda horisontal de um millimetro. A meio centimetro d'esta fenda deve estar collocado, por de traz do diaphragma, um vaso de vidro de faces parallelas bem verticaes, contendo no fundo uma dissolução de sal marinho, e agua pura na parte superior. Operando-se a mistura lentamente e por camadas horisontaes, a luz que as atravessa não continua seu caminho em linha recta e horisontal: mas curva-se para baixo, augmenta d'espessura, sahe do vaso com inclinação de 21 a 22 gráus abaixo do horisonte, e apresenta as côres prismaticas em outro diaphragma que se põe a 2 ou 3 millimetros de distancia. Esta dispersão do fasciculo, e sua emergencia obliqua attingem o maximo na camada liquida onde a mistura se faz mais depressa.

Se fazemos chegar os raios luminosos um pouco obliquamente de baixo para cima, vemol-os refrangirem-se no liquido, não já do outro lado da normal á superficie d'incidencia, mas do mesmo lado, isto é, aproximam-se das camadas liquidas mais densas, e emergem ainda do outro lado do vaso, abaixo do horisonte, com o qual fazem um angulo menor que abaixo da incidencia recta.

Hoje, conhecidos os numerosos effeitos chimicos da luz, verificada a existencia dos raios efficazes ou chimicos, mais refrangiveis do que os raios do espectro visivel, derrotadas todas as theorias pelos prodigios da photographia, hoje, dizemos, a idêa d'um poder chimico da luz é universal, e, apesar do silencio dos auctores que recentemente escreveram tratados de physica ou de chimica, é forçoso conceder largo espaço a todos estes phenomenos em que a luz parece avantajar-se á materia ponderavel.

Referiremos em breves palavras as novas experiencias sobre a coloração dos corpos feitas principalmente em Inglaterra e Allemanha. É sabido que Brewster d'Edimburg fez numerosas observações sobre esta interessante materia, quando, como elle diz, pretendeu tratar a fundo a optica mineralogica. Estas observações estão disseminadas pelos jornaes scientificos e collecções academicas Aqui limitar-nos-hemos a fallar do que este habil physico denomina *dispersão interna* da luz.

A dissolução da materia colorante das folhas no alcool apresenta uma bella côr verde; mas se atravez d'esta dissolução fazemos passar um fasciculo de luz solar condensado por uma lentilha, esta luz toma uma brilhante côr rubra de sangue. Brewster attribuiu a causa d'este phenomeno a uma *dispersão interna*, e observou depois o mesmo effeito em outras dissoluções vegetaes, nos oleos essenciaes e em alguns solidos. Tal coloração não podia attribuir-se á reflexão da luz, produzida pelas particulas em suspensão no liquido, visto como a luz assim reflectida teria sido polarisada, no entanto que a luz dispersada era pouco differente da natural.

Algum tempo depois John Herschel descobriu um phenomeno ainda mais singular. Uma fraca dissolução de sulfato de quinino do commercio é incolora e transparente, observando-a á luz transmittida; mas toma uma côr azul particular, quando a consideramos á luz reflectida diffusa. Esta luz azul porem não está polarisada; não se produz senão na delgada camada de liquido, adjacente á parede do vaso que dá entrada á luz, podendo depois atravessar muitas pollegadas do liquido. A luz que atravessou todo o liquido não apparece sensivelmente enfraquecida nem córada; mas perdeu a propriedade de manifestar a côr azul em outra dissolução de sulfato de quinino que encontre na passagem.

A luz assim modificada denomina-a Herschel *fasciculo epipolisado*.

Porém outro observador, o principe de Salm-Horstmor, teve recentemente a feliz idea de fazer passar a luz assim epipolisada pela dissolução de sulfato de quinino, atravez de uma dissolução da materia verde das plantas, de curcuma ou de casca de castanheiro, e o phenomeno da coloração reproduziu-se.

Stokes repetiu a experiencia de Herschel com os differentes raios do espectro solar. Quasi todos os raios córados, experimentados cada um por sua vez, passaram intactos atravez da dissolução de sulfato de quinino; porem a partir do meio das listas *g* e *h* do espectro, até muito além da violeta extrema, a luz incidente dava origem a um azul celeste, comprehendido entre a parede que recebia a luz incidente e outra superficie traçada no liquido a certa distancia d'esta parede. A superficie posterior indicadora do logar onde a luz azul estava exhaurida por absorpção ou diffusão, achava-se ao principio mui distante e até fóra do vaso; mas á medida que os raios incidentes se tornavam mais refrangiveis, aproximava-se da parede referida, de feição que a espessura do azul diminuia com rapidez, e tornava-se mui fraca em relação aos raios que vinham desde um pouco além da violeta extrema até a extremidade do espectro invisivel ou chimico.

Continúa.

DOCUMENTOS INEDITOS.

Carta que o viso-rei D. João de Castro escreveo a el-rei nosso senhor o anno de 46 (1546).

Depois da partida das náos do anno passado se acabou o Ydalcão de declarar por nosso imigo; e a pôr por obra fazer-nos guerra, mandando seus capitães sobre esta ilha

de Góa, e tolhendo que nenhuns mantimentos, madeira, nem couza outra alguma saisse de suas terras pera esta cidade: e mandando cercar todos os portos de seu reino, se fez prestes pera em pessoa vir cercar esta cidade, sem declarar outra causa para tamanho rompimento e rotura, mais que não lhe querer eu vender Mealecão e seus filhos por cincoenta mil pardáos, como Martim Affonso de Sousa tinha com elle concertado, assi e da maneira que já tenho escrito a v. a. o anno passado.

Eu fui dissimulando e sofrendo estas afrontas, em quanto o tempo, e a rezão o consentiam; considerando, que v. a. não me enlegera para vir alevantar, e fazer guerras á India; mas para a governar, e manter em paz, e justiça: não para a vir encher de roubos e morte d'homens; senão para a limpar de vicios, e máos costumes. Nem me mandava em seu regimento, que conquistasse de novo reinos, e terras estranhas; mas que lhe guardasse, e conservasse as que de longo tempo tinha já guanhado, e lhe ficaram por propria e verdadeira erança de seu pai. Porque assĩ como parece bem, que de soldados venhamos a merecer ser capitães; assĩ se deve muito d'estranhar, que de capitães tornemos outra vez a fazer officios de soldados. E com estas couzas juntamente se me representava, como me fôra entregue toda a armada de v. a. tão dannificada, e pôdre, que cõ as mãos se desfazia; e que pera a deixar estar no mar em hũ inverno, se iria toda ao fundo; e varala não me era possivel, por cazo de não achar na sua ribeira envazaduras, cabrestantes, cadrenaes, viradores, picadeiros, escoras, que são os estromentos, que se requeriam pera fazer esta obra; sem os quaes se não póde faser couza alguma. E assi mesmo me passava muitas vezes pola memoria os máos pensamentos d'elrei de Cambaia, e como seus embaxadores frequentavam as côrtes dos reis e senhores do Balaguate e Malavar.

Mas em fim vendo, que me hia desfazendo sobolu amarra, e que a temperança, sizo, e sofrimento, que mostrava, causava já no Ydalcão, e seus capitães soberba, e ousadia; crendo os mouros, que esta temperança me vinha mais do temor e receio, que d'elles avia, que por desejar a paz, para bem e assosseguo do universal povo da India, como é costume de todolos fracos, e máos: pareceu-me couza justa e necessaria não esperar mais, e fazer-me na outra volta. E confiado nas ajudas divinas, mais que nas forças humanas, determinei de lhe fazer a guerra por mar, e por terra, e encommendar a causa de nossas differenças ás armas, e á fortuna: porque na verdade os grandes estados, assĩ como se guanham com a lança na mão, assi se não podem defender sem ella; e muito mais este, que tão alonguado estaa de v. a., que quasi as nossas pegadas se querem acabar de virar, e contra-pôr ás de nossos parentes e amigos, que lá habitam nessas moradas e terras; e primeiro que hajamos reposta de nossas cartas, e v. a. queira soccorrer a nossas necessidades, dá o sol muitas voltas, e quer acabar de fazer duas inteiras revoluções. Polo que fiz prestes quatrocentos de cavalo mui luzidos, os quaes levava todolos dias ao campo em batalhas, exercitando-os em escaramuças, cyladas, e outras artes de guerra. E mandei roçar os matos, fazendo caminhos na terra firme, e aparelhando janguadas para passar o rio: e fiz muitas carretas de campo, mostrando querer caminhar pola terra dentro: dando a entender, que o meu preposito era ir tomar Billaguão, e nelle alevantar por rei Mealecão. E como com muita brevidade fiz prestes hũa armada de fustas, e catures, que mandei lançar sobre a cidade de Dabul, na qual armada mandei por capitão mór Nuno Pereira, que é hum fidalgo, que ha muitos annos que caa serve a v. a. muito bem, e gentil cavaleiro de sua pessoa, é homem muito sizudo, honesto, e de bom viver: e os capitães, que com elle mandei foram cazados, e moradores desta cidade, todos homens de muito serviço, e esperiencia na guerra; a saber, Matheus Fernandes, Bertolameu Bispo, Joam Fernandes, Pero Gonçalves. E apos esta armada mandei outras, pera se lançarem sobre os portos e rios das terras do Ydalcão, de maneira que nenhuma cousa lhe podesse entrar, nem sair. E as armadas que trazia em Cambaia, de que andavam por capitães Antonio de Souto mayor, e Diogo de Reinozo, fiz chegar pera as terras do Ydalcão, pera, tanto que tivessem meu recado, darem todas juntamente em terra, e talarem, e destroirem toda a costa do mar. Isto assĩ feito, comecei a tratar com elrei de Bisnagua, e com alguns senhores, e capitães do Balaguate; persuadindo-lhes, que fizessem todos guerra ao Ydalcão; porque eu o apertaria tanto de minha parte, que elles muito a seu salvo pola sua lhe podessem guanhar toda a terra. E com os capitães, de que elle se fiava, e de que mais conta fazia, me carteei tãobẽ, mostrando nas minhas cartas serem repostas d'outras suas, nas quaes tratava com elles, que me entreguassem vivo o Ydalcão, pera eu fazer delle o que quizesse. Estas cartas encaminhei de maneira, que fossem vistas do Ydalcão: com as quaes se perturbou em tanta maneira, que logo mandou cortar as cabeças a todas as pessoas, de que presumia terem negoceação comigo. E esta negoceação, e aparato fez tamanho abalo em todo Balaguate, que descobertamente começavam os Decanys a murmurar do Ydalcão, e a pedirem por senhor a Mealecão. E andava grande clamor no povo, dizendo: que já não podiam naveguar, nem viam saida ás mercadorias da terra, nem podiam ter remedio para se venderem seus mantimentos. E muitos dei-

xavam as cidades, e logares maritimos, e se metiam pola terra dentro; por cazo do grande aperto, em que os tinha posto Nuno Pereira em Dabul, e outros capitães por outras partes; os quaes tiveram tal recado na guarda d'estes portos, que té as almadias não podiam sair a pescar. Estes clamores do povo foram em tanto crecimento, que começou o Ydalcão ter receio dos estrangeiros, e pouca confiança nos naturaes, assi por ser mui avorrecido, e malquisto de todos per sua grande crueza, e tyrania: como por ver Mealecão mui amado, e dezejado em suas terras. Estando a couza nestes termos, vendo o Ydalcão os grandes trabalhos, que se lhe offereciam, e a grande perda, que recebia de seus portos estarem tomados, e por esta causa lhe não renderem nada suas alfandegas; e como os rendeiros lhe encampavam cada dia as rendas: fez conselho universal com todolos capitães, e senhores de seu reino, onde foi assentado por todos: que o Ydalcão se devia decer de sua opinião, e trabalhar por ter paz e amisade com v. a.; pois claramente tinha visto por experiencia neste pouco de tempo, que sem ella se não podiam valer de seus imigos, que são os outros senhores do Daquem. Este parecer ouve de aceitar o Ydalcão bem contra sua vontade, porque o seu coração estava danado contra mĩ; e entendia o estava o meu muito mais contra elle. A dous dias do mez de fevereiro me mandou seus embaxadores, requerendo-me paz. A qual lhe otorguei por conselho de todolos capitães, fidalgos, cidadãos e povo de Goa. E com estes embaxadores fiz os contratos das pazes, que aqui mando a v. a., nos quaes me dá o Ydalcão novamente as terras firmes de Salsete, e Bardez pera todo sempre; e desiste do direito que diz ter no dinheiro do Acedequão, que Coucemesadim deu a Martim Affonso de Sousa pera v. a., e de todo o mais dinheiro, que á conta da entrega de Mealecão tinha dado. De mĩ não quiz outra couza, salvo aquellas que lhe eram obrigados a dar os governadores passados. Declarando eu, que na pessoa de Mealecão me não havia mais de falar; e que querendo-o o povo por rei que o não havia destrovar, nem de empedir a passajem; pois a essa conta aceitára o seguro de v. a., e se viera meter nesta cidade, deixando as merces que lhe fazia elrei de Cambaia; mas que o não favoreceria pera isso té não ter recado de v. a. E que entre tanto tivesse elle muito bom recado nos seus capitães, e lhes grangeasse as vontades, pera que se não alevantassem. Acabado de assentar as pazes o mandei visitar por Bastião Coelho, e lhe mandei de presente dous cavallos arabios muito fermosos. Este socesso, que me nosso Senhor deu desta guerra, foi cazo das nossas couzas se tornarem a pôr no loguar, e crédito antigo, no que se não andou pequena jornada; porque se não achava já em toda a India rei, nem senhor que quizesse confiar dos portuguezes valia de hũa aresta, principalmente depois de ser notorio a todos, que vendiam Mealecão, e seus filhos ao Ydalcão por dinheiro, sendo seu imigo capital; o qual Mealecão fôra trazido de Cambaia sobre fée, e verdade dos portuguezes, pera o fazerem rei das terras do Ydalcão. E por ésta maneira se tyrou a erronia, que estava plantada na cabeça, e juizo de todolos portuguezes, christãos, mouros, e gentios, que nestas partes andam, os quaes tinham por maxima, e cousa mui averiguada que nos não podiamos sostentar sem as pazes do Ydalcão, com as quaes todos tinham, que elle não ganhava nada, e nós muito. Mas agora é a todos notorio o contrairo, e confessão claramente, que o Ydalcão não póde sostentar suas terras e estado sem nossa amizade; e que nós podemos muito bem viver sem a sua. Em todos estes trabalhos fui mui ajudado dos moradores e cazados de Göa, os quaes com suas pessoas e fazendas se ofereciam cada dia morrerem pola honra e serviço de v. a. E tanto que muitos, sabendo a necessidade que tinha, me traziam a casa o dinheiro, e joias que tinham de suas molheres, e filhas. Polo que, assi por esta causa, como polos serviços passados, e que ao diante se espera fazerem, devem de ser de v. a. mui honrados, e favorecidos, e escrever á cidade hũa carta de aguardecimentos, que elles estimaráõ tanto como é rezão.

Continúa. N.

BIBLIOTHECA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA.

Esta bibliotheca continha em 1853 as obras e volumes seguintes:

	obras.	volumes.
Sciencias historicas, litteratura e bellas artes	3:894	12:695
Jornaes litterarios e politicos	75	2:725
Sciencias naturaes, artes e officios	5:638	10:456
Sciencias civis e politicas..	3:145	8:487
Sciencias ecclesiasticas	1:776	8:734
Manuscritos		901
Total	14:528	43:998

Volumes não classificados	7:903

No deposito das livrarias dos extinctos conventos desta cidade, hoje a cargo da bibliotheca da universidade, existiam no mesmo anno:

Volumes catalogados...........	54:653
Ditos só classificados............	15:177
Ditos não classificados..........	32:460
Ao todo	102:290

Com os livros d'este deposito se organisaram no anno findo as bibliothecas especiaes da faculdade de medicina, na livraria do extincto collegio de S. Jeronymo, hoje hospital de convalescença; da de philosophia no edificio do museu de historia natural, e a bibliotheca do conselho superior de instrucção publica, no extincto collegio dos Paulistas.

O deposito principal, que estava no collegio das artes, talvez em numero de mais de cem mil volumes, foi mudado para o edificio do hospital da Conceição, depois da mudança d'este para o referido collegio. Mas aquelle edificio é muito improprio para este fim, porque é pela maior parte humido; tem mui pouca luz, e não é de certo possivel continuar ali a catalogar aquella numerosa collecção.

Seria mui conveniente depois de completar as collecções da bibliotheca geral e das faculdades, com os livros que existem n'aquelle deposito, enriquecer a livraria do seminario episcopal d'esta cidade, com muitas obras, que lhe faltam, e de que no deposito geral devem existir exemplares repetidos, porque é na verdade lastimoso, que ali se estejam deteriorando obras, que ainda tem muito valor, sem o publico illustrado, e a mocidade estudiosa colher proveito algum d'ellas.

Parece-nos tambem que de algumas obras, de que ha muitos exemplares, e que hoje são procuradas nos mercados estrangeiros, se poderiam fazer trocas mui vantajosas por obras modernas, particularmente de historia e sciencias naturaes, de que tanta falta ha na bibliotheca. Para isto era necessario cuidar-se sem demora de catalogar, e classificar aquelle rico deposito, objecto na verdade de grande trabalho, e que exige despesas superiores á dotação universitaria, as quaes por isso mesmo se devem solicitar com instancia: assim o pede o interesse publico, e o crédito da universidade, a quem se entregou esse deposito de tantos centos de volumes de obras litterarias e scientificas.

PORQUE RAZÃO A LAMPREIA, O SALMÃO E OUTROS PEIXES DEIXAM O MAR E PROCURAM A AGUA DOCE EM CERTAS EPOCHAS.

Millet, procurando as causas d'esta emigração, estudou a influencia que exerce a agua salgada ou salobra nos ovos d'estes peixes, e achou que a presença do sal, ainda em proporções pequenissimas, perturbava de tal modo a reproducção, que nem se quer em aguas mui pouco salobras podia ter logar.

A acção da agua salgada sobre os ovos de salmão ou de truta, póde reconhecer-se á simples vista: na parte superior engrupam-se gotas oleosas; todo o systema que forma, nesta região do ovo, uma mancha esbranquiçada, soffre uma revolução, que destroe toda a harmonia desse systema; o globo do ovo deforma-se, conserva uma côr amarellada e toma a transparencia opalina.

No ovo fecundado em que os primeiros elementos d'organisação já se tem manifestado, destroe-se promptamente toda a harmonia d'esta organisação.

É tambem notavel a acção da agua salgada sobre o ovo que, por uma alteração, se tornou branco ou opaco, porque lhe restitue sua transparencia opalina. Podem-se acompanhar as phases d'este phenomeno sem o auxilio do microscopio: o interior do ovo apresenta, no fim d'alguns minutos, um nucleo opaco, que se vae esclarecendo á medida que a agua penetra no interior.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS.

ENSAIO SOBRE A CHOLERA EPIDEMICA — pelos snrs. *Francisco José da Cunha Vianna* e *Antonio Maria Barbosa.* Com este modesto titulo recebemos um opusculo de 200 paginas, onde se encontram utilissimos conhecimentos á cerca d'este importante objecto.

PROJECTO DE ESTATUTOS DA CAIXA DE CREDITO E SOCCORROS MUTUOS DA ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUENCE. O auctor do extenso e bem elaborado relatorio que acompanha este projecto, o snr. *Antonio Ferreira de Macedo Pinto*, desenvolveu a historia e principios economicos daquelles estabelecimentos por tal arte, que o seu trabalho torna-se digno de ser lido e estudado, por quem verdadeiramente se interessa pela prosperidade da industria nacional.

EFFEITOS DO RAIO.

O raio, diz mr. Robin, dá logar como a electricidade e o calorico, a combinações, que absorvem instantaneamente o oxigenio interior, produzindo por isso a morte por asphixia. A electricidade fulminante diminue a quantidade do oxigenio no sangue, e evita a corrupção. Tal é o resultado de recentes observações.

BIBLIOTHECA DO MUSEU BRITANICO.

Esta bibliotheca contém 510:110 exemplares de obras impressas.

ERRATA DO N.° 19.

Pag.	*Col.*	*Linh.*	*Erro.*	*Emend.*
223	2.ª	6	que vale a vida	de que val a vida

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

CONSELHO SUPERIOR DE INSTRUCÇÃO PUBLICA.

Relação dos individuos de instrucção primaria e secundaria, que foram despachados para varias cadeiras, e logares, desde o 1.º d'outubro de 1853, até 31 de dezembro do mesmo anno.

INSTRUCÇÃO PRIMARIA.

Francisco Antonio Cardoso, nomeado para professor temporario da cadeira d'ensino primario de Monforte, districto de Portalegre

Francisco Ferreira Pelicano, nomeado para professor temporario da cadeira d'ensino primario do Pedrogam, districto de Santarem.

Fulgencio José Maria Pinto, nomeado para professor temporario da cadeira d'ensino primario d'Argêa, districto de Santarem.

João da Silva Ribeiro, nomeado para professor temporario da cadeira d'ensino primario da Bemposta, districto d'Aveiro.

João Maria de Gouvêa, nomeado para professor temporario da cadeira d'ensino primario de Dornellas de Cabril, districto de Viseu.

João de Sant'Anna e Vasconcellos, nomeado para professor temporario da cadeira de ensino primario de Porto-Santo, districto do Funchal.

João Pedro Torres, nomeado para professor temporario da cadeira d'ensino primario de Brinches, districto de Beja.

Joaquim da Costa Santos, nomeado para professor temporario da cadeira d'ensino primario de Pombalinho, districto de Coimbra.

Antonio Joaquim Lopes dos Santos, nomeado para professor temporario da cadeira d'ensino primario de Villarinho, districto de Bragança.

Maria da Paz Macedo e Brito, nomeada para mestra temporaria da cadeira d'ensino primario de Lagos.

Maria Paula Sebastiana, nomeada para mestra temporaria da eschola de meninas de Fáro.

Miguel André Estrella, nomeado para professor temporario da cadeira d'ensino primario da Palhaça, districto de Aveiro.

Antonio Guerreiro Junior, nomeado para professor temporario da cadeira d'ensino primario de Cacella, districto de Fáro.

Antonio Domingues da Conceição, nomeado para professor temporario da cadeira d'ensino primario de S. Vicente de Lourêdo, districto de Aveiro

Joaquim Antonio, nomeado para professor temporario da instrucção primaria de Estôe, districto de Fáro.

Francisco Augusto de Lemos Pimentel, nomeado para professor temporario da cadeira d'ensino primario de Travanca, districto de Bragança.

Francisco Esteves dos Santos, nomeado para professor temporario da cadeira d'ensino primario de Folgosinho, districto da Guarda.

Antonio Joaquim do Cadaval, nomeado para professor temporario da cadeira d'ensino primario da freguezia d'Evora, districto de Leiria.

Jeronymo Rodrigues, nomeado para professor temporario da cadeira d'ensino primario de Castello Viegas, districto de Coimbra.

Joaquim José d'Oliveira, nomeado para professor temporario da cadeira d'ensino primario d'Ançã, districto de Coimbra.

Joaquim Maria Baptista de Sousa, nomeado para professor temporario da cadeira d'ensino primario de Parada de Pinhão, districto de Villa Real.

Manoel Martins Manno, nomeado para professor temporario da cadeira d'ensino primario de Fontes, districto de Villa Real.

Antonio José Pimenta, nomeado para professor temporario da cadeira de ensino primario d'Alvôrge, districto de Coimbra.

Bento José Alves Pereira da Silva, nomeado para professor temporario da cadeira d'ensino primario de Santa Eulalia de Crespos, districto de Portalegre.

Francisco José Nogueira, nomeado para professor temporario da cadeira d'ensino primario d'Alcantarilha, districto de Fáro.

Gregorio José das Neves, nomeado para professor temporario da cadeira d'ensino primario de Pombal, districto de Leiria.

Miguel Rodrigues, nomeado para professor temporario da cadeira d'ensino primario do logar da Encarnação, districto de Lisboa.

Sevéro Leonardo Cabreira Leão, nomeado para professor temporario da cadeira d'ensino primario da villa d'Ulme, districto de Santarem.

Francisco Maria Escarramão, nomeado para professor « substituto » da cadeira d'ensino primario d'Almofalla, districto da Guarda,

José Luiz Fernandes Chaves, com titulo de capacidade para ensinar particularmente a instrucção primaria.

Silverio Rodrigues e Mattos, com titulo de capacidade para ensinar particularmente instrucção primaria.

José Maria d'Almeida » o mesmo —

Bento da Santissima Trindade » o mesmo —

Maria Sevéra Tavares » o mesmo —

Victorino Joaquim Dias » o mesmo —

Antonio Augusto Villela, o mesmo —

INSTRUCÇÃO SECUNDARIA.

João José Ferreira Simões da Matta, provido temporariamente na cadeira de latim de Pombal, districto de Leiria, por Portaria do Ministerio do Reino de 17 de desembro de 1853.

José Perri, provido temporariamente na cadeira das linguas, franceza e ingleza do lyceu nacional d'Aveiro, por portaria do ministerio do reino de 31 de dezembro de 1853.

João d'Oliveira Saborino, provido temporariamente na cadeira de latim d'Estarreja, por portaria do ministerio do reino de 13 de janeiro de 1854.

Manoel Simões Dias Cardoso, nomeado para professor vitalicio da 2.ª cadeira do lyceu de Coimbra, por decreto de 18 de janeiro de 1854.

Miguel Firmo Garcia, nomeado para professor substituto das 1.ª e 2.ª cadeiras das substituições do lyceu nacional de Lisboa, por decreto de 11 de janeiro de 1854.

José Abilio d'Oliveira, Conego da Sé d'Evora, e bacharel em direito, nomeado para commissario dos estudos do districto d'Evora por decreto de 29 de novembro de 1853.

João Anselmo da Cruz Pimentel, nomeado para commissario dos estudos do districto de Ponta Delgada, por decreto de 18 de janeiro de 1854.

João da Fonseca do Valle, nomeado para o logar de porteiro do lyceu nacional do districto de Castello Branco, por decreto de 25 d'outubro de 1853.

Diogo José Lopes, nomeado para o logar de porteiro do lyceu nacional do districto de Bragança, por decreto de 28 de novembro de 1853.

Antonio Gomes Henriques, nomeado para o logar de porteiro do lyceu nacional do districto do Funchal, por decreto de 4 de novembro de 1853.

O Secretario Geral — *José Antonio d' Amorim.*

AVISO DA COMMISSÃO GERAL DE INSTRUCÇÃO PRIMARIA.

Sendo de summa conveniencia reunirem-se na commissão geral de instrucção primaria pelo methodo portuguez noticias exactas de todas as eschoIas em que se professa pelo mesmo methodo, pelo presente aviso se convidam os respectivos professores e professoras a enviarem-lhe quanto antes resposta aos seguintes quesitos: Primeiro — qual o nome do mestre ou mestra. Segundo — em que tempo e com que habilitações começou o seu ensino pelo methodo novo, e com que numero de alumnos ou alumnas. Terceiro — que augmento ou que diminuição houve subsequentemente nesse numero. Quarto — que resultados teem colhido dos seus trabalhos para o adiantamento dos seus discipulos. Quinto — qual o juizo comparativo que a sua propria experiencia o tem habilitado a fazer do methodo novo e do antigo. Sexto — que mudanças para melhor intende poderem-se fazer no ensino novo. Setimo — quem sustenta a eschola e como, e em que estado se acha ella de abastecimento dos utensis necessarios. Oitavo — que amparo tem a eschola encontrado nas auctoridades ou nos particulares. Nono — que embaraços teem encontrado, e d'entre elles quaes são venciveis, e como. Decimo — qual a opinião geral dos moradores da terra á cerca desta reformação no ensino. Undecimo — de que livros se servem os discipulos para se desembaraçarem na leitura, e quaes são os que mais parecem captivar-lhes a attenção. Duodecimo — que mestres teem frequentado os trabalhos da eschola com o intuito de se habilitarem para fazerem o mesmo ensino, e quaes effectivamente se começaram a fazer, e com que aproveitamento. Decimo terceiro — quantas horas se póde calcular que se despendem em fazer-se conhecer o alphabeto; quantas a ensinar a ler por sillabas, e quantas a ensinar a ler por cima, e com pontuação; quantas para se ficarem lendo e escrevendo contas pelos algarismos arabicos, e quantas pelos algarismos romanos. Decimo quarto — em que proporção estão os alumnos, se por ventura os ha, que mostrem desgostar do methodo novo, para os alumnos que manifestamente gostam delle. Decimo quinto — em que proporção estavam na eschola do antigo ensino os estudantes que lhe queriam com os que o detestavam. Decimo sexto — que differença se tem reconhecido haver o methodo novo operado na clareza e correcção da pronuncia; na tendencia para a leitura; na perfeição e animação d'esta. Decimo setimo — que alumno ou que alumnos teem manifestado nos trabalhos escholares penetração fóra do vulgar, e a respeito d'esse ou desses de quem são filhos; que idade teem, e que meios certos ou provaveis para se aproveitarem em beneficio da patria. Decimo oitavo — tudo mais quanto ao professor ou professora parecer digno de se notar, tanto para mais e melhor se desenvolver a instrucção primaria, como para se beneficiar a condição, já dos que ensinam, já dos que aprendem.

O commissario geral confia em que nenhum dos srs. professores ou professoras, que official ou officiosamente abraçaram o methodo portuguez, se descuidará de lhes remetter com a possivel brevidade e exacção as respostas aos quesitos supra, as quaes poderão vir a ser fundamento a providencias novas e altamente importantes.

A direcção desses officios dos srs. professores e das sr.as professoras deverá ser: *Serviço nacional e real — A' commissão geral de instrucção primaria pelo methodo portuguez no reino e ilhas — do mestre ou mestra de instrucção primaria de* (o nome da terra) — *Fulano* ou *fulana.*

FRAGMENTOS LITTERARIOS.

DEFESA DA THEORIA DO BELLO.

Continuado de pag. 237.

Um seculo, aos olhos da verdadeira philosophia, é o desenvolvimento de uma idea, que destacando-se do eterno pensamento de Deos, vem encarnar se nos factos do mundo moral. A philosophia de cada seculo é a inicial dominação d'essa idea no pensamento dos homens que o compõe. E a litteratura d'esse seculo, como seja obra immediata d'este pensamento, não só reflecte primorosamente aquella philosophia, senão tambem é a mais alta formula da idea que o seculo é chamado a realizar no governo providencial d'este mundo. Tão intimas são pois as relações que se dão entre a philosophia e a litteratura de cada seculo, que o espirito observador póde pelo raciocinio — ou descer *a priori* da philosophia para a litteratura, — ou subir *a posteriori* da litteratura para a philosophia.

No seculo passado a philosophia que mais dominou foi a philosophia de Locke, de Condillac, de Tracy, de Cabannis; foi a philosophia empirica — *sensualista* a principio — depois *materialista* — e por fim abso-

lutamente *sceptica*: philosophia desorganisadora, subversiva, e, se o posso dizer assim, irmã da morte, porque reduzindo o pensamento a uma pura machina de sensações, quebra o mundo de dentro contra o mundo de fóra, faz do homem um reflexo da natureza, e da alma um accidente da materia.

A litteratura que sahiu d'esta philosophia, a unica que ella podia dar, foi a litteratura que não admitte outros codigos afóra a rhetorica de Aristoteles e a poetica de Horacio: foi a litteratura que tende a incrustar a arte na natureza, na qual vê uma palavra sem sentido, um symbolo sem significado; foi a litteratura que só cura da fórma, que mata o espirito por amor do cadaver, que faz da imitação material o principio e fim derradeiro da arte.

Mas no seculo que vai correndo — graças aos incansaveis esforços de Stuart e Reid na Escossia, de Kant e Fichte na Allemanha, de Royer-Collard e Cousin em França, de Rosmini e Gallupi na Italia! — a philosophia que mais domina, a que vai avassallando maior numero de intelligencias, é a philosophia do pensamento — philosophia sublime, que mais ou menos transcendente, mais ou menos idealista, mais ou menos eclectica, se alguma vez se desmanda em seus vôos ambiciosos apoz o cysne da academia em cata do verdadeiro absoluto, nunca o faz com intenção má, nunca perde de vista os altos fóros do espirito humano, nunca menospreza nem confunde este espirito com o fragil encerro em que vive; mas quando d'elle não tenha feito um Deos, julga-o semelhante a Deos.

Ora qual é a litteratura, que vai sahindo d'esta philosophia? Respondam a esta pergunta as tendencias e as doutrinas, e as tradições da nova eschola litteraria, — d'essa eschola, á qual pertence a maxima parte da litteratura hodierna; — d'essa nova cruzada do genio, que ahi leva o seculo apoz si, e a cuja frente marcham os grandes nomes de *Chateaubriand*, de *Goethe*, de *Lamartine*, de *Victor Hugo*, e tambem de *Garrett*, de *Alexandre Herculano*, de *Castilho?*.... Quem ha ahi que tendo saboreado alguma das bellas paginas destes grandes mestres, não haja de prompto reconhecido que a mór força do interesse que nos inspiram, e do encanto com que nos arrebatam suas composições, provêm da realisação das tradições platonicas, provêm do espiritualismo d'essa theoria, que atravez das firmas da arte só busca e adora a idea viva de Deos, como fonte de toda a belleza; provem em fim d'este vago aspirar da alma para o invisivel, d'este melancolico cismar no futuro, d'este sentimento religioso, que approximando o ceo da terra franqueia ao pensamento do genio os inexgotaveis thesouros de um mundo todo ideal e infinito?

A bandeira de gloria da moderna eschola litteraria é o espiritualismo, é a philosophia de Platão, é a esthetica de Santo Agostinho, que põe o fundamento da arte na idea do bello, e adora o bello, como fórma sensivel do *bem e do verdadeiro*, cuja substancia ontologica é *Deos* Esta tendencia da nova eschola é consequencia inevital da missão dada por Deos ao seculo a quem ella pertence. Vindo ao cabo do cataclismo que nos legára em seus paroxismos a philosophia do seculo passado, a nova eschola não achou, á sua entrada no mundo, senão ruinas e destroços. Muito, oh muito gemeo e chorou ella sobre essas ruinas, mas não se limitou a gemer e a chorar.... Viu o altar por terra feito pedaços: e com a alma abrazada de fé em Deos e de amor pelos homens, poz-se a junctar e reunir esses pedaços, até que... reconstruiu o altar. Viu povos ebrios de sangue, devorando-se uns aos outros, e adorando a anarchia com o nome de «liberdade:» esclareceu os povos; disse-lhes que a liberdade vinha da ordem, que a ordem vinha da lei, que a lei vinha de Deos; e levou os povos para o pé do altar. Viu reis transidos de susto sobre seus thronos, perplexos e vacillantes entre a apostasia e o martyrio da realeza, entre o canhão assestado contra o povo, e o cadafalso erguido para elles; tambem esclareceu os reis; disse-lhes que se já não podiam reinar em nome de Deos, podiam ainda reinar em nome da lei; que só de Deos viera; e levou os reis para ao pé do altar. Eil-os-ahi pois reunidos á voz da nova eschola litteraria em torno do altar de Deos vivo os povos e os reis: — estes, quebrando de suas pretensões e circumscrevendo o seu poder para bem dos povos; — aquelles, cedendo de parte de seus direitos em prol dos reis: e d'estas mutuas concessões ahi vão sahindo a *ordem pela liberdade, e a liberdade pela ordem*, — duplicado objecto da missão commettida ao seculo em que vivemos; e voto o mais sincero, o mais ardente, da nova eschola litteraria.

Por tanto, senhores, se a religião, como fica dicto, é a seiva de que se nutre esta bella arvore da moderna eschola litteraria, nós que lhe saboreamos os fructos, que lhe aspiramos o doce aroma das flores de que se arreia, que á sombra d'ella vimos buscar a paz e esquecimento das fadigas e tribulações d'esta vida; oh não! não tenhamos vergonha de proclamar os beneficios que lhe devemos.

Não tenhamos a covardia de desertar a gloriosa bandeira da litteratura do nosso seculo. Não reneguemos a auctoridade dos principios que lhe teem dado vida e podêr para reconstruir o mundo moral, para sanctificar a liberdade entre os reis e a ordem entre os povos; porque, afora todas as considerações de conveniencia que nisso haja para melhoria e progresso da arte, a religião, esta aspiração instinctiva da alma para o infinito, é uma

das mais instantes necessidades do homem na integridade de sua triplice natureza.

Como ser intelligente o homem é a toda a hora vivamente atormentado pelo desejo de profundar certas questões, que nelle estão palpitando de impaciencia, mas cuja solução definitiva está fóra do tempo e do espaço, n'outra ordem de cousas estranha ao mundo visivel. — *Quem sou eu? Donde vim? Para onde vou? Que é este mundo que habito, mas pelo qual terei de passar como uma sombra?* — Oh senhores! e quem ha ahi que muitas vezes na vida não tenha proposto a si proprio estes problemas terriveis? Pois a religião, que é a philosophia do povo, tem para todos elles na majestosa profundeza de seus dogmas soluções por extremo claras.

Como ser moral o homem acha em si certos principios com a necessidade de crer nelles, com a obrigação de realisal-os por suas acções, quaesquer que sejam as consequencias, prósperas ou funestas, que d'essa realisação lhe advenhão. — *Porque razão me não hei de eu revoltar contra taes principios? Porque não hei de apezar delles, e sem remorsos, ou fazer o mal que quero, ou deixar de fazer o bem que devo? Não sou eu um ser livre?* — Sim, sou livre; mas esta lei do bem e do mal, a razão porque não posso transgredil-a impunemente, é porque não vem de mim, é porque não foi constituida por mim, é porque não é obra do homem, é só obra de Deos. Eis ahi pois outra vez a religião apparecendo ao homem para sanctificar-lhe a lei moral, que é base de toda a ordem social, e para pôr-lhe por sancção eterna d'essa lei as penas e recompensas de outra vida, na qual o homem terá de responder perante Deos pelo bem e pelo mal que houver practicado nesta.

Em fim, como ser sensivel o homem é tão fraco! Neste valle de miserias em que vive, tem necessidade de tantas consolações! E que outras consolações ha ahi que mais lhe aproveitem que as consolações religiósas?... Que importa que me eu sinta perecer á mingua de justiça cá nesta vida, se creio que depois d'ella hei de ser sobradamente justificado por um Ser que é a justiça em pessoa? Que importa que me persigam invejas ou malquerenças humanas, se a religião me tem ensinado a ter fé na efficacia de um appêllo para alem da humanidade? Que importa que a doença ou a velhice, trazendo a morte pela mão, venham surprender-me em meio de minhas alegrias, e arrojar-me para a sepultura, se eu sei que esta sepultura é apenas porta para outra vida, onde nem meus dias terão conta, nem minhas alegrias limite? Eis aqui como a religião, como esta filha do ceo, desce do ceo á terra para vir sentar-se á cabeceira de todo o leito de dor, para enxugar com mão carinhosa toda a lagrima d'angustia, para constituir-se a companheira e desvellada amiga do infortunio da humanidade.

Por tanto, senhores, se taes são as relações da religião com a arte e com a felicidade do homem mesmo sobre esta terra, mal haja, oh! mal haja a falsa sciencia, que absolutamente incapaz de diminuir o numero dos males inherentes á humanidade se abalançasse a destruir, nos devaneios de seu orgulho impotente as consolações postas pela mão da religião ao pé d'esses males. Oh maldição! maldição sobre ella! porque se lhe fôra dado desecar a fonte de taes consolações, ... a arte não teria mais espirito que a vivificasse, nem o povo mais philosophia que o instruisse, nem a moral mais sancção que a defendesse, nem o estado mais ordem que o mantivesse, nem a prepotencia mais temor que a soffreasse, nem a desgraça mais esperança que lhe servisse! O mundo moral recahiria no cahos; o homem, hoje o rei da creação, desceria abaixo do nivel do bruto; e a falsa sciencia, que seria a unica luz d'este inferno, teria no hediondo espectaculo da sua obra a mais severa punição de seus erros.

M. B. DE MENDONÇA.

A UM POETA BRASILEIRO.

Ah! qu'au moins tu puisses te dire:
Ces chants qui m'ont ému, c'est moi qui les inspire,
Et sa muse est mon souvenir.

(Lamartine)

Qual novo Cysne, que por nossos climas
Na florente estação os ares corta,
E um gorgeio sonoroso,
Da natureza aos hymnos afinado,
Na mui veloz carreira vae trinando;
E nos deixa uma saudade
N'esse echo d'harmonia, que revela
Da musica celeste algumas notas;
Assim passas e nos deixas
Tu, filho do Brasil, cantar suave.

Assim vas e nos deixas!.. mas volvendo
Aò ninho teu paterno, oh! não te esqueça
Terra de teus avós, onde encontraste
Amigos, que olvidar-te nunca podem,
Peitos, como d'irmãos, onde perenne
Mui grata viverá tua memoria;
E essa lyra, que feres tão sonora,
Não a desdenhes, nem ao ocio a entregues;
Desprendidas do mundo alguns momentos,
Almas no ceo temp'radas de harmonia,
Para o ceo em hymnos voem.

Oh! não te peze o nome de poeta!
Deixa o vulgo mofar... Missão sublime
É do vate a missão, que o dom da lyra
Com suaves canções divinisando,
A humanidade alenta harmonioso
Da vida nos caminhos tão difficeis;
E ergue a Deos os seus hymnos mais ardentes;
Vae nas campas soltar tristes gemidos;
Só casto e puro amor na lyra entôa,
E aos amigos distantes terno envia
Uma endeixa de saudade.

F.

BANCOS TERRITORIAES.

Continuado de pag. 240.

Há em Portugal uma especie de bancos agrarios (se este nome lhe póde ser applicavel), por via dos quaes a lei poderia talvez tentar a grande refórma, que o crédito territorial reclama.

Fallamos das misericordias, algumas millionarias, cujos fundos se empregam sobre escripturas d'hypothecas com todos os inconvenientes e gravissimos incommodos, que affectam tanto o emprestador, como o tomador.

Seria talvez possivel e facilmente realizavel fazer com que as quantias metallicas fossem ahi substituidas por titulos *ao portador*, emittidos pelas misericordias, em geral, ou apenas pelas principaes, e garantidos pelas mesmas, procedendo-se de sua parte com as cautelas necessarias para com os tomadores e suas respectivas hypothecas.

Ás misericordias, quaesquer, bem como outros estabelecimentos, e todo o capitalista, comprando na praça estes titulos, empregariam com segurança e facilimamente suas economias, as quaes em outra occasião recobrariam da mesma fórma.

Garantidos os titulos por esta fórma, como estes estabelecimentos carecem frequentemente d'emprestar fundos, ser-lhes-ia tão facil, como conveniente segurar o preço, ao pár, comprando-os no mercado; e quando, como é mui possivel, subisse acima do pár, tanto maior seria a vantagem do tomador.

D'esta sorte as misericordias, sem prejuizo de seus interesses e do destino de suas economias ou legados, ficariam constituidas medianeiras entre os capitalistas e os cultivadores, livrando a estes das avidas e crueis garras da uzura; e os outros estabelecimentos menores escusariam de ir derramar, obrigados da necessidade, seus pequenos fundos no commercio d'agiotagem e das acções das companhias.

Além destes recursos, outros imcomparavelmente superiores poderão firmar o crédito dos titulos territoriaes, offerecendo-lhes um fecundo e constante alimento, a saber, as economias recebidas pelas caixas economicas.

D'ahi poderão saír os primeiros capitaes que se hajam de empregar nos titulos dos bancos, e para o diante concorrerão poderosamente a sustentar seu curso no mercado.

Se esta proposição é verdadeira, a instituição dos bancos territoriaes produzirá mais uma e mui geral vantagem; servirá d'alimento á economia de todas as classes da sociedade; e resolverá, em geral utilidade, um grande problema economico: — qual o meio mais prompto, efficaz e seguro, de fazer valer os thesouros que entram nas caixas economicas?

A alteração, que por ventura seria indispensavel fazer-se na legislação correspondente, não se nos representa tamanha e tão grave, como alguem cuidará.

Todas as transacções entre os bancos e seus proprios accionistas pelas hypothecas de suas acções, bem como com os novos tomadores de crédito, poderiam effeituar-se segundo as normas estabelecidas á cêrca de contractos hypothecarios.

Bastaria por tanto talvez, além da auctorisação e approvação d'estatutos particulares, o reconhecimento legal dos titulos e das obrigações, que por elles contrahem os bancos, com todos os effeitos e responsabilidades de papeis commerciaes.

Quando a legislação civil, posta por esta fórma em accôrdo com a natureza dos bancos territoriaes, permittir que elles caminhem regular e seguramente; e a illustração publica a coadjuvar, a firmeza da garantia do emprestimo, o nenhum cuidado sobre as circumstancias do individuo tomador, a regularidade do pagamento dos juros, e o processo successivo da amortização, não podem deixar de produzir o effeito de facilmente se venderem e comprarem estes titulos, até mesmo com agio. Constituirão um meio simples e facil, tanto como seguro, d'empregar de prompto quaesquer economias que avultem á importancia dos menores d'estes mesmos titulos.

O estudo do crédito publico, e do commercio dos titulos, representativos d'este crédito, fará vêr, não só de que modo a idêa dos titulos de crédito territorial, e de seu commercio, parece ter d'ahi procedido, mas não menos como é natural que uma parte dos capitaes, que se consomem na agiotagem, procure, pela organisação do crédito territorial, um emprego mais seguro nos titulos que o representarem.

O estado toma emprestimos — *a juro perpetuo*, isto é, sem se obrigar a restituir o capital; e apenas destina alguns rendimentos para os amortizar paulatinamente, comprando na praça suas proprias inscripções.

O capitalista emprega seus fundos nestas inscripções, comprando-as; e quando precisa dos mesmos fundos, vende-as egualmente.

A sociedade, contribuinte pelos impostos, é o devedor. O governo, medianeiro entre ella e os capitalistas, recebe os impostos, paga os juros, e cura das amortizações.

O crédito da sociedade e do governo, a firmeza de tão altas garantias, a facilidade de comprar e vender as inscripções, explicam a affluencia de capitaes a este genero de negocio.

Uma organisação, e vantagens analogas, produziriam effeitos semelhantes no crédito territorial.

Limitamo-nos a estas observações, sufficientes para desempenho do fim, a que nos propozémos. No *Diccion. d'Econ. Polit.* artigo — *crédito territorial* de Mr. Wolowski e nos muitos e importantes escriptos ahi apontados, podem lêr-se mais amplas noticias dos bancos territoriaes em seu variado desenvolvimento.

Aproveitaremos ainda tão sómente a seguinte observação de Coquelin: «Como permittem (diz este escriptor) *mobilizar* os créditos sobre hypothecas na fórma de titulos *ao portador*, são causa de que se derrame na circulação uma massa de valores, que aliás ficariam estereis; — e desta sorte augmentam a riqueza nacional, multiplicando *os meios d'acção*, que a industria possue.»

— Por occasião da invasão da Prussia pelo exercito francez em 1806, e egualmente na sublevação da Polonia em 1831 (diz tambem o sñr. S. Pinheiro), em quanto todos os fundos publicos e privados estavam fóra da circulação, ou quasi inteiramente depreciados, os titulos dos bancos territoriaes sustentavam-se quasi constantemente a 95 %. Era facil de comprehender a razão: os valores que garantiam os outros papeis, tinham desapparecido, entretanto que a hypotheca destes permanecia; e como os productos não tinham soffrido alteração, o valor dos bens hypothecados conservava-se quasi no mesmo estado. —

A França acaba de adoptar os bancos territoriaes.

Uma sociedade, livremente estabelecida em Pariz no principio do anno proximo, converteu-se, ha pouco, em um grande banco com o nome de — *crédito territorial*, apoiada e auxiliada pelo governo, o qual concorre com o capital de 10 milhões de francos.

A annuidade, que hão de pagar os tomadores, comprehendendo o juro, a amortização, e o custeio do estabelecimento, é de 5 %.

Podem lêr-se no *Jornal dos economistas* de 1852, pag. 371 e 405, os estatutos, e o decreto do governo.

A. FORJAZ.

MEIOS DE PROMOVER A MULTIPLICAÇÃO E MELHORAMENTO DOS ANIMAES DOMESTICOS.

Continuado de pag. 240.

V.

Estabelecimentos destinados ao melhoramento dos animaes domesticos.

As caudelarias e as quintas exemplares são os estabelecimentos, destinados á multiplicação e aperfeiçoamento dos animaes.

As caudelarias são privativas dos animaes monodactylos; as quintas devem comprehender todas as especies de animaes domesticos.

Qualquer dos referidos estabelecimentos póde ter por fim o aperfeiçoamento das raças; os ensaios á cerca dos melhoramentos que mais convem ao paiz, em relação ao solo, aos alimentos, e aos habitos dos creadores; a multiplicação dos animaes; ou a conservação de bons reproductores, sendo viveiros, donde se tirem animaes sadios e de raça pura para as differentes localidades do reino.

Estes estabelecimentos podem ser sustentados e dirigidos pelo governo ou por particulares. Em Portugal apenas tem havido caudelarias sustentadas pelos particulares e dirigidas pelo governo; mas nestas caudelarias os animaes não estavam congregados n'um estabelecimento, mas dispersos pelos lavradores de cada localidade.

Quasi todos os nossos primeiros reis tomaram providencias á cerca da creação dos cavallos, porque as necessidades da guerra faziam ter em muita conta este objecto nessas epochas, em que dominava o espirito de conquista. Os caudeis que na guerra capitaneavam os villões eram na paz os que fiscalisavam e promoviam a creação dos cavallos.

Foi no reinado de D. Fernando que se estabeleceram mais extensas providencias sobre a creação da especie cavallina, T. 119 L. V. da Ord. Aff. A liberdade que esta legislação concedia aos creadores, e os preceitos que involvia, são motivos sufficientes para a considerarmos como o fundamento das nossas caudelarias.

Elrei D. João II. não só confirmou e ampliou este regimento com diversas providencias, prohibindo expressamente a creação e o emprego das bestas muares, mas tambem mandou vir cavallos arabes para cobrição, os quaes distribuiu por todo o reino com o proposito de melhorar as raças cavallares. Pena foi que nos seguintes reinados não se continuasse tão sabio alvitre, que então fôra tanto mais proveitoso, quanto as nossas raças cavallares estavam menos distantes do typo arabe, pois não ia muito longe o dominio dos arabes, e era muito facil continuar aquelle plano de melhoramento, por isso que estavamos senhores do commercio da Arabia e da Persia.

O regimento de 22 de outubro de 1566 approvado por elrei D. Sebastião em 14 de fevereiro de 1569, sendo confeccionado sobre a legislação de D. Fernando, era mais oppressivo e dispotico do que esta.

Aquelle regimento das caudelarias foi reformado em data de 23 de setembro de 1692 em virtude d'um decreto de 27 de agosto de 1679, que o havia mandado emendar e acrescentar. Em fim as novas instrucções á cerca deste ultimo regimento são datadas de 13 de outubro de 1736. Citaremos as principaes disposições desta legislação para darmos uma noção geral das nossas caudelarias.

Estabelecia em cada comarca uma junta composta do corregedor, do juiz de fóra e do capitão mór: pertencia á junta a administração da creação dos cavallos: a proposta de tres individuos dos quaes nomeava o rei um superintendente para cada caudelaria; a designação das pessoas que deviam ter cavallo ou egua; por fim, o julgamento das escusas deste ultimo encargo.

Impunha-se o encargo de ter egua fautil a todo o individuo que tivesse 400$000 rs. em bens de raiz, nos logares em que não houvessem pastos communs 600$000 rs., e não sendo lavrador 700$000 rs.; e só se izentava o individuo que tivesse cavallo para lançamento. Esta era a disposição das novas instrucções; mas a dos regimentos anteriores impunha o referido encargo aos lavradores de muito menor fortuna, e o regimento antigo exigia sómente 100$000 rs. de bens etc.

Cada caudelaria se compunha de 35 eguas *de lista* e um só garanhão, e por cada egua se pagava ao cavalleiro 10 alqueires de pão, e até mesmo no anno em que ella ficasse vasia. Todos os creadores eram obrigados a mandar as suas eguas ao cavallo da caudelaria, não se podendo eximir de assim o fazer, quem tivesse egua que não fosse *de lista*.

O superintendente tinha a seu cargo vigiar e fiscalisar tudo o que dizia respeito á sua caudelaria, *vendo com seus proprios olhos* se os cavalleiros tratavam bem o seu cavallo, principalmente no tempo do lançamento.

Era tambem da sua obrigação fazer os assentos no livro genealogico da sua caudelaria, no que respeita á filiação dos potros ou poldras, sua venda, nome do vendedor e do comprador, o logar para onde era levada a cria etc. Tinha tambem a seu cargo mandar marcar gratuitamente as crias.

O cavalleiro era obrigado a ter cavallo de lançamento bem pensado, a fazer a lista de todas as eguas pertencentes á sua repartição, e avisar o superintendente das que faltassem etc.

Um decreto das côrtes constituintes datado de 12 de março de 1821 extinguiu as caudelarias publicas do reino, e revogou todos os regimentos, leis e ordenações a este respeito.

Aquella legislação, determinada pelas necessidades da guerra, e não pelas da agricultura, era toda relativa ao gado cavallar; mas neste mesmo mostrou exuberantemente a experiencia que as medidas repressivas e onerosas não produziram o melhoramento que se desejára.

Infelizmente a industria pecuaria, depois da extincção das caudelarias, não prosperou, antes tocou o maior grau da sua decadencia, como era natural; por isso que ficou entregue aos preconceitos e á ignorancia dos creadores, faltando-lhe a direcção, e a protecção, que a auctoridade devia prestar a objecto de tamanha importancia.

São dignos de todo o elogio alguns particulares, que conhecendo o estado de degeneração a que o abandono do governo conduzira as differentes raças dos animaes domesticos, se anteciparam em promover o desinvolvimento deste ramo de industria agricola. As caudelarias reaes de Mafra e Alter são os estabelecimentos que merecem particular attenção, e que podem já servir de modelo aos creadores: os cruzamentos da raça arabe com a ingleza de puro sangue ou com a raça d'Alter, e d'esta ultima com o cavallo andaluz, os castiçamentos por selecção nos individuos da raça d'Alter, em fim o cruzamento do boi zebu com as vaccas indigenas são ensaios de summa consideração, e os seus productos foram devidamente apreciados pelos entendedores na exposição, que teve logar em Belem em 13 de junho de 1852. [1]

A intelligencia e o gosto com que S. M. Elrei o senhor D. Fernando tem creado estes estabelecimentos, a generosidade com que tem franqueado aos creadores os animaes das suas caudelarias, para apurarem as raças indigenas etc., são poderosos esforços em favor do progresso da nossa industria pecuaria, que constituem um monumento da sua gloria, e excitam o nosso reconhecimento e gratidão.

Estes estabelecimentos são particulares, e não pódem ter a necessaria influencia sobre todo o reino, por tanto convem empregar não os meios coercitivos das antigas leis, mas instrucção e protecção: são estes os meios de que o governo se deve servir para multiplicar e melhorar a nossa producção pecuaria; porem pelo exemplo é que se ensinam as praticas relativas á creação e melhoramento dos animaes; por isso que os creadores estão quasi sempre persuadidos de que seguem o melhor systema: por tanto é necessario convencel-os com a pratica e com os resultados que della se obtem, ensinando-lhes os melhores processos de crear e melhorar o cavallo, o boi, o carneiro, etc.

As quintas agricolas são os estabelecimentos mais adequados para o ensino pratico, e são tambem os mais economicos, pela variedade de alimentação que fornecem, pela vantagem de aproveitar o serviço dos animaes e os estrumes, e pela facilidade de reunir na mesma localidade todas as especies de animaes domesticos, e estudar melhor as suas relações.

Estas quintas não devem ser estabelecimentos de luxo, mâs modelos de que os lavradores possam fazer applicação ás suas herdades.

Pelo decreto de 16 de desembro de 1852 [2] artigo 2.º « Em cada uma das antigas pro-
« vincias do reino se creará pelo menos uma
« quinta de ensino destinada a formar abegãos
« maiores e quinteiros instruidos.

[1] Os bellos productos das caudelarias reaes e d'alguns creadores foram philosophicamente qualificados pelo sñr. Lapa, o qual por meio d'uma analyse *zootechnica* apreciou devidamente as condições que haviam presidido á creação dos animaes que concorreram á referida exposição, e indigitou as modificações que convinha adoptar sobre este objecto, *Revista popular tom. V.*

[2] As disposições deste decreto, apesar de insufficientes á cerca do desinvolvimento que exige o estado actual da zootechnia, offerecem todavia os elementos sobre os quaes o governo póde organisar um systema de providencias, tendentes a dirigir a creação, e promover o melhoramento dos animaes domesticos.

Estas quintas devem tambem ser destinadas ao ensino pratico sobre a creação, conservação e melhoramento dos animaes domesticos.

« Artigo 11.° Haverá em cada uma d'estas « escholas (regionaes) uma quinta exemplar, « onde se executarão os processos e praticas « agricolas.

« Artigo 14.° Junto das escholas regionaes « haverá uma caudelaria destinada ao aper- « feiçoamento de todas as raças de gado « ficando estes estabelecimentos sujeitos ao « regimento geral das escholas regionaes.

Nestes estabelecimentos alem do ensino pratico relativo á reproducção, creação e melhoramento das differentes raças de animaes domesticos, deve haver um viveiro de individuos de todas as especies domesticas, donde se possam tirar reproductores sadios e de boa raça para a cobrição em todas as localidades dessa região.

« Art. 32.° O instituto agricola terá os « seguintes estabelecimentos........ 7.° os « necessarios cabanões e estabulos para o « alojamento dos gados.

Este deverá ser o estabelecimento mais completo no que respeita ao ensino sobre creação e melhoramento dos animaes domesticos, e ser mais particularmente destinado a *ensaios*, tendentes a determinar — quaes sejam as raças exoticas, que mais convem aclimatar em o nosso paiz; quaes as mais proprias para cruzar com as indigenas; quaes as plantas pratenses e forraginosas que mais convem ás raças importadas, etc.

« Art. 40.° Haverá um conselho de aper- « feiçoamento do instituto agricola......

É este conselho o mais competente para coordenar as instrucções praticas que devem dirigir a multiplicação e melhoramento das nossas raças de animaes domesticos, hoje tão degeneradas.

Por este modo poderá dar-se uma direcção uniforme a este ramo da industria agricola, sendo as referidas instrucções accommodadas ás diversas localidades, e aos lavradores offerecendo-se animaes sadios e de boa raça para a cobrição.

As camaras podem ser encarregadas de vulgarisar as referidas instrucções e de zelar o bom tratamento dos animaes destinados para a cobrição, de reclamal-os quando morrerem, e de pagar a sua sustentação.

A junta geral do districto deve fiscalisar sobre as camaras no que diz respeito á creação dos animaes, e propor ao conselho do instituto agricola, quaes são os animaes de que necessita cada localidade, para melhorar as raças indigenas.

A cobrição gratuita por animaes escolhidos e de raça pura facilita aos pequenos lavradores o poderem melhorar os seus animaes; se esta providencia não tem dado, n'outros paizes tão bons resultados, como se esperava, é pela facilidade com que os lavradores encontram reproductores de boa raça; mas entre nós acontece o contrario; pois só por meio de grandes despezas se poderão conseguir, e a maior parte dos lavradores não as pódem fazer, e ainda menos vencer os obstaculos, que pela maor parte se oppõe á importação dos animaes das raças mais estimadas.

J. F. DE MACEDO PINTO.

INSTRUCÇÃO PUBLICA E LITTERATURA NA LAPONIA.

I.

O estabelecimento das primeiras escholas da Laponia remonta ao principio do seculo XVI; mas parece fóra de duvida, não obstante a escassez e obscuridade dos documentos historicos, que os missionarios catholicos chegando a este paiz n'uma epocha anterior, se empregaram em instruir os Lapãos, não só nos conhecimentos divinos, senão tambem e até certo grau, nos humanos.

Todavia do reinado de Gustavo Adolpho é que data a primeira instituição d'uma eschola propriamente dita. Este principe tinha observado que, pastoreados por parochos vindos da Suecia, que prégavam exclusivamente na lingua sueca, os Lapãos faziam poucos progressos na religião christã; e além d'isso tinha-se convencido de que os meninos que na conformidade do edicto de Carlos IX, vinham estudar na universidade d'Upsal, ou morriam ahi de nostalgia e d'outras enfermidades provenientes da mudança de clima, ou por tal sorte se habituavam que, depois de completada a sua educação recusavam regressar ao seu miseravel paiz.

Para obviar taes inconvenientes, ordenou que uma eschola destinada somente para os Lapãos fosse fundada em Pitheâ cidade limitrophe. Nicolau Andræ parocho d'esta cidade, foi nomeado director da eschola, e obteve do rei permissão de traduzir e fazer imprimir na lingua lapona todos os livros que julgasse necessarios. Conserva-se ainda de Nicolau um ritual dedicado a Gustavo, onde lhe agradece o favor outorgado, e faz votos porque todas as classes da Suecia, bem como todos os paizes christãos da terra conheçam os immensos beneficios conferidos por este monarcha á Laponia, e a munificencia que ostentára, digna de singular louvor, estabelecendo para os povos d'este paiz uma eschola especial destinada a instruil-os no estudo da religião e das letras.

Pelos esforços de Nicolau Andræ todos os livros adequados foram á custa do governo

sueco traduzidos e impressos, e distribuidos depois aos alumnos da eschola de Pitheâ. Estes livros foram primeiro um abecedario, depois os mandamentos da lei de Deos, o credo, o padre nosso, canticos escolhidos com o modo de celebrar o officio divino, d'orar e cantar. Com Nicolau Andrae associou-se dentro em pouco João Tornœus cura e preboste de Tornea. Este enriqueceu a bibliotheca da eschola da Laponia com grande numero de publicações novas, entre as quaes citaremos *os psalmos de David*, *os proverbios de Salomão*, *o ecclesiastes*, *o ecclesiastico*, *o catechismo de Luther*, *o cantico dos canticos*, *os evangelhos e as epistolas*, *a historia da paixão de Jesus Christo*, *a destruição de Jerusalem*, *a liturgia*, e diversos *formularios d'orações*.

Assim que, a eschola de Pitheâ correspondia cada vêz mais cabalmente ao fim de sua fundação: o estudo da religião e das letras humanas iam a par. A eschola era frequentada por consideravel numero de meninos, ávidos d'instruir-se, fazendo alguns delles taes progressos que, mandados cursar a universidade d'Upsal, o governo julgou a proposito fazel-os ordenar em consequencia do seu aproveitamento, para mais tarde os enviar como missionarios e mestres, a seus compatriotas.

A influencia da eschola de Pitheâ logo se fez sentir em toda a extensão da Laponia: os que pouco antes assistiam ás predicas, comprehendendo somente algumas palavras, encontraram por fim em livros escritos na sua lingua, a instrucção que lhes faltava. Donde tomou entre elles singular incremento a doutrina christã, que começaram a conhecer e amar.

Uma das causas que mais efficazmente contribuiu para a prosperidade da eschola de Pitheâ, foi ter Gustavo Adolpho não só provido com mão larga aos salarios dos mestres, mas ate abonado sommas destinadas a sustentar e vestir todos os meninos pobres que quizessem frequental-a.

No entanto esta eschola veio a ser reputada insufficiente; situada fóra dos confins propriamente ditos da Laponia, receou-se que as difficuldades do transito não enfraquecessem pouco a pouco o zelo que os Lapões tinham a principio mostrado em lá mandarem seus filhos. Tal foi o motivo por que o senador João Skytte, barão de Duderhoff, representou ao rei e obteve que a eschola de Pitheâ seria mudada mesmo para o interior da Laponia, e fixada junto á egreja de Lyksele na parochia d'Umeâ.

As cartas regias de Gustavo Adolpho, datadas de 20 de junho de 1631, ordenam a transferencia da eschola. E é de notar que n'esta epocha o rei de Suecia estava em Allemanha entregue aos cuidados da guerra que agitava então toda a Europa. Os historiadores suecos aproveitam este facto para mostrar até que ponto o illustre guerreiro, mesmo nos campos de batalha, prestava attenção a mais minuciosa á administração de seus estados.

A eschola de Lyksele ou d'Umeâ adquiriu grande superioridade sobre a de Pitheâ. Em vêz de ser entregue á simples administração d'um cura, teve como director especial um dos mais illustres senadores do reino, em cuja familia ficaria perpetuamente a direcção da dita eschola. Sua existencia foi além d'isso confirmada por um estatuto authentico emanado do poder real. A eschola de Pitheâ tinha seguros os ordenados de seus mestres; mas a de Lyksele ajuntou ainda mais para sua sustentação os dizimos d'uma grande parochia inteira, e como se estes fundos não bastassem, foi auctorisado o barão Skytte para applicar ao mesmo fim quaesquer outros recursos que podesse conseguir.

O barão Skytte correspondeu nobremente á confiança de Gustavo Adolpho; reuniu já de seus proprios dons, já das liberalidades de seus amigos, uma somma de cinco mil thalers (quasi vinte milhões de francos), que entregou á corôa para a exploração de suas minas de cobre, com a condição de que cederia á eschola de Lyksele as rendas de certas quintas situadas na parochia d'Umeâ e na provincia de Westrobothnia. Como Gustavo Adolpho já tinha morrido, este contracto foi pelo barão Skytte concluido com a rainha Christina no 1.° de novembro de 1634.

Rev. de l'Instr. Publ. n.° 31.

Continúa.

DOCUMENTOS INEDITOS.

Carta que o viso-rei D. João de Castro escreveo a el-rei nosso senhor o anno de 46 (1546).

Continuado de pag. 243.

No tempo que tive estas deferenças e trabalhos com o Ydalcão, fui muitas vezes requerido d'elrei de Tanor, que fosse laa, e levasse comigo muita gente, e armada, porque se queria fazer christão e tomar-me a mĩ e ao bispo por padrinhos. Esta obra era tal, e mostrava tamanho serviço de Deos e de v. a., que pola primeira a mĩ, e a toda a provincia alvoraçou muito, e fiz prestes alguns navios de remo, que podiam navegar, com determinação, que se as cousas do Ydalcão afroxassem, ir a Tanor, que é a cidade metropoly d'este rei, e morada antigua dos outros reis passados, pera o

fazer christão com toda a pompa e aparato, que tal auto, e tal pessoa requeriam: mas vendo que as cousas do Balagate me não davam este logar, e que elrei de Tanor me apertava muito, e me pedia, que levasse comigo toda a gente, e armada, e poder da India, comecei a cobrar alguma sospeita, e presumir que o intento d'este rei podia ser fazer-me quebrar com o Çamorim, rei de Calecut, de quem elle é mortal imigo. E a isto fazia muita fee a natural condição d'este rei, o qual é tão guerreiro, e belicoso, e de tão terribeis espritos e pensamentos, que é cousa de maravilha. Mas com tudo isto sempre se tem mostrado muito amigo e servidor de v. a. E tendo-me estas cousas sospenso, e sem poder acabar comigo, de me determinar no que faria, assentei de mandar laa a mestre Diogo pregador; assĩ porque trabalhasse com sua doutrina de sustentar elrei no preposito, que mostrava de se fazer christão, como pera escusar a tardança de minha ida, e lhe fazer entender como era por respeito da guerra, em que ficava com o Ydalcão, mandando-lhe certificar por elle, que, tanto que acabasse a guerra seria logo em Tanor. Neste meio tempo se acabou de declarar a negoceação, que elrei trazia em todo Malabar contra o Çamorim, e como tinha acquerido as vontades do principe de Calecut, irmão do Çamorim, e d'outros senhores e reis seus visinhos, com os quaes comessou a romper a guerra contra o Çamorim; o qual temendo-se muito dos tratos, e concertos, que elrei de Tanor trazia comigo, me mandou hũ embaxador, escrevendo-me, que Antonio Coelho, capitão de Chalé lhe fazia muitos agravos, e não queria deixar passar para Panane, onde elle estava, os Lascarĩs, que de suas terras hiam servillo; apertando comigo, que me declarasse, se Antonio Coelho fazia estas couzas por minha authoridade, ou não. Mandando-me lembrar em sua carta as pazes e contratos, que o viso-rei D. Garcia em nome de v a. assentára com elle, as quaes elle sempre guardára, e mantivera mui inteiramente. Eu lhe escrevi, que dos agravos, que lhe tinha feito o capitão de Chalé estava eu mui descontente, e que nunqua de tal couza fôra sabedor; antes lhe tinha mandado, que servisse sua alteza, e fizesse tudo o que comprisse a sua honra, e estado; e que assĩ lho tornaria agora a mandar; e fazendo elle o contrario, o castigaria mui rijamente Affirmando-lhe quamanho seu amigo v. a. era; e que a elle mais que a nenhum outro rei e senhor da India me mandava v. a. que servisse, e guardasse inteiramente as pazes e contratos, que o viso-rei com elle fizera. E com esta reposta se tornou o embaxador. E vendo eu estes movimentos, e guerras, que se ordenavam no Malabar, e assĩ sendo avisado per cartas de mestre Diogo, em que me escrevia, que elrei de Tanor se queria fazer christão escondidamente de seus vassalos, e com certas condições, que não serviam a nossa fee; tomei o parecer do bispo d'esta cidade, e d'outras pessoas religiosas, e dos fidalgos, capitães, e cidadãos, e povo da cidade, os quaes todos foram de parecer, que ao presente me não bolisse daqui, e diferisse a ida de Tanor pera o mez de setembro; porque dentro d'este tempo se manifestaria a tenção, e verdadeiro preposito, que mostrava este rei: e que em tanto tomariam assento as couzas do Malavar, e Balaguate; e segundo estivessem, assĩ faria o que neste caso fosse mais serviço de Deos, e de v. a.

A 30 de janeiro fui avisado de Ormus, como os turcos, que estão de guarnição em Babilonia, decêram pelo Eufrates abaxo, e tomaram huma terra, que se chamava Zaquia, onde faziam huma fortaleza á borda do rio Eufrates, na terra da banda da Persia, hum dia e meio de caminho da cidade de Baçoraa pelo rio acima. Tanto que isto soube escrevi a elrei de Baçoraa aconselhando-lhe que não consentisse a par desi tão ruins visinhos, e que logo lhe fizesse a guerra, e os tirasse daquella ladroeira, offerecendo-lhe ajuda, e armada pera isso. O que me parece d'esta novidade é quererem os turcos tomar Baçoraa, e passar ahi a armada, que tem em Suez; porque d'esta maneira nos poderão fazer melhor a guerra, por caso de estarem visinhos de Ormús, e terem nas ilhas de Barém e Jolfar grão copia de marinheiros, e a terra de Baçoraa ser fertil de mantimentos: e cada vez que ouverem mister gente, lhes póde vir de Babilonia, ou Bajodade, que é o mesmo, em tres dias pelo Eufrates abaxo: as quaes couzas lhe faltão todas em Suez, que é hum dezerto, no qual ainda as féras não podem abitar. E tambem passando a sua armada em Baçoraa, meterão em grande trabalho ao Xeque Ismael, e a toda a Persia.

A tres dias de março me escreveu o Xeque Ismael, e mandou um prezente de panos e sedas, pedindo-me os direitos de sessenta cavallos, que mandava de presente aos reis e senhores do Balaguate. E porque a contia era muita, tomei conselho com os veadores da fazenda, fidalgos, e capitães, que nisto me podiam bem aconselhar; e por todos me dizerem, que compria muito ao serviço de v. a. não escandalizar em nada, mas antes trabalhar por conservar sua amizade, e têllo muito contente; por cauza da muita guerra, e trabalho, que podia dar a Ormús; mostrando-me as perdas e danos, que lhe já vierão, por lhe não fazerem algumas cousas d'esta calidade, que mandára pedir aos capitães de Ormús: pelo que, por parecer bem a todos, lhe concedi estes direitos, com os quaes o seu embaxador se tornou muito contente e satisfeito.

Continúa. N.

OBSERVAÇÕES METEOROLOGICAS, FEITAS NO GABINETE DE PHYSICA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA.

Anno de 1854	Temperatura atmospherica ao meio dia	Pressão atmospherica ao meio dia			Estado hygrometrico da atmosphera ao meio dia		Rumo dos ventos ao meio dia
Mez de Janeiro		Altura barometrica a 0.° centig.	Tensão do vapor atmospherico	Pressão do ar secco	Grâu de humidade do ar	Quantidade de vapor aquoso contido em um metro cubico de ar	
Dias	Gráus centig.	Millimetros	Millimetros	Millimetros		Grammas.	
1	7	754,07	6,008	748.062	0,763	6,22	S.
2	7,5	737,333	6,278	731,055	0,7729	6,49	S.
3	8	729,291	7,143	722,148	0,8529	7,37	S.
4	8,5	733,492	7,598	725,894	0,8793	7,37	N O.
5	9,5	741,086	8,306	732,780	0,9037	8,52	N.O.
6	9	748,757	7,559	741,198	0,8485	7,77	S.O.
7	10	748,159	8,680	738.479	0,9162	8.89	S.O.
8	9,5	747,001	8 645	738,356	0,8927	8,87	S.
9	9	750,221	8,041	742,180	0,9026	8,26	S.
10	10	733,317	7,887	725,430	0,8325	8,08	N.
11	9	752,688	7,553	745,135	0,8479	7,76	N.
12	9,5	751,786	8,7	743,086	0,9465	8,93	S. E.
13	10	751,129	8,680	742.449	0,9162	8,89	S.
14	10	741,324	8,369	732,959	0,8833	8,57	S.E.
15	10	741,071	8,076	732,995	0,8524	8,27	S.E.
16	9,5	751,329	8,108	743,221	0 8821	[illegible]	E.
17	9	757,833	7,457	750,376	0,8371	7,66	E.
18	9	755,149	7,381	747,768	0,8286	7,59	S E.
19	9	754,54	7,276	747;264	0,8186	7,48	S.E.
20	9	758,595	7,292	751,303	0,8186	7,49	S.E
21	10	760,749	8,275	752,474	0.8734	8,47	S.E.
22	10	760,749	8,473	752,276	0,8943	8,68	O.
23	10	756,946	7,981	748,965	0,8424	8,17	S.
24	10,5	759,272	8,753	750,519	0,8956	8,95	S.
25	9,5	764,873	7,451	757,422	0,8106	7,64	S.E.
26	9	766,764	7,292	759,472	0,8186	7.49	S E.
27	9	766,917	7,292	759,625	0,8186	7,49	S.
28	9	766,87	7,757	759,113	0,8708	7,97	O.
29	9	767,221	7,457	759,764	0,8371	7,66	E.
30	9,5	764,264	7,725	756,539	0,8405	7,93	S.E.
31	10,5	762,461	8,257	754,204	0,8448	8,44	S.
media do mez	8,7	752,759					

A altura barometrica foi reduzida ao que ella seria a 0.° do thermometro centigrado por meio da formula $x = a - a\,(K - K')\,t$, sendo a a altura observada; K o coefficiente da dilatação cubica do mercurio; K' o coefficiente da dilatação linear da escala; e t a temperatura no momento da observação.

O grâu de humidade do ar foi determinado por meio do hygrometro de *Saussure* e do psychrometro, tomando o termo medio dos resultados obtidos por estes dois hygrometros.

A quantidade de vapor aquoso contido em um metro cubico d'ar no momento da observação foi calculada pela formula $P = \frac{807.356 \times f}{760 + 2,7854 \times t}$; sendo f a tensão do vapor aquoso contido no ar expressa em millimetros, e t a temperatura no momento da observação.

Coimbra 1.° de Fevereiro de 1854.

O demonstrador da Faculdade de Philosophia, *Manoel dos Santos Pereira Jardim.*

CONTA *da Receita e Despesa dos Hospitaes, annexos á Universidade, em todo o trimestre d'Outubro a Dezembro de* 1853.

Receita

Recebido do Thesouro em metal	1:122$000
Idem do cofre das rendas dos Hospitaes	900$000
Idem da Mesa da Misericordia da cidade	1:000$000
Idem da pagadoria da 2.ª Divisão por vencimentos militares	10$440
Idem producto da venda de dois toneis, uma quartolla, e algumas carradas de pedra	13$800
Idem dos arrematantes da vacca, até Junho ultimo, pela differença a maior no preço, que pagou o Hospital, e em que foram condemnados por sentença do Juizo de Direito	107$580
Reis	3:153$820

Despesa

Alcance da Fazenda em 30 de Setembro	194$970
Despendido com os ordenados de Setembro, Outubro e Novembro	280$235
Idem com as comedorias aos Empregados	463$949
Idem com as dietas aos doentes	1:765$566
Idem em combustivel e illuminação	115$945
Idem em utensilios	92$870
Idem em reparos nos Edificios	178$975
Idem em guizamentos das Capellas	6$735
Idem em roupas	1$755
Idem em vestuario dos Lazaros do numero	5$120
	3:106$120
Por saldo desta conta em cofre em 31 de Dezembro	47$700
Reis	3:153$820

MAPPA *do movimento dos doentes, nos Hospitaes da Universidade, em todo o trimestre d'Outubro a Dezembro de* 1853.

HOMENS					MULHERES					LAZAROS — HOMENS					LAZAROS — MULHERES					SOLDADOS					TODOS				
Existiam.	Entraram.	Saíram.	Morreram.	Existem.	Existiam.	Entraram.	Saíram.	Morreram.	Existem.	Existiam.	Entraram.	Saíram.	Morreram.	Existem.	Existiam.	Entraram.	Saíram.	Morreram.	Existem.	Existiam.	Entraram.	Saíram.	Morreram.	Existem.	Existiam.	Entraram.	Saíram.	Morreram.	Existem.
97	380	325	31	83	110	286	290	21	85	16	4	1	1	18	10	2	1	1	10	9	25	29	0	5	242	697	646	54	239

Hospital 31 de Dezembro de 1853.

O Conselheiro *João Alberto Pereira d'Azevedo.*
Director da Faculdade de Medicina e Hospitaes,

Herculano Aprigio Alves d'Araujo Santa Barbara,
Cartorario da Fazenda dos Hospitaes.

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA. — PROGRAMMAS.

FACULDADE DE PHILOSOPHIA.

1853—1854.

4.° ANNO [1] — 6.ª CADEIRA.

MINERALOGIA, GEOLOGIA E ARTE DE MINAS.

Lente. — *Dr. Roque Joaquim Fernandes Thomaz.*

MINERALOGIA — Caracteres dos dous reinos da natureza, organico, e inorganico. Objecto da Mineralogia.

Da fórma dos mineraes, como derivada da sua estructura interna, e em relação com os seus caracteres opticos. Cristallographia. Da medida dos angulos dos cristaes. Dos goniometros — simples, — d'applicação, e de reflexão. Da *clivagem*, e da reducção das fórmas mineraes a um systema ultimo de cristallisação.

Da composição e formação dos cristaes.

Da symetria e leis de modificação.

Dos systemas cristallinos; cubico ou tessular; — prismatico recto de base quadrada, — rectangular ou rhomboidal recto, — dicto obliquo, — dicto obliquo de base de parellelogrammo obliquangulo: systema rhomboedrico.

Do isomorphismo, e dimorphismo. Das hémitropias — e dos cristaes hemiedros.

Das modificações não symetricas.

Dos cristaes em grupos, e das fórmas irregulares.

Da estructura indeterminada: estructura por aggregação, — crescimento, — decomposição; estructura organica.

Dos caracteres opticos dos mineraes cristalinos.

Da refracção dobrada.

Do index de refracção.

Dos cristaes de um eixo, e dos eixos de refracção dobrada

Da polarisação da luz: analogia entre a refracção dobrada, e a polarisação.

Dos cristaes attractivos e repulsivos.

Dos caracteres extermos ou propriedades physicas dos mineraes. — Propriedades *optico physicas:* brilho, côr, transparencia, rasura.

Propriedades *chimico-physicas:* electricidade, phosphorsecencia, magnetismo, cheiro e sabor, deliquescencia e efflorescencia.

Propriedades *mechanico-physicas*: fragilidade, elasticidade, flexibilidade, apparencia da fractura, dureza, e peso especifico.

Composição chimica dos mineraes. — Dos methodos de determinar a analyse proxima dos mineraes.

Do emprego do maçarico, e do uso dos acidos e outros reagentes.

Dos signaes representativos das combinações: *formulas mineralogicas.* Da reducção das analyses em peso á formula, e vice-versa. Das misturas. Discussão theorica das analyses.

DA CLASSIFICAÇÃO DOS MINERAES. — Das classificações em Mineralogia.

Da escolha dos caracteres.

Comparação dos caracteres physicos e chimicos. Necessidade de ambos elles para a constituição da especie mineral.

[1] O programma da 5.ª cadeira foi publicado em o n.° 13 d'este jornal a pag. 155.

Da importancia relativa dos principios electro-positivo, e electro-negativo.

Da formação do genero mineralogico.

Descripção, e demonstração das especies mineraes segundo o systema de Dufrenoy.

CLASSE PRIMEIRA — *Corpos simples que formam um dos principios essenciaes dos mineraes compostos.*

Corpos electro-negativos, que nunca representam o papel de base com os corpos das outras classes, e entram sempre como parte constituinte dos compostos binarios.

Generos: — 1.° oxigenio — 2.° hydrogenio — 3.° azoto — 4.° chloro — 5.° bromo — 6.° iodo — 7.° fluor — 8.° carbonio — 9.° boro — 10.° silicio — 11.° titanio — 12.° tantalio — 13.° enxôfre — 14.° selenio — 15.° arsenico — 16 ° phosphoro — 17.° vanadio — 18 ° antimonio — 19.° tellurio — 20.° mercurio — 21.° molybdeno — 22.° tungsteno — 23.° chromio — 24.° osmio — 25.° rhodio.

CLASSE SEGUNDA. — *Saes alcalinos.* — Os saes que compoem esta classe são soluveis na agua, e teem um sabor reconhecido.

Genero — 26.° ammonia — 27.° potassa — 28.° soda.

CLASSE TERCEIRA. — *Terras alcalinas e terras.* — Todas as substancias que compoem esta classe teem um aspecto lapideo; puras, ou não teem côr, ou são de um branco de leite, e em geral pouco duras. À excepção *do coryndon* nenhuma risca o vidro. O seu peso especifico é de 27 a 46: só o *schéelin calcareo* excede muito o peso de qualquer dellas.

A maior parte são infusiveis ao maçarico, cuja acção só de per si nenhuma reduz.

Generos — 29.° baryta — 30.° stronciana — 31.° cal — 32.° magnesia — 33.° yttria — 34.° alumina.

CLASSE QUARTA. — *Metaes.* — Comprehende esta classe duas divisões bem distinctas em relação ao aspecto.

1.° Os metaes nativos, e as combinações de uns com outros no estado metallico.

2.° As combinações dos metaes com o oxigenio ou com os acidos.

Os mineraes que pertencem á primeira divisão teem em geral um brilho metallico pronunciado, que lhes dá um caracter exterior notavel, que bem os distingue dos outros mineraes.

As combinações dos metaes com o oxigenio, ou com os acidos raras veses apresentam similhante brilho: e por este lado se confundem com os silicatos. Não obstante, teem ellas pela maior parte uma côr propria, e particular, que nos guia no seu estudo. O seu peso especifico é em geral bastante elevado; e quasi sempre dão pelo ensaio um regulo ou uma escoria metalloide.

Genero — 35.° cerio — 36.° manganez — 37.° ferro — 38 ° coballto — 39.° nickel — 40.° zinco — 41 ° cadmio — 42.° chumbo — 43 ° estanho — 44 ° bismutho — 45.° uranio — 46.° cobre — 47.° prata — 48.° ouro — 49.° platina — 50.° iridio — 51.° paladio.

CLASSE QUINTA. — *Silicatos.* — Os mineraes que compoem esta classe teem um aspecto lapideo, que por muito tempo os fez conhecidos pelo nome de *pedras* Formam dous grupos distinctos: os *silicatos hydratados*, e os *silicatos unhydros*: os primeiros são tenros, e de facil dissolução nos acidos; os segundos são duros, com muita difficuldade se dissolvem nelles, e mesmo a maior parte resiste á acção d'aquelles reagentes.

O peso especifico dos silicatos é de 25 a 36, limite a que sobem poucos d'elles.

Genero — 52.° silicatos aluminosos — 53.° silicatos

aluminosos hydratados — 54.° silicatos d'alumina, cal, ou seus isomorphos — 55.° silicatos aluminosos e alcalinos com seus isomorphos. — 56.° silicatos aluminosos hydratados com alcalis, cal, e seus isomorphos. — 57.° silicatos não aluminosos. — 58.° silico-aluminatos. — 59.° silico-fluatos — 60 ° silico-boratos. — 61.° silico-titanatos. — 62.° silicatos sulfuriferos. — 63.° aluminatos. — 64.° substancias de composição desconhecida.

CLASSE SEXTA. — *Combustiveis*. — Estes mineraes apresentam ainda pela maior parte signaes da sua origem organica; e quando a cristallisação teem apagado este caracter mineral, como na *mellite*, ainda assim mesmo se reconhecem pela natureza dos elementos de sua composição.

Os combustiveis de origem organica ardem a mui baixas temperaturas, com chamma e com cheiro pronunciado. São tenros; e seu peso especifico de ordinario mui fraco, não vai além de 16.

Existem tres divisões distinctas: — 1.° resinas. — 2.° bitumes. — 3.° combustiveis fosseis, comprehendendo a anthracite, o carvão de pedra, os lignites e a turfa.

Genero. — 65.° resinas. — 66.° bitumes. — 67.° combustiveis fosseis.

Das applicações da mineralogia, e das suas relações, com a geologia.

Do emprego dos mineraes na construcção e decoração dos edificios, na agricultura, na pintura e desenho.

Das substancias mineraes combustiveis.

GEOLOGIA. — *Geographia Physica*. — Importancia do estudo da geographia physica.

Da fórma e densidade da terra.

Do estado actual da sua superficie em relação á parte solida e liquida.

Da divisão da terra em continentes ou grandes massas, em ilhas ou pequenos tractos.

Dos rios, lagos, e mediterraneos.

Dos occeanos, suas divisões, e caracteristicos.

Das planicies e *steppes*, — *desertos*, — *silvas*, — *llanos*, — *pampas*, — *e savannahs*.

Distribuição das planuras (*plateaux*), montanhas, e planicies nos differentes continentes.

Da necessidade do estudo das fórmas continentaes, e differenças que d'ahi resultam entre o velho e o novo mundo.

Parallelo entre o hemispherio north-est, e o suth-west: um continental, outro occeanico.

Da temperatura da superficie terrestre, e direcção das linhas isothermes. Dos climas. Da influencia da latitude, altura, posição relativa, exposição, etc., etc. — Climas continentaes e maritimos.

Dos ventos geraes, ventos das regiões tropicas, — do occeano pacifico e monções da India, etc., etc. Da distribuição das chuvas.

Das correntes maritimas — equatoriaes, polares, etc. e como modificam os climas.

Contraste dos tres continentes do norte, com os tres continentes do sul.

Differenças physicas caracteristicas, e sua influencia nas *Faunas* e *Floras*.

Superioridade natural do clima tropico.

Do augmento gradual da vida, variedade e belleza dos typos dos seres organicos dos pólos para o equador. Excepção em quanto ao homem.

Lei da distribuição das raças humanas. — *Ethnologia*.

Causas das mudanças das feições physicas da terra. — Da natureza da acção atmospherica e aquosa.

Effeitos da acção atmospherica. Das mudanças de temperatura: das geleiras, e gelos fluctuantes.

Das rochas polidas, e estriadas.

Hypotheses diversas para a explicação do movimento descendente das geleiras (*glaciers*).

Da acção erosiva das aguas correntes, — da força de transporte, e dissolvente das aguas. Das vagas e marés.

Da acção das aguas como força creadora.

Dos deltas — fluviaes, e marinhos.

Effeitos observados nas costas da Hollanda, do Adriatico, etc., etc.

Dos volcões, e productos volcanicos.

Da distribuição dos volcões, e da connexão de uns com outros a distancia, e com a acção dos terremotos. — Descripção d'ambos os phenomenos, e de sua acção na elevação, e depressão de tractos de terra.

Historia do Vesuvio. Destruição de Herculano e Pompeia.

Do templo de *Serapis* e do forte *Sindree*, etc, etc.

Das forças subterraneas, ainda não bem conhecidas, que gradualmente elevam ou deprimem grandes porções da superficie terrestre: effeitos observados nas costas do Baltico, e outras paragens do north-west da Europa, e phenomenos relativos ao crescimento dos recifes de coraes.

Da acção dos seres organisados.

Dos trabalhos do homem, e da sua influencia nos outros animaes, e na distribuição dos vegetaes.

Da agencia dos coraes, e dos animaes infusorios fluviaes, e marinhos.

Da acção das plantas na formação das turfeiras.

DAS RELAÇÕES DA ZOOLOGIA E BOTANICA COM A GEOLOGIA, EM QUANTO AOS RESTOS FOSSEIS DOS SÉRES ORGANISADOS. — *Palæontologia*. — Das especies extinctas. Importancia relativa dos fosseis: os testaceos, as *medalhas* da criação. Das floras antigas dos differentes periodos geologicos.

Dos animaes invertebrados de organisação mais simples

Dos cephalopodos.

Dos peixes *heterocercos* do periodo palœzoico.

Dos reptis do periodo secundario.

Das aves e mammaes.

Dos pachidermes etc., etc., e das aves gigantescas do periodo terciario.

GEOLOGIA DESCRIPTIVA. — Das rochas estratificadas e não estratificadas.

Da sua posição relativa, e do seu contheudo organico, e inorganico.

Das duas classes de rochas em quanto á sua origem provavel.

Das que foram manifestamente depositadas d'agua: rochas *aquosas*, *neptuninas*.

Das claramente formadas pela acção do calor: — *igneas*, *plutonicas*.

Das de origem mechanica, e aquosa, mas depois alteradas pelo calor: — *methamorphicas*.

Da estratificação: — concordante, discordante, transgressiva.

Da inclinação e direcção das camadas.

Dos eixos d'elevação: anticlynicos, e synclynicos.

Da clivagem e juntas d'estratificação.

Da cristallisação parcial ou completa das rochas.

Das rochas igneas: — sua natureza, e posição em relação ás outras.

Dos seus caracteres physicos e chimicos.

Da sua distribuição geographica.

Da natureza das veias, *dykes*, falhas ou fendas.

Da classificação das rochas igneas.

Das rochas methamorphicas, e suas relações com as rochas igneas.

Passagem do *granito* ao *gneis*, do *gres* ao *quartzo*, do *calcareo* aos *marmores cristallinos*.

Das suas relações com as rochas aquosas

Passagem do *schisto argilloso* ao *fossilifero*.

Classificação das rochas methamorphicas.

Do gneis, mica-schisto, schisto argilloso, e calcareo methamorphico.

Das rochas aquosas Principios da sua classificação — segundo a sua superposição, — natureza do contheúdo organico, — e composição mineral.

Periodo Palæozoico.

TERRENO SILURIANO: — inferior, — medio, — e superior.

Caracter mineral. Fosseis caracteristicos principaes, coraes e zoophytos: *catenipora*, *graptolithes*, — certo *encrinites*. Crustaceos: *trilobites*. Molluscos: *pentamerus leptæna*, *orthoceratites* etc. Peixes.

Regiões silurianas de Portugal.

TERRENO DEVONIANO: — caracter mineral. Fosseis principaes. Coraes: *favosites*: Crustaceos — *brontes*. Brachiopodos: *calceola*, e outros molluscos — *climenia*, *orthoceratites* etc. Peixes. *Pterychis*, *cocosteus*, *cephalaspis* etc. etc.

TERRENO CARBONIFERO. — Caracter mineral. Fosseis vegetaes: *fétos*, *calamites*, *lepidodendrum*, *sygillaria*, *stygmaria* etc., etc. Coraes: *amplexus*, *cyathophylum*.

Encrinites: *actyocrinis*, *plactycrinis*. Molluscos: *productus*, *spirifer*, *terebratula*, *natica*, *evomphalus*, *gonyatites* etc. Peixes. *megalichtys*, *cladodus* etc. — Terreno carbonifero (?) de Valongo.

TERRENO PERMIANO. — Caracter mineral Fosseis vegetaes: *caulerpites*, *calamites*. Coraes: *Fenestella*. Molluscos: *productus*, *spirifer*, *orthis*, *nucula*. etc. Peixes: *janassa*, *palæoniscus* etc. Reptis: *Palæosaurus*, *thedecontosaurus*.

Periodo Secundario.

TERRENO TRIASSICO. — Fosseis vegetaes: *voltzia*, *equisetum*. Animaes: *encrinites liliformis*. Molluscos: *avicula*, *ceratites*, *nautilus*. Peixes: *placodus palæoniscus* etc. Reptis: *pégadas no novo gres vermelho*. *Labyrinthodon*, *rhincosaurus*. *Impressões de pés de aves no novo gres vermelho.* (Connecticut).

TERRENO LIASSICO — Caracter mineral. Fosseis vegetaes: *Zamia*, etc. Radiados: *pentacrinitis*, *ophyodermes*. Molluscos: *spirifer*, *terebratula*, *gryphea*, *ammonites*, *e belemnites*. Peixes: *dapedeus*, *lepidotus*, *coprolithes de* crustaceos. Reptis: *ictyosaurus*, *plesiosaurus* etc. ect.

TERRENO OOLITICO: inferior, medio, e superior. Caracter mineral. Plantas fosseis: *Zamites*, *cycadeas*. Coraes, *caryophilus*, *astreas* etc. Radiados: *apyocrinites*, *diadema spalangus* etc. Articulados. Crustaceos. Insectos. Molluscos: *trigonias*, *ammonites*, *belemnites* etc. etc. Peixes: *leptolepis*, *catinus* etc. Reptis: *lesiosaurus*, *megalosauros*, *pterodactilus*. Mammaes: *dydelfos* (?) (Stonesfield.)

TERRENO WEBALDIANO. — Caracter mineral. Fosseis vegetaes: *cycadeas*, *sphenopteris endoginites* etc., etc. Insectos, e crustaceos. Molluscos: *cyclas*, *paludina*. Peixes, *hybodus*, *lepidotus*, Reptis: *iguanodonte*, *heliosaurus*. — Descripção do terreno oolitico, e subcretaceo de Coimbra.

TERRENO CRETACEO: — subdivisão em districtos. typicos Fosseis caracteristicos. Coraes, e zoophytos, *eschara*, *esponja*, *infusorios*, *foraminiferos*. Radiados, *cydaris*, *ananchytes*, *marsupites*. Molluscos, *spondylus*, *plagyostoma*, *pecten*, *terebratula*, *ammonites*, *turrilites*, *baculites*, *scaphites*. Peixes: *berix*, *lamna*, *clupæa*. Reptis, *mososaurus*, *tartarugas*.

TERRENO TERCIARIO. — *Grupo eocene:* subdivisão da serie em differentes paizes. Fosseis caracteristicos: plantas, fructos, e sementes. *Zoophites*, *e foraminiferos*. Crustaceos: *caranguejos e lagostas*. Molluscos, *pectunculus*, *crassatella*, *cerythium*, *voluta* etc. Peixes: *raias*, *squalus*, numerosos *ctenoides* e *cycloides*. Reptis: *crocodilos*, *serpentes*, *tartarugas*. Aves: *abutres* etc. Mammaes: *pachydermes*, *dydelfos*, *macacos*, *cetaceos*.

Grupo meocene: subdivisões da serie Fosseis. *Fascicularia*, *foraminiferos*, *nummulites* Molluscos: *Astarte*, *fusus*, *murex*, etc Peixes: *ctenoides*, *e cycloides*. Mammaes:, *Dinotherium*. — Terreno terciario da Estremadura: bacia de Lisboa.

Grupo pliocene: subdivisão. — Fosseis: plantas. infusorios. Molluscos similhantes em grande numero aos dos mares visinhos. Peixes; *ctenoidee*, e *cycloides*. Mammaes: *Mastodonte*, etc.

Novo pliocene, ou pleistocene. Detritos diluvianos: rochas erraticas, cavernas osseas: terrenos gellados da Siberia. Fosseis; especies recentes de molluscos: *Helix*, *paludina* etc. Mammaes: *elephus*, *bós*, *cervus*, *ursus*, e *hiæna* das cavernas, etc.

Formações recentes de calcareo, e saibro (*gres*). Praias elevadas.

Resumo da Geologia de Portugal.

GEOLOGIA PHYSICA. — Considerações hypotheticas sobre a natureza das causas donde resultou o deposito, e elevação subsequente dos estratos: — tempo em que essas causas obraram, e mudanças que modificaram a condição das rochas estratificadas, depois do seu deposito.

Da consolidação das rochas, e das suas fracturas.

Da formação e enchimento das veias ou betas metalliferas.

Da relação da acção volcanica com os terremotos; e da causa da erupção das materias em fusão durante os paroxismos volcanicos.

Hypothese da destruição dos seres organisados, e da introducção successiva e gradual de individuos de organisação mais complicada.

Condições da vegetação durante o periodo palæozoico.

Limitação apparente dos animaes a poucas especies de typos inferiores d'organisação em grande parte do periodo palæozoico.

Distribuição dos peixes no mesmo periodo.

Dos reptis nas rochas do terreno secundario.

Introducção dos mammaes.

Distribuição de certos grupos de mammaes no periodo terciario.

Possibilidade da grande extenção das *mesmas* especies em regiões mui longinquas, durante o periodo palæozoico

Limites comparativamente mui estreitos, da distribuição de fórmas identicas nos periodos geologicos posteriores, e presentemente.

THEORIAS GERAES DA GEOLOGIA. — Theorias dependentes de considerações geologicas sobre o calor central da terra.

Provas do augmento do calor para o centro. Ideas de *Fourier*, e outros. Effeitos da contracção supposta da crusta da terra em resultado do resfriamento.

Theorias para a explicação do estado da crusta da terra.

Theoria das catastrophes, ou intermittencia de revoluções violentas: hypothese d'*Elie de Beaumont*

Theoria da uniformidade geologica: hypothese de *Lyell*.

A Chronologia de Moisés e os factos geologicos:

A revelação divina, e a sciencia.

GEOLOGIA PRATICA — Do exame geologico de um paiz qualquer. Da construcção dos mappas e traçados geologicos.

Da escolha, arranjo, collecção e descripção dos productos naturaes em referencia á Geologia.

GEOLOGIA AGRICOLA — Do sólo, e como se deriva das rochas subjacentes e visinhas. — Da sua natureza, e uso na vegetação: — dos melhoramentos do terreno pelos correctivos mineraes.

Do esgoto ou *drainagem* da terra.

Das fontes e poços. Dos meios d'irrigação: fontes ordinarias, — intermittentes, — poços artesianos — fontes mineraes e thermaes.

GEOLOGIA APPLICADA Á ARCHITECTURA. — Da escolha de local para edificios em relação ao arranjo dos estratos, solidez do alicerce, e á drainagem.

Da escolha dos materiaes para as obras. Rochas aquosas, — arenaceas: gres silicioso, gres argilloso-silicioso, gres calcareo-silicioso, gres cimentado pelo oxido de ferro.

Rochas calcareas, ooliticas cristallinas, magnezianas: argilla de tijolos.

Rochas igneas: granito, syenite, porphyro, serpentina. Rochas volcanicas — basalticas, trachyte, e lava.

Rochas methamorphicas: gneis, — mica-schisto, — schisto argilloso, — marmores

GEOLOGIA APPLICADA Á ENGENHARIA. — Escolha da linha do terreno para abertura d'estrada ou canal.

Construcção d'estradas e canaes.

Escolha de materiaes para construcção de portos, quebra-mares, cáes, pontes, e estradas: drainagem

ARTE DAS MINAS.

Geologia applicada á extracção dos depositos matallicos e combustiveis — Da natureza dos jazigos mineraes e da distribuição, fórma e extensão, direcção, e contheudo das betas. Theorias em quanto á sua origem: theoria do deposito aquoso, — injecção ignea, — sublimação Theoria electrica.

Da cata e pesquisa das minas.

Das diversas especies de lavra.

Da lavra das turfeiras, pedreiras, bancos de carvão de pedra, e minas metalliferas. Da lavra dos mineraes por lavagem.

Da lavra do estanho, platina, ouro.

Das regiões auriferas do Brasil, Siberia, California, e Australia

Do emmadeiramento e alvenaria das galerias e poços. Da ventilação, e illuminação das minas. Dos transportes, e meios d'extracção. Do esgoto das aguas no interior das minas.

Da Geometria subterranea, ou arte de traçar as plantas das minas.

Da preparação mechanica dos mineraes.

Da legislação a respeito das minas.

Estado actual da mineração portugueza etc.

OBSERVAÇÕES METEOROLOGICAS.

Tendo resolvido o conselho da faculdade de philosophia que do mez de janeiro por diante se publicassem n'este jornal as observações meteorologicas feitas no gabinete de physica da universidade, aproveitamos esta occasião para fazer algumas reflexões sobre os mappas meteorologicos publicados pelo sñr. José Antonio Dias Pegado, lente de physica na eschola polytechnica de Lisboa. Não nos move a isto animo hostil, ou vontade de deprimir o bem conhecido merecimento scientifico do illustre professor, mas sim o desejo de sermos esclarecidos sobre algumas duvidas por s. s.ª, a quem desde já pedimos desculpa da ouzadia e dos erros, que commettermos.

Lançando os olhos sobre os mappas meteorologicos do sñr Pegado, pareceu-nos descobrir uma singular desharmonia entre a tensão do vapor atmospherico, o gráu d'humidade do ar, e a quantidade de vapor contido em um metro cubico d'este fluido. Para o verificarmos, fizemos alguns calculos, baseados sobre os dados fornecidos pelos mesmos mappas, e adquirimos a convicção de que não existe com effeito o menor accôrdo entre as tres referidas quantidades, sendo aliás tão dependentes umas das outras, que basta conhecer uma d'ellas, para se poderem calcular as outras duas. Seria inutil o fazer uma analyse de cada um dos mappas, por ser commum a todos elles a mesma anomalia; tomaremos por isso ao acaso um d'elles, e discutiremos somente dois ou tres exemplos, a fim de não darmos demasiada extensão a este artigo.

É sabido que se entende por gráu d'humidade do ar a relação entre a quantidade de vapor aquoso, que elle contém debaixo d'um dado volume no momento da observação, e a que elle conteria debaixo do mesmo volume, se estivesse saturado; ou, o que vale o mesmo, a relação entre a tensão do vapor contido no ar, e a sua tensão maxima á temperatura existente. Se designarmos pois por G o grau d'humidade do ar, por p' o peso do vapor que elle contem debaixo d'um dado volume, por p o peso do vapor que elle conteria debaixo do mesmo volume, se estivesse saturado, por f' a tensão do vapor contido no ar, e por f a tensão maxima do vapor á temperatura existente, teremos: $G = \frac{p'}{p} = \frac{f'}{f}$.

No dia 1.º d'abril, sendo a temperatura do ar ao meio dia de 14,°7 cent., achou o sñr. Pegado que a tensão do vapor atmospherico era equivalente ao peso d'uma columna de mercurio de 12^{mm} d'altura. Ora, se procurarmos nas taboas, que vem nos tratados de physica, a tensão maxima do vapor aquoso á temperatura de 12,°7 cent. acharemos 12,^{mm}458 [1]; temos portanto $G = \frac{f'}{f} = \frac{12}{12{,}458} = 0{,}963$. Se em vez de representarmos pela unidade o estado de saturação, o representarmos por 100, como fez o sñr. Pegado, será 96,3 o gráu d'humidade do ar, e não 90,9, como vem no mappa.

No dia seguinte, 2 d'abril, em que a temperatura do ar era de 15° cent., achou o sñr. Pegado a tensão do vapor atmospherico egual a 10.^{mm} Ora, sendo a tensão maxima do vapor á temperatura de 15° egual a 12,^{mm}699, teremos $G = \frac{f'}{f} = \frac{10}{12{,}699} = 0{,}787$, ou 78,7, representando por 100 o estado de saturação, e não 74,5, como se acha no mappa.

No dia 3 do mesmo mez, sendo a temperatura do ar de 14,°9, e a tensão do vapor atmospherico egual a 11,^{mm}5, como diz o sñr Pegado, seria o gráu d'humidade do ar 91,1, e não 85,6; porque, dividindo 11,^{mm}5 por 12,^{mm}619, tensão maxima do vapor aquoso á temperatura de 14,°9, acha-se 0,911.

O desaccordo é ainda maior n'outros casos; não multiplicaremos porém os exemplos, porque os referidos são sufficientes para fazer ver que o grau d'humidade do ar não corresponde nunca á tensão do vapor aquoso, contido no mesmo fluido. As differenças são mui consideraveis, e em nosso intender não se podem attribuir a não serem perfeitamente identicas as taboas, de que nos servimos para conhecer a tensão maxima do vapor aquoso á temperatura da observação. Parece-nos que, qualquer que seja o methodo adoptado na avaliação do estado hygrometrico do ar, não se póde nunca chegar a taes disparidades.

O desaccordo sobe muito de ponto, e apparece ainda em maior escala, quando se compara a tensão do vapor atmospherico com a quantidade de vapor contido em um metro cubico d'ar. Aqui as anomalias são taes, que conduzem, senão a absurdos, pelo menos a principios oppostos aos geralmente adoptados por todos os physicos.

Póde-se calcular a quantidade de vapor contido em um metro cubico d'ar no momento da observação pela formula: $P = \frac{\delta \times \pi \times f'}{760(1+0{,}0036\cdot 5 \times t)}$, sendo δ a relação entre a densidade do vapor aquoso e a do ar nas mesmas circumstancias de pressão e de temperatura, π o peso d'um metro cubico d'ar a 0° do thermometro centigrado e debaixo da pressão de 0,^{m}76, f' a tensão do vapor contido no ar, e t a temperatura existente, expressa em gráus centigrados.

Introduzindo n'esta formula os valores de

[1] Servimos-nos das taboas de Regnault, que dão a tensão maxima do vapor aquoso a differentes temperaturas de decima em decima de gráu do thermometro centigrado.

δ e de π [1], e fazendo $t = 14{,}^{\circ}7$, temperatura do ar ao meio dia no 1.° d'abril, e $f' = 12{,}^{mm}458$, tensão maxima do vapor a esta temperatura, acha-se $P = 12^{g}{,}56$: é o peso do vapor contido em um metro cubico d'ar no estado de saturação á temperatura de $14{,}^{\circ}7$ cent. O sñr. Pegado achou que um metro cubico d'ar continha no momento da observação uma quantidade de vapor egual a $12^{g}{,}7$, isto é, uma quantidade superior á que o ar conteria debaixo do mesmo volume, se estivesse saturado! Este caso não é o unico, em que apparece similhante disparate; poderiamos citar muitos outros: mas o que sobre tudo importa notar é a grande disparidade, que sempre se acha, quando se compara a quantidade de vapor contido em um metro cubico d'ar com a tensão do mesmo vapor, tomando em consideração a temperatura existente. Dir-se-hia que o sñr. Pegado não calculou nenhuma d'estas quantidades, mas que as determinou empiricamente, servindo-se para isto d'algumas taboas defeituosas e incorrectas, ou que empregou um methodo differente para chegar ao conhecimento de cada uma d'ellas. Anomalias d'esta ordem não podem talvez explicar-se d'outra maneira; porque, qualquer que seja o hygrometro que se adopte, como duas das quantidades relativas ao estado hygrometrico do ar se deduzem sempre, como consequencias necessarias da terceira, é impossivel haver a menor disparidade entre ellas.

Suppondo que o sñr. Pegado não possue ainda o hygrometro condensador de Regnault, instrumento de moderna invenção e o mais exacto de todos os instrumentos d'este genero, é forçoso que s. s.ª se tenha servido do hygrometro de Daniel, do de Saussure, ou do psychrometro, chamado tambem hygrometro d'evaporação. Vejamos, se algum d'estes instrumentos podia conduzil-o aos resultados, que se acham consignados nos mappas de suas observações meteorologicas.

Hygrometro de condensação de Daniel.

Por meio d'este hygrometro obtem-se a temperatura da saturação, isto é, a temperatura, em que o ar ficaria saturado pela quantidade de vapor, que elle contém. Conhecida esta temperatura, procura-se a tensão do vapor, que lhe corresponde nas taboas, que dão a tensão maxima do vapor aquoso a differentes temperaturas, e tem-se assim conhecido a tensão do vapor contido no ar. Procurando depois nas mesmas taboas a tensão maxima do vapor á temperatura da observação, e dividindo a primeira pela segunda, obtem-se o gráu d'humidade do ar, ou a fracção de saturação. Para achar depois a quantidade de vapor contido em um metro cubico d'ar, calcula-se pela formula indicada: $P = \frac{\delta \times \pi \times f'}{760(1+0{,}003665 \times t)}$, introduzindo n'ella os respectivos valores de cada uma das quantidades algebricas. Supponhamos que tinhamos achado que a tensão do vapor atmospherico era, como vem indicado no mappa, 12^{mm}. Procurando a tensão maxima do vapor á temperatura de $14{,}^{\circ}7$, achariamos $12{,}^{mm}458$; teriamos por conseguinte: $G = \frac{12}{12{,}458} = 0{,}963$, ou $G = 96{,}3$, representando por 100 o estado de saturação. Para termos depois o valor de P, introduziriamos na formula os valores de δ e de π, e fazendo $f' = 12^{mm}$, e $t = 14{,}^{\circ}7$, achariamos $P = 12^{g}{,}09$. Teriamos portanto $f' = 12^{mm}$, $G = 96{,}3$, e $P = 12^{g}{,}09$ [1].

Hygrometro de Saussure.

Para avaliar por este hygrometro o grau d'humidade do ar, é mister conhecer a tensão, que tem o vapor atmospherico, quando o instrumento marca este ou aquelle n.° de gráus. Este trabalho foi emprehendido por Gay-Lussac, Melloni e outros, que depois d'uma longa serie d'experiencias chegaram a obter um numero de resultados sufficiente para poderem formar uma tabella que dá a tensão do vapor contido no ar correspondente a cada uma das indicações do hygrometro. A tabella de Gay-Lussac ainda que construida somente para a temperatura de 10° cent., do mesmo modo que a de Melloni o fôra para a temperatura de 22° a 23°, póde com tudo applicar-se sem erro sensivel a qualquer outra temperatura comprehendida dentro dos limites thermometricos da atmosphera; já porque, comparando a tabella de Melloni com a que Biot construiu, interpolando os resultados obtidos por Gay-Lussac, acha-se pequena differença entre ellas; já porque resulta das

[1] Biot e Gay-Lussac, tendo determinado experimentalmente os valores de δ e de π, tinham achado $\delta = \frac{5}{8} = 0{,}625$, e $\pi = 1290^{g}$; mas Regnault, determinando novamente estes valores por uma serie d'experiencias feitas com todo o esmero e delicadeza, achou $\delta = 0{,}622$, e $\pi = 1298^{g}$. Adoptamos de preferencia estes valores, ainda que não desconhecemos que sendo as differenças tão pequenas, como na realidade são, não influem sensivelmente nos resultados.

[1] Póde-se tambem achar o valor de P, procurando nas taboas, que vem nos tratados de physica, a densidade maxima do vapor aquoso á temperatura da observação. Como a densidade do vapor é tomada em relação á da agua distillada á temperatura de 4° cent., e um metro cubico d'agua n'estas circumstancias pesa 1.000.000 grammas, bastará multiplicar por 1.000.000 a densidade obtida, para termos, expresso em grammas, o peso d'um metro cubico de vapor no estado de saturação á temperatura existente. Multiplicando depois este peso pela fracção de saturação, teremos o peso do vapor contido em um metro cubico d'ar no momento da observação. Este methodo porém não é susceptivel d'uma exactidão sufficiente, quando t° é um n.° fraccionario, porque as taboas sómente dão as densidades do vapor correspondentes a temperaturas expressas por um n.° inteiro de gráus.

experiencias de Regnault, que as indicações do hygrometro de Saussure são sensivelmente independentes da temperatura.

A tabella de Gay-Lussac dá a tensão do vapor aquoso, que existe no ar, em relação á tensão maxima do mesmo vapor á temperatura da observação, representada por 100. Basta por tanto dividir por 100 o numero, que corresponde á indicação do hygrometro, para se obter o gráu d'humidade do ar. Se acharmos, por exemplo, que a tensão do vapor atmospherico, correspondente á indicação do hygrometro, é 48,51, teremos $f':f::48,51:100$, e por conseguinte: $\frac{f'}{f}=\frac{48,51}{100}=0,4851$. D'esta equação deduz-se $f'=0,4851\times f$; o que mostra que para termos a tensão do vapor atmospherico, expressa em millimetros, basta multiplicar a fracção de saturação pela tensão maxima do vapor á temperatura da observação. Conhecido o valor de f', facilmente se determinará o valor de P da maneira que já fica indicada.

Por meio d'este hygrometro a primeira quantidade, que se determina, é G; e como as outras duas se deduzem d'ella, não póde haver a menor incoherencia entre os valores de f', G, e P.

Psychrometro, ou hygrometro d'evaporação.

Por meio d'este instrumento, composto de dois thermometros, um sêcco, e outro, cujo reservatorio se entretem constantemente molhado, obtem-se o resfriamento produzido pela evaporação espontanea da agua; resfriamento, que é tanto maior, quanto maior é a differença entre a tensão do vapor aquoso, que existe no ar, e a tensão maxima do mesmo vapor á temperatura existente.

Dois methodos differentes se podem empregar para avaliar por meio d'este instrumento o estado hygrometrico da atmosphera. O primeiro consiste em determinar directamente o gráu d'humidade do ar pela formula de Peclet: $G=\frac{R.r}{R}$ sendo r o resfriamento produsido pela evaporação da agua no momento da observação, e R o resfriamento produzido pela evaporação do mesmo liquido no ar perfeitamente sêcco á temperatura da observação. O valor de r é dado pela differença entre as indicações dos dois thermometros, e o de R por uma tabella construida por Gay-Lussac, que determinou experimentalmente o resfriamento produzido pela evaporação espontanea da agua no ar perfeitamente sêcco a differentes temperaturas comprehendidas entre 0° e 25° cent.

O segundo methodo consiste em determinar directamente a tensão do vapor contido no ar pela formula de Regnault $f'=f''-\frac{0,429(t-t')A}{610-t'}$, sendo t a temperatura do ar ambiente, dada pelo thermometro sêcco, t' a temperatura indicada pelo thermometro molhado, f'' a tensão maxima do vapor a esta temperatura, e A a altura do barometro no momento da observação.

Qualquer que seja o methodo, que se adopte, calculam-se sempre as outras duas quantidades relativas ao estado hygrometrico do ar, partindo do valor da primeira.

Abstrahimos das imperfeições de cada um dos referidos hygrometros, e dos erros, que se podem commetter no valor da quantidade, que é determinada directamente pela indicação do instrumento; o nosso fim foi simplesmente o fazer ver que, qualquer que seja o hygrometro empregado na observação, nunca póde haver disparidade entre os valores das tres quantidades G, f' e P, a não se empregar um methodo differente para avaliar cada uma d'ellas, o que seria grande e indesculpavel desacerto. O observador póde servir-se ao mesmo tempo de dois ou mais hygrometros; é este até o meio de poder obter resultados mais exactos: mas, depois de haver tomado o termo medio dos valores d'uma mesma quantidade obtidos pelos differentes hygrometros, é d'este valor medio que elle se serve, como mais exacto, para calcular as outras quantidades. Se um dos hygrometros, por ex. der o valor de f', e o outro o de G, calcularemos o valor de f', deduzindo-o do valor de G dado pelo segundo hygrometro, ou o de G, deduzindo-o do valor de f' dado pelo primeiro hygrometro; teremos assim dois valores de f', ou de G, cuja semi-somma dará um valor mais proximo do verdadeiro, e do qual nos serviremos para calcular as outras duas quantidades.

Parece-nos que este methodo é não só o mais racional, mas ainda o unico admissivel; e se assim é, d'onde provém as anomalias, que se notam nos mappas meteorologicos do sñr. Pegado? Eis ahi a nossa duvida, e a pergunta, que fazemos ao distincto professor da eschola polytechnica, confiados em que s. s.ª terá a bondade de nos responder com aquella urbanidade, que lhe é propria, e que tanto o characterisa.

S.

AS MEZAS GYRANTES,

CONSIDERADAS NAS SUAS RELAÇÕES COM A MECANICA E COM A PHYSIOLOGIA.

Adeòne me delirare censes, ut ista esse credam?
Julgas tu, que eu delire a ponto de accreditar em similhantes cousas?
(CICERO, Tusculanus, liv. 1.)

Trata-se de explicar os factos seguintes: Muitas pessoas pôem se em roda de uma meza, ou de qualquer outro objecto movel; e assentam as mãos em cima, estabelecendo

além disso um ligeiro contacto entre as extremidades dos dedos. Passado um certo tempo, que, em muitos casos, póde exceder de alguns quartos d'hora, a meza, impellida pelos pequenos impulsos concordantes das mãos sobrepostas, começa a mover-se para a direita ou para a esquerda. Este movimento póde ter uma energia consideravel, que hora se manifesta por uma velocidade muito consideravel no corpo movel, hora por uma forte resistencia, que se experimenta quando se pertende fazel-o parar. Depois que as mesmas pessoas conseguiram dar movimento á meza, torna-se muito menos necessario o contacto das extremidades das mãos, e muitas vezes os diversos operadores podem obrar izoladamente. A pressão das mãos determina não só movimentos de rotação na meza, mas além delles energicos balanços para um e para outro lado.

Todos estes effeitos são, por assim dizer produzidos, sem conhecimento dos operadores, por esses pequenissimos movimentos designados com o nome de movimentos involuntarios, e de que nós, ao que parece, não temos consciencia. Estamos no caso da varinha do condão, do annel suspenso por um fio que se appoia sobre a testa olhando para uma designada direcção, e de todos esses movimentos, que o pasmo, a admiração, o receio, a surpreza, e em geral as sensações imprevistas, determinam espontaneamente em nossos orgãos. Accrescente-se, que basta uma ligeirissima manifestação da vontade, para fazer mudar o sentido do movimento da direita para a esquerda, ou *vice versa*. Finalmente é uma circumstancia favoral á experiencia, que não haja de parte dos actores um influxo hostil á manifestação que se espera, porque esse influxo ainda que seja individual, quando for muito pronunciado, póde conseguir que se paralyse a acção dos operadores, que, a não ser isso, teriam alcançado um resultado consideravel e prompto.

Quasi que não acabariamos, pertendendo fazer uma lista dos effeitos ou pertendidos effeitos, que *em vez de se não poderem explicar, estão pelo contrario longe de se poderem confirmar*. Para comprehender porém a razão, por que as maravilhas attribuidas ás mezas gyrantes tem ganho credito para com grande numero de pessoas, bastará dizer que é muito natural que a imaginação; com o seu amor innato do maravilhoso e das emoções novas, tenho visto prodigios naquillo que não sabe explicar, e que é natural tambem que as mãos, com a sua força muscular activada por um effeito nervoso, ponham em movimento um corpo movel qualquer. E não esqueça que só pertendemos explicar um facto physico, sem querermos fazer valer as considerações logicas, que alias já foram desenvolvidas com grande superioridade por intelligencias de primeira ordem. Não basta fazer um milagre; é necessario ainda que esse milagre não seja um absurdo; e será absurdo, se estiver em contradição com as leis da natureza. Desde os magicos de todas as epochas da antiguidade, os endemoninhados da edade media, a astrologia, os convulsionistas de S. Médard, as curas miraculosas de Mesanes, o magnetismo animal, até as mezas gyrantes actuaes, todas essas epidemias da credulidade publica, reforçadas pela ignorancia e pela velhacaria, tem todas um ponto commum — o absurdo e o ridiculo. Sem ser necessario appelar para os que pensam a sangue frio nas crenças em effeitos sobrenaturaes, basta ver como julga cada edade as das edades precedentes Cicero não concebia como dois aruspices podessem olhar um para o outro sem se rirem, e nós, nós agora, não concebemos como o povo romano podia ver os dois impostores sem lhes dar bordoadas. O romano que atirava ao rio com os frangos sagrados que recusavam comer, dizendo com razão, que, visto não quererem comer, cumpria dar-lhes de beber, faria melhor em atirar em vez dos frangos, com aquelles, que d'isso formavam prognosticos e oraculos. Nós que somos d'este seculo, eminentemente tolerante, não atiremos com ninguem ao rio, mas para tirar toda a força á má fé, opponhamos o ridiculo ao impossivel que se condecora com o nome de maravilhoso. Pondo de parte tudo o que está fóra da alçada dos conhecimentos positivos, vejamos como a sciencia do organismo, a *physiologia*, e a sciencia do movimento, a *mecanica*, explicam esses impulsos energicos, impressos a massas muitas vezes assaz pesadas por operadores que produzem esse effeito quasi sem o perceber. Isto é que é extraordinario. Mas uma multidão immensa de factos analogos se appresentam a quem possue o segredo d'estes singulares movimentos involuntarios.

Todos convem que, em resultado das frequentes relações entre o corpo e a alma, não é possivel conceber um pensamento relativo a movimentos, sem que o corpo se não resinta involuntariamente. Um lord inglez affirmava, que o seu cavallo estava por tal fórma adestrado, que bastava vir-lhe á idêa o movimento que queria que elle executasse, para que de prompto fosse realisado. « Com effeito, dizia elle, o cavaleiro, que pensa n'uma evolução qualquer, faz sem querer um movimento em harmonia com esse pensamento, e por mais ligeiro que seja esse movimento, o meu cavallo percebe-o e obedece. »

É um effeito do mesmo genero que se produz na acção das mãos assentes sobre a meza. No momento em que, depois de uma expectativa mais ou menos longa, se chega a estabelecer uma trepidação nervosa nas mãos, e uma concordancia geral nas pequenas impulsões individuaes de todos os ope-

radores, é então que a meza recebe um exforço sufficiente e começa a mover-se. O contacto das extremidades das mãos obra tambem sem duvida pela communicação d'uma influencia nervosa insensivel, a fim de estabelecer a simultaneidade de acção. Até então, a pressão individual das mãos de cada pessoa, obrando só e desacompanhadamente, ou mesmo em contradicção, tornava-se inefficaz. Todos conhecem a grita fortemente rythmada, com que os obreiros e os marinheiros alcançam a concordancia d'acção necessaria em seus trabalhos. A influencia do rythmo musico para determinar a concordancia entre a acção de todas as mãos é tão real, que se tem visto mezas rebeldes, ou antes mãos inefficazes, darem resultados decisivos aos primeiros sons de um piano em que se toca qualquer peça com cadencia forte. Dir-se-nos-ha que as proprias mezas tem composto musica, e que deveriamos invocar esta auctoridade; concordamos, mas não queremos sómente, como se diz, *ter razão*, queremos alem disso *ter razão* rasoavelmente.

Eis-nos pois chegados ao ponto em que todos os operadores obram em harmonia pelo effeito do tempo e das probabilidades (e cumpre advertir ao leitor, que o não souber, que todas as *probabilidades* vem com o tempo a tornar-se em *certeza); mas* esta acção insensivel, que se produz desapercebida para cada operador, junctando-lhe a concordancia e a conspiração necessaria de todas as impulsões, esta causa, diremos nós, será assaz energica, assaz poderosa para dar movimento e mesmo uma grande velocidade a uma massa muito pesada? Vejamos o que a este respeito nos diz a physiologia.

Continua.

P. OVIDIO NAZÃO:

Dos Tristes — Livro 4.º: *Elegia* 8.ª

ARGUMENTO.

Queixa-se Ovidio já quinquagenario de haver encanecido em um paiz e região pessimos, quando devia estar gosando da patria, da companhia de sua esposa e dos seus amigos. Accrescenta, que se n'outro tempo o Oraculo de Delphos ou a Pomba Dodonêa lhe tivessem profetizado um tal futuro, não daria crédito algum aos seus pronosticos. Dá como verdadeirissima a sentença, de que não ha cousa tão forte que não esteja sujeita á vontade e ao poder divino. Admoesta por fim aos seus leitores que, escarmentados pelo que nelle observam, tratem de não desmerecer a benevolencia de Augusto.

Do cisne as plumas já na fronte imito;
Tinge-me a alva velhice a negra coma:
Os froxos annos, e da inercia a idade,
Já se apossam de mim, e até mal posso
Em pouco firmes pés suster meu corpo.
— O tempo era chegado, em que o remate,
Posto aos trabalhos meus, viver tranquillo
Devia, e sem temor, que me inquietasse;
Dar-me ao descanço, que á minha alma sempre,
Sempre tanto agradou: e aos meus estudos,
Em suave remanso entregue todo,
Celebrar minha casa exigua, e os velhos
Penates, e os paternos meus dominios,
Por seu senhor agora abandonados;
E da esposa no seio e netos caros,
Na patria minha envelhecer seguro.
Findar contava assim da idade os annos:
N'outro tempo, e de certo eu merecia.
Que d'elles este fosse o seu remate:
Mas dos Deoses não foi essa a vontade,
Que, por terra e por mar em longas vias,
A's sarmaticas plagas me arrojáram.
— Para que do alto mar não sejam presa,
Aos cavos estaleiros conduzidas,
São as náos das borrascas agitadas:
A fim de que não caia, e as muitas palmas,
Na carreira adquiridas, não deshonre,
Pasta nos prados languido cavallo:
Já sem prestimo o immerito soldado,
Junto aos lares antigos deposita
As armas, que empunhou, cingiu com gloria.
— Para mim, a quem já a idade inerte,
Minorára o vigor, tambem chegado,
Era o tempo de obter com a gladiatoria
Vara o repouso.... Sim este era o tempo;
E não de ser mandado em clima estranho,
Longe peregrinar, e a sede ardente,
Com a fria linha ir matar dos Getas;
Antes sim ir morar em ocio brando,
Nos hortos, que já tive, alli dos homens:
E de Roma gosando a convivencia.
— Ignaro do futuro, assim outróra,
Da velhice passar placido a vida,
Poder eu desejava ...... Mas adversos
Os fados encontrei, elles, que amenos,
Outorgando-me os meus annos primeiros,
Tão gravosos os ultimos me tornam,
E tendo lustros dez sem mancha alguma
Até agora vivido, hoje da vida
No mais duro quartel sou maltratado;
E ja proximo á meta, que eu julgava,
Quasi estando a tocar, minha carroça
Vejo em total ruina desfazer-se.
— É possivel, que estulto eu obrigasse
A irar-se contra mim, a quem mais brando,
Outro em si não comtem o Orbe immenso?....
Que os meus delictos a clemencia sua
Tendo excedido, do meu erro em pena;
Gosar me não negasse o bem da vida? ......
Devo pois ir viver da patria ao longe,
Debaixo do boreal eixo na plaga,
Do mar Euxino á esquerda collocada.
— Se o Oraculo de Delphos tal presagio,
E a propria Dodonêa me annunciassem,
Qualquer dos dous por falso o julgaria.
— Nada pois ha tão forte, bem que o prenda,
Diamantina cadêa, que aos de Jove
Firme resista rapidos coriscos;
Nada ha tão alto e sobranceiro aos p'rigos,
Que a um Deos não seja inferior, sujeito.
— Mas, bem que parte das desgraças minhas;
Deram á propria culpa a origem má;
Ainda assim foi maior do que ella o damno,
Que irrogou sobre mim a ira do Numen.
— Por meus desastres vós escarmentados,
Leitores meus, ficai; tornai-vos gratos,
Áquelle, que em poder iguala aos Deoses.

Continúa F. DE CARVALHO.

BREVES REFLEXÕES HISTORICAS SOBRE A NAVEGAÇÃO DO MONDEGO, E CULTURA DOS CAMPOS DE COIMBRA.

Continuado de pag. 215.

II.

Temos dado noticia de todas as obras que desde 1464 tem havido no encanamento do Mondego, citando egualmente a legislação que lhes diz respeito; tambem temos notado alguns defeitos, que, segundo o nosso parecer commetteram os antigos engenheiros; e agora não deixaremos de manifestar a nossa opinião em materia tão importante; nem era de suppôr que, tendo estudado com interesse este assumpto, e desejando vivamente o melhoramento dos campos de Coimbra, e da navegação do Mondego, não formassemos tambem um plano de canalisação; e ainda que elle não mereça ser adoptado, não nos restará a magoa de o deixar sem publicação. Mas antes de expor a nossa opinião diremos duas palavras que julgamos necessarias ácerca do primitivo leito do Mondego, e dos campos que lhe são contiguos.

Seria bastante penoso, mas não impossivel marcar ainda hoje os pontos, por onde o Mondego levava a sua corrente nos primeiros tempos da monarchia portugueza; não por meio de signaes graphicos ou vestigios, que desde esses tempos ainda existam na superficie do terreno; mas sim pela analyse das confrontações dos predios designadas nos documentos emphyteuticos cuévos, applicando-as agora aos mesmos predios mencionados n'aquelles documentos; mas como o nosso trabalho não exige tão rigorosa exactidão, prescindimos d'esse impertinente e desnecessario apuro, contentando-nos só com a indicação do meio, porque entendemos que é sufficiente declarar os pontos principaes que o rio banhava no seu curso desde a ponte de Coimbra até se perder no mar.

O Mondego, logo abaixo de Coimbra, seguia a direcção do norte, para onde ainda hoje mostra tendencia, até bater no monte da Geria, daqui era reflectido, seguindo para sudo-este, em angulo egual ao da sua incidencia; e depois de muitos e variados gyros tocava no monte da Ladroeira; daqui tambem, como na Geria, continuava o seu curso em linha de reflexão para sudo-este, formando depois uma grande curva pela raiz do monte de Verride, e d'outros que lhe são conjunctos, até cahir quasi perpendicularmente sobre o monte ao norte do campo, um pouco abaixo de Maiorca: correndo dahi em diante com uma direcção quasi em linha recta, encostado aos montes do norte, passava Lares, e continuava na mesma linha até aos montes de Lavos, depois de ter atravessado o campo perto do Canal, circumdava a Morraceira. Tendo-se approximado d'este smontes formava uma extensa curva até cahir na direcção de sul a norte sobre a villa da Figueira.

Era este, segundo parece, o leito primitivo do Mondego, que elle, sem auxilio algum da arte, tinha aberto pela sua propria força. É evidente que desde muitos seculos se devia ter reconhecido a necessidade de simplificar um alveo complicado com tão grandes tortuosidades. Ainda mesmo quando a cultura dos campos de Coimbra não carecesse deste melhoramento no alveo do rio, a commodidade dos povos, a facilidade da navegação, e a promptidão das relações commerciaes, reclamavam que o Mondego tivesse um leito regular e expedito; porque sendo, como é, a veia mais importante da vida commercial da dilatada provincia da Beira, nunca tão importante principio da prosperidade dos povos poderia ter o devido desenvolvimento, em quanto não se removessem os estorvos que impeciam á prompta navegação do rio

Perdeu-se uma bella occasião de praticar este interessante plano, e tarde virá outra. O sñr. Estevão Cabral tendo reconhecido as vantagens d'um encanamento em linha recta; foi mesquinho propondo ao Governo um projecto em rectas *partidas*; dizendo que — julgava de pouco damno as pequenas *torturas*, e *custosissima* a recta em tanta distancia [1]. Se mais de uma vez temos feito lembrar algumas faltas que o sñr. Estevão Cabral deixou no encanamento do Mondego, commettido á sua direcção, não é para de modo algum escurecer a memoria deste engenheiro, mas sim para evitar que algum outro com o mesmo encargo tenha no futuro de ser arguido por faltas semelhantes.

Dissemos que o Mondego, assim da Ladroeira como de Lares por diante se dirigia em linha recta para sudo-este até principiar a descrever grandes curvas pela raiz dos montes de Verride e de Lavos; e o sñr. Estevão Cabral reconheceu a utilidade que provinha de se abreviar o comprimento do antigo alveo, evitando aquellas duas extensas curvas, no que, segundo as medições por elle feitas, a navegação economisava cêrca de legua e meia de caminho; porque só a volta de Lavos tinha de mais do que em linha recta novecentas braças [2]. Este pensamento devemos confessal-o, é uma das partes mais importante do projecto d'aquelle hydraulico. Porem o resultado não correspondeu á esperança, por não se fazer bom uso dos meios, segundo os principios da sciencia; pertenderam obrigar a agua a correr por um leito, amoldado, não ao seu volume nem á direcção e força da corrente, mas sim ao capricho do engenheiro. Logo abaixo da Ladroeira abriram uma valla, e outra abaixo de Lares, que eram como perpendiculares ás rectas que

[1] §§. 32 e 35 da sua já citada Memoria.
[2] Ibid. §§. 10 — 20 — e 39.

o alveo antigo seguia n'estes sitios; é claro que nos pontos de partida se formaram angulos rectos relativamente á nova direcção, por onde quizeram forçar a corrente; para o conseguir obstruiram o leito velho para a agua retroceder para as vallas, e seguir por ellas, uma por Montemór, e a outra por Villa-Verde, até á Figueira [1]

Esta obra produziu bom effeito abaixo de Lares, onde hoje chamam — Volta. A inclinação do campo é aqui quasi imperceptivel, o seu plano acha-se como nivelado com o mar, e as aguas do rio encorporam-se ahi com as das marés, donde resulta chegar a este sitio a corrente do rio muito enfraquecida, e neste estado facilmente obedece á direcção forçada que lhe deram. Mas não aconteceu assim junto da Ladroeira; o effeito aqui foi deploravel. O Mondego tem n'este ponto uma violencia irresistivel, porque o plano do campo da Ladroeira é para cima muito mais inclinado do que dahi para baixo. Vieram as enchentes do inverno e arrebataram os tapumes com que tinham pertendido desviar a corrente do seu antigo caminho. D'esta obra resultou que n'uns annos corre a agua toda (no verão) pela volta de Verride; e n'outros divide-se em dous ramos, para aquella direcção que é a do antigo leito, e para a valla de Montemór; o que é mui prejudicial á navegação nos mezes do estio, por causa da escacez de agua.

Os principaes estudos hydraulicos do Mondego devem fazer-se no inverno, e á vista das grandes enchentes, observando-o em todo o curso desde Coimbra até á sua foz; as observações feitas no verão são enganosas. Nos mezes do estio, tem o Mondego a mansidão de cordeiro; mas no inverno apresenta muitas vezes a fereza de tigre embravecido

No principio do seculo 15.º ainda o Mondego, na occasião de grandes enchentes, não excedia os limites do seu leito; e se por ventura alguma vez os trasbordava, parece que a inundação não era geral ao campo; porque em documentos do principio d'aquelle seculo, e do fim do antecedente temos encontrado que os senhorios impunham aos inquilinos a obrigação de levarem os seus gados para as terras, e de fazerem ahi *pousadas* e *morada*, e de *morarem corporalmente por si e suas pessoas* nas terras [2]. No anno de 1362 (era de 1400) proferiu o vigario geral de Coimbra sentença contra um inquilino que negava o pagamento do dizimo do gado que creava nas terras que a egreja de S. Pedro tinha no campo do Ravanal, onde o inquilino era morador [1]. Isto prova que o campo era habitado em algumas partes, o que não aconteceria se as inundações fossem geraes. Estas condições tão vulgares nos contractos emphyteuticos d'aquelles tempos, raro apparecem nos documentos do meado do seculo 16.º, e dahi por diante caíram em desuso; donde se infere que o Mondego tinha naquelles tempos um alveo profundissimo, e que se a sua direcção fosse recta facilmente as marés poderiam subir até á ponte de Coimbra, ou proximo d'ella.

Continúa.

[1] Da doação d'Oveirôa (modernamente Morraceira) feita por D. Affonso Henriques consta que o Mondego perto de Lares soltava um braço em direcção á fóz; e que a maior porção do rio cingia o campo pelo lado de Lavos ficando por este modo todo o terreno da Morraceira cercado pelas aguas do Mondego

[2] Documentos do cartorio de S. Pedro de Coimbra, anno de 1395 e 1400 (era de 1433 e de 1438).

[1] Junto e á direita do Mondego, onde chamam Porto do Amial. — Neste pleito foi allegado por parte da senhoria, que era costume antigo pagarem os lavradores, que morassem nas terras, que as egrejas de Coimbra tinham no campo, o dizimo *dos frailes e crianças* (*creação*) *á egreja cujas forem as ditas terras.*

INSTRUCÇÃO PUBLICA E LITTERATURA NA LAPONIA.

Continuado de pag. 253.

A eschola de Lyksele, cuja existencia era d'aqui em diante tão poderosamente assegurada, empenhou-se com energia em cumprir a sua missão d'ensino e de moralisação. D'ella sahiu a maior parte dos parochos, que n'esta epocha foram providos nas egrejas da Laponia; d'ella sahiram numerosos mancebos, que trouxeram para a vida secular conhecimentos elementares, mas sufficientes, e serias disposições para a vida christã. Eis aqui como Scheffer narra um exame que teve logar na eschola de Lyksele em 1634.

» Os meninos cantaram primeiramente em côro os psalmos de David, traduzidos do sueco, como ha muitos annos se cantam nas egrejas do paiz: e os cantaram perfeitamente. Depois repetiram, cada um por sua vez, o livro elementar que contem não só as letras, mas tambem as partes do catechismo a saber, o padre nosso, o credo, o decalogo, a instituição do baptismo, e da eucharistia, em fim o *benedicite*, acção de graças depois da refeição, e as orações da manhã e da tarde. Todos os meninos leram correntemente; depois, os que estavam mais adiantados, responderam de cór distinctamente e sem se enganarem, ás perguntas do catechismo pequeno, e do mesmo modo diceram os evangelhos dos domingos e dias santos. Os examinadores ficaram surprehendidos vendo como esta mocidade barbara assim tinha aprendido facilmente e em tão pouco tempo os fundamentos da fé, que outros meninos mais instruidos, aprenderam com muito trabalho em maior espaço de tempo. »

As escholas da Laponia tiveram em 1723 maior desenvolvimento, e foram submettidas a nova organisação. Determinou-se que fosse

collocada uma eschola em cada egreja das sete principaes do paiz, e que todas dependeriam do consistorio de Hernösand. Cada eschola completa recebia do estado uma ajuda de custo annual para sustentar e vestir seis alumnos, pelo tempo que eram obrigados a seguir o curso que era biennal. Alem das sete escholas principaes, foram auctorisados a fundar outras mestres particulares, que sendo approvados pelo consistorio recebiam o salario de cincoenta e quatro tunnas [1] de covada, do qual vinte tunnas eram pagas em genero e o resto em dinheiro. Com este salario devia o mestre provêr á sua sustentação e de seis dos alumnos que frequentavam a sua eschola. Finalmente em muitos logarejos mais distantes alcançaram as escholas propriamente ditas muitos catechismos, que eram dos parochos ou de particulares.

Todavia os costumes nomades de grande parte dos Lapãos, e a difficuldade cada vez maior d'encontrar para os que tinham uma vida sedentaria, mestres sufficientemente instruidos e zelosos, fez vêr ao governo sueco que era impossivel de applicar a tal povo uma verdadeira centralisação escholar. Por tanto em 1820 a organisação das escholas da Laponia foi radicalmente modificada, ou antes foram as escholas supprimidas de facto. Foram substituidas por missionarios, uns collocados em districtos fixos, e outros encarregados de seguir a população nomade em suas peregrinações periodicas. Estes missionarios desempenham ao mesmo tempo as funcções de parocho e de mestre-eschola. O novo systema tinha sobre o antigo a vantagem de popularisar muito mais a instrucção que chegava d'este modo a todas as tribus do paiz, offerecendo tambem mais segurança pelo lado da moralidade e aptidão dos mestres.

Tal é o systema que ainda está presentemente em vigor na Laponia, e que a pezar d'algumas reclamações que se apresentaram, o governo sueco parece disposto a conservar.

Rev. de l'Instr. Publ. n.° 31.

DOCUMENTOS INEDITOS.

Carta que o viso-rei D. João de Castro escreveo a el-rei nosso senhor o anno de 46 (1546).

Continuado de pag. 254.

No mesmo dia me mandou a esta cidade Jordão de Freitas a elrei de Maluco prezo em ferros. E tanto que soube ser cheguado á barra, o mandei visitar ao mar, e ao outro dia o fiz desembarcar com grande aparato, e recebimento, aposentando-o em humas boas cazas, onde lhe mandava dar todo o necessario pera seu gasto, e despeza; assĩ pella preeminencia, que tinha de nome real, como por ter sabido antes de sua cheguada parte da sua muita inocencia, e da malicia de Jordão de Freitas: e assĩ mesmo como ficava Maluco em grande perigo, pola prizão, e máo tratamento, que fizeram a este rei. Porque depois de lhe roubarem, e saquearem suas cazas, e deitarem ferros, como a malfeitor, lhe forçaram suas molheres com tamanhas desonestidades, que se não podem dizer a v. a. Passados alguns dias depois da cheguada deste rei, me veio falar com hũa petiçã, requerendo-me, que lhe fizesse justiça, e mandasse ver as devassas, e autos, que Jordão de Freitas contra elle me mandava; e conforme a suas culpas o despachasse. Eu vi estas culpas, e devassas com todolos desembargadores; e por se não mostrar por ellas não ter elrei feito nenhũ desserviço a v. a., nem emcorrido em outra culpa algũa; antes se provar por muitas testemunhas, que mandei tirar no galeão, em que veio, como sempre e o servira bem, e verdadeiramente; e Jordão de Freitas fazer-lhe estas injurias, a fim de o desapossar do reino, afim de o dar a outro seu irmão, com quem Jordão de Freitas casára hũa sobrinha, que em Malaca tinha: conforme a justiça detreminei com os dezembargadôres, que elle fosse restituido em seu reino, e que Jordão de Freitas viesse prezo a esta cidade em ferros, e outras couzas, que v. a. verá na sentença, e autos que lhe mando. Para a publicação d'esta sentença delrei de Maluco mandei fazer hũ teatro grande no terreiro do Sabayo, muito bem aparamentado, aonde o mandei hir acompanhado de toda a nobreza, que na India avia, e eu acompanhado dos embaxadores, que n'esta cidade estavam, e dos desembarguadores o saí a receber, e o levei ao teatro de madeira, aonde estavam feitos assentos pera mĩ, e pera elle, e embaxadores, a cada hũ conforme a sua dignidade. E ali em prezença de todos mandei ao Ouvidor geral, que em voz alta lêsse a fórma da sentença. E acabado de ser lida, me alevantei do loguar, em que estava assentado e lhe meti na mão um ceptro, e D. Alvaro, meu filho lhe pôz a corôa na cabeça, mostrando-lhe per estas insignias que ficava outra vez rei, e mais honrado, que todos; pois té então a nenhũ outro fôra dado aquellas insignias reaes. Este auto foi mui solemne, e muito pera vêr, e de cobratmos grande reputação entre os mouros: e tanto, que ouve muitos dos embaxadores, que disserão, que hũ dos sinaes, que tinham da nossa lei ser milhor que a sua, fôra aquella maneira de justiça, que virão guardar-se a elrei de Maluco. E juntamente, em prezença de todos, em nome de v. a. encarreguei o cuidado da capitania de Maluco a Bernaldim de Souza, por sua bondade, e serviço, e cavalaria, que nelle há; o qual não somentes cabia nelle este cárrego, mas todolos grandes e honrados, que n'esta terra ha-

[1] Veja-se a nota da pag. 137 d'este jornal.

Pello que estou mui confiado, que nelle servirá tambem a v. a., como é a opinião, e confiança, que delle tenho. E entrando a monção, com que se parte para Maluco, mandei aparelhar elrei de todo o necessario pera a viagē, e dando-lhe muitas dadivas em nome de v. a., o mandei mui contente, e alegre pera seu reino.

A dez dias de março mandei Antonio de Souto-mayor com dez fustas á costa do Arabio, pera saber novas dos rumes: e lhe dei em regimento, que não entrasse das portas do estreito para dentro; mas que pola costa de Barbora e Zeyla trabalhasse de tomar lingoa, e saber o ponto, e estado, em que estavam as couzas dos rumes: e quando quer que o não podesse saber por esta parte atravessasse a Xael e Caxem, e por esta banda fizesse polas saber. E sendo caso, que achasse nova certa dos turcos passarem a Ormús, se fosse direitamente á ilha da Maceira, e nessa paragem andasse té o tempo, qua ahi podiam ser as nossas náos, que monção de março aviam de partir da India para Ormús, e avendo falla dellas, as fizesse arribar á costa da India. E tanto que o tivesse feito, se fosse com sua armada meter dentro da fortaleza de Ormús. Partido pois Antonio de Souto-mayor com este regimento, chegando ao monte felix encontrou hũ galleão de Coge Çofar, que vinha de Tanaçarim, muito bem armado, e artilhado, e cheio de rumes, e gente branca. Começando-se a peleja, Antonio de Souto-mayor emvestio com sua fusta o galleão, saltando dentro nelle por antre muitas bombas de fogo, pedras, e lanças, que lhe arremeçavam, afóra as frechas, bestas, e arcabuzes, que sempre tiravão, e confessou, que Luiz de Souza saltára diante delle. No que, a meu ver, ganhou maior honra, que no bom feito, que fez. Nesta fusta de Antonio de Souto-mayor hia dom Joam de Tayde, filho de dom Affonso de Tayde, e dom Vasco dalmada, filho de dom Alvaro d'Abranches, e Luiz de Souza, de que assima fiz menção, sobrinho do bispo dangra, nuno ferreira, filho d'antonio ferreira, francisco de crastro, filho d'antonio de crastro de monte-mór, Adrião pereira filho do porto-carreiro

E ao tempo de emvestir foi dom João todo queimado de polvora, assĩ de bombas, como doutros artificios, com que tiravão, e dom Vasco ficou muito ferido, e os mais dos Lascarins muito mal tratados: demaneira que abatalha foi mui porfiada; mas em fim o galleão foi emtrado por virtude, e esforço de Antonio de Souto-mayor, e de Luiz de Souza, e os turcos todos mortos, que serião por todos em numero setenta com os passageiros. Dos nossos Lascarins não morreo nenhũ; posto que a mor parte delles ficassem feridos, e queimados. Isto assim feito, mandou Antonio de Soutomayor o galeão caminho da India, e hũa fusta das suas em sua guarda, de que era capitão Alvaro Lopes, hũ valente Lascarim, e homem de bom viver, e que a muitos tempos que anda n'esta terra servindo v. a.: na qual companhia mandou dom João de Tayde, e dom Vasco, pera se virem curar das feridas. Os quaes quando chegarão a esta cidade se não podiam conhecer; porque dom João trazia todo o rosto queimado, e assim as pernas, e mãos, sem ter nenhũa semilhança do que era: dom Vasco vinha mui maltratado das feridas, de maneira que, se os v. a. vira nesse ponto, sem mais lhe lembrar os merecimentos de seus pays, e avós, não tenho nenhũa duvida, que tardára pouco de lhes fazer mercê das melhores fortalezas da India. Eu os mandei curar, e fazer todolos remedios possiveis, de maneira que vierão a sarar; mas depois de sãos, veio dom Vasco a adoecer de febres, e estando doente, lhe deo hũ accidente de colyqua, ou mordexim, como qua chamão, de que faleceo.

Era dom Vasco gentil mancebo, muito esforçado, dado a bõs costumes. Parece, que os trabalhos da viagem, que forão grandissimos, e as feridas, que ouve forão causa de sua doença, e morte, per onde com muita rezão deve v. a. satisfazer a seu páy e irmãos seu serviço. Tornando Antonio de Souto-mayor a fazer sua viagem, chegou a Barboraa, e Zeila, onde soube as novas dos rumes: mas por de todo se certyficar, atravessou a outra costa. E estando surto em hũa enseada, que está defóra das portas do estreito, vierão ter com elle duas náos de Coje Çofar, e hũ parão, muito bem armadas, e cheias de gente. Saindo a ellas se comessou a peleja muito forte: porque a náo maior deu hũ cabo á menor, metendo o parão no meio: e como quer que vinhão artylhadas, e trazião grão copia de gente de guerra, frecheiros, e arcabuzeiros, e o mar andasse grosso, não podiam as nossas fustas chegar a ellas, por melhor vontade que Antonio de Soutó-mayor para isso tinha; mas trazendo-as rodeadas, lhe fazia a guerra de fóra. E tanto se veio a esquentar, que se meteu com a sua fusta antre as náos, e lhes cortou o cabo; posto que com muito risco de sua pessoa, e de todos os que com elle hião E como as apartou, per essa via emvestio a mais pequena, apegando-lhe fogo, de maneira que ardeo com toda a fazenda, que nella hia. E logo se foi ao parão, o qual tomou, e queimou. Em quanto se estas couzas faziam, a outra não teve tempo de se acolher, e entrar pera dentro do estreito. Este feito de Antonio de Souto-mayor foi mui fallado, e deu grande reputação aos portuguezes. Nesta segunda peleja foi morto Luiz de Souza, de que assima falei, de edade de dezoito annos: morreo dũa bombardada, que lhe deu pellas ilhargas. E assĩ foi morto tãobē Francisco de Castro de hũ pellouro, que lhe deu pellos peitos, que o espedassou.

Continúa. N.

ESTATISTICA PATHOLOGICA DOS HOSPITAES DA UNIVERSIDADE.

HOMENS. — SEMESTRE DE JULHO A DEZEMBRO DE 1853.

	MOLESTIAS.	EDADES				Curados.	Melhorados. Não curados.	Fallecidos.	Total.
		Até 14 annos.	De 14 a 28.	De 28 a 56.	De 56 por diante.				
2	Febre simples		2			2			2
1	Febre inflammatoria		1			1			1
12	Typho	1	5	5	1	5		7	12
22	Febre gastrica	3	5	4	3	14	1		15
	» » *Rheumatismo articular chronico*			1		1			1
	» » *Bronchite*		1	1		2			2
	» » *Blenorrhagia*			1		1			1
	» » *Obstrucção do baço e figado*				1	1			1
	» » *Tumor inflammatorio no abdomen*			1			1		1
	» » *Ulceras atonicas n'uma perna*				1			1	1
3	Febre gastrica verminosa		2	1		3			3
178	Febre intermittente	15	52	33	15	114	1		115
	» » *Pneumonia*			1				1	1
	» » *Bronchite*		2	2	1	5			5
	» » *Ascite*			1	2	2		1	3
	» » *Diarrhea*			1		1			1
	» » *Obstrucção do baço*	5	30	12		33	14		47
	» » *Obstrucção do figado*	1				1			1
	» » *Obstrucção do baço e figado*		1	1		1	1		2
	» » *Ulceras atonicas nas pernas*		1			1			1
	» » *Tinha*	1				1			1
	» » *Sarna*	1				1			1
16	Febre intermittente gastrica		9	4	2	13	2		15
	» » » *Obstrucção do baço*		1			1			1
1	Meningite				1			1	1
3	Stomatite		1	2		3			3
1	Angina		1			1			1
28	Pneumonia	3	6	10	5	16	1	7	24
	» *Hemophtyse*		1				1		1
	» *Hemorrhoidas*			1		1			1
	» *Obstrucção do baço*		2			1	1		2
2	Pleuriz			2		2			2
1	Pleuro-pneumonia			1		1			1
3	Gastrite chronica		1	2			3		3
3	Enterite		1	1	1	3			3
1	Gastro-interite — *pneumonia*			1				1	1
1	Otite	1				1			1
4	Hepatite		2	2		3	1		4
4	Splenite		2	2		4			4
6	Cystite		3	1	2	3	3		6
7	Ophtalmia		1	5	1	4	3		7
5	Erysipela na face			2		2			2
	» n'uma perna		1	1		2			2
	» n'uma perna — *osteite*		1			1			1
4	Rheumatismo articular		1	2		2	1		3
	» » *Syphilis geral*			1				1	1
8	Rheumatismo articular chronico		2	4		6			6
	» » *Apoplexia serosa*			1				1	1
	» » *Ascite*			1		1			1
2	Pleurodynia		1	1		2			2
11	Lumbago		3	6	2	10	1		11
24	Bronchite	1	8	6	5	20			20
	» *Febre intermittente*			1		1			1
	» *Lumbago*				1	1			1
	» *Ascite — febre intermittente*				1	1			1
	» *Hypertrophia do coração*		1				1		1
12	Bronchite chronica		4	5	1	6	4		10
	» *Obstrucção do baço*			1			1		1
	» *ulceras atonicas nas pernas*			1		1			1
1	Bronchite vesicular — *Ascite*	1						1	1
9	Saburras gastricas	2	3	4		8	1		9
1	Mania			1		1			1
1	Epilepsia		1			1			1
1	Cephalalgia			1		1			1
2	Asma		1	1		2			2
2	Otalgia		2			2			2
9	Gastralgia		1	6	1	5	3		8
	» *Cancro na glande*				1		1		1

	MOLESTIAS.	EDADES				Curados.	Melhorados. Não curados.	Fallecidos.	Total.
		Até 14 annos.	De 14 a 28.	De 28 a 56.	De 56 por diante.				
1	Collica			1		1			1
1	Apoplexia			1		1			1
1	Paralysia da bexiga				1		1		1
2	Hemiplegia				2		1	1	2
1	Paraplegia			1			1		1
1	Dyspepsia				1	1			1
25	Tisica pulmonar		7	13	5		11	14	25
1	Tisica laryngea		1					1	1
28	Ascite		2	12	3	7	4	6	17
	» *Pneumonia*				1			1	1
	» *Bronchite*				1			1	1
	» *Anasarca*		2	2	1	4		1	5
	» *Anasarca — febre intermittente*			1				1	1
	» *Obstrucção do baço*	1		2		3			3
3	Hydrocelle	1			2	3			3
7	Anasarca	1	1		1	2		1	3
	» *Febre intermittente*	1						1	1
	» *Diarrhea*		1		1			2	2
	» *Obstrucção do baço*			1		1			1
3	Edemacia nas pernas		1		2	3			3
2	Hemoptyse		1	1			2		2
2	Hematemese		2			1		1	2
3	Hemorrhoidas		1	1	1	3			3
1	Hematuria			1		1			1
4	Diarrhea		2	1	1	2		2	4
2	Escorbuto			1		1			1
	» *Obstrucção do baço*			1		1			1
4	Ictericia		1	1	2		2	2	4
2	Escrophulas	1	1			1	1		2
34	Blenorrhagia		16	10	2	25	3		28
	» *Paraphimosis*		1	1		2			2
	» *Cancros syphiliticos*		2			2			2
	» *Condylomas*		1			1			1
	» *Orchite*			1		1			1
7	Cancros syphiliticos	1	4	2		6	1		7
12	Bubões syphiliticos		8	4		12			12
13	Dores osteocopas		5	7	1	13			13
6	Hypertrophia do coração		2	2			3	1	4
	» » *Congestão pulmonar*			2		2			2
1	Aneurisma do coração		1					1	1
1	Congestão pulmonar — *Laryngite chronica*		1			1			1
1	Hepatisação pulmonar		1			1			1
10	Obstrucção do baço	2	5	1	1	9			9
	» » *Bronchite*		1				1		1
1	Obstrucção do baço e figado — *Ascite*				1	1			1
1	Obstrucção do figado — *Ascite*				1	1			1
1	Cirro do figado — *Ictericia*		1					1	1
4	Vermes		4			4			4
2	Balanite		1		1	2			2
6	Orchite		5	1		6			6
1	Inflammação n'uma verilha		1			1			1
2	Tumor inflammatorio n'uma verilha		1			1			1
	» » n'uma perna		1			1			1
2	Tumor frio na rigião lombar			1			1		1
	» n'uma coxa	1				1			1
2	Phleimão		1	1		2			2
1	Furunculo		1			1			1
1	Antraz no dorso				1	1			1
7	Abcesso				1			1	1
	» no thorax			1		1			1
	» n'um braço			1		1			1
	» na articulação coxo-femoral direita		1					1	1
	» na região poplitea			1		1			1
	» n'um joelho			1		1			1
	» n'uma perna		1			1			1
2	Fistula no peito		2			1	1		2
2	Escoriações nos pés		1	1		2			2
1	Endurecimento d'um testiculo		1			1			1
1	Polypo nas fauces		1				1		1
1	Cirro no labio inferior				1	1			1
1	Gangrena n'um braço (consecutiva a ferimentos por arma de fogo)			1				1	1
1	Gangrena d'um dedo das mãos (por um ferimento)				1	1			1

	MOLESTIAS.	EDADES				Curados.	Melhorados. Não curados.	Fallecidos.	Total.
		Até 14 annos.	De 14 a 28.	De 28 a 56.	De 56 por diante.				
13	Feridas simples na cabeça		1	2		3			3
	» » no peito			1		1			1
	» » nas extremidades		3	5	1	9			9
4	Feridas contusas nas extremidades	1	1	2		4			4
2	Feridas por arma de fogo			2		2			2
3	Queimaduras	1	2			1	1	1	3
14	Contusões na cabeça		1	3	1	5			5
	» no tronco		1	1	1	3			3
	» nas extremidades	2	2	2		6			6
52	Ulceras	1	23	18	2	40	3	1	44
	» escorbuticas		1			1			1
	» syphiliticas		1	1	1	1	2		3
	» psoricas		3	1		3	1		4
1	Cataratas			1			1		1
7	Distensão de ligamentos no collo			1		1			1
	» » nas extremidades		3	3		6			6
1	Luxação da articulação ileo-femoral direita		1				1		1
9	Fractura d'uma clavicula			1		1			1
	» d'uma homoplata				1		1		1
	» d'ambas os braços.		1			1			1
	» do femur direito	1				1			1
	» da rotula			1		1			1
	» da tibia	1	1	2		4			4
9	Espinha ventosa nas extremidades	3	5	1			9		9
2	Ephelides	1		1		2			2
1	Erythema		1			1			1
12	Herpes		6	4	2	9	3		12
10	Tinha	7	3			9	1		10
4	Sarna	2	1	1		4			4
2	Syphilides		1	1		2			2
4	Elephantiase		3	1			4		4
19	Molestias não classificadas [1]		4	10	4	3	10	5	18
778		64	326	291	97	591	117	70	778

[1] O impedimento d'um empregado da aceitação deu logar ao extravio de 11 papeletas, cujo numero inclui nas molestias não classificadas, tomando o arbitrio de fazer uma distribuição proporcional das edades respectivas. Na maior parte das outras 7, houve descuido de se lhe pôr o diagnostico da molestia. Estas e outras faltas continuarão a ser postas debaixo da mesma epigraphe com as molestias que não se poderem capitular.

Movimento	*Julho*	*Agosto*	*Setembro*	*Outubro*	*Novembro*	*Dezembro*	*Semestre*
Existiam	112	125	102	106	125	133	
Entraram	129	136	124	148	134	123	794
Sairam	103	145	108	122	110	120	708
Falleceram	13	14	12	7	14	10	70
Relação dos fallecidos para os entrados	1:9,9	1:9,7	1:10,3	1:21,1	1:9,5	1:12,3	1:11,3
—— para os saidos	1:7,9	1:10,3	1:9	1:17,4	1:7,8	1:12	1:10,1
—— para todos os tratados (existentes e entrados)	1:18,5	1:18,6	1:18,8	1:36,2	1:18,5	1:25,6	1:12,9

Movimento de todas as enfermarias dos hospitaes da universidade no anno, de janeiro a dezembro de 1853.

Existiam	243
Entraram	2618
Sairam	2378
Falleceram	244
Relação dos fallecidos para os entrados	1:10,7
——— para os saidos	1:9,7
——— para todos os tratados (existentes e entrados)	1:11,7

N'este semestre completou-se a mudança do hospital da Conceição, para os edificios do Collegio das Artes e S. Jeronymo, a qual se tinha começado em 5 de janeiro [1]. Mudou-se a enfermaria de homens de molestias cirurgicas, para o Collegio das Artes, em 11 de setembro; a 10 de novembro passou para o Collegio dos Militares o hospital de S. Lazaro, que estava em S. Jeronymo; e nos dias 16 e 18 foram mudadas as mulheres do hospital da Conceição para este edificio de S. Jeronymo.

Os dois edificios do Collegio das Artes e S. Jeronymo, contiguos em paredes meias, já se encontram communicados, formando uma só casa que, pela sua posição, capacidade, exposição, e construcção susceptivel de se adaptar ás commodidades do serviço e boas condições de hygiene, pode tornar-se *um magnifico hospital, um dos melhores hospitaes da Europa*, como disse, n'este jornal n.º 18, pessoa muito competente, e que tem visto os bons hospitaes das nações mais civilisadas.

Quem observou a marcha aterradora de muitas molestias, o caracter pernicioso e imprevisto que tomavam, as mortes inopinanas que appareciam, e todo o quadro doloroso dos doentes amontoados no hospital da Conceição; se o comparar com o quadro lisongeiro que hoje offerece o do Collegio das Artes, não deixará de attribuir grande parte da feliz differença ás melhores condições hygienicas d'esta casa, e principalmente á sua vasta capacidade e ventilação, que permittem aos doentes um ar mais puro, ainda susceptivel de se melhorar com um systema de ventiladores pouco dispendioso.

A estatistica necrologica dos hospitaes da universidade póde hoje mostrar-se com vantagem sobre a dos hospitaes de S. José de Lisboa, Santo Antonio do Porto, e ainda mesmo sobre a maior parte dos principaes de Hespanha, França, Inglaterra e Belgica, como se vê do seguinte mappa.

[1] Veja o n.º 19 d'este jornal pag. 232.

Annos.	*Hospitaes.*	*Relação dos fallecidos para os entrados.*
1853	Hospitaes da universidade de Coimbra	1:10,7
1852	Hospital de S. José e annexos de Lisboa [1]	1:5,65
1852 a 1853	Hospital de Santo Antonio, do Porto [2]	1:8,43
1852	Hospital geral de Madrid [3]	1:7,38
Media d'alguns annos anteriores a 1852 [4]	Hotel-Dieu	1:7,45
	Charité	1:8,89
	Rouen	1:7,5
	S. Denis	1:14.42
	Versailles	1:9,3
	Leon	1:11
	Vienna	1:12,5
	Londres	1:8

[1] Gazeta medica de Lisboa n.º 1.
[2] Id. n.º 15.
[3] Id. n.º 5.
[4] Jornal de pharmacia e sciencias accessorias de Lisboa n.º de dezembro de 1852.

A. A. DA COSTA SIMÕES.

᪀ Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA. — PROGRAMMAS.

FACULDADE DE PHILOSOPHIA.

1853—1854.

5.º ANNO — 7.ª CADEIRA.

AGRICULTURA — ECONOMIA RURAL — VETERINARIA E TECHNOLOGIA.

Lente. — *Dr. Manoel Marques de Figueiredo.*

AGRICULTURA.

INTRODUCÇÃO. — Differentes modos de considerar e estudar a agricultura como officio, arte e sciencia — agronomia — indole da cadeira — divisões — 1.ª lavoura (arvicultura) 2.ª hortas (horticultura) — 3.ª arvores e arbustos (arboricultura) — 4.ª jardinagem (floricultura) — historia da agricultura — progresso — meios — sociedades e institutos agricolas — quintas exemplares, escholas e bancos ruraes — leis proctetoras.

METEOROLOGIA PROPRIAMENTE DICTA, CLIMATOLOGIA E METEOROGNOSIA AGRICOLAS. — *Climas e sua influencia na agricultura.* — Atmosphera — acção chimica, e physica ou mechanica, pressão, movimento, ventos — densidade — humidade e secura — nuvens — nevoas — chuvas — temperatura — influencia sobre as funcções vitaes das plantas — acção physica, tanto sobre os vegetaes, como sobre os meios que os cercam — orvalhos — geadas — congelação — luz, — influencia na vegetação — electricidade, sua influencia — situação, que comprehende a latitude, elevação, exposição, inclinação, posição maritima ou interior, abrigos — montanhas — florestas — plantações — constituição geologica — subsolo — avaliação do clima e determinação das differentes regiões agricolas — região da oliveira — da vinha — dos cereaes — dos pastos — das florestas = limites — caracteres meteorologicos, e agricultura de cada uma das referidas regiões — meios de prever o tempo — prognosticos pelos instrumentos, astros, atmosphera, vegetaes, animaes, phenomenos vitaes, diversos.

AGROLOGIA. — *Sólo.* — Composição, elementos mineralogicos — propriedades — classificação — bases dos differentes systemas de classificação — 4. classes — terreno argiloso — silicioso — calcareo — humoso — subdivisões — meios de o conhecer — propriedades physicas — vegetação espontanea — analyse chimica — subsolo — phorometria — agronometria — statica agricola ou gráu de fertilidade das terras.

Correctivos — *(adubos mineraes).* — Considerações geraes — divisão — mechanicos e estimulantes — cal — marga — caliça — gesso — cinzas — incineração ou queimadas — sal commum — acção — processos — proporção, e utilidade de todas estas substancias.

Estrumes — *(adubos organicos).* — Estrumes vegetaes — partes verdes — mortas ou seccas — de fructos e sementes — de plantas aquaticas de agua doce — de plantas marinas — estrumes animaes — partes solidas — molles — liquidas — materias excrementicias — malhadas — columbino — guano — *poudrette* — estrumes mixtos ou compostos — processos. — Considerações geraes — influencia — composição — grau de fermentação e acção — condições para o fabrico dos estrumes mixtos — preceitos na sua applicação — quantidade — epocha — logar — profundidade.

Operações agricolas para tornar cultivavel o solo. Arrotenção — borralheiras ou queimadas — construcção de diques — esgoto.

Machinas e instrumentos agrarios. — Arado propriamente dicto, ou charrua simples — de Provença — de Dombasle ou de Roville. — Arados de esteio e de roda — de Brabant — de Molard — escocez — americano. — Arados de duas rodas — charrua Rosé — charrua de jogo dianteiro — de aiveca fixa — Guilherme — de Brie — Grangé — Americana — de aiveca amovivel — de duas aivecas — de aivecas moveis sobre um eixo. — Arados e charruas de muitas relhas — dupla de Valcourt — de Guilherme — de Barouville — de Trochu. — Charrua esqueleto. — Extirpador — enchada a cavallo — de Dombasle — Wilkie — de Hayward. — Escarificador — Guilherme — de Coke — de rotação de Morton. — Grade triangular — quadrangular — curva simples ou dupla. — Rolo ou cylindro — de anneis — de meio caixilho — de caixilho completo — liso — estriado — de dentes — de discos. — Pás — enchadas — picões — alviões — sachos — ancinhos etc. — Sementeiros de cylindro — tambor, de palheta ou pá — Polaco — de Dombasle em Roville — de Hunter — de Tull, modificado por Hill — de Hugues — Barril sobre rodas — de Scipião Morgue — de capsula, ou lanterna — de Norfolk. — Foucinho — fouce — gadanha — fouce roçadoura etc. — Machinas de ceifar — de Smith — de Bell. — Machina de debulhar — malhos — malhos e cylindros — rolos — canellados — de Lasteyrie — trilho — machinas do Meikle — de Molard. — Ventilador — simples — duplo. — Limpador. — Machina de extender o feno — ancinho de rotação. — Instrumentos e machinas de transporte.

Operações geraes de cultura. — §. 1.º Lavra — profundidade — numero — epochas — differentes especies — direcção.

§. 2.º Sementeiras — condições — escolha — preparação — epocha — profundidade — quantidade da semente — processos da sementeira.

§. 3.º Amanhos posteriores — sachas — mondas — arrendas — regas — por aspersão — irrigação ou inundação — infiltração — considerações relativas á qualidade — epochas — quantidade e orgãos a regar — machinas de elevar a agua — baldes — bomba — noras — rodas hydraulicas — cegonhas — alavancas hydraulicas — fachas hydraulicas, carneiro hydraulico — parafuso d'Archimedes, etc.

§. 4.º Colheitas — precauções e preceitos geraes.

NOSOLOGIA VEGETAL. — *Molestias e damnos a que estão sujeitos os vegetaes*, e *meios de os remediar.* —

§. 1.º Molestias organicas e agentes externos — lesões accidentaes — acção da temperatura, agua, ventos, saraiva — lesões internas — affecções produzidas por desarranjo das funcções da vida vegetal por excesso, ou debilidade na vegetação — lesões externas ou feridas.

§. 2.º Plantas nocivas — parasitas — phanerogamas — cryptogamas — parasitas internas (parasitas intestinaes ou biogenas de De-Candolle) — ferrugem — carvão ou alforra — esporão ou cravagem — carie — plantas nocivas por simples approximação.

§. 3.º Animaes damninhos — mammaes — familias dos carnivoros — insectivoros e roedores — aves — molluscos — insectos — classes coleopteros, lepidopteros e dipteros — meios para evitar os seus estragos.

SYSTEMAS DE CULTURA. — Agricultura nomada ou pastoril — romana, ou dos pousios — d'alternações ou dos affolhamentos — divisão de Gasparin — systemas physicos — andro-physicos — androctycos (comprehendendo os systemas florestal, de pastos, celtico, das inundações temporarias, pouzios, culturas continuas e dos estrumes, quer exteriores, quer produzidos) = systemas intensivo e extensivo dos Allemães = theoria dos affolhamentos — diversas opiniões de Raspail — Liebig — De-Candolle, Gasparin e outros — leis dos affolhamentos — utilidades d'este systema — condições que modificam os giros quanto ao numero de annos e escolha de plantas.

GEOGRAPHIA AGRICOLA. — Naturalisação dos vegetaes — considerações geraes — differença entre naturalisação e aclimatação — modificações na applicação das leis da geographia botanica á geographia agricola — theoria das naturalisações — meios para conseguir a naturalisação e permutação das plantas dos diversos paizes — estufas — differentes especies quanto ao fim e temperatura — condições essenciaes na sua construcção — meios de elevar a temperatura — fermentação da casca do carvalho — caloriferos de ar e de vapor — tractamento das plantas nas estufas.

LAVOURA (ARVICULTURA). — *Considerações geraes* — sementeira — lavores d'entretenimento — regas — colheita — epocha — operações — ceifa — extracção — transporte — debulha — limpa. = Conservação das colheitas — armazenagem — medas — ordinarias — Inglezas — Americanas — Hollandezas. — Celleiros — condições — ordinarios — de Sinclair — Siros — condições — subterraneos — Egipcios — Romanos — Hungaros — do Lasteyrie — Lacroix, etc. aereos. — Culturas especiaes. — Cereaes — leguminosas de sementes farinaceas — raizes — forragens — pastos prados naturaes e artificiaes — oleaginosas — texteis ou filamentosas — aromaticas — tinctoriaes.

HORTAS (HORTICULTURA). — Noções preliminares — operações geraes de cultura — escolha — preparação e melhoramento do terreno — exposição e abrigos — sementeiras — lavores de entretenimento — sachas — mondas — arrendas — cuidados ás plantas — protecção — desbaste — plantação — regas — colheitas e conservação das sementes.

Culturas especiaes — culturas naturaes — culturas forçadas.

ARVORES E ARBUSTOS (ARBORICULTURA). — Regras geraes — sementeiras — transplantação — multiplicação por mergulhia — estaca, e enxertia — enxerto de encosto — de racha — de corôa — d'escudo — de flauta — inglez ou de copulação — herbaceo — póda — molestias e accidentes — debilidade — viço ou plectora — caria — cancro — gomma lepra — arroxeado — morilhão — feridas — plantas parasitas — insectos nocivos etc.

VERGEIS E POMARES (POMICULTURA OU POMOLOGIA). — Natureza e preparação do solo — exposição — clima — plantação — póda — differentes especies de póda — póda de Montreuil — de leque — palmar ou de Forsyth — fructificação e colheita — conservação dos fructos. = Culturas especiaes.

MATAS E FLORESTAS (SILVICULTURA). — Considerações geraes — vantagens das florestas em tres relações, terreno, clima e productos — escolha e preparação do terreno — arroteamento — esgoto de pantanos — sementeira — condições — escolha das essencias — bondade das sementes — quantidade — epocha etc. — plantações — condições — diversos modos de plantação — amanhos diversos — desbaste — côrte — conservação e manutenção dos bosques — applicações — avaliação das matas — differentes meios — instrumentos para conhecer a altura das arvores. = Culturas especiaes.

PAYSAGEM. — Noções geraes — corpos de arvoredo — tapumes — ruas de jardins — avenidas e estradas — plano de um jardim de paysagem — amanhos — decôte — tosquia.

JARDINS (FLORICULTURA). — Abrigos — cercas — tapumes — sebes vivas e mortas — estufas — utensilios — instrumentos e machinas de jardinagem — escolha e preparação do terreno — divisão e plano de um jardim — amanhos communs ás plantas de recreio. = Culturas especiaes.

ECONOMIA RURAL. — Introducção — divisões — 1.ª administração rural — 2.ª criação dos animaes domesticos — 3.ª industria agricola (artes agricolas).

1.ª DIVISÃO. — *Administração rural.* — Objecto — necessidade — vantagens — elementos da producção — trabalho — capital — terra — talento — que comprehendem 1.° — chefe do estabelecimento 2.° — a propriedade rural — procura — avaliação — acquisição — organisação — e administração da propriedade rural.

Chefe do estabelecimento — condições essenciaes n'elle — 1.° fundos industriaes, ou capitaes immateriaes — instrucção agricola — differentes modos de ensinar a agricultura — tres systemas d'ensino — disposições pessoaes — 2.° fundos productivos, ou capitaes materiaes — proprios, ou de credito — bancos agricolas — excellencia dos bancos escocezes de circulação, deposito e credito.

DA PROPRIEDADE RURAL. — *Escolha da propriedade.* — Condições geraes — estado physico, politico, administrativo, economico e industrial do paiz — condições especiaes — estado actual, preço etc.

Avaliação da propriedade rural. — Dous systemas — 1.° historico ou tradicional — avaliação em globo — pelos impostos — pelos arrendamentos — parcellar — pelas colheitas medias, e despesas — 2.° systema racional — systema de Thaer, Wught, e Kreyssig — avaliação da producção vegetal, animal e fabricas agricolas — avaliação dos bens de raiz e moveis.

Acquisição da propriedade rural. — Exame da origem e natureza da propriedade, e condições com que possa estar onerada — medição — limites — cadastro — contracto — condições e formalidades — exploração pelo administrador e pelo rendeiro — arrendamento por metade dos fructos — ordinario — condições e clausulas diversas do arrendamento — formulas — differentes especies de arrendamento, como o emphiteutico e outros.

Organisação da propriedade rural. — Escolha do systema de cultura — diversos serviços — 1.° serviço dos capitaes — capital de acquisição e de grangeio — fixo ou movel — avaliação dos capitaes — 2.° serviço pessoal — chefe do estabelecimento e ajudantes — qualidades — numero — condições do ajuste — jornaleiros — aprendizes — 3.° serviço da propriedade — extensão — melhoramentos — principios economicos — calculo — operações topographicas — agrimensura — nivelamento — plano de caminhos, canaes etc. — carta topographica — plano de melhoramentos — construcções ruraes — condições geraes como localidade, situação, fórma etc. — divisão — casa de habitação, de alojamento dos domesticos, de arrecadação e manufacturas — exemplos e modelos das diversas construcções — regras practicas para a construcção — 4.° serviço dos animaes de trabalho — composição dos trens — trabalho dos animaes e despesas — quantidade, qualidade e brevidade do trabalho — força e numero dos trens — 5.° serviço da mobilia — 4 categorias — ferramentas (*outils*) de mão — instrumentos de cultura — de lavra — de pulverisação, atenuação e deslocação do solo — de sementeira, de amanhos, de colheita e estrumes — machinas de trabalhar, limpar, moer etc — Utensilios — escolha dos apparelhos agricolas — economia de força — brevidade do trabalho — perfeição — simples na construcção — fortes etc. — composição da mobilia — 6.° serviço dos animaes de renda — especies — numeros — fins — meios de avaliação e de vantagem da producção animal — 7.° serviço d'estrumes — consummo e producção d'elles — 8.° serviços diversos — de sementes — de combustivel e outros.

Administração da propriedade. — 1.° Direcção geral — direcção economica e administrativa dos objectos immoveis — dos moveis — das operações agricolas — do pessoal — 2.° escolha de um systema de trabalhos agricolas — 3.° trabalhos agricolas e avaliação — 4.° lucros e rendas — vendas e compras — 5.° contabilidade, vantagem e necessidade — methodos de contabilidade — partidas singelas — dobradas — mixtas — inventario — redacção e fim de um jornal, ou livro de razão — livro de caixa — livros especiaes de contas de cultura, de ordem, de contas correntes.

2.ª DIVISÃO. — *Criação dos animaes domesticos (Zootechnia.)* — Classes — ordens — especies dos animaes domesticos — utilidades — trabalho, producto, estrumes — economia do gado — hygiene, multiplicação e criação = hygiene = respiração — nutrição — substancias alimentares — aceio — temperatura — exercicio = multiplicação — raça — melhoramento por meio de raças estranhas —

erusamento — melhoria das do paiz — grandeza ou talhe da raça — qualidade dos animaes reproductores — idade mais conveniente — regras a observar — gestação e parto = criação = tres periodos — castração — ceva — condições e circumstancias para bem cevar os animaes.

Considerações especiaes relativas a cada especie de gado.

3.ª DIVISÃO. — *Industria agricola (artes agricolas).* — Fabrico dos differentes productos agricolas — productos animaes — mel — lacticinios — leite — manteiga — queijo = productos vegetaes — farinha dos cereaes — extracção — fecula — vinho — cidra etc. — cerveja — agua ardente — vinagres — assucar de cana, de betarraba — oleos gordos — azeite — volateis — productos resinosos.

Principios de Veterinaria.

1.° Anatomia e Physiologia dos animaes domesticos.
2.° Fórmas externas, ou conformação exterior.
3.° Cirurgia.
4.° Pharmacia veterinaria.
5.° Pathologia e therapeutica.

TECHNOLOGIA. — Historia — progressos — utilidade da technologia — divisões.

TECIDOS.

§. 1.° Substancias filamentosas — linho — canhamo — algodão — seda — lã = linho e canhamo — apanha — curtimento — differentes processos — operações de massar, tasquinhar, gramar e sedar — instrumentos e machinas modernamente empregadas — lavagem das lãs.

§. 2.° Branqueamento e lavagem — substancias empregadas — chloro — alcalis — acidos etc. — extracção do chloro gasoso — liquido — apparelhos de Welter em taças — cascata chimica de Clement — chlorometro — fabrico do hypochlorito de cal — alcalis — alcalimetro — acidos sulphurico — sulphuroso — sabões = operações do branqueamento do linho em tecido — preliminares — escolha dos tecidos em qualidade e côr — extracção da gomma de tecelagem — apparelhos para esta — operações geraes — emprego do chloro etc. — gommagem — anilagem — enchugo — tres especies de enchugador — lustro por cylindro — calandras e massos — branqueamento do algodão em tecido — chamusco do pêllo — apparelhos — branqueamento da seda — differentes processos — branqueamento da lã — extracção da substancia gordurosa — operações.

§. 3.° Fiação — linho — differentes meios — fuso ordinario — roda — cordoaria — machinas modernas — roda e instrumentos — systema de Fulton = machinas modernas — tambor — pentes — cylindro — enrolador — sarilho — machinas de fiação = algodão — machinas — batedores de separação e divisão — carda para o parallelismo dos fios — cylindros para regular por distensão e compensação — enrolador e lanternas — sarilho para dobar = machinas de fiação (Jeanette e Throstle) para extender pelo systema dos cylindros, e torcer pelo dos fusos = lãs — natureza do fio — qualidades — grossura — micrometro e machina de columnas — lã cardada — lobo — caixa com cylindro para oleagem — carda = machinas de fiação = lã sedada — pentes etc. = seda — operações para dobar e torcer a seda — officina para dobar a vapor — moinho do Piemonte — machina de Neville moderna.

§. 4.° Tecelagem — machinas preparatorias — caneleiros verticaes e horisontaes — simples e duplos — ordidores — longo — redondo — tear ordinario — lançadeira — cautellas geraes na tecelagem — teares mechanicos — noções dos meios antigos para a tecelagem dos tecidos lavrados — tear á Jacquart — tecelagem do linho — do algodão — operações dos chamuscos do pêllo — cylindro quente — forno com abobada de ferro — apparelho do hydrogenio com aspiração — a alcohol — tecelagem da lã cardada — cautellas e requisitos — operações subsequentes — apisoar — machinas de pilões e de malhos — frisar — tosar etc. — lustrar pela prensa — tecelagem da seda — estofos — particularidades respectivas aos veludos, setins, fitas e gazas. = Tecidos de malha — tear de meias — de cordões — fitas — applicação ás differentes materias primas — rendas — filós — blonds — bobinetes.

§. 5.° Tecidos impermeaveis — oleados — encerados — tapetes encerados — storos transparentes — dissolução da gomma elastica e applicação aos tafetás gommados elasticos — tecidos duplos — sondas — tecidos elasticos de fios de gomma elastica.

§. 6.° Couros — cortume — differentes processos por acções chimicas e mechanicas — officina — instrumentos e machinas — operações — lavagem — depilação etc. — processo de Vauquelin — moagem da casca de carvalho — couros da Russia — da Hungria — Pergaminho.

IMPRESSÃO. — §. 1.° Papel — processo ordinario — operações — lixiviação — escolha — lavagem — moagem — branqueamento — fabrico — colagem etc. — machinas de papel continuo — differentes materias primas para o papel — differentes especies de papel — cartão — cartonagens.

§. 2.° Typographia — processo typographico — operações e instrumentos — prensas a Stanhope — mechanicas — steriotipagem — polytipagem.

§. 3.° Gravura em madeira — cobre — aço — vidro — processos, instrumentos e substancias.

§. 4.° Lytographia — processos e substancias — utensilios e instrumentos — autographia.

CALORIFICAÇÃO E ILLUMINAÇÃO. — §.° 1.° — Carbonisação — differentes processos — carvão vegetal — animal e mineral — algumas applicações do carvão — filtros.

§.° 2.° — Apparelhos pyrotechnicos — machinas sufflantes — folles — cylindros — trombas = chaminés = fogões = caloriferos a ar, agua e vapor = fornos evaporatorios, de calcinar, de fundir e reduzir.

§.° 3.° — Substancias proprias para a illuminação — solidas — liquidas — gazosas = apparelhos — lampadas ordinarias — de Davy — d'Argand — mechanicas de Carcel — de Gagneau — hydrostaticas de Girard — de Tilorier — apparelhos de illuminação a gaz — purificação do gaz — apparelho de Darcet — apparelhos de gaz portatil — applicações da illuminação — Faróes de Bordier e de Fresnell.

MATERIAS COLORANTES — PINTURA. — Cores vegetaes — animaes — mineraes — meios de extracção mechanicos e chimicos — pintura — vernizes.

TINTURARIAS — MORDENTES — ESTAMPARIAS. — Considerações geraes sobre a natureza das materias tinctoriaes — mordentes — alumen — acetato de alumina — chlororeto de estanho — saes de ferro — descripção das officinas — divisões — instrumentos — tinas — fornos — fogões — a vapor — enchugadores — estufas — aguas — combustiveis = applicação aos differentes tecidos — estamparias — chitas — caças — papeis pintados — aveludados, etc. — machinas — instrumentos — officinas.

VITRIFICAÇÕES. — Louça — porcellana — composição — fabrico e propriedades das massas ceramicas — formas — modelação — coloração — vernizes — materias colorantes — oxidos — ocres — lustres metallicos — metaes — cocção — instrumentos — fornos = classificação — 1.° terras cosidas — 2.° louças communs — 3.° faiança commum, ou italiana — 4.° fina, ou ingleza — 5.° grés ceramicos, ou louças de grés — 6.° porcellanas duras ou chinezas — 7.° porcellanas tenras ou francezas = esmalte — vidros — christaes.

CONSTRUCÇÕES. — Canaes — eclusas — sino de mergulhadores — dragas — estradas — caminhos de ferro — diques — pontes de madeira — de pedra — de ferro — suspensas — girantes.

MACHINAS DIVERSAS. — Machinas de percussão — de pressão — de divisão de substancias — de gastar as superficies — de relojoaria — de elevar a agua — de vapor.

COSTUMES AMERICANOS. [1]

Existe em New-York e em toda a America ingleza um uso muito agradavel: os estrangeiros são recebidos como pencionistas no interior de familias, as mais das vezes mui respeitaveis e abastadas. Por uma modesta

[1] Extrahido d'uma viagem á America publicada em 1853 por M. E. Jouve.

retribuição e com boas informações, um *gentleman* é admittido n'estas *family-houses*, onde encontra a maior intimidade, e é considerado como membro da familia. Inclusivamente as meninas da casa tratam-no sem vislumbre de cerimonia e com familiaridade fraternal. A cilada, porem, está muitas vezes debaixo de flores. Se não houver toda a reserva americana, se um francez com sua amabilidade, com as ideas de galanteria de seu mimoso paiz, se lembrar de tomar a liberdade das jovens americanas pelo que não é, se vir nisso galanteio ou preferencia em que não cuidam, então eil-o logo preso na armadilha matrimonial, e ainda que convenha pouco á noiva, está casado e bem casado, quer queira, quer não, sem se lhe dar tempo para reconsiderar.

Pondo de parte este pequeno inconveniente, a vida do pencionista tem encantos, e é mui preferivel á que se passa na hospedaria: um salão confortavel e elegante, um jardim florido; a refeição em familia, não a de uma cozinha nimiamente orthodoxa que vos põe no risco de comerdes perna de carneiro com batatas, de mistura com dôce de groselha, porem mui preferivel á das hospedarias; o chá e o café elegantemente servido por jovens donzellas; depois a palestra da noite: taes são as bazes principaes. Note-se que nas *family-houses*, os quartos desprovidos de fogões são em geral tão simples e frios no inverno, que o gentleman celibatario, attendendo á sua commodidade e ás conveniencias, vê-se obrigado a passar a noite no salão, onde o não forçam a fallar, se não tem que dizer.

Um moço bello e abonado que entra em uma d'estas casas, deve ter coração de marmore, ou ser muito fino, para que dahi saia solteiro, visto como uma rapariga yankee sôb o ar de franqueza e familiaridade, occulta boa parte desse espirito d'astucia, que a primeira mulher recebeu da serpente com o pomo prohibido, espirito de dissimulação que a educação desenvolve consideravelmente. Um dia um rapaz yankee, de grandes esperanças aos seus doze annos de edade, propoz a seu pae a seguinte questão. « Papá, a mana Maria responde com presteza a qualquer pergunta; nãofaz mal? O papá tinha-me dito que antes de responder, convinha reflectir tres vezes: uma para examinar se ha alguma cilada na pergunta, por mais simples que seja; outra para ver se é prudente responder; a outra para decidir se convem dar logo a resposta. »

Esta falta de prudencia na lingua é talvez o unico motivo porque um pae ousa reprehender sua filha. Uma senhora de New-York pertencente a uma das melhores familias, contava que uma vez, sendo ainda menina, ficára estupefacta com a audacia de seu pae, que teve a confiança de lhe fazer uma observação simples em tom um pouco duro. As mães dirigem por si sós a educação de suas filhas com a doçura natural ao caracter das americanas de todas as classes.

Fallámos da grande liberdade de que gosam as raparigas nos Estados Unidos; esta liberdade, herança dos costumes inglezes, é uma justa compensação da falta de dote, e muitas vezes de herança; porque os paes podem dispor de sua fortuna como lhes aprouver. Uma donzela que não póde arranjar marido senão com seus bellos olhos e qualidades pessoaes, põe naturalmente em practica todos os meios de que póde dispor para caçar maridos *per fas et nefas*.

Passeam sós pela cidade e arrabaldes, sufficientemente protegidas pela urbanidade americana e pelas leis, que põe á mercê das mulheres todos os celibatarios, approvando d'antemão todos quantos ardís empregarem contra esta raça maldita, terror do povo yankee. Se deparam com um esposo que lhes agrada, fazem-no passar por crueis provas durante seis mezes, um anno; atenazam-no, apoquentam-no de proposito para lhe descobrir algum defeito occulto, ou sujeitam-lhe a discrição e reserva a rudes provas. Offerecem-lhe o braço no passeio, e até o recebem no seu quarto, sem que disso se murmure. Os dous esposos tem direito de se escreverem cousas ternissimas, e em dia de S. Valentim, festivo para os amantes, o esposo envia ao objecto de seus pensamentos uma epistola em verso, em papel de tarja dourada, com elegantes vinhetas, e principalmente com avultados corações em chammas e traspassados de settas. Só os esposos tem direito de offerecer este tributo annual de ternura.

Ha muito quem empregue tal processo para enternecer o coração das inhumanas. Alguns mandam pelo correio uma ou duas duzias de cartas a outras tantas bellas herdeiras. Semeam amor nos corações para colher *dollars*. Entre tantas d'aquellas engenhosas sementes, só por muita infelicidade se não consegue que alguma germine e produza fructo.

Passado o longo noviciado matrimonial, se o esposo é bello, amavel, experto, engraçado, bravo e habil negociante, a esposa consente em inclinar-lhe a cerviz; mas desgraçado delle, se no tempo da provação, manifesta alguma fraqueza, algum defeito; porque então tem ella o direito de o votar ao desprezo, no entanto que o pobre *gentleman*, embora lhe descubra grandes vicios redhibitorios, não póde gosar da mesma vantagem, e ha de recebel-a sob pena de galés e execração publica.

Os jornaes narram com cores feias a *breach of promise*, a quebra da promessa do misero grilheta. Os paes de familia fulminam-o; os juizes condemnam-o ao *maximum* e a mais; as mulheres dão-lhe o tractamento de *rascal*. Se acaso o criminoso é francez e ainda em cima catholico, tornam-se phreneticos; o

hediondo celibatario é classificado entre os reptis mais venenosos e horrendos, entre as serpentes cascaveis e os crocodillos. Ahi está de que serve aos francezes a malaventurada reputação de galanteadores. Devemos todavia fazer justiça, e d'acordo com a opinião geral, convimos em que as americanas são excellentes mães de familia. São tão submissas a seus maridos, quanto eram livres antes de casadas, são dedicadas e cuidadosas, e vivem mui retiradas no interior de suas casas.

N'um paiz tão vasto e pouco povoado, facil é de comprehender este fanatismo matrimonial. Um homem casado goza de tanta estima, obsequios e previlegios quanto é vilipeudiado sendo solteiro. É mister que este tenha uma alma mui negra e o peccado bem aggarrado ao corpo para poder resistir á conjuração geral. Até os padres se intrometem nos casamentos, e os pregam com a palavra e com o exemplo Alguns porém são tão zelosos que abusam. Ultimamente referiam os jornaes americanos as aventuras de um d'estes prégadores ambulantes, que era mui honradamente casado ao mesmo tempo em Vermont, Ohio, Missouri, Mississipi, e nas Floridas. Em cada uma d'estas terras tinha mulher e filhos, de maneira que em suas numerosas missões gosava a commodidade de estar sempre com familia. Um dia, um de seus cunhados de Missouri, homem de maus figados, encontra-o a prégar mui devotamente a penitencia aos peccadores arrependidos. Acabado o sermão, comprimentava o padre e dava-lhe noticias de sua mulher de Missouri. « Está equivocado senhor, » lhe diz um sujeito do Mississipi, que alli estava, « o reverendo é casado no meu condado com a filha de meu visinho Saunderson. » A tramoia estava em parte desfiada. O homem queria logo alli matar o seu charo cunhado; mas conseguiram persuadir-lhe que era melhor entregal-o á justiça para ser enforcado.

Passára apenas um mez que o polygamo estava preso e que sua historia andava nos jornaes, quando chegavam enfileiradas suas seis mulheres com os irmãos, e os paes e os primos, todos dispostos a rir no supplicio do padre; elle porém soube-os lograr: escapou-se da prisão e fugiu para a California, onde agora esta habilitado para casar com uma septima mulher.

Continúa.

SONETO

A LUIZ DE CAMÕES.

Tu que do Povo-heroe, do Lusitano,
Altas acções cantaste sonoroso;
D'Ignez o caso triste e lacrimoso,
Dom Pedro vingativo, e o Pae tyranno:

Tu que as iras crueis do grão Thebano,
E o Adamastor cantaste pavoroso,
De Venus linda o reino deleitoso,
E aos Nautas do porvir rasgado o arcano:

Tu, que no extremo arranco amargurado,
Da patria, patria ingrata, gemebundo,
Carpiste a sujeição, choraste o fado:

Camões, grande Camões, genio profundo,
Nobre cantor do Gama sublimado,
És de Lisia o brasão, pasmo do mundo.

F.

AS MEZAS GYRANTES,

CONSIDERADAS NAS SUAS RELAÇÕES COM A MECANICA E COM A PHYSIOLOGIA.

Continuado de pag. 264.

Todos os movimentos musculares são determinados nos corpos por alavanças da terceira especie, nas quaes o ponto de apoio fica vizinho do da applicação da força, a qual, por conseguinte, por pequeno, caminho que percorra, imprime grande velocidade ás partes que se movem. Para tornar mais claro isto que dizemos, estendamos o braço, e procuremos depois dobral-o. Os ossos do braço e do antebraço tem o seu ponto de apoio no cotovêlo. Os dois fortes musculos que guarnecem os braços de ambos os lados do cotovêlo contrahem-se e puxam de uma e outra parte pelo tendão, que passa muito proximo do mesmo cotovêlo, isto é, do ponto de apoio. Resulta d'aqui que um pequeno movimento d'este tendão vai produzir na mão, que fica na extremidade do braço respectivo, um movimento muito forte e muito rapido; e cumpre notar, que o momento em que se determina este movimento, é exactamente aquelle em que tem mais energia e velocidade. Nesse momento as acçoes do musculo e do tendão acham-se nas circumstancias mais favoraveis. O braço parte pois com grandissima velocidade, a qual é tanto maior, quanto mais perto fica do movimento de impulsão; d'onde se conclue, que se considerarmos os primeiros impulsos d'um tremor nervoso dos orgãos, não é possivel marcar limites á velocidade destes primeiros movimentos organicos, sejam elles, ou não sejam, sensiveis aos operadores.

Por milhares de exemplos podem ser esclarecidos estes dados da mecanica dos orgãos. Começando pelos prestigiadores, vulgarmente chamados *pelloliqueiros*, a sua arte consiste em embair as vistas dos espectadores com ligeirezas de mãos tão rapidas, que não possam ser percebidas. Todos estes movimentos tem uma pequena extensão: os copos em que se faz o *passe maravilhoso*, quasi que se tocam, e o movimento vagaroso de uma das mãos encobre a falcatrua rapida da outra.

É sabido, que na arte de esgrima são mais

de recear os pequenos movimentos, e que o jogador que se conserva coberto, não permittindo que a mão que empunha a espada faça senão pequenas excursões, tem uma vantagem immensa. No que se chama forte e fraco da arma, não é sómente a distancia á guarda-mão que influe, mas é preciso ainda ter em conta se a arma está no seu ponto de partida, ou se tem andado já uma parte do caminho que tem de percorrer. Proxima ao ponto de partida, a sua acção é quasi irresistivel.

O mesmo acontece nas corridas a pé: para serem rapidas devem executar-se por meio de passos mui curtos e muito cerrados. — Mas, dir-se-ha, se em vez do passo ser de 60 a 80 centimetros, fôr apenas de 30 centimetros, como é que a velocidade póde ser maior? Sel-o-ha, por que em vez de dar um passo muito comprido, dar-se-hão quatro ou cinco pequenos, que farão um total mais vantajoso. Debaixo d'este aspecto diremos, que as duas lindas statuas antigas de *Hippomene* e de *Atalante*, que se podem ver nas Tulherias, parecem correr com mais elegancia do que rapidez. As suas attitudes accusam saltos muito alongados, e por isso pouco rapidos. A rapariga selvagem, de que tanto se occupou a França no seculo passado, corria com grande velocidade, dando passos muito curtos. Se á pequenez do passo se junctar uma attitude fortemente inclinada, que permitta aos membros inferiores comprimir-se para logo impellirem o corpo para diante, ter-se-ha as condições mais vantajosas para a celeridade, embora não o sejam para elegancia das corridas. Comparem-se tambem as danças espanholas, em que o dansarino *dansa rapidamente sobre si mesmo*, com as dansas comparativamente pouco animadas da opera franceza. Para ultimo exemplo, o famoso cavallo inglez *Eclipse*, que até hoje não tem encontrado rival, e que corria por minuto uma *milha ingleza* (1610 metros), galopava sem graça, com a cabeça baixa e quasi mettida entre as mãos, com o corpo muito inclinado, e dando saltos curtos, mas tão rapidos, que andava por hora vinte e cinco legoas de quatro kilometros cada uma: o que excede de ametade da velocidade de um furacão

Na clinica medica observa-se um grande numero de factos analogos. Um doente, atacado de um tremor nervoso, quebrava as guardas da cama com o punho, quando a crise o surprehendia tendo o braço em contacto contra este obstaculo; uma senhora já velha, em caso identico, enterrava a extremidade dos dedos pelas carnes dentro; e as pessoas que são sujeitas a bater o queixo, em consequencia de accidentes nervosos, chegam muitas vezes a quebrar os dentes uns contra os outros em virtude desses primeiros movimentos, tão pequenos, tão pouco extensos, tão involuntarios, mas tão poderosos. Por ultimo já vimos um soldado moribundo, em consequencia de um tetano traumatico, com a ponta do pé atirar com uma taboa, que rodeava um tanque gelado em que havia cahido, e na sua agonia nervosa fazer estalar a taboa com ruido espantoso.

Alguns annos atraz foi a attenção publica excitada em París, pelas faculdades sobrenaturaes, e então chamadas electricas de uma rapariga da classe operaria, de um aspecto exterior o mais repugnante e estupido, mas que, segundo se dizia, operava muitos prodigios. Deu isto logar á apresentação de uma memoria á academia das sciencias, desgraçadamente accessivel a todas as pertensões de observadores estranhos. Uma commissão, de que faziamos parte, foi nomeada para verificar os pertendidos milagres. Escusado será dizer que nenhum delles se reproduziu, apesar da boa vontade dos membros da commissão, que estavam condoidos da boa fé dos paes e amigos que a tinham trazido a París com plena segurança, e que julgaram poder aproveitar-se, como objecto de especulação, de suas virtudes sobrenaturaes. No meio dos prodigios que não operava, descobriu-se unicamente um effeito muito natural da *primeira destensão dos musculos*, que em subido grau se tornava curiosa. Esta rapariga baixa, grossa, e a quem apropriadamente se tinha dado o nome de *tremelga*, — tendo-se primeiro assentado n'uma cadeira e levantando-se depois com muito vagar —, tinha a faculdade, no meio dos movimentos que empregava para erguer-se, de atirar para traz, com uma velocidade terrivel, com a cadeira que deixava, sem que fosse possivel descubrir movimento algum que desse com o corpo, e só pela simples destensão do mulculo que deixava a cadeira. N'uma das sessões d'exame no gabinete de physica do jardim das plantas, muitas cadeiras do amphitheatro foram atiradas contra as paredes e se quebraram. Uma segunda cadeira, que tinhamos collocado por precaução atraz d'aquella em que estava sentada a rapariga electrica, para em caso de necessidade garantir duas pessoas que conversavam no fundo da salla, foi arrastada pela cadeira atirada, e não obstou a que os dois sabios fossem advertidos da sua distracção n'um *á parte*. Por fim muitos dos creados empregados no jardim das plantas, conseguiram, ainda que menos brilhantemente, fazer esta habilidade de mecanica organica. Quem quizer fazer uma idea d'este jogo de musculos por um effeito analogo, não tem mais do que apertar ligeiramente na parte mais grossa, o braço de uma pessoa, que muitas vezes seguidas faz acção de fechar o punho: sentir-se-ha logo a elevação do musculo, e reconhecer-se-ha o movimento que poderia resultar, se fosse muito rapida a mudança de fórma.

Continua.

ESTADO ACTUAL DA OPTICA EM RELAÇÃO Á CÔR DOS CORPOS.

(Continuado de pag. 241).

Sabe-se que E. Becquerel, por via de processos photographicos, conseguiu traçar as linhas fixas do espectro invisivel, analogas ás do espectro visivel descobertas por Fraunhofer. Pois na experiencia de Stokes as mesmas listas de côr violeta e do espectro chimico se apresentaram, interrompendo o espaço azul por planos obscuros que se projectavam segundo simples linhas em certas direcções. Nas circumstancias mais favoraveis Stokes reconhecia tres listas ainda mais distantes do que a ultima do espectro desenhado por Becquerel.

Ha pouco descobriu o physico inglez, mediante um prisma, que a luz azul dispersada, de que fallámos, não é homogenea, mas formada de raios menos refrangentes do que o raio incidente que lhe deu origem; de sorte que da coloração ou dispersão interna da luz resulta diminuir a refrangibilidade desta luz, não só a da que provém do espectro visivel, mas até a dos raios que pertencem ao espectro invisivel, com tanto que a refrangibilidade dos raios assim dispersados, não ultrapasse os limites de refrangibilidade do espectro visivel. Por outra, os raios do espectro invisivel, que são assim dispersados, tornam-se azues, e por consequencia visiveis.

Comprehende-se agora porque Stokes intitulou sua memoria—*Changement de réfrangibilité de la lumière* Nem sempre foi entendido o sentido de suas expressões, nem as circumstancias em que elle operou, nem as deducções que tirou de suas experiencias. A palavra *fluorescencia* com que designa o acto da dispersão da luz, ou poder dispersivo do corpo que a causa, illudiu alguns leitores, como por exemplo, Moser de Kœnigsberg, que repetiu e verificou estas observações, e fez esforços para demonstrar que o phenomeno de que se trata não é devido á *phosphorescencia.*

Stokes mostrou que o phenomeno não provem da reflexão das particulas solidas, que fluctuam na dissolução, separando o producto dessa reflexão denominada por elle *dispersão interior falsa*, para a distinguir da *dispersão interior verdadeira* ou independente da reflexão. Poder-se-hia suppor, todavia, que a luz azul, dispersada interiormente, está misturada com luz natural, reflectida pela parede do vaso; porem a segunda memoria, cuja analyse se encontra em o n.° 31 da *Revue de l'Instruction Publique* de 1853, remove esta difficuldade. Alli achamos mencionados dous meios absorventes: um chamado *principal*, que detem os raios do espectro visivel; outro denominado *complementar*, que detem os raios do espectro invisivel; e por detraz destes só existe o negro absoluto: interposto entre estes dous meios um corpo susceptivel de mudar a refrangibilidade da luz, e considerando-o atravez do segundo meio, devemos ver o corpo, porque recebe os raios chimicos que o primeiro absorvente deixa passar, e dispersa uma parte desses raios invisiveis, diminuindo-lhes a refrangibilidade, e tornando-os visiveis e capazes de passar pelo segundo absorvente; no entanto que collocando o corpo entre o olho e os dous absorventes postos um ao lado do outro, já o não veremos, porque pelos meios não passará luz alguma para o corpo.

Tudo isto é maravilhoso: na theoria da emissão fôra mister admittir que as moleculas de luz, atravessando um liquido, podem mudar de côr; na theoria das ondulações, é forçoso suppor que uma onda póde mudar de extensão: hypotheses egualmente absurdas; no systema chimico, explica-se o facto, suppondo que um atomo côr de violeta desloca, de sua combinação com o liquido, um atomo azul, o primeiro fixando-se, e o segundo erradiando depois que fica livre. Da mesma sorte um atomo escuro desloca um atomo luminoso, sendo o contrario o que ordinariamente succede, isto é, os corpos extinguem quasi sempre os raios luminosos, para pôr em liberdade os raios chimicos; e verificar a emissão destes é na verdade um objecto digno de ser estudado.

Dos liquidos que produzem a dispersão interna com mais intensidade, faz Stokes especial menção do decocto de casca de castanheiro da India, do extracto alcoolico de *datura stramonium*, da tintura fraca de *curcuma*, e da tintura de ruiva em uma solução de alumen; mas nestes varia não só a côr da luz dispersada, mas tambem a porção do espectro onde a dispersão começa. Tem-se notado que a dissolução alcoolica da materia verde das plantas dispersa uma magnifica côr rubra, que começa logo pela lista *b*, e acaba um pouco além do espectro visivel.

Formando um espectro linear, e dispondo nelle differentes corpos solidos observados mediante um prisma, achou-se que a mór parte das substancias organisadas, pau, papel, panno, coiro, etc., produzem uma dispersão de luz. O mesmo succede com os papeis embebidos de gyrasol, de curcuma, de sulfato de quinino etc. Este phenomeno, porem rara vez se apresenta empregando corpos inorganicos, e ha casos em que a luz apparece em bandas brilhantes de intervallos eguaes.

Pelo que respeita ás chammas, a do alcool é extremamente brilhante em relação aos raios invisiveis de grande refrangibilidade; a chamma do hydrogenio torna visiveis os raios de refrangibilidade ainda maior.

A faisca electrica, empregando a dissolu-

ção de sulfato de quinino, dispersa uma luz proveniente de raios de excessiva refrangibilidade, que devem ser collocados muito alem do limite extremo assignado ao espectro chimico. Estes raios são interceptados pelo vidro, mas transmittidos pelo quartzo. Os raios d'uma faisca electrica, que provoca a phosphorescencia d'um phosphoro de Cantão, passam tão livremente pelo quartzo como pela agua, mas são interceptados logo que se junta ao liquido uma pequena quantidade de sulfato de quinino.

ORIGEM DOS ZIGUEZAGUES DOS RAIOS.

As experiencias especiaes com que se pretende explicar o phenomeno em questão suppoem o conhecimento d'outras, que começaremos por succintamente referir.

Por meio do apparelho d'inducção de Rhumkorff, as faiscas da corrente inducta podem produzir-se a distancia, já oppondo uma á outra as duas extremidades do fio inducto; já provocando-as por intermedio d'um corpo conductor estranho ao circuito inducto, mas n'este caso a reacção electrica é infinitamente menos energica n'um dos pólos que no outro.

As faiscas assim provocadas produzem-se em distancia tanto maior, quanto forem menos frequentes as interrupções da corrente inductora, de sorte que para as obter com toda a sua energia, o melhor meio é interromper com a mão a corrente inductora. Alem d'isto empregando, como meios provocadores das faiscas, dous fios de ferro muito delgados enroscados á roda de fios mais grossos do mesmo metal, um dos fios torna-se rubro na extremidade e queima, e o outro não soffre apparentemente elevação alguma de temperatura. Taes são, segundo as experiencias de Quet, Rhumkorff e Despretz sobre a luz estratificada produzida no ôvo philosophico[1] os effeitos conhecidos do singular phenomeno da faisca por inducção.

Uma nova serie d'observações feitas por Moncel para analysar o que acontece quando a faisca passa a travez dos corpos d'uma conductibilidade inferior, deu os seguintes resultados assaz importantes.

Sobre um livro encadernado com as lombadas e ornatos dourados, applicando aos dous pontos mais distantes d'este conjuncto de douraduras as duas extremidades do fio inducto, a scintilla passa a travez de todas as douraduras, e desenha em raios de fogo todos os ornatos em que o ouro está applicado.

Fazendo-se a mesma experiencia sobre um traço de pó metallico, de limalha de cobre, por exemplo, a faisca passa de grão a grão e descreve raios de fogo que podem extender-se até dous decimetros de comprimento (com um só elemento de Bunzel como electro-motor).

N'esta experiencia cumpre primeiro notar que a faisca não segue em linha recta, porem fórma uma serie de ziguezagues contorneados em todos os sentidos como o *raio*, e offerece soluções de continuidade em muitas partes, principalmente quando a limalha é muito miuda e constitue um conductor de melhor conductibilidade. Em segundo logar, quando a faisca é produzida a pequena distancia da limalha, um dos pólos apresenta uma luz rubra, que indica a fusão das particulas de cobre, em quanto o outro pólo parece exercer uma acção attractiva sobre a limalha, cujas particulas se agglomeram umas ás outras e formam passados alguns instantes uma poupa, que póde ter dous a tres centimetros de comprimento, se o fio se levanta com precaução. Este phenomeno d'attracção existe nos dous pólos, mas aquelle em que apparece do modo mais sensivel, é precisamente o que produz a faisca em distancia sobre um corpo metallico isolado que se lhe apresenta, isto é, o pólo positivo. Finalmente produzindo a faisca electrica entre os dous pólos do circuito na proximidade da limalha, a scintilla curva-se para passar pelo conductor inferior.

Esta experiencia prova do modo mais evidente que os *ziguezagues* dos *raios* são devidos ás particulas materiaes (do vapor d'agua condensado ou da chuva), que existem na atmosphera no momento da descarga, e que formam entre as duas electricidades desenvolvidas um conductor inferior, como a limalha de cobre na experiencia mencionada.

Reproduzem-se os mesmos effeitos com o pó de carvão; porem os raios luminosos são menos circumscriptos.

A polvora não é conductora, como muitas pessoas teem sustentado: a faisca produzida entre os dous conductores da machina em distancia um pouco consideravel, é a mesma exactamente no meio da polvora que no ar livre, e não despede. É necessario que os pólos estejam muito proximos um do outro para que haja inflammação. D'ahi vem que nas mechas das minas (sendo este o apparelho empregado) devem applicar-se conductores inferiores entre as duas extremidades dos conductores do circuito.

Humedecendo com agua commum uma lamina envernizada, e applicando-lhe as extremidades do fio inducto em distancia uma da outra de quasi cinco centimetros, d'um dos pólos sahe um raio vertical mui pequeno de luz arroxada, e o outro pólo lança horisontalmente em diversas direcções chispas estridentes em ziguezague, cuja extremidade é d'um fogo rubro mui vivo. As chispas podem ter de comprimento dous a tres centimetros: o resto do intervallo é sem luz.

[1] Dá-se o nome de *ôvo philosophico* a um ellipsoide de vidro, ôcco e vasio d'ar, atravessado no sentido do eixo maior por duas hasteas metallicas collocadas a certa distancia uma da outra.

Humedecendo uma fita de fio em sulfato de cobre dissolvido, ou em agua acidulada, e nas duas pontas affastadas uma da outra quasi dez centimetros, produzindo-se a scintilla com as duas extremidades do circuito inducto, uma das faiscas é côr de violeta rosada, e a outra d'um fogo rubro vivissimo. Este phenomeno não se manifesta n'uma fita embebida em agua pura: as faiscas são n'este caso ambas arroxadas; a scintilla rubra sahe do pólo que a não produz em distancia com o conductor isolado.

Quando a chamma se emprega como conductor inferior intermedio entre as duas extremidades do fio inducto, a faisca produz-se a distancia muito mais consideravel que no ar livre, o que é facil de comprehender, porque o ar estando extremamente dilatado no espaço occupado pela chamma, é até certo ponto privado de sua propriedade isoladora. A chamma deve pois considerar-se como verdadeiro *conductor* de *conductibilidade inferior;* e, intervindo em circumstancias analogas ás dos outros conductores, reproduzem-se os mesmos effeitos.

A faisca provocada da parte d'um corpo metallico isolado a travez da chamma, e com um só conductor, apenas se vê, mas ouve-se um som crepitante, e a chamma apparece agitada. No interior da chamma, a faisca tem a fórma d'um globo de fogo branco, cujo nucleo central é azulado.

É de advertir que o calor modifica as condições de conductibilidade dos diversos corpos referidos. A vela de cêra, por exemplo, no estado solido não conduz electricidade alguma, mas sim no estado de fusão: n'este caso a faisca produzida pelos conductores é azul rosada, e à cêra arde n'um dos pólos.

A pilha póde servir tambem de conductor inferior entre a extracorrente e o circuito inducto. Assim que, fortes correntes podem provocar-se da parte d'um vaso em que está agua acidulada, mas com um só dos conductores do circuito inducto, variando a natureza d'este conductor conforme o sentido da corrente da pilha.

É de notar que em diversos experiencias em que são empregados os liquidos como conductores inferiores, póde allongar-se a faisca espalhando o liquido conductor em partes enxutas com o conductor da propria corrente.

Experiencias especiaes para demonstrar que os ziguezagues dos raios são devidos á conductibilidade secundaria do vapor d'agua condensado, diffundido no ar atmospherico.

A experiencia citada dos raios de fogo contorneados em todos os sentidos quando a faisca de inducção é produzida a travez da limalha metallica, mostra a olhos vistos o phenomeno dos *ziguezagues* dos *raios;* porem póde objectar-se, que não ha diffundida no ar atmospherico porção de pó conductor sufficiente para estabelecer uma analogia positiva entre os dous phenomenos, e que esta experiencia não prova que o vapor d'agua, no estado vesicular ou ainda condensado, está em circumstancias identicas a respeito da faisca electrica. Mostra-se todavia por duas esperiencias que subsiste a analogia.

Espargindo ligeiramente uma camada d'agua sobre uma lamina envernizada, ou antes expondo ao vapor d'agua a ferver uma superficie não metallica, logo que a corrente por inducção for estabelecida pela interrupção com a mão da corrente inductora, descobrir-se-hão longos traços de fogo que sulcarão o vapor condensado, e que representarão os produzidos sobre a limalha metallica, é verdade que em ponto muito mais pequeno e de maneira mais estavel, mas em compensação muito mais claramente circumscriptos. Por tanto o vapor d'agua condensado está absolutamente no caso da limalha metallica.

Falta porem saber se o vapor d'agua condensado, diffundido no meio do ar já humido, póde exercer a mesma acção que estando isolado sobre uma placa de vidro, e no meio do ar sêcco. A identidade da acção tambem se demonstra.

Com effeito tomando um vaso cheio d'agua pura, e provocando da parte d'agua a faisca electrica por meio dos dous conductores; a faisca passará da superficie da agua aos dous conductores, mas não d'um ao outro, se a distancia for bastante consideravel. Ora polvilhando a superficie da agua com limalha metallica, os raios de fogo passarão entre os dous conductores a travez da limalha, e serão tanto mais contorneados e variados em sua circumscripção, quanto a descarga electrica desaggregar maior numero de particulas metallicas, e as repellir em todos os sentidos.

Donde Moncel conclue que, ao vapor d'agua condensado e á chuva que sempre ha nas tempestades, são devidos os *ziguezagues* dos *raios*, a perfeição de seus contornos, e o prolongamento do caminho que naturalmente percorrem.

DOCUMENTOS INEDITOS.

Carta que o viso-rei D. João de Castro escreveo a el-rei nosso senhor o anno de 46 (1546).

Continuado de pag. 268.

Acabada per esta maneira a peleja, Antonio de Souto-mayor se passou a outra costa do Abexim: dahi rota batyda se veio caminho da India, e emtrou n'esta cidade a 21 de maio. Mas a fortuna não quiz, que Antonio de Souto-mayor gozasse estas victorias; porque de sua cheguada a um mez adoeceo de febres, e sem lhe poderem valer fizicos, nem meizinhas, se passou d'esta vida pera a outra

com tamanho sentimento dos Lascarins, e povo d'esta cidade, que foi couza estranha, e pera notar: porque os olhos de todos estavão já postos nelle, e sua vida, esforço, e boa dita nas couzas da guerra davão certas esperanças de viir a ser mui marcado capitão. Eu o fui enterrar no mosteiro de S. Francisco, acompanhado de todolos capitães, fidalgos, e gente d'esta cidade. Sua mãi vive em Lisboa, e é muito pobre, e necessitada: foi molher do mais honrado homem que ouve, e que servio a v. a. nestas partes, e nas d'Africa com mais verdade; que eu beijarei as mãos a v. a. querer-lhe fazer alguma mercê pera ajuda do sustentamento de sua vida, e pera remedio de tamanha desconsolação, como hade ter, quando souber a perda de hũ tal filho. Luiz de Souza, e Francisco de Crastro, que forão mortos das bombardadas, erão mui gentis mancebos; porque alem de serem gentís cavaleiros, erão dotados de muitas graças, e calydades; per onde estava certo averem de vir a ser homẽs mui honrados, e de muita marqua; pelo que as suas mortes foram sentidas mui geralmente. Mas como quer que ella fôr tam honrosa, e em serviço de Deos, e de v. a., ella seja bem vinda. Francisco de Crastro tem láa hũ irmão muito bom homem, e que tem caa muito bô nome, que se chama Christovão de Crastro, que se foi o anno passado. E tinha qua outro irmão, que se chamava Vasco da Cunha, o qual como soube, que Dio estava cercado, me pedio licença, e se foi meter dentro na fortaleza. A este Christovão de Crastro me fará v. a. mui grão mercê em se querer lembrar d'elle, e lhe fazer mercê pola morte de seu irmão, que lhe espedaçarão em seu serviço, e destoutro, que morreo em Dio, como adyante direi.

A quatorze d'abril me derão hũa carta de dom João Mascarenhas, em que me fazia saber, que ficava cercado dos Guzarates, dequem era capitão Coje Çofar Pelo que com a maior brevidade, que pude fiz prestes nove fustas, e catures em espaço de tres dias, nos quaes mandei obra de dozentos homens mui escolhidos, e todos arcabuzeiros, e vinte e cinco pipas de polvora de bombarda, e duas despinguarda, e mais vinte quintaes de chumbo, com muitas enchadas, alferses, piquões, e omze mil pardáos douro para pagamento da gente, e dez bombardeiros. De Baçaym mandei lá passar mais cincoenta homẽs com muitos mantimentos: e de Chaul outros cincoenta. Antes deste socorro, sem ter nova algũa, tinha eu já mandado emvernar a Dio, Gregorio de Vasconcellos com hũa companhia de cem Lascarins, e assĩ hũa caravella com quinze pipas de polvora de bombarda, e hũa despinguarda, e dez quintaes de cobre de pasta, pera se fazerem carreguadores, e cincoenta vigas, e dez candis de cairo, com outras muitas cousas necessarias á fortaleza. Os fidalgos, que mandei por capitães destas nove fustas, e catures forão: dom fernando, meu filho; dom joão dabranches, filho do capitão dom Amtão; dom Francisco d'almeida, filho de dom Lopo d'almeida: jorge da silva, filho danrrique correa da silva; gracia Rodriguez de tavora, filho de christovão de tavora; Diogo de Reinoso, filho de fernão de anes de Souto-mayor; Antonio da Cunha, irmão de Vasco da Cunha; Diogo da Silva, filho de fernão peres dandrade; Pero lopes de Souza, filho dafonso lopes da costa; Antonio moniz, filho damrrique moniz. Os quaes todos se me vierão oferecer; pera que os mandasse todos a Dio servir a v. a., salvo dom fernando, que me queria fogir; pello que me pareceo melhor mandal-o por minha vontade; pera com sua ida obriguar mais os homẽs, e trabalharem de cheguar, e emtrar na fortaleza; por caso de ser já emtrada denverno, e a travessa da enseada mui perigosa neste tempo. A boa vontade, com que todos forão servir a v. a. causa as muitas mercês, que v. a. fez ás pessoas, que da outra vez, em tempo do Viso-rey dom Gracia defendêrão a fortaleza de Dio; e assĩ as que cada dia faz aos que o servem. Alem destes fidalgos per si, e de lhes ficar por erança e benção de seus pais, e avós, folgarem de servir v. a. Este socorro entrou todo em Dio a salvamento, tirando tres catures, que arribarão a Baçaym com tempo; mas os outros, passando grandes trabalhos no mar, por causa de ser já passada a monção, chegárão a Dio.

A emtrada foi mui requestada; por que os Guzarates tinhão feito á borda do rio hũ grande bastião, e posta nelle muita artelharia, que varejava polo rio abaxo até a barra; e tendo nelle grão numero darcabuzes, prezumião de tolherem a desembarcação aos nossos. Na companhia de dom fernando mandei Bastião coelho, por ser homem abil, e exprimentado assĩ na guerra do mar, como na da terra, e ter visto muitos cercos, e combates, e saber bem todalas maneiras, com que se hade defender, e repairar hũa fortaleza. De maneira que, acabado dentrar este socorro em Dio, se çarrarão as barras, e ficou o mar ynavegavel, e a fortaleza com a gente, mantimentos, e moniçóes, que assima digo a v. a., e com dom João Mascarenhas dentro por capitão, que he tal fidalgo, e cavaleiro, que primeiro o farão em postas, que lhe tomem hũa só amea.

A dezaseis d'abril me escreveo dom heronimo de Noronha, capitão de Baçaym, fazendo-me saber, que o vinha cercar o bramaluco com muita gente de pé e de cavalo. Pello que logo mandei armar cinco fustas, nas quaes mandei dom francisco de menezes; por me parecer, que elle melhor que outra pessoa o podia ir ajudar nesta guerra; assĩ polas calidades, que nelle avia, que são taes, que mui raramente se acharão em alguem, como tãobem pola muita pratica, que tinha da terra, e grande credito antre os Guzarates, e Decanís; polas fortalezas, que lhes

tomou, e batalhas, que lhe venceo: alem de serem irmãos, e muito amigos. E em sua companhia mandei dom Duarte de Menezes, filho do conde da Feira; e Miguel da Cunha, filho de Joam Brandão; por serem fidalgos muito speciaes, e trazerem mais o ponto em servir v. a., e acompanharem, e acatarem seus capitães, que noutra cousa algũa. Os quaes, como outros creados de v. a., e Lascarins mui honrrados partirão desta cidade com dom francisco a vinte e quatro dias do mez dabril, e achando vento prospero, cheguarão todos a Baçaim a salvamento. —

Avinta dous dabril me escreveo o yNizamaluco, e mandou hũ embaxador, aqueixando-se muito dos agravos que o capitão, e moradores de Chaul lhe faziam: requerendome, que acodisse a isso; senão que lhe compria a elle buscar o remedio. Fazendo-me saber camanho servidor, e amigo fôra sempre de v. a. Eu lhe respondi logo, e despachei o seu embaxador, concedendo-lhe tudo o que pedia em seus apontamentos; por serem cousas justas, e assentadas per contratos, que os governadores passados tinhão feito com elle. Mas receoso, que estas novidades, e petitorios viessem a desarmar em guerra, e diferenças, maiormente em tempo de tantas revoltas, em que Dio estava cercado, e Baçaim perto, e propinco a isso: provi logo Chaul de polvora, chumbo, repairos dartelharia, enxofre, salytre, e outras monições, que forão na companhia do embaxador. —

Continúa. N.

FACTO POUCO CONHECIDO SOBRE A UTILIDADE DAS ABELHAS.

As abelhas não só nos dão o mel e a cera, mas tambem favorecem a fructificação das arvores. Um pomar em cuja visinhança estejam numerosas colmêas, produz mais fructos do que outro em que se não dê esta circumstancia, com quanto reuna as mesmas condições: a differença será tanto maior quanto as especies d'arvores cultivadas contiverem mais mel, e por isso, attrahirem mais as abelhas. A explicação deste facto é facil: a abelha, introduzindo-se nos calices das flores, faz cahir o pó fecundante sobre o estigma, ou para alli o transporta quando se revolve dentro da flor, para melhor lhe extrahir os succos. Resulta dahi uma fecundação arteficial que muitas vezes é naturalmente impedida por condições atmosphericas desfavoraveis.

O que dizemos das arvores fructiferas póde applicar-se a todas as outras plantas visitadas pelas abelhas. É pois um acto de boa providencia pôr um cortiço d'abelhas, onde se desejar obter fructos e sementes de plantas em maior abundancia. O observador que, percorrendo n'um bello dia de verão um campo cultivado, ouvir zumbir em torno de si myriades de insectos de todos os generos, comprehenderá que milhares de hectolitros de sementes e de fructos ha-de augmentar a fecunda intervenção d'aquelles animaes. Uma só abelha frequenta por dia milhares de flores; imagine-se quantas serão esquadrinhadas por um enxame! As margens do Rheno, na parte media deste rio são, na Allemanha, os terrenos mais ricos em fructos; ora, é mui raro achar alli um cultivador, um proprietario que não tenha alguns cortiços d'abelhas; tambem alli não ha anno em que as fructas faltem de todo. Terminamos com um conselho: Se quereis ser bem succedidos na arboricultura, condição essencial, cultivae as abelhas.

AVISO DA REDACÇÃO.

Com o seguinte numero termina o 2.° anno d'esta publicação. A Redacção agradece aos sñrs. assignantes seu valioso auxilio, cuja continuação espera merecer-lhes; e remetterá o Instituto áquelles que em tempo competente não mandarem revogar suas assignaturas.

Aos sñrs. assignantes que estão em deficit, *roga-lhes que satisfaçam a importancia devida, antes de começar o novo anno d'este jornal.*

Toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte: *o Instituto continuará a offerecer egual vantagem.*

Preço da assignatura { por anno... 1$440 / por semestre 800 }

ERRATA DO N.° 13.

Pág.	*Col.*	*Linh.*	*Erro.*	*Emend.*
155	1.ª	25	irritabiladadě	irritabilidade.
»	»	31	endosperema	endosperma.
»	»	48	expiração, vegetal	expiração vegetal.
»	2.ª	10	*Phytogenecia*	*Phytogenesia.*
»	»	28	de Decandolle	de Decandolle, de Raspail,
			DO N.° 19.	
220	*no alto da estat.*		De 14 annos	Até 14 annos.
			DO N.° 21.	
245	2.ª	40	da Matta	de Molle.
»	»	58	José Abilio d'Oliveira, Conego da Sé d'Evora, e bacharel em direito, etc.	João d' Aguiar, Thesoureiro Mór da Sé d'Evora, e doutor em theologia, etc.
			DO N.° 22.	
261	1.ª	*nota*	$\pi = 1290^6$	$\pi = 1299^6$
262	»	43	$G = \frac{R\ r}{R}$	$G = \frac{R - r}{R}$

OBSERVAÇÕES METEOROLOGICAS, FEITAS NO GABINETE DE PHYSICA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA.

Anno de 1854	Temperatura atmospherica ao meio dia	Pressão atmospherica ao meio dia			Estado hygrometrico da atmosphera ao meio dia		Rumo dos ventos ao meio dia
Mez de Fevereiro		Altura barometrica a 0.° centig.	Tensão do vapor atmospherico	Pressão do ar secco	Gráu de humidade do ar	Quantidade de vapor aquoso contido em um metro cubico de ar	
Dias	Gráus centig.	Millimetros	Millimetros	Millimetros		Grammas.	
1	10,5	758,166	7,770	750,396	0,7954	7,95	S.
2	11,5	728,972	8,200	714,772	0,7893	8,35	S.
3	11	753,388	8,028	745,360	0,7973	8,19	E.
4	11	754,301	8,423	745,878	0,8362	8,60	N.
5	10,5	761,209	7,964	753,245	0,8149	8,14	E.
6	11	762,567	8,032	754,535	0,7973	8,20	E.
7	11	760,640	8,127	752,513	0,8068	8,29	E.
8	12	758,235	8,362	749,873	0,7810	8,50	E.
9	11,5	754,240	8,374	745,866	0,8060	8,53	E.
10	11	752,893	6,926	745,967	0,6876	7,07	E.
11	9,5	758,296	4,735	753,561	0,5152	4,86	E.
12	9,5	756,514	5,973	750,541	0,6499	6,13	E.
13	9,5	757,021	5,973	751,048	0,6499	6,13	E.
14	8	756,191	4,190	752,001	0,5003	4,32	E.
15	6,5	757,391	5,017	752,374	0,6574	5,20	E.
16	7,5	753.970	4,916	749,054	0,6053	5,08	E.
17	8	758,474	5,159	753,315	0,6160	5,32	E.
18	8	759,743	6,256	753,487	0,7474	6,45	N.
19	8,5	759,072	6,472	752,600	0,7494	6,66	N.
20	9	760,884	7,118	753,766	0,7989	7,32	N.
21	9,5	759,558	7,362	752,196	0,8010	7,57	N.
22	10	760,662	7,078	753,584	0,7470	7,25	E.
23	10	762,032	7.608	754,424	0,8029	7,79	E.
24	10	764,365	6,045	758,320	0,6385	6,19	E.
25	10	763,300	5,921	757,379	0,6253	6.06	E.
26	10	758,887	6,045	752,842	0,6385	6,19	E.
27	10	758,836	5,817	753,019	0,6140	5,96	E.
28	11	762,211	6,850	755,361	0,6802	6,99	N.
media do mez	9,8	757,357					

Coimbra 1.° de Março de 1854.

O Demonstrador da Faculdade de Philosophia, *Miguel Leite Ferreira Leão.*

O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

CONSELHO SUPERIOR DE INSTRUCÇÃO PUBLICA.

1.ª secção. — N.º 202.

Em additamento á circular de 30 de julho de 1853, Manda Sua Magestade El-Rei, Regente em Nome do Rei, pelo conselho superior d'instrucção publica, ao governador civil de...., que faça intimar pelos respectivos administradores do concelho a todos os professores d'instrucção primaria do districto a seu cargo, que no praso de dez dias a contar da intimação, declarem por escripto, se nas suas escholas tem praticado o methodo de — *Leitura Repentina* —, e, no caso affirmativo, especifiquem (1.º desde quando começou o uso d'aquelle methodo (2.º se o empregaram geralmente em toda a eschola, ou em alguma classe especial; se geralmente, em quantas classes dividiram a eschola; se em classe especial, que tempo dura a lição em cada classe — e (3.º quaes os progressos, e estado, em que se acham actualmente os alumnos ensinados por esse methodo: E ordena outro sim que o mesmo governador civil faça mais notificar aos professores que praticarem aquelle methodo, que de tres em tres mezes participem, pelo sobredito conselho superior, os resultados circumstanciados, obtidos do ensino repentino, sob pena de procedimento.

O que tudo assim se communica para execução, da qual elle governador civil enviará conta. Coimbra 23 de março de 1854.

REMEDIO PARA A MOLESTIA DAS VINHAS.

Enxofragem a sêcco.

O flagello das vinhas que tem posto em grande apuro a infeliz ilha da Madeira, já o anno passado se manifestou em Portugal, e fôra muito para desejar que a fim de remover este grande mal se ensaiassem todos os meios que offerecem alguma probabilidade de efficacia, mormente, quando taes ensaios não demandam grandes despesas.

Du Breuil digno professor d'arboricultura em França, publicou recentemente, no *Journal d'Agriculture pratique*, um artigo á cerca deste importante objecto.

Muitos remedios teem sido aconselhados, diz Du Breuil, porem nenhum dos que appareceram á luz publica, produziram resultados satisfactorios; ou não eram efficazes, ou não podiam applicar-se á cultura em grande. Os vinhateiros da communa de Thomery, proximos de Fontainebleau, cuja unica industria é, como se sabe, a cultura de uvas para mesa, tambem soffreram as consequencias do *oïdium*, desde 1851. Ensaiaram espalhar flor d'enxofre sobre as parreiras previamente molhadas, e conseguiram fazer cessar a molestia, posto que a flor de enxofre, adherindo ás uvas, as tornou menos vendaveis. No anno seguinte, a maior parte dos vinhateiros d'aquelle logar substituiram a flor d'enxofre pelo hydrosulfato de cal; mas não se deram bem: a colheita perdeu-se em grande parte. Um delles, Rose Charmeux, que se lembrára de usar da flor d'enxofre a sêcco, obteve um resultado completo, sem que se désse o inconveniente de ficar pegado ás uvas o enxofre, como quando as parreiras eram previamente humedecidas. O anno passado todos os vinhateiros de Thomery empregaram o processo da enxofrâgem a sêcco, e a colheita que tiveram, nunca foi tão bella.[1]

Eis ahi a descripção do instrumento que se emprega na enxofragem a sêcco, inventado por Gontier, agricultor de Montrouge, e successivamente aperfeiçoado pelos vinhateiros de Thomery. Consiste em um folle ordinario, terminado por uma caixa de lata, que faz corpo com o tubo conductor do ar. Esta caixa, segundo mostra a figura, que sentimos não poder apresentar[2], é cylindrica e dividida horisontalmente em dous repartimentos. O de baixo é formado por uma rede metallica cujas malhas teem pouco mais ou menos $0^m,001$ de abertura; e o de cima, por uma serie de fios de ferro dispostos longitudinalmente com intervallos de $0^m,01$. O alto da caixa está munido de um orificio por onde se introduz a flor d'enxofre. Concebe-se facilmente como posta alli esta substancia bem sêcca e bem pulverisada, passa a travez dos dous repartimentos e cahe no fundo. Pondo então o folle em movimento, a corrente d'ar arrasta a flor d'enxofre em fórma de nuvem, cujas particulas vão depositar-se sobre as

[1] Sabemos que o anno passado, na Ilha da Madeira, uma senhora ingleza, applicou a flor d'enxofre á molestia das vinhas, e obteve uma perfeita colheita — porem os habitantes daquella ilha, oppunham á efficacia do remedio, o custo e a difficuldade da applicação.

[2] Um rico proprietario de Coimbra, a quem communicamos esta noticia, vae ensaiar a enxofragem a sêcco e para isso já mandou fazer o instrumento descripto, que em breve estará á venda.

folhas, cachos e gomos da cepa, para onde se dirige a corrente. Em França, o preço d'este singelo apparelho é 640 reis.

Das observações que foram feitas em Thomery, deduz-se a conveniencia de começar a enxofragem antes d'apparecer a molestia, repetindo tres vezes a operação. A primeira deve ter logar um pouco antes de abrirem as flores; a segunda, quando os bagos d'uvas chegam á grandeza de grãos de chumbo de caça, e a terceira, quando as uvas já estão do tamanho de ervilhas. A flor d'enxofre deve chegar egualmente a todas as folhas e cachos de cada cepa. A melhor hora de praticar esta operação é ao meio dia, e quando o calor está mais intenso.

Em Tomery applica-se este processo não só ás vinhas de latadas, mas tambem, e com egual vantagem, ás de balceiro e de pé. Não offerece por tanto difficuldade a variedade de cultura. Ha porem um ponto importante que é mister esclarecer — o custo da operação. Os dados fornecidos por um dos mais illustrados vinhateiros de Thomery, Rose Charmeux, são os seguintes:

DESPESA FEITA COM A ENXOFRAGEM COMPLETA DE UM HECTARE (8264,4 VARAS QUADRADAS) DE VINHA.

	rs.	fr.
30 kilogr. (66 arrateis) de flor d'enxofre para tres enxofragens sucessivas, a 35 cent. por kilogr. (2,2 arr.)	1680	(10,50)
1 dia de trabalho de um homem, para cada enxofragem, tres dias a 320 (2 fr.)...........................	960	(6,00)
Total..	2640	(16,50)

Attendendo ao maior preço por que entre nós se ha de obter a flor d'enxofre, e ao menor dos jornaes, póde dizer-se que despendendo 4$000 reis com cada hectare de terra de vinhas, conseguir-se-ha evitar a molestia que ameaça privar-nos de um dos nossos mais ricos productos.

Notaremos finalmente que a operação mencionada não é um desses remedios, cuja efficacia mais ou menos problematica ha mister de ser sanccionada pela experiencia; é um processo adoptado pelos cultivadores de uma communa inteira, e seus bons resultados são manifestos ha dous annos. É pois de grande utilidade que os nossos vinhateiros prestem a mais seria attenção a esta operação importantissima.

COSTUMES AMERICANOS.

Continuado de pag. 277.

Diremos agora em que consiste a armadilha matrimonial e os diversos modos porque a empregam; e melhor o faremos com alguns exemplos do que com longas explicações.

Uma menina de New-York, bonita, espirituosa como uma franceza, muito bem educada, porem muito mal dotada pela fortuna, lobrigou um bello mancebo de vinte e cinco annos, talentoso, de boa familia, amavel e já rico — não lhe faltava nada. O essencial era lançar-lhe a garra e segural-o. Em uma bella manhã, vestida com toda a elegancia, ahi vae ella trotando sosinha ao escriptorio d'um joven advogado de grande talento, para o consultar á cerca de objecto de tanta gravidade. Estava o doutor tão pouco affeito a receber d'estas visitas, que ficou deslumbrado, como se o sol lhe entrasse em casa. Perturbado, derruba todos os autos em demanda de uma cadeira para a sua bella cliente, que se estava rindo com dissimulação Voltado de sua primeira surpreza, attende á exposição da donzella, que lhe diz, córando levemente, que ama um gentil mancebo, mas que não sabe como o ha-de obrigar a esposal-a, não havendo da parte della outro impedimento senão ser pouco favorecida da fortuna.

O advogado acalmando-se um tanto com esta ingenua confidencia, responde-lhe com uma exquisita urbanidade — que se julgaria venturoso se podésse contribuir para o bom exito de tão louvavel empreza, e que em todo o caso, o mancebo devia de ser mui caprichoso, e um grande ingrato, se por ventura levasse a mal o estratagema que lhe ia indicar. Eu supponho, que a senhora póde com facilidade estar a sós com esse môço em sua casa, ou em casa delle. Veja se o consegue duas vezes, por espaço de meia hora, ou ainda d'um quarto d'hora, arrange duas testimunhas, suas amigas que o attestem debaixo de juramento perante a justiça, e eu lhe asseguro que o forçaremos a sujeitar-se ao jugo do hymineo, porque não será tão tolo que prefira as galés, *by god*, a uma sorte tão dôce.

Curioso como qualquer advogado, o joven doutor em direito procurou descobrir o nome do feliz mortal, porem a rapariga persistiu impenetravel, e retirou-se promettendo vir informal-o do progresso da conspiração, e receber seus conselhos.

Eram passados oito dias, e eis que vê o advogado entrar sua graciosa cliente, e dando-lhe apenas tempo para se assentar:

« Então, minha menina, lhe diz, fomos bastante perfidos; já começámos a armar o laço ao ingrato?

« Sim, senhor doutor, creio que o laço está bem armado, e julgo que serei bem succedida. »

« Tem duas testimunhas? »

« Oh! isso está certo; para mais segurança arrangei quatro »

« *Well, well, very well indeed,* » exclamou o advogado, esfregando as mãos, encantado de tanta malicia.

Nesta occasião, achando-se a donzella e o doutor mais á vontade, estiveram muito tempo a conversar, e sabe Deus que de epigrammas

subtis e delicados cabiram sobre a pobre victima, que em tal não cuidava! No entretanto a multidão dos clientes estava impaciente na antecamara. Ao despedir-se a joven *miss*, recommendou-lhe o letrado que na proxima visita lhe trouxesse as testimunhas, para as industriar antes de comparecerem perante o juiz.

Teriam decorrido apenas tres ou quatro dias, quando a pretendente voltou mui satisfeita para annunciar a seu bom conselheiro que o negocio estava feito e consummado; que estivéra duas vezes a sós com o mancebo, e de cada uma ficára com elle mais de meia hora, o que seria attestado por quatro boas testimunhas.

O advogado saltava de contente com o exito d'esta logração de tão bom gosto. » Touxe as testimunhas? » — « Não tardam um momento. Disse-lhes que se reunissem aqui. » — » Está bem certa de que ellas presencearam tudo, e podem dar testimunho das duas entrevistas. — » A esse respeito estou perfeitamente tranquilla, as quatro testimunhas, d'ambas as vezes, estavam mesmo á porta do gabinete onde nos achavamos. — » Oh! ás mil maravilhas, optimamente!.. a senhora tem um engenho... etc., e a conversa continuou por muito tempo galhofeira e espirituosa: o advogado e a rapariga pleiteavam finura e malicia. « Ah! exclama em fim o doutor, recordando-se de um ponto importante, creio que não me occultará por mais tempo o nome da victima afortunada; porque em fim, não me é possivel advogar sem conhecer a parte adversa. Vamos, elle já nos não póde escapar. » — « Está certo disso? » — « Certissimo, não póde haver escapatorio. » — « Então galés ou casar comigo? » — « Sem duvida! Saibamos-lhe o nome; será meu conhecido? » — « Sim, senhor. » — » Ora essa! Então quem é? » — « É o senhor mesmo, » respondeu ella surrindo e córando, « e as testemunhas são quatro fingidos clientes que ahi estão sentados á sua porta.

O doutor em leis, com este golpe imprevisto e á queima roupa, ficou por um momento atordoado. Embrulharam-se-lhe as ideas muito mais do que na primeira visita. Porem assomando-lhe n'alma pouco e pouco o espirito analytico, descobriu que, mettendo tudo em calculo, nada tinha o choque de desagradavel, que, pelo contrario, a logração havia sido mais bem pregada do que elle imaginava, e que o melhor partido a seguir era casar com uma joven bella, dotada de muito espirito e coração, que acabava de provar o amor que lhe tinha de um modo tão original, quanto lisongeiro para o seu amor proprio.

Referiremos outra aventura cujo desfecho foi menos alegre.

Um joven bretão novamente desembarcado para occupar logar mui vantajoso em uma casa de commercio, hospedou-se em uma dessas *family-houses* de segunda ordem. Achavam-se entre os commensaes duas ou tres raparigas, uma das quaes já um tanto madura jurou *in peto* por Santa Catherina, a quem muitas vezes toucáro, que o recem chegado seria seu marido, ainda que houvesse de empregar para isso os ultimos recursos.

O bretão estava a ponto de cahir no laço, quando uma alma caridosa o avisou dos costumes do paiz, e lhe explicou por miudo o mecanismo da armadilha matrimonial americana.

« Muito obrigado, disse elle, homem prevenido vale por dous; muito atilada deve de ser a que me apanhar.

A rapariga que ignorava esta perfidia, levava por diante o seu intento; porem o bretão estava firme como um rochedo. Não sei se *miss* Paméla tinha estudado a tactica militar que empregou a viuva Wadman contra o coração do tio Tobias em Tristram Shandy, talvez a tivesse palpitado instinctivamente; o certo é, que não a procurando o nosso homem, resolveu ella ir ter com elle.

Por acaso, os dous quartos eram no mesmo andar; todas as noites buscava ella um pretexto para lhe entrar no quarto. O pobre do moço tremia vendo-a fechar a porta e demorar-se o fatal quarto de hora; e todavia não tinha animo para a mandar embora; porque não obstante os seus vinte e cinco annos, era sympathica, tinha uns bellos olhos azues, longas tranças de cabello, e o mais.

Uma noite, estando já proximo o dia de S. Catherina, decidiu a bella *miss*, dar pressa ao negocio, para escapar a este termo fatal. Erão onze horas da noite, com o pretexto de acender uma vela, entra no quarto do bretão que se occupava de verificar contas; acesa a vela, pede-lhe explicações sobre uma passagem de um auctor francez, que ella estava lendo. Reclina-se sobre as costas da cadeira em que estava o bretão, põe-lhe por cima do hombro um torneado braço nú, para melhor segurar o livro, e suas compridas madeixas roçam pela face do mestre, em quanto lê o trecho em francez estropeado, porem com a voz harmoniosa e delicada, que sahia de uma boca cujo halito tepido o fazia estremecer; o tio Tobias não teria resistido mais do que o bretão. Já se vê que a lição não podia durar muito; passado um momento, tinham-se trocado os papeis: a discipula ralhava ao mestre, docemente por se obstinar em ser um odioso celibatario, demostrando-lhe as delicias do hymineo e os horrores da solidão, que ella desejava dissipar.

« Ah senhora, » diz o bretão já entrado de amor, mas sempre desconfiado, « eu fiz um juramento, e só posso offerecer-lhe o coração, não já a mão. »

« Pois, meu amigo, quem lhe pede mão?

eu consagro-lhe um amor desinteressado; a mão dar-m'a-ha depois, dizia ella *á parte.*»

« Ha-de jurar-me que nunca se servirá das leis d'esta terra, para me violentar.»

« Juro tudo o que quizer, amo-o, ingrato, e juro fazer a sua felicidade »

Removido o receio de perder a liberdade, o joven amante entregou-se sem temor ás doçuras de um noivado illegitimo; mas passado pouco tempo, eis que rebenta a bomba.

Um dia, estando em seu escriptorio na paz da innocencia, vieram-lhe dizer que um senhor desejava fallar-lhe mesmo á porta.

Dirige-se alli o homem sem nada desconfiar; immediatamente dous empregados da policia e outro da justiça lhe intimam que os acompanhe a casa do juiz, sem mais explicações. Chegado perante S. S.ª, alli vê a sua dôce amiga, e logo comprehende tudo. O magistrado com voz irada: « O senhor reconhece haver seduzido esta joven? » — « Perdão sñr juiz, com esta pequena differença, que a senhora é que me seduziu, não já eu a ella. « — » Deixemo-nos de graças, senhor francez, julga que está em seu infernal paiz de corrupção, que o leve o demo? Vamos, diga sim ou não, quer dar a esta interessante menina a reparação que lhe deve, segundo o attestam as testimunhas; ou quer faltar á sua palavra? » — « Eu faltar á minha palavra! Deus me livre; pelo contrario a senhora é que viola o juramento que me deu de nunca me obrigar a casar » — « Como assim, *my dear*? jurei fazer-vos feliz, e é isso o que eu quero. » — « Mettam-me na cadea esse maldito francez sem fé e sem pudor, e se dentro d'oito dias se não decidir, seja enviado para as galés.

O rapaz em nada era bretão; resistiu com heroismo, a despeito do calabouço, a despeito do pão e agua, a despeito dos rogos da dama de seus pensamentos que lhe ia endereçar ternas homilias a travez das grades da prizão. Aproximando-se porém o dia de juizo, mandou o infeliz prisioneiro vir um advogado, que, dadas todas as explicações, lhe declarou mui desenganadamente, a necessidade de casar quanto antes para evitar as galés. « Se o senhor fosse um santo de Israel, se fosse membro das sociedades biblicas, talvez achasse circumstancias atenuantes, principalmente se fosse yankee; mas o senhor é um indigno catholico, pouco devoto, e ainda em cima, francez; é condemnado sem misericordia. »

O francez, dando-se por convencido, pagou ao advogado, pagou as custas, casou com a perfida, perdeu o seu logar; mas em compensação privou-se de sua mulher, emigrando para a California, oito dias depois das nupcias.

Continúa.

AS MEZAS GYRANTES,

CONSIDERADAS NAS SUAS RELAÇÕES COM A MECANICA E COM A PHYSIOLOGIA.

Continuado de pag. 278.

Quando uma ave de rapina, uma ave de *azas estendidas*, como dizem Homero, Hesiodo e La Fontaine, paira por cima de um paiz, observando d'uma distancia immensa o animal que pretende agarrar, julga-se geralmente que ella não sobe nem desce, mas que se sustenta sempre á mesma altura, sem fazer movimento algum. É um grande erro. O facto iria d'encontro a todos os principios da mecanica. Tivemos occasião de nos certificar, observando estas aves do mais alto dos Pyreneos e das montanhas centraes da França, quando nos achavamos á mesma altura que ellas, de que no seu estado de repouso, vão baixando sensivelmente. Vê-se que ellas se vão projectando nas encostas das montanhas fronteiras em pontos cada vez menos elevados. O que lhes demora a queda, é a grande acção, o grande attrito que as suas pennas, pela sua fórma eriçada de mil saliencias, exercem sobre o ar ambiente. Debaixo d'este aspecto examinámos uma grande penna d'uma aguia do Himalaya que nos tinham dado, em Londres, no escriptorio da companhia das Indias orientaes. Era realmente para admirar a resistencia que este corpo experimentava da parte do ar, quando nelle se fazia agitar com alguma rapidez: dispondo esta penna para servir de volante n'um apparelho de rotação, o seu effeito era quatro ou cinco vezes maior que o de uma folha de papel da mesma dimensão. Assim uma ave que estende as azas, sem imprimir movimento, desce pouco, em consequencia da resistencia do ar contra as pennas das suas azas, mas desce, e este movimento torna-se principalmente sensivel ao observador que o refere a um fundo que lhe fique fronteiro e não ao ceo, a uma distancia que difficilmente se póde appreciar. A uma excellente observação do sñr. general de divisão Niel, somos devedores da solução d'esta questão tantas vezes debatida. Seguindo com o telescopio os abutres que pairavam por cima das campinas d'Argel, o general pôde reconhecer pequenos estremecimentos, quasi insensiveis, nas azas de uma d'estas aves, que se conservava a uma altura invariavel. Estes pequenos estremecimentos, attenta a distancia, eram realmente pequenissimos movimentos das azas, os quaes, pelo que fica dicto da energia dos primeiros movimentos, eram sufficientes para suster a ave ou para lhe fazer ganhar promptamente o que ella pudesse ter perdido em elevação. Ser-nos-hia facil encontrar nos movimentos dos quadrupedes, dos reptís ou dos peixes, numerosos

exemplos d'estes primeiros movimentos, tão fortes e tão rapidos, posto que pequenissimos e pouco extensos. Poderiamos chamar-lhes movimentos *nascentes*, e dizer que, pela organisação que tem os animaes, todos os seus movimentos nascentes são, no principio, muito fortes e muito rapidos.

Se ainda é necessario outro enunciado da mesma verdade, accrescentaremos que, por exemplo, quando em phrase familiar dizemos que levantamos o braço, na realidade o que fazemos é *lançal-o*, por quanto o braço parte com uma certa velocidade para alcançar a altura a que se quer leval-o, e tanto isto é verdade que de todos é conhecida a pouca força comparativa que tem os musculos do braço para operar com o braço estendido. O mesmo diremos a respeito do andar. Tambem não se levanta o pé quando se quer andar para diante: mas lança-se. Se, depois de uma chuva, se passêa nas ruas areadas de um jardim ou de um parque, de maneira que haja uma pequena adherencia entre o calçado e os grãozinhos d'árêa, será imposivel, por mais de vagar que se caminhe, não produzir um pequeno ruido resultante de se atirar para diante com esses grãozinhos que se pegam á sola do calçado. Este ruido contraría sensivelmente todos os que tem pretensões a um andar delicado, e principalmente as damas francezas. Milhares de vezes se tem feito esta observação no jardim das Tulherias. O facto mais extraordinario que podemos citar é o de um homem muito alto dando uma punhada *com o braço retrahido* nas fontes d'outro homem muito forte, porém muito mais baixo que elle. Todas as testemunhas eram concordes em dizer que a pancada mortal não poderia ter sido lançada d'uma distancia maior que a largura do punho, tanto o homem baixo tinha o outro apertado para o maltratar.

Se ha pois alguma cousa bem estabelecida em mecanica e em physiologia, é que os movimentos nascentes são pouco extensos, mas irresistiveis. Por tanto, se considerarmos muitas pessoas apoiando as mãos em toda a volta de uma meza, no momento em que para cada pessoa se tiverem estabelecido os pequenissimos movimentos da pressão dos dedos, no momento em que todos estes movimentos obrarem combinados, nascerá uma força consideravel, principalmente se as trepidações musculares das mãos forem reforçadas por uma excitação nervosa, que lhes centuplica a força. Por onde se póde reconhecer quanta energia póde ter a imaginação no desenvolvimento d'estas acções, e quanto póde influir em sentido contrario a presença de um individuo, que mentalmente é julgado hostil á manifestação do phenomeno. O contacto dos dedos extremos póde facilitar tambem esta especie de sympathia mecanica, pela qual, se estabelece a concordancia entre todas as acções dos operadores.

Admiram-se algumas pessoas de ver, que uma meza submettida á acção de muitas pessoas bem dispostas e depois de ter já começado nos seus movimentos, vence poderosos obstaculos e chega mesmo a quebrar os pés, quando se pertende fazel-os parar de repente: é isto porem um facto muito simples quando se attende á força das pequenas acções concordantes. O mesmo acontece a respeito dos esforços que é necessario empregar para impedir a meza de se levantar de um lado, obrigando-a a baixar-se do outro. A explicação physica de tudo isto não offerece difficuldade.

Deve incluir-se no cathalogo das ficções quanto se tem dito das acções exercidas de longe e dos movimentos communicados á meza *sem a tocar*. Tudo isto é manifestamente impossivel, tão impossivel como o *movimento perpetuo*, como passamos já a demonstrar. Eis aqui como se comprovou esta verdade, que aliás, *a priori*, não podia admittir duvida. Collocaram-se, debaixo dos dedos dos operadores assentes sobre a meza, talco em pó ou laminas delgadas de mica a fim de destruir a adherencia dos dedos á meza, e impedir por esta fórma a communicação do movimento. Então a meza permaneceu immovel. A experiencia foi feita em França pelo conde d'Ourches, e em Inglaterra pelo celebre physico Faraday. A meza não andou então, por que os dedos iam passando sem a poder arrastar. Não faltou quem dissesse que a lamina de mica impedia a passagem do fluido motor, do mesmo modo que impede a electricidade, mas collando levemente pelos bordos a folha de mica á meza, foi a meza arrastada apezar de que o pretendido fluido deveria ser embaraçado como precedentemente.

Continúa.

BREVES REFLEXÕES HISTORICAS SOBRE A NAVEGAÇÃO DO MONDEGO, E CULTURA DOS CAMPOS DE COIMBRA.

Continuado de pag. 266.

O engenheiro intelligente, que estudar o Mondego com o fim de beneficiar a navegação d'este rio, e a cultura dos campos de Coimbra, não deixará de reconhecer, logo da primeira inspecção, que dous são os meios para alcançar tão importantes resultados, ou abrir novo encanamento em toda a extensão d'esde Coimbra até ao mar, ou melhorar o que actualmente existe. Estes dous meios podem ser objecto de outros tantos planos d'obras em ponto grande no Mondego.

Um encanamento novo na sua totalidade, construido com as condições que adiante expenderemos, corresponderá, em nosso entender, aos fins desejados, mas talvez exija despesas superiores não só ás forças pecuniarias dos povos circumvisinhos, mas ainda ás do thesouro publico, muito mais devendo esta interessante obra effeituar-se em breve tempo e d'uma só vez.

O plano de reforma do actual encanamento será, é verdade, obra de despesa mais suave, mas sujeito sempre aos defeitos originaes; e, alem de não preencher todos os fins, consumirá avultadas sommas de dinheiro com os reparos annuaes, ordenados de empregados, e jornaes a operarios; e talvez que estas despesas, depois de um certo numero d'annos, accumuladas ás da reforma excedam, ou egualem as que demandaria o encanamento novo. Ainda que votariamos contra a reforma do actual, daremos todavia a nossa opinião sobre o plano tanto para esta obra como para a do encanamento novo.

Encanamento novo.

Convem que seja aberto um novo alveo em linha recta dêsde a Memoria até á foz do Mondego; mas porque o campo faz muitas voltas, por causa dos montes que d'uma e outra margem interceptam o seu plano, tem o alinhamento do alveo de soffrer, por necessidade, algumas leves curvaturas. Estas devem ser tão pouco sensiveis que a corrente das aguas não encontre resistencia.

A largura e profundidade do alveo será calculada de modo que — 1.° a superficie da agua clara, nos mezes do estio, conserve pelo menos sete palmos de inferioridade aos logares mais baixos do campo: 2.° que o alveo possa conter, sem alagar as sementeiras, as aguas d'alguma enchente que por ventura sobrevenha extraordinariamente naquella estação.

É necessario que as paredes d'ambas as margens do rio sejam defendidas com estácaria entretecida com vides, ou ramos d'arvores adequadas para esta applicação a fim de que a corrente não cave a terra dos lados; e que junto á estacaria, mas do lado do campo, se plantem arbustos proprios para com seus troncos e raizes ajudarem a segurar o terreno; devem ser arbustos e não arvores; porque estas impediriam os barqueiros de poderem sirgar. Não reprovamos a conservação de uma pequena móta, ou marachão, mas de mui pouca altura: e na verdade custa a crer que, depois de tantos seculos de estudos e trabalhos no Mondego, se não reconhecesse até hoje a inutilidade d'esta especie de fortificação. Desde que começou a haver obras neste rio sempre os marachões figuraram como uma das partes principaes de todos os encanamentos.

Os marachões podem ser muito proveitosos n'outros rios, não o negamos, mas no Mondego, como meio de fortificação, e feitos de terra, alem de inuteis são prejudiciaes: inuteis, porque a materia de que são construidos é demasiadamente porosa, e logo que a corrente, no alveo, excede o plano do campo contiguo, a agua escôa-se atravez d'elles para ir procurar a horisontalidade, como já dissemos (pag. 68 d'este jornal): são prejudiciaes, porque, nas grandes enchentes, ou o volume das aguas os trasborda, ou os rompe em algum ponto, o que repetidas vezes tem acontecido; no primeiro caso, a agua precipita-se para o lado do campo, e abre na sua queda grandes cavidades que no estio se convertem em fócos miasmaticos; e no segundo, a violencia da corrente abre uma quebrada, derrama grandes camadas de arêa, que estereliza as terras, e deixa tambem ficar pelo campo baixos que alem de nocivos á saude, impedem que o terreno se agriculte nesses sitios. É por tanto a nossa opinião que os marachões, considerados como meio de fortificação, longe de aproveitar, são prejudiciaes aos campos de Coimbra. Não lhes negamos todavia alguma utilidade, mas esta é somente em quanto constituem um caminho commodo ao transito dos passageiros.

Alem do que temos expendido, advertiremos que, as inundações trazem a fertilidade aos campos de Coimbra, menos naquellas partes em que as aguas correm com violencia, porque então, em vez de beneficiar, causam graves ruinas; estes factos são confirmados pela observação de muitos annos: torna-se por tanto necessario que as margens do novo encanamento sejám construidas de modo que as enchentes se derramem com egualdade pelo campo, e com a menor violencia possivel; o que de certo não deixará de obter-se ficando as margens com pouca ou nenhuma elevação acima do campo, e procurando que em todo o seu comprimento se conservem rigorosamente no mesmo plano horisontal; porque assim a agua sairá dos limites do rio com menos violencia, e mais egualdade.

Tem o rio de Coimbra dous defeitos insanaveis, por que é impossivel remover inteiramente as suas causas; — a descida das arêas dos montes para o alveo, — e a falta de sufficiente declive, principalmente desde Montemór até á foz, para que ellas sejam arrastadas pela corrente até ao mar. Estes dous males conspiram constantemente para entupir o alveo do Mondego, que não deixará por isso de apparecer de tempos em tempos mais ou menos cheio d'arêas; cumpre pois que a respeito do novo encanamento se consiga que as epochas d'este mal, guardem entre si, mui longo intervallo; e nós acreditamos que se elle for construido conforme o plano que deixamos traçado, poderá

conservar-se por mais de cem annos, sem carecer de grandes reparos, nem ser damnoso aos campos adjacentes.

Continua.

GERAÇÕES ESPONTANEAS.

> *Il faut necessairement avouer que, moyennant certaines conditions, la matierè inanimée est capable de s'organiser, de vivre et de sentir.* (CABANIS.)

A questão das gerações espontaneas é uma das mais debatidas no mundo scientifico; e tão importante, que não hesitamos em consideral-a como a pedra angular da philosophia natural.

Em mais arredadas eras passava como dogma a existencia d'este phenomeno: os antigos philosophos diziam — *corruptio unius est generatio alterius.* As observações microscopicas de Ehrenberg vieram limitar a estensão d'este facto, mas não poderam destruil-o.

A heterogenia, segundo Burdach, é a manifestação d'um novo ser que não provem de paes. Se virmos apparecer um corpo organisado sem que haja outro da mesma especie d'onde possa provir, e lhe não descobrirmos orgão algum proprio para a propagação: podemos concluir que é producto d'uma geração espontanea.

A propriedade nutritiva da materia organica constitue a sua aptidão para viver. Depois da decomposição do corpo que nutriu, dando origem debaixo de certas influencias a organismos d'outra especie, a materia continua a viver com outras modificações. Tal é a opinião dos que admittem moleculas organicas que manifestam diversas fórmas segundo as leis a que estão sujeitas; tal é o pensamento dos que, com Tiedmann, dizem que a potencia plastica ou a força geradora da materia não se extingue depois da morte, e que as substancias organicas componentes de individuos organisados são susceptiveis de tomar nova fórma, de receber nova vida, em quanto se não reduzem ás combinações caracteristicas dos corpos anorganicos.

As leis que presidem á vida dos seres primordiaes não são absolutamente identicas ás que regem a dos seres de ordem mais elevada; n'aquelles existe um modo de vitalidade *sui-generis*: os venenos vegetaes mais activos não obstam ao seu desenvolvimento, e o proprio iodo, cuja acção irritante sobre os tecidos é tão notavel, não se oppõe á sua desenvolução; podendo até aquelles seres experimentar uma exsicação completa em seus fluidos e reviver pela mais simples humidade, como foi notado por Gérard nos rotiferos vulgares, e em algumas plantas cryptogamicas. E quaes são entre os vertebrados ou invertebrados, que occupam um logar elevado na escala, os que poderiam sujeitar-se impunemente a esta exsicação? Certamente nenhum.

Ha pois diversos modos de existir nos seres que se encontram distribuidos nos differentes graus da escala organica. E se assim é, nenhumas considerações nos forçam a negar que seu apparecimento é devido a operações differentes. Póde uma substancia não ser apta para entrar na composição d'um animal ou vegetal d'uma ordem mais elevada, e com tudo poder entrar na formação d'outros seres que occupam os extremos inferiores de cada um d'estes reinos.

Posto que haja materias organicas amorphas capazes de dar origem a um ser vivo, todavia a formação deste não póde ter logar sem que aquellas satisfaçam a certas e determinadas condições; e todas as vezes que variarem essas condições, as mesmas substancias podem produzir uns ou outros seres, que devem considerar-se como productos de dois factores — materias organicas amorphas, e condições proprias; e destruindo-se ou variando um d'estes, tambem deve o resultado ser nullo ou diverso.

Gleditsch observou que tendo enchido de polpa de melão vasos bem limpos e previamente aquecidos, ahi se desenvolviam infusorios de diversa natureza, conforme erão collocados nas condições de humidade ou de seccura. Muitos exemplos d'esta ordem se poderiam apresentar.

Do que levamos dito parece-nos poder deduzir-se que não ha impossibilidade em admittir o facto das gerações espontaneas. A materia organica adquiriu a aptidão para viver visto ter nutrido um corpo vivo, e conserva-a até sua resolução em combinações binarias, manifestando-a de differente modo segundo as variedades que a sua composição chimica vae experimentando, e as circumstancias em que se encontra. Collocando pois em condições proprias, substancias organicas dotadas d'esta aptidão, manifesta-se a vida, e forma-se um ser animal ou vegetal que consideramos producto d'uma geração espontanea.

Se ha seres que, para a sua formação espontanea necessitam da preexistencia de materias organicas, outros ha que, não exigem mais do que a reacção reciproca dos elementos organisaveis com o concurso de agentes organisadores. Estes seres constituem por assim dizer os organismos primitivos e elementares, taes como a materia verde de Priestley, as monadas etc. Por isso diz D. F. Muller que os infusorios se formam *ex moleculis brutis et quoad sensum nostrum inorganicis.*

Se entramos no dominio dos factos ahi vemos confirmada com experiencias convincentes a doutrina que acabamos de expor.

Analysando miuda e escrupulosamente os differentes meios porque animaes existentes no tubo digestivo, no parenchyma dos orgãos, em cavidades por toda a parte fechadas, para ahi foram levados, reconhecemos a necessidade d'admittir a geração espontanea desses seres; porque a sua passagem no estado de germes ou de individuos era impossivel. Nem nos parece poder-se objectar com a existencia d'ovos d'alguns d'elles, pois que a origem primitiva por heterogenia não importa a exclusão d'outro qualquer meio propagador da especie.

A transmissão hereditaria é um dos meios a que nos referimos. Eis ahi as difficuldades que se seguem da sua admissão.

A passagem dos entozoarios ou dos ovos d'estes pelos finissimos capillares, dêsde os pontos onde se encontram até onde se misturam com o producto da secreção dos testiculos do homem, ou dos ovarios da mulher, e d'esta para o feto, por meio dos vasos umbilicaes, são difficuldades invenciveis, attendendo ao grande diametro dos ovos dos entozoarios comparativamente com o dos capillares sanguineos, como observou Muller; e ainda mesmo que se quizesse admittir esta passagem, a independencia entre os capillares, ductos secretores [1] e vesiculas [2] onde se distribuem, e que compoem os orgãos destinados a segregar a parte material da fecundação, torna-a impossivel; no mesmo caso está a communicação indirecta, por intermedio da placenta, entre o sangue da mãe e do feto, como tambem a conducção de taes germes até os logares onde se deveriam formar os novos seres, que se encontram onde nem os globulos rubros do sangue poderiam ser levados, a não ser n'um estado inflammatorio.

Nem se diga com Longet, que o volume dos ovos dos entozoarios nos é desconhecido, e que é desnecessaria sua conducção a todos os pontos do feto; visto que nas primeiras idades, a energia dos entozoarios, e a delicadeza dos tecidas fetaes permittem facil passagem a animalculos já n'outros pontos formados. Por quanto se ignoramos o volume d'alguns ovos, é certo que pelo dos que conhecemos, podemos avaliar o dos outros; alem de que é facto que não existem os entozoarios senão em certos e determinados logares.

Em vista d'estas considerações inadmissivel nos parece tal origem dos entozoarios: ellas de per si bastariam para os reconhecer como productos d'uma geração espontanea, attendendo a que já no feto se encontram estes animaes, e que então toda a communicação com o mundo exterior está cortada por meio da membrana caduca, que começa a forrar todo o utero logo depois da fecundação.

A absorpção cutanea a que tambem se poderia recorrer offerece difficuldades egualmente ponderosas.

Os fluidos lympha e sangue, seriam os conductores dos germes depois de terem atravessado os poros da pelle: mas como se faria esta introducção n'estes liquidos a travez das membranas que formam as paredes dos ductos onde correm? Como haviam de percorrer taes ductos? As observações de Muller sobre o volume dos ovos dos entozoarios, e a consideração do diametro dos vasos lymphaticos e sanguineos responderão a esta pergunta: áquella, o principio que a solubilidade d'um corpo é uma das condições essenciaes da sua absorpção, apezar das observações em contrario de Oesterlen e Magendie; porque á capillaridade regida por uma attracção organica, é por ventura devido o phenomeno, e a capillaridade não se dá se não nos liquidos. [1]

A faculdade que teem as membranas animaes de serem permeaveis aos globulos rubros no processo da menstruação, e na epistaxe que Monro fazia apparecer espontaneamente em si mesmo, estabelecendo um circulo galvanico entre a pituitaria e a lingua, é um facto que não destroe o principio expendido, como parece á primeira vista, já que á mesma causa se attribue a absorpção e a exhalação; porque um é filho de circumstancias especiaes da membrana do utero, e das tunicas dos capillares sanguineos que n'elle se distribuem; outro é resultado da faculdade que a corrente electrica tem de augmentar a embebição dos tecidos animaes.

Contidúa. F. A. ALVES.

[1] O tecido proprio dos testiculos é formado de lobulos, representando cada um d'elles uma pyramide com o apice para o bordo superior do testiculo, e a base para o inferior. O seu numero varia segundo os auctores, e são constituidos por uma agglomeração de filamentos d'uma delicadeza extrema (pois que o seu diametro não excede $\frac{1}{5}$ de millimetro, e a espessura de suas paredes regula por $\frac{1}{50}$ de millimetro) dobrando-se sobre si mesmos repetidas vezes. Estes filamentos são os conductos seminiferos, em cujas paredes se distribuem os vasos sanguineos, sem que haja communicação alguma directa entre elles e os tubos.

[2] O ovario é formado por um tecido esponjoso e vascular (é o *stroma* de Baër) affectando a fórma de rede, em cujas malhas estão depostas pequenas vesiculas, conhecidas pelo nome de vesiculas ou ovos de Graaf. As paredes d'estas vesiculas são transparentes, delgadas, e adherentes ao tecido do ovario por outro abundante de vasos, e cellular. No seu interior existe uma serosidade limpida, sem côr ou amarellada, no meio da qual se encontra o ovo descuberto por Baër, onde Coste achou a vesicula que Purkinje tinha descripto nos ovos dos oviparos, sob o nome de *vesicula proligera*.

[1] Esta attracção de que fallamos, póde dar-se entre o corpo que embebe, e a substancia embebida, e entre os dois fluidos adveniente e preexistente: vindo assim a nossa opinião á cerca dos phenomenos endosmoticos a ser uma conciliação da segunda opinião de Dutrochet apresentada no Instituto de França, da de Liebig e da de Poisson.

DOCUMENTOS INEDITOS.

Carta que o viso-rei D. João de Castro escreveo a el-rei nosso senhor o anno de 46 (1546).

Continuado de pag. 283.

A vintacinco de junho me mandou elrei de Bisnagua hũ embaxador, escrevendo-me mui apertadamente, que quizessemos elle, e eu fazer guerra ao ydalcão, e alevantar Mealeção por rei; dando-me pera isso muitas rezões. Eu me escuzei de o fazer, por caso das pazes, que tinha feito com o ydalcão: mas lancei mão da sua amizade, e lhe ofercei a minha; pera que da volta, que fizesse da guerra de Cambaia, nos tornarmos a escrever, e visitar; pera então tratarmos de muitas couzas, que pertencião a elle, e a mĩ. Eu lhe concedi algũas cousas, que me mandou pedir; e com ellas, e minha reposta se tornou o embaxador pera elrei mui contente.

A quatro de julho mandei hũ mensageiro em trajos desconhecidos a elrei dos Patanes, oferecendo-lhe minha amizade, e todo o poder de gente, e armada, que v. a. tem nestas partes, persuadindo-o muito, que quizesse vir fazer guerra a Cambaia, porque eu lhe daria tanto que fazer polo mar, que seguramente podesse elle vir ganhando toda a terra, sem achar quem lhe fizesse resistencia. E assĩ escrevi ao Lução, e a outros grandes senhores Guzarates, que andão desterrados no reino do Mandou, fazendo-lhes como eu fazer guerra a Cambaia por mar, e por terra. Por tanto, que se aparelhassem; por que agora era o tempo de se vingarem das ofensas, e injurias, que tinhão recebidas delrei, e de seus privados. Parece-me, que se estas cartas se salvarem, e forem ter a suas mãos, que seraa hũ grande fogo, e trabalho pera toda a terra de Cambaia: porque estes senhores são mui principaes, e dão-se por mui injuriados, e hão de solicitar muito elrei dos Patanes, pera que queira emprender nesta guerra, e se aproveitar de tamanha ocasião, como se ora oferece.

A dezanove de julho me derão outra carta de dom João Mascharenhas, pedindo-me, que o mandasse socorrer com mais gente, por caso de o terem muito apertado a gente, e capitães delrei de Cambaya, os quaes lhe tinhão já derrubado hum baluarte chamado S. João, e séga a artelharia, e travezes do baluarte S. Thomé, seu respondente; e assĩ tinhão feitas quatro estradas cubertas mui larguas, que ião sahir á cava; pera por ellas a entulharem. E que elrei de Cambaya estivera onze dias em pessoa dentro na cidade. Fazendo-me mais a saber, como dia de S. João fora morto Coje Çofar dũ tiro perdido, que acaso se tirou da fortaleza, que foi hũa das maiores boas venturas, que a esta terra podia vir. Esta carta foi feita a dous dias de julho, e mandou-a por mar a Baçaim. Como isto soube, em espaço de cinco dias fiz prestes vinte fustas, e seis catures com obra de quinhentos Lascarĩs arcabuzeiros, a mais escolhida gente de toda a India, e os mandei pola barra fora a vintatres de julho, caminho de Dio. E porque era cousa estranha, e nova, e até agora não vista, nem pratycada aver-se de naveguar esta costa no mez de julho, que he o coração do inverno; e por esta causa estava certo a gente recusar de se querer embarcar: pareceo-me justo e necessario mandar por capitão mór desta armada dom Alvaro, meu filho; porque não soomentes per esta via obriguasse os homẽs a quererem ir, mas tãobem os apenhorava atodos se oferecerem a fazer esta jornada de boa vontade. E era hũ meio onesto pera não aceitar escusa a nenhũ. E tambem, com mandar a pessoa de meu filho, lhes metya em cabeça não serem os trabalhos tamanhos, como se pintavão, nem os tempos tão feros, que seguramente se não pudesse naveguar esta costa, por que não era de crer, que eu aventurasse dom Alvaro a perigos evidentes contra toda a rezão, e opinião commũ, em tempos inavegaveis, e em que jamais se virão lavrar, e caminhar estes mares; salvo sabendo algũ segredo, ou arte pera o fazer seguramente. E juntamente com isso não posso neguar, que ponho de maa vontade em perigos os filhos alheios por serviço de v. a., deixando fóra os meus; já que eu pessoalmente não posso emtrar e acodir a todos. De maneyra, que elle partio desta cidade de Goa a vinte e tres dias de julho, e lhe deu nosso Senhor tão bom tempo, que aos vinte e sete emtrou em Chaul, o que foi tido em toda a India por hũ millagre muito grande. Os capitães dos navios, que forão com elle são: dom João de Taide, que não sey palavras, com que o possa gabar a v. a., senão com dizer, que he bem irmão de dom Luiz de Tayde: Manoel de Souza, Pero de Tayde, Baltezar da Silva, Nuno Pereira, Belchior Muniz, dom Afonso de Monrroio, dom Duarte de Saa, Lopo Vaz Coutinho, Antonio de Saa, Francisco Tavares, Duarte Pereira, Atanasio Freire, Miguel Rodriguez, Baltezar da Costa, Manoel Affonso, Diogo Fernandez, Lopo de Faria, Baltezar Lobato, Belchior Pinheiro, Pero Gonçalves, Francisco de Barros, Jorge Pires, Antonio Martins, Geronimo Rodriguez, e os filhos do Chançarell Francisco Toscano, o qual comprou hũa fusta, e aparelhos com muitos homẽs, mandando nella dous filhos, que tem. Parece-me, que, se mais tivera, que mais mandára; porque não somente se contenta de servir v. a. com fazer muita justiça, e dar muito boas sentenças; mas tãobem o faz com os filhos, e com a fazenda. Foi este socorro a couza do mundo, de que mais se espantárão os mouros, assy pola brevidade, com que o mandey, como pelo

tempo, em que foi, ao qual não ha memoria domês, que saibão naveguarse esta costa: e acabarão de crer, que tudo o que cometessemos levariamos avante. E foi este hũ freyo mui necessario pera todollos reis, e senhores da India; porque sempre nos ameaçavão com poderem cercar nossas fortalezas no inverno, onde cuidavão, que lhe poderião fazer muito damno, per cazo de as não podermos então socorrer. Agora fiquão desemguanados, e muyto metidos por dentro, sabendo, que em todo o tempo as podemos socorrer, e naveguar estes mares.

Antes deste socorro tinha já provido no mez de junho, e mandado a dom Geronimo, que fizesse prestes cem homẽs, pera no fim de julho se irem meter na fortaleza de Dio; posto que tivesse boas novas do cerco, e lhe affirmassem ser alevantado: e que sabendo que durava, e se batia a fortaleza, mandasse muita mais gente, e com ella dom Francisco de Menezes, seu irmão, a quem escrevi, encarregando-lhe muito, que por serviço de v. a. quizesse fazer esta jornada. E assi escrevi a Antonio de Souza, capitão de Chaul, e aos moradores, e cidadões, pervenindo-os pera a este mesmo tempo estarem prestes pera acompanharem dom Alvaro, e irem socorrer a fortaleza. O que elles fizerão cõ tanta vontade, que não sinto mercês, com que se possão satisfazer.

Chegando dom Alvaro a Chaul a vintasete de julho, esperou hũ dia e meo pola armada, que hia espalhada; e tanto que a teve junta, sayo polla barra fóra aos vintanove do dito mez, e com elle todolos cazados de Chaul; os quaes, tanto que elle cheguou, armárão suas fustas, e com a mór brevidade do mundo, e grandes guastos de suas fazendas o seguirão: a saber, Pero Preto, Diogo Lopes dagyam, Jam Nunes Homem, Jacome do Couto, Antonio Fernandes, Jam Garcez, Guaspar Lopes, Simão Fernandes Ramalho, Fernão Dias, Domingos Fernandes, Ruy Fernandes, feitor, que foi em Chaul, Alvaro dalmada, Gonçallo Gomes, Antonio Dias. Sendo dom Alvaro já em meo golfão com toda esta companhia, lhe deo tamanho temporal de vento oesnoroeste, que arribou á ilha das vaquas, quasi perdido com toda ha armada: e nesta ilha se encontrou com dom Francisco de Menezes, que saira de Baçaim com hũa armada de quinze fustas pera ir socorrer a Dio, como lho eu tinha mandado no inverno. E logo ambos se ajuntárão, e tornárão a acometer o golfão. Sendo entrados bom pedaço per elle dentro; lhes tornou a dar outro tempo muito rijo, e muito maior, de sorte que com grão trabalho puderão arribar com perda de duas fustas, e com toda a armada aberta, e desaparelhada. Destas duas fustas se salvou a gente de hũa dellas, por pellejarem bem, e se sostentarem na praia, té dom Alvaro lhe poder acodir; e a da outra fusta se entregou, não podendo rezistir aos mouros, e estaa catyva em poder do Bramaluco. Passada esta fortuna, tornarão outra vez dom Alvaro e dom Francisco cometer o mar, e encontrárão hũa náo de Coge Çofar, que vinha de Mequa muito riqua, e a tomarão. Sendo quasi naveguados, lhes tornou a dar outro tempo muito maior, que os passados, por onde tornárão a arribar millagrosamente. Ja neste tempo se lhes desarmavão as armadas, porque os Lascarins, enfadados do mar, e da maa vida, que passavão com as grandes chuvas, e frios, lhes fogião todos. Neste comenos Antonio Moniz, filho danrrique Moniz, e Gracia Rodriguez de Tavora com oyto companheiros entrarão nũa galvêta e determinárão de morrer, ou entrarem em Dyo. Os quaes aventurá-do-se ao caminho, forão o mais do tempo debaxo do mar té cheguarem a Dio, aonde entrárão na fortaleza, e derão novas como dom Alvaro ficava no golfão com hũa armada de cincoenta e cinco fustas O que deo grande esforço aos nossos; porque a este tempo estavão em estrema necessidade, e esperava-se cada dia, que os mouros os entrassem. Foi este feito mui notavel, que fizerão estes dous mancebos, e que por elle merecem muita mercê a v. a.

Passado este terceiro temporal tornou dom Alvaro, e dom Francisco a sua perfia. E desta quarta vez aprove a nosso Senhor de os levar a Dio a vinta cinco dias do mez dagosto, posto que com grandissimo trabalho: porem de suas armadas somentes os acompanhárão dezesseis fustas; porque as outras, hũas por não poderem, outras por não quererem, arribarão, e não cheguarão com elles. Os capitães, que os acompanhárão são os seguintes: dom Duarte de Menezes, dom João de Taide, Nuno Pereira, Baltezar da Silva, dom Afonso de Monrroyo, Duarte Pereira, Antonio de Valadares, Francisco Guylhem, Diogo Fernandez, Pero Gonçalves, Ruy Fernandez, Pero Preto, Antonio Fernandez, Jam Rodriguez Correa, Alvaro d'Almada, Domingos Fernandez, Miguel da Cunha, Lopo de Souza, dom Jorge de Menezes, Jorge da Silva, dom João de Abranches, dom Duarte Déssa, Fernão de Souza, Antonio Nunes, e Luiz de Mello em outra galveta. Os que não quizerão cheguar a Dio, me pareceo bem callar, tomando exemplo da Sagrada Escritura, que sempre nos poem os nomes dos bôos, e dissimulla, e cala o nome dos máos. Parece, que se tardara dom Alvaro mais seis dias, se perdêra a fortaleza de Dio sem nenhũ remedio. Donde naceo hũ proverbio em toda a India, dizendo: que dom João Mascharenhas defendera a fortaleza, e dom Alvaro a salvára. Porque a maneira, de que achou a fortaleza foi grande piedade pera ver; como quer que os muros e baluartes erão todos arrazados com o chão, e as cavas entupidas, sem aver sinal donde forão: a gente quasi toda morta; e a que

ficava era ferida, e doente. Antre os quaes mortos achárão dom Fernando, meu filho, o qual morreo com toda a nobreza, que estava em Dio, desta maneira: Tinhão os mouros minado o baluarte São Tyago, e hũa parte do muro, e por essa parte punhão toda sua forsa, pera entrar a fortaleza; pelo que cómo aluguar mais perigozo de todos acodia dom Fernando á guarda delle com toda a mancebia, e gente nobre, que na fortaleza estava: fazendo os mouros mostra de dar hũ combate dia de São Tyago, acodio dom Fernando á guarda delle, como acostumava: estando em sima defendendo a entrada aos de fora, derão os mouros fogo ás minas, e fizerão revoar o baluarte, e muro, aonde morreo dom Fernando, e toda a principal gente, que no baluarte estava. Dizem, que dom João entendera o negocio, e os mandára avisar; mas por parecer de hũ certo homẽ o deixárão de fazer. A sua tenção foi parecer-lhe ser mais serviço de v. a.; mas a obra mostrou, que mais acertado fôra fazer o que dom João lhe mandára dizer. O que até esse tempo fez dom Fernando deixo de dizer a v. a.; por que não pode ser que os homẽs sejão tão máos, que alguns delles não tenhão cuidado de dizer a v. a. os serviços, e grandes trabalhos, que passão meus filhos pelo servir; pois ho eu tive sempre, e tenho tão prompto pera aprezentar mui meudamente ante v. a. todos aqueles, que lhe fazem os alheios.

Continúa. N.

CURA RADICAL D'UM ANEURISMA POR MEIO DA INJECÇÃO DE ACETATO DE SESQUIOXIDO DE FERRO.

Numerosos tem sido os meios ensaiados para curar esta lesão que de ordinario produz a morte do individuo.

A ligadura da arteria entre o coração e o ponto affectado é o meio que ordinariamente se emprega com o fim d'obstar aos progressos e consequencias do mal: com tudo por demasido doloroso, e ás vezes impossivel, foi substituido por outros, imaginados por diversos practicos; um delles é a coagulação do sangue no ponto lesado.

O gelo foi a substancia de que primeiramente se lançou mão, e Guerin de Bordeos diz ter obtido bons resultados. Este meio porem foi abandonado, porque segundo a opinião de Moulinié é mui pouco efficaz quando se emprega só, e expõe á gangrena quando o seu uso é mui continuado. Montaggia, celebre cirurgião italiano, aconselhou no tratamento dos aneurismas o uso dos astringentes, como meio coagulador do sangue, depois d'injectados no tumor aneurismal por meio da puncção d'um trocate. Restava achar a substancia que dotada de tal propriedade satisfizesse a estas condições. Coube a Pravaz a honra d'applicar o perchlorureto de ferro no tratamento dos aneurismas. Todos sabem a influencia nociva que o chloro exerce na economia animal depois da sua absorpção, e todos conhecem o grande risco de se pôr em contacto com o liquido vivificador, uma substancia em cuja composição entrava um corpo que podia ser causa de consequencias funestissimas.

Levado por estas considerações Ruspini fez todos os esforços para achar um composto que não sendo inferior no poder hemostatico deixasse d'estar em opposição com as condições necessarias para a manifestação da vida. Um resultado feliz coroou todos os trabalhos de Ruspini, e o acetato de sesquioxido de ferro foi o composto destinado á cura radical dos aneurismas sem comprometter a vida do doente. As experiencias e os factos vieram confirmar esta idea. Em janeiro d'este anno (1854) Lussana empregou pela primeira vez o hemostatico de Ruspini na cura d'um aneurisma na arteria maxillar externa, e observou que oito ou dez gottas d'acetato de sesquioxido de ferro injectadas no tumor aneurismal, por meio d'uma seringa de vidro, eram sufficientes para se operar, a coagulação, e tão promptamente que, tirado o dedo de cima da incisão, no fim d'um minuto, nenhum sangue se escapou pela abertura, adquirindo o tumor grande dureza, e augmentando pouco de volume. Dias depois, o tumor diminuiu em consequencia d'uma absorpção lenta e gradual, e a puncção exploradora ao decimo dia mostrou a efficacia de tal meio hemostatico.

Apresentamos esta observação por nos parecer digna de se repetir e confirmar, todas as vezes que as circumstancias o permittam.

F.

DENTES HUMANOS FOSSEIS.

O grande facto apresentado na ultima reunião da associação allemã em Tubingue foi, os esclarecimentos do mysterio dos dentes humanos fosseis achados nos Alpes Suabios, em formação do periodo mamouth; alguns mostraram duvidas a respeito de serem ou não dentes humanos, visto que não acreditavam que o homem existisse no tempo d'este animal. Desde o anno de 1852, alguns craneos humanos completos e com dentes se encontraram na mesma localidade[1]; esta des-

[1] O Artigo — Grutas de Condeixa — do n.° 4 do 2.° anno d'este jornal, tambem publicado no jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana n.° de novembro de 1853, dá noticia de craneos humanos e outros ossos engastados em calcareo concrecionado, ou cobertos de incrustações cristalinas da mesma rocha, que foram encontrados o anno passado, na Gruta da Eira Pedrinha, perto de Condeixa.

cóberta, se for devidamente authenticada, leva naturalmente a concluir que a raça humana existia contemporaneamente com o mastodonte, e outros grandes animaes antidiluvianos.

Gaz. Med. de Lisboa tom. 2.° n.° 28.

BIBLIOGRAPHIA.

Taboas auxiliares para o calculo das ephemerides astronomicas do observatorio da universidade de Coimbra: pelo sñr Jacome Luiz Sarmento, lente substituto ordinario da Faculdade de Mathematica.

É sabido que as taboas auxiliares, destinadas a facilitar o calculo dos annuncios das ephemerides astronomicas, são de summa utilidade, não só porque tornam menos penoso o arido e longo trabalho que elle exige, senão tambem porque os resultados assim obtidos, quando se comparam com os achados directamente pelas fórmulas, offerecem uma prova equivalente á repetição do mesmo calculo por dois calculadores diversos.

Os primeiros volumes das ephemerides astronomicas de Coimbra, que se tornaram notaveis pela disposição engenhosa dos seus artigos, pela novidade d'alguns d'estes, e pelos methodos particulares empregados no calculo de muitos, deveram o seu credito, e a honrosa menção que d'elles fizeram alguns sabios estrangeiros, não só a essas qualidades, mas ainda á abundante collecção das taboas auxiliares e memorias que conteem.

Infelizmente, já por ser menos conhecida a lingua portugueza, já pela carencia d'informações á cerca da composição de muitas d'aquellas taboas, a analyse das mesmas ephemerides resentiu-se da difficuldade que estas causas oppunham á completa apreciação do seu merecimento, e foi por ventura menos vantajosa do que seria se não encontrasse taes obstaculos.

Não acontece porem o mesmo com as taboas que annunciamos. Não só na introducção d'ellas o auctor expõe com sufficiente clareza o modo da sua composição, e enumera as suas vantagens, mas ajunta exemplos que facilitam o seu uso, e investiga escrupulosamente os limites dos erros que d'este podem resultar.

Assim o exame da introducção habilita o leitor para usar das taboas com segurança, para conhecer o gráu d'exactidão com que póde contar, e para avaliar a importancia e merecimento deste trabalho, que, em virtude do juizo do conselho da faculdade de mathematica, foi reputado interessante e digno de publicar-se.

S. P.

GABINETE DE LEITURA DO INSTITUTO.

Recebem-se n'este estabelecimento, por troca e por assignatura os seguintes jornaes:

DE LISBOA.

Diario do Governo.
Diario das Côrtes.
Revolução de Setembro.
Esperança.
Portuguez.
Imprensa e Lei.
Progresso.
Nação.
Gazeta dos Tribunaes.
Revista Estrangeira.
Panorama.
Amigo da Religião.
Gazeta Medica de Lisboa.
Escoliaste Medico.
Esculapio.
Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana.
Jornal da Sociedade de Pharm. e Sciencias accessorias.
Jornal do Centro Promotor.

DE COIMBRA.

O Conimbricense.
O Popular.
O Instituto.

DO PORTO.

Nacional.
Braz Tizana.
Periodico dos Pobres.
Concordia.
Ecco Popular.
Jornal do Povo.
Portugal.
Jornal da Associação Industrial Portuense.
A Voz do Operario.
A Familia Catholica.
A Cruz.

DE BRAGA.

Pharol do Minho.
O Moderado.
Atalaya Catholica.

D'AVEIRO.

Campeão do Vouga.

DE VISEU.

O Visiense.

DA ILHA DA MADEIRA.

A Ordem.
O Amigo do Povo.

DA ILHA DE S. MIGUEL.

O Correio Michaelense.
O Açoriano Oriental.
A Ilha.
Revista dos Açores.

DA ILHA TERCEIRA.

O Angrense.

DO MARANHÃO.

O Globo.

DE PERNAMBUCO.

O Cosmopolita.

DE MADRID.

Porvenir Medico.
Heraldo Medico.
Chronica de los Hospitaes.
Anales de Medicina Homeopatica.

DE BARCELONA.

El Divino Vales.

DE PARIS.

Revue des deux Mondes.
L'Atheneum.
Journal d'Agriculture pratique.
Bibliographie de France.
Journal des Mathematiques.
L'Institut 1ere et 2me section.
Comptes rendus de l'Academie des Sciences.
Revue Scientifique et Industrielle.

AVISO DA REDACÇÃO.

Com o presente numero termina o 2.° anno d'esta publicação. A Redacção agradece aos sñrs. assignantes seu valioso auxilio, cuja continuação espera merecer-lhes; e remetterá o Instituto áquelles que em tempo competente não mandarem revogar suas assignaturas.

Aos sñrs. assignantes que estão em deficit, *roga-lhes que satisfaçam a importancia devida, antes de começar o novo anno d'este jornal.*

Toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte: *o Instituto continuará a offerecer egual vantagem.*

Preço da assignatura { por anno... 1$440 / por semestre 800

ERRATA DO N.° 14.

Pag.	Col.	Linh.	Erro.	Emend.
167	1.ª	51	preposição	proposição.